



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**GUALTIERO MARINI**

**REVOLUÇÃO, ANARQUIA E COMUNISMO:  
ÀS ORIGENS DO SOCIALISMO INTERNACIONALISTA ITALIANO (1871-1876)**

**CAMPINAS  
2017**

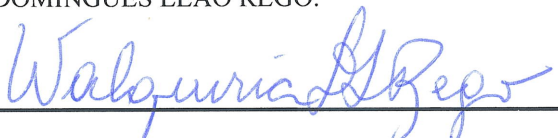
GUALTIERO MARINI

**REVOLUÇÃO, ANARQUIA E COMUNISMO: ÀS ORIGENS DO SOCIALISMO  
INTERNACIONALISTA ITALIANO (1871-1876)**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutor em Ciência Política.

*Supervisor/Orientador:* Profa. Dra. Walquíria Gertrudes Domingues Leão Rego

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO GUALTIERO MARINI, E ORIENTADO PELA PROFA. DRA. WALQUÍRIA GERTRUDES DOMINGUES LEÃO REGO.



CAMPINAS

2017

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

M338r Marini, Gualtiero, 1983-  
Revolução, anarquia e comunismo : às origens do socialismo internacionalista italiano (1871-1876) / Gualtiero Marini. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Walquíria Gertrudes Domingues Leão Rego.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Cafiero, Carlo, 1846-1892. 2. Costa, Andrea, 1851-1910. 3. Malatesta, Errico, 1853-1932. 4. Associação Internacional dos Trabalhadores. 5. Anarquismo e anarquistas. I. Rego, Walquíria Gertrudes Domingues Leão, 1946-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Revolution, anarchy and communism : to the roots of Italian internationalist socialism (1871-1876)

**Palavras-chave em inglês:**

International Workingmen's Association

Anarchism and anarchists

**Área de concentração:** Ciência Política

**Titulação:** Doutor em Ciência Política

**Banca examinadora:**

Walquíria Gertrudes Domingues Leão Rego [Orientador]

Carlo Maurizio Romani

Claudio Henrique de Moraes Batalha

Luigi Biondi

Michael McDonald Hall

**Data de defesa:** 15-02-2017

**Programa de Pós-Graduação:** Ciência Política



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 15/02/2017, considerou o candidato Gualtiero Marini aprovado.

Profª. Dra. Walquíria Gertrudes Domingues Leão Rego

Prof. Dr. Carlo Maurizio Romani

Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha

Prof. Dr. Luigi Biondi

Prof. Dr. Michael McDonald Hall

***A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.***

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa não teria sido possível sem o valioso suporte da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, que me pôs nas melhores condições para desenvolver o trabalho tanto na Universidade Estadual de Campinas, quanto durante o estágio de pesquisa realizado na Itália.

Agradeço Elena, companheira de vida e de estudos, com a qual me confrontei sempre proficuamente e que com sua paciência e seu carinho me suportou durante todos os anos de pesquisa.

Mamma Silvana, papà Franco e Federico, minha família.

A professora Rita Medici, indiretamente responsável de minha vinda para o Brasil.

A professora Walquíria Gertrudes Domingues Leão Rego, que acompanhou pacientemente meu trabalho, deixando-me ampla liberdade de investigação e mostrando assim sua abertura para temas de pesquisa que não lhe são próprios.

Todos os amigos e colegas que me fizeram sentir em casa na Unicamp e no Brasil: Ilaria e Guilherme, Regina, Patricia e Bruno, Omar, Andréia, Maira, Luciana, Jaime, Patricia, Rafael, Pedro, Maya e Alejandro, Diana e Pablo, Zuzi e Brian, Katharine, Isadora e Capi, todos os colegas do grupo de pesquisa do Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, Aécio, Capa e toda a galera do CACH-IFCH.

Os amigos e os parentes de Bolonha, Nápoles e Turim, pela hospitalidade e o carinho com que me receberam naquelas maravilhosas cidades.

\*s professor\*s Andréia Galvão, Angelo D'Orsi, Armando Boito Jr., Claudio Henrique de Moraes Batalha, Fernando Teixeira da Silva, Gian Mario Bravo, Marco Scavino, Marcos Tadeu Del Roio, Michael Hall, Pietro Adamo, que de forma diferente contribuíram no desenvolvimento deste trabalho.

O dr. Davide Turcato, precioso companheiro telemático de pesquisa, fonte inexaurível de documentos, experto biógrafo de Errico Malatesta, disponível e paciente interlocutor durante a investigação e a redação da tese.

Massimo Ortalli, responsável do *Archivio Storico della Federazione Anarchica Italiana*, e Gianpiero Landi, responsável da *Biblioteca Libertaria "Armando Borghi"*, que me ajudaram em encontrar alguns importantes documentos para a pesquisa.

Todos os funcionários das Universidades, das bibliotecas, dos arquivos e das fundações que visitei, os quais facilitaram grandemente a pesquisa bibliográfica e arquivística.

*As ideias não caem do céu.*  
Antonio Labriola

*All or nothing, but not survival.*  
Raoul Vaneigem

## RESUMO

A partir do estudo biográfico das vidas de Carlo Cafiero (1846-1892), Andrea Costa (1851-1910) e Errico Malatesta (1853-1932), procurou-se analisar sua peculiar trajetória militante dentro do ramo italiano da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) de 1871 até 1876, período em que os três atuaram com base em um acordo pessoal e ideológico total. Uma micro-história feita de pensamento e ação, de propaganda e tentativas insurrecionais, de debates teóricos e prisões, na qual os três protagonistas acabaram desempenhando um papel fundamental tanto no processo organizacional da associação, quanto do ponto de vista da definição ideológica do nascente movimento socialista italiano. As relações com Engels (e Marx) de um lado, e com Bakunin e os internacionalistas suíços do Jura do outro; as duras polêmicas com Giuseppe Mazzini e, ao mesmo tempo, a herança das tradições revolucionárias do *Risorgimento*; a atividade editorial nos primeiros jornais socialistas da época e atuação clandestina do *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*. São todos elementos que caracterizam a militância internacionalista destas três figuras, as quais conduziram a Federação Italiana da AIT de uma posição simplesmente abstencionista e federalista, a adotar os ideais básicos do anarquismo bakuniniano e, em seguida, a ultrapassá-los através da elaboração do princípio “anarco-comunista” e de uma peculiar concepção revolucionária, isto é a “propaganda pelo feito”.

**Palavras Chave:** Associação Internacional dos Trabalhadores; Carlo Cafiero; Andrea Costa; Errico Malatesta.

## ABSTRACT

The lives of Carlo Cafiero (1846–1892), Andrea Costa (1851–1910), and Errico Malatesta (1853–1932) have been taken as a starting point to analyze their distinctive militant trajectory in the Italian branch of the International Workingmen's Association (IWA) from 1871 to 1876, during which years the three men acted on the basis of a complete personal and theoretical agreement. Theirs was a micro-history made of thought and action, propaganda of ideas and insurrectional attempts, theoretical debates and arrests. In the process, those three figures played a key role both in organizing the Association and in defining the nascent Italian socialist movement's theoretical tenets. The various elements that characterize their Internationalist militancy include their relationship, on the one hand, with Engels (and Marx), and, on the other, with Bakunin and the Swiss Internationalists from the Jura; the harsh controversies with Giuseppe Mazzini and, at the same time, the legacy of *Risorgimento*'s revolutionary tradition; the editing of the first socialist periodicals and the underground activity of the *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*. Cafiero, Costa, and Malatesta led the Italian Federation of the IWA from a merely abstentionist and federalist stance to embracing the fundamental ideas of Bakunin's anarchism and, later on, to overcoming them by working out the "anarchist communism" principle and a distinctive revolutionary theory: "propaganda by the deed".

**Keywords:** International Workingmen's Association; Carlo Cafiero; Andrea Costa; Errico Malatesta.



## SUMÁRIO

### Introdução

|  |    |
|--|----|
| A pesquisa: problemas metodológicos e historiográficos .....                               | 11 |
| A Itália de então: o dissenso político e sua repressão através das fontes de polícia ..... | 19 |

### Cap. 1 A difusão da Internacional na Itália e a adesão de Cafiero, Malatesta e Costa

|   |    |
|---|----|
| 1.1 Cafiero e Malatesta em Nápoles .....          | 28 |
| 1.2 Bakunin e a Itália .....                      | 42 |
| 1.3 Andrea Costa e <i>Il Fascio Operaio</i> ..... | 55 |

### Cap. 2 Uma nova vida

|   |    |
|---|----|
| 2.1 <i>La Campana</i> e a <i>Federazione Operaia Napoletana</i> ..... | 70 |
| 2.2 A evolução de Costa .....   | 85 |
| 2.3 Conferências, congressos e luta de ideias .....                   | 95 |

### Cap. 3 A organização regional, nacional e internacional

|   |     |
|---|-----|
| 3.1 O Congresso de Bolonha: todos para a cadeia ..... | 113 |
| 3.2 Costa incansável organizador .....                | 127 |
| 3.3 A conspiração .....                               | 142 |

### Cap. 4 Os motins de 1874

|   |     |
|---|-----|
| 4.1 O <i>Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale</i> ..... | 159 |
| 4.2 Os preparativos para a revolta .....                        | 172 |
| 4.3 Os motins e as prisões .....                                | 184 |

### Cap. 5 Cafiero lobo solitário

|   |     |
|---|-----|
| 5.1 Na Baronata: entre Olimpia e o <i>Bulletin de la Fédération Jurassienne</i> ..... | 198 |
| 5.2 Ano novo, mesma vida .....  | 208 |
| 5.3 “A montanha pariu um rato” .....  | 219 |

## **Cap. 6 Liberdade e revolução**

|  |     |
|--|-----|
| 6.1 Cafiero e Malatesta em viagem .....                | 229 |
| 6.2 O socialismo na Itália segundo Cafiero .....       | 239 |
| 6.3 “As sentinelas perdidas da Revolução Social” ..... | 252 |

## **Cap. 7 Um novo início?**

|   |     |
|---|-----|
| 7.1 Tribunais e propaganda .....  | 266 |
| 7.2 Nápoles chama, Bolonha responde .....                                     | 279 |
| 7.3 <i>Il Martello</i> de Costa, as “ <i>ammonizioni</i> ” e as prisões ..... | 291 |

## **Cap. 8 O anarco-comunismo**

|  |     |
|--|-----|
| 8.1 As <i>Ideés</i> de Guillaume e o debate no <i>Bulletin</i> ..... | 308 |
| 8.2 O Congresso de Florença-Tosi .....                               | 323 |
| 8.3 O Congresso de Berna e a “propaganda pelo feito” .....           | 332 |

|                         |     |
|-------------------------|-----|
| <b>Conclusões</b> ..... | 351 |
|-------------------------|-----|

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| <b>Apêndice iconográfico</b> ..... | 361 |
|------------------------------------|-----|

|  |     |
|--|-----|
| <b>Arquivos e fundos consultados</b> ..... | 368 |
|--|-----|

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| <b>Periódicos consultados</b> ..... | 369 |
|-------------------------------------|-----|

|                           |     |
|---------------------------|-----|
| <b>Bibliografia</b> ..... | 371 |
|---------------------------|-----|

## **Introdução**

### **A pesquisa: problemas metodológicos e historiográficos**

Esta pesquisa começou, como muitas vezes acontece na área de Humanidades, com um corte historiográfico muito mais amplo que o atual, a partir do qual eu procurava analisar os principais debates teóricos entre a corrente marxista e a anarquista na Itália, desde o surgimento da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) até o final de século XIX. Neste sentido, foi sobretudo graças à ajuda do professor Angelo D'Orsi, que conheci durante um estágio por ele realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 2012, que resolvi adotar uma abordagem e uma periodização muito mais coerente e adequada para o assunto que eu pretendia pesquisar, limitando tanto os autores estudados quanto o período de tempo escolhido. Em seguida percebi também que o novo arco temporal (1871-1881) – no qual pensei analisar as figuras de Carlo Cafiero, Andrea Costa, Errico Malatesta e Francesco Saverio Merlino e sua atuação dentro da Primeira Internacional –, era demais amplo e envolvia uma série de questões biográficas e teóricas com as quais eu não conseguiria lidar a contento até a elaboração do texto final. Foi assim que resolvi eliminar do meu percurso de pesquisa alguns elementos importantes (mas não essenciais) para entender a trajetória do internacionalismo na Itália: penso sobretudo na insurreição nas montanhas do Matese de 1877, na figura do advogado anarquista Merlino e nos últimos acontecimentos ligados à Internacional até o ano de 1880. No entanto, conforme procurei demonstrar no texto, a militância internacionalista das três figuras escolhidas até o ano de 1876 – isto é, até quando não surgiram as primeiras divergências entre eles – contribuiu de forma decisiva não apenas na orientação ideológica e organizacional do movimento italiano, mas também na elaboração

provisória dos pressupostos teóricos básicos do pensamento anarquista. No entanto, os debates realizados neste arco temporal e a discreta quantia de material de propaganda produzido pelos protagonistas desta história revelam a fase absolutamente transitória do processo de definição ideológica do pensamento anarquista, fase em que, pelo menos na Itália, as influências culturais foram múltiplas e diziam respeito sobretudo à tradição revolucionária do *Risorgimento*. Neste sentido, a presença teórica do marxismo na época estudada aparece ainda muito fraca, pouco conhecida e pouco aprofundada, permanecendo ligada sobretudo à atividade de Marx e Engels no Conselho Geral da AIT, e mediada ao mesmo tempo pela propaganda bakuniana no país<sup>1</sup>. Além disso, do ponto de vista do trabalho de periodização, o ano de 1876 – com os congressos de Florença e de Berna da AIT, e a elaboração tanto da perspectiva anarco-comunista (o coletivismo dos produtos do trabalho) quanto da estratégia insurrecional da “propaganda pelo feito” – representa o fim de uma importante fase de luta, propaganda e debates teóricos que culminou no ano seguinte com o chamado “bando do Matese”. Em consequência disso, e devido às transformações sociais e políticas ocorridas no país, “entre o fim da década de 1870 e o começo da de 1880 os caracteres do socialismo italiano mudaram rapidamente” (DE MARIA, 2015, p. 20), aspecto que delimita ainda mais o campo de investigação.

A este respeito, a relevância e as afinidades das figuras escolhidas, protagonistas de uma fase talvez menor dentro da grande história do socialismo e pouco aprofundada pela historiografia recente (apesar da grande disponibilidade de documentos), foi destacada não apenas pelo principal historiador do anarquismo italiano, isto é, Pier Carlo Masini, que os considerou durante o período internacionalista como uma entidade única (“o grupo Cafiero-Costa-Malatesta”, 1974, p. 110), mas também pelos próprios companheiros da AIT, que nas cartas trocadas na época falavam de “Cafiero, Andrea e Errico” (*apud* MASINI, 2013, p. 44) e de “Carlo, Costa, Malatesta” (*idem*, p. 60). De um ponto de vista meramente historiográfico, acho oportuno ressaltar uma grande problemática que tive de enfrentar desde o começo da investigação, isto é, a forte polarização nas interpretações das primeiras etapas do socialismo na Itália. De fato, a partir do segundo pós-guerra, se de um lado há um discreto número de trabalhos redigidos por historiadores “simpatizantes” do anarquismo ou até militantes que analisam a trajetória da Primeira Internacional na Itália – é o caso dos volumes de Masini (1969 e 1974), de Cerrito (1982), de Antonioli/Masini (1999), de Berti (2003) e de alguns outros –, no que diz respeito à historiografia marxista e na esteira da interpretação do próprio

1 Cf. FAVILLI (1996, p. 56).

Marx, que fazia do anarquismo um fenômeno pequeno-burguês ligado a uma fase pré-capitalista da economia, há uma quase total desconsideração do período em questão. Penso sobretudo nos trabalhos de Arfè (1963), Galli (1980), Livorsi (1981) e Degl'Innocenti (1983) que, significativamente, começam a análise do socialismo na Itália apenas a partir da fundação do Partido Socialista em 1892, ou penso ainda nas interpretações fortemente desqualificadoras do pensamento anarquista realizadas por Bernieri (1969) e Bravo (1971). Ao contrário, apesar da interpretação rigidamente marxista, é oportuno destacar os trabalhos historiograficamente impecáveis de Conti (1950), Romano (1954), Della Peruta (1965) e Zangheri (1993). Mais recentemente foram publicados alguns trabalhos que abordam mais ou menos diretamente o período e os assuntos em questão – como os de Pernicone (1993) e Favilli (1996) – que, a meu ver, sofrem menos dessa polarização ideológica que caracterizou o debate historiográfico anterior<sup>2</sup>. Por fim, há uma série de pesquisas recentes tanto sobre o período internacionalista – penso nos trabalhos de Binaghi (2002 e 2015), Gianni (2008), Tomasiello (2009), Sora (2012), Balsamini (2014) e De Maria (2015) –, quanto sobre diferentes figuras de militantes da época – por exemplo os volumes de Bassi Angelini (2004), Crisetti Grimaldi (2015) e Guerrini (2016) – que testemunham o renovado interesse, acadêmico ou não, para a história do primeiro socialismo italiano.

Ao lado destes aspectos, é oportuno destacar também a fragmentação implícita nessas primeiras etapas, ainda confusas, de definição do pensamento anarquista, o qual encontra-se espalhado em artigos de jornal, comunicados oficiais da AIT, cartas, discursos públicos e privados, sem chegar a uma verdadeira sistematização, mesmo que provisória, dessa ideologia. E esta fragmentação, típica do pensamento e do movimento anarquista de forma geral, é ainda mais acentuada nesta primeira fase de militância, quando os recursos para realizar a atividade de propaganda eram escassos, os protagonistas entravam e saíam continuamente do cárcere ou encontravam-se perenemente em fuga: todos elementos que muitas vezes impossibilitaram a conservação dos documentos originais, a não ser, paradoxalmente, graças à atividade de vigilância e repressão do dissenso político por parte do Estado italiano. De fato, as autoridades locais não se limitavam apenas a apreender todos os documentos de um suspeito na hora de sua prisão, mas muitas vezes, através da cumplicidade dos correios nacionais, violavam a correspondência particular entre os militantes, registrando

---

2 Neste sentido, vale lembrar o ótimo trabalho de TURCATO (2012) que, analisando parte da trajetória militante de Malatesta (1889-1900), procurou desmentir todas as leituras historiográficas (tanto de cunho marxista quanto liberal) que consideram o anarquismo um fenômeno irracional.

o conteúdo nas comunicações aos superiores e permitindo assim que o pesquisador de hoje possa, com alguma dificuldade, descobrir o texto de uma carta que talvez já tenha sido perdida mais de cem anos atrás. A este respeito, é oportuno assinalar como a análise das cartas trocadas entre os internacionalistas da época se revelou particularmente relevante, pois elas representavam o principal meio de comunicação entre os militantes<sup>3</sup> - aspecto que a própria Federação Italiana da AIT soube desfrutar de forma exemplar instituindo uma especial Comissão de Correspondência. Mas, se por um lado a atuação de Cafiero, Costa e Malatesta dentro da Primeira Internacional na Itália foi principalmente uma história de ação, uma contínua tentativa de realizar, através do momento revolucionário, os propósitos emancipatórios e igualitários que surgiam nos debates com os companheiros, por outro lado, além das afinidades teóricas, das amizades pessoais e da trajetória comum, os três revelaram desde logo uma personalidade, uma formação cultural e um tipo de militância totalmente peculiares, que não podiam ser ignoradas ou homogeneizadas sem levar em consideração seus diferentes percursos pessoais. Portanto, aquela que pretendia ser uma pesquisa focada sobretudo nas ideias dos autores, modificou-se gradualmente, incorporando também todos os elementos biográficos relevantes de suas vidas e de sua militância internacionalista. Isto porque percebi imediatamente a impossibilidade de separar o estudo das ideias do estudo das vidas e do contexto em que eles atuaram, de separar teoria e ação, ainda mais no caso de militantes como Cafiero, Costa e Malatesta, que no período analisado nunca separaram o trabalho de elaboração e propaganda ideológica da atuação revolucionária nas fileiras da Internacional.

Neste sentido, parece-me oportuno lembrar as palavras de um outro importante historiador do anarquismo e biógrafo de Malatesta, Giampietro Berti, quando afirmou estar convencido de que

Pour lire et interpréter historiquement l'anarchisme il faut donc une vérification et une confirmation continuelle entre pensée et action, fins et moyens, théorie et pratique [...]. On ne peut partir que de là pour effectuer une reconstitution qui comprenne et explique les liens organiques avec le contexte général. (BERTI, 1976, p. 5)

Revertendo o ponto de vista, toda a atuação de Cafiero, Malatesta e Costa dentro da Internacional, inteiramente consagrada à realização de um evento revolucionário e em que

---

3 BRUNELLO (2009, p. X), assinala como na época uma carta demorava normalmente dois dias para chegar em uma outra localidade no território italiano ou até na Suíça.

misturavam-se influências teóricas de diferentes proveniências, pode ser interpretada “comme une pensée anarchiste qui s'est fait histoire” (*idem*, p. 7). Estas sugestões metodológicas integram-se perfeitamente com as indicações fornecidas pelo grupo de intelectuais responsáveis por ter traçado as diretrizes da “história intelectual”, os quais destacaram a necessidade de enfatizar tanto as peculiaridades da linguagem utilizada pelos autores, quanto o contexto em que o discurso se insere<sup>4</sup>. Uma investigação, portanto, que não seja limitada a uma “documentary conception of historical understanding”, mas que estabeleça uma “‘dialogical’ relation between the historian or the historical text and the ‘object’ of study”, na qual “the text is not immobilized or presented as an autonomous node; [but] it is situated in a fully relational network”, e a comparação com as interpretações anteriores considerada como fundamento do trabalho de pesquisa (LACAPRA, 1980, p. 260). Justamente porque “if we wish to understand a given idea, even within a given culture and at a given time, we cannot simply concentrate, à la Lovejoy, on studying the forms of words involved” (SKINNER, 1969, p. 36-37). Por isso, “we should in consequence study not the texts in themselves, but rather the context of other happenings which explains them” (*idem*, p. 39), pois “there seems no question that for every statement there must be some explanatory context, for every action some set of antecedent causal conditions” (*idem*, p. 43). Apenas assim foi possível compreender a troca mútua que ocorre entre texto e contexto, entre ambiente e agente, para tentar decifrar as reais intenções dos autores.

A este propósito, o fato de ter consultado coleções inteiras de periódicos da época, assim como muitas correspondências trocadas entre os internacionalistas e os documentos oficiais da associação – disponibilizados pelas pesquisas anteriores de Romano (1954), Masini (1964 e 2013), Del Bo (1964) e Bravo (1978) –, foi algo realmente essencial, pois me permitiu conhecer de perto a mentalidade, o estilo da escrita e a linguagem utilizada pelas figuras em questão<sup>5</sup>. Além disso, no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da UNICAMP

4 Termo usado para indicar uma escola de pensamento, criada no início do século XX, que “either favoured a functionalist conception of ideas as epiphenomenal or preferred a more autonomous yet still contextualist understanding of historical thought” (BAVAJ, 2010, p. 1), e que depois se consolidou na conhecida “Escola de Cambridge”. Cf. SKINNER (1969 e 1978), LACAPRA (1980), LACAPRA/KAPLAN (1982) e POCKOCK (1985).

5 Deste ponto de vista, a análise e o confronto das cartas publicadas por ROMANO (1954) e por MASINI (2003) e daquelas presentes sobretudo no Archivio dello Stato de Bolonha, evidenciaram algumas incongruências: na coletânea organizada por Masini faltam algumas das cartas encontradas por Romano (e vice-versa), cujo apêndice documentário, no entanto, não pretendia ser exaustivo. Por outro lado, ao longo da pesquisa no arquivo de Bolonha encontrei algumas cartas de Costa que remontam ao período em que ele era responsável pela Comissão de Correspondência da Federação Italiana da AIT, e que portanto poderiam ser integradas ao volume de Masini.

consultei (e digitalizei livremente) duas revistas fundamentais para minha pesquisa, como a italiana *La Plebe* e a suíça *Bulletin de la Fédération Jurassienne*, cujas coleções completas encontram-se ali em formato microfilme, fato que agilizou bastante o trabalho de procura das fontes bibliográficas primárias. Tendo visitado vários arquivos estatais e instituições privadas que disponibilizam documentos importantes para a pesquisa, parece-me oportuno destacar o alto grau de eficiência do AEL no que diz respeito à conservação e à digitalização de documentos, prática esta que se encontra muitas vezes limitada, quando não totalmente impossibilitada, na maioria dos arquivos que tive a possibilidade de conhecer. Por exemplo, a digitalização do periódico *Il Risveglio*, cuja coleção completa se encontra na Biblioteca Centrale Nazionale de Florença, foi possível apenas graças ao suporte econômico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), já que a instituição italiana não permite a autorreprodução (fotográfica) dos documentos possuídos e terceiriza o serviço<sup>6</sup>. O mesmo se pode dizer do periódico *L'Eguaglianza*, em propriedade da Biblioteca dell'Archiginnasio de Bolonha, onde consultei o jornal em formato microfilme com máquinas primitivas e sem a possibilidade de digitalizar nada. Infelizmente, estas são só algumas das dificuldades que tem de enfrentar o pesquisador que queira encontrar, consultar ou reproduzir documentos originais redigidos ou publicados mais de um século e meio atrás. Além disso, conforme pude constatar, tive muito mais dificuldade em ter acesso a este tipo de documentação nas instituições italianas do que nas do Brasil, onde o processo de disponibilização e/ou digitalização de materiais antigos é bem mais avançado<sup>7</sup>.

Por outro lado, tudo isso foi parcialmente compensado pela enorme quantia de fontes primárias conservadas (embora não catalogadas) entre a documentação de polícia presente nos arquivos do Estado italiano, que fazem parte do material apreendido aos “subversivos” da época e que demonstram, por outro lado, a importância do enorme trabalho de vigilância e repressão realizado pelas autoridades italianas sobre os militantes da Internacional e da conservação destes documentos pelas instituições prepostas. No que diz respeito ao período que interessa esta pesquisa, dois foram os arquivos que se revelaram particularmente significativos: de um lado, o Archivio di Stato de Nápoles que, pelo fato da

---

6 O mesmo discurso vale também para o Archivio dello Stato de Florença, onde o processo terceirizado de digitalização dos documentos é absurdamente caro e onde escolhi reproduzir, sempre graças ao auxílio da FAPESP, apenas um manuscrito de Cafiero.

7 A este propósito, assinalo a grande quantia de documentos digitalizados do AEL disponíveis neste endereço web: [http://segall.ifch.unicamp.br/documentos\\_digitalizados](http://segall.ifch.unicamp.br/documentos_digitalizados) (acesso em 3/11/2016); ou a Hemeroteca digital da Universidade Estadual Paulista (<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/1>, acesso em 3/11/2016) onde encontram-se digitalizados muitos periódicos anarquistas do século XXI.



cidade partenopeia ter sido o último bastião do Estado italiano no sul do país e ter hospedado os primeiros internacionalistas da península, possui uma quantidade impressionante de informes policiais sobre a atuação de Cafiero e Malatesta (e seus companheiros) durante toda sua militância na AIT<sup>8</sup>; e do outro, o Archivio di Stato de Bolonha, que conserva a imensa documentação utilizada pelas autoridades no julgamento contra os internacionalistas depois dos motins de 1874, onde são presentes também muitos documentos relativos ao período anterior e muito material de propaganda apreendido. Ao contrário, no Archivio Centrale dello Stato de Roma, que reúne boa parte da documentação policial produzida na época no território italiano, pude encontrar menos material interessante, pois em alguns casos se tratava de informações já presentes em outros arquivos<sup>9</sup>. Além disso, vale a pena ressaltar a relevância dos documentos presentes no fundo James Guillaume dos Archives de l'État de Neuchâtel, onde além de todo o material relativo à organização do congresso internacional de Genebra de 1873 encontram-se algumas preciosas cartas trocadas entre o internacionalista suíço e a esposa de Cafiero, Olimpia Kutuzova, que dizem respeito à vida em comum do casal na vila Baronata em Lugano. Por fim, assinalo a importância do fundo Andrea Costa conservado pela Fondazione Giangiacomo Feltrinelli de Milão e a enorme disponibilidade de fontes bibliográficas secundárias que tive a possibilidade de consultar na Fondazione Luigi Einaudi de Turim. Graças à análise de todas estas fontes primárias, portanto, foi possível acompanhar a evolução do pensamento dos autores juntamente à trajetória biográfica e militante.

A este respeito o grande trabalho realizado com as fontes de polícia foi levado adiante de forma muito cuidadosa, pois se de um lado elas me ajudaram bastante a conhecer elementos biográficos inéditos das figuras estudadas, por outro estou ciente de que muitas vezes é a própria “polícia a escrever o roteiro dos acontecimentos, tornando-os cheios de armadilhas, erros e mal-entendidos” (BRUNELLO, 2009, p. XI). No entanto, o que procurei fazer na maioria dos casos foi utilizar este tipo de fonte apenas para confirmar elementos biográficos já conhecidos ou hipotizados pela historiografia anterior e cruzando sempre todos os dados dos diferentes arquivos, inclusive com as informações disponíveis nas fontes bibliográficas secundárias. Desta forma, pude perceber ainda mais a impressionante

8 Poucos foram os historiadores e os biógrafos que desfrutaram o material do arquivo de Nápoles: nem Masini na sua biografia sobre Cafiero (1974 e 2014), nem tampouco Berti no volume dedicado a Malatesta (2003). Os únicos que trabalharam com os documentos presentes nesse precioso arquivo foram Romano (1954) e a historiadora japonesa Misato Toda (1988).

9 Conforme tentarei ilustrar no parágrafo seguinte, a organização interna do sistema de vigilância e repressão do Estado italiano da época fazia com que muitas vezes as informações produzidas por uma autoridade local, além de chegar na capital Roma, circulassem também nas outras instituições locais (*Prefettura e Questura*) do país. Cf. BRUNELLO (2009, p. X).

complementaridade das vidas e das ideias de Cafiero, Malatesta e Costa durante todo o período considerado, elementos que resolvi acompanhar de forma cronológica para tentar mostrar a evolução pessoal e intelectual dos três autores. Por outro lado, todo o trabalho realizado com as fontes de polícia teve um custo específico, ou seja, o de tornar o texto menos fluente e mais “pesado” do ponto de vista da leitura, pois resolvi indicar sempre as referências arquivísticas exatas em relação às informações biográficas mencionadas. Um aspecto que procurei compensar em parte através da análise dos textos mais interessantes produzidos pelos autores escolhidos no período em questão, mantendo sempre aberto um diálogo crítico e profícuo com a historiografia anterior sobre o assunto.

O primeiro capítulo, portanto, foi dedicado a ilustrar brevemente a estreia da Internacional na Itália e o percurso individual que levou estas três figuras a aderir à Associação Internacional dos Trabalhadores. Em seguida, abordei a intensa batalha ideológica destes militantes antiautoritários contra as posições do Conselho Geral e a frenética atividade de organização e propaganda levada adiante, entre mil dificuldades, até o final do ano de 1873. Devido essencialmente à jovem idade de Malatesta – que nesta primeira fase se dedicou sobretudo a uma atividade pedagógica “protolibertária” com os filhos dos operários de Nápoles –, os protagonistas dos acontecimentos e dos textos analisados nesta fase foram sobretudo (Bakunin) Cafiero e Costa, os quais, em breve tempo e de forma diferente, contribuíram grandemente no processo de difusão da Internacional no país. A este respeito, destacam-se não apenas os numerosos artigos e a infinita correspondência de Costa com os companheiros, assim como o próprio periódico *La Campana* – criado por Cafiero e ao qual dediquei bastante atenção –, mas também todos os documentos preparatórios dos motins de 1874, isto é, sobretudo os comunicados incendiários do *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*. Com a derrota das tentativas insurrecionais, Cafiero foi o único dos três que conseguiu evitar o cárcere e abrigar-se na moradia suíça chamada “La Baronata”, que entretanto havia se tornado a causa da discórdia entre ele e Bakunin. A longa e forçada pausa biográfica nas aventurosas vidas de Costa e Malatesta me permitiu, portanto, analisar detalhadamente não apenas a intensa colaboração de Cafiero com o *Bulletin*, órgão de imprensa da federação suíça do Jura da AIT, mas também um longo artigo de sua autoria, parcialmente inédito, publicado no *La Plebe* entre 1875 e 1876. Os processos aos internacionalistas, a propaganda nos tribunais, as liberdades reconquistadas, o permanente anseio revolucionário de Malatesta e sua amizade com Cafiero, são todos elementos que

caracterizaram o período entre 1875 e 1876. Com a libertação de Costa e dos outros internacionalistas presos, e com a retomada das atividades públicas da Internacional do país, começou uma fase particularmente intensa do ponto de vista organizacional (novas seções e federações, congressos etc.), da propaganda escrita (as colaborações de Costa com *Il Martello* e *Il Risveglio*) e da elaboração teórica (o anarco-comunismo e a “propaganda pelo feito”). Apesar da mudança no governo e da chegada ao poder do antigo partido da Esquerda parlamentar, tudo isso levou a novas e duras repressões que, no entanto, não impediram aos protagonistas desta história tentar realizar novamente seus propósitos revolucionários no ano de 1877. Portanto, é em consideração de todos os elementos, teóricos e biográficos, dessa história que resolvi adotar as palavras “revolução, anarquia e comunismo” para resumir a militância de Cafiero, Costa e Malatesta na Primeira Internacional italiana<sup>10</sup>. Assinalo, por fim, que todas as traduções para o português são de minha autoria.

#### A Itália de então: o dissenso político e sua repressão através das fontes de polícia

O longo processo de unificação do país (1861), inaugurado pelas revoluções do biênio 1848-49 e culminado com a expedição de Garibaldi para libertar o sul da Itália (1860) e a derrubada do poder temporal da Igreja (1870), se por um lado havia conseguido resolver a questão nacional, eliminando a dominação estrangeira do território italiano, por outro havia sido realizado de forma não homogênea. De fato, a dominação piemontesa dos Savoia havia realizado este processo não apenas privilegiando os interesses econômicos pré-existentes, mas sobretudo em detrimento das populações agrárias do *Mezzogiorno*, onde prevaleciam ainda os latifúndios e relações de tipo feudal. Portanto, aquela que devia ser uma revolução burguesa revelou-se, nos fatos, uma revolução reacionária e conservadora, que através da ação da monarquia e do recém-criado Estado nacional, privilegiou os interesses da grande burguesia capitalista e latifundiária, contribuindo assim para ampliar as desigualdades sociais e, como consequência, também o conflito. Além disso, devido também à longa tradição comunalista da Itália, as diferenças entre centro e periferia foram se expandindo cada vez mais na medida em que o processo político de unificação ia implementando seus propósitos centralizadores na

---

10 Não por acaso, estas três palavras foram utilizadas para intitular a publicação (CAFIERO, 1973) de uma parte do manuscrito redigido por Cafiero em 1880 e já publicado integralmente por Gian Carlo Maffei (CAFIERO, 1972).

organização interna, privilegiando sobretudo o desenvolvimento econômico das cidades maiores. Por outro lado, as perspectivas de crescimento das próprias cidades derivavam principalmente “de funções hierárquicas de natureza burocrática e administrativa do que de reais razões de iniciativa econômica” (CASTRONOVO, 2006, p. 9). Tudo isso foi favorecido em grande medida pela presença ininterrupta ao governo do partido conservador da Direita, que desde 1861 até a crise parlamentar de 1876 hegemonizou a política nacional imprimindo um sentido inequívoco ao processo de unificação e de criação *ex-novo* de um mercado interno, isto é, “a aliança entre o Estado e a classe capitalista em detrimento das classes não possuidoras” (ROMANO, 1954, vol. III, p. 92). Mas a monarquia era parlamentar apenas nas palavras e continuava sendo, na prática, uma monarquia constitucional, pois tanto o partido de governo quanto a oposição de “esquerda” eram eleitos substancialmente pela classe dos proprietários e da nobreza: de fato, até o ano de 1881 o direito de voto era concedido baseado no sexo (masculino), no grau de alfabetização (era preciso saber ler e escrever), na idade (acima dos 25 anos) e no censo (acima de 40 libras anuais)<sup>11</sup>. Se considerarmos que a taxa de analfabetismo na Itália da década de 1870 estava perto do 70% e que em 1871, com uma população de quase 25 milhões de habitantes, os eleitores inscritos nas listas eleitorais eram apenas 530.000, isto é, o 1,98%, compreende-se bem a proporção do problema e seu paradoxo<sup>12</sup>. O abstencionismo das classes populares e, de forma geral, a falta de confiança em relação a qualquer forma de atuação parlamentar, encontrava sua justificação, portanto, neste tipo de organização interna, elitista e substancialmente oligárquica, do Estado italiano.

De um ponto de vista econômico, o país encontrava-se na fase inicial do o processo de difusão do capitalismo, marcado por uma séria dificuldade em encontrar capitais nacionais e pela hegemonia do capital estrangeiro, e por uma significativa heterogeneidade territorial, a qual contribuiu ainda mais para a ampliação da distância entre o norte e o sul da Itália e no surgimento da chamada “questão meridional”<sup>13</sup>. Neste sentido, foi sobretudo a parte centro-setentrional do país (Piemonte, Liguria, Lombardia, Toscana e Veneto) a se beneficiar do vasto plano de obras públicas inaugurado depois da unificação, especialmente no que dizia respeito à construção de uma rede ferroviária nacional, projeto em que o Estado italiano começou a contribuir de forma ativa a partir de 1865 e que mudou gradual mas radicalmente a fisionomia do país. Por outro lado, se não havia ainda uma presença significativa de grandes

11 V. AA. VV. (1873, p. 87).

12 Ver o site das estatísticas históricas do Istituto Nazionale di Statistica (<http://seriestoriche.istat.it/>, acesso em 14/11/2016) de onde extrai estas informações. Cf. também AA. VV. (1873).

13 V. VILLARI (1878), GRAMSCI (1966) e SALVEMINI (1968).

fábricas no território, de qualquer forma não era tão incomum encontrar pequenas e médias indústrias onde trabalhavam um número discreto de operários, sobretudo no âmbito manufatureiro. Mas o atraso em relação aos países da Europa do norte aparecia de forma mais evidente na esfera agrícola, que continuava sendo o principal setor econômico da Itália da época e cujo desenvolvimento era em parte bloqueado pela mentalidade conservadora das classes agrárias. Tratava-se de “um país na balança entre atraso e progresso”, para utilizar as palavras de Castronovo (2006, p. 5), desprovido de recursos naturais e longe do nível de desenvolvimento econômico já alcançado pelas principais nações da Europa setentrional:

A Itália permanecia um país desprovido de matérias primas essenciais e de combustível, largamente dependente do exterior em relação às inovações técnicas e à entrada de novos capitais no mercado financeiro. Seu aparelho industrial era fragmentário e disperso, na balança entre a atividade rural e a manufatureira; a maior parte da mão de obra continuava sendo recrutada de forma saltuária e estacional entre diaristas e trabalhadores rurais. (*Idem*, p. 7)

O processo de transformação do capital fundiário e das relações de produção no campo avançou de forma heterogênea e desigual, pois se no norte do país ele juntou-se à indústria manufatureira, sobretudo no setor têxtil, no centro-sul, a persistência de fortes interesses locais, de pequenas propriedades, de tipos de contratos “anacrônicos e arcaicos” e de sistemas de produção pouco atualizados, prejudicaram o desenvolvimento concreto da agricultura meridional. Pode-se afirmar, portanto, que a falta de uma reforma agrária no período seguinte à unificação do país representou por muito tempo o principal fator de exploração e opressão dos camponeses italianos, assim como um dos grandes problemas irresolvidos da Itália unificada<sup>14</sup>. Responsável por esse atraso foi sobretudo a classe dirigente setentrional, que não apenas não conseguiu (ou não quis) eliminar os antigos privilégios agrários no sul do país, mas impôs uma política fiscal que, ao invés de promover um nivelamento das condições, induziu os proprietários, grande e pequenos, a retaliar os trabalhadores rurais. Portanto, foi justamente afirmado que, “ao se delinear a fisionomia do Estado era possível perceber como ele se afirmasse em defesa do capitalismo” (ROMANO, 1954, vol. III, p. 34). Por outro lado, se considerarmos o aspecto ideológico da questão, o liberalismo econômico defendido – embora implementado às vezes de forma contraditória – pelo Ministério da Economia, que foi longamente dirigido por Quintino Sella, dificultou a

---

14 Para aprofundar este aspecto v. GRAMSCI (1959), ROMEO (1974) e SERENI (1980).

criação de um capitalismo nacional em nome da aplicação do princípio da livre concorrência<sup>15</sup>. Um aspecto exemplar desse problema foi a chamada “taxa sobre os cereais moídos” que, a partir de sua implementação (1869), desencadeou um processo de crise do setor agrícola que levou à redução dos salários, ao aumento do desemprego e do custo dos alimentos, provocando a primeira onda de revoltas populares contra a fiscalização estatal. A taxa, que foi eliminada apenas em 1884, agravou ainda mais as difíceis condições do proletariado, em particular no meio rural, o qual foi a vítima principal da crise econômica europeia deflagrada em 1873, com a queda da demanda de mercadorias e o início de um intenso processo de migração do campo para a cidade.

Foi justamente naquele período que a Itália unida conheceu a fase mais intensa de conflito social, tanto na cidade quanto no campo, com as primeiras mobilizações proletárias e as primeiras greves operárias – ambas reprimidas com violência pelas autoridades –, organizadas para denunciar a presença da chamada “questão social” e exigir melhores condições de vida. Ao lado destes aspectos socioeconômicos, não só o exemplo das brigadas de Garibaldi havia contribuído na reativação das forças populares e democráticas do país, mas sobretudo o grande evento revolucionário representado pela Comuna de Paris havia despertado novamente as esperanças daquelas gerações frustradas pelo resultado do processo de unificação nacional. No que diz respeito à dimensão ideológica da questão, foi principalmente a postura crítica e severa adotada por Giuseppe Mazzini tanto em relação aos eventos de Paris, quanto à teoria socialista em geral a induzir muitos de seus adeptos e jovens democráticos a abandonar gradual mas definitivamente as ideias ultrapassadas do mestre e abraçar os novos ideais emancipatórios e igualitários. Foi nesse contexto bastante caótico que se inseriu a atuação da Associação Internacional dos Trabalhadores e de seus militantes, os quais tentaram aproveitar do descontentamento popular para propagandear entre o proletariado os princípios básicos do pensamento socialista. A matéria prima não lhes faltou, embora não se tratasse ainda de uma verdadeira massa operária ciente de sua posição e de suas funções, e o grande trabalho realizado desde os primeiros momentos da militância foi em parte facilitado pela evidente indeterminação da legislação italiana no que dizia respeito ao direito de associação. De fato, se por um lado aparece evidente como “a doutrina do Estado liberal, a inspiração básica do modelo, fosse eminentemente antiassociativa” (FUNGHI, 2010, p. 10), por outro, a primeira constituição da Itália (*Statuto Albertino*), promulgada em 1848 no reino dos Savoia e confirmada como constituição nacional em 1861, apresentava um

15 Cf. também MERLI (1972).

verdadeiro “vazio legislativo” quanto ao direito de associação. A única postura adotada oficialmente por todos os governos do período pós-unitário até o final da década de 1870 ao enfrentar associações consideradas perigosas para a segurança do Estado era sua imediata dissolução. No entanto, uma vez concluída, com as últimas guerras de independência e a Tomada de Roma de 1870, a emergência representada pelo fenômeno do banditismo meridional, o Estado teve de enfrentar a nova ameaça encarnada tanto pelos motins populares espontâneos contra a taxa sobre os cereais moídos (1869), quanto pelos princípios emancipatórios e igualitários propunhados pelos primeiros internacionalistas do país.

Foi, de fato, a partir da década de 1870 que as autoridades locais e centrais, ao lado do trabalho de repressão dos fenômenos criminosos “tradicionais”, começaram uma ampla atividade de vigilância e fichamento dos indivíduos e das associações consideradas suspeitas apenas por propagandear princípios potencialmente subversivos em relação à ordem constituída. Isto significava, praticamente, todos os primeiros internacionalistas, socialistas e anarquistas do país. Neste sentido, pode-se dizer que a atividade das autoridades nesta época “foca-se sobretudo na necessidade de começar a medir, catalogar, individualizar (em uma palavra, vigiar) aquela que à primeira vista aparece como uma massa anônima para controlar seus comportamentos” (DILEMMI, 2010, p. 28)<sup>16</sup>. Embora fosse pouco difundida a prática da fotografia, tanto na sociedade quanto como meio de identificação da pessoa a ser procurada ou vigiada, as autoridades descreviam nos detalhes as características físicas dos suspeitos, acrescentando até observações pessoais como, por exemplo, a “maneira de andar como a de um valentão” ou o “olhar provocador” de Malatesta<sup>17</sup>. Ainda não existia uma estrutura interna das forças de polícia que lidasse especificamente com os “crimes políticos” – a qual foi criada apenas em 1880 depois do atentado contra o rei realizado por Giuseppe Passannante<sup>18</sup> –, mas a cadeia de comando encontrava-se já bem clara e definida. Além das autoridades centrais e do *Ministro dell'Interno*, responsável pela segurança pública do país, nas capitais de cada província havia um *Prefetto*, representante territorial do governo e dependente diretamente do *Ministro dell'Interno*. O último elo da cadeia era representado pelo *Questore*, responsável pela segurança da província e dependente do *Prefetto*, e por seus subordinados (os policiais)<sup>19</sup>. De

16 A este respeito não pode-se não fazer referência às preciosas reflexões sobre a sociedade do controle realizadas por FOUCAULT (1999).

17 V. p. 246 do presente texto. Na documentação policial relativa aos motins de 1874, presente no arquivo de Nápoles (*Questura, Gabinetto, busta 48*), havia em anexo uma fotografia de Bakunin que, todavia, não encontrei.

18 V. BRUNELLO (2009), ALONGI (2011) e TOSATTI (2011).

19 Paralelamente às forças de polícia agiam os *Carabinieri*, que ainda hoje fazem parte do exército mas que, de fato, dependiam e dependem do *Ministro dell'Interno* e do *Prefetto* para as funções de segurança pública.

forma geral, a cadeia hierárquica era quase sempre respeitada, com os policiais prestes a coletar localmente informações para os *Questori*, que as transmitiam para os *Prefetti*, que finalmente relatavam ao *Ministro*, ao qual cabia sempre a decisão final sobre eventuais medidas repressivas a ser aplicadas.

Por esta razão, Roma, capital do país desde fevereiro de 1871 e lugar onde chegavam todas as informações das diferentes autoridades territoriais, representa do ponto de vista arquivístico um lugar privilegiado para observar o funcionamento da máquina repressiva do Estado. Por outro lado, as informações sobre as atividades e os deslocamentos dos internacionalistas italianos considerados mais “perigosos” circulavam abundantemente nas principais *Prefetture* e *Questure* do país, para fazer com que a vigilância fosse estendida aos outros militantes da associação e, desta forma, descobrir indiretamente informações relevantes<sup>20</sup>. Esta atividade de controle gozava do apoio tácito da direção dos correios nacionais, através do qual as autoridades obtinham pontualmente a violação da correspondência dos indivíduos suspeitos. Além disso, é oportuno assinalar já no período estudado a utilização massiva de espões e delatores por parte das forças de polícia locais no processo de vigilância e controle dos elementos mais ativos da Internacional<sup>21</sup>. E, se por um lado, todo este material presente nos arquivos do Estado entre a documentação policial pode induzir o pesquisador de hoje a confundir fatos realmente acontecidos com puras invenções fruto da fantasia dos delatores, por outro, quando ele é atentamente confrontado com outras fontes biográficas representa um precioso instrumento de investigação para descobrir elementos novos ou confirmar eventos já conhecidos<sup>22</sup>. Muitos, no entanto, eram os exageros, fruto da relação mercenária entre os delatores e as autoridades, como as supostas relações entre internacionalistas e alguns expoentes da máfia napolitana ou as contínuas notícias de possíveis insurreições organizadas pela associação, tanto em nível nacional, quanto em nível

20 Conforme já ressaltai, para minha pesquisa revelou-se particularmente importante a consulta ao Arquivo do Estado de Nápoles, onde encontrei uma quantia impressionante de informes policiais não apenas sobre a atuação como militantes na AIT de Cafiero e Malatesta, que de fato agiram sobretudo nas províncias meridionais, mas também sobre Costa, o qual atuava prevalentemente na parte centro-setentrional do país.

21 A maior parte dos documentos sobre a atividade dos internacionalistas italianos presentes nos arquivos de Estado consultados e redigidos pelos *Questori* ou por seus subordinados, começa com expressões do tipo “Pessoa de minha confiança e bem informada...” ou “A partir de informações reservadas e pessoais...”, atestando a presença, dificilmente confirmável do ponto de vista historiográfico, de muitos delatores entre as fileiras da Internacional italiana. Só em alguns casos encontrei no material de arquivo documentos não assinados que relatavam os deslocamentos ou o conteúdo de reuniões realizadas pelos internacionalistas, e que com certeza eram o resultado de uma atividade de delação. A este respeito, o caso mais conhecido dentro da Internacional italiana foi o de Carlo Terzaghi, desmascarado como espião da polícia de Turim e expulso da associação. Para aprofundar estes assuntos, ver o trabalho publicado por BRUNELLO (2009).

22 De forma geral, sobre a necessidade, por parte dos historiadores, de um “uso esperto e difidente das fontes de polícia” v. FRANZINELLI (2010).



européu. Resta o fato de que, conforme foi já assinalado pelas pesquisas anteriores sobre o tema,

As fontes de polícia são capazes de contribuir de forma relevante na história política e social, em particular no que diz respeito aos comportamentos, aos quadros mentais, às formas de aculturação e de politização em contextos territoriais específicos. As fontes de polícia, de fato, ainda antes de ser instrumentos através dos quais é possível percorrer as histórias e a história dos sujeitos individuais e coletivos que, de maneira diferente, foram objeto de atenção por parte das autoridades prepostas à tutela da segurança pública, fornecem indicações sobre “práticas, quadros mentais, funções” que lhes são próprias. (DILEMMI, 2010, p. 4)<sup>23</sup>

De qualquer forma, o temor das classes dirigentes em relação às novas ideias defendidas e propagandeadas pelos militantes da Internacional, que foi gradualmente aumentando na medida em que os princípios do socialismo começavam a ser conhecidos publicamente, levou a controlar e limitar sua atuação também através da censura da imprensa. O *Statuto Albertino* de 1848, que representou o texto de referência (com algumas alterações posteriores) até o advento do fascismo, se por um lado previa a liberdade de imprensa, pelo outro criou uma série de normas a serem respeitadas para evitar a censura ou até a prisão. De fato, para a publicação de um novo periódico era necessário não apenas apresentar uma vasta documentação para obter a permissão do *Ministro dell'Interno*, mas também indicar a tipografia e a figura do “*gerente responsabile*” (editor administrativo), o qual respondia penalmente para qualquer incriminação relativa aos conteúdos do jornal. Se, por exemplo, um artigo ofendia a religião, o rei ou os membros do governo e do Parlamento, ou procurava “criar discórdia entre as diferentes classes sociais”, tanto o autor quanto o responsável do periódico eram incriminados, o texto era censurado e o jornal era publicado com um espaço branco em lugar do artigo<sup>24</sup>. Os próprios Cafiero e Malatesta sofreram em 1872, isto é, bem no começo de sua militância, um processo por crime de imprensa por ter publicado no jornal *La Campana* um texto em memória de Giuseppe Mazzini, em que o patriota italiano era descrito como “terror e condenação da monarquia”. Mas na medida em que a propaganda e a atividade internacionalista iam se intensificando, o governo teve de adaptar suas técnicas repressivas, pois não era mais suficiente reprimir a liberdade de expressão e tornava-se

23 Isto sem falar da possibilidade de encontrar, entre o material apreendido, documentos originais como jornais, cartazes, cartas, documentos e objetos pessoais. Neste sentido, o Arquivo do Estado de Bolonha representa um verdadeiro tesouro de fontes primárias, apreendidas antes e depois dos motins de 1874, que nunca foram catalogadas sistematicamente.

24 Inúmeros foram os casos desse tipo que pude encontrar ao longo da consulta dos periódicos da época.

necessário limitar a liberdade de movimento no território dos expoentes mais ativos da associação.

A este respeito, “a *ammonizione*, criada [em 1865] como medida de polícia contra os delinquentes comuns, representou sem dúvida uma ferramenta particularmente versátil e facilmente conversível em uma arma eficiente para a proteção do sistema político” (FUNGHI, 2010, p. 32). A medida, que devia ser aplicada a três categorias de pessoas, isto é, aos “vagabundos” (sem residência fixa), aos “ociosos” (sem emprego fixo) e aos suspeitos de crimes comuns, comportava para o *ammonito* a necessidade de se apresentar semanalmente na delegacia local, de encontrar um emprego estável, a proibição de sair de casa depois do pôr do sol e de se reunir com pessoas suspeitas. O descumprimento dessas regras comportava a prisão imediata e o processo. E foi assim que muitas vezes as autoridades aplicaram a *ammonizione* contra os militantes da Internacional, distorcendo forçadamente a lei na tentativa de enquadrá-los nas primeiras duas categorias previstas, ou seja, a dos vagabundos e dos ociosos, procurando demonstrar a todo custo a falta de emprego ou de uma residência fixa. Um outro aspecto do aparelho repressivo do Estado a ser mencionado diz respeito às categorias utilizadas para enquadrar os internacionalistas na hora de sua prisão e para que fossem julgados no Tribunal. De fato, sobretudo depois dos motins de 1874, os magistrados procuraram atribuir aos imputados a qualificação de “malfeitores”, organizados em uma associação criminosa (a AIT) e considerados portanto como delinquentes comuns. Mas as autoridades tentaram adotar esta prática já a partir de 1873, por ocasião da prisão coletiva no Congresso de Bolonha, quando os internacionalistas foram presos apenas por ter participado da reunião e feito propaganda socialista no território nacional.

Afinal, no entanto, seja em 1873, seja nos processos de 1875 e 1876 relativos aos motins, os magistrados não conseguiram aplicar a categoria de malfeitores e “limitaram-se” a acusar os imputados de querer “mudar ou destruir a forma de governo” por meio de uma conspiração destinada a “despertar a guerra civil entre os habitantes do Estado”, conforme os artigos 157, 158, 159 e 160 do Código Penal. Além do mais, conforme demonstraram quase todos os julgamentos realizados no período considerado, tanto os juízes, quanto o júri popular e a própria opinião pública, não estavam dispostos a condenar estes jovens rebeldes que, além de não representar uma verdadeira ameaça para a segurança interna, muitas vezes haviam já sofrido longas e duras detenções na espera do julgamento. Em conclusão desse discurso introdutório, pode-se afirmar que “este sistema de polícia baseado no suspeito e na

criminalização” do dissenso político, herança da monarquia absolutista (BRUNELLO, 2009, p. XII), condicionou fortemente não só a história da Internacional na Itália, mas também as biografias de muitos de seus afiliados, em particular das três figuras analisadas, cuja militância resume de forma exemplar a trajetória da associação italiana.

## Primeiro capítulo

### A difusão da Internacional na Itália e a adesão de Cafiero, Malatesta e Costa

#### 1.1 Cafiero e Malatesta em Nápoles

Os três meses de furor político ao longo dos quais tiveram lugar os acontecimentos da Comuna de Paris representam uma referência histórica imprescindível para quem queira se aproximar da história do socialismo internacional da segunda metade do século XIX. Um evento que chamou a atenção não apenas dos grandes protagonistas do movimento socialista da época, estimulando-os a reagir através de aprofundadas análises e firmes tomadas de posição<sup>25</sup>, mas também despertou na Europa energias revolucionárias que permaneceram dormentes após o biênio 1848-49 e que agora transformam-se em brigadas de voluntários dispostos a lutar nas barricadas de Versailles<sup>26</sup>. E se de um ponto de vista ideológico a orientação política expressa pela experiência parisiense parece ainda hoje difícil de ser definida, reconhece-se sua importância histórica tanto para o movimento socialista em geral, quanto para as correntes marxista e anarquista. Afirma justamente Woodcock (1962, p. 288-89) que:

the Commune really stands on its own as an episode in revolutionary history. Neither the Blanquists nor the anarchists, much less the Marxists, can claim

---

25 Basta pensar na famosa comunicação, elaborada por Marx no âmbito da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), sobre *A Guerra Civil na França* (1871), bem como nas *Notas sobre a guerra Franco-Prussiana* de Engels (1997), ou nas opiniões expressas por Bakunin no seu *La révolution social ou la dictature militaire* (1871, depois intitulado *L'Empire Knouto-Germanique et la Révolution Sociale*, com *Préambule e Avertissement*, 1982). Cf. NETTLAU (1928), CARR (1932), MEHRING (1966), GUILLAUME (1971), BRAVO (1978), MERKER (2010).

26 Sobre os eventos da Comuna de Paris v. MALON (1871), MICHEL (1922), LISSAGARAY (1962), BRUHAT/DAUTRY/TERSEN (1971).

it as their own. In a larger sense it may be true that the Commune fought under the banner of Proudhonian federalism.

Além disso, a história da Comuna está inextricavelmente ligada àquela da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), como confirmado pelo banimento da associação na França por parte das autoridades, depois dos acontecimentos de Paris. Uma decisão que, paradoxalmente, serviu à causa internacionalista: os exilados communards, inicialmente encontraram um abrigo seguro nos países limítrofes (especialmente na Suíça, mas também na Itália), onde contribuíram expressivamente na difusão dos ideais da AIT. Embora o ideal socialista fosse ainda pouco conhecido ou difundido na Itália, se não sob a forma de sociedades *mazziniane* de mútuo socorro ou cooperativas<sup>27</sup>, foi justamente em consequência da experiência de Paris que não apenas começou a difusão no país de círculos operários, jornais e revistas proto-socialistas que procuravam representar as posições da nascente classe operária, mas também houve uma rápida evolução de revistas democrático-republicanas em direção a formas mais conscientes e maduras de socialismo<sup>28</sup>. O próprio Andrea Costa escreveu em 1887:

Imensa foi a eficácia que, sobre o destino dos trabalhadores italianos, teve a Comuna. O despertar consciente da Classe operária na Itália começa lá. O povo italiano, ocupado até então na questão nacional, via na dissolução desta última a dissolução de todas as outras [questões], inclusive a econômica, das quais tinha o pressentimento, se não a consciência [...]. Foi justamente a Comuna de Paris que revelou ao povo italiano a presença de outros problemas, bem mais sérios daqueles de fora que o haviam ocupado até então. Foi sobre o cadáver da Comuna – frutífera nas suas ruínas – que se realizou a luta entre o espírito velho e o novo. (COSTA, 1900, p. 29-30)

Antes da Comuna, a hegemonia da ideologia mazziniana<sup>29</sup> entre os trabalhadores

27 Primeiras incubadoras da consciência proletária, as *Società di Mutuo Soccorso* [Sociedades de Mútuo Socorro] surgiram na Itália na década de 60 do século XIX, após o desaparecimento das corporações, e conheceram sua maior difusão durante as duas décadas seguintes. No entanto, elas não podiam ser consideradas como verdadeiras organizações de classe, porque “não contemplam a defesa dos interesses dos trabalhadores contra o patrão e, além disso, elas organizam várias profissões e classes sociais” (MERLI, 1972, p. 582). Elas confluíram em parte, embora não sem ambiguidades e contradições, nas primeiras experiências do socialismo internacionalista italiano. V. também MERIGGI (1980).

28 Neste sentido, vale a pena destacar os casos de *Il Gazzettino Rosa* [A Gazeta Rosa] de Milão, *La Plebe* [A Plebe] de Lodi e *La Favilla* [A Faísca] de Mantua, que logo tomaram posição contra as decisões do governo francês de Adolphe Thiers. Os três periódicos tiveram nos anos seguintes, como veremos, um papel decisivo na difusão dos princípios internacionalistas.

29 A ideologia de Giuseppe Mazzini, além de conservar um forte marco religioso que se compendia na fórmula “Deus e Povo”, fazia da questão nacional, da Itália unida, independente e livre do domínio estrangeiro, o foco central da sua política, subordinando a ela todas as outras questões, inclusive a social. V.

italianos e a frágil estrutura econômica da recém-criada nação, haviam limitado fortemente a formação de uma verdadeira consciência proletária. Mas como ficou evidente após as revoltas populares do biênio 1868-69 contra o imposto sobre os grãos moídos<sup>30</sup> e as frequentes greves de categoria, “já era impossível qualquer conciliação entre trabalhadores e patrões” (ROMANO, vol. II, p. 67). Além disso, a postura polêmica de Mazzini tanto em relação à Comuna de Paris quanto à difusão da Internacional na Europa, e a simpatia de Giuseppe Garibaldi para estas duas novidades<sup>31</sup>, contribuíram fortemente para afastar as novas gerações dos antigos ideais e tornar o socialismo internacionalista mais atraente. Os princípios materialistas e racionalistas começavam, de fato, a se afirmar com força no país, especialmente entre a juventude mais inquieta. Esta última, que até aquele momento podia se dizer *mazziniana*, agora considerava inadequado o programa de quem, por mais de trinta anos, tinha desempenhado a “função de propulsor da vida italiana” (ROSSELLI, 1982, p. 125).

E não é por um acaso que uma das primeiras polêmicas de Mazzini contra o socialismo internacionalista e a Comuna, publicada no seu jornal *La Roma del Popolo*, fosse dirigida justamente à seção da AIT de Nápoles<sup>32</sup>, a primeira da Itália. Esta última foi criada em 1869 e cresceu rapidamente até possuir por volta de 3000 sócios no começo de 1870. No entanto, por causa da má gestão de uma greve pelo presidente Stefano Caporusso, que foi em seguida afastado, ela chegou quase à dissolução<sup>33</sup>. Nos primeiros meses de 1871, a presença na cidade de um suposto Comitê Socialista<sup>34</sup> assinalava a tentativa de vivificar novamente a

---

ROMANO (1954, v. I).

30 Após um biênio marcado por uma grave crise econômica, o governo decidiu adotar uma rígida política fiscal: em maio de 1868 foi aprovada uma lei estadual que previa a introdução de um imposto proporcional à quantidade de cereais moídos (a chamada “taxa sobre o moído”). O descontentamento entre os camponeses difundiu-se durante a segunda metade do ano e estourou definitivamente em 1869: no norte começou uma greve dos moleiros que se espalhou também nas zonas rurais do centro-norte. As revoltas foram brutalmente reprimidas pelas forças armadas: o trágico balanço final contava 34 camponeses mortos, 55 feridos entre camponeses e militares e cerca de 200 detenções. V. MANZOTTI (1956).

31 “A Internacional quer os homens irmãos e o fim dos privilégios. Eu simpatizo naturalmente para ela”, escrevia a Carlo Terzaghi (29/8/1871); enquanto um pouco mais tarde cunhou a famosa definição da Internacional como “o sol do porvir” (carta de 14/11/1871).

32 *All'Internazionale di Napoli* [À Internacional de Nápoles] no *La Roma del Popolo* de 24 de maio de 1871. Dos quatro artigos polêmicos redigidos por Mazzini e publicados entre maio e novembro de 1871, dois em particular resultaram na pronta reação de Mikhail Bakunin que, como veremos, respondeu nas páginas do *Gazzettino Rosa* e através de uma vasta correspondência com os companheiros italianos. V. ROMANO (1954), ROSSELLI (1982) e GUILLAUME (2004).

33 A atividade da seção napolitana no biênio 1869-1870 está gravada nos relatórios de polícia que se encontram no *Archivio di Stato* de Nápoles (ASN), *Prefettura, Gabinetto, busta 57*. Para aprofundar a figura de Caporusso, ver MACINA (2015).

34 V. ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 61*.

seção, levada adiante por figuras como Carlo Gambuzzi<sup>35</sup>, Giuseppe Fanelli<sup>36</sup>, Saverio Friscia<sup>37</sup>, Antonio Giustiniani<sup>38</sup>, Alberto Tucci<sup>39</sup> e Carmelo Palladino<sup>40</sup>. Ao lado desse embrião de atividade internacionalista, encontrava-se em Nápoles um pequeno grupo de estudantes republicanos, particularmente inquietos e vitais, que não perdiam uma ocasião para manifestar seus propósitos antimonárquicos e anticlericais. Entre eles haviam os irmãos Malatesta, Aniello e Errico.

Errico Malatesta nasceu no dia 14 de dezembro de 1853, em Santa Maria Capua Vetere, uma pequena cidade na província de Caserta, na região da Campânia, a apenas 30 quilômetros de distância de Nápoles. Tratava-se de uma área predominantemente rural e marcada pela presença do pequeno comércio, não por acaso chamada “Terra di Lavoro” [Terra de Trabalho]<sup>41</sup>. Filho de mãe marsehesa e terceiro de quatro irmãos<sup>42</sup>, Errico viveu tranquilamente os primeiros anos de sua infância, graças ao trabalho do pai Federico, dono de uma pequena fábrica de transformação de couro. Já em 1864, após alguns anos de dificuldades econômicas, a família mudou-se para Nápoles, onde Errico completou o ensino médio<sup>43</sup>. Sua juventude republicana começou graças à atividade de seu irmão Aniello e

---

35 Carlo Gambuzzi (1837-1902): patriota garibaldino e militante da AIT napolitana que conheceu Bakunin em 1867, cuja mulher casou após o falecimento do revolucionário russo em 1876. Na primeira fase de implantação da Internacional na Itália, contribuiu para pôr Bakunin em contato com as novas gerações de revolucionários.

36 Giuseppe Fanelli (1827-1877): patriota e amigo de Carlo Pisacane e Mikhail Bakunin, que contribuiu na primeira fase de difusão dos ideais federalistas e antiautoritários na Itália, facilitando a passagem da juventude napolitana nas fileiras da AIT. Neste sentido, as palavras usadas pelo próprio Errico Malatesta (1947, p. 366-371) para descrever o velho amigo são iluminadoras. Cf. LUCARELLI (1953).

37 Saverio Friscia (1813-1886): expoente do mazzinismo siciliano e depois deputado no parlamento. A atividade de Friscia na Internacional se concentrou no período 1867-1874, quando desempenhou um importante papel na propaganda socialista na Itália meridional.

38 Antonio Giustiniani (1816-1895): escultor napolitano, foi redator no periódico bakuninista *L'Eguaglianza* em 1869 e presidente da seção local da AIT até o fim de 1871. Permaneceu fiel aos ideais anarquistas até sua morte.

39 Alberto Tucci (1848-1920): advogado *pugliese* que amadureceu ideologicamente durante a estadia de Bakunin em Nápoles, tornando-se um dos principais militantes da local seção da AIT até 1872. Intérprete das ideias do russo e principal redator do periódico *La Campana* [O Sino].

40 Carmelo Palladino (1842-1896): participou da criação da primeira seção italiana da AIT em Nápoles e manteve a partir de 1871 uma forte amizade com Malatesta. Afastou-se da atividade política em 1873, mas continuou a reivindicar sua militância internacionalista.

41 O historiador anarquista Max Nettlau, na biografia sobre Malatesta, descreveu a cidade de Santa Maria Capua Vetere como povoada por “muitos camponeses sem terra” (1923, p. 6).

42 Emilia (1849), Aniello (1851) que, como veremos, foi um fugaz companheiro de luta política do irmão menor, e por fim Augusto (1857). V. TODA (1988).

43 É interessante notar que um dos companheiros de colégio de Malatesta foi Francesco Saverio Merlino, o futuro advogado do revolucionário napolitano e notório expoente do anarquismo italiano nas décadas seguintes. Sua figura era inicialmente destinada a ser parte da presente pesquisa mas, por questões de tempo, foi relutantemente excluída.

continuou a partir de 1869, quando matriculou-se na faculdade de Medicina da cidade partenopeia. Tudo isso resultou na primeira prisão dos irmãos Malatesta, no dia 13 de maio de 1870<sup>44</sup>. Os tumultos ocorridos na Universidade continuaram por vários dias, levando à prisão de pelo menos vinte estudantes e à suspensão dos cursos universitários por parte do reitor. Não se sabe exatamente quanto tempo os dois irmãos ficaram presos, Berti (2003) diz “alguns meses”; mas o que é certo é que, no momento da sua libertação, a situação política nacional e internacional havia mudado radicalmente: em julho havia estourado a guerra Franco-Prussiana, enquanto em setembro a “Presa di Roma” [Tomada de Roma] pelas tropas reais sancionou a anexação da futura capital ao Reino de Itália, pondo fim ao Estado Pontifício e ao poder temporal da Igreja<sup>45</sup>.

Ao começo de 1871, o ativismo de Malatesta e seus amigos de universidade, que acompanhavam de perto o desenrolar do conflito entre Bismarck e a França, levou à tentativa de converter uma associação estudantil aos princípios do socialismo e induziu a polícia de Nápoles a começar uma rigorosa vigilância sobre estes jovens “subversivos”<sup>46</sup>. Os meses de abril e maio, graças também ao conhecimento pessoal com Carmelo Palladino<sup>47</sup>, foram decisivos para a transição de Errico do republicanismo para o socialismo internacionalista<sup>48</sup>. Foi o próprio Malatesta (1884) a relembrar esta passagem:

Mas depois comecei a refletir. Estudei a história, que até aquele momento eu havia aprendido nos manuais estúpidos e mentirosos, e vi que a república tinha sido sempre um governo como qualquer outro e pior dos outros [...]. Comecei, portanto, a examinar a essência da sociedade moderna, a natureza das relações sociais, a origem dos poderes públicos, o funcionamento dos fatores políticos e econômicos, e tudo me levou a concluir que entre a monarquia e a república não há diferença substancial [...]. É portanto necessário sair do quadro das ideias republicanas; e, em vez de

44 Sobre o episódio v. TODA (1988).

45 Conforme narrado por Malatesta em duas cartas (a Max Nettlau 14/11/1928 e a Luigi Fabbri 8/3/1932), é nessa altura que ele e seu companheiro Leone Leoncavallo pediram para entrar na Alleanza Repubblicana Universale [Aliança Republicana Universal] de Giuseppe Mazzini. A resposta, por causa das tendências socialistas dos dois jovens, foi negativa e contribuiu para aproximá-los ao movimento internacionalista. As cartas encontram-se no International Institute of Social History (IISH) nos Luigi Fabbri papers (115) e Max Nettlau papers (787).

46 V. comunicações entre o chefe da polícia e o *prefetto* (representante do governo) de 11 de janeiro e 22 março de 1871 no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 61.

47 No dia 11 de maio de 1871, Palladino escreveu uma carta ao jornal bakunista *La Solidarité* [A Solidariedade] de Genebra pedindo uma subscrição em nome de Errico Malatesta. V. TODA (1988, p. 53).

48 Em maio de 1871, Malatesta e seus companheiros, descontentes com a inércia com que os líderes do movimento estavam enfrentando os trágicos acontecimentos de Paris, enviaram uma carta a Mazzini, da qual não se conhece o conteúdo, mas que, certamente, solicitava instruções precisas sobre a atitude a ser adotada. Quando a resposta chegou, com sugestões moderadas para propaganda e um alerta contra a Internacional, “Malatesta estava já fora do movimento *mazziniano*” (*idem*).



aceitar como ponto de partida a situação econômica atual, devemos começar a transformá-la radicalmente, abolindo de fato a propriedade individual. Todas essas coisas eu vi e pensei, e aconteceu comigo aquilo que acontece com todos os homens de coração que estudam sem preconceito as leis da humana convivência: eu tive horror à república, que é uma forma de governo boa apenas para punir e proteger, como todo governo, os privilégios existentes – e me tornei socialista.

A adesão oficial de Malatesta à Internacional aconteceu em maio de 1871, como demonstra um livreto com Programa e Estatuto da AIT e o regulamento da seção napolitana do ano de 1870, assinado pelo presidente Antonio Giustiniani<sup>49</sup>. Embora a seção estivesse enfrentando sérias dificuldades na organização<sup>50</sup>, o ambiente partenopeu não podia ser mais favorável a um engajamento político. A presença mitológica de Bakunin e de suas ideias, relatadas pelos deputados Fanelli e Friscia, em contínuo contato com o russo, conquistaram o espírito rebelde de Malatesta: “Bakunin em Nápoles era uma espécie de mito [...]. O importante era o grande debate que [...] se fazia em torno das ideias de Bakunin, o qual viera para sacudir todas as tradições, todos os dogmas sociais, políticos, patrióticos” (1947, p. 371-372).

Neste mesmo ambiente, no meio desta juventude férvida de ideais, por volta da metade de junho, chegou também Carlo Cafiero. Ele nasceu em Barletta, uma pequena cidade costeira da região Puglia no Sul da Itália, no dia 1º de setembro de 1846, em uma família de ricos proprietários de terras e comerciantes de grão. Sua primeira formação foi em um seminário na vizinha cidade de Molfetta<sup>51</sup>, mas relações de Cafiero com sua terra natal, em

49 O documento está presente no *Archivio di Stato* de Bolonha (ASBO), *Tribunale Correzionale*, Serie 2638, busta V. Neste sentido, é necessário destacar que a tradução dos *Considerando* da AIT presente neste livreto segue a versão francesa, que criou controvérsias relevantes acerca do significado e da interpretação de algumas expressões em inglês no texto original. Particularmente significativa é a discrepância da versão francesa, na qual a frase “the economical emancipation of the working classes is therefore the great end to which every political movement ought to be subordinate as a means” [a emancipação econômica das classes trabalhadoras é, portanto, o grande objetivo para o qual todo movimento político deve estar subordinado como um meio], foi publicada sem as últimas palavras “as a means” [como um meio]. Considerando que a tradução francesa dos *Estatutos*, aprovada no Congresso de Genebra da AIT (1866), foi a mais difundida e retraduzida nos ambientes europeus, entende-se como o episódio represente um prólogo relevante e cheio de importantes consequências para o conflito entre anarquistas e marxistas dentro da AIT. Para aprofundar o debate historiográfico cf. NETTLAU (1928), CARR (1932), MEHRING (1966), GUILLAUME (1971 e 2004) e BRAVO (1978).

50 Em uma nota de polícia do dia 3 de julho de 1871, a seção era descrita como “desmantelada e aos pedaços”. No ASN, *Gabinetto*, *Prefettura*, busta 61.

51 Ali tornou-se amigo de um personagem que foi decisivo nesta sua primeira fase de aprendizagem política, Emilio Covelli (1846-1915): após a graduação em Direito, conseguida em Nápoles, continuou seus estudos na Alemanha, onde entrou em contato com a teoria socialista. Ele é creditado por ser um dos primeiros na Itália a ter se dedicado ao estudo de *O Capital* de Karl Marx, publicando em 1871 uma resenha do volume de Eugen Dühring, *História crítica da economia política e do socialismo*, e em 1874, o panfleto *L'economia politica e la scienza* [A economia política e ciência]. Em seguida, desempenhou um papel importante na

parte por causa de uma difícil relação familiar, limitaram-se apenas a esta inicial formação escolar. Ele, de fato, como escreveu seu principal biógrafo, “se sente napolitano” (MASINI, 1974, p. 12): não por acaso, logo que atingiu a maioridade, mudou-se para Nápoles, onde se matriculou na Faculdade de Direito. Sabe-se pouco desta primeira fase napolitana de Cafiero (1864-1868), e somente que ele entrou em contato com o ambiente republicano e com o pequeno núcleo de amigos de Bakunin<sup>52</sup>. Depois da graduação em Direito (1868), o jovem Carlo decidiu se mudar para Florença, impulsionado por dois fatores principais: seu interesse para cultura oriental (na capital toscana havia, de fato, um importante centro de estudos sobre o islamismo)<sup>53</sup> e o início, sob pressão da família, da carreira diplomática.

No entanto, se por um lado Cafiero percebeu logo sua inadequação no ambiente diplomático, por outro, a vitalidade cultural de Florença contribuiu para colocar em discussão suas certezas e seus hábitos. De fato, ele era na época ainda um rico burguês, animado apenas em parte por preocupações políticas, que vivia “como um jovem elegantíssimo, amante da vida mundana, do teatro, das mulheres” (MASINI, 1974, p. 18). Os ambientes democráticos e racionalistas capturaram sua atenção: isto resultou na amizade com Luigi Stefanoni, fundador do movimento e do jornal *Liberio Pensiero* [Livre Pensamento] na Itália<sup>54</sup>, e na conversão de Cafiero em um “livre pensador”. Esta passagem está confirmada pela assinatura da revista para o biênio 1868-1869<sup>55</sup> e pelo início de uma importante correspondência com o diretor Stefanoni<sup>56</sup>. Mas a curiosidade do jovem Cafiero estava ainda longe de estar satisfeita: na primavera de 1870 ele viajou a Paris, onde foi hóspede por alguns meses do amigo e pintor Giuseppe de Nittis<sup>57</sup> e ainda em agosto resolveu partir improvisadamente para Londres.

---

elaboração do giro teórico do internacionalismo italiano (ratificado no Congresso Florença-Tosi em 1876), desde o coletivismo de matriz bakuniniana para o princípio redistributivo comunista. Por um triste acaso do destino, a existência de Covelli foi condenada a se encontrar uma última vez com aquela de Cafiero: ambos, de fato, a alguns anos de distância, morreram devido a complicações relacionadas à sua doença mental, no mesmo hospital psiquiátrico na cidade de Nocera Inferiore.

52 V. DAMIANI (1974, p. 18-19), que relata também uma suposta viagem de Cafiero a Paris para visitar Fanelli e Friscia, ocasião em que ele teria assistido a um comício internacionalista.

53 CASSANDRO (1946, p. 61) afirma que na adolescência Cafiero “tinha sido um místico”.

54 “Livre pensamento”: movimento racionalista que nasceu na França em meados de 1800 e espalhou-se rapidamente por toda a Europa; o inglês Charles Bradlaugh foi um dos seus principais expoentes. A popularização na Itália foi devida principalmente à ação de Luigi Stefanoni (1842-1905) e de sua revista, que expressava posições ateístas, materialistas e anticlericais, a fim de emancipar as classes proletárias da superstição religiosa, considerada um obstáculo ao progresso.

55 No *Almanacco Popolare* [Almanaque popular] da revista para o ano de 1870, publicado no final de 1869, o nome de Cafiero era mencionado entre os “acionistas-promotores para uma maior difusão do Almanacco Popolare”.

56 Graças ao valioso trabalho de VERACINI (1972), sabemos que a primeira carta de Cafiero ao amigo florentino é de 25 de dezembro de 1869 e que foi redigida em Barletta.

57 No volume autobiográfico de DE NITTIS (1895), o autor descreve o período parisiense de Cafiero como

Ao longo de sua estadia londrina, enquanto estourava o conflito franco-prussiano, Cafiero não apenas tentou inaugurar uma colaboração entre o *Libero Pensiero* e o *National Reformer* de Charles Bradlaugh, mas conseguiu também entrar em contato com os representantes do Conselho Geral da AIT. A frequência da industrializada e operária sociedade londrina não pôde deixar indiferente o ânimo sensível do jovem *pugliese*<sup>58</sup>, mas é oportuno enfatizar a aparente confusão ideológica em que se encontrava Cafiero, o qual tendia a considerar os princípios do “livre pensamento” e da AIT como equivalentes<sup>59</sup>. De qualquer forma, o encontro com Engels revelou-se decisivo<sup>60</sup>: o socialista alemão viu em Cafiero “o homem certo no momento certo” (MASINI, 1974, p. 27) para tentar organizar o movimento na Itália. Foi com esse cargo, de fato, que Cafiero se mudou para Nápoles em meados do mês de junho de 1871<sup>61</sup>, onde se encontrou diante da necessidade de “começar um novo trabalho” – como escreveu a Engels no dia 28 de junho (*apud* DEL BO, 1964, p. 18).

Na cidade partenopeia, Cafiero, que trazia consigo uma carta de Engels a Gambuzzi, foi inicialmente recebido com uma certa frieza no ambiente “filo-bakuninista”<sup>62</sup>. Mas logo após ter aprofundado a amizade com Palladino e Malatesta, a sintonia com o pequeno núcleo de internacionalistas foi total, já que o contraste entre as correntes marxista e

---

marcado pela alegria, frivolidade e pelo interesse para as mulheres francesas.

58 As poucas notícias sobre o período em que Cafiero esteve em Londres encontram-se em CASSANDRO (1946) e VERACINI (1972): trata-se de uma carta à família e de duas cartas ao amigo Stefanoni. Hoje graças a documentos encontrados no *Archivio Centrale dello Stato* de Roma (ACS) e no ASN, sabemos também que ele participou de um *meeting* em Hyde Park (16 de abril de 1871) a favor da Comuna de Paris, além de ter conhecido Engels e os outros membros do CG da AIT.

59 De fato, a incompatibilidade total entre os dois movimentos foi ratificada após a Comuna de Paris, quando Bradlaugh entrou em conflito aberto com Marx, em seguida à publicação de seu discurso sobre a “guerra civil” na França. Ver também VERACINI (1972), que destaca o uso feito por Cafiero da expressão “causa comum”.

60 O encontro entre os dois é descrito pelo próprio Cafiero no interrogatório de 27 de agosto de 1871 em Nápoles: “em agosto do ano passado eu fui para Londres com a intenção de ficar e concluir meus estudos. Parti de lá no dia 18 de maio passado, e alguns dias antes de partir, tendo lido em um jornal o endereço do lugar onde se encontrava o Conselho Geral da Associação Internacional dos Operários, e o modo fácil com que ser aceito como membro, eu me apresentei espontaneamente, e após uma demanda oral, fui aceito entre os membros da mesma Associação. [...] Logo após ter sido admitido naquela Associação perguntei quais deveres eu tinha que cumprir, e foi-me dito a difusão dos princípios da Internacional. [...] Entre estes indivíduos conhecidos naquela reunião havia o alemão Friedrich Engels, membro do Conselho Geral, que me disse que eu teria podido corresponder com ele”. O documento, inédito, encontra-se no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario*, misc. 22, f. 403.

61 Antes da estadia napolitana, Cafiero ficou duas semanas em Florença, onde aprofundou seus contatos com o movimento democrático (graças à amizade com Luigi Castellazzo) e procurou encontrar Bakunin, de passagem na cidade *toscana*. V. carta de Cafiero a Engels de 12 de junho de 1871 em DEL BO (1964, p. 12-16), e também CONTI (1950).

62 Ver as cartas de Carmelo Palladino a Andrea Costa de 1º de outubro de 1876 (CRISETTI GRIMALDI, 2015, p. 278-281) e ao jornal *Grido del Popolo* [Grito do Povo] (7 de setembro de 1881), nas quais ele descreve a chegada do “agente de Marx” [Cafiero] em Nápoles.

anarquista dentro da AIT ainda não era tão conhecido<sup>63</sup>. O rápido processo de amadurecimento ideológico de Cafiero é testemunhado, neste período, pela troca de correspondência com Engels, o qual, não por acaso, tentava aconselhar o amigo italiano a não entrar em contato com os “sectários do russo Bakunin” (ENGELS *apud* DEL BO, 1964, p. 20)<sup>64</sup>. De qualquer forma, o jovem italiano, consciente da delicadeza do momento histórico em que estava se aglutinando o proletariado italiano, pretendia recompor a dissolvida seção local da AIT – à qual se afiliou já em julho<sup>65</sup> –, evitando novas cisões com o resto do movimento e novas medidas repressivas por parte do governo<sup>66</sup>.

O primeiro passo foi a criação, no mesmo local da seção, de uma “escola popular para os filhos dos operários” e para os adultos analfabetos, na qual trabalhavam como “operários do pensamento” Malatesta, Palladino e o próprio Cafiero<sup>67</sup>. Ao mesmo tempo, a antiga comissão de presidência foi substituída e o cargo atribuído a Gambuzzi e Palladino, verdadeiros animadores da Internacional napolitana. Ao lado do trabalho organizacional, os jovens napolitanos não deixaram de contribuir com a propaganda socialista, difundindo na cidade opúsculos, jornais e panfletos com escritos de Bakunin, Albert Richard e Adhémar Schwitzguébel<sup>68</sup>. Além disso, Palladino estava traduzindo o volume do *communard* francês Gustave Flourens *Paris livré*, enquanto Cafiero estava se dedicando à tradução dos documentos da AIT e de *A guerra civil na França*, de Marx<sup>69</sup>. Como era previsto, esta hiperatividade chamou a atenção da polícia local, que já no começo de agosto pediu ao

---

63 De fato, além de algumas menções e da publicação de alguns documentos da AIT na imprensa democrática, Marx e Engels eram considerados como os “pais da Internacional”. Para aprofundar este aspecto v. FAVILLI (1996) e GIANNI (2004).

64 Carta de Engels a Cafiero (1 de julho). Ver sobretudo a troca de correspondência entre os dois nos meses de junho e julho de 1871. Para uma análise detalhada desta correspondência, considerada “de fundamental importância para a história do socialismo italiano” (ROMANO, 1954, II, p. 95), ver o artigo de MASINI (1965).

65 A primeira subscrição de Cafiero anotada nos registros da seção é datada 23 de julho. Os documentos, apreendidos pela polícia, encontram-se no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 61.

66 Ver a carta a Engels de 12-16 de julho de 1871, *apud* DEL BO (1964). Para evitar as polêmicas, o próprio Cafiero nas respostas ao amigo alemão declarava: “deixo de lado Bakunin e todas suas ideias”.

67 Na escola da Internacional tiveram reuniões gerais apenas nos dias de feriado; no mês de julho os inscitos eram 45, enquanto em agosto os alunos subiram para 83. A escola foi fechada por decreto ministerial no dia 18 de agosto de 1871, dois dias antes da prisão de Cafiero. V. TODA (1988).

68 Extraí todas estas informações a partir das comunicações entre o *prefetto* e o chefe da polícia de Nápoles nos dias 3, 10, 21, 31 de julho e 4, 5 de agosto 1871, que se encontram no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 61. Conforme estas notícias, os que aderiram à seção oscilavam entre 200 e 400, dos quais, porém, apenas vinte “havia entendido perfeitamente o conceito” da associação.

69 A tradução de Palladino foi publicada em Nápoles com o título *Parigi ceduta* [Paris cedida] ao final de 1871, enquanto *La guerra civile in Francia* de Cafiero saiu incompleta no periódico siciliano *L'Eguaglianza* [A Igualdade], entre novembro e dezembro do mesmo ano.

Ministério uma intervenção repressiva imediata, que não demorou para chegar<sup>70</sup>. No dia 14 de agosto o *Ministro dell'Interno* assinou o decreto de dissolução da seção da Internacional de Nápoles, que foi aplicado no dia 20, quando os policiais irromperam no local da seção apreendendo documentos e prendendo o próprio Carlo Cafiero<sup>71</sup>.

Embora este último tivesse sido avisado por Palladino das possíveis perquisições domiciliares e tivesse escondido as cartas de Engels e os documentos da AIT, a polícia conseguiu encontrar estas “evidências” na casa de uma parente de Cafiero. A acusação contra os internacionalistas – ter “provocado o desprezo e o descontentamento com as instituições constitucionais através de reuniões e discursos em espaços públicos” – se baseava sobretudo na documentação em inglês apreendida com Cafiero, o qual foi detido por 5 dias na delegacia e 11 dias na prisão de Nápoles, enquanto as cartas foram traduzidas<sup>72</sup>. Não sabemos com certeza quando o processo terminou – provavelmente na segunda metade de outubro – mas a sentença para todos os imputados foi de absolvição por insuficiência de provas. O primeiro golpe do Estado contra a Internacional não teve êxito e, ao contrário, serviu apenas para difundir as ideias da AIT e para reforçar as convicções dos jovens napolitanos. Conforme escreveu Cafiero a Engels no dia 27 de novembro:

o governo tem nos feito muito bem com as suas perseguições; minha prisão foi um verdadeiro tesouro; [...] por mais de quinze dias em todas as gazetas da Itália não falou-se que da Internacional, de petróleo, dos loucos comunistas italianos, dos jovens imberbes que renegam as crenças de seus pais. (*Apud* DEL BO, 1964, p. 91)

Mas nesta fase, o núcleo de internacionalistas napolitanos mais que cuidar do trabalho de organização das classes trabalhadoras – considerando que a seção tinha por enquanto um número limitado de sócios ativos –, estava preocupado com um problema de tipo teórico e político: o movimento *mazziniano* e a adversão do seu chefe para a Comuna, a Internacional e o socialismo em geral. Já na primeira carta a Engels (12 de junho), de fato,

70 Conforme relata Palladino na carta a Andrea Costa do 1º de outubro de 1876, naqueles dias ele, Malatesta e um outro companheiro foram convocados na delegacia para receber uma primeira reprimenda.

71 Acerca deste episódio ver as cartas de Cafiero (10 de setembro de 1871) e de Palladino (13 de novembro) a Engels (*apud* DEL BO, 1964), e o artigo de Cafiero no *Liberio Pensiero* (19 de outubro). Os imputados foram 9, entre os quais Malatesta, que foi o único a não receber uma perquisição domiciliar. Cafiero saiu do cárcere em liberdade provisória no dia 14 de setembro mediante o pagamento de uma caução de 2000 *Lire*.

72 Ao longo da detenção Cafiero sofreu dois interrogatórios (21 e 27 de agosto), nos quais ele tentou mostrar a finalidade não eversiva da Internacional, também no que dizia respeito aos acontecimentos da Comuna de Paris. A vasta documentação acerca deste processo, da qual extrai as informações, encontra-se no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 61*.

Cafiero havia identificado no “pobre velho” o principal inimigo a ser combatido e logo em seguida havia começado a redação de um opúsculo contra Mazzini<sup>73</sup>. No entanto, foi graças à sua amizade com Luigi Stefanoni, que se realizou a primeira colaboração na Itália entre a Internacional e o movimento do “livre pensamento”: no dia 31 de agosto o *Liberio Pensiero* publicou uma parte da carta de Engels a Cafiero (de 28 de julho), na qual o socialista alemão, com severas críticas, resumia os acontecimentos que levaram à exclusão da AIT dos expoentes mazzinianos<sup>74</sup>. Embora estivesse preso, a primeira rede de contatos que Cafiero conseguiu criar levou à republicação do texto engelsiano em outros periódicos protossocialistas espalhados pelo país: *La Favilla* (Mantova), *Il Romagnolo* (Ravenna), *Il Gazzettino Rosa* (Milão), *Il Motto d'Ordine* (Nápoles).

Já mencionei brevemente os ataques de Mazzini contra a Comuna de Paris das colunas de suas revistas, e como ele associou a insurgência communard aos princípios defendidos pela Internacional<sup>75</sup>. Em um apelo dirigido *Agli operai italiani* [Aos operários italianos], os advertia

de um perigo que vos ameaça e que só vocês podem afastar.  
Ao longo do movimento normal dos homens do Trabalho surgiu uma Associação que ameaça falsificá-lo no *fim*, nos *meios* e no espírito em que vocês se inspiraram até agora, o único com o qual vocês obterão vitória.  
Falo da *Internacional*. (MAZZINI, 1871, p. 14)

Mazzini reduzia os princípios da AIT a três principais: negação de Deus, negação da pátria, negação da propriedade individual. A estas negações ele contrapunha um programa genérico, interclassista e conciliador, com o qual substituiria gradualmente “o atual sistema do *salário* com o sistema da *associação* voluntária fundada na união do *trabalho* e do *capital* nas mesmas mãos” (*idem*, p. 18). A educação era confiada ao destino (“se eduque melhor quem puder”), enquanto a organização de classe era inspirada no simples princípio associacionista e das cooperativas de consumo. De qualquer forma, a condenação da Associação Internacional

73 Este manuscrito inédito encontra-se entre os documentos apreendidos em agosto de 1871 no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 61* e foi publicado por ROMANO (1954, vol. II).

74 Na carta a Stefanoni (16 de agosto, *apud* VERACINI, 1972) com a qual Cafiero repassava o documento a ser publicado, ele tentou convencer o amigo da necessidade de transformar o *Liberio Pensiero* no órgão oficial do movimento internacionalista italiano.

75 Os artigos polêmicos escritos por Mazzini e publicados no *La Roma del Popolo* são: “*All'Internazionale di Napoli*” [À Internacional de Nápoles] de 24 de maio de 1871; “*Agli operai italiani*” [Aos operários italianos] de 13 de julho; “*Gemiti, fremiti e ricapitolazione*” [Gêmitos, frêmitos e recapitulação] de 10, 17, 24 e 31 de agosto; “*Ai rappresentanti gli artigiani nel Congresso di Roma*” [Aos representantes dos artesãos no Congresso de Roma] de 12 de outubro.

dos Trabalhadores era sem apelo: “o conceito da Internacional leva inevitavelmente à anarquia e à impotência” (*idem*, p. 17). Cafiero criticou esta postura já no esboço do opúsculo redigido no começo de agosto, considerando a de Mazzini como uma tentativa de “paralisar totalmente a ação do inimigo” para “tomar posse do proletariado italiano”. A prosa brilhante e sarcástica de Cafiero evitava, deliberadamente, “entrar em uma crítica dos princípios contidos na comunicação; seria uma perda de tempo” (*apud* ROMANO, 1954, vol. II, p. 328). No entanto, o que lhe interessava era denunciar o roubo, por parte de Mazzini, da proposta de convocação de um congresso operário nacional, comunicada na sua primeira carta a Engels (12 de junho)<sup>76</sup>:

Mazzini quer se servir de uma ideia roubada à *Internacional* para fazer guerra a ela [...]. E propõe esta ideia que não é dele com tanto barulho. Ele escreve especificamente uma comunicação aos operários para anunciar-lhes, como sua própria, uma ideia que furtivamente tirou a seus adversários. É natural. Mazzini, que estima os proletários não serem capazes de qualquer coisa sem a ajuda dos burgueses, escreveu a Comunicação na crença de que eles ignorassem perfeitamente a coisa, não podendo eles entender [...] o conteúdo de um jornal inglês. (*Idem*, p. 328-329)

Nesta fase, como podemos ver, Cafiero estava preso a uma convergência teórica e política muito complexa. Ele, com sua formação racionalista e seu interesse pelas reivindicações emancipatórias da Internacional, pretendia combater a hegemonia *mazziniana* nas classes trabalhadoras italianas, encontrando, neste sentido, o apoio tanto do Conselho Geral quanto dos seus companheiros de Nápoles, que estavam rapidamente se afastando do velho revolucionário. Ao mesmo tempo, ainda desprovido de uma sólida base ideológica, Cafiero de um lado recebia nas cartas de Engels precisas indicações sobre a linha política do CG, e do outro percebia o total acordo com as ideias defendidas pelos internacionalistas partenopeus, os quais sublinhavam a preeminência da questão socioeconômica, considerando “danosa para a Internacional qualquer ingerência política”<sup>77</sup>. Neste sentido, foi a carta de Engels de 28 de julho, a meu ver, a revelar as verdadeiras intenções do CG acerca da guerra intestina a ser combatida contra os “partidários de Bakunin”. O alemão, fazendo referência ao art. 1 dos *Estatutos* da AIT, convidava o amigo a desenvolver o “lado positivo da questão” e a aprofundar o debate com as outras componentes do movimento operário, mantendo, porém, as

<sup>76</sup> A carta de Cafiero foi publicada em seguida no *The Eastern Post*, órgão do CG de Londres, onde provavelmente Mazzini leu da ideia de um congresso nacional.

<sup>77</sup> Comunicação do chefe da polícia ao *prefetto* de 23 de outubro de 1871, ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 61.

distâncias com os bakuninistas, os únicos “que criaram dissensões”<sup>78</sup>. A solução para acabar com a desigualdade social e econômica era explícita: a coletivização dos meios de produção, a ser realizada, porém, através da “supremacia política do proletariado” (*apud* DEL BO, 1964)<sup>79</sup>. Esta definição, que foi ratificada na IX Resolução sobre a “Atuação política da classe trabalhadora”, aprovada durante a conferência secreta da AIT realizada em Londres (17-23 de setembro), representava um duro golpe para as reivindicações dos bakuninistas, os quais, embora não convidados, nunca teriam votado a favor desta nova linha política. De fato, o texto aprovado afirmava que “o proletariado não pode atuar como classe a não ser que se constitua em partido político distinto e oposto aos antigos partidos das classes possuidoras”, definindo assim o papel a ser desempenhado pelas classes trabalhadoras nas lutas futuras<sup>80</sup>.

Na carta de 28 de julho ao amigo italiano, Engels, para justificar a convocação de uma conferência privada, alegava a forte repressão na Europa contra a Internacional e a impossibilidade de organizar um congresso público sem sofrer novas perseguições. Se por um lado estas podiam ser razões válidas para a não convocação do congresso anual, por outro, hoje sabemos que a privacidade da reunião era funcional para a obtenção de uma maioria

---

78 Este não é o lugar para analisar os conflitos internos à AIT, entre as correntes autoritária e antiautoritária, nem sequer para apresentar as inúmeras organizações secretas criadas por Bakunin entre 1864 e a sua morte (1876). Tentarei resumir brevemente os acontecimentos até então: o conflito começou durante o terceiro congresso da AIT (Bruxelas 1868), durante o qual se delinearam pela primeira vez “as ideias coletivistas em oposição ao cooperativismo” (GUILLAUME, 1971, p. 23). Bakunin, por sua vez, tinha escolhido Genebra como a cidade para a propaganda de seus ideais, conseguindo ser admitido na seção local da AIT. Para o CG de Londres, que não compartilhava das teses do coletivismo, foi uma consequência natural, portanto, rejeitar o pedido de adesão à AIT por parte da Aliança Internacional da Democracia Socialista, fundada por Bakunin naquele mesmo ano. Perante esta recusa, motivada justamente pelo risco de uma sobreposição organizacional, o russo e seus companheiros decidiram dissolver sua associação e entrar na AIT como uma simples seção. No entanto, no quarto congresso da AIT (Basileia 1869) houve um predomínio das teses coletivistas e delineou-se claramente a presença de “duas correntes distintas: uns (alemães, suíços-alemães e ingleses) eram comunistas de Estado; outros (bélgas, suíços, espanhóis e quase todos os franceses) eram comunistas antiautoritários, ou federalistas, ou anarquistas, e adotaram o nome de coletivistas” (*idem*, p. 25). Em seguida, Bakunin deixou Genebra para Locarno e o CG de Londres tentou aproveitar disso para assumir o controle da seção de Genebra da AIT: em breve, também esta seção dividiu-se em duas correntes opostas e Bakunin foi expulso. Enquanto isso, na região suíça do Jura, as seções internacionalistas estavam tomando posição em favor do coletivismo e das teorias de Bakunin: como veremos, elas desempenharam um papel fundamental na futura cisão entre a corrente autoritária e a antiautoritária dentro da AIT.

Para aprofundar estes assuntos é possível consultar uma vasta bibliografia: MALON (1872), VILLETARD (1872), MARTELLO (1873), FREYMOND (1962), COLE (1968), BERNIERI (1969), BRAVO (1971 e 1978), GUILLAUME (1971 e 2004), ARRU (1972) e MARX/ENGELS (1972).

79 V. nota 24 deste texto. Volta novamente aqui a questão da tradução dos *Estatutos* da Internacional e a importância da expressão “como um meio”. O próprio Marx, nos debates durante a conferência, enfatizou a necessidade de republicar os *Estatutos* originais de 1864.

80 A tradução da IX Resolução publicada no *L'Eguaglianza* (3 de dezembro) foi realizada muito provavelmente pelo próprio Cafiero. No brilhante volume de ARRU (1972), a autora demonstra como a perspectiva política de Marx e Engels para a Internacional estivesse já definida em documentos e debates anteriores, afirmando que nesta altura “a AIT parece estar já dividida em duas frentes distintas, no que diz respeito à *praxis* revolucionária” (p. 42).



domesticada para a aprovação da “IX Resolução”. Os delegados presentes, de fato, não davam conta da pluralidade de vozes e opiniões dentro da Internacional e as próprias deliberações aprovadas na conferência estavam voltadas para “criar uma condição de superioridade do CG sobre os dissidentes” (ROMANO, vol. II, p. 169)<sup>81</sup>. Além disso, as deliberações tomadas na conferência, que não tinha os mesmos poderes deliberativos de um Congresso Geral, constituíam uma clara violação dos princípios da AIT. A partir de então, a atitude do CG foi considerada autoritária pelos dissidentes bakuninistas, os quais levantaram a bandeira do antiautoritarismo, uma “categoria particularmente atraente nos ambientes do internacionalismo italiano” (FAVILLI, 1996, p. 51) .

De qualquer forma, embora Cafiero estivesse informado acerca do desenho político do CG, preferiu não abordar diretamente as questões de princípio e se dedicar mais uma vez ao trabalho de organização. O efeito positivo da sua prisão para a propaganda internacionalista foi evidente: novas seções da AIT estavam surgindo em vários lugares da Itália, frequentemente acompanhadas por um órgão de imprensa próprio<sup>82</sup>. Uma vez solto, Cafiero juntou-se novamente a Palladino e Malatesta no trabalho de reorganização da seção, dissolvida pelo governo: no dia 23 de setembro uma primeira reunião foi realizada em Nápoles, enquanto no começo de outubro os três encontraram o diretor do *L'Eguaglianza*, Antonio Riggio. De acordo com informes da polícia, os internacionalistas napolitanos tentaram inicialmente repartir os membros da AIT segundo um esquema de tipo *mazziniano* (em Centúrias e Decúrias) e, com o início do ano acadêmico 1871/1872, se empenharam na propaganda entre os estudantes. Entre outubro e novembro de 1871, depois de ter criado um dos primeiros “comitês femininos promotores da Internacional”, Cafiero e Palladino tentaram, em vão, transformar em sentido internacionalista o periódico *Il Motto d'Ordine* [O Mote de Ordem]<sup>83</sup>.

No entanto, estavam aparecendo as primeiras consequências da Conferência de Londres: o previsto congresso operário de Roma, organizado pelo mazzinianos, foi adiado por causa do “desacordo entre mazzinianos e internacionalistas. Mazzini teme uma derrota

81 Dos 22 delegados presentes na conferência, 13 pertenciam ao CG e apenas 9 representavam as diferentes seções.

82 Este é o caso da seção de Ravenna e seu periódico *Il Romagnolo*, da seção de Agrigento e *L'Eguaglianza*, da seção de Turim e seu órgão *Il Proletario Italiano*. Outros periódicos que nesta fase apoiavam a AIT e difundiam suas ideias eram *La Favilla* de Mantova e *Il Gazzettino Rosa* e *La Plebe* de Milão. Cafiero comunica estas notícias a Engels na carta de 18 de outubro.

83 Ver as cartas de Cafiero a Engels (18 de outubro e 27 de novembro, *apud* DEL BO, 1964) e as comunicações do chefe da polícia dos dias 9 e 17 de outubro, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 61. A manter os contatos com a juventude universitária foi, sobretudo, Malatesta.

naquele congresso e temporiza”<sup>84</sup>. Ao mesmo tempo, Cafiero e os napolitanos estavam se mobilizando para participar do congresso, criticando duramente a direção moderada imposta pela comissão organizadora. Foi justamente nesta delicada fase de luta ideológica e organizacional para a história do socialismo italiano que se inseriu nova e poderosamente a figura do russo Mikhail Bakunin, convencido pela potencialidade revolucionária do proletariado italiano<sup>85</sup>. Como veremos, a sua atuação entre as fileiras dos internacionalistas foi decisiva não apenas na batalha interna contra os *mazzinianos*, mas também para a definição ideológica da futura Federação Italiana da Associação Internacional dos Trabalhadores.

## 1.2 Bakunin e a Itália

O revolucionário russo – que desde o outono de 1870 mudou-se para Locarno, gravitando em volta da seção da AIT de Genebra –, manteve estreitas ligações com a Itália, graças à proximidade da cidade suíça e às suas relações com Giuseppe Fanelli e Carlo Gambuzzi. Em Locarno, durante o período da guerra franco-prussiana, recebeu várias visitas por parte dos primeiros internacionalistas italianos preocupados em combater a nefasta influência de Mazzini sobre o proletariado. Ainda em agosto de 1871 ele publicou no *Gazzettino Rosa* seu primeiro ataque contra o velho revolucionário: a *Risposta d'un Internazionale a Mazzini* [Resposta de um Internacionalista a Mazzini]<sup>86</sup>. Neste texto, se por um lado Bakunin reconhecia a incontestável grandeza do italiano, por outro denunciava logo o vício de origem da doutrina *mazziniana*:

É o princípio de um idealismo simultaneamente metafísico e místico enxertado na ambição patriótica do homem de Estado. É o culto de Deus, o culto da autoridade divina e humana, é a fé na misteriosa predestinação da Itália, rainha das nações com Roma capital do mundo. (BAKUNIN, 1871, p. 5-6)

O russo, lembrando as calúnias de Mazzini contra “a heróica população de Paris”,

84 Carta de um informante de Turim ao *Ministro dell'Interno* (14 de outubro), em que notificava o recebimento do comunicação do CG acerca da IX Resolução. No ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 61.

85 Em uma carta publicada em 29 de agosto no periódico belga *La Liberté*, Bakunin afirmava que: “A Itália está ainda ao A, B, C do socialismo [...]. Contudo ela é um país no qual a revolução social está talvez mais iminente do que na Alemanha”.

86 O escrito foi publicado em forma de opúsculo como suplemento à edição do 14 de agosto de 1871. A esse texto foi acrescentado o artigo de Saverio Friscia “*L'Internazionale e Mazzini*” [A Internacional e Mazzini].

contrapunha ao idealismo do adversário os dois princípios do ateísmo e do materialismo, “verdadeira base de toda a verdade” (*idem*, p. 10). Igualmente inevitável era a condenação do socialismo por parte de Mazzini, que para Bakunin, ao contrário, “tornou-se o único ponto de partida, tanto para a pesquisa e o desenvolvimento da ciência positiva, quanto para os motins revolucionários do proletariado” (*idem*, p. 19). O texto terminava, não por acaso, com a citação dos *Considerando* da AIT, a “única via de salvação para o proletariado do mundo inteiro”<sup>87</sup>, e com a condenação definitiva do adversário: “Mazzini finalmente desertou o campo da revolução e tomou partido nas fileiras da reação internacional” (*idem*, p. 23).

Bakunin estava determinado a continuar a batalha ideológica contra Mazzini: na segunda metade de setembro ele estava redigindo o ensaio *La Teologia politica di Mazzini e l'Internazionale* [A Teologia política de Mazzini e a Internacional], quando Palladino entrou em contato com ele por meio de uma carta (26 de setembro). Como vimos, os internacionalistas de Nápoles queriam intervir no Congresso operário convocado em Roma nos dias 1-5 de novembro de 1871, e por esta razão procuraram ajuda com o ídolo russo. Bakunin interrompeu a redação da *Teologia* e começou uma correspondência com os napolitanos<sup>88</sup>, que culminou com o envio de uma circular destinada ao congresso romano. O texto foi enviado de Locarno a Palladino, Friscia e a um companheiro de Turim que estava em contato com o grupo do *Gazzettino Rosa*: estes, muito provavelmente, constituíam o primeiro núcleo de “íntimos” de Bakunin, membros da sua sociedade secreta. O ensaio, que conforme seu biógrafo é “um dos seus escritos mais vitais” (NETTLAU, 1928, p. 261), foi parcialmente traduzido e imprimido em uma só noite, em parceria entre Cafiero, Palladino e Tucci. À parte traduzida (com algumas alterações) em que o russo analisava os últimos escritos de Mazzini<sup>89</sup> foi acrescentada uma apostila conclusiva, redigida provavelmente por Cafiero.

O opúsculo, que pode ser considerado “não só um milagre tipográfico, mas um

---

87 Além das considerações acerca da complementaridade, especialmente de um ponto de vista filosófico, da teoria marxista e do pensamento de Bakunin, é oportuno destacar aqui como a difusão na Itália das ideias do russo se realizou através de um constante apelo aos princípios da AIT, sobretudo a seus *Estatutos* e *Considerando*. Escreveu justamente FAVILLI (1996, p. 50) que “Marx entrava – intrinsecamente – junto com Bakunin, seu discípulo, na mentalidade dos socialistas italianos [...], eis porque os membros da Internacional italiana, completamente bakuninista,[...] não estavam minimamente educados ao ódio contra Marx”.

88 Bakunin responde a Palladino no dia 28 de setembro; escreve novamente a Fanelli, Palladino, Gambuzzi e Friscia no dia 14 de outubro. O russo estava já em contato com o diretor e a redação do *Gazzettino Rosa*, no qual foi publicado (10-12 de outubro) seu artigo antimazziniano “*Risposta all'Unità Italiana*” [Resposta à Unidade Italiana].

89 O italiano havia publicado no *La Roma del Popolo* (12 de outubro) um apelo para o Congresso de Roma, em que lamentava a “irrupção selvagem [...] de arbitrarias e irracionais negações de demagogos russos, alemães, franceses”. A resposta completa de Bakunin foi publicada em opúsculo apenas em 1885, com o título de *Il socialismo e Mazzini* [O socialismo e Mazzini].

milagre de abnegação, de ardor, de fé, daqueles jovens revolucionários” (ROMANO, 1954, vol. II, p. 173), foi difundido com o título de *Agli operai delegati al Congresso di Roma* [Aos operários delegados ao Congresso de Roma] entre os participantes da assembleia, na qual intervieram também Cafiero e Tucci. No escrito, Bakunin expunha “magistralmente suas ideias federalistas, antiestatistas e socialistas revolucionárias e apresenta[va] ao mesmo tempo um programa de ação para a classe trabalhadora” (LEHNING *apud* FAENZA, 1973, p. 156). O congresso *mazziniano* era definido como um “golpe de estado” antissocialista, era criticada sua postura nacionalista e realizado um apelo à juventude italiana para que aderisse à Internacional. Mazzini era acusado de tentar separar a questão política e religiosa da questão econômica; a Internacional, ao contrário, “as trata como questões inseparáveis da questão econômica, e é por isso mesmo, que ela as resolve de forma favorável ao proletariado” (BAKUNIN, 1871, p. 12). Bakunin estava convencido que o afastamento de parte da juventude italiana dos ideais de Mazzini se deu devido à difusão do “livre pensamento”, o qual, no entanto, não era capaz de “matar a religião no povo”.

Na parte da epístola não traduzida e não publicada, Bakunin afirmava que a única solução era a Revolução Social, a anarquia, a ser realizada através da “organização econômica e plenamente livre do povo, organização de baixo para cima por meio da federação” (*idem*, p. 26). Ele contrapunha esta perspectiva tanto àquela de Mazzini, quanto àquela dos “socialistas alemães da escola de Marx, [...] que nós anarquistas combatemos mais de Mazzini, embora a partir de um outro ponto de vista” (*ibid*, p. 29). Bakunin, de fato, falava de “patriotismo real” (que é voltado para o povo), em oposição ao “patriotismo político” (que leva ao Estado)<sup>90</sup>. Ao falar da situação italiana, ele sugeria aos amigos de estimular, por meio da propaganda, a aliança entre o proletariado da cidade e o do campo, começando o trabalho de convencimento pelos mazzinianos e garibaldinos, porque eles “têm o hábito da conspiração e da organização”. Ele introduzia, assim, um tão importante quanto contraditório princípio do seu pensamento: o da “minoría-guia”. Afirmava, de fato, Bakunin:

unidos, organizando vossas forças, embora eles sejam escassas no começo, apenas em uma única ação coletiva, inspirada pelo mesmo pensamento, pelo mesmo escopo, pela mesma posição, vocês serão invencíveis.

---

<sup>90</sup> A este binômio correspondia o outro “união social *versus* unidade política”: “a união social, resultado real da combinação de tradições, hábitos, costumes, ideias, interesses presentes e aspirações comuns, é a unidade vivente, fecunda, real. A unidade política, o Estado, é a ficção, a abstração da unidade” (*idem*, p. 43). Sobre o conceito de “povo” no pensamento de Bakunin, e o populismo russo mais em geral, consultar o imprescindível estudo de VENTURI (1960).

Três homens apenas, assim reunidos, já formam, na minha opinião, um sério princípio de potência. (*Idem*, p. 60)

E acrescentava que se “algumas centenas de jovens de boa vontade certamente não são suficientes para criar uma potência revolucionária fora do povo”, eles “serão suficientes porém para organizar a potência revolucionária do povo” (*idem*). Em um contexto em que as sociedades secretas criadas por Bakunin desempenhavam um papel fundamental, é evidente, portanto, o duplo nível da sua análise, ou a contraditoriedade de seu anarquismo<sup>91</sup>, que por um lado se proclama antiautoritário e autonomista, e por outro afirma a necessidade de uma função dirigente e organizacional, na qual o papel da juventude pequeno-burguesa tornava-se decisivo. O russo, que havia bem entendido as peculiaridades da composição social da região napolitana, adaptou sua propaganda ao ambiente em que ele agia: para poder confiar nas capacidades revolucionárias do vasto proletariado rural de Nápoles e região, era antes de tudo necessário entregar a organização do movimento àquelas pessoas das quais se “exige o mais alto grau de conhecimento e de habilidade diretiva” (MICHELS, 1908, p. 79), ou seja, à juventude universitária. E justamente porque “talvez ninguém melhor do que Michael Bakunin durante sua atuação na Itália foi capaz de entender o que signifique e quanto seja importante a presença de jovens, recém-saídos das universidades ou de outros ambientes burgueses, em um partido socialista revolucionário” (*idem*, p. 19), foi neste específico grupo social que ele colocou suas esperanças para liderar a futura “liquidação social”, como ele a chamava<sup>92</sup>.

No entanto, o núcleo de internacionalistas da seção de Nápoles não podia aceitar inteira e subitamente as ideais de Bakunin, como demonstra a apostila final do opúsculo difundido ao congresso romano por Cafiero e Tucci. Eles, evitando palavras de ordem que parecessem muito radicais aos olhos dos mazzinianos e mantendo-se fieis aos princípios da AIT, sugeriam aos operários proclamar

perante o mundo inteiro, que “não há direitos sem deveres, nem deveres sem direitos – que a emancipação do proletariado deve ser obra do próprio

91 Para aprofundar este aspecto v. NETTLAU (1928), PYZIUR (1955), DADÀ (1984), BERTI (1998)

92 Em uma carta posterior (segunda metade de novembro, em BAKUNIN, 1989-2009), dirigida aos redatores do periódico *Il Proletario Italiano*, Bakunin definiu o pensamento de Mazzini como “socialismo celeste”, criticando as cooperativas de consumo e promovendo o ingresso na Internacional daqueles burgueses que “abracem com devoção e com paixão seu programa e que abandonem os hábitos de comando e dominação”. A carta foi motivada por um artigo “mazziniano” publicado na revista de Turim, ao qual o próprio Cafiero havia respondido polemicamente publicando suas críticas no periódico *Il Motto d'Ordine*, o qual não foi encontrado ao longo de minha pesquisa.

proletário – que ela não deve tender a estabelecer novos privilégios e novos privilegiados, mas a justiça e a igualdade para todos – que não poderá triunfar senão realizada de acordo com todos os deserdados do universo, independentemente da sua cor, nação, ou crença – que a emancipação econômica do proletariado deve ser o grande escopo, ao qual deve ser subordinado, como um simples meio, todo o movimento político”. (CAFIERO *apud* BAKUNIN, 1871, p. 13)

Ao longo do congresso os dois napolitanos reafirmaram estas ideias, tentando convencer os mazzinianos indecisos a apoiar a perspectiva da Internacional: isto resultou na primeira definição ideológica e política dos socialistas italianos. De fato, Tucci e Cafiero, que representavam as seções de Nápoles e de Agrigento da AIT, encontraram poucas pessoas dispostas a mudar repentinamente de campo, mas conseguiram apresentar e debater uma ordem do dia contrária aos princípios mazzinianos. No seu brilhante discurso, Tucci expôs todas as ideias fundamentais do pensamento bakuniniano, com uma clareza que deve ter surpreendido os participantes: emancipação do proletariado e em particular da mulher, antipatriotismo, antiautoritarismo, federalismo, coletivismo. Cafiero limitou-se a compartilhar as palavras do amigo, estigmatizando a decisão tomada pelo congresso de aprovar *in toto* as ideias de Mazzini<sup>93</sup>. Neste momento, Tucci, Cafiero e um companheiro de Livorno abandonaram a sala após terem lido uma declaração de protesto, na qual afirmavam considerar a resolução mazziniana “incompatível com nossa independência e com o mandato recebido [...] e contrários estes princípios aos verdadeiros interesses da classe trabalhadora e ao verdadeiro progresso da humanidade”<sup>94</sup>.

De qualquer forma, o congresso foi a primeira ocasião em que Cafiero experimentou também a incompatibilidade entre o “livre pensamento” e a Internacional, ou pelo menos constatou o quanto o primeiro era “anunciador de equívocos, em vez de esclarecimentos, e obstáculo [...] à indispensável obra de diferenciação do movimento internacionalista da democracia burguesa” (VERACINI, 1972, p. 192). Stefanoni, animador do movimento na Itália, estava tentando criar uma *Società Universale dei Razionalisti* [Sociedade Universal dos Racionalistas], recebendo o apoio de alguns internacionalistas e as críticas de outros. Entre eles, o próprio Cafiero, que enviou ao amigo uma carta (16 de

93 Ver o relatório de Cafiero e Tucci sobre as seções de Nápoles e Agrigento, em DEL BO (1964, p. 81-88). Outras notícias sobre o congresso encontram-se no *La Roma del Popolo* (2 e 3 de novembro), *La Favilla* (7 e 8 de novembro) e *L'Eguaglianza* (27 de dezembro).

94 O protesto assinado pelo três internacionalistas foi publicada no *L'Eguaglianza* (19 de novembro) com o título de “*Una nobile protesta*” [Um nobre protesto]. Após o congresso, Cafiero ficou em Roma com Giuseppe Fanelli por alguns dias continuando a propaganda internacionalista. V. ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 61.

novembro) na qual confessava que “o livre pensador, nas suas meditações, descobriu que é o capital [e não Deus], a verdadeira origem de toda opressão humana” (CAFIERO *apud* VERACINI, 1972, p. 201). Portanto, considerando a difusão da Internacional, que Cafiero reputava como um estágio superior na evolução do racionalismo<sup>95</sup>, a criação da nova sociedade seria inútil ou até danosa. Por fim, a carta, que falava em nome de todos os internacionalistas napolitanos, destacava a questão de princípio com base nessa divergência: “o senhor parte da elevação de um ponto racional para chegar no plano prático, enquanto nós partimos do plano prático para elevar-nos à alteza racional” (*idem*). Desta forma, graças às denúncias de Bakunin sobre os limites do “livre pensamento” e ao importante papel crítico desempenhado por Cafiero nos próximos meses, a relação entre o movimento racionalista de Stefanoni e a Internacional italiana estava entrando em crise.

O contato do grupo napolitano com Bakunin resultou também na inauguração de uma nova frente polêmica, bem mais complexa, isto é, a relação com o Conselho Geral da AIT<sup>96</sup>. De fato, na segunda metade de novembro Cafiero e Palladino entraram novamente em contato com Engels, mas desta vez o tom das comunicações estava totalmente diferente, sobretudo na carta de Palladino ao socialista alemão<sup>97</sup>. Nela, sua primeira a um membro do CG, Palladino declarava-se firmemente contrário à forma e ao conteúdo da Conferência de Londres, a qual foi convocada infringindo “as prescrições dos nossos Estatutos gerais”. Mas o aspecto mais grave a seus olhos era representado pelas decisões tomadas naquela ocasião, que estavam “em aberta contradição com os princípios da nossa Associação”; por isso ele lamentava o fato de estar em desacordo com seu interlocutor já a partir da primeira correspondência (PALLADINO *apud* DEL BO, 1964, p. 60). Cafiero, por sua parte, destacava a “agitação” que havia provocado “esta bendita conferência”: “considerou-se aquela regra IX como uma transação do 3º *Considerando* dos nossos *Estatutos*. A ideia de um partido político, embora oposto aos partidos burgueses, escandalizou e gritou-se à traição” (CAFIERO *apud* DEL BO, 1964, p. 75). No entanto, embora Cafiero destacasse como esta resolução frustrava o precioso trabalho de propaganda realizado no Congresso de Roma, aproximando os

---

95 O próprio *pugliese*, na carta a Engels de 29 de novembro, afirmava ser “um racionalista materialista [...]”. E esta é a razão que me conduziu entre as fileiras do proletariado” (*apud* DEL BO, 1964).

96 Palladino, que por enquanto era o único entre os jovens internacionalistas napolitanos a estar em contato com Bakunin, recebeu uma outra carta do russo no dia 11 de novembro. Cf. NETTLAU (1928, p. 282).

97 Palladino escreveu no dia 13 de novembro uma carta a Engels com anexo um detalhado histórico da seção da AIT de Nápoles; Cafiero escreveu ao amigo no dia 17 de novembro, pedindo também um exemplar do *Capital* de Marx. As cartas foram enviadas significativamente juntas ao socialista alemão e encontram-se em DEL BO (1964).

internacionalistas dos mazzinianos, ele declarava-se inclinado a evitar “dissensões e cisões”. De qualquer forma, o protesto dos napolitanos contra as decisões da Conferência de Londres foi levado a cabo independentemente da influência de Bakunin, que soube dos resultados de Londres apenas no dia 20 de novembro (cf. GUILLAUME, 2004, vol. II), começando em seguida uma densa correspondência com os internacionalistas da península. Portanto, as cartas de Palladino e Cafiero representaram a primeira tomada de posição autônoma, em um sentido claramente abstencionista, dos italianos contra o Conselho Geral da AIT.

Bakunin, por sua vez, continuava sua frenética atividade de propaganda a nível internacional, como mostram seus diários, o que envolvia, além da Itália, a Espanha e a região suíça do Jura (cf. *idem*). Foi justamente no âmbito do internacionalismo suíço que ocorreu a virada decisiva contra o Conselho Geral: no dia 12 de novembro de 1871, de fato, foi criada em Sonvilier a nova *Fédération Jurassienne*, dissidente em relação às decisões aprovadas na Conferência de Londres. O resultado principal deste congresso foi uma circular na qual se analisavam as razões do conflito e propunha-se a convocação de um Congresso Geral da futura Internacional antiautoritária. O texto da “*Circulaire de Sonvilier*”, que Bakunin apressou-se a divulgar na Itália, marcou a primeira grande cisão do socialismo na Europa: “ela representa, na história do movimento socialista, a declarada ruptura da Primeira Internacional e o nascimento do movimento anarquista” (ROMANO, 1954, vol. II, p. 189). Nela, os internacionalistas suíços declaravam dissolvido o Conselho Geral e contestavam a validade em si da Conferência londrina, acusavam os membros do CG de ter monopolizado a vontade da assembleia, mas sobretudo condenavam as decisões ali tomadas, tachadas de “autoritarismo”. O problema principal para eles era a transformação da Internacional em um partido político e do Conselho Geral em uma nova classe dirigente, fato que uma simples conferência – além do mais, de caráter privado – nunca teria podido, conforme os *Estatutos*, aprovar. No texto emergiam as preocupações daqueles que podem ser considerados os primeiros anarquistas do socialismo europeu, com a chamada “coerência entre meios e fins”: eles queriam uma sociedade livre e igualitária, assim como previam os princípios da AIT, e por isso não podiam aceitar que a Internacional se tornasse uma associação dirigida hierárquica e burocraticamente<sup>98</sup>.

---

98 Embora Bakunin não tivesse colaborado na organização do congresso suíço, nem na redação da circular, que foi escrita por James Guillaume, é evidente a influência teórica por ele exercida sobre os internacionalistas jurassianos. De fato, o russo, já na primavera de 1871, havia visitado o vale de Saint-Imier e realizado três conferências em Sonvilier, cf. THOMANN (1947). Para uma análise detalhada dos embates dentro da AIT ver a brilhante introdução de Giampietro Berti ao volume de GUILLAUME (2004).



O CG, portanto, foi forçado a contrastar logo esta onda de dissidência. Engels respondeu à carta de Palladino com uma correspondência breve e formal (23 de novembro), na qual confirmava a validade das decisões de Londres, que objetivavam esclarecer o verdadeiro conteúdo das resoluções aprovadas nos congressos anteriores, “pouco ou por nada conhecidas pelas seções e pelos membros recentes” (ENGELS *apud* DEL BO, 1964, p. 78)<sup>99</sup>. No ambiente do internacionalismo napolitano, onde se esperava por parte do CG uma certa compreensão para a perseguições governamentais sofridas e uma orientação para organizar novamente a seção, a resposta de Engels “deve ter tido um efeito desastroso para o prestígio do Conselho Geral, favorecendo a atuação de Bakunin e dos jurassianos” (MASINI, 1965, p. 12)<sup>100</sup>. Uma primeira confirmação desta insatisfação é a longa carta de Cafiero a Engels (27 de novembro), na qual ele, após de ter descrito minuciosamente o grande trabalho de organização e propaganda que estava sendo levado a cabo em Nápoles, voltava a criticar a IX Resolução que “está nos criando embaraços de todos os tipos” e informava que “a constituição da Int. em partido político (embora oposto e adverso etc.) foi muito mal entendida” (CAFIERO *apud* DEL BO, 1964, p. 91)<sup>101</sup>. Estava claro que a obra de persuasão realizada entre os mazzinianos para convencê-los da prioridade da questão econômica foi contradita repentinamente pela decisão do CG acerca da necessidade do partido e da ação política. Cafiero lançou assim uma segunda advertência ao amigo alemão, declarando-se forçado a unir-se a quem rejeitava a resolução de Londres.

Após a adesão à AIT de algumas sociedades operárias da região Romagna, onde a presença do garibaldismo era ainda forte, Bakunin conseguiu, no começo de dezembro, entrar em contato com os expoentes principais do movimento local, entre os quais Celso Ceretti e Erminio Pescatori<sup>102</sup>. Com uma *Lettera agli internazionalisti di Bologna* [Carta aos

99 Volta aqui, mais uma vez, a questão da tradução francesa dos *Estatutos* e de suas implicações. Na verdade, como vimos na apostila final do opúsculo contra Mazzini, os napolitanos conheciam bem a formulação original do 3º *Considerando*.

100 NETTLAU (1928, p. 268-272) afirma que Engels escreveu também a Cafiero uma longa carta que foi perdida.

101 Na carta, Cafiero informava Engels da tentativa de transformar o periódico *Il Motto d'Ordine* em sentido internacionalista, do exitoso trabalho de propaganda no campo e da formação de um comitê feminino promotor da AIT em Nápoles. Além disso, comunicava-lhe a intenção de promover “a Conferederação italiana de todos os núcleos e seções da Internacional na Itália” (*idem*, p. 91).

102 Já no mês de setembro as sociedades operárias de Ravenna haviam aderido à Internacional, enquanto entre outubro e novembro novas seções da AIT surgiram na Romagna e na cidade de Bolonha. A carta de Bakunin a Ceretti e Pescatori, redigida nos dias 2-8 de dezembro, foi perdida. V. NETTLAU (1928) e SOZZI (1978). Celso Ceretti (1844-1909): voluntário garibaldino nas guerras de independências italianas, aderiu à AIT em 1871 participando na primeira fase de sua difusão no país. Erminio Pescatori (1836-1905): militante nos ambientes democráticos e republicanos em Bolonha. Pescatori contribuiu na criação do seção internacionalista local, permanecendo sobre posições moderadas que o

internacionalistas de Bolonha], Bakunin os advertia que “acabou de ser declarada guerra ao Conselho Geral” e reafirmava os conceitos-chave do seu pensamento. Federalismo, autonomia, solidariedade operária internacional, antiautoritarismo, abolição do Estado, eram palavras de ordem a ser usadas tanto contra Mazzini quanto contra Marx. A assembleia de Londres era chamada de “golpe de estado” e suas resoluções – as quais atribuíram um “direito ditatorial” ao CG – “penosas”. O texto concluía-se de forma peremptória: “haverá a morte da Internacional, se nós não emitirmos um protesto universal [...], se nós não declararmos nulas a conferência de Londres e todas suas resoluções, e se nós não forcarmos o Conselho geral a voltar dentro dos limites que lhe são impostos por estes estatutos” (BAKUNIN, 1989-2009, vol. II, p. 141). Neste momento, Engels, já informado da dissidência interna pelas cartas que vinham de Nápoles e, sobretudo, pela *Circulaire de Sonvilier*, decidiu contra-atacar, denunciando, pela primeira vez em público, a atuação e as ideias de Bakunin. Não por acaso, o alemão resolveu fazer isso enviando a vários periódicos italianos uma carta em que, tomando a pretexto uma publicação de Mazzini, acusava o russo de querer substituir o programa da Internacional pelo seu programa “estreito e sectário”<sup>103</sup>. Isto levou Bakunin, até agora empenhado principalmente na luta ideológica contra os mazzinianos, a dedicar-se ao confronto com o Conselho Geral. Na primeira quinzena de dezembro, como demonstram seus diários, ele literalmente “inundou” os companheiros italianos com uma densa correspondência, “para explicar aos amigos o verdadeiro significado do nosso conflito com Londres e trazer do nosso lado os amigos” (BAKUNIN *apud* NETTLAU, 1928, p. 287)<sup>104</sup>. A hiperatividade de Bakunin chamou a atenção da polícia e até do chefe do governo Giovanni Lanza, o qual informou o Ministro do Exterior (20 de dezembro) que “o célebre agitador socialista Bakunin” de Locarno “corresponde sob o pseudônimo de Silvio com os aderentes da Internacional espalhados nas diferentes províncias italianas”<sup>105</sup>.

Entre estas cartas, duas revelam-se particularmente significativas: ambas foram redigidas no dia 15 de dezembro e estavam destinadas ao *romagnolo* Celso Ceretti e à redação do *Gazzettino Rosa* de Milão. A relevância destes documentos é dada não apenas pelo seu conteúdo, mas também pela localização geográfica de seus destinatários, em um momento em que o nascente movimento internacionalista italiano, ainda fraco e maleável de um ponto de

---

levaram a afastar-se logo do movimento.

103 O documento, redigido no dia 5 de dezembro, foi publicado no *La Plebe* (12 de dezembro) e no *La Roma del Popolo* (21 de dezembro).

104 Carta de Bakunin a Nikolai Jukovsky, de 18 de dezembro de 1871.

105 A comunicação encontra-se entre os documentos diplomáticos italianos (1960 - 2000, vol. III, p. 274).

vista ideológico, podia ser facilmente influenciado, de um lado ou de outro. Milão, a principal cidade industrial da Itália do norte, e a Romagna, região historicamente sensível às temáticas socialistas, representavam, portanto, dois polos geográficos fundamentais a serem conquistados. O russo definia a *Circulaire de Sonvilier* como “um solene protesto em nome da liberdade” e afirmava que “a Internacional não admite um dogma ortodoxo, nem uma teoria oficial, nem governo central. Ela está fundamentada na autonomia, no desenvolvimento espontâneo, na liberdade das opiniões, na livre federação das associações operárias” (BAKUNIN, 1989-2009, vol. II, p. 156). Com estas correspondências<sup>106</sup>, em que Bakunin reafirmava seu ideal anarquista e dava sugestões semelhantes àsquelas das cartas anteriores, o russo deu o golpe decisivo para a orientação ideológica das novas seções da Internacional que estavam surgindo na Itália, as quais na maioria mantiveram uma postura crítica em relação ao CG.

O próprio Cafiero estava percorrendo, embora a partir de pressupostos diferentes e sem se comunicar diretamente com Bakunin, um caminho semelhante: como vimos, ele já havia entrado em contato com os primeiros núcleos internacionalistas de Florença, Agrigento, Turim e Milão, e agora estava prestes a começar a guerra, pessoal e coletiva, contra Friedrich Engels. De fato, foi com uma longuíssima carta de Cafiero ao alemão que se tornou evidente o fim das relações entre os napolitanos e o Conselho Geral. A redação desta correspondência começou no 29 de novembro (dia em que Cafiero recebeu a resposta de Engels a ele e a Palladino), foi em seguida interrompida e por fim terminada entre os dias 19 e 23 de dezembro. Nela Cafiero se declarava amargurado por ser constrangido a tornar público o rompimento das relações e informava ao socialista alemão que o opúsculo difundido no congresso mazziniano de Roma, que ele mesmo havia elogiado na carta anterior, era obra de Bakunin. O italiano defendia a atitude do amigo russo, sobretudo em relação à luta ideológica contra os mazzinianos: embora Cafiero reconhecesse a natureza rude de Bakunin, destacava a utilidade do papel por ele desempenhado na primeira fase de difusão da Internacional na Itália. Por esta razão, Cafiero criticou duramente a publicação da carta de Engels contra Bakunin, que julgava “um ato eminentemente impolítico” em “uma batalha que não se pode calcular como acabará” (CAFIERO *apud* DEL BO, 1964, p. 98).

Mesmo usando um tom cordial, o jovem internacionalista explicitou mais uma vez as razões da dissensão: a IX Resolução “é e sempre será nosso ponto vulnerável” (*idem*, p.

---

106 Ambas as cartas encontram-se em BAKUNIN (1989-2009, vol. II). Bakunin enviou uma terceira carta, perdida, a Palladino, no dia 15 de dezembro, cf. NETTLAU (1928, p. 290)

95). Ele confirmava o abstencionismo político do grupo partenopeu – que entretanto havia recebido a *Circulaire de Sonvilier* –, e confessava ao amigo ter feito tudo aquilo que podia para evitar contrastes e cisões no grupo, conseguindo acalmar os dissidentes. De fato, no dia 20 de dezembro Cafiero publicara no *Gazzettino Rosa* o artigo “*L'Internazionale*” [A Internacional] em que, retomando uma ambígua declaração dos internacionalistas espanhóis, tentou afirmar o acordo entre o abstencionismo dos napolitanos e as posições do CG<sup>107</sup>. Mas agora, após o recebimento das resoluções de Londres, afirmava escutar “ruídos surdos chegarem de Genebra, indícios de uma próxima borrasca” (*idem*, p. 98). O dissidente mais convencido era Palladino, o qual “seguiria Bakunin até contra nós e contra qualquer um”; Cafiero, ao contrário, esclarecia sua posição através de uma declaração em que considerava seu internacionalismo anarquista como uma fase avançada do racionalismo.

[...] eu sou apenas um racionalista materialista; mas meu materialismo, socialismo, revolucionarismo, anarquismo, e tudo aquilo que poderá nos dar, em futuro, o desenvolvimento contínuo do pensamento e que eu aceitarei racionalmente, não podem ser, para mim, mais que modalidades eminentemente subjetivas ao desenvolvimento racional. Eu sou e serei racionalista, eis tudo. E esta é a razão que me conduziu entre as fileiras do proletariado, e que nunca deixará de me orientar através da série infinita das suas extrinsecasões. (*idem*)

Na carta, uma das últimas entre Cafiero e Engels, o italiano comunicava, por fim, a futura criação da *Federazione Operaia Napoletana* [Federação Operária Napolitana] e de seu órgão de imprensa *La Campana* [O Sino]. De fato, já ao começo de dezembro o chefe da polícia de Nápoles assinalava a “tenacidade” de Palladino, Cafiero e Malatesta na propaganda internacionalista e sua tentativa de organizar a nova seção segundo as artes e os ofícios<sup>108</sup>. A federação estava pronta para estreiar e a viagem para Nápoles do ex-communard Antoine Rocher, que em fevereiro de 1872 realizou varias conferências na sede da AIT local, confirmava o ativismo dos jovens partenopeus. No dia 23 de dezembro a polícia informava da criação da FON, ligada à Internacional e formada por cerca de cinquenta operários; Cafiero

107 Os espanhóis, embora predicassem o abstecionismo, afirmavam a necessidade de uma política verdadeiramente operária e do sufrágio universal. Na última carta de Cafiero a Engels (junho de 1872), ele esclareceu que, ao entender a declaração espanhola de acordo com a IX Resolução, havia caído em um grave equívoco. O artigo de Cafiero no *Gazzettino Rosa* foi notado também por Bakunin, que o comentou com os amigos de Milão. Cf. NETTLAU (1928, p. 292).

108 Comunicações ao *Prefetto* dos dias 17 de novembro e 13 de dezembro de 1871, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 61. Devido à falta de novos membros de diferentes profissões, os internacionalistas resolveram criar uma União mista.

era indicado como o principal organizador desta iniciativa<sup>109</sup>. O folheto impresso que anunciou a constituição da nova associação, elencando os princípios por ela propalados, é muito significativo por vários motivos. Em primeiro lugar assinalava, apesar da ascendência claramente bakuninista do grupo, a fidelidade dos internacionalistas napolitanos aos ideais da AIT, cujos princípios eram resumidos em pelo menos três dos sete pontos divulgados pela FON<sup>110</sup>. Por outro lado, a presença do russo era testemunhada pelo apelo ao coletivismo, ao espontaneísmo, à organização livre e autônoma dos trabalhadores (“debaixo para cima”). Todavia, era também evidente a preocupação do grupo partenopeu com a repressão policial e governamental, que nos últimos dois anos havia dissolvido a seção duas vezes. Por esta razão, no documento não apareciam termos como “socialista” ou “internacionalista”, e o programa da FON, assinado por nove delegados (entre os quais Cafiero) e pelo secretário federal Errico Malatesta, resultava genérico e bastante moderado, tendo como único escopo a “Emancipação do Proletariado” (cf. ROMANO, 1954, vol. II e NETTLAU, 1928).

Mas Cafiero, antes de dedicar-se de “corpo e alma” nas atividades da federação e da revista, havia ainda algumas pendências a resolver: a *primeria* dizia respeito à organização de um congresso que estava sendo levado a cabo por diferentes entidades em diferentes direções. De fato, nos últimos meses de 1871 tiveram propostas para um congresso maçônico, democrático (Ceretti) e racionalista (Stefanoni), que Garibaldi estava tentando juntar em uma assembleia única<sup>111</sup>. A intenção de Cafiero e seus companheiros era a de intervir no debate para tentar orientar em sentido internacionalista o futuro congresso e declará-lo “Primeiro Congresso nacional italiano da Associação Internacional dos Trabalhadores”. Foi por esta razão que ele escreveu a Luigi Castellazzo – um dos primeiros socialistas que ele havia conhecido em Florença e que agora estava em contato com as correntes democrática e racionalista – uma carta em que tentava pressioná-lo para encontrar um acordo com as outras componentes do movimento. Cafiero, que estava ainda esperando a decisão da justiça em relação à prisão de agosto de 1871, lamentava a lentidão do processo, chamando os investigadores de “pobres idiotas”. No entanto, ao confessar que seu “tempo está inteiramente absorvido pelo grave trabalho de organização do proletariado italiano em [...] grande armada

---

109 Comunicação no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 61.

110 A mesma fraseologia utilizada no documento traduzia conhecidas expressões internacionalistas como “Nessun dritto senza dovere – Nessun dovere senza dritto” [Nenhum direito sem dever – Nenhum dever sem direito]. O folheto impresso encontra-se no ASBO, *Processo Costa*, série 2638, busta V e no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 108.

111 Cf. CONTI, 1950 e *Il Libero Pensiero* (1871).

internacional de deserdados e oprimidos” (CAFIERO *apud* CONTI, 1950. p. 258), ele mostrava não estar muito preocupado com o resultado do processo, que de fato não teve consequências relevantes.

A última questão em aberto dizia respeito à luta ideológica contra o movimento racionalista liderado por Stefanoni, que como vimos havia chegado a um ponto crítico. O episódio decisivo foi representado pela criação da *Società Universale dei Razionalisti*, cujo regulamento e cuja estrutura organizacional denotavam a concepção ambígua e moderada de seu fundador, a qual incomodou alguns internacionalistas<sup>112</sup>. Após um artigo no *Libero Pensiero* (27 de novembro de 1871) em que Stefanoni respondeu às críticas do diretor do *Gazzettino Rosa* Achille Bizzoni, Cafiero resolveu explicitar o fim das relações com o movimento racionalista enviando uma carta ao amigo de Florença (30 de dezembro). Nela Cafiero confirmava a confusão ideológica de Stefanoni e declarava-se convencido que “entre nós não pode ter que guerra aberta e completa” (CAFIERO *apud* VERACINI, 1972, p. 202), dando início, de fato, a uma polêmica destinada a continuar na revista napolitana *La Campana*.

A difusão da ideia internacionalista, além da criação da FON, obteve seus primeiros sucessos em Bolonha e Florença, com o nascimento entre o fim de novembro de 1871 e o começo de janeiro de 1872 das sociedades do *Fascio Operaio*, e em Milão, onde foi criado o *Circolo Operaio di emancipazione del proletariato* [Círculo Operário de emancipação do proletariado], no qual atuava Vincenzo Pezza<sup>113</sup>. Este último em particular, que aceitou e difundiu a *Circulaire de Sonvilier*, era um sintoma da influência bakuninista na península, a qual estava gradualmente bloqueando a atuação de Mazzini, dos racionalistas e do Conselho Geral da AIT<sup>114</sup>. A outra área historicamente importante foi a Emilia-Romagna, na qual, graças aos contatos entre Bakunin e Lodovico Nabruzzi<sup>115</sup>, as sociedades operárias de

---

112 Foi sobretudo a regra segundo a qual a Sociedade tinha o direito de reivindicar as propriedades de terra dos membros, após sua morte, o que provocou as críticas a Stefanoni. Além disso, a sociedade, que previa uma organização interna de tipo hierárquico, pretendia falar em nome da Internacional, fato que tornou o confronto ainda mais relevante para os membros da AIT.

113 Vincenzo Pezza (1841-1873): expoente milanês do primeiro internacionalismo italiano, colaborou com o *Gazzettino Rosa* desde 1867, contribuindo na separação ideológica dos mazzinianos e dos democráticos. Em outubro de 1871 conheceu Bakunin em Locarno e a partir de então se consagrou à causa do internacionalismo anarquista, fundando e dirigindo tanto o Círculo Operário quanto o periódico *Il Martello* [O Martelo]. Pezza morreu de tísica com apenas 31 anos. Cf. ROMANO (1954, vol. II) e ZANGHERI (1993, vol. I).

114 Nos primeiros meses de 1872 novas seções ligadas à Internacional surgiram nas cidades de Roma, Livorno, Veneza, Ferrara, Mantova, Rimini, Catania, Messina e Genova. Conforme ROMANO (1954, vol. II, p. 215) - o número total de seções era já nesta época superior a 100.

115 Lodovico Nabruzzi (1846-1920): partiu de posições garibaldinas e mazzinianas para depois aderir à

Ravenna assinaram, no dia 1º de janeiro de 1872, um *Patto di Fratellanza* [Pacto de Fraternidade] com que constituíram-se em seção da Internacional. Mas a cidade cultural e numericamente mais relevante da região era sem dúvida Bolonha onde graças à iniciativa de Pescatori foi criado o *Fascio Operaio* local, ligado à Internacional. Era neste ambiente, em que agora Bakunin resolveu focar sua atenção, que estava emergindo a figura de um jovem brilhante e determinado: tratava-se de Andrea Costa.

### 1.3 Andrea Costa e *Il Fascio Operaio*

Andrea Costa nasceu em Ímola no dia 30 de novembro de 1851, na região Emilia-Romagna, a poucos quilômetros de Bolonha: uma zona predominantemente agrícola, densamente povoada por trabalhadores sazonais. A família, de origens modestas e costumes bastante religiosos, esperava que o filho começasse a carreira eclesiástica, mas Andrea resolveu frequentar as escolas em Bolonha, onde pôde ampliar seus interesses e seus horizontes políticos. O ambiente de Ímola, embora naqueles anos fosse “um centro de mazzinismo e garibaldismo avançado” (ZANGHERI, 1988, p. 101), começava a aparecer estreito demais ao exuberante Costa, que procurava satisfazer seu anticonformismo. É oportuno, aqui, destacar brevemente a diferente composição social e econômica das áreas de origem desses três protagonistas. Em um país como a Itália da primeira década pós-unificação, onde a presença de um capitalismo de fábrica era ainda pouco difundida, eram de importância fundamental as diferentes características da agricultura nacional. No Sul, região nativa de Cafiero e Malatesta, a economia agrícola estava ainda baseada em modalidades quase medievais de organização, com a presença generalizada do latifúndio e a ausência quase total da pequena propriedade. No Norte e no Centro-Norte, ao contrário, esta sendo a região de origem de Andrea Costa, estavam caracterizadas principalmente pelo capitalismo agrário clássico (pecuária e cerealicultura), com a presença de médias e grandes empresas, assim como da pequena propriedade, em uma situação em que já havia começado uma “crise das relações sociais na agricultura” (MONTI, 1998, p. 30) e onde se afirmava a figura do operário agrícola. Se excluirmos as duas únicas grandes cidades do Sul, ou seja, Nápoles e Palermo,

---

Internacional e participar ativamente da sua atividade pública até 1876. Após um período de dissidência com a linha anarquista da Internacional italiana, terminou sua “carreira” de militante entre as fileiras do movimento, perto do amigo Errico Malatesta.

temos que registrar, portanto, a grande disparidade de condição entre o trabalhador rural meridional, o “camponês sem-terra”, e o proletário agrícola do Centro-Norte<sup>116</sup>.

Foi observado por parte do principal biógrafo de Costa que a a grande influência em sua primeira fase de amadurecimento intelectual foram as convicções materialistas<sup>117</sup>. De fato, também no caso de Costa e da região da Emilia-Romagna, o racionalismo e o ateísmo representaram um ponto de partida imprescindível para aqueles jovens que se aproximavam do movimento socialista. Conforme escreveu o próprio Costa, “a transformação da nossa consciência começou [...] pela parte religiosa, pelo fenômeno religioso. O materialismo na concepção da vida conduzia ao materialismo na concepção econômica e política” (COSTA, 1952, p. 321). Além disso, Bolonha havia sido há séculos o maior centro cultural do Estado pontifício e, conseqüentemente, o lugar onde se concentraram “as principais tensões contra o poder temporal da Igreja, o autoritarismo do Estado e as injustiças sociais” (GALASSI, 1989, p. 39). Nas belas páginas autobiográficas escritas por Gaetano Darchini, concidadão e amigo de juventude de Costa, ele descreveu perfeitamente o clima de efervescência política que se vivia na pequena cidade *romagnola* (chamada de “Maniacopoli”) no período pos-unitário. Ali ocorria a luta “incessante e violenta” entre o partido republicano e o monárquico, entre as tradições conservadoras e religiosas e ao mesmo tempo entre a presença viva do garibaldismo e os sentimentos anticlericais (DARCHINI, 1952, p. 235).

O jovem Costa, portanto, começou sua “primeira rebelião [...] na família” e já com 14 anos tentou entrar, sem êxito, nas brigadas de Garibaldi, então empenhadas na Terceira Guerra de Independência italiana contra os austríacos. Depois de um breve parêntese de trabalho como funcionário em uma companhia de seguros, Costa ingressou na Universidade de Bolonha, matriculando-se inicialmente como ouvinte na Faculdade de Direito para o ano letivo 1869-1870<sup>118</sup>. O ambiente bolonhese foi decisivo para seu

---

116 De forma mais geral, sobre as condições industriais e agrícolas da Itália pós-unificação, ver SERENI (1966 e 1980), MERLI (1972), ROMEO (1974) e GRAMSCI (1975).

117 Neste sentido, é relevante a indicação biográfica que enfatiza a importância da leitura, por parte de Costa, de um texto muito difundido nos ambientes racionalistas europeus da época: *Kraft und Stoff* [Força e Matéria] de Ludwig Buchner. Buchner (1824-1899), filósofo alemão, ficou conhecido justamente graças a este trabalho, que na Itália foi traduzido por Luigi Stefanoni, no qual apresentava os princípios de seu materialismo evolucionista. Cf. ZANGHERI (1993, vol. I, p. 341).

118 No site do Arquivo Histórico da Universidade de Bolonha está presente a pasta digital sobre Andrea Costa (<http://goo.gl/r7abZY>), onde é informado seu pedido de inscrição, datado de 30 de outubro de 1869, como ouvinte na Faculdade de Direito. LIPPARINI (1977, p. 24) informa que Costa teria pedido naquele ano um subsídio para seus estudos à Prefeitura de Ímola, que lhe foi negado. A inscrição oficial de Costa na Universidade de Bolonha teve lugar no dia 15 de novembro de 1870, desta vez na Faculdade de Letras.



amadurecimento intelectual e político: partido de Ímola com escassos recursos econômicos<sup>119</sup>, Andrea teve como professor universitário o ilustre Giosuè Carducci<sup>120</sup>, que foi o primeiro responsável por esta sua evolução. Carducci, de fato, era uma das figuras mais influentes nos círculos culturais de Bolonha daquela época, nos quais professava seu anticlericalismo e republicanismo popular, fascinando as novas gerações com seus poemas imbuídos de lirismo político e crítica social. Estes elementos, junto com o marcado patriotismo do poeta, vaga e confusamente socialista – como o grande mestre Garibaldi –, capturaram a atenção do jovem e ainda maleável Costa.

Todavia, foi em um período de intenso idealismo que Costa começou a perceber as desigualdades presentes na sociedade: neste sentido a visão das difíceis condições de um verdadeiro proletariado urbano, como o de Bolonha, o estimulou a procurar uma referência cultural e política capaz de atender as exigências da sua alma inquieta. Por outro lado, o exemplo da Comuna de Paris, da potencialidade revolucionária de um povo em revolta, e o grande debate que se fazia nos jornais democráticos não deixaram indiferente o *imolese*, que estava descobrindo aos poucos os princípios e a atividade da Associação Internacional dos Trabalhadores. No entanto, Costa nunca conseguiu afastar-se definitivamente de sua cidade natal, como demonstra sua participação nas principais manifestações políticas organizadas em Ímola entre 1870 e o começo de 1871<sup>121</sup>. Além disso, a biblioteca municipal lhe permitia satisfazer sua sede de conhecimento: entre junho de 1871 e janeiro de 1872 ele frequentou a biblioteca de Ímola praticamente todos os dias, passando aí dias inteiros<sup>122</sup>. Entre as leituras havia alguns clássicos italianos mas também autores estrangeiros: o teatro de Molière e Shakespeare, Goethe, e os mais políticos Rousseau, Guillaume e Proudhon. Ao contrário, a componente que está ausente deste seu inicial processo de formação cultural e ideológica – de cunho humanístico – é certamente o mazzinismo, sobretudo depois que o velho

---

119 O *imolese* Romeo Galli escreveu que naquela época Andrea “teve, mais de uma vez, para economizar, que percorrer a pé os 35 quilômetros que separam Ímola de Bolonha, trazendo com ele, em um pacote, o pão da ciência e o pão indispensável para a nutrição do corpo” (*apud* AA. VV., 1910, p. 8).

120 Giosuè Carducci (1835-1907): brilhante poeta *risorgimentale*, filólogo do Renascimento italiano e simpatizante socialista, Carducci foi professor de Literatura Italiana na Universidade de Bolonha de 1860 até 1904.

121 Em novembro de 1870, Costa assistiu a um *meeting* republicano organizado para comemorar a derrota do Estado pontifício e o fim do poder temporal da Igreja, enquanto em abril de 1871 foram difundidos em Ímola folhentos que aplaudiam à Comuna de Paris. V. TABANELLI (1992).

122 As entradas e as saídas de Costa estão gravadas nos arquivos da biblioteca. Esta visitação continuou no ano de 1872 e terminou nos primeiros meses de 1873, quando provavelmente abandonou a Universidade. Cf. BERSELLI (1982).

revolucionário havia criticado publicamente a Comuna e a Internacional<sup>123</sup>. É o próprio Costa a confirmar esta hipótese quando afirma que “nós não podíamos ser mazzinianos, nem sequer republicanos”, até porque naquela região os partidários de Mazzini “haviam herdado (de quem?) um jacobinismo vulgar” e eram “autoritários, intolerantes, ignorantes” (COSTA, 1952, p. 321).

Ao mesmo tempo, o apelo de Garibaldi para que os jovens e os operários aderissem à AIT contribuiu grandemente tanto no afastamento dos ideais teológicos de Mazzini quanto no desenvolvimento de uma primordial consciência e solidariedade internacional entre os proletários<sup>124</sup>. Foi justamente nesta fase de difusão e definição teórica da AIT na Itália, como já vimos, que Bakunin tentou intervir, entrando em correspondência com os primeiros organizadores socialistas da região<sup>125</sup>. Nas cartas trocadas neste período, Bakunin mostrou ter entendido a peculiaridade ideológica dessas figuras e – consciente da relevância da figura de Garibaldi entre os internacionalistas da Emilia-Romagna e de sua antipatia para os ideólogos – evitou condenar severamente o socialismo ambíguo do general italiano. Não é por acaso que como primeiro sócio do *Fascio Operaio* de Bolonha, criado no 27 de novembro de 1871 com a participação de 185 operários, estudantes e ex-soldados, fosse nominado o próprio Garibaldi. A assembleia, da qual Costa não participou, aprovou um apelo e um estatuto muito complexo e elaborado, que por um lado iam além dos simples princípios declarados em Nápoles quando da criação da FON, e por outro denotavam alguns limites “democráticos” na afiliação à Internacional. Os bolonheses, assim como os napolitanos, organizaram a sociedade segundo as artes e os ofícios, declararam a emancipação do proletariado como unico escopo, proclamaram a preminência da questão social e propunham a mútua solidariedade entre os trabalhadores.

Mas no manifesto e no estatuto aprovados na assembleia<sup>126</sup> não havia nenhuma referência à propriedade coletiva da terra e dos meios de produção, assim como a terminologia utilizada assinalava a persistência de uma ligação ainda forte com a tradição

---

123 Não é um caso que em novembro de 1871 foi enviada de Ímola uma carta a Mazzini, em que um grupo de operários declarava abandonar as ideias do mestre e abraçar os princípios do ateísmo, do materialismo e da emancipação do proletariado. V. SOZZI (1978, p. 112-113)

124 O apelo de Garibaldi foi publicado no *L'Eguaglianza* (17 de setembro). Em outras cartas aos periódicos italianos o general mostrou também seu descontentamento com certas atitudes autoritárias do Conselho Geral da AIT.

125 É oportuno assinalar que já em meados de 1871 Celso Ceretti havia criado na região uma Associação Republicana e Anticatólica que se aproximou gradualmente da Internacional.

126 O manifesto foi publicado no *La Favilla* (6 de dezembro) e no *L'Eguaglianza* (10 de dezembro), enquanto o Estatuto da associação saiu no *Fascio Operaio* (3 de janeiro de 1872).

democrática do *Risorgimento*, garibaldina e mazziniana em particular. Os bolonheses declararam respeitar a família e a propriedade privada e recusar o uso de qualquer tipo de violência para efetivar seus propósitos, denotando, como já foi destacado, um “altíssimo e até rígido senso de moralidade” (GALASSI, 1989, p. 58)<sup>127</sup>. Foi aprovado também o logotipo da associação, de clara derivação maçônica, e a criação do seu homônimo órgão de imprensa, cujo primeiro exemplar foi lançado no dia 27 de dezembro de 1871. Foi justamente nas primeiras edições do periódico que o grupo dirigente do *Fascio Operaio* esclareceu sua posição política e ideológica: por um lado, eles declararam não estar afiliados a “qualquer comitê de Londres ou de outros países”, em uma clara referência à polêmica entre os bakuninistas e o CG; por outro, juntavam-se a Garibaldi ao afirmar que “a abolição da propriedade e da renda é um roubo – a destruição da família é um delito”<sup>128</sup>. De qualquer forma, foi neste clima de indefinição teórica que surgiram os *Fasci Operai* nas diferentes cidades da região, afiliando-se contemporaneamente à seção de Bolonha e à Internacional: a adesão do *Fascio Operaio* de Ímola, que se constituiu no final de 1871 e do qual já participava Andrea Costa, foi comunicada com uma carta ao jornal no dia 4 de janeiro de 1872.

A revista da sociedade bolonhesa refletia em boa parte a perspectiva do grupo dirigente, focando seu interesse na questão econômica e social e ignorando os discursos mais radicais sobre a abolição do Estado, das classes e da propriedade privada. Tratava-se de um socialismo moderado, com um traço de moralidade muito marcado, que fazia constantemente referência às ideias de Garibaldi: de fato, as aventuras do general na Europa e na América Latina, sua vocação para um solidarismo humanitário internacional, haviam se tornado um modelo para os patriotas e os revolucionários da Itália<sup>129</sup>. Mas agora seus confusos ideais socialistas estavam sendo questionados não apenas pela realidade dos fatos – como demonstrava a dificuldade em levar a cabo a proposta de concentração das forças democráticas em colaboração com o movimento racionalista de Stefanoni<sup>130</sup> – mas também de um ponto de vista teórico, graças à intervenção de Bakunin. No dia 3 de janeiro o *Fascio Operaio* publicou uma carta do general a Celso Ceretti, em que ele confirmava sua adesão à

---

127 SOZZI (1978) sublinhou também as divergências entre o estatuto aprovado pelo *Fascio Operaio* de Bolonha, que reivindicava a autonomia em relação à Internacional, e aquilo adotado pelas seções internacionalistas de Ravenna que, ao contrário, mantinham-se fieis ao princípios da AIT.

128 Artigo “*Dichiarazione e protesta*” [Declaração e protesto] no *Fascio Operaio* (7 de janeiro de 1872).

129 Para aprofundar a contribuição de Garibaldi na história do socialismo, ver BRIGUGLIO (1982).

130 No dia 20 de fevereiro, com o envio de duas cartas a Ceretti e Stefanoni, Garibaldi adiou indefinidamente a proposta do congresso. Cf. SOZZI (1978).

Internacional, mas esclarecia que “acerca de Silvio [Bakunin] e do Conselho Geral, nós os seguiremos no que diz respeito à fraternidade humana. E acerca das ideias que estão longe do consentimento da maioria, nós nos manteremos na nossa autonomia”. Tornava-se evidente, portanto, a desconfiança de Garibaldi tanto em relação a certas atitudes autoritárias do CG quanto às teses mais radicais do russo.

Bakunin não perdeu tempo e redigiu no mesmo dia uma carta a Lodovico Nabruzzi com a qual continuou seu trabalho de propaganda e orientação ideológica dos novos companheiros italianos. Na carta, o russo expôs os princípios fundamentais de seu anarquismo – abolição do Estado, organização “debaixo para cima”, federalismo e coletivismo, fim da separação entre trabalho manual e intelectual etc. –, aproveitando a ocasião para esclarecer o ponto de divergência com o Conselho Geral da AIT, ou seja, a questão da abolição do direito de herança<sup>131</sup>. Mas foram principalmente as palavras utilizadas em relação a Garibaldi que revelaram a verdadeira motivação da carta:

Ninguém admira tão sinceramente e tão profundamente como eu o popular herói Garibaldi. [...] Mas deixe que eu lhe diga francamente: tudo aquilo que Garibaldi escreveu após [a Comuna] sobre a Internacional revela que ele não a entende e não a conhece. [...] Sua ideia fixa é a ditadura, e nada está tão oposto à revolução social quanto a ditadura. Todas suas ideias políticas [...], todos seus hábitos políticos o vinculam ao velho mundo, àquele que nos queremos destruir. (BAKUNIN, 1989-2009, vol. II, p. 218)

Bakunin havia entendido perfeitamente os limites da adesão do general italiano à Internacional e ao socialismo, e o perigo representado por algumas de suas convicções que iriam atrapalhar a batalha teórica contra Marx e Engels<sup>132</sup>. Por esta razão, ele convidou o amigo italiano a “romper com o passado” e “olhar para frente”. No entanto, o trabalho epistolar de Bakunin não conseguiu alcançar logo seu escopo, já que a reunião do *Fascio Operaio* do dia 14 de janeiro expressou a vontade de realizar o congresso democrático em Bolonha, com Garibaldi como presidente. Ainda em fevereiro, o primeiro meeting internacionalista romagnolo, em Ravenna, aprovou um documento muito moderado, que não queria “ofender as livres e particulares convicções filosóficas e religiósas” e que se focava

---

131 Para Bakunin, a abolição deste direito, assunto que foi longamente debatido no congresso da Internacional em Basileia (1869), era a “condição necessária” para alcançar os objetivos de igualdade, solidariedade e justiça que a AIT propunha. Ver NETTLAU (1928), PYZIUR (1955), MARX/ENGELS (1971) ARRÚ (1972), BAKUNIN (1989), MCLAUGHLIN (2002), ANGAUT (2007).

132 VETTER (2004) tentou mostrar a variação ao longo do tempo do conceito de ditadura em Garibaldi.

sobretudo na afirmação da liberdade de pensamento e de consciência<sup>133</sup>. De qualquer forma, Bakunin – que achava útil o congresso geral proposto por Garibaldi tanto para realizar um confronto teórico sadio que definisse a trajetória política da Internacional italiana, quanto porque representava uma ocasião de encontro para todos os socialistas revolucionários do país –, continuou sua correspondência com os companheiros da região, desta vez utilizando um tom mais conciliador em relação às outras componentes do movimento<sup>134</sup>. Por esta razão, na carta a Ceretti do dia 11 de fevereiro ele auspicava uma “*fusion fraternelle*” da pequena burguesia italiana, em particular daquela ativa no movimento do “livre pensamento”, com o proletariado, “*qui contient aujourd'hui tout l'avenir des nations*” (BAKUNIN *apud* ZANGHERI, 1993, vol. I, p. 297), e elogiava a atuação de Garibaldi em favor da Internacional e contra Mazzini.

Nos primeiros meses de 1872 a situação da AIT na Itália parecia estar largamente favorável à atuação e às intenções de Bakunin: a luta contra os mazzinianos se acelerava, ainda mais agora (10 de março) que seu líder Giuseppe Mazzini estava morto. As componentes democrática, racionalista e garibaldina, embora estivessem presentes no cenário do movimento internacionalista, pareciam não ter a influência e a solidez teórica suficientes para atrair as grandes massas e propagandar seus princípios entre elas. Por fim, a intensa batalha ideológica e pessoal contra Marx e Engels, destinada a eclodir dentro de poucos meses, era em grande parte desconhecida dos operários italianos e dos próprios partidários da AIT, deixando-lhe assim uma ampla margem de manobra. Agora, portanto, tornava-se necessário esclarecer nos detalhes seu próprio programa revolucionário, que devia ser divulgado com muita cautela no seio da associação e que estava voltado à criação de uma “sutil e envolvente rede de influências” (*idem*, p. 301). Bakunin fez isto em duas cartas, que toda a historiografia sobre o assunto julga fundamentais para compreender seu pensamento: aquelas destinadas aos internacionalistas Lodovico Nabruzzi e Celso Ceretti, respectivamente nos dias 23 de janeiro e 13 de março. A primeira carta revela o duplo nível de atuação exigido dos membros da Fraternidade<sup>135</sup>, indicando a necessidade de separar “aquilo que é obrigatório

---

133 ZANGHERI (1993, vol. I, p. 283) destaca também a importância da “reunião campestre, do encontro e do conhecimento alegre entre pessoas com o mesmo ideal, uma socialidade nova, que assumirá caracteres originais no movimento socialista italiano”.

134 É oportuno enfatizar como frequentemente Bakunin enviava a carta a uma pessoa só, pedindo que ela fosse retransmitida a todos os companheiros “íntimos” e, às vezes, divulgada mais amplamente.

135 Não é possível conhecer com precisão o nome dado por Bakunin às suas sociedades secretas, que na verdade foi uma só e que mudou de forma e de nome ao longo do tempo (Aliança da Democracia Socialista, Fraternidade Internacional, Y etc.).

para todas as seções daquilo que é facultativo”. “Nossas ideias”, afirmava o russo, “representam o sistema mais avançado entre todas aquelas que vivem no seio da Internacional, pois tendem à destruição radical e impiedosa do mundo social atual, tanto do ponto de vista econômico, quanto do ponto de vista religioso, metafísico, político, jurídico e civil” (BAKUNIN, 1989-2009, vol. II, p. 221). No entanto, “elas não são obrigatórias”, pois iriam criar uma seita, enquanto a AIT “aceita as ideias de todos e cria uma solidariedade universal prática”.

Bakunin, em seguida, lembrando que a única “base legal” da associação era representada pelos documentos congressuais, expunha sua própria interpretação do 3º *Considerando*, afirmando que “a Internacional rejeita qualquer política que não tenha como escopo imediato e direto a revolução econômica e social”. Ao lado destes argumentos mais teóricos, ele reafirmava um outro aspecto importante do seu anarquismo, isto é, o caráter impessoal da ação coletiva, o qual já havia mencionado na carta do 3 de janeiro ao escrever que “uma vez que vocês aceitarem uma ideia, ela para de ser uma minha ideia e passa a ser ideia vossa”. Agora, ao falar das divergências com as ideias de Marx, cujos méritos na redação dos *Estatutos* e dos *Considerando* não podiam ser negados, Bakunin enfatizava este aspecto pessoal do alemão:

Ele diz as *minhas* ideias, sem querer entender que as ideais não pertencem a ninguém e que [...] as melhores ideias sempre foram o resultado do trabalho instintivo de todos: aquilo que pertence ao indivíduo é apenas a expressão, a forma. Marx não quer entender que desde o momento em que uma ideia, mesmo expressa por ele, tem sido compreendida e aceita por outros, ela torna-se propriedade de todos. (*Idem*, p. 234)

A carta terminava sugerindo um protesto contra a Conferência de Londres, por meio da aprovação da *Circulaire de Sonvilier*, e um acordo entre as seções para um projeto de estatutos para a Internacional italiana. Mas o discurso de Bakunin aos companheiros italianos não estava completo: para fazê-lo foi necessária uma última correspondência em que recapitulava seu pensamento em relação à situação italiana e dava indicações concretas organizativas aos internacionalistas. O aspecto mais relevante da carta a Ceretti, além das argumentações críticas contra o teologismo de Mazzini, dizia respeito a proposta aliança entre o proletariado urbano e o campesinato, tornando o texto bakuniniano “o primeiro, à disposição dos socialistas italianos, após os escritos de Pisacane, que focou a atenção dos revolucionários na necessidade de conectar a atuação da classe operária da cidade àquela dos

trabalhadores do campo” (SOZZI, 1978, p. 239). De fato, as “fórmulas mágicas e místicas” de Mazzini mostraram sua incapacidade de organizar uma verdadeira revolução popular, para fazer a qual é necessário “que insurjam também vossos vinte milhões de camponeses” (BAKUNIN, 1989-2009, vol. II, p. 261). Eles, que até agora participaram da história nacional “como servos e vítimas”, teriam um potencial revolucionário muito superior ao povo urbano: “no proletariado da cidade há mais pensamento, maior consciência revolucionária, mas há mais potência natural no campo” (*idem*, p. 265). Além disso, Bakunin apontava a importância de envolver no processo revolucionário também outros dois grupos sociais, que “exercem uma real influência sobre o povo”, isto é, a pequena burguesia urbana e os pequenos proprietários rurais.

Todavia, para realizar este projeto, baseado nos princípios do socialismo e do federalismo, não é suficiente que algumas centenas de jovens tomem as armas, como queria Mazzini, mas sim criar no seio das seções internacionalista dos

*nuclei* [em italiano no texto], formados pelos membros mais seguros, mais fieis, mais inteligentes e mais enérgicos, em uma palavra, pelos mais íntimos. Estes núcleos intimamente conectados entre eles e com os núcleos afins [...] nas outras regiões da Itália e no exterior, terão uma dupla função: em primeiro lugar eles formarão a alma inspiradora e vivificadora deste imenso corpo que se chama Associação Internacional dos Trabalhadores [...]; e em segundo lugar eles tratarão das questões que são impossíveis de serem tratadas publicamente. Eles constituirão a ponte necessária entre a propaganda das teorias socialistas e a prática revolucionária. (*Idem*, p. 272)

Este duplo aspecto da ação revolucionária, como foi já destacado pela historiografia sobre o assunto<sup>136</sup>, é um dos pontos mais controversos e contraditórios do pensamento de revolucionário russo, que confirmaria, em parte, as preocupações de Marx e Engels. Conforme Pyziur (1955, p. 87), Bakunin “preached that even the widest uprising of the masses would achieve nothing if it were not skillfully prepared and directed. And this, he believed, could be done successfully only by the secret revolutionary society”. A criação de uma “minoria-guia”, de fato, negaria o apelo à espontaneidade popular, que representa um dos marcos do seu anarquismo. Se, além disso, considerarmos que este vínculo secreto entre os membros da AIT previa uma organização de tipo hierárquico e vertical, torna-se ainda mais evidente a antinomia teórica do russo<sup>137</sup>. No entanto, esta minoria, que teria “a tarefa de

136 Cf. NETTLAU (1928), PYZIUR (1955), MASINI (1969), MARX/ENGELS (1971), BERTI (1998).

137 Como veremos, já em setembro de 1872 Bakunin criou uma sociedade secreta chamada “Y” entre seus amigos “mais íntimos”. Além disso, entre os documentos apreendidos aos internacionalistas em 1874,

introduzir o elemento subjetivo e artificial da insurreição” (BERTI, 1998, vol. II, p. 22), não deveria “impor as suas próprias fantasias às massas, mas [...] ir tão longe quanto será permitido ou imposto pelos instintos e pelas aspirações do povo” (BAKUNIN, *idem*, p. 263). A criação de uma sociedade secreta paralela à vida pública da AIT serviria, por fim, segundo Bakunin, como via de escape caso a repressão governamental tivesse dissolvido as seções pois, especialmente após a Comuna de Paris, “a perseguição contra a Internacional é universal, internacional”.

Este articulado conjunto de indicações e ideias – que estava inicialmente destinado aos companheiros da Emilia-Romagna mas que foi certamente divulgado aos outros “íntimos” –, não podia ser aceito inteira e imediatamente por todos. No entanto, como veremos, o grupo “dirigente” da Internacional italiana tentou gradualmente implementar muitas delas, demonstrando a falibilidade de algumas hipóteses de Bakunin. Voltando ao ambiente *emiliano-romagnolo*, a distância das ideias do russo estava exemplificada na atitude do periódico *Il Fascio Operaio* que, durante os primeiros meses de 1872, assinalou-se sobretudo por sua moderação e por uma intensa polêmica com os mazzinianos do jornal *L'Alleanza* [A Aliança]<sup>138</sup> e com os napolitanos do *La Campana*<sup>139</sup>. A revista, além destes artigos polêmicos, publicava sobretudo considerações críticas sobre a história econômico-política da Europa e crônicas da Internacional e do mundo operário, que relatavam a condição dos trabalhadores da península, mas era rara a publicação de debates teóricos<sup>140</sup>. Enquanto isso, a organização regional ia crescendo muito rapidamente e cada semana surgiam novas seções locais que aderiam ao *Fascio* bolonhese.

Foi assim que amadureceu o jovem Andrea Costa, em um clima ainda dominado pela presença de patriotas ligados ao “velho mundo” que dirigiam as primeiras seções da Internacional, mas em que começavam a se tornar populares as ideias antiautoritárias e radicais do anarquismo de Bakunin. Ele, durante sua permanência universitária em Bolonha, certamente participou de algumas assembleias da associação local, tendo assim a

---

encontra-se um estatuto da Fraternidade Internacional, redigido provavelmente em 1873 e muito parecido com o do ano passado, em que está indicada nos detalhes a organização da sociedade secreta.

138 Ver as edições do 7 e 13 de janeiro, 2 de março, 7 e 16 de abril. O embate contra os mazzinianos concretizou-se em violentíssimos ataques pessoais que se espalharam na região, levando até ao assassinio do internacionalista *romagnolo* Francesco Piccinini em maio de 1872.

139 Ver as edições do 31 de janeiro, 22 de fevereiro e 2 de março. Tratarei deste episódio no capítulo seguinte, ao falar da *FON* e da *Campana*.

140 Na edição do 21 de janeiro o jornal publicou duas belas cartas de Amilcare Cipriani (1843-1918), voluntário na Comuna de Paris e por isso condenado à deportação na Nova Caledônia. A partir do dia 2 de março *Il Fascio Operaio* anunciou a fusão com o periódico de Ravenna *Il Romagnolo* [O Romagnolo], dirigido por Lodovico Nabruzzi.



possibilidade de confrontar suas ideias com aquelas dos companheiros mais experientes. Foi ele mesmo que confessou a chocante aproximação aos princípios da Associação Internacional dos Trabalhadores, em um manuscrito de anotações autobiográficas redigido em cárcere em 1898, revelando, assim, a peculiaridade da sua formação cultural. Seu idealismo ficou irritado pela “brutalidade” e “materialidade” dos estatutos da AIT: “Operários! Trabalhadores!”, escreveu Costa, “Só operários? Só trabalhadores? Nosso problema era humano. Nós o colocávamos humanamente. Era o homem. A umanização do homem” (COSTA, 1952, p. 319). Esta foi uma das razões pela quais não temos notícias da atuação de Costa no *Fascio Operaio* de Bolonha até março de 1872, quando provavelmente ele ingressou também na sociedade emiliana. Sua primeira aparição nos documentos da sociedade foi em ocasião do Congresso Regional do *Fascio Operaio*, convocado em Bolonha dos dias 17 a 19 de março, que pode ser considerado como um evento preparatório em vista do congresso nacional das seções da AIT. De fato, na assembleia, as 14 seções e as 4 sociedades operárias presentes declararam-se expressão da Internacional e parte da futura Federação Italiana, embora reconhecessem o Conselho Geral de Londres e o do Jura suíço apenas como escritórios de correspondência e de estatística<sup>141</sup>.

O congresso regional, ao responder às questões postas anteriormente pelas diferentes seções, mostrou o prevalecer da tendência revolucionária, favorável a uma insurreição geral e contrária à participação à luta parlamentar. Ao longo dos debates, que foram protagonizados sobretudo por Pescatori, Nabruzzi e Ceretti, foi aprovada a criação de específicos comitês para a propaganda no campo, assim como foi atribuída à sociedade bolonhesa a tarefa de convocar e organizar o primeiro congresso da Internacional italiana<sup>142</sup>. As diferentes componentes do congresso, em particular a garibaldina e a bakuninista, pareceram portanto encontrar um acordo de princípio, graças também à presença do napolitano Tucci, baseado na “substancial recusa de um tipo de sociedade que não respondesse às expectativas para as quais os protagonistas das guerras e das lutas risorgimentais haviam combatido” (GALASSI, 1989, p. 63). Justamente por ter possibilitado o encontro de alguns dos expoentes mais ativos e representativos da Primeira Internacional, a

---

141 Este foi um grave erro estratégico dos bolonheses que, deste modo, atribuíram à *Fédération Jurassienne* a mesma importância do Conselho Geral. Este episódio provocou tanto as críticas dos internacionalistas suíços (v. *Bulletin de la Fédération Jurassienne* do 20 de março de 1872), quanto a previsível reação de Marx e Engels, que em maio do mesmo ano divulgaram na Itália o panfleto polêmico *Les prétendues scissions dans l'Internationale*.

142 Os relatórios do Congresso de Bolonha encontram-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, Serie 2638, busta IV.

assembleia de Bolonha constituiu um ponto de partida fundamental para o processo de organização de proletariado italiano: graças a ela “o movimento operário saiu do berço” (SOZZI, 1978, p. 233).

A contribuição de Costa no congresso, que na época tinha apenas vinte anos, foi pouco relevante, mas significativa. De um lado porque denunciava a imprensa conservadora e queria aprovar um voto de protesto contra os jornais que atacavam a AIT, de outro porque assinalava a emergência de uma nova geração de socialistas, intencionados a disputar a liderança ideológica dentro do novo cenário político. Segundo uma hipótese biográfica sugerida por James Guillaume, logo após a reunião de Bolonha, Costa teria realizado uma viagem à Suíça ao longo da qual teria conhecido pessoalmente pela primeira vez tanto Bakunin, quanto o próprio Guillaume<sup>143</sup>. Embora não tenha sido possível confirmar de outra forma esta lembrança do internacionalista suíço, de fato, a partir de abril, a presença de Costa no *Fascio Operaio* de Bolonha tornou-se mais evidente, na tentativa de substituir a liderança da associação. Antes de tudo, a partir de 24 de março o homônimo jornal tirou do seu cabeçalho a escrita “Periódico democrático-social”, deixando apenas a outra “Monitor do proletário”: este era o sinal do trabalho “subterrâneo” de Ceretti e Nabruzzi para eliminar Pescatori da presidência da associação. Ao mesmo tempo, o *Fascio Operaio* estava enfrentando uma grave crise interna devido às consequências da disputa com os mazzinianos do *L'Alleanza*, o que levou até à organização de um duelo de morte<sup>144</sup>. Foi justamente neste momento que entrou em cena Costa, como demonstra a carta do 9 de abril do diretor do *La Plebe*, que o escolheu para entrar o contato com o *Fascio* de Ímola<sup>145</sup>.

Na metade de abril, também para acalmar a situação, foi proposta por Nabruzzi uma conciliação entre os mazzinianos e os internacionalistas, mas de Bolonha veio uma firme recusa: tanto por parte de Pescatori e companheiros, que não aceitavam uma paz com os inimigos, quanto por Costa e seus jovens colegas da Universidade, já fascinados pelas ideias de Bakunin. O primeiro artigo do imolese no *Il Fascio Operaio*, intitulado “*Il Partito dell'Alleanza e l'Internazionale*” [O Partido do Aliança e a Internacional], foi publicado no dia

---

143 GUILLAUME (2004, p. 427-428) contou que na primavera de 1872, após o Congresso de Bolonha, Costa, reputando estar perseguido pela polícia, refugiou-se em Neuchâtel onde ele morava. O suíço afirmou também que foi o próprio Bakunin a lhe apresentar aquele “bom rapaz, ingênuo e amante do bem falar”. SOZZI (1978, p. 236) apresenta suas dúvidas acerca desta hipótese.

144 De fato, o presidente se retirou do *Fascio Operaio* no dia 9 de abril.

145 Na edição do 7 de abril do *Fascio Operaio* havia duas comunicações telegrafadas destinadas a Andrea Costa e a Errico Malatesta.

16 de abril e era assinado significativamente com “Dezoito de Março”<sup>146</sup>. Com ele Costa tentou intervir no embate contra os mazzinianos, esclarecendo as diferentes posições e mostrando com clareza o grau de amadurecimento de seus ideais: “a causa do proletário é a mais essencial de todas”, afirmava, “porque para o deserdado a liberdade é um insulto, e o voto uma ironia, ou melhor, um instrumento de corrupção”. Mas o artigo de Costa estava dirigido sobretudo aos republicanos, que estavam fazendo uma guerra “fictícia” à Internacional e que na verdade, segundo ele, iriam passar logo ao campo do socialismo. Esta foi a última e parcial tentativa de conciliação entre as duas partes. Na noite entre os dias 2 e 3 de maio foi assassinato por mão republicana o internacionalista Francesco Piccinini, o primeiro mártir da AIT<sup>147</sup>: a partir de então foi declarada guerra aberta entre as duas facções e a estabilidade do *Fascio Operaio* de Bolonha foi seriamente ameaçada.

A primeira consequência desta crise foi a redução das publicações do jornal, que após os últimos três números parou de sair no dia 6 de junho, provocando também uma queda na participação dos membros da seção. Além disso, no dia 5 de maio, ao longo da habitual assembleia, foi votada a supressão dos antigos cargos que recordavam formas organizacionais de tipo mazziniano (cônsul, tribuno etc.) e inaugurada uma estrutura “dirigente” mais ágil e jovem, conforme havia sugerido Bakunin nas suas cartas aos companheiros da região<sup>148</sup>. Por fim, na última edição do periódico foi publicado um belo artigo de Costa que exemplificava bem a nova orientação ideológica empreendida<sup>149</sup>. No “*La Patria del Popolo*” [A Pátria do Povo] o *imolese* comparava a condição dos operários da sociedade atual com a dos escravos e dos servos da gleba, lembrando, porém, com estilo erudito, que “os Romanos tiveram os Gracos e os escravos Spartaco”. As palavras de Costa, carregadas de uma ênfase retórica altamente eficaz, evocavam uma pátria do povo sem fronteiras, que se apresente em qualquer lugar onde “se trabalhe, se aprenda, se ame, se viva”. O direito ao trabalho, os laços afetivos, a ciência e a moral, eram todos elementos exaltados pelo discurso costiano, que terminava com um apelo aos sofrendores para que combatessem “a ignorância e a superstição

---

146 É possível atribuir o texto a Costa não apenas pelo pseudônimo escolhido, mas também pelo uso de termos caros a ele, tais como “matéria” e “humanidade”, e pelo uso da pontuação. GALASSI (1989, p. 66) concorda com esta hipótese.

147 Notícias sobre este episódio encontram-se no *La Favilla* (9, 14, 15, 16 e 17 de maio). Entre os internacionalistas da região foi também realizada uma subscrição em favor da família de Piccinini.

148 Entre estas novas figuras da AIT bolonhesa é oportuno destacar Alceste Faggioli (1851-1881), que foi grande amigo de Costa até sua prematura morte.

149 Ao longo da pesquisa não foi possível encontrar algumas das últimas edições do *Fascio Operaio*: de fato, na penúltima, Costa publicou o artigo “*Che cosa sia la patria*” [O que é a pátria]. Cf. também FAENZA (1973, p. 23)

representadas pelo padre, a autoridade representada pelo rei, o privilégio representado pelo burguês”. Embora estas não fossem propriamente ideias de derivação bakuniniana, inclusive porque refletiam apenas o delicado momento que estava atravessando o *Fascio Operaio* e o percurso individual de Costa, a esta altura o trabalho de influência levado a cabo pelo russo na Itália pode-se considerar concluído. De fato, os principais núcleos internacionalistas do país haviam adotado sua perspectiva política em diferentes medidas e estavam prontos a confirmá-la no primeiro congresso nacional.

Como vimos neste primeiro capítulo, o processo de difusão da Internacional na Itália seguiu um caminho tortuoso, em que a tentativa do Conselho Geral de influenciar a evolução do nascente movimento, por meio do emissário Cafiero, culminou em um fracasso total. Foi sobretudo graças à rede de relações criada pelo grupo napolitano e à torrencial correspondência de Bakunin que também no Centro-Norte do país as primeiras seções da AIT abandonaram seus hábitos republicanos e mazzinianos, deixando assim campo livre para a afirmação de uma perspectiva abstencionista e antiautoritária, para não dizer já anarquista. Tudo isso foi também facilitado pela persistência na Itália de uma tradição revolucionária, conspirativa e federalista, que havia alcançado seu zênite durante o período risorgimental e que se refletia nas ideias de figuras como Carlo Cattaneo<sup>150</sup>, Giuseppe Ferrari<sup>151</sup> e Carlo Pisacane<sup>152</sup>. Não é por acaso que, na sua análise do *Risorgimento*, Gramsci (1959) tenha destacado as fortes afinidades ideológicas que uniam estas duas figuras no âmbito da propaganda socialista, apesar das evidentes diferenças culturais entre Pisacane e Bakunin. Quanto ao percurso de amadurecimento ideológico e de adesão aos princípios da Internacional de cada um dos protagonistas desta história, vimos como, embora os três tivessem partido de pressupostos culturais diferentes, o fascínio da Comuna e da AIT os levou em breve a se envolver na organização do nascente movimento operário. O racionalismo de Cafiero, o mazzinismo juvenil de Malatesta e o garibaldismo de Costa, foram logo

---

150 Carlo Cattaneo (1801-1869): patriota republicano e antimonárquico que colaborou com Mazzini e Garibaldi no período risorgimental. Foi o principal teórico do federalismo na Itália, ao qual deu uma configuração laica e liberal.

151 Giuseppe Ferrari (1811-1876): estudioso anticlerical, teórico do federalismo e filósofo da revolução, dedicou numerosos escritos a este último assunto. Participou das revoltas de 1848 e se aproximou rapidamente ao pensamento socialista, do qual é considerado um dos precursores na Itália. A partir de 1860 foi deputado na Câmara até sua morte.

152 Carlo Pisacane (1818-1857): revolucionário, patriota e pensador italiano, faleceu em uma tentativa insurrecional no Sul da Itália em 1857. Elaborou uma perspectiva teórica original, em parte influenciada pelo pensamento de Proudhon, em que a ideia de revolução social popular integrava-se com a afirmação de aspirações autonomistas, federalistas e libertárias. Por esta razão Pisacane pode ser considerado o pai do socialismo anarquista na Itália. V. FABBRI (1904), ROSSELLI (1977), DE MARTINO/SIMEOLI (2004).

questionados pelos ideais emancipatórios propunhados pela associação criada em Londres em 1864, e acabaram sendo abandonados pelos três. Como veremos nos próximos capítulos, eles defenderam os princípios do internacionalismo anarquista e coletivista contra toda perseguição, conseguindo alcançar, apesar da jovem idade, um lugar relevante dentro da organização e articular uma importante rede de contatos a nível local e internacional.

## Segundo capítulo

### Uma nova vida

#### 2.1 *La Campana* e a *Federazione Operaia Napoletana*

O surgimento da *Federazione Operaia Napoletana* (FON) no final de 1871 assinalava o ativismo do grupo partenopeu, apesar da atenta vigilância da polícia local, alarmada pelas iniciativas dos internacionalistas. Enquanto Palladino mantinha-se em contato epistolar com Bakunin, os outros, isto é Cafiero, Gambuzzi, Tucci e Malatesta organizavam as reuniões da seção na casa do antigo presidente Antonio Giustiniani, das quais participavam por volta de cinquenta operários<sup>153</sup>. Mas foi sobretudo a decisão de criar o periódico *La Campana*, após as inúteis tentativas de dar sentido internacionalista a outros jornais, o que obrigou o grupo a se dedicar seriamente à sua redação. A revista era publicada no clássico formato da imprensa daquele período: quatro páginas divididas em três colunas para cada folha, mas o que a distinguia do resto dos jornais era seu cabeçalho onde, abaixo de um homem tocando o sino com o vulcão Vesúvio no fundo, aparecia a escrita “órgão socialista”<sup>154</sup>. De fato, *La Campana*, ao lado de artigos mais teóricos, embora escritos de uma forma facilmente compreensível, apresentava desde sua primeira edição algumas rubricas fixas em que relatava a situação do movimento operário no plano nacional – “*La lotta*

153 Ver notícias no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 61. NETTLAU (1928, p. 306), que estudou os diários de Bakunin, afirma que ele recebeu uma carta de Palladino no dia 6 de janeiro de 1872, à qual respondeu dois dias depois. No dia 19 de janeiro o napolitano Fanelli foi visitar o russo em Locarno.

154 Nos mesmos dias, a seção internacionalista de Turim havia retomado as publicações de seu jornal, que agora intitulava-se *Il Proletario. Periodico socialista* [O Proletário. Periódico socialista]. Seus redatores estavam em contato na época tanto com Bakunin quanto com o grupo napolitano. Poucos dias depois também a seção de Milão criou seu órgão de imprensa, intitulado *Il Martello. Giornale democratico socialista degli operai* [O Martelo. Jornal democrático socialista dos operários].

*all'interno*” [A luta no interior] – e internacional – “*La lotta all'esterno*” [A luta no exterior]<sup>155</sup>. A revista, que propunha “um programa social bem mais avançado do que aquele defendido pelo *Fascio Operaio* e pelo *Libero Pensiero*” (SOZZI, 1978, p. 211), publicou constantemente os documentos da AIT e continuou a polêmica antimazziniana e antirracionalista.

Embora todos os artigos não fossem assinados, é possível, graças ao estudo cruzado das biografias e dos aspectos linguísticos recorrentes nos textos publicados, tentar algumas atribuições. A intenção dos napolitanos era eliminar os equívocos teóricos dentro do movimento internacionalista, denunciando a falibilidade das ideias de Mazzini e afirmando estarem “convencidos que não seja possível alguma gradação no socialismo” (7 de janeiro). Aliás, as próprias autoridades pareciam ser, graças à presença de inúmeros delatores, as mais informadas sobre as verdadeiras intenções dos napolitanos. Em uma comunicação do dia 2 de fevereiro do chefe da polícia de Palermo ao homólogo de Nápoles pode-se ler<sup>156</sup>:

O Cafiero Carlo de Barletta não apenas não está disposto à conciliação, mas está obstinadamente contrário, pois ele diria que o acordo entre Mazzini e Garibaldi seria essencial à causa do proletariado, e paralisaria por algum tempo o progresso do novo socialismo na Itália, que nenhum dos dois mencionados professa.

No segundo número da revista (14 de janeiro), Cafiero respondeu a um artigo de Stefanoni no *Libero Pensiero* em que o ex-amigo havia atacado de forma descarada o Conselho Geral da AIT<sup>157</sup>. O ataque, que revelava uma linguagem claramente influenciada pelas leituras das cartas de Bakunin, ia diretamente à sociedade racionalista que Stefanoni queria criar e que “para nós”, dizia Cafiero, representa apenas a “constituição de um novo capital privilegiado, de uma nova seita burguesa, de uma nova ordem religiosa”, um outro elo da “corrente dos privilégios que o proletariado deveria romper”. Enquanto isso, a propaganda na cidade era levada a cabo de forma “incessante”: a polícia mostrava-se muito preocupada em relação à possibilidade de greve dos operários dos arsenais militares de Nápoles e Castellammare, onde Cafiero e companheiros estavam concentrando sua atividade<sup>158</sup>.

155 Ao longo da pesquisa não foi possível encontrar a primeira e a oitava edição do jornal. TODA (1988, p. 72) afirma que no primeiro número foi anunciada a criação de uma “escola para adultos e crianças”.

156 Encontra-se no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 42.

157 Já no dia 9 de janeiro Cafiero havia enviado uma carta a Stefanoni em que sugeria de acabar com esta “comédia ruim. Não podemos nos entender”. V. VERACINI (1972).

158 V. ASN, *Gabinetto, Prefettura, busta* 61. Os setores mais desenvolvidos da economia napolitana neste período eram a indústria naval, metalúrgica e têxtil. Além dos dois arsenais, é possível mencionar, por

A terceira edição da revista (21 de janeiro), trazia um texto, redigido provavelmente por Tucci, em que se denunciavam as causas da chamada “questão social”, isto é “a constituição de capitais estranhos ao trabalho e à concentração das matérias-primas nas mãos de poucos”. Por esta razão, o artigo indicava a solução do problema na apropriação e coletivização dos capitais e dos meios de produção, processo em que o trabalho assumia um caráter discriminador em relação ao direito à existência: “quem não trabalhar não tem direito a viver” (cf. BUCCELLATO/IACCIO, 1982, p. 57). Ao lado das habituais crônicas sobre o movimento operário no mundo e a notícia da demissão de mais de 500 operários no arsenal de Nápoles, havia espaço para uma polêmica de Cafiero contra os bolonheses do *Fascio Operaio*. Eles eram culpados de “afastar-se do caminho certo” ao procurar adesões “de gente feroz inimiga do proletariado”, e por isso convidados a não entrar em negociações com elementos burgueses<sup>159</sup>.

No dia 28 de janeiro, enquanto a *FON* votava a formação do novo Conselho Federal, com Cafiero como tesoureiro e Malatesta como secretário, *La Campana*, que tinha uma frequência semanal e uma tiragem de cerca de 200 exemplares, publicou sua quarta edição<sup>160</sup>. No artigo de abertura, que queria se posicionar com moderação no debate entre o CG e a dissidência bakuninista, afirmava-se olhar “com interesse, mas sem preocupações ao movimento iniciado pela Federação do Jura”. Após a seção “A luta no exterior”, em que utilizando as notícias de outros jornais se relatavam greves operárias e os avanços da AIT nos diferentes países, Cafiero levava adiante seu trabalho de esclarecimento ideológico na rubrica “A luta no interior”. Na primeira parte do texto ele explicitava a posição dos napolitanos em relação à proposta congressual feita por Garibaldi, animada segundo Cafiero por um “espírito de reconciliação entre elementos e princípios que nós consideramos irreconciliáveis”, ou seja, “maçons, racionalistas, democratas burgueses, mutualistas e socialistas brandos”. Na segunda parte, o redator do *La Campana* continuava a longa polêmica com Stefanoni, o qual havia acusado no seu jornal os napolitanos de “má fé”<sup>161</sup>. A condenação por parte de Cafiero, que nem sequer quis entrar no mérito das absurdas reivindicações do racionalista, foi definitiva:

---

exemplo, as oficinas “Macry&Henry”, “Guppy” e as de Pietrarsa, estas últimas consideradas como a maior indústria metalúrgica da Itália. Em cada uma destas plantas industriais trabalhavam entre 600 e 2000 operários. Ver MERLI (1972) e PEDÍO (1977).

159 Na edição do 31 de janeiro do *Fascio Operaio* os redatores responderam com tom conciliador às acusações dos napolitanos, revelando a posição interclassista da sociedade bolonhesa, a qual aceitava no seu seio os burgueses que sacrificaram sua posição e seus alicerces “para o bem estar da classe operária”.

160 Pelo que sabemos *La Campana* foi financiada inteiramente com o dinheiro da herança de Cafiero. Cf. MASINI (1974).

161 Ver *Il Libero Pensiero* do dia 25 de janeiro de 1872.



“Caro Sr. Stefanoni, o senhor é um burguês e tem tanto carinho para o capital que lhe surgiu espontânea a pensada de tirar proveito da qualidade de livre pensador para acumular em torno do *Liberio Pensiero* um grande capital”. Cafiero terminava o espaço a sua disposição relatando notícias sobre greves operárias em Bolonha e em Veneza, e atualizando os leitores sobre a dramática situação dos trabalhadores do arsenal de Nápoles.

Com a quinta edição (4 de fevereiro), o grupo formado por Cafiero, Tucci, Malatesta, Gambuzzi e Zanardelli<sup>162</sup> resolveu deixar de lado as hesitações teóricas para definir melhor a posição do *La Campana*. No artigo de abertura, que a historiografia atribuiu unanimemente a Tucci e que se intitulava “*Dal basso all'alto*” [De baixo para cima], o redator mostrava conhecer a fundo as ideias de Bakunin, insistindo na ligação entre autoritarismo e religião: “uma vez que for aceito o princípio de autoridade e a organização religiosa, isto é, de cima para baixo, chega-se até a negação da individualidade”. Ao contrário, “de baixo para cima, ou seja, a partir do indivíduo, de suas necessidades, de seus direitos, nós vemos surgir a associação de forças livres, e queremos realizar dessa forma a igualdade dos indivíduos e a destruição permanente das classes, isto é, a desigualdade”. A segunda parte do jornal foi sem dúvida redigida por Cafiero que, em contato com os internacionalistas sicilianos, publicou e comentou uma carta do amigo Saverio Friscia, em que ele sugeria aos redatores destacarem com mais ênfase a importância da *Circulaire de Sonvilier*. *La Campana*, portanto, publicou não apenas a circular inteira mas também uma comunicação do último congresso da Federação belga da Internacional, em que os delegados aprovaram uma resolução com a qual se exigia uma reforma dos estatutos, a ser discutida em um próximo congresso internacional. Cafiero, que se dizia de acordo com estas propostas, convidava os companheiros de todas as seções italianas da AIT a deixar de lado as “polêmicas acres” e a entrar em um “período de recolhimento e de estudo”, tendo em vista esta assembleia internacional tão importante<sup>163</sup>.

O debate contra mazzinianos e racionalistas prosseguiu também na sexta edição da revista, no artigo “*La conciliazione*” (de Tucci) e na rubrica “*La lotta all'interno*” (de Cafiero). Nesta última havia também um apelo dos tipógrafos napolitanos em que eles denunciavam a falta de direitos para a categoria e a ação desmoralizadora de algumas sociedades de socorro mútuo, que “têm impedido a conquista dos nossos direitos”. Os

162 Tito Zanardelli (1848-?): figura eclética, embora importante, na primeira fase de difusão do internacionalismo na Itália. Estudante universitário em Nápoles com o irmão Dante, foi ali que depois de uma primeira fase de mazzinismo se aproximou do ambiente internacionalista, seguindo um percurso parecido ao de Malatesta.

163 No mesmo número foi publicado um apelo da seção de Turim em que se propunha a convocação do primeiro Congresso Internacional das seções italianas.

tipógrafos juntaram-se assim à *Federazione Operaia Napoletana*, que, na época, além da seção mista, possuía também uma seção de mecânicos e de trabalhadores do couro<sup>164</sup>. Ao começo de fevereiro uma presença na cidade preocupava as autoridades partenopeias: tratava-se de Antoine Rocher, membro e coronel da Comuna de Paris, que estava em Nápoles para a “propaganda do socialismo” por meio da difusão de seus opúsculos<sup>165</sup>. Ele, que foi indicado a Cafiero pela seção internacionalista de Turim, foi convidado na cidade para realizar uma série de conferências organizadas pela *FON*. A primeira, conforme a notícia publicada no número 6 do *La Campana*, foi realizada no dia 11 de fevereiro e tinha como título “Garibaldi e seus bravos na França”. A preciosa colaboração com o ex-communard, no entanto, não obteve o êxito esperado já que na segunda conferência (16 de fevereiro) reuniram-se na sala alugada pelos internacionalistas apenas dezenove pessoas, entre os quais “poucos estudantes e nenhum operário”. Rocher, que afirmou não estar interessado em discutir política, continuou sua fala sobre os acontecimentos da Comuna, descrevendo em detalhes os sofrimentos dos parisienses durante o assédio e a situação das forças em campo (“ele fez a distinção entre a classe burguesa e operária francesa”)<sup>166</sup>.

Os encontros, que reuniram sempre por volta de vinte pessoas, passaram a ser organizados diretamente na casa de Cafiero: nas reuniões dos dias 20 e 22 de fevereiro, Rocher disse que “a Comuna não significa o comunismo, mas o socialismo” e declarou-se a favor da propriedade coletiva<sup>167</sup>. Não eram conceitos novos para os internacionalistas napolitanos, mas a narração dos eventos de Paris feita por um observador privilegiado representou com certeza uma grande ocasião para esclarecer as ideias sobre um acontecimento tão importante para a história do movimento operário. O próprio Cafiero descreveu esta passagem acerca da interpretação da Comuna<sup>168</sup>:

Claro que tiveram mal-entendidos [...] pois o nome da Comuna ficou como uma bandeira em torno do qual se reuniam os socialistas, sem prestar

164 Ver *L'Eguaglianza* do dia 10 de março de 1872.

165 Ver comunicação do *Prefetto* de Nápoles ao *Ministro dell'Interno* de 8 de fevereiro de 1872, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 61*. No documento o *prefetto* já pedia a expulsão de Rocher do território italiano.

166 Ver relatório do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles de 17 de fevereiro de 1872, *idem*.

167 Ver comunicações do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles de 21 e 24 de fevereiro, *idem*. No dia 22 de fevereiro os participantes às conferências abriram uma subscrição para o sustentamento de Rocher.

168 Este texto, publicado no *La Plebe* (4-5 de dezembro de 1875) com o título de “*Il socialismo in Italia*” [O socialismo na Itália], faz parte de um conjunto de sete artigos homônimos publicados sem assinatura no jornal entre novembro de 1875 e janeiro de 1876. Até agora a historiografia havia atribuído a Cafiero só uma pequena parte destes artigos, cf. ROMANO (1954), MASINI (1969 e 1974), DAMIANI (1974) e ZANGHERI (1993, vol. I).

atenção àquilo que ela tinha realmente sido. No entanto, ao entender melhor como as coisas correram, aprendeu-se a distinguir.

Apesar disso, a presença de Rocher na cidade, que no final de fevereiro havia se mudado para a casa de Cafiero e reduzido a frequência de suas falas, tornou-se insuportável para as autoridades, que o prenderam e expulsaram. O clima repressivo contra estes sintomas de socialismo em Nápoles repercutiu também na vida organizativa da *FON*, que foi ameaçada de uma nova dissolução, e na difusão do *La Campana*, cujas edições de 3 e 17 de março foram apreendidas pela polícia<sup>169</sup>. De qualquer forma, o pequeno núcleo de socialistas não deixou o trabalho redacional a despeito das adversidades. O sétimo número do jornal (18 de fevereiro), feita a exceção para uma frase polêmica dirigida ao CG (“nós julgamos nocivas algumas das deliberações e perigoso o sistema inaugurado pelo Conselho Geral”), foi consagrado inteiramente à luta contra os mazzinianos. O primeiro texto “*La patria*” [A pátria], sempre redigido por Tucci, fazia parte de uma série de três artigos com que o autor quis refutar o argumento mazziniano segundo o qual os internacionalistas pretenderiam destruir a pátria, a família e a propriedade<sup>170</sup>. Cafiero, por seu lado, respondia na última página do jornal “*Agli amici del Fascio Operaio*” [Aos amigos do Feixe Operário], responsáveis, a seu modo de ver, por uma “involuntária” ambiguidade ideológica que estava deixando espaço a “politicantes burgueses”. Afirmava o redator:

Vocês se declararam internacionalistas, vocês aderiram à Internacional: mas vocês já pensaram que esta adesão colocava entre vocês e Mazzini um abismo sem fundo [...]?

Aderindo à Internacional vocês negaram a base do sistema de Mazzini, isto é, a afirmação exclusiva e dogmática da pátria, implícita negação do sistema federal. Aderindo à Internacional vocês fizeram um ultraje ao profeta obstinado de Deus e do Povo, pois vocês apertaram a mão de homens que professam o ateísmo como necessidade da regeneração humana. Mas, antes de tudo, aderindo à Internacional, vocês afirmaram a igualdade dos indivíduos, a abolição das classes. [...]

Amigos do Feixe Operário, quem diz Internacional nega, esquece e abomina Mazzini; quem diz Mazzini, lança um desafio mortal ao grande sodalício dos proletários do mundo.

169 Na edição do 24 de março de 1872 do *Il Fascio Operaio*, comunicava-se a notícia da expulsão do ex-communard e informava-se que o deputado Friscia havia por esta razão protestado no Parlamento. Enquanto no dia 18 de fevereiro o chefe da polícia, assinalando a vitalidade de Cafiero em Nápoles, propôs a dissolução da *FON*.

170 Infelizmente, embora a aprofundada pesquisa nos arquivos e nas bibliotecas, não foi possível achar as edições número 8 e 9 do *La Campana*.

Embora as palavras fossem inequívocas, o tom usado por Cafiero, que sabia da importância da relação com os companheiros daquela região, era bastante amigável e compreensivo. Neste sentido já foi observado que “a posição antimazziniana do *La Campana* pretende ser antes de tudo uma afirmação antiburguesa: neste sentido os napolitanos são mais realistas do que os *romagnoli*” (ROMANO, 1954, vol. II, p. 233). De qualquer forma, o grupo liderado por Cafiero, Tucci e Malatesta concluiu a experiência redacional com a publicação, no dia 17 de março, da décima edição do *La Campana*, apenas uma semana depois da morte de Giuseppe Mazzini. O jornal saiu “em luto”, com molduras pretas e vermelhas em todas as folhas, e com apenas dois longos artigos dedicados significativamente ao próprio Mazzini e à Comuna de Paris<sup>171</sup>. Se o último dos dois foi certamente redigido por Carmelo Palladino, o primeiro, dedicado ao revolucionário italiano, foi muito provavelmente escrito por Malatesta<sup>172</sup>. Neste texto, áulico e cheio de saudade juvenil (Malatesta na época estava com 18 anos!), o internacionalista napolitano lamentava a perda daquele que tinha sido mestre de rebelião e de atitude revolucionária para muitas gerações. Mazzini, que no último ano havia sido “adversário implacável”, foi no passado “terror e condenação da monarquia”: “nele compendia-se o último período daquela burguesia, que fundou, sobre as ruínas do feudalismo, o sublime monumento da igualdade civil”. Era um reconhecimento póstumo ao primeiro inspirador da militância política de Malatesta, que deixou marcos profundos também na sua concepção da ação revolucionária.

Considerado que Cafiero e Malatesta, indicados pela polícia como autores dos dois artigos, foram até investigados por “crime de imprensa”<sup>173</sup>, torna-se mais compreensível porque o grupo de redatores abandonou o projeto do *La Campana*. Enquanto isso, o trabalho organizacional na *FON* caminhava muito devagar e a intensa propaganda realizada entre os trabalhadores não produziu os efeitos esperados. A única atividade no seio da associação eram agora as reuniões dos operários mecânicos e das ferrovias, e aquelas da seção mista, liderada por Cafiero, Malatesta, Tucci e Giustiniani<sup>174</sup>. A espionagem da polícia revelava, de fato, o

171 Dois exemplares desta edição se encontram na Biblioteca da Fundação Feltrinelli em Milão e no ASBO, *Tribunale Correzionale*, Serie 2638, “Materiale sequestrato”.

172 O artigo de Palladino, que no final de 1871 havia traduzido e publicado um livro sobre a Comuna, têm muitas assonâncias com um outro ensaio que ele redigiu entre 1871 e 1872, intitulado *Le Caste* [As Castas]. Cf. CRISSETTI GRIMALDI (2015, p. 107ss). A atribuição, mais incerta, do artigo a Malatesta está baseada na sua longa e ativa militância *mazziniana* entre 1867 e 1871. Cf. também o artigo dedicado a Mazzini que Malatesta publicou no *Umanità Nova* (11 de março de 1922) e a carta a Max Nettlau (14 de novembro de 1928).

173 Ver comunicação do juiz de instrução ao chefe da polícia de Nápoles de 6 de abril de 1872 no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 42.

174 V. comunicações da polícia de 9, 11, 15 de março e 9 de abril de 1872 no ASN.

descontentamento de Cafiero e sua intenção de empreender uma série de viagens, pela Itália e pelo exterior, por conta da Internacional, pois ele estava “desanimado pela apatia desta população que o enerva e o induz ao quietismo”<sup>175</sup>. Talvez tenha sido a última carta enviada por Engels ao amigo italiano<sup>176</sup>, em que o alemão antecipou o conteúdo do panfleto *Les pretendues scissions dans l'Internationale* – onde, entre mil acusações, Bakunin era chamado de “Maomé sem Corão” –, ou talvez pela curiosidade de conhecer este revolucionário tão caluniado, mas já em abril Cafiero, por meio de Giuseppe Fanelli, entrou pela primeira vez em contato com o russo. No entanto, ele escolheu fazer isso da pior forma possível, isto é, enviando-lhe toda a correspondência trocada com Engels nos meses anteriores: foi Fanelli a entregá-la a Bakunin no 19 de abril, quando chegou em Locarno para visitá-lo<sup>177</sup>. Muito provavelmente já nesta ocasião foi planejada a futura viagem de Cafiero à Suíça.

Antes da partida, porém, o internacionalista e seus companheiros dedicaram-se ao trabalho de propaganda e organização; Malatesta e Cafiero que, contudo, haviam sido absolvidos “por falta de provas” no processo começado em 1871, eram sempre os mais ativos na cidade partenopeia<sup>178</sup>. No começo de abril Malatesta já havia começado uma série de encontros noturnos, onde tentava converter os operários ao socialismo; enquanto Cafiero, na metade de maio, tentou organizar uma seção internacionalista entre os trabalhadores do arsenal de Castellammare<sup>179</sup>. Mas a atuação dos socialistas era largamente condicionada não apenas pela falta de recursos como também pela atenta vigilância da polícia sobre a atividade da Internacional. Um interessante relatório redigido no 1º de maio mostra a total desorganização da FON, obrigada a realizar novamente suas reuniões na casa de Giustiniani, às quais participavam, além do núcleo dirigente, um pequeno grupo de jovens napolitanos<sup>180</sup>.

175 Comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles de 9 de março de 1872, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 61. Conforme estas notícias Cafiero tinha a intenção de ir à Alemanha para aprender a arte tipográfica e depois abrir uma grande tipografia em Roma.

176 A carta, redigida entre o 29 de fevereiro e o 9 de março, foi perdida. Cf. NETTLAU (1928, p. 276) e MASINI (1965, p. 18), segundo o qual a carta “apressou o processo de conversão em direção a Bakunin”.

177 Cafiero já havia entrado em contato com os internacionalistas suíços com uma carta, perdida, redigida entre 14 de fevereiro e 11 de março, cf. NETTLAU (1928, p. 295). Bakunin comunicou o conteúdo das cartas de Engels a Guillaume que publicou a notícia no *Bulletin de la Fédération Jurassienne* (10 de maio): isto constituiu um episódio a mais na batalha ideológica entre o Conselho Geral da AIT e os bakuninistas.

178 A decisão foi emitida no dia 7 de maio pelo Tribunal de Nápoles. Ver comunicação do Procurador Geral de Nápoles ao *Ministro di Grazia e Giustizia* de 20 de junho de 1872 no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario*, misc. 24, fasc. 423.

179 Ver comunicações do chefe da polícia do dia 8 de abril (ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 42) e de 15 de maio (ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 61).

180 Entre eles o mecânico Tommaso Schettino e os estudantes Attanasio Dramis e Giuseppe de Tivoli. Carmelo Palladino, ao contrário, sumiu repentinamente do ambiente napolitano e foi para seu vilarejo natal, onde ficou isolado por muito tempo. O relatório do chefe da polícia se encontra no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 61.

No entanto, a verdadeira razão do insucesso da propaganda internacionalista entre os operários da cidade era outra: “poucos deles aceitam aderir à Internacional e pouquíssimos são aqueles membros que intervêm nas reuniões, pois temem ser demitidos pelos patrões que lhes fornecem o trabalho”. Portanto, a ação combinada das medidas repressivas das autoridades partenopeias e da propaganda antissocialista da imprensa conservadora contra a Internacional, estava dando seus frutos.

Entre abril e maio de 1872 Cafiero resolveu também acabar definitivamente a polêmica, pela qual provavelmente considerava-se responsável, com o racionalista Stefanoni – que no *Liberio Pensiero* continuava seus insulsos ataques ao Conselho Geral da Internacional, da qual pretendia ser o verdadeiro e único representante. Uma vez impedida a possibilidade de comunicar ao público através do *La Campana*, Cafiero dirigiu-se ao *Gazzettino Rosa* de Milão, que publicou as duas cartas com que (21 de abril e 28 de maio) ele denunciou mais uma vez a tentativa de Stefanoni de substituir a AIT com uma “confraria reacionária capitalista”<sup>181</sup>. A polêmica havia assumido proporções gigantescas, pois também o líder do racionalismo inglês Charles Bradlaugh havia atacado a Internacional e a Comuna, provocando a dura reação de Marx, Engels e Liebknecht tanto contra ele quanto contra o italiano<sup>182</sup>. Portanto, a aparente defesa do Conselho Geral por parte de Cafiero, que nesta altura já propunha a causa da dissidência bakuninista, deve ser vista unicamente como uma tentativa de excluir definitivamente a corrente do “livre pensamento”, que ele mesmo havia tentado converter ao internacionalismo, em um momento decisivo para a organização do primeiro movimento operário no país.

A última carta de Cafiero tinha sido enviada de Nápoles no 16 de maio, dia em que ele, conforme as notícias obtidas pela polícia, partiu em direção a Locarno, realizando umas etapas em Roma, Florença e Bolonha<sup>183</sup>. Foi nesta última cidade que muito provavelmente Cafiero conheceu pela primeira vez o jovem Andrea Costa, recém-entrado no movimento internacionalista: com certeza foi ali que se realizou o acordo fundamental entre os napolitanos e os *emiliano-romagnoli* para a realização do primeiro congresso nacional da AIT italiana<sup>184</sup>. A estadia em Locarno do internacionalista napolitano durou quase um mês (20

181 Na edição de 27 de abril também o grupo redacional do *Gazzettino Rosa* tomou partido contra o racionalista Stefanoni.

182 No dia seguinte (29 de maio) o *Gazzettino Rosa* publicou uma carta do próprio Karl Marx, com que declarou definitivamente encerrada a polêmica. Cf. ROMANO (1954, vol. II, p. 278).

183 V. comunicação do chefe da polícia de 22 de maio de 1872 no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 61.

184 Conforme as lembranças de Giuseppe Nabruzzi, irmão de Lodovico, já no final de abril Cafiero, Fanelli e Friscia teriam sidos em Ravenna, onde contribuíram na criação de uma seção da AIT (NABRUZZI *apud*

de maio-18 de junho) e foi certamente decisiva não apenas para seu amadurecimento intelectual, mas também, como veremos, para o planejamento de um esquema organizacional da Internacional na Itália. Graças às informações contidas no diário de Bakunin é possível conhecer os detalhes deste encontro, durante o qual, conforme o russo, “a aliança foi perfeitamente realizada” (BAKUNIN *apud* NETTLAU, 1928, p. 328). As longas conversas e as cartas lidas e redigidas naqueles dias fizeram com que Cafiero percebesse a afinidade tanto ideológica quanto pessoal com o gigante de Toržok. O próprio Bakunin escreveu: “Era amigo de Cafiero, amava-o do fundo do meu coração. Confiava nele cegamente. Desde nosso primeiro encontro na primavera de 1872 ele me mostrou uma ternura infinita, quase filial” (BAKUNIN, 1874).

Bakunin havia conhecido não apenas um homem sincero e dedicado à causa da Internacional na Itália mas havia também vislumbrado a grande potencialidade representada pelos imensos recursos econômicos de Cafiero, que, “permitindo aos membros do movimento viagens frequentes, teriam criado um pouco daquela liberdade de ação que por muito tempo faltou a Bakunin” (NETTLAU, 1928, p. 330)<sup>185</sup>. Nos dias passados em Locarno, os dois redigiram muitas cartas importantes, que em sua maioria foram perdidas: elas foram dirigidas sobretudo aos companheiros italianos, provavelmente para informar do acordo entre Bakunin e Cafiero, mas também a James Guillaume e ao internacionalista espanhol Charles Alerini<sup>186</sup>. O russo, portanto, havia compartilhado com Cafiero suas relações internacionais, permitindo assim ao amigo italiano entender melhor a situação do movimento. Já mencionei como o italiano repassou a Bakunin as cartas de Engels, em que o alemão criticava duramente a atuação do russo e de seus companheiros suíços; além disso agora Bakunin havia lido também o opúsculo *Les pretendues scissions* e resolveu publicar um protesto oficial no *Bulletin* suíço (15 de junho de 1872). Esta edição do periódico, que foi inteiramente consagrada à publicação de protestos de diversos membros suíços da AIT contra as acusações contidas no texto do Conselho Geral, foi em seguida traduzida, provavelmente por Vincenzo Pezza, e publicada em um opúsculo financiado por Cafiero (AA. VV., 1874). Na introdução, o tradutor – que confirmava o comportamento desleal do CG sem querer entrar no “labirinto de intrigas, calúnias, recriminações” pessoais –, denunciava a decisão, mencionada no *Les pretendues*

---

FAENZA, 1973, p. 22). Cf. também SOZZI (1978, p. 278-279)

185 Uma comunicação do chefe da polícia de Nápoles de 28 de fevereiro de 1872 (ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 61) informava que o patrimônio pessoal de Cafiero chegava a meio milhão de liras - um valor enorme.

186 As páginas do diário de Bakunin são citadas por NETTLAU (1928, p. 328-329) e LEHNING (2002, p. 267-268)

*scissions*, de organizar o novo congresso geral da Internacional em Haia, um lugar onde os diferentes representantes dos países da Europa meridional, isto é, dos países nos quais a dissidência bakuninista estava já afirmada, dificilmente teriam conseguido chegar. O CG era portanto acusado de atuar “uma insana e desonesta tentativa de mistificação” (*idem*, p. 4).

Como vimos, a estadia de Cafiero foi muito significativa e frutuosa: de fato, todas estas iniciativas (as respostas de Bakunin e dos *jurassiens* no *Bulletin* e a tradução financiada por Cafiero) faziam parte daquela que pode ser considerada como a “contraofensiva bakuninista” contra o Conselho Geral da AIT, em que a Itália estava desempenhando um papel fundamental. A outra parte deste “plano” consistiu na última e longuíssima carta de Cafiero a Engels, que foi redigida justamente durante a permanência em Locarno e com o decisivo apoio moral e político de Bakunin<sup>187</sup>. Ela tem sido considerada como “a primeira tentativa italiana de refutação libertária do programa político marxista e portanto o primeiro ato italiano de definição ideológica da componente anarquista da Internacional (MASINI, 1974, p. 67); ou de qualquer forma “o documento mais importante da história do movimento socialista na Itália durante a crise da Primeira Internacional” (ROMANO, 1954, vol. II, p. 281). Na carta, Cafiero confessava logo o encontro com Bakunin e o total acordo, “dentro de poucos minutos”, sobre as questões práticas e teóricas, afirmando que eram “os mesmos princípios que eu ia propagando há um ano na Itália” (CAFIERO *apud* DEL BO, 1964, p. 221). Cafiero já falava de “programa anarquista” e o comparava ao *Manifesto do Partido Comunista*: isto é, “duas expressões tão opostas entre elas, quanto a destruição do Estado está oposta à sua constituição” (*idem*, p. 220)<sup>188</sup>. O italiano concordava com Engels sobre a parte analítica do programa comunista, que reconhecia o capital como “fonte de qualquer privilegio, opressão, etc etc”, mas o desacordo era total tanto sobre o momento revolucionário, em que este capital é subtraído com a força às classes privilegiadas, quanto

---

187 Cafiero, conforme o diário de Bakunin, leu a carta ao amigo entre o 31 de maio e o 3 de junho. Ela, porém, foi enviada apenas no 19 de junho, de Milão, quando Cafiero decidiu adicionar uma apostila conclusiva. V. MASINI (1965 e 1974) e a carta em DEL BO (1964). Por outro lado, é interessante ver a atitude de Engels após a notícia da “traição” de Cafiero: neste sentido são reveladoras as cartas enviadas entre abril e junho de 1872 ao internacionalista alemão, mas residente na Itália, Theodor Cuno, em que Engels escreveu com desprezo e arrogância que “os italianos precisam fazer ainda um pouco de escola de experiência, para aprender que um povo de camponeses atrasados, como eles, torna-se ridículo quando quer ensinar aos trabalhadores dos grandes países industriais como devem emancipar-se” (v. MARX/ENGELS, 1972).

188 Não sabemos com certeza se Cafiero leu realmente o *Manifesto* de Marx e Engels, já que as primeiras traduções do alemão estavam sendo realizadas justamente naqueles anos (1869-72) e que a primeira tradução em italiano foi publicada apenas em 1889 (cf. MUSTO, 2007). Segundo Masini (1965, p. 20) tinha sido o próprio Engels a enviar ou comentar detalhadamente o *Manifesto* na carta perdida enviada a Cafiero em março. Sem dúvida, Bakunin já conhecia o texto e, de modo geral, as ideias dos comunistas alemães acerca das quais pode ter discutido junto com Cafiero.



sobre a parte positiva do *Manifesto* (“uma grande absurdidade reacionária”), isto é, sobre o modo em que este capital é devolvido à coletividade.

Todos nós queremos conquistar, ou melhor, reivindicar o *capital* à coletividade, e para fazer isso há duas maneiras diferentes. Alguns aconselham um golpe no bastião principal – o Estado – que uma vez na nossas mãos, abrirá a porta do *capital* a todos; enquanto outros reputam melhor *derrubar juntos* todos os obstáculos e *tomar posse coletivamente, de fato*, daquele *capital*, que deve ser para sempre propriedade coletiva. Eu tomo partido com os segundos, meu caro, uma vez que, graças ao vosso *Manifesto Comunista*, eu consegui entender claramente a posição. (*Idem*, p. 220)

A proposta comunista de criar um novo Estado, embora diferente dos antigos, não podia deixar de incomodar Cafiero (e com ele seus companheiros), preocupado com a concentração nas mãos do Estado de capitais, meios de produção, crédito, transportes etc. No entanto, a posição dos internacionalistas napolitanos não era tão sectária, uma vez que eles mostravam não recusar outras formas de emancipação da classe trabalhadora ao afirmar que “se os companheiros alemães querem seguir um caminho diferente, nós lhes desejamos uma boa viagem” (*idem*, p. 224). Este era o conceito usado por Cafiero também para defender a atuação de Bakunin e dos companheiros suíços, os quais “nunca pensaram em substituir suas ideias ao programa largo da Internacional. Eles sempre acharam que o grande mérito da Internacional está justamente na amplitude de seu programa” (*idem*, p. 221). Ao contrário, a grande culpa do Conselho Geral foi aquela de ter imposto à AIT, por meio da IX Resolução aprovada na Conferência de Londres, “um sistema oficial”. Por esta razão Cafiero destacava mais uma vez a importância da questão da autoridade “que não é, para mim, que a manifestação de uma vontade estranha e contrária à nossa”. “Eu detesto a autoridade”, continuava Cafiero, “e quero sua destruição nas suas manifestações mais evidentes, a Igreja e o Estado, que proíbem ao povo a reivindicação do capital” (*idem*). Na apostila conclusiva, em que o italiano comentava *Les pretendues scissions*, ele confirmava que “o Conselho Geral provou ser um governo forte, respondendo a quem atacava seus princípios, com a insinuação, a calúnia e toda a série de intrigas pessoais que formam a quintessência da política forte de um Estado exemplar. A Itália repetirá sorrindo: *Consummatum est!*” (*idem*, p. 225)<sup>189</sup>.

Na resposta, a última de Engels a Cafiero (14 de junho), o alemão desmascarava a traição do ex-amigo – pois considerava, com razão, o fato de ter divulgado as cartas a seus

---

189 Locução latina que significa “tudo acabou”.

“inimigos” uma “questão de honra” – e o acusava de ter aderido à aliança bakuninista, que “exerce sobre os iniciados um autoritarismo absoluto com o objetivo de tomar posse da direção da Associação” (ENGELS *apud* DEL BO, 1964, p. 227). De qualquer forma, Cafiero já havia tomado sua decisão e a carta a Engels representava uma verdadeira declaração de guerra contra o Conselho Geral. Na volta à Itália (18 de junho), acompanhado por Fanelli, ele ficou por algum tempo na Emilia-Romagna onde encontrou novamente Ceretti, Nabruzzi e Costa: a eles comunicou os detalhes da batalha em curso e com eles provavelmente criou um novo núcleo de “íntimos” de Bakunin<sup>190</sup>. A razão destas conversas estava na indecisão do *Fascio Operaio* em tomar posição na luta entre o CG e os dissidentes, fato que Cafiero e seus companheiros reputavam fundamental para encontrar um acordo em vista do futuro congresso nacional e da criação da Federação Italiana da AIT. Não por acaso nesses dias o italiano se manteve em contínuo contato com Bakunin para descrever os resultados dos colóquios com os companheiros daquela região<sup>191</sup>. Mas a hiperatividade de Cafiero não passou despercebida pelas autoridades de Bolonha que, talvez informadas também pela polícia de Nápoles da passagem do internacionalista na cidade, prenderam-no (29 de junho), interrogaram-no o dia inteiro e lhe apreenderam duas fotos: uma de Francesco Piccinini (o internacionalista assassinado em maio) e a outra de Bakunin<sup>192</sup>.

Enquanto isso, em Nápoles, os membros da *FON* perseveravam na propaganda internacionalista: ao começo de maio tentaram novamente organizar os operários segundo as diferentes profissões e anunciaram o início de um ciclo de conferências, realizadas por Tito Zanardelli. Além disso, o pequeno núcleo partenopeu dedicou-se novamente ao trabalho pedagógico, reabrindo a escola para os filhos do operários fechada no verão de 1871. Agora, os participantes eram cerca de quarenta, na maioria mulheres, e os professores eram Giustiniani, Schettino e os irmãos Zanardelli e Filicò (estudantes na Universidade); Malatesta, ao contrário, ficava escondido por medo de ser preso por causa do artigo publicado em março no *La Campana*<sup>193</sup>. Por outro lado, a polícia continuava sua atenta vigilância e a ação repressiva contra os internacionalistas: após a primeira conferência de Zanardelli (26 de maio), que havia imprimido em um opúsculo intitulado *L'operaio in Italia* [O operário na

---

190 Cf. NETTLAU (1928) e SOZZI (1978).

191 Conforme os diários de Bakunin ele recebeu duas cartas de Cafiero (22 e 27 de junho), às quais respondeu nos dias 26 e 29 de junho, v. NETTLAU (1928, p. 351).

192 Extraí esta notícia da comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles de 9 de julho de 1872 no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 61.

193 *Idem* de 22 de maio de 1872 no *idem*.

Itália], ele foi preso por crime de imprensa. Ao longo de seu discurso, de fato, Zanardelli havia tratado da “questão social, da miséria do operário, da escravidão em que ele está forçado pela sociedade. Amaldiçoou os capitalistas e os padres, propugnou a doutrina da propriedade coletiva, com a abolição do direito de herança”<sup>194</sup>.

No final de maio, quando Malatesta havia voltado à sua atividade de professor, a escola da *FON* já contava com mais de 300 crianças: segundo a polícia, ele, Tucci e Zanardelli “envenenam-lhes o coração, corrompem-lhes a mente e representam uma ameaça permanente contra a ordem e as instituições”. A razão que motivou o pedido policial de dissolução da associação era que

a *Federazione Operaia Napoletana* continuou a propugnar as doutrinas mais exageradas do Socialismo e [...] tentou qualquer meio para conquistar prosélitos e insinuar nas massas dos operários princípios tendentes a subverter a ordem da sociedade civil. Ela constitui um núcleo muito perigoso para a tranquilidade pública.<sup>195</sup>

O sucesso da iniciativa pedagógica, no entanto, obrigou os internacionalistas a encontrar novos recursos econômicos, já que o próprio Cafiero havia declarado não ter a intenção de gastar outro dinheiro para a *FON*<sup>196</sup>. Foi assim que no começo de junho os sócios da associação tiveram de “fazer vaquinha” para pagar o aluguel mensal, enquanto Gambuzzi pediu para fazer, às suas próprias custas, bancos e cadeiras para os alunos da escola. A esta altura, a polícia, que confirmava o temor dos operários partenopeus ao se aproximarem da associação, decidiu intervir enviando, de antemão, um inspetor escolar na sede da *FON* e da escola (20 de junho). O relatório por ele redigido revela-se muito interessante, seja porque indica os livros usados pelos professores (entre eles as publicações do *Liberio Pensiero*), seja porque mostra a atitude firme e irreverente dos responsáveis da escola. Na sala haviam como professores “Errico Malatesta, estudante de Medicina e Cirurgia, Filicò Luigi, tipógrafo, Esposito Carmelo, mecânico e Filicò Giuseppe, professor de desenho”. O inspetor, que no relatório destacava o aspecto indecoroso dos professores e a não divisão por sexo dos alunos, afirmou ser recebido com “maneiras inurbanas”. O primeiro e o único que enfrentou o emissário do governo foi o próprio Malatesta, que “com um desprezo bastante marcado, disse:

---

194 Comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles de 28 de maio de 1872 no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 413.

195 *Idem* de 29 de maio de 1872 no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 61.

196 *Idem* de 22 de maio de 1872 no *idem*. Esta decisão era devida provavelmente à adversão de Cafiero para a apatia do povo napolitano, v. nota 151 desse texto.

'todos os homens são livres de poder ensinar"', acrescentando que ele era estudante na Universidade local<sup>197</sup>.

De qualquer forma, a medida repressiva não tardou a chegar, pois no dia 28 de junho o *Prefetto* da cidade – de acordo com o *Ministro dell'Interno*, o qual pretendia punições severas para os responsáveis –, decretou o fechamento da escola. Ao receber as autoridades, Malatesta, que admitiu não ter a “autorização legal” para o ensino, recusou-se a assinar o relatório da polícia<sup>198</sup>. A incessante repressão das atividades da *FON*, no entanto, não desanimou demais os internacionalistas partenopeus que continuaram suas tentativas de organização, agora reforçadas pela volta de Cafiero, que ao começo de julho, após uma parada em Roma, retornou à Nápoles. Malatesta, que depois de sua experiência como professor estava procurando um emprego nas fábricas da cidade para realizar a propaganda entre os operários, resolveu disponibilizar seu apartamento para o amigo giróvago. Agora a casa dos irmãos Malatesta havia se tornado “o centro de encontro dos debates sobre o desenvolvimento do socialismo” (TODA, 1988, p. 79)<sup>199</sup>. Enquanto isso, a *FON*, embora tivesse perdido o apoio do antigo presidente Giustiniani, já contava com três novas seções: aquelas dos trabalhadores do latão, do bronze e do algodão<sup>200</sup>. Esta vitalidade foi provocada principalmente pela propaganda realizada por Tommaso Schettino, que na segunda metade de julho conseguiu juntar outra seções à federação<sup>201</sup>.

Cafiero, por seu lado, com a longa viagem à Suíça, ao Norte e ao Centro da Itália, havia conseguido avançar bastante no trabalho ideológico e organizacional, e relatou aos companheiros a difusão da Internacional nas outras regiões. Na metade de julho, uma última troca de correspondência com Bakunin serviu para definir os detalhes do “plano” que previa a formação da Federação Italiana, a aprovação de um documento oficial de repúdio do Conselho Geral da AIT e adesão a um contracongresso dissidente a ser realizado na Suíça, simultaneamente àquele sediado em Haia<sup>202</sup>. Neste sentido, o importante acordo realizado entre Cafiero e os internacionalistas da Emilia-Romagna, já que o núcleo de Milão concordava plenamente com a linha dissidente, resultou no anúncio, publicado pelo *Fascio*

---

197 Este relatório encontra-se no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 413*.

198 Relatório de 28 de junho de 1872 no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 413*.

199 Aniello, irmão de Errico, morava ainda com ele mais havia abandonado a militância política já em 1871.

200 Comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles de 9 de julho de 1872 no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 61*.

201 *Idem* de 24 de julho de 1872 no *idem*, *busta 413*.

202 Isso sugeriu Bakunin na carta a Cafiero e a Nabruzzi do 16 de julho de 1872, à qual Cafiero respondeu poucos dias depois. Cf. NETTLAU (1928, p. 354-355).

*Operaio* no *La Favilla* (26 de junho): o Conselho regional da associação convidava todas as seções italianas a escolher o lugar para realizar “nos primeiros quinze dias de agosto” a “conferência nacional” e a elaborar as questões a serem discutidas na ocasião. A primeira assinatura em baixo da comunicação era a de Andrea Costa.

## 2.2 A evolução de Costa

Vimos como a estreia de Andrea Costa no movimento internacionalista aconteceu naquele ambiente de garibaldismo e de mazzinismo tardio que marcou o surgimento dos *Fasci Operai* na região da Emilia-Romagna. A peculiaridade do jovem de Ímola em relação aos companheiros de Nápoles estava sobretudo na sua grande curiosidade intelectual, um aspecto que caracterizou sua aproximação da Internacional. Ao mesmo tempo, ele também conseguiu entrar em contato, embora de forma indireta, com o anarquismo de Mikhail Bakunin por meio de Pescatori, Nabruzzi e Ceretti. O próprio Costa afirmou nas anotações autobiográficas de 1898 que

Era um grande movimento humano que nós almejávamos. A própria palavra “partido” estava estreita demais. Era natural que nos fôssemos arrastados rapidamente, logicamente, sinceramente até o conceito anarquista – o mais completo, o mais humano – cujo triunfo no futuro está assegurado. (COSTA, 1952, p. 321)

Já no seu artigo na última edição do *Fascio Operaio* ele demonstrava tanto sua habilidade como escritor e propagandista, quanto a influência das ideias políticas mais radicais presentes na Itália naquele período. Ele citava, não sem uma boa dose de retórica, as batalhas do *Risorgimento* em que o povo sofreu pela liberdade, condenava a instituição monárquica e desenhava um panorama futuro feito de harmonia, amor e liberdade, em que “os livros substituem as armas, e os direitos a força”. Por outro lado, convidando o povo a se libertar das cadeias da escravidão econômica e da ignorância, ele lembrava como a propriedade era “o direito ao trabalho em si, e não meio de corrupção e de dominação. Seu apelo estava dirigido, com uma terminologia de claro cunho bakuniniano, “à canalha, aos incendiários, aos perdidos”, para que se levantassem contra as injustiças da sociedade

presente<sup>203</sup>. No entanto, o que faltava, tanto no elegante elóquio de Costa quanto na sua atuação no seio do *Fascio Operaio*, era a preocupação com os aspectos organizacionais e pedagógicos do proletariado, ao contrário do que haviam realizado os companheiros de Nápoles já a partir de 1871.

A redefinição da estrutura da associação de Bolonha realizada na metade de maio, assinalava, como vimos, o surgimento de uma nova geração de socialistas que entrou em contraste com o velho grupo dirigente. Há quem tenha interpretado esta mudança e a consequente desorganização em que caiu o *Fascio Operaio* a partir de junho, como o principal efeito das sugestões de Bakunin aos companheiros da região, desorganização à qual teria contribuído a chegada do próprio Costa (cf. SOZZI, 1978). No entanto, embora Costa tivesse assumido desde logo um lugar relevante dentro da associação bolonhesa – como demonstra a convocação do primeiro congresso nacional por ele assinada no *La Favilla* –, acho prematuro atribuir toda essa importância a um jovem que havia há pouco aderido à AIT e que ainda estava se dedicando aos estudos universitários. Além disso, no processo de desagregação do *Fascio Operaio* e de afastamento do antigo grupo dirigente, desempenhou um papel fundamental a polêmica teórica e pessoal com os partidários de Mazzini, que repercutiu ao longo de vários meses. Não sabemos em que medida o encontro com Cafiero, Friscia e Fanelli, que aconteceu em Bolonha entre maio e junho, contribuiu na atribuição a Costa de um papel relevante nas futuras atividades da Internacional italiana, mas, de fato, a partir da metade de junho, o *imolese* assumiu todas as tarefas necessárias para a realização do congresso. As palavras usadas pelo próprio Costa para descrever esta delicada passagem pessoal, um pouco crípticas devido à condição de reclusão na qual as escreveu, nos dizem muito também sobre o caráter do autor:

Antes [estava] sozinho. Estava bem, quando estava sozinho. Escapava [dos] outros de forma absoluta.

Depois: [a] vida jamais me pertenceu. Não havia que aquilo, que [o] ideal. Efeito moral. [Era] mais bondoso: com a própria família. Aquela veleidade de pequeno-burguês meio aristocrático [...] desapareceu [...].

Uma renovação. Uma vida nova. Incipit vita nova, como Dante: não para o amor de Beatrice – para o amor do gênero humano e para o aperfeiçoamento de si e dos outros. (COSTA, 1952, p. 323-324)

É provável que já a esta altura Costa tivesse aderido ao núcleo de “íntimos” de Bakunin, mas a rápida dissolução tanto da associação quanto do jornal *Fascio Operaio* não

203 “*La patria del popolo*” no *Il Fascio Operaio* (6 de junho de 1872).

parece estar diretamente ligada a esta escolha. Após a reunião extraordinária de 14 de junho em que foi votada a convocação do congresso nacional para os primeiros quinze dias de agosto<sup>204</sup>, foram poucos os sócios presentes na assembleia realizada em Bolonha no dia 23 de junho, na qual se tentou, com muita dificuldade, recolher as contribuições necessárias para participar do congresso. Diante desses problemas e em vista da assembleia nacional, Costa resolveu inaugurar um intenso período de propaganda, escrita e oral, na sua própria região, assistido por alguns colegas da Universidade<sup>205</sup>. Uma das primeiras ocasiões em que o jovem *imolese* falou em público foi ao longo de uma reunião (4 de julho) da seção internacionalista de San Giovanni in Persiceto, um vilarejo não muito distante de Bolonha. No relatório redigido após o encontro, o chefe da polícia informou como os membros da seção, quase todos jovens operários, deixaram que fosse o “conhecido” Costa a abrir a assembleia com um breve mas firme discurso. Ele declarou

1° que o Fascio Operaio, ou a Internacional, tendia a abolir a pátria, pois a pátria é apenas um vínculo, um obstáculo ao amor dos povos entre eles, à verdadeira fraternidade [...].

2° a abolir a família, pois a família é apenas um delito contranatura impondo ao homem a coabitação forçada com a esposa, inclusive quando cessou a paixão e o amor.

3° a abolir a propriedade, pois ela é apenas um roubo, e é um roubo porque ao invés de estar dividida e acessível para todos, ela é acessível apenas para os nobres e para os burgueses.<sup>206</sup>

Eram palavras de ordem genéricas mas eficazes que, embora não sugerissem alguma ideia prática para melhorar a condição de sofrimento dessas pessoas, deviam servir a despertar o interesse do auditório; Costa, que conhecia bem o caráter prevalente naquela região e a influência do garibaldismo, terminou sua fala aproximando a figura do grande general à Internacional. Além disso, como foi destacado, “o objeto de sua predição era o povo na sua generalidade. E Costa mais que os outros não via uma função classista na classe operária” (GALASSI, 1989, p. 77). Não por acaso o interclassismo costiano é uma das componentes mais peculiares de seu pensamento, um conceito ao qual ele se manteve fiel ao

204 A decisão foi comunicada também a Charles Renshaw, membro do Conselho Geral de Londres, com uma carta enviada no dia 2 de julho de 1872. V. DEL BO (1964, p. 230-231).

205 Tratava-se de Alceste Faggioli, Alfonso Leonesi e Teobaldo Buggini, que Costa conheceu em Bolonha e com os quais constituiu, neste período, o novo “núcleo dirigente” do *Fascio Operaio*. Cf. ROMANO (1954, vol. II) e SOZZI (1978).

206 O relatório do chefe da polícia ao *Prefetto* de Bolonha de 6 de julho de 1872 foi publicado por DELLA PERUTA/BOSIO (1952).

longo de sua militância na Internacional e que era compartilhado também por Cafiero e Malatesta<sup>207</sup>. O próprio Costa, em um opúsculo no qual recapitulava sua experiência internacionalista, afirmou que

A Internacional, por outro lado, nunca foi sentida e acolhida na Itália como uma associação puramente operária, que propõe a emancipação da classe trabalhadora da classe burguesa: foi acolhida, ao contrário, como uma associação destinada à emancipação humana do homem, a qualquer classe ele pertencesse. (COSTA, 1900, p. 9)

Por outro lado, uma vez que o periódico *Il Fascio Operaio* havia interrompido suas publicações, Costa conseguiu encontrar uma válida alternativa para continuar sua correspondência em nome da associação bolonhese: tratava-se do *La Favilla*, jornal democrático-republicano criado por Paride Suzzara Verdi já no período pos-unitário, mas que agora estava disposto a abrir suas colunas às comunicações da Internacional. No dia 9 de julho a revista de Mantova publicou duas mensagens do Conselho regional do *Fascio Operaio* assinadas por Costa<sup>208</sup>: a primeira estava dirigida ao próprio Garibaldi, o qual, chamado de “pai e capitão do povo”, era convidado a presidir o futuro congresso. A segunda comunicação era destinada “À Liga Operária de Roma”, para festejar sua recente criação e adesão à Internacional, e para convidá-la a participar da assembleia nacional<sup>209</sup>. Também nesta ocasião Costa mostrou privilegiar uma prosa erudita em que, evocando as imagens luxuriantes da Roma monumental, chamava a atenção sobre os “milhares de operários que dormem à noite no duro piso abaixo do pórticos das igrejas e mendigam um pão às portas dos monastérios”.

Os problemas no seio do *Fascio Operaio* de Bolonha apareceram também na reunião de 7 de julho, em que a componente garibaldina conseguiu reeleger Erminio Pescatori no novo Conselho Geral da associação. No entanto, esta votação, que contrariava as expectativas da dissidência bakuninista, foi contestada pelos novos eleitos assim como pelo secretario Alceste Faggioli, amigo e portavoza de Costa (que não estava presente na assembleia). A maioria do conselho demitiu-se e Faggioli não reconheceu a eleição de

207 Ver também o relatório apresentado por Costa no congresso internacional da AIT em Genebra (1873), as palavras de Cafiero no artigo de 16 de janeiro de 1876 no *La Plebe* e o discurso de Malatesta no Congresso de Berna de 1876 (*apud* AA. VV. 1876).

208 Na verdade o primeiro jornal a publicar estas comunicações foi o *La Plebe*, no dia 6 de julho, mas de fato a colaboração de Costa com *La Favilla* começou com este dois textos.

209 Acerca do movimento internacionalista em Roma v. DELLA PERUTA (1952).



Pescatori, de fato condenando o *Fascio Operaio* a atravessar uma grave crise interna<sup>210</sup>. Com certeza, a intransigência com que Costa e seus novos companheiros levaram adiante o processo de formação da primeira formação operária da cidade contribuiu nesta fase de parcial retrocesso organizacional. No entanto, ela era parte imprescindível do processo de definição e diferenciação ideológica do proletariado italiano, ainda ligado às velhas concepções republicanas e protossocialistas, e comportava portanto doloridas cisões dentro do movimento. A falta de experiência do jovens *emiliano-romagnoli* emergia também em uma carta de Costa a Carlo Terzaghi<sup>211</sup>, membro da Internacional de Turim, em que o *imolese*, responsável pela organização do congresso, mostrava uma certa discricionariedade no envio dos convites<sup>212</sup>. Mas também neste caso havia o outro lado da moeda, pois a partir do 31 de julho o periódico *La Favilla*, provavelmente graças à intermediação de Costa, começou a publicar a tradução, realizada pelo próprio Terzaghi, do último manuscrito de Bakunin contra Mazzini, *La Teologia politica di Mazzini e l'Internazionale*<sup>213</sup>.

No texto bakuniniano, que havia em parte perdido sua eficácia após a morte de Mazzini, eram repetidas as críticas ao revolucionário italiano que já vimos e resultava particularmente significativa a declaração de fé materialista do russo. “Nós chamamos de matéria”, afirmava Bakunin, “tudo aquilo que é, tudo aquilo que se produz no mundo real, tanto dentro do homem quanto fora dele e nós aplicamos o nome de ideal exclusivamente aos produtos da ação cerebral”. Ele explicitava assim a base eminentemente materialista (e neste sentido eminentemente marxiana) de seu pensamento, que pretendia aplicar também à atuação da Internacional: “[...] no mundo social, o qual não pode ser considerado mais que a ultima gradação conhecida do mundo material, o desenvolvimento das questões econômicas foi e será ainda a base determinante de todos os desenvolvimentos religiosos, filosóficos, políticos e sociais”. Mas a parte mais interessante do panfleto bakuniniano dizia respeito a uma questão ainda pouco discutida no âmbito do internacionalismo italiano, isto é, as greves operárias, um

210 No mês de julho de 1872 os confrontos entre internacionalistas e republicanos na Emilia-Romagna continuaram sem trégua: no 12 de julho foi assassinado um dirigente do *Fascio Operaio* de Lugo, enquanto nos dias 21 e 28 tiveram dois feridos e um morto entre as fileiras dos internacionalistas. Cf. SOZZI (1978) e GALASSI (1989).

211 Carlo Terzaghi (1845-1900): figura obscura da Internacional na Itália, contribuiu na criação da primeiras seções da AIT em Turim e seus relativos órgãos de imprensa. Embora tivesse sido um dos primeiros italianos a entrar em contato com Bakunin e também graças a isso tivesse adquirido uma certa notoriedade no movimento, foi em seguida desmascarado como espião da polícia de Turim e expulso da Internacional durante o congresso de Bolonha (1873).

212 A carta, sem data mas posterior à reunião do *Fascio Operaio* de 7 de julho e anterior ao congresso nacional, encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta IV, vol. 11 e agora em FAENZA (1973).

213 A publicação do texto bakuniniano no *La Favilla* terminou com a edição de 18 de outubro de 1872.

fenômeno que estava emergindo com força pela primeira vez na história da Itália. De fato, a partir de julho de 1872 começaram no Norte do país uma série de greves nas principais cidades operárias, devidas principalmente ao aumento do custo da vida. Os primeiros a se mobilizar foram os pedreiros de Turim que na metade do mês começaram a protestar e a reivindicar um aumento do salário. As condições em que se encontrava o proletariado urbano e rural eram realmente difíceis: no campo vigorava ainda a contestada “taxa sobre o moído” (v. nota 6 desse texto) que havia agravado a já precária situação do camponeses, enquanto a péssima safra do grão daquele ano repercutiu também na atividade de panificação nas cidades<sup>214</sup>.

A seção internacionalista de Turim tentou, sem êxito, orientar a greve em sentido socialista, por causa da presença ainda maciça da componente mazziniana na cidade. Ao longo de uma reunião entre 2000 operários foram votadas uma série de reivindicações salariais que, no entanto, foram rejeitadas pelos patrões. Após alguns tumultos, a polícia, seguindo as prescrições da lei, que então considerava a greve como crime, prendeu quase todos os dirigentes da associação internacionalista e muitos operários<sup>215</sup>. A reação operária não tardou a chegar: no dia 31 de julho a greve em Turim foi praticamente geral, com cerca de 5000 operários que desertaram do trabalho. Após cerca de 500 prisões, os pedreiros conseguiram finalmente o aumento salarial reivindicado (1º de agosto), enquanto os padeiros, seguindo o exemplo de seus concidadãos, ameaçaram uma greve e declararam suas reivindicações. Eles pediam a jornada de trabalho de 10 ou 11 horas, o aumento da paga do 25-30% e o pagamento semanal, condições que foram rejeitadas pelos patrões<sup>216</sup>. No que diz respeito a situação de Turim, são esclarecedoras as cartas enviadas neste período por Carlo Terzaghi à *Favilla*: nelas, além de relatar sobre a situação da greve, ele lançava duras críticas à gestão do movimento, lamentando o fraco posicionamento ideológico e a ausência de “caixas de resistência operárias”<sup>217</sup>.

Esta efervescência não podia passar despercebida nas outras localidades com uma alta concentração operária: foi assim que após o fim da greve em Turim os pedreiros de Milão desertaram do trabalho pedindo melhores salários. No dia 5 de agosto uma assembleia de

214 Também em Verona, no Norte do país, os operários da ferrovia entraram em greve reivindicando um aumento salarial, enquanto os padeiros ameaçaram de fazer o mesmo. V. *La Favilla* de 24 e 28 de julho de 1872.

215 A greve foi considerada crime até o final do século, embora a introdução de um novo código penal em 1889 tivesse depenalizado a suspensão voluntária do trabalho.

216 V. *Gazzetta Piemontese* de 3 de agosto de 1872.

217 Ver as cartas de Terzaghi publicadas na revista nos dias 2, 3 e 4 de agosto de 1872.

mecânicos e padeiros foi dispersa pelas autoridades, enquanto no dia seguinte a greve tornou-se praticamente geral: “os prédios em construção, as forjas, as oficinas mecânicas, os curtumes, as tinturarias estão todas fechadas devido à falta de trabalhadores” (VALIANI, 1950, p. 366). As categorias em greve aumentaram, assim como as manifestações e os protestos, mas poucas foram as reivindicações atendidas e em geral a repressão governamental foi tão dura quanto em Turim, graças à adoção de medidas especiais<sup>218</sup>. A partir de 8 de agosto a “ordem” foi restabelecida em todas as cidades do Norte do país e nos jornais não apareceram mais notícias relativas a greves. No entanto, em Nápoles os principais membros da *FON*, neste caso Cafiero, Malatesta e Schettino, resolveram mobilizar os operários aderentes à associação, que eram na época cerca de 800 a 1000. De fato, conforme os informes policiais, a *FON* possuía oito diferentes seções profissionais, além da seção mista formada por operários e burgueses, verdadeira alma dirigente da organização. No final de julho, aproveitando-se do descontentamento e dos protestos difundidos no país, eles conseguiram organizar uma greve dos construtores de camas que levou à imposição de novas tarifas<sup>219</sup>. Ao ver o êxito com que os companheiros conseguiram o aumento exigido, também os trabalhadores do latão, sob o impulso de Schettino e Malatesta, entraram em greve, reivindicando uma adequação das tarifas. Graças à mediação dos internacionalistas, oito operários que haviam sido demitidos por exigir uma nova tarifa foram reintegrados nas oficinas depois que os patrões tinham aceitado as reivindicações dos trabalhadores<sup>220</sup>. Ainda na segunda metade de agosto de 1872 foi divulgado um folheto impresso, redigido provavelmente por Schettino, que continha um apelo “Aos operários mecânicos de Nápoles” para que se organizassem e mobilizassem:

Diante do grande movimento operário que se desdobra hoje na Itália toda e inclusive na nossa Nápoles, seria realmente vergonhoso ver que apenas os Operários *Mecânicos* estejam sonolentos sem pensar a se juntar para poder pedir a justa compensação do nosso pesado trabalho.<sup>221</sup>

Por todas estas razões, as palavras de Bakunin sobre as greves, um fenômeno inédito para o operariado italiano, adquiriam, no momento certo, uma relevância especial aos

---

218 Ver também as edições do *Gazzettino Rosa* de 6, 7, 8, 9 e 11 de agosto de 1872.

219 Ver ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 413. Entre os documentos contidos nesta pasta há também um tarifário impresso da “Sociedade dos fabricantes de camas de ferro” aderente à *FON*, datado de 30 de julho.

220 Ver informes policiais de 11 e 12 de agosto no *idem*.

221 O folheto encontra-se no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 42.

olhos dos leitores do *La Favilla*. O russo, na segunda parte do *La Teologia di Mazzini*, destacava que “as greves são o resultado inevitável de toda a atual situação econômica”, o único meio para os operários de “defender seu miserável pedaço de pão e a sombra da liberdade, que a organização econômica da sociedade deixa para eles”. Conforme Bakunin, a potencialidade das greves não limitava-se à reivindicação em si, pois eles “são os mais potentes e os mais terríveis propaladores das ideias socialistas entre as massas”. E o papel da greve se refletia, conseqüentemente, na atuação dos membros da Internacional e na criação de uma rede de solidariedade entre os operários:

bem, os internacionalistas devem acorrer em socorro de seus irmãos de todos os países que não têm trabalho. Eles devem dar para eles até a última moeda e até endividar-se para não deixá-los morrer de fome. Esta é a fraternidade humana sem utopias e sem ênfases. Esta é a prática da Internacional.<sup>222</sup>

Na última parte do texto bakuniniano publicado no *La Favilla*, o russo elencava uma série de oito recomendações em que resumia a correta atuação de um verdadeiro militante da Internacional neste preciso momento histórico. Não é por acaso que a comparação entre as indicações sugeridas por Bakunin para uma correta propaganda e o conteúdo dos textos redigidos por Costa neste período revele uma semelhança notável. Na carta a Terzaghi, de fato, o *imolese* chamava a atenção sobre o grande trabalho que estava realizando para o congresso, “como por exemplo correspondência, ordenar as questões e mil outras coisas e sendo sozinho você entende que não está me sobrando tempo”. Ele mesmo em seguida descreveu com palavras eloquentes seu crescente compromisso com a atividade da Internacional no ano de 1872: “Eu fui responsabilizado por tudo e eu me responsabilizei por tudo. Não havia nenhuma tarefa que me assustasse, que me embaraçasse. Jornal. Correspondência. Propaganda. Discursos. Administração. Organização” (COSTA, 1952, p. 324). Mas a testemunhar de forma exemplar sua rápida evolução ideológica é o manuscrito divulgado durante a reunião do *Fascio Operaio* de Ímola de 14 de julho de 1872, o qual foi apreendido pela polícia e que hoje está conservado no Arquivo de Estado de Bolonha, intitulado “*Collettivismo, Ateismo, Anarchia*” [Coletivismo, Ateísmo, Anarquia]<sup>223</sup>.

222 Para aprofundar o pensamento de Bakunin sobre este aspecto ver também *The Program of the Alliance* (BAKUNIN, 1971, p. 243ss) onde enfatiza a importância, em uma fase de greve, da existência das “caixas de resistência” operárias.

223 ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta II.2, vol. 6 e agora em FORLANI (1993). Masini (apud BERSELLI, 1982, p. 79) destaca como o título do manuscrito costiano recorde um texto redigido por Bakunin em 1869, *Federalisme, socialisme et antiteologisme*.

O breve e incendiário manifesto costiano colocava os três conceitos do título na base do novo programa revolucionário, isto é, da Revolução Social, que pretendia “romper qualquer vínculo com o passado, cancelar os vestígios daquilo que foi”. Por esta razão, era necessário renegar as antigas crenças e aderir a uma perspectiva racionalista que negasse a religião, causa de fatalismo e quietismo entre as massas, de acordo com as indicações fornecidas também pela ciência: “Deus é um espantalho, os padres são parasitas, a igreja é o prostíbulo da razão”. Muito interessante era a definição do anarquismo, concebida a partir de sua oposição a um fenômeno social intolerável, ou seja, “o governo do homem sobre o homem”, considerado como uma forma de escravidão. A anarquia, que não significa “confusão, desordem, guerra civil”, é um apelo dos governados contra a autoridade dos governantes, a reivindicação dos direitos “dos servos contra os patrões”. Consequentemente, a propriedade era considerada um roubo, propugnava-se a abolição das “distinções de classe”, de modo que “o operário do pensamento e o operário da mão se entendam e realizem, juntos, a Revolução Social”.

Na verdade, as palavras de Costa, que terminavam com um apelo para prosseguir “para frente, sempre!” e com uma citação de seu professor Carducci, não faziam nenhuma referência nem à Internacional nem ao coletivismo anunciado no título, e limitavam-se a uma profissão de ateísmo e anarquismo, em que era apenas mencionada “a luta para a construção de uma sociedade de produtores” (BERSELLI, 1982, p. 34). Além do peculiar estilo literário do jovem Costa, que usava continuamente metáforas históricas para sustentar seu argumento, as influências mais evidentes de seu pensamento devem ser procuradas, nesta fase, mais em Rousseau, Proudhon e Bakunin, do que em Marx ou em outros socialistas alemães. De fato, era sobretudo a falta de conhecimento das mais recentes teorias da economia política o que caracterizava o texto costiano, no qual continuava a prevalecer um marco claramente humanístico. No entanto, é oportuno destacar que Costa tinha então apenas vinte anos e que, apesar disso, estas suas primeiras manifestações públicas conseguiram não apenas apaixonar um pequeno grupo de operários da região pelas ideias da Internacional, mas também convencer os principais organizadores da AIT na Itália a confiar no seu trabalho para a causa comum.

Como vimos, o Conselho Geral da Internacional havia convocado o novo congresso da associação em Haia para o começo de setembro: a ordem do dia da assembleia

previa “a revisão do estatuto e do regulamento geral” da AIT<sup>224</sup>. Mas a verdadeira intenção de Marx e Engels era impedir o avanço da componente bakuninista no seio da associação, como demonstra a correspondência de Engels no mês de julho, em que ele procurou conseguir uma maioria fiel às ideias do CG para as votações a ser realizadas no congresso. Além disso, naquele período Marx e Engels conseguiram provar a existência na Espanha da Aliança secreta criada pelo “gordo elefante” Bakunin, o qual devia ser “desmascarado no Congresso”<sup>225</sup>. Desta forma, tanto na Itália quanto nos outros países da Europa meridional onde o revolucionário russo havia criado uma densa rede de contatos, discutia-se não apenas acerca da oportunidade de participar do Congresso em Haia, mas também da proposta de abolição do próprio Conselho Geral. Carlo Terzaghi, por exemplo, em uma correspondência publicada no *La Favilla* (18 de julho), convidava todas as seções italianas a compartilhar esta última iniciativa. Por outro lado, o diretor do *La Plebe*, o único periódico italiano que se mantinha em contato com o CG e que publicava todas suas comunicações, indeciso sobre a atitude a ser tomada, estimulava o *Fascio Operaio* de Bolonha a manifestar sua posição com uma mensagem dirigida ao próprio Costa (3 de agosto). A resposta dos bolonheses, assim como de todos os internacionalistas do país, foi elaborada, como veremos, ao longo do primeiro congresso nacional.

No dia 16 de julho *La Favilla* publicou uma carta de Garibaldi em que delegava Lodovico Nabruzzi a representá-lo na “Conferência Nacional, que espero terá lugar em Rimini”, afirmava o general. Esta era a primeira notícia oficial (a comunicação foi publicada em nome do *Fascio Operaio*) em que era anunciada a cidade litorânea como sede da assembleia e isto por duas razões: “seja porque aqui a seção internacionalista possuía mais de duzentos sócios, seja porque o balneário consentia de confundir, aos olhos da polícia, os movimentos dos participantes, devido ao afluxo dos turistas” (GALASSI, 1989, p. 78). A decisão era confirmada também na comunicação do *Fascio Operaio* ao Conselho Geral da AIT enviada no 18 de julho, em que era indicado o 4 de agosto como data de início do encontro (*apud* DEL BO, 1964, p. 236). A escolha de não chamar a assembleia de congresso mas sim de conferência era motivada não apenas pelo fato de que ainda não existia uma formação internacionalista organizada a nível nacional que podia convocar um congresso

---

224 V. a comunicação de Engels, que era ainda secretário da AIT para a Itália, publicada no *La Plebe* (3 de agosto de 1872).

225 Carta de Engels a Theodor Cuno de 5 de julho de 1872 em MARX/ENGELS (1989). Na comunicação de Engels aos membros da AIT de 5 de agosto, ele anunciava que ao longo do congresso em Haia, o CG teria pedido a expulsão de todos os membros da Aliança bakuninista (MARX/ENGELS, 1972, p. 78ss).

oficial, mas também pela tentativa de escapar da atenta vigilância policial, atribuindo uma importância menor ao evento<sup>226</sup>. A repressão sofrida pelo grupo napolitano no biênio 1871-1872, assim como as prisões realizadas contra os internacionalistas envolvidos nas greves de julho e agosto, sugeriram aos organizadores do congresso uma maior prudência. De fato, nenhum dos jornais ligados à Internacional, ou que pelo menos havia disponibilizado suas colunas para as comunicações da AIT, publicou a notícia da reunião a ser realizada em Rimini entre os dias 4 e 6 de agosto de 1872, e a própria polícia de Nápoles mostrava estar informada acerca do caráter secreto do encontro<sup>227</sup>. Da cidade partenopeia, no entanto, partiram para representar a seção apenas Cafiero e Fanelli, enquanto Malatesta, ao contrário de quanto afirma a maioria de seus biógrafos, não foi para Rimini<sup>228</sup>.

### 2.3 Conferências, congressos e luta de ideias

A Primeira Conferência das seções italianas da Internacional, convocada em Rimini nos dias 4-6 de agosto de 1872, reuniu os representantes de 22 seções e deliberou a criação da Federação Italiana da Associação Internacional dos Trabalhadores (FI-AIT). O presidente Cafiero e o secretário Costa notificaram também a aprovação dos relativos programa e regulamento: o primeiro era idêntico ao da Internacional, isto é, os *Considerando* elaborados por Karl Marx, enquanto o regulamento aprovado, com pouquíssimas alterações, foi aquele proposto pela Federação Operária Napolitana, provavelmente redigido em colaboração entre Cafiero, Fanelli, Malatesta e Schettino. Nas atas do congresso, em conformidade com o princípio do internacionalismo anarquista, era esclarecido que o título de “federação italiana” era considerado como “simples distinção categórica, o que não tira o direito das seções estrangeiras de se federar a ela” (*apud* MASINI, 1964, p. 32). Como foi notado (SOZZI, 1978, p. 306), o regulamento federal italiano, que deixava ampla autonomia às diferentes seções, se assemelhava muito com aquele aprovado pela federação suíça do Jura

226 Já em março de 1872 os internacionalistas de Turim haviam proposto a convocação, pelas mesmas razões, de uma “conferência privada” (v. *L'Eguaglianza* de 24 de março).

227 Comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles dos dias 30 de julho de 1872, no ASN, *Gabinetto, Prefettura*, busta 61.

228 *Idem* de 1º de agosto de 1872, no ASN, *Gabinetto, Prefettura*, busta 61. A hipótese segundo a qual Malatesta não teria participado da conferência de Rimini está baseada no testemunho de Luigi Fabbri, amigo e biógrafo do anarquista napolitano, o qual, tanto no *La vida de Malatesta* quanto em um manuscrito de anotações (1920), afirma que “não estava presente no congresso de Rimini”. Ao contrário, conforme BERTI (2004, p. 25) e TODA (1988, p. 80), Malatesta teria participado do encontro.

em novembro de 1871, apesar de algumas significativas exceções. De fato, a FI-AIT votou a criação de duas comissões internas, destinadas uma à Correspondência e a outra à Estatística: na primeira, a mais importante, foi nomeado Andrea Costa, com Alceste Faggioli como ajudante; enquanto a segunda, destinada a analisar a situação socioeconômica dos membros da federação, foi composta por Ceretti, Malatesta e Terzaghi<sup>229</sup>. Além disso, ao contrário dos companheiros suíços, o encontro recusou-se a criar um comitê federal dirigente, considerado como a expressão de uma autoridade superior.

Durante as longas sessões, muitas foram as decisões importantes tomadas pelos congressistas, a partir da criação de um órgão de imprensa oficial da federação, que foi em seguida intitulado *La Rivoluzione Sociale* [A Revolução Social]<sup>230</sup>. Debateu-se longamente sobre a questão das greves, consideradas “materialmente pouco úteis para o operário mas muito frutuosas para desenvolver o sentimento de solidariedade na luta do trabalho contra o capital” (*apud* MASINI, 1964, p. 34). Mas foi sobretudo na quinta sessão, realizada no dia 6 de agosto, que foram pronunciadas as falas mais interessantes de um ponto de vista ideológico, nas quais a federação definiu sua posição diante da crise teórica e organizacional que estava atravessando a Internacional<sup>231</sup>. A personalidade mais prominente no congresso foi certamente a de Cafiero: foi ele que ao longo dessa sessão pronunciou as palavras mais severas contra o “comunismo autoritário alemão”, criticando novamente a IX Resolução aprovada em Londres em 1871, considerada “a negação do sentimento revolucionário do proletariado italiano” (*apud* MASINI, 1964, p. 33). Esta discussão levou à aprovação por unanimidade de uma dura resolução (assinada por Cafiero e Costa em nome da assembleia e publicada no *La Favilla* do 9 de agosto), com que a FI-AIT rompia “qualquer solidariedade com o Conselho Geral de Londres” e propunha a convocação em Neuchâtel de um congresso dissidente para o dia 2 de setembro.

Esta última decisão era totalmente inesperada pelos outros bakuninistas europeus, já que muitos pretendiam participar do congresso em Haia para combater o CG, e foram ditadas provavelmente por uma excessiva intransigência e inexperiência do núcleo dirigente. Nettlau (1928, p. 365) afirmou que “a proposta da Conferência das seções dissidentes não devia ser proclamada imediatamente como Congresso geral antiautoritário, reunido no mesmo

229 Terzaghi, sobre o qual emergiam concretas suspeitas acerca de seu papel de espião, foi logo excluído da comissão de Estatística. V. SOZZI (1978, p. 308). Malatesta foi eleito na Comissão sob sugestão dos napolitanos, apesar de sua ausência.

230 Do jornal, por causa das perseguições e da falta de recursos, foi publicada apenas a primeira edição, impressa em setembro de 1872 em Neuchâtel e difundida clandestinamente na Itália.

231 Ver também as crônicas da assembleia redigidas por Costa e publicadas no *La Favilla* (8 e 13 de agosto).



dia do congresso em Haia. Esta resolução levantou portanto muitos debates no mês seguinte e foi vivamente criticada”<sup>232</sup>. Por fim, ao longo do congresso foram redigidas algumas cartas em solidariedade com os dissidentes que o Conselho Geral queria expulsar na próxima assembleia, isto é, aos internacionalistas espanhóis, à seção de Genebra e a Mikhail Bakunin (no *La Favilla* de 16 de agosto). “Não é questão de homens, é questão de princípio”, afirmava-se em uma delas, “trata-se de saber se o sangue do operário deve mais uma vez ser explorado pela ambição de poucos”. De qualquer forma, a conferência, apesar desta importante resolução, não havia enfrentado as questões teóricas mais delicadas, como a conquista do poder político por parte do proletariado, o coletivismo ou o federalismo, e tinha-se limitado a enfatizar o aspecto compartilhado pela maioria dos participantes, isto é, o antiautoritarismo. De fato, a grande heterogeneidade dos delegados na Conferência impediu de antemão a discussão de um verdadeiro programa anarquista (como o do Jura) e, por esta razão, os próprios organizadores resolveram limitar os debates às temáticas relativas à organização. As problemáticas nacionais dentro do nascente movimento operário não consentiram a afirmação de uma linha política que, talvez, teria sido considerada demais radical pela maioria dos membros da Internacional. No entanto, a conferência teve o grande mérito de definir o caráter eminentemente socialista da recém-nascida FI-AIT, deixando que apenas os membros mais expertos tivessem conhecimento do real debate teórico e organizacional dentro da associação.

Os “riministas” têm de pensar antes de tudo nos problemas italianos: em vencer a concorrência dos mazzinianos, os quais estão reorganizando-se em consociações regionais; em impedir aos garibaldinos de unificar o movimento operário com base em um programa social moderado. (SOZZI, 1978, p. 315)

Em uma bela carta publicada no *La Plebe* (17 de agosto) Costa, mostrando sua satisfação com as decisões de Rimini, afirmava que resolução contra o Conselho Geral “foi de independência absoluta e de plena autonomia”, declarando que “a Internacional não é Karl Marx ou Mikhail Bakunin; ela não tem nenhum tipo de ídolo [...]; não é uma seita e não tem dogmas, mas segue o desenvolvimento progressivo do pensamento humano”. O *imolese*, que convidava os indecisos a aderir à AIT, atacava também os velhos pais do socialismo, Garibaldi e Mazzini, que vivem “do passado no passado”, mostrando uma certa deferência

---

232 De fato, no *Bulletin de la Fédération Jurassienne* do 1º de setembro de 1872 foi publicada uma nota crítica dos internacionalistas suíços em relação à posição dos italianos.

apenas para a figura do general. Não é por acaso que entre as cartas redigidas durante o congresso e assinadas por Cafiero e Costa, havia também uma dirigida a Garibaldi com que os internacionalistas saudavam o “irmão e companheiro nas batalhas para a emancipação do homem” (*La Favilla*, 13 de agosto). O general, no entanto, sempre disposto a conceder seu apoio moral às iniciativas populares, estava então ocupado em realizar uma vasta campanha a favor do sufrágio universal, para a qual foi convocado um grande comício em Roma para o fim do ano<sup>233</sup>. Este era o sinal que a componente guiada por Garibaldi, como veremos, estava gradualmente se afastando da trajetória da FI-AIT. Mas agora, os internacionalistas italianos possuíam uma organização relativamente difundida no território nacional, que havia mostrado sua capacidade tanto na propaganda socialista quanto na defesa dos interesses dos trabalhadores, e estavam prestes a concluir a batalha ideológica com o Conselho Geral.

Depois do encontro de Rimini, os delegados separaram-se voltando cada um a sua região: Cafiero e Schettino, no entanto, ficaram por alguns dias na Romagna tentando organizar uma greve entre os trabalhadores do enxofre (13 de agosto)<sup>234</sup>. Mas a polícia, bem informada sobre os deslocamentos de Cafiero, considerado “*periculosissimo*”<sup>235</sup>, não teve o tempo de adotar nenhuma medida contra ele, pois no dia 18 já se encontrava em La Chaux de Fonds com o milanês Vincenzo Pezza. Era a segunda vez que Cafiero ia à Suíça, mas a primeira em que visitou o cantão do Jura onde, após ter conhecido pessoalmente James Guillaume – tipógrafo e principal expoente local da Internacional –, participou do congresso extraordinário da *Fédération Jurassienne*<sup>236</sup>. Ao longo de sua estadia nas montanhas de Saint-Imier (18-24 de agosto de 1872), Cafiero conseguiu ampliar seus contatos e entender melhor a perspectiva dos companheiros suíços. Na última semana do mês, o italiano foi acompanhado por Guillaume em Zurique, onde se encontrou pela segunda vez com Bakunin: ao longo das conversas provavelmente foi muito criticada a intransigência da resolução adotada em Rimini e foi decidida a mudança do lugar do congresso dissidente para o vilarejo de de Saint-Imier. A resolução da FI-AIT foi contestada também pelos internacionalistas espanhóis, que no 19 de agosto escreveram ao *Fascio Operaio* de Bolonha, em fase de desagregação, pedindo que

---

233 Cf. SOZZI (1978, p. 374). Costa criticou a proposta em uma carta ao diretor do *La Favilla* (1º de setembro), em que afirmava: “Operários [...] vosso voto é uma arma, que vos mata: vosso voto serve para reforçar vossos opressores. A emancipação política é uma ironia sem a emancipação econômica”.

234 Cf. SOZZI (1978, p. 387).

235 Comunicação do chefe da polícia de Bolonha ao homólogo de Nápoles do 14 de agosto de 1872, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta 42*.

236 V. *Bulletin de la Fédération Jurassienne* (1º de setembro).

fosse retirada a proposta de não enviar delegados ao congresso de Haia<sup>237</sup>.

Para Costa começou então um extenuante período de atividade como membro da Comissão de Correspondência, tanto para manter os contatos com as seções da federação, novas ou já existentes, quanto para defender publicamente a bondade das escolhas realizadas em Rimini<sup>238</sup>. Por exemplo, quando Celso Ceretti, a alma mais garibaldina da federação, havia resolvido publicar (*La Favilla* de 21 de agosto), sem uma aparente razão, um comunicado em que declarava que a decisão de não enviar delegados italianos ao congresso holandês havia sido anulada, Costa o desementiu publicamente poucos dias depois em uma carta enviada ao comitê federal do Jura (*La Favilla* de 27 de agosto). A atitude imprudente tomada por Ceretti, que teria ridicularizado a seriedade da recém-criada FI-AIT, obrigou a intervir até Cafiero, Pezza e Bakunin, que da Suíça enviaram um duro telegrama ao companheiro *romagnolo*, exigindo um desmentido oficial desse “equivoco”<sup>239</sup>. Foi justamente nesses dias que Costa entrou em contato com Bakunin: era preciso entrar em um acordo tendo em vista o congresso antiautoritário e responder às calúnias de Engels, que em um comunicado publicado no *La Plebe* (28 de agosto), acerca da Federação Italiana “supposedly belonging” à AIT, havia considerado nulas as decisões de Rimini por uma questão de mera formalidade<sup>240</sup>. Afinal, os italianos escolheram um caminho insólito, pois apenas Cafiero resolveu viajar de Zurique até Haia, com dois companheiros suíços e quatro espanhóis (30 de agosto a 1º de setembro), mas para participar do congresso como simples espectador, já que a federação não havia oficialmente enviado nenhum delegado.

No Congresso de Haia (de 2 a 7 de setembro de 1872) foram confirmadas as intenções do Conselho Geral que, graças a uma maioria domesticada, expulsou da AIT Bakunin e Guillaume, acusados de pertencer à seita da Aliança da Democracia Socialista<sup>241</sup>. No que dizia respeito às questões teóricas e organizacionais, a IX Resolução foi definitivamente inserida nos Estatutos da AIT e a sede do CG deslocada para Nova Iorque. Na

---

237 Cf. SOZZI (1978, p. 329).

238 A devoção com que Costa levou adiante este trabalho é testemunhada pelos diários da Comissão de Correspondência, em que estão anotadas todas as despesas realizadas. O documento encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI.

239 Uma cópia do telegrama, redigido em parte por Cafiero e em parte por Bakunin, encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta IV.

240 Engels baseou suas acusações no fato de que a maioria das seções italianas não havia ainda enviado a taxa anual de inscrição à AIT. V. também AA. VV. (1935, p. 451-452). As cartas entre Bakunin e Costa foram perdidas, cf. NETTLAU (1928).

241 Ver o relatório de Engels sobre a ADS apresentado durante o congresso (MARX/ENGELS, 1972, p. 85ss). Cf. também GUILLAUME (2004, vol. II) e ARRU (1972).

declaração da minoria, Guillaume defendeu os princípios federalistas e autonomistas, condenando a nova perspectiva adotada pela associação, que previa a conquista do poder político como tarefa suprema do proletariado. O encontro, todavia, ao invés de marcar uma vitória da componente “marxista” da AIT – que com a exclusão dos dissidentes e o consequente bloqueio do suposto plano conspirativo de Bakunin pensava ter evitado uma crise interna – ampliou as simpatias para a corrente anarquista e favoreceu a criação de um vínculo de solidariedade entre as federações antiautoritárias. O próprio Cafiero, conforme os relatos de Guillaume (2004, vol. II, p. 499), teria se arrependido por não ter podido intervir nos debates realizados ao longo do congresso, e nos dias seguintes durante uma viagem para Amsterdão com os delegados suíços e espanhóis, foi decidida a criação de uma grande federação dissidente que reivindicasse a afiliação à Internacional<sup>242</sup>. Neste sentido, o futuro congresso de Saint-Imier “nos dava a esperança de que teria sido possível estabelecer entre todos nós que lutamos para a realização das mesmas ideias, um acordo destinado a substituir a ação coletiva aos esforços que até então ficaram demais isolados” (*idem*, p. 524)<sup>243</sup>.

Nos dias que precederam o encontro de Saint-Imier Costa, em Ímola, continuou seu intenso trabalho de propaganda e a batalha para defender a posição da FI-AIT: as cartas enviadas ao *La Favilla* e aos novos membros da federação testemunham seu compromisso neste sentido<sup>244</sup>. Nestes documentos ele polemizava com Jules Guesde – que em um artigo no jornal belga *La Liberté* havia criticado as decisões de Rimini –, destacando a “natureza do povo italiano e do *romagnolo* em particular, intolerante à autoridade” (3 e 14 de setembro), assim como enfatizava a importância da propaganda internacionalista a ser realizada no campo (7, 8 e 10 de setembro). Na *Favilla* de 10 de setembro ele havia também anunciado a convocação do congresso de Saint-Imier e no mesmo dia ele partiu em direção à Suíça, onde já se encontravam Malatesta, Fanelli, Pezza, Nabruzzi e Cafiero. O primeiro, nos dias após o congresso de Rimini, se por um lado lidou novamente com as tentativas de greve dos operários partenopeus<sup>245</sup>, por outro procurou novos aliados entre os membros de uma associação democrática da cidade. Em um informe policial presente no Arquivo de Estado de

242 Este mesmo projeto foi comunicado por Bakunin em uma carta a Gambuzzi no dia 31 de agosto de 1872. Cf. SOZZI (1978, p. 330-331).

243 Na viagem de volta para a Suíça Cafiero e seus companheiros teriam encontrado em Bruxelas César De Paepe, então principal expoente da AIT belga. V. GUILLAUME (2004, vol. II, p. 528).

244 V. *La Favilla* de 3, 4, 5, 7, 10, 12 e 14 de setembro e a carta de 8 de setembro ao internacionalista Magri de Veneza (v. DELLA PERUTA, 1950).

245 Em uma comunicação de 3 de setembro de 1872 ao *Prefetto* de Nápoles (ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 42), o chefe da polícia informava que Schettino, Zanardelli e Malatesta estavam procurando organizar uma greve entre os trabalhadores do algodão e os marceneiros da cidade.

Nápoles é citada inteiramente uma interessante nota manuscrita em que a *FON* expunha a linha política da Internacional. O texto, redigido provavelmente por Malatesta e Gambuzzi, revela com clareza a perspectiva dos napolitanos e a evidente influência, até na linguagem utilizada, do pensamento bakuniniano. “Nosso escopo”, afirmava-se na nota, “é a emancipação política, social, econômica e religiosa, de todos os tiranizados, de todos os explorados, de todos os assalariados, de todos os ignorantes”<sup>246</sup>. O manuscrito, em que era explicitado em pontos um verdadeiro programa anarquista, era inspirado em um grande senso prático, mas as ideias aí contidas não alcançaram o intento de aproximar os democráticos de Nápoles da *FON*. Por fim, no final de agosto, na tentativa de dotar a sociedade partenopeia de um seu próprio jornal, foi publicado o número único do *Bollettino dei Lavoratori. Organo della Federazione Operaia Napoletana* [Boletim dos Trabalhadores. Órgão da Federação Operária Napolitana], cuja vida foi interrompida por um imediato sequestro judicial<sup>247</sup>.

De qualquer forma, também Malatesta estava se preparando para participar do Congresso em Saint-Imier: no dia 3 de setembro ele partiu de Nápoles em direção à Suíça, onde (em Zurique) o esperavam Bakunin, Nabruzzi e Fanelli. Ele mesmo descreveu o episódio da viagem, o primeiro encontro com o revolucionário russo e as grandes expectativas no seu jovem coração, em um belo artigo de 1926. O mito que cercava Bakunin na cidade de Nápoles foi confirmado pelas impressões de Malatesta ao conhecer pessoalmente o energúmeno que transmitia “a febre da ação e do sacrifício a todos aqueles que tinham a sorte de se aproximar dele”. E mais ainda: “Era impossível para um jovem ter contato com ele sem se sentir inflamado pelo sacro fogo, sem ver seus próprios horizontes ampliados, sem se sentir cavaleiro de uma nobre causa, sem fazer propósitos magnânimos” (MALATESTA, 1926). No entanto, o objetivo dessa breve estadia na casa de Bakunin, que simpatizou logo com Malatesta dando-lhe o apelido de “benjamim”<sup>248</sup>, não era apenas a organização do encontro de Saint-Imier, mas também a criação de uma nova sociedade secreta, denominada de “Y”. De fato, entre os dias 7 (chegada de Malatesta em Zurique) e o dia 13 de setembro, Bakunin, Cafiero, Costa, Malatesta, Fanelli, Nabruzzi, Schwitzguebel e os quatro delegados espanhóis ao congresso de Haia, discutiram e aprovaram os estatutos elaborados pelo russo nos dias anteriores<sup>249</sup>.

---

246 No ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 108.

247 Não foi possível encontrar o periódico apreendido que, conforme BETTINI (1972), deveria encontrar-se no Arquivo de Estado de Nápoles.

248 Cf. os diários de Bakunin citados por NETTLAU (1928) e LEHNING (2002).

249 Cafiero chegou no dia 11 de setembro com o suíço e os quatro espanhóis, enquanto Costa chegou em

Ypsilon<sup>250</sup>, que na verdade era apenas uma atualização das antigas sociedades secretas criadas por Bakunin, repropunha todas as contradições e os limites de seu pensamento. A sociedade, de fato, tinha como objetivo a criação de “um mundo livre e humano, fundado no trabalho, na igualdade e na solidariedade entre todos os seres humanos”, e a “organização espontânea e absolutamente livre das massas emancipadas”. Além disso, a atuação de Y, isto é, a realização de uma propaganda conspirativa voltada para o desencadeamento dos instintos revolucionários das massas, devia ser paralela à atividade pública da Internacional e agir em nome dela, como apontado por Engels no seu relatório sobre a Aliança da Democracia Socialista. Conforme Masini (1974, p. 113), a AIT permanecia “a grande organização dos trabalhadores, empenhada no terreno econômico e social”, enquanto a nova sociedade teria assumido “as tarefas mais especificamente políticas e conspirativas em sentido anarquista”. Mas além da sobreposição factual com a Internacional, a verdadeira contradição dessa sociedade bakuniniana reside na antinomia entre seu escopo e sua própria estrutura organizacional, que contradizia aquela coerência entre meios e fins que caracterizava o pensamento anarquista (cf. BERTI, 1998). De fato, o “Objetivo Especial” de Y era por um lado estimular as paixões revolucionárias no povo, e por outro evitar o surgimento de tendências contrarrevolucionárias (governos provisórios ou ditaduras) na fase pós-insurrecional, por meio de

uma força, uma organização coletiva e invisível, que obedecendo a um programa francamente e completamente revolucionário [...] se abstenha ela mesma de qualquer manifestação e ingerência governamental ou oficial; e possa neste sentido exercer a influência mais eficaz e potente possível sobre o movimento espontâneo das massas populares

No entanto, esta “organização coletiva e invisível” previa uma estrutura rigidamente hierárquica e vertical, e uma série de normas internas que comportavam uma severa disciplina por parte de seus membros. A divisão dos chamados “irmãos” em categorias locais, regionais, nacionais e internacionais, ou a morte como punição para os traidores, eram elementos que mal se conciliavam com os ideais de igualdade e solidariedade propunhados

---

Zurique no dia 12. Cf. *idem*.

250 Um exemplar dos estatutos dessa sociedade, redigido em francês e que não foi possível consultar, encontra-se nos arquivos federais da cidade de Berna, cf. MASINI (1974) e BINAGHI (2002). Um documento idêntico, traduzido em italiano, foi apreendido ao internacionalista Emilio Borghetti em dezembro de 1873: o manuscrito original encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta VI, enquanto uma cópia, mais legível, encontra-se no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario*, misc. 29, fasc. 455. Todas as citações são feitas a partir desse último documento.

pelo pensamento anarquista de Bakunin<sup>251</sup>. O fato de que também os italianos tivessem aderido a uma perspectiva deste tipo, nos diz muito sobre a formação e atitude ainda muito *risorgimentale*, e portanto conspirativa e sectária, dos novos membros de Y; mentalidade que, na Itália daquele período, teve suas manifestações mais significativas nas tentativas insurrecionais de 1874 e 1877.

Entre os delegados do Congresso de Saint-Imier (de 15 a 16 de setembro de 1872), Fanelli, Nabruzzi, Malatesta, Costa, Cafiero e Bakunin representaram a Federação Italiana, além das federações espanhola, do Jura e dos representantes das seções francesas e americanas. Foram nomeadas quatro comissões para a discussão das ordens do dia, relativas à: 1. atitude das federações diante das resoluções tomadas em Haia; 2. criação de um pacto de solidariedade e mútua defesa entre as livres federações; 3. natureza da ação política do proletariado; 4. organização da resistência do trabalho (estatística). As resoluções adotadas seguiam o caminho inaugurado pelos congressos da Federação do Jura (novembro de 1871) e de Rimini (agosto de 1872), acrescentando uma postura ideologicamente bem definida não apenas em relação ao dissídio com o CG, mas também no que dizia respeito à elaboração de uma verdadeira plataforma anarquista. Não é por acaso que este congresso foi considerado, por parte dos protagonistas e da historiografia sobre o assunto, como o evento fundante do movimento anarquista em nível internacional<sup>252</sup>. Quanto à organização desta nova federação antiautoritária – já que denunciava o perigo representado pela presença na AIT de uma tendência autoritária encarnada pelo “Partido Comunista Alemão” e repudiava as decisões de Haia –, ela negava qualquer direito legislativo aos congressos, contradizendo assim a atuação do CG. O objetivo prático desta nova força era a “união e harmonização” das “aspirações, necessidades e ideias do proletariado das diferentes localidades ou países”, a ser realizada por meio da livre federação econômica, fundada sobre o trabalho das comunas autônomas. A terceira resolução, redigida por Bakunin, concluía, invertendo a fórmula marx-engelsiana, apontando na “destruição de qualquer poder político” o “primeiro dever do proletariado” e condenando a criação de qualquer governo, seja isso “provisório” ou “revolucionário”<sup>253</sup>.

Mas ao longo do congresso, além da componente mais “extremista” e ideologicamente intransigente (representada por Bakunin e os italianos), houve espaço

251 MASINI (1974, p. 115-116) observou como este texto era fruto da peculiar mentalidade de Bakunin, “metade submersa no mundo sectário do século XIX e metade emergente no anarquismo em formação”.

252 Cf. NETTLAU (1928), MALATESTA (1947, p. 267ss), WOODCOCK (1962), MASINI (1969).

253 Todas as citações foram traduzidas do *Bulletin de la Fédération Jurassienne* (1º de outubro), que contém as atas integrais do congresso.

também para os *jurassiens*, que defendiam uma interpretação mais “trabalhista” e social da Internacional. A quarta resolução, ao afirmar que “a organização do trabalho é a condição indispensável para a verdadeira e completa emancipação do trabalhador” e ao destacar a importância da “livre federação de todos os grupos produtores”, mostrava claramente a diferente mentalidade dos internacionalistas suíços<sup>254</sup>. A greve era considerada como um “produto do antagonismo entre o Trabalho e o Capital”, capaz de estimular o surgimento da consciência de classe entre os operários, e portanto “precioso instrumento de luta”. Por fim, a assembleia aprovou outras decisões secundárias, entre as quais a elaboração de um projeto de estatística do trabalho para o próximo congresso (confiado à FI-AIT) e um inquérito oficial sobre o suposto espião de Turim Carlo Terzaghi (confiado a Cafiero). Na semana seguinte, os italianos, que regressaram à Itália no dia 23 de setembro, continuaram as reuniões com Bakunin em Zurique, onde foi também decidida a criação do jornal clandestino *La Rivoluzione Sociale*, cuja realização obrigou Andrea Costa a ficar alguns dias a mais na Suíça<sup>255</sup>.

No seu único número, impresso na tipografia de Guillaume em Neuchâtel, além das atas integrais dos congressos de Rimini e de Saint-Imier, foram publicados dois artigos, o primeiro dos quais foi muito provavelmente redigido em colaboração entre Costa e Bakunin<sup>256</sup>. Nele denunciavam-se as perseguições contra a imprensa socialista e a lei de pública segurança, considerada “a mais descarada negação de todas as liberdades italianas”, fatos que justificavam a criação de um periódico clandestino e a inauguração de uma fase de verdadeira luta. Mas a parte mais interessante para os leitores italianos, que ainda não conheciam o resultado dos diferentes encontros internacionalistas, era representada pelo segundo artigo, “*Il Congresso dell'Aia*” [O Congresso de Haia], redigido provavelmente por Cafiero<sup>257</sup>. O texto era uma severa crítica à atitude do Conselho Geral, “policial e inquisidor”, em particular à figura de Engels, comparado a Napoleão. A condenação mais dura, no entanto,

---

254 *Idem*. Para aprofundar as peculiaridades sociais e ideológicas do internacionalismo suíço v. GUILLAUME (1876), THOMANN (1947) e BINAGHI (2002).

255 Costa ficou entre Zurique e Neuchâtel até o dia 27 de setembro de 1872. Naqueles dias ele enviou uma carta ao *La Favilla* (24 de setembro), em que declarava concluída a polêmica com Jules Guesde, e uma ao internacionalista *pugliese* Boracchia. Cf. NETTLAU (1928), ROMANO (1954, vol. III) e GALASSI (1989).

256 A atribuição está baseada nos diários de Bakunin (*apud* LEHNING, 2002, p. 275), em que ele anotou ter escrito um artigo para um jornal italiano, e no uso de termos típicos do vocabulário bakuniniano (ex.: “*exploitation*”). Por outro lado, o estilo da língua italiana utilizado no artigo recorda o jeito de escrever de Costa. Cf. BORRI-MOTTA (1970), SOZZI (1978), GALASSI (1989) e ZANGHERI (1993, vol. I).

257 Cafiero, de fato, foi o único italiano a participar do Congresso em Haia. Neste caso, no entanto, há quem (SOZZI, 1978 e GALASSI, 1989) atribua este artigo, que foi publicado também no *La Favilla* (11, 12, 15 e 16 de outubro), a Costa.



dizia respeito à nova política da AIT, inaugurada em Londres e confirmada em Haia, que tornaria o proletário, uma vez subtraído o poder à burguesia, um novo “tirano e explorador”: agora “a Internacional não é mais uma associação humanitária, mas o bordel e o instrumento das intrigas de uma classe de homens que se vinga de uma outra”. O artigo terminava reivindicando a adoção de uma política negativa por parte da nova “Internacional anarquista”, uma expressão eloquente que era aqui utilizada pela primeira vez.

Após essa intensa experiência no território suíço, os italianos puderam voltar a seu país reforçados pela criação da aliança antiautoritária e da sociedade secreta Y, além de ter à disposição um bom número de documentos a ser divulgados entre os internacionalistas da península. Foi sobretudo Costa, regressado à Itália no dia 28 de setembro, que como responsável da correspondência da FI-AIT assumiu a tarefa de publicar as comunicações oficiais e manter os contatos com as seções, estimulando, polemizando e orientando os novos membros. É realmente impressionante o número de cartas que ele enviou nos dois meses seguintes: nos registros da Comissão de Correspondência contam-se 67 missivas para o mês de outubro e 37 no mês (incompleto) de novembro, conseguindo enviar até dez cartas em um só dia (31 de outubro)<sup>258</sup>! *La Favilla*, que nesta fase estava a completa disposição dos internacionalistas, foi literalmente inundada pelas comunicações assinadas por Costa: de fato, em outubro foi publicado quase um artigo por dia do jovem *imolese*. Ele aplaudia a criação de novas seções, como a de Ancona (*La Favilla* de 6 de outubro), incitando os trabalhadores a se emancipar por eles mesmos e a se organizar em vista da revolução, “espontaneamente, de baixo para cima, segundo as necessidades, os instintos e as tendências”. Pois não se trata de “uma luta de classe ávida de um poder político que, devendo exercer-se necessariamente sobre alguém, criaria novos exploradores e patrões de novos deserdados, e perpetuaria a divisão, o privilégio, a guerra”.

Eram palavras claras e fascinantes que conseguiram criar em volta da figura de Costa uma aura de credibilidade e uma fama de ótimo propagandista. Esta sua habilidade no elóquio se revelava tanto nas polêmicas ideológicas contra os mazzinianos (*La Favilla* de 3 de outubro)<sup>259</sup>, quanto nos elogios fúnebres, como o de Piccinini<sup>260</sup>. Esta sua hiperatividade não

258 O documento, já citado, encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI. O registro para o mês de novembro se interrompe no dia 15.

259 A mesma batalha contra os republicanos era levada a cabo nas cartas ao internacionalista florentino Poggiali (5 e 8 de outubro). V. MASINI, 1969.

260 Ver as correspondências no *La Plebe* (5 de outubro) e no *La Favilla* (8, 10 e 11 de outubro). Os funerais, as comemorações, a inauguração de lápides, eram todas ocasiões para levar adiante a propaganda socialista entre as classes mais humildes, cf. DARCHINI, 1952, p. 252ss.

negligenciava sequer o *Fascio Operaio* de Bolonha que, apesar de estar em uma situação interna bastante crítica, tentou se organizar segundo as profissões de seus membros: na reunião convocada no dia 27 de outubro, de fato, foram criadas onze seções diferentes<sup>261</sup>. Costa, em um artigo publicado no *La Favilla* (31 de outubro), criticando a antiga estrutura do *Fascio Operaio* (que chamava de “sentimental”), aplaudia a nova “organização positiva” realizada na Internacional de Bolonha. Não faltaram, obviamente, as dificuldades, já que os recursos econômicos da FI-AIT e de suas Comissões eram realmente escassos e frequentemente era complicado exigir as taxas obrigatórias das diferentes seções<sup>262</sup>. Por fim, agora que a propaganda havia radicalizado seu tom, aparecia cada vez mais concreta a possibilidade de uma intervenção repressiva por parte do governo conservador contra a Internacional. Este perigo era agravado, além de tudo, pela presença de inúmeros espões a serviço da polícia que faziam o jogo duplo dentro das diferentes seções da AIT. Foi justamente por esta razão que Cafiero, uma vez deixada a Suíça, viajou para Turim, onde tinha que tomar uma decisão em nome da federação acerca do desagradável “caso Terzaghi”.

Este indivíduo, que no primeiro ano de vida da Internacional na Itália havia contribuído grandemente para a difusão de seus princípios, graças ao contato direto tanto com o CG quanto com Bakunin, havia, por outro lado, levantado uma série de dúvidas entre os membros da AIT de Turim. Ele não apenas dispunha de grandes recursos econômicos, aparentemente injustificados, com os quais havia financiado a criação de diferentes jornais onde publicava sua violenta propaganda socialista, mas mantinha uma relação pelo menos ambígua com o chefe da polícia local, em companhia do qual foi visto frequentemente. A verdadeira investigação realizada por Cafiero durante sua estadia em Turim, que durou até o final de novembro mas durante a qual ele realizou viagens em Milão, Nápoles e na Suíça, apurou as responsabilidades de Terzaghi e as razões dos operários da seção local<sup>263</sup>. Foi assim que ele redigiu um longo relatório sobre o caso que enviou à Comissão de Correspondência para que fosse discutido no próximo congresso nacional, evitando portanto um processo autoritário nos moldes da justiça tradicional ou “burguesa”, como ele a chamava<sup>264</sup>. Enquanto

261 No ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta IV, encontra-se a convocação manuscrita desta assembleia, assinada por Costa, em que estão indicados todos os responsáveis das diferentes seções. O documento, em que Bakunin e Guillaume eram nomeados sócios do *Fascio Operaio*, é inédito.

262 Ver a carta a Poggiali de 14 de outubro, v. MASINI, 1969.

263 V. as comunicações policiais nos meses de outubro e novembro contidas no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 42. Conforme GUILLAUME (2004, vol. III, p. 98), Cafiero teria passado uma semana em Locarno (4-11 de novembro) com Bakunin.

264 Ver as cartas de Cafiero a Celso Ceretti de 25 de setembro, 17 e 22 de outubro de 1872 e 8 de janeiro de 1873, em ROMANO (1954, vol. III, p. 379-381). Neste sentido, parecem absurdas as acusações de

isso, Cafiero, que no texto admitiu por meio de uma severa autocrítica também as responsabilidades da FI-AIT, sugeriu que Terzaghi fosse isolado do movimento<sup>265</sup>.

Malatesta, que havia regressado a Nápoles no dia 29 de setembro<sup>266</sup>, encontrou na cidade uma situação confortável: de fato, graças ao trabalho realizado junto ao companheiro Schettino, foram criadas muitas novas seções profissionais dentro da *FON* na tentativa de ajudar os operários a impor aos patrões, mediante as greves, novas condições de trabalho. Entre o fim de setembro e a metade de outubro aderiram à *FON* os pintores, os trabalhadores da indústria dos chapéus e dos guarda-chuvas, os douradores, os pedreiros e os “limpadores de cadeiras”<sup>267</sup>. A polícia controlava de perto a atividade dos internacionalistas e se preocupava com as dimensões do movimento: sobre Malatesta, que divulgava na cidade os exemplares do periódico *La Rivoluzione Sociale*, a vigilância foi particularmente atenta e levou à apreensão do jornal e à perquisição da sede da *FON*<sup>268</sup>. O jovem napolitano, no entanto, não se mostrou tão preocupado, continuando a correspondência com Bakunin e o trabalho de definição ideológica dentro do movimento. Neste sentido, no final de outubro ele recebeu em Nápoles o vice-secretário da AIT de Roma, que se encontrava na cidade para fazer propaganda para o comício em favor do sufrágio universal: Malatesta o liquidou brevemente afirmando que a *FON* se ocupava “do aperfeiçoamento moral e material do proletariado, mantendo-se longe da política”<sup>269</sup>.

O grande comício de Roma em prol do sufrágio universal, previsto para o 26 de novembro, era uma iniciativa lançada e apoiada por Garibaldi que os internacionalistas italianos não podiam compartilhar<sup>270</sup>. O próprio Costa, com uma bela carta ao *La Favilla* (16 de outubro) em que havia afirmado que “uma vez reconhecido que nenhum homem tem

---

autoritarismo levantadas por SOZZI (1978, p. 400-401) em relação à atitude de Cafiero nesta ocasião.

265 O manuscrito original, que consegui digitalizar, encontra-se no Arquivo de Estado de Florença, *Corte d'Assise di Firenze, Sentenze, Verballi, Ricorsi* (1866-1946), n. 322, *Processo contro Giuseppe Mori* (1878), fasc. 891, vol. 16. Não obstante a expulsão de Terzaghi tivesse sido decretada no congresso de Bolonha de 1873, ele foi parcialmente reabilitado pela seção de Florença até 1876, ano em que foi definitivamente desmascarado como espião da polícia de Turim. V. SCARLATTI (1909) e MASINI (1965).

266 Comunicação do *Prefetto* de Nápoles ao *Ministro dell'Interno* de 2 de outubro de 1872, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 108.

267 No *idem*, encontram-se três Estatutos, todos muito parecidos, de algumas destas seções aderentes à *FON*, os quais foram impressos no dia 1º e 13 de outubro.

268 Ver os informes policiais de 24, 27 de outubro e 9 de novembro, no *idem*.

269 Comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles de 25 de outubro, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 18.

270 O comício, que exigia também a convocação de uma Constituinte para a reforma da constituição, a abolição de qualquer culto oficial e dos exércitos, foi proibido pelo governo por uma suposta questão de segurança pública. Em seu lugar foram realizadas algumas assembleias privadas nos dias 20-23 de novembro. Cf. SOZZI (1978) e ROSSELLI (1980).

direito a governar, isto é, a explorar o outro homem, é reconhecida a anarquia”, chamou a atenção do general por suas ideias extremas<sup>271</sup>. Foi assim que Garibaldi resolveu escrever diretamente ao jovem internacionalista, chamando de “exageros” o coletivismo, a anarquia e a abolição do matrimônio que Costa havia propunhado em seus escritos, e convidando-o a trabalhar em favor do sufrágio e da Constituinte<sup>272</sup>. Ele respondeu de forma indireta, tentando convencer inutilmente Celso Ceretti e a sua Associação Republicana Anticatólica a não participar do encontro de Roma. Na carta ao amigo, Costa transcrevia e comentava as palavras do general, o qual

não entendeu a Guerra do Trabalho contra o Capital. Nós não fazemos a guerra ao capital propriamente dito, mas ao capital em si, pois ele explora e escraviza o trabalho: em outras palavras nós fazemos a guerra ao monopólio do capital, pois não queremos destruí-lo [...] mas sim colocar o Capital ao serviço do Trabalho.<sup>273</sup>

Mas a palavra definitiva foi pronunciada ao longo de uma assembleia extraordinária do *Fascio Operaio* de Ímola (17 de novembro) convocada para discutir da participação do evento romano: o documento aprovado, lembrando a política “negativa” inaugurada pela FI-AIT em Rimini, afirmava que “uma vez que a emancipação política é consequência natural e necessária da emancipação econômica, o exercício dos direitos políticos é para o operário economicamente subjugado uma cruel ironia” (*apud* MASINI, 1964, p. 235). Neste sentido, a moderação de Garibaldi e sua ambígua relação com a Internacional, que por um lado considerava como “o sol do porvir”<sup>274</sup> e por outro a criticava para sua intransigência ideológica, favoreceram a definição das diferentes correntes do socialismo italiano, embora todos os membros da FI-AIT tivessem o devido respeito à figura do general. Quanto ao Conselho Geral, que após os congressos de Haia e de Saint-Imier havia perdido ainda mais consenso entre os internacionalistas da península, ele tentou intervir mais uma vez na situação italiana por meio do *La Plebe*, o único periódico que continuava a

---

271 Uma outra carta de Costa, relevante de um ponto de vista teórico, foi publicada no *La Favilla* de 20 de outubro.

272 Uma cópia da carta de Garibaldi encontra-se no “fundo Andrea Costa” presente na Fundação G. Feltrinelli em Milão. DARCHINI (1952, p. 245), amigo de Costa, relata da emoção do *imolese* ao receber a carta de Garibaldi.

273 A carta de Costa a Ceretti se encontra no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta V e agora em FAENZA (1973, p. 17). Costa provavelmente respondeu diretamente ao próprio Garibaldi, já que este, ao enviar-lhe uma breve missiva (no *L'Indipendente* de 5 de dezembro), afirmava: “por enquanto não posso escrever-lhe mais longamente”.

274 Carta de Garibaldi a Ceretti no *La Favilla* (3 de outubro de 1872).

disponibilizar-lhe suas colunas<sup>275</sup>. No outono de 1872 o diretor Bignami recebeu os dois ensaios *Dell'autorità* [Da autoridade] de Engels e *L'indifferenza in materia politica* [A indiferença em matéria política] de Marx, para que fossem inseridos no *Almanacco Repubblicano* [Almanaque Republicano] a ser publicado no final do ano. No entanto, já era tarde demais: os dois textos, em que os comunistas alemães tentavam confutar a ideologia anarquista propalada pelos internacionalistas dissidentes, foram publicados apenas em 1874, quando o CG já não havia nenhuma influência na Itália<sup>276</sup>.

O próprio Costa, informado sobre o posicionamento do CG após os congressos de Haia e Saint-Imier, acusava a “maioria suicida” do congresso holandês e afirmava a “necessidade de reorganizar e purificar a Associação Internacional dos Trabalhadores” (*La Favilla* de 28 de novembro). Enquanto isso ele, dividido entre Ímola e Bolonha, procurava orientar as novas seções na Toscana e mantinha também os contatos com os internacionalistas espanhóis<sup>277</sup>. No 12 de novembro, ao longo de uma reunião do *Fascio* de Bolonha, foi também criada uma “seção de propaganda e ação”, a qual tinha como escopo a “difusão dos princípios socialistas antiautoritários e da organização das massas populares”. Ela era formada por duas comissões, de propaganda (a) e de organização (b), cujas tarefas eram: “promover as leituras entre os operários. Favorecer a difusão de jornais socialistas. Realizar conferências e *meetings*” (a) e “organizar as massas operárias e socialistas dentro e fora de Bolonha” (b). Nesse sentido, a ausência de um periódico que expressasse as posições do *Fascio Operaio* tornou-se insuportável: foi por esta razão que Costa e seus companheiros tentaram publicar o jornal internacionalista *L'Ultima Ora* [A Última Hora], falindo no intento por falta de recursos econômicos<sup>278</sup>. Por fim, foi criada dentro da sociedade bolonhesa, que possuía agora cerca de 140 membros entre “operários, artesãos ligados à produção e jovens” (SOZZI, 1978, p. 411), uma seção mista para os sócios que não pertenciam a nenhuma seção específica<sup>279</sup>, imitando assim os companheiros da *FON*.

No final de novembro, a sociedade partenopeia possuía cerca de 120 operários

---

275 No 5 de outubro o jornal publicou uma longa carta de Engels em que explicava o resultado do Congresso de Haia e criticava a posição da FI-AIT.

276 No final de 1872 Bignami foi preso e acusado de conspiração: foi por esta razão que o almanaque de 1873 não foi publicado. Os textos marx-engelsianos encontram-se hoje em MARX/ENGELS (1972, p. 300-311).

277 Ver as cartas a Poggiali de 24 de outubro e 9 de novembro (MASINI, 1969) e as correspondências publicadas no *La Favilla* (2 e 5 de novembro).

278 O jornal *Fascio Operaio* de Florença (22 de dezembro) informava sobre a futura publicação da homônima sociedade bolonhesa. Além disso, no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta IV, encontram-se os esboços de três artigos inéditos, dois dos quais redigidos por Costa, para o primeiro número do jornal.

279 Os documentos relativos a estas seções, que foram apreendidos pela polícia durante o congresso de 1873, encontram-se no ASBO, *idem*.

inscritos, além dos 60 membros da seção mista. Suas reuniões continuavam sob a atenta vigilância da polícia: nos dias 1º, 8 e 18 de dezembro a seção mista discutiu o “caso Terzaghi”, enquanto no dia 9 os operários aprovaram unanimemente a exclusão de alguns patrões que haviam tentado se intrometer na associação<sup>280</sup>. A partir do começo de novembro, Malatesta se ocupou também, com muito carinho, de Vincenzo Pezza, o internacionalista milanês que havia chegado em Nápoles para curar a tísica e aproveitar o ar salubre daquela cidade. Mas apesar dos cuidados com que Malatesta, que havia perdido os pais e dois irmãos por causa da mesma doença, assistiu o companheiro nos últimos dois meses de 1872, Pezza faleceu no dia 8 de janeiro de 1873, com apenas 31 anos, gerando uma grande comoção nos ambientes do internacionalismo italiano<sup>281</sup>. De fato, os napolitanos continuavam a manter os contatos com os outros membros da associação, dentro e fora da Itália: não se sabe precisamente a data, mas no mês de dezembro Malatesta, Costa e Cafiero encontraram-se em Bolonha, para uma reunião extraordinária daquele que pode ser definido o núcleo dirigente da FI-AIT<sup>282</sup>. O resultado do encontro foi uma carta, enviada em nome da Comissão de Correspondência, em solidariedade aos companheiros da *Fédération Jurassienne*, ameaçada de expulsão pelo Conselho Geral. Vale a pena citar por extenso um trecho desta missiva:

Nós estamos decididos mais do que nunca a seguir o caminho que o Congresso de Saint-Imier traçou claramente. Entre a autoridade e a anarquia não há transação possível; e nós tomamos partido da anarquia, isto é, da federação espontânea das forças operárias de baixo para cima [...]. Ao privilégio econômico sustentado pelo privilégio político, aos patrões do capital legitimados pelo abuso da força, nós devemos opor a organização formidável do trabalho e a unidade da nossa grande associação. [...] e se o Conselho Geral, utilizando os poderes que lhe foram concedidos pelas intrigas de Haia (chamamos as coisas com seu nome), procurasse suspender a *Fédération Jurassienne*, vocês podem contar na solidariedade que vossos irmãos da Itália afirmaram em Saint-Imier.<sup>283</sup>

Mas nas intenções do “grupo Cafiero-Costa-Malatesta” (MASINI, 1974, p. 110), que acreditava na iminência do momento insurrecional, havia também um outro projeto, isto

280 Ver os informes policiais presentes no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 108. Após ter lido o relatório de Cafiero acerca de Terzaghi, e em parte desmentindo suas conclusões, a *FON* aprovou um documento em que se afirmava não ter provas mas apenas indícios contra ele e propunha julgá-lo no próximo congresso.

281 Segundo os informes policiais no ASN, *idem*, Malatesta retirou a correspondência em nome de Pezza e o ajudou em uma mudança à qual foi obrigado nos últimos dias de vida (16 de dezembro).

282 Foi Giuseppe Nabruzzi, presente ao encontro com o irmão Lodovico, a relatar o episódio (*apud* FAENZA, 1973, p. 23).

283 A carta foi publicada no *Bulletin* do Jura (15 de janeiro de 1873) e no *La Favilla* (22 de fevereiro). De fato no dia 5 de janeiro de 1873 o Conselho Geral expulsou definitivamente a *Fédération Jurassienne*.

é, a realização de um centro revolucionário permanente, em território neutro, que servisse de abrigo para os anarquistas da Europa inteira. Foi por esta razão que Cafiero, junto com Palladino e Fanelli, encontrou-se novamente em Locarno com Bakunin para definir os detalhes do plano<sup>284</sup>. Este previa, graças aos recursos econômicos de Cafiero, a aquisição de uma casa perto da cidade suíça e de seu lago, a ser confiada ao amigo russo, para que ele pudesse assim obter a cidadania helvética sem correr o risco de ser expulso do país. O próprio Bakunin, em um memorial redigido em julho de 1874 no meio de uma discussão furiosa com Cafiero, descreveu o acordo encontrado na época com o italiano<sup>285</sup>:

Ce fut depuis longtemps, depuis l'automne 1872 ou l'hiver 1873, que Cafiero conçut spontanément l'idée d'acheter à Locarno une maison avec plus ou moins de terre e dont je serais le propriétaire nominal, où je résiderais avec tout ma famille constamment, et qui servirait en même temps de lieu de relais, de refuge ou d'habitation passagère à tous les intimes. (BAKUNIN *apud* GUILLAUME, p. 97)

Vimos, portanto, como o trabalho de propaganda socialista começado em Nápoles e nas outras cidades italianas pelos primeiros internacionalistas levou não apenas à difusão da associação no país e à criação de uma federação em nível nacional e internacional, mas também à consolidação de uma clara perspectiva ideológica que conseguiu gradualmente afastar os equívocos no seio do movimento. Obviamente não todos os associados puderam e conseguiram entender a relevância teórica do debate em curso, e nem por isso acabaram os mal-entendidos ou as divergências. Mas ao longo de 1872, graças à intensa atuação dos três protagonistas desta história, foram criados uma série de instrumentos essenciais ao desenvolvimento da ideia socialista: penso nos contatos com os principais pensadores marxistas e anarquistas da época, no trabalho pedagógico realizado em Nápoles, na criação de novos periódicos ou na colaboração com os já existentes, na organização dos trabalhadores no campo e na cidade, na realização de conferências e congressos etc.

Neste sentido a figura principal desta fase é certamente a de Cafiero, que com seus imensos recursos econômicos e sua vivacidade intelectual, junto com uma certa astúcia estratégica, conseguiu lidar com o movimento italiano em meio à borrasca teórica e organizacional que a AIT estava enfrentando. Agora a associação e seus princípios eram bem

284 Cafiero e Palladino chegaram em Locarno no dia 23 de dezembro e regressaram à Itália nos primeiros dias de 1873. Fanelli, por sua vez, teria chegado no dia 25 e partido no dia 28 de dezembro. Cf. NETTLAU (1922, p. 99 e 1923, p. 69-70) e GUILLAUME (2004, vol. III, p. 98).

285 Não foi possível encontrar o texto integral em francês deste *Memorial* de Bakunin, que é mencionado amplamente na edição francesa da *Internationale* de GUILLAUME (1905-10), de onde extraí a citação.

conhecidos no país – embora na versão antiautoritária, federalista e abstencionista aprovada em Rimini e Saint-Imier – e as inúmeras perseguições governamentais facilitaram a ampliação do interesse e do consenso em volta da Internacional. Além disso, não pode ser ignorada a grande influência no país das ideias de Bakunin, que fascinaram os internacionalistas italianos mais do que conseguiram fazer Marx e Engels com sua atuação no Conselho Geral. Os números da associação italiana eram ainda modestos, assim como havia uma relativa heterogeneidade social entre seus membros, aspecto que frequentemente caracterizou o surgimento dos movimentos socialistas no mundo<sup>286</sup>, mas a Federação Italiana da Associação Internacional dos Trabalhadores estava agora pronta para enfrentar novas batalhas, dessa vez organizacionais. O ano de 1873, de fato, foi o ano dos congressos, que não apenas contribuíram na reorganização interna do movimento, mas permitiram também aos internacionalistas italianos ampliar sua rede internacional de contatos e, desta forma, enriquecer sua perspectiva teórica e política. Por outro lado, as assembleias públicas organizadas no território nacional e os discursos aí pronunciados chamaram a atenção das autoridades italianas que, como veremos, aproveitaram da ocasião para reprimir mais uma vez a atividade da Federação Italiana da Associação Internacional dos Trabalhadores.

---

286 Cf. MICHELS (1908), WOODCOCK (1962), MARX/ENGELS (1971 e 1972) e BERTI (1998).



## Terceiro capítulo

### A organização regional, nacional e internacional

#### 3.1 O Congresso de Bolonha: todos para a cadeia

A visita dos italianos a Bakunin e a elaboração de um projeto comum com fins revolucionários deram novo impulso ao trabalho de propaganda no país: uma vez deixada Locarno, Palladino, após uma breve parada em Bolonha, voltou a Nápoles convidando os amigos a formar “novas seções internacionalistas, procurando organizá-las sobre bases sólidas como aquela que se constituiu em Bolonha”<sup>287</sup>. Cafiero, por seu lado, ao contrário de quanto afirmou parte dos biógrafos (MASINI, 1974, p. 119 e TODA, 1988, p. 102), manteve-se por alguns meses na região *emiliano-romagnola*, realizando de vez em quando rápidas viagens para Nápoles e Roma, na tentativa de procurar novas adesões para o próximo congresso nacional<sup>288</sup>. Foi o próprio Costa, que se encontrava em Bolonha para assistir às aulas universitárias e que ao mesmo tempo continuava informando os companheiros acerca do “caso Terzaghi”<sup>289</sup>, a anunciar publicamente a nova assembleia no *La Favilla* (15 de janeiro de 1873). Na esteira dos congressos realizados no final de 1872 pelas federações espanhola (em Córdova) e belga (em Bruxelas) e considerando “as condições atuais da Internacional na Itália [e] a gravidade dos problemas que agitam as federações”, a comunicação incitava a

---

287 Comunicação do *Prefetto* de Nápoles ao *Ministro dell'Interno* de 16 de janeiro de 1873, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 108.

288 De fato, no interrogatório realizado após a prisão no Congresso de Bolonha (março de 1873), Cafiero afirmou estar na cidade “há cerca de dois meses”. O documento se encontra no ASBO, *Tribunale Correzionale*, Serie 2638, busta IV.

289 V. a carta ao internacionalista Masini, em ROMANO (1954, vol. III, p. 393). Embora Costa continuasse a publicar as comunicações da Comissão de Correspondência no *La Favilla*, nesta carta ele se queixava porque o jornal não falava suficientemente acerca da “questão social”.

“propugnar a federação espontânea das forças operárias na Anarquia e no Coletivismo”, convidando as seções a elaborar as questões para o congresso e a dotar os representantes de um mandato imperativo<sup>290</sup>. O encontro estava marcado para o 15 de dezembro no vilarejo de Mirandola, na província de Modena (Emilia-Romagna), onde os albergadores teriam disponibilizado gratuitamente suas estruturas para os congressistas. A escolha do lugar não foi casual, pois naquela região, entre o fim de 1872 e o começo de 1873, a Internacional podia ser considerada

um movimento de massa, popular, formado em parte por operários de fábrica nas localidades onde existem indústrias importantes; enquanto os outros eram sobretudo trabalhadores de pequenos estabelecimentos, artesãos, ajudantes, além de alguns estudantes universitários ou de funcionários de empresas particulares. (SOZZI, 1978, p. 440)

Antes de se dedicar inteiramente à organização da assembleia de Mirandola, Costa, na segunda metade de janeiro, conseguiu criar não apenas uma pequena seção de estudantes bolonheses mas também a primeira seção feminina da FI-AIT, pertencente ao *Fascio Operaio*. A primeira notícia deste evento se encontra em uma belíssima carta inédita que Costa enviou no 26 de janeiro ao amigo *imolese* Paolo Renzi, cuja minuta está presente no diário da Comissão de Correspondência<sup>291</sup>. Nela declarava que a criação desta seção representava uma “grande afirmação” e continuava:

aquela metade do gênero humano [...] que todas as religiões quiseram escrava e abjeta, causa de males e de perdições, esta mulher levanta afinal a cabeça e afirma-se.  
[...] aquela mulher demanda agora seus direitos, e toma posição conosco na luta contra o privilégio e contra a autoridade, contra a prostituição. A Comuna nos deu a [Louise] Michel: nossas seções nos darão, quando necessário, outras heroínas.

O primeiro passo da nova seção foi dirigir um apelo a todas “as companheiras operárias para que se associem aos irmãos de trabalho”; em segundo lugar, graças a uma carta de Costa, elas entraram em contato também com as internacionalistas da Espanha<sup>292</sup>.

290 Sempre no dia 10 de janeiro Costa enviou uma carta de saudação à federação espanhola (no *La Favilla*, 14 de fevereiro) que no Congresso de Córdoba havia aceitado as resoluções de Saint-Imier.

291 No ASBO, *Tribunale Correzionale*, Serie 2638, busta XI. A carta está mencionada em BOTTERO (1875). Ao longo desta pesquisa encontrei um artigo publicado por Maria Alimonda Serafini (no *La Favilla* de 24 de maio de 1872), intitulado significativamente “*L'Internazionale*” [A Internacional], que talvez possa ser considerado a primeira adesão pública à associação dos trabalhadores por parte de uma mulher.

292 A carta de Costa, inédita, encontra-se no *idem*. Ver também *La Favilla* (14 de fevereiro).

Secretária da seção foi nomeada Violante Dall'Alpi, uma costureira de 14 anos que começou na época uma relação sentimental com o próprio Costa. A partir da análise dos quadros estatísticos do *Fascio Operaio*, apreendidos pela polícia e referentes a este período, é possível fazer algumas observações interessantes. A seção mista feminina, que as próprias internacionalistas chamaram de “*Le Petroliere*” [As Petroleiras]<sup>293</sup>, era a segunda maior da associação de Bolonha: era formada por catorze associadas (nove com uma idade entre os 15 e os 25 anos), das quais a maioria trabalhava de forma “independente” (dez) e sabia ler e escrever (doze). Além disso, confirmando a tendência nacional, o salário dessas mulheres, que geralmente trabalhavam como empregadas domésticas, era de cinco a seis vezes menor em relação ao pago aos homens<sup>294</sup>. Com certeza a criação desta seção representava uma conquista importante para os futuros desenvolvimentos do movimento socialista; no entanto, a desenvoltura e a exuberância de Costa no trabalho de correspondência e organização tinha como contrapartida a fraca disciplina interna e a absoluta rigidez teórica do jovem núcleo dirigente do *Fascio* que, ao atuar polemicamente contra as outras correntes do movimento, havia perdido no último ano “mais de dois terços dos inscritos” (GALASSI, 1989, p. 100).

A partir de fevereiro de 1873 Costa foi um verdadeiro “rio em cheia”: até o mês de julho ele publicou nos jornais dezenas de comunicações em nome da FI-AIT e enviou centenas de correspondências a internacionalistas italianos e estrangeiros<sup>295</sup>. Foi por meio dele, de fato, que no dia 3 de fevereiro a recém-criada seção dos mecânicos de Bolonha enviou uma carta de saudação aos colegas de Nápoles. A missiva foi dirigida ao próprio Malatesta, que no primeiro mês do ano se dedicou com os companheiros da *FON* ao funeral (10 de janeiro) e às comemorações (19 de janeiro) de Vincenzo Pezza<sup>296</sup>. Além disso, os internacionalistas partenopeus, que não possuíam uma seção feminina dentro da *FON*, ao saber da adesão das companheiras bolonhesas lhes enviaram uma saudação por meio de uma carta redigida por Elisa Freddingor, “operária napolitana” e namorada de Carmelo Spada

293 Em referência às *pétroleuses* da Comuna de Paris.

294 Por exemplo, a própria Violante conseguia em média um salário cotidiano de 40 centavos de lira, enquanto um costureiro ganhava uma média de 2.25 liras por dia. Cf. também SERENI (1966), MERLI (1972) e ROMEO (1974).

295 Este imenso trabalho redacional está documentado pelo volume de MASINI (2013), que publicou todas as cartas da Comissão de Correspondência da FI-AIT apreendidas do internacionalista Francesco Natta pela polícia de Florença no final de 1874.

296 Conforme as comunicações da polícia partenopeia (no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 108), em ocasião da comemoração na tumba de Pezza, Malatesta, elogiando as virtudes do defunto, fez “um discurso alusivo à revolução de 1789, à de 1848 e à Comuna de Paris”. V. também *La Favilla* (17 de janeiro). Entre os novos companheiros da *FON* é oportuno assinalar a adesão de Carmelo Spada (1851-?), Saverio Guardino (1849-1884) e Eugenio Paganelli (1853-1931).

(*apud* MASINI, 2013, p. 24). Malatesta, por seu lado, enquanto correspondia com a Comissão de Bolonha acerca das questões a serem discutidas no congresso de Mirandola, resolveu realizar algumas viagens importantes. A primeira foi em Cagnano Varano (na região Puglia), o vilarejo natal do amigo Carmelo Palladino, onde os dois passaram juntos os dias do carnaval e criaram uma pequena seção da Internacional entre os estudantes. No entanto, a estadia com o companheiro *pugliese*, que para Malatesta representava um verdadeiro “mestre de socialismo” (CRISETTI GRIMALDI, 2015, p. 117), foi uma ocasião para se confrontar sobre assuntos importantes, relativos à organização revolucionária<sup>297</sup>. De fato, a instabilidade política e econômica da Espanha entre o fim de 1872 e o começo de 1873, e a concreta possibilidade de um evento insurrecional, haviam sido um dos debates principais entre Bakunin e seus “íntimos”<sup>298</sup>. Foi em fevereiro aparentemente que o russo resolveu tentar intervir no contexto ibérico para orientar o descontento em sentido revolucionário e anarquista: por esta razão Malatesta, após a estadia com Palladino, viajou para Nice e Marselha, “para concertar com os internacionalistas espanhóis, franceses e suíços um plano de auxílio logístico para socorrer a nascente revolta em terra ibérica” (BERTI, 2003, p. 37)<sup>299</sup>.

Se por um lado, portanto, era levado adiante um discurso conspirativo em vista de uma intervenção em um eventual episódio revolucionário, por outro, continuava-se o trabalho de propaganda e organização entre as forças operárias do país. Cafiero, ao longo da sua permanência na Emilia-Romagna, deslocou-se com Lodovico Nabruzzi para Modena, onde uma greve dos padeiros exigia a intervenção da Internacional. Em uma carta a Celso Ceretti, ele recomendava “a subscrição em favor dos companheiros *modenesi* em greve” e informava ao amigo estar trabalhando “há um tempo para ter o maior número de representantes no Congresso”, comunicando-lhe também a criação da seção feminina em Bolonha<sup>300</sup>. Além disso, nos primeiros dias de março ele, Nabruzzi e Costa contribuíram na criação de uma seção da Internacional na cidade de Forlì, conseguindo obter um novo representante para o congresso de Mirandola (ROMANO, 1954, vol. III, p. 398). Mas entre os documentos

---

297 Ambos estavam pensando em se mudar para a Suíça, como está confirmado por uma carta de Aniello Malatesta ao irmão Errico de 6 de fevereiro (no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta V).

298 Naquela época a Espanha republicana era atravessada por uma onda de greves operárias, em uma situação agravada pela guerra carlista em curso no país. A insurreição cantonal e federalista estourou, de fato, no verão de 1873. Cf. LIDA (1973).

299 Ver também as comunicações policiais do início de março (no ASN, *idem*) em que se informava acerca dos deslocamentos de Malatesta o qual, antes de ir na França, passou em Milão para recolher os documentos de Vincenzo Pezza em vista da publicação de seus escritos.

300 As cartas de Nabruzzi e Cafiero a Ceretti de 18 de fevereiro encontram-se no ASBO, *idem* e também em MASINI (1965, p. 56-57).

preparatórios da assembleia nacional, o mais significativo foi sem dúvida o apelo “*A tutti gli operai d'Italia*” [A todos os operários da Itália], que foi redigido pela seção de Ímola do *Fascio Operaio* e que, como veremos, representou umas das principais provas incriminatórias contra os internacionalistas que foram presos em março de 1873.

O folheto, que foi distribuído nas ruas da cidade romagnola, e portanto em um contexto prevalentemente rural, dirigia-se principalmente às massas camponesas, as quais devido às suas necessidades, a seus instintos, às suas condições sociais, eram “naturalmente revolucionárias”. Esta confiança nas virtudes rebeldes das populações rurais – confiança que foi obviamente estimulada pelas ideias de Bakunin – era acompanhada por uma clara denúncia da ilusão republicana, cujo governo não era capaz de garantir a emancipação econômica e corria o risco de “degenerar naquele Comunismo autoritário, que nós mesmos chamamos de pior de todos os despotismos”. Com palavras simples Costa condenava a exploração em ato no campo e apontava no coletivismo da terra a solução do problema, convidando os “trabalhadores do campo” a se juntar aos operários das cidades “porque a causa deles é a vossa, e todos têm de satisfazer as mesmas necessidades e de redimir os mesmos direitos de vocês”.

Ao destacar a importância da participação no II Congresso nacional da FI-AIT, o texto desenhava um cenário em que “os velhos edifícios políticos e religiosos estão prestes a ruir” e os quais serão substituídos por uma nova “organização econômica da sociedade baseada não no privilégio, mas sim no trabalho, «não na autoridade, mas sim na livre federação», não na concorrência e no contraste, mas sim na cooperação e na troca”. O de Costa era um “moderado” apelo à insurreição das massas camponesas para que reivindicassem uma radical transformação de sua condição econômica, sem confiar na ajuda de ninguém, pois “a emancipação do trabalhador tem de ser obra do próprio trabalhador”. Mas isso não lhe impedia de orientar os operários em um determinado sentido, afastando-os de perigosos equívocos políticos: “Nós não queremos obrigar vocês a seguir esta ou aquela doutrina; nem sequer sujeitar vocês a este ou àquele sistema; não: nós queremos apenas abrir vossos olhos. Mostrar a vocês quais são vossos amigos e vossos inimigos”<sup>301</sup>. Era justamente este o papel que, conforme as sugestões Bakunin, devia ser desempenhado pela “minoria-guia”.

Além deste texto, redigido muito provavelmente por Costa, ele também contribuiu

---

301 Uma versão impressa do apelo, redigido no 16 de fevereiro e assinado por Costa e os companheiros do *Fascio* de Ímola, encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta II.2.

na greve dos padeiros de Modena, participando de uma assembleia realizada na cidade no dia 20 de fevereiro e pronunciando um brilhante discurso<sup>302</sup>. As palavras do *imolese* predicavam a união dos trabalhadores contra “o interesse dos patrões”, ilustrando o conceito da solidariedade operária internacional defendido pela AIT e convidando os ouvintes a criar uma nova seção. Paralelamente, ele desenvolvia, como já havia feito outras vezes, o discurso revolucionário de cunho anarquista, fazendo apelo à revolução social (que “tenta abolir qualquer patrão”) e enfatizando a importância, neste sentido, das greves operárias. Mas a parte mais surpreendente do discurso costiano dizia respeito à exposição de uma primitiva perspectiva “anarco-comunista”, que antecipava de alguns anos o posicionamento oficial da FI-AIT. Costa, de fato, enfatizando a desigualdade entre patrões e operários, afirmava que

As terras que eles trabalham, as riquezas e os frutos produzidos pelo trabalho de seus braços, têm que ser compartilhados. Eles também têm direito a uma metade. Não se trata de encontrar um acordo com vossos patrões [...] pois vocês não obteriam mais que um benefício momentâneo. O princípio geral no qual se inspira nossa associação é a emancipação econômica do operário. A riqueza que o patrão possui é um roubo a vocês, portanto é uma injustiça, e se for assim é preciso eliminá-la. Quando os operários terão obtido a emancipação econômica eles não irão precisar mais de demandar o pão cotidiano a Deus, pois eles já o terão e acabarão estes preconceitos.

Embora não suportado por um conhecimento teórico adequado, é evidente como o *imolese* já considerava o coletivismo das terras e dos produtos do trabalho o sistema econômico ideal, superando assim a mentalidade prevalente no âmbito da Internacional, segundo a qual o produto do trabalho não devia ser compartilhado entre os outros trabalhadores. Provavelmente, o discurso costiano não pôde ser entendido e aceito inteiramente pelos operários de Modena, mas acho importante assinalar a presença deste argumento já em 1873, isto é, três anos antes dos debates que caracterizaram a atividade da FI-AIT ao longo do ano de 1876.

Os contatos entre os principais expoentes da federação italiana em vista do congresso, intensificaram-se entre o final de fevereiro e a primeira dezena de março. Malatesta, que aparentemente sem razão havia deixado seu cargo de secretário da *FON*, anunciou à Comissão de Correspondência a eleição no cargo da antigo presidente Giustiniani<sup>303</sup>. Costa, por seu lado, ao comunicar os últimos detalhes para a realização do

302 Na documentação relativa as prisões de 1873 (*idem*, *busta* III) encontrei o relatório manuscrito desta assembleia em que está citado inteiramente o discurso inédito pronunciado naquela ocasião por Costa.

303 Cartas de Malatesta a Costa e à Comissão de Correspondência de 4 e 5 de março de 1873 (*apud* MASINI,

congresso, evidenciava a grande discórdia ainda presente nos ambientes do *Fascio Operaio*: em uma reunião realizada no 10 de março em Ímola houve uma disputa entre internacionalistas e mazzinianos, chamados de “corrompidos” e “doutrinários” (carta a Cafiero de 11 de março). Não era um bom sinal em vista do encontro de Mirandola, mas a presença do espírito e das ideias de Mazzini entre os primeiros socialistas da península era um fator ainda difícil de ser totalmente eliminado: não é por um acaso que, no mesmo dia, em Nápoles, Malatesta estivesse participando da comemoração para o aniversário da morte do grande revolucionário italiano (TODA, 1988, p. 105-106). O jovem napolitano, que havia sido eleito junto com Tito Zanardelli e Luigi Pezza (pai de Vincenzo) para representar a sociedade no encontro de Mirandola, estava prestes a deixar a cidade do Vesúvio sob a atenta vigilância das autoridades.

Nas edições dos dias 2, 6 e 7 de março foram publicadas no *La Favilla* as questões a ser discutidas ao longo da assembleia, entre as quais a revisão dos estatutos federais, a “propaganda e a organização do trabalho e da resistência”, um projeto para a criação de um boletim da federação e o “caso Terzaghi”. Não surpreende a presença, entre as propostas de ordem do dia recebidas pela Comissão de Estatística, de um apelo para “ocupar-se ainda da questão política”: era o sinal que a linha radicalmente abstencionista da FI-AIT não era inteiramente compartilhada pela base do movimento, um problema destinado a reapresentar-se nos próximos anos. Mas um evento em parte inesperado veio a perturbar os preparativos do congresso nacional, isto é, a prisão de Celso Ceretti (12 de março) e de outros delegados (14 de março), e a apreensão de toda a documentação do comitê organizador. Além disso, as autoridades ocuparam *manu militari* o vilarejo de Mirandola, impossibilitando, de fato, a realização do congresso. O próprio *Ministro dell'Interno* em Roma, responsável pela segurança pública, preocupou-se em conhecer as conotações de Malatesta, que partiu de Nápoles no 11 de março: a polícia partenopeia respondeu atribuindo ao jovem internacionalista uma “atitude de bravo”<sup>304</sup>. Ao mesmo tempo o Ministro pediu que os responsáveis do apelo “*A tutti gli operai d'Italia*”, ou seja, Costa e seus companheiros de Ímola, fossem incriminados por “incitação ao ódio entre as classes”<sup>305</sup>.

---

2013, p. 26-27). Ver também as minutas das cartas, inéditas, de Costa a Tito Zanardelli (25 de fevereiro), a Verdi, Poggiali e Cafiero (11 de março) encontradas no ASBO, *Tribunale Correzionale, serie 2638, busta V e XI*.

304 Comunicação do *Ministro dell'Interno* ao *Prefetto* de Nápoles do 10 de março e resposta do 12 de março, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 108*.

305 Comunicação ao *Procuratore Generale* de Bolonha de 13 de março, no ASBO, *Procura Generale presso la Corte di Appello di Bologna, serie 1, busta VII*.

Em suma, embora o clima repressivo fosse evidente, os organizadores do congresso não esperavam uma intervenção preventiva que invalidasse todo o trabalho feito anteriormente. No entanto, eles não desanimaram e resolveram realizar igualmente a assembleia, desviando os participantes para Bolonha, onde, a partir do dia 15 de março de 1873, reuniram-se na sede provisória do *Fascio Operaio* os representantes de onze federações regionais e vinte e quatro seções locais<sup>306</sup>. Os congressistas discutiram as treze ordens do dia previstas e aprovaram resoluções muito importantes tanto de um ponto de vista teórico, quanto organizacional. Antes de tudo denunciaram a repressão imotivada e o “roubo” de toda a documentação preparada pela Comissão de Estatística, afirmando a “incompatibilidade absoluta” “entre nós e o Estado, entre nós e a burguesia e seu governo”, “já que *Estado, dominação, escravidão e miséria popular* são termos inseparáveis”. Em seguida foi reafirmado o pacto de solidariedade entre as diferentes federações aprovado em Saint-Imier e negada ao Conselho Geral de Nova Iorque “qualquer qualidade ou ingerência na Internacional”, propondo a realização de um novo congresso antiautoritário. A polêmica com o CG dizia também respeito ao congresso oficial convocado em Genebra para o mês de setembro de 1873: de fato, a Federação Italiana da AIT decidiu não participar do evento, pois seus membros pretendiam a readoção dos antigos estatutos (pré-Londres e Haia) e a “abolição de qualquer autoridade e de qualquer poder central na Internacional”. O único vínculo obrigatório para os sócios da AIT era “a solidariedade na luta econômica”,

deixando a cada Federação, Seção, núcleo ou indivíduo a plena liberdade de seguir o programa político que acredita melhor e de se organizar publicamente ou secretamente para a implementação do mesmo, a condição de que ele não seja oposto e contrário ao objetivo da nossa Associação – a emancipação completa e direta do proletário por obra do proletário.

Esta era muito mais do que uma simples reivindicação de autonomia – diante da imposição por parte do Conselho Geral de um verdadeiro programa de luta parlamentar – e dizia também respeito às duras perseguições sofridas pelos membros da FI-AIT (a organização secreta como meio de luta)<sup>307</sup>. Neste sentido, também a não obrigatoriedade das

306 Ver o relatório oficial do congresso em MASINI (1964), de onde são feitas as citações. Para uma análise detalhada tanto da repressão governamental, quanto das decisões do congresso ver MASINI (1969) e ZANGHERI (1993, vol. I).

307 Não é por acaso que já na fase preparatória do congresso, Costa, para eludir a vigilância da polícia, utilizasse em alguns casos para sua correspondências um nome e sobrenome feminino. Ver comunicação policial do 20 de fevereiro no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 108.



resoluções congressuais – uma das alterações mais relevantes ao Regulamento Federal aprovado em Rimini em 1872 – confirmava a vontade autonomista dos representantes da Internacional na Itália, já que “a administração autônoma dos interesses das multidões operárias deve substituir inteiramente o governo político”. De um ponto de vista ideológico, portanto, o congresso declarou-se “anarquista e federalista”, “*Ateu*” e “*Materialista*”, e a favor da propriedade coletiva “[d]a terra, [d]os instrumentos do trabalho, [d]o capital em geral”. Quanto à organização imediata das forças operárias afirmou-se a urgência de estudar “todos os meios de resistência em todas as relações entre o Capital e o Trabalho”, sugerindo a formação nas seções de uniões profissionais. Uma atenção particular foi dedicada à difusão da ideia socialista no meio rural, para a qual convidaram os trabalhadores da cidade a promover “uma viva propaganda no campo”, pois a emancipação do proletário seria possível apenas “mediante a fraternização completa entre as multidões operárias das cidades e do campo”.

Neste sentido, além da introdução de uma taxa anual obrigatória, foi decidida a criação, ao lado das Comissões de Correspondência (Costa e Zanardelli) e de Estatística (Ceretti), de uma Comissão de Propaganda (Dondi, Chiarini e Giangrandi)<sup>308</sup> que divulgasse nas pequenas localidades e no campo os princípios teóricos e organizacionais da Internacional. Embora não apareça no relatório oficial, ao longo de uma reunião realizada após o fim do congresso, foi também decidida a expulsão de Carlo Terzaghi da federação, com base nas informações coletadas por Cafiero ao longo de sua estadia em Turim (ROMANO, 1954, vol. III, p. 119). O congresso terminou oficialmente no dia 17 de março, mas

no dia seguinte, aniversário da esplêndida época popular começada pelos nossos irmãos da Comuna de Paris, todos os Representantes renovavam em nome das Seções Italianas seu protesto de solidariedade com os falecidos e prometiam realizar e implementar o Programa para o qual aqueles generosos combateram.

No entanto, ao iniciar o congresso em Bolonha no dia 15 de março, os internacionalistas não sabiam que as medidas repressivas contra eles não haviam ainda terminado e que uma intervenção ainda mais decidida estava para chegar. De fato, no dia seguinte o *Prefetto* de Bolonha decretou a dissolução do *Fascio Operaio* em toda a província:

---

308 Na verdade esta comissão, talvez pela inexperiência de seus membros, desempenhou um papel muito limitado nas dinâmicas da FI-AIT e frequentemente sua atividade foi levada adiante pelos internacionalistas Zanardelli e Poggiali.

uma decisão claramente exagerada que se baseava no Estatuto da associação, na criação da seção de “propaganda e ação” e no apelo “A todos os operários da Itália”, elementos que constituíam “uma série de crimes”. Foi assim que na mesma noite do dia 16, alguns policiais apresentaram-se na sede do *Fascio Operaio*, apreenderam toda a documentação presente e prenderam as pessoas que encontravam-se aí, isto é, Malatesta Errico, Cafiero Carlo, Faggioli Alceste e Costa Andrea<sup>309</sup>. Esta era a primeira intervenção policial durante um encontro nacional, uma medida que atingiu transversalmente a associação, uma vez que as autoridades conseguiram prender os elementos mais importantes da FI-AIT, os quais, de qualquer forma, não fizeram muito para evitar a prisão<sup>310</sup>. Malatesta “andava para lá e para cá, fumando abaixo do nariz dos policiais; Carlo Cafiero, com o eterno cachimbo na boca, sorria tristemente, abaixo dos olhos”, enquanto Costa exigia que os policiais apresentassem o mandado; mas na hora da prisão eles desceram para baixo “sorridentes, orgulhosos e alegres: com a auréola do martírio diante dos olhos”<sup>311</sup>.

Na real o único que devia de certa forma estar preocupado era Malatesta, pois em uma mala que foi apreendida na sede do *Fascio* (e que foi atribuída ao napolitano), a polícia encontrou um revólver carregado, além de outros documentos que já mencionei<sup>312</sup>. Outros materiais foram também apreendidos a Cafiero, enquanto Costa teve que acompanhar os policiais no seu domicílio bolonhese e ajudá-los na perquisição, ao longo da qual foi encontrada muita documentação da federação. Conforme o interessante relatório final, redigido pela polícia no 20 de março, o *Fascio Operaio* representava “uma ofensa permanente às leis e às instituições fundamentais da Nação e um perigo para a segurança pública”. Cafiero era indicado como “um dos mais fanáticos aderentes à Internacional” e “pessoa muito perigosa”; Malatesta era considerado “tanto perigoso quanto o primeiro no que diz respeito a seu fanatismo e seus perigosos princípios”; e por fim Costa, acusado de “crime de imprensa” devido a seu apelo aos operários de 16 de fevereiro e apontado como “a mente diretiva da Internacional Italiana”. No entanto, além destas suposições, do revólver de Malatesta e de alguns escritos sediciosos de Costa, as autoridades não tinham nenhuma evidência concreta acerca das intenções criminosas dos suspeitos, e inútil foi também a tentativa de considerar a

---

309 Tanto o decreto de dissolução quanto o relatório sobre a operação de polícia realizada na sede do *Fascio*, ambos do 16 de março, encontram-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta III.

310 Além disso, foram presos fora do local do *Fascio* também os internacionalistas Nabruzzi, Cittignani, Sajani e Negri, e outros três foram presos no dia 23 de março.

311 Estas são as palavras do próprio Costa (1902) com que ele descreveu sua “Primeira prisão”.

312 No ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta V. Cf. ZANGHERI (1949-1950).

FI-AIT como uma “associação de malfeitores”<sup>313</sup>.

Os próprios internacionalistas – que no relatório do congresso ridiculizavam o governo por procurar a Revolução Social “nos documentos e nos escritos” –, ao longo dos interrogatórios realizados durante a permanência em cárcere, negaram substancialmente todas as imputações<sup>314</sup>. Eles foram acusados de querer “mudar ou destruir a forma de governo” por meio de uma conspiração destinada a “despertar a guerra civil entre os habitantes do Estado”, conforme os artigos 157, 158, 159 e 160 do Código Penal. No entanto, diante da gravidade das hipóteses acusatórias, o único resultado dessa primeira grande perseguição governamental contra a Internacional italiana foi a descoberta da efetiva realização do congresso nacional em Bolonha. Portanto, após 54 dias de detenção o Tribunal de Bolonha absolveu os internacionalistas por “falta de provas”, e Costa, Cafiero e Malatesta (e Faggioli) deixaram o cárcere da cidade emiliana no dia 8 de maio, provocando as queixas do *Ministro di Grazia e Giustizia*<sup>315</sup>. Os não residentes na região (Cafiero e Malatesta) foram imediatamente expulsos, mas na viagem de volta eles receberam a solidariedade dos internacionalistas que se apresentaram nas diferentes estações de trem para cumprimentar os amigos<sup>316</sup>.

Durante a prisão, conforme a decisão tomada em Bolonha, os companheiros da FI-AIT haviam procurado criar o órgão oficial da federação, que não era difundido publicamente, mas apenas recebido pelos associados por meio de uma subscrição. No entanto, devido às dificuldades em exigir esta taxa e às novas perseguições contra a Internacional decididas pelo governo<sup>317</sup>, o pequeno núcleo responsável pela publicação conseguiu enviar aos sócios apenas a primeira edição do *Bollettino della Federazione Italiana dell'Associazione Internazionale dei Lavoratori* [Boletim da Federação Italiana da Associação Internacional dos Trabalhadores]<sup>318</sup>. A revista continha duas comunicações das federações espanhola e do Jura, e uma extensa rubrica chamada de “Movimento Operário Universal”, em que eram publicadas as últimas notícias sobre greves, episódios de repressão e sobre a situação da propaganda socialista nos diferentes países. Mas a parte mais interessante, além

---

313 O relatório sobre a perquisição domiciliar (18 de março) e aquele do 20 de março se encontram no ASBO, *idem*, busta III.

314 Tentei analisar a atitude dos internacionalistas durante os interrogatórios no cárcere em MARINI (2016).

315 Ver a comunicação de 19 de maio no ASBO, *Procura Generale presso la Corte di Appello di Bologna*, serie 1, busta VII.

316 Ver a bela carta de “Um malfeitor” bolonhese no *La Favilla* (15 de maio de 1873).

317 No final de maio, de fato, a seção de Roma da Internacional foi dissolvida e alguns de seus membros foram presos. Cf. DELLA PERUTA (1952).

318 Um exemplar do jornal se encontra no ASBO, *Prefettura, Gabinetto*, busta 443. A redação do jornal foi obra principalmente de Lodovico Nabruzzi.

do artigo de abertura em que se narrava a história das perseguições sofridas pela Internacional italiana, era representada por um longo apelo da Comissão de Propaganda aos “Trabalhadores do campo”. Nele se releva sem falta o estilo elegante e eficaz de Costa<sup>319</sup>, que com sua habilidade prosaica estimulava a consciência de classe dos leitores, convidando os irmãos do campo a não se deixar enganar pelas “vãs promessas de liberdade e melhorias das *castas politicantes*” e a “entrar em massa na Associação Internacional dos operários”.

Não é mais a hora de reformas, é a hora de deixar espaço a um novo mundo. Somente uma revolução social poderá alcançar este objetivo, enquanto uma revolução política não poderia mais que reafirmar, sob uma outra forma, as antigas cadeias.

[...] A política é o campo de batalha das classes aspirantes ao poder, e o poder personificando-se no Estado, é violência perene contra as legítimas aspirações do povo.

No entanto, a estas palavras – importantes e esclarecedoras em todos os sentidos – não correspondeu sempre uma atuação eficaz no meio rural, onde a difusão dos ideais socialistas e internacionalistas era ainda pouco significativa e restrita a algumas áreas específicas, fato que talvez tenha representado um dos grandes limites da Internacional italiana neste período. O que mais interessava, aparentemente, aos representantes mais influentes da federação eram as possibilidades concretas de um evento insurrecional na península, aproveitando tanto do descontentamento interno quanto da efervescência revolucionária de outros países, como a Espanha. Além disso, devido à dura e imotivada repressão governamental sofrida pelos internacionalistas italianos nos primeiros dois anos de militância na associação, começou também a surgir a ideia (ou a necessidade) de abandonar a atuação pública da FI-AIT e se dedicar exclusivamente ao trabalho clandestino e conspirativo. Neste sentido, parece-me significativo citar um artigo publicado por Cafiero em 1876, em que ele comentou essa passagem:

Para que servem todas estas medidas quando você tem que combater todos os dias contra o arbítrio e contra a prepotência, quando seus jornais são apreendidos, quando os lugares de suas reuniões são ocupados de mão armada, quando você é preso [...]? Era portanto necessário abandonar este método, transformar-se em militante e conspirar. Mas que fique claro: [...] para nós a conspiração significava apenas fazer individualmente aquilo que antes nós havíamos feito coletivamente.<sup>320</sup>

319 Costa deve ter redigido o texto antes de ser preso, provavelmente durante os primeiros dias do congresso.

320 *La Plebe*, 16 de janeiro de 1876.

Bakunin, por seu lado, apesar da contrariedade de todos os companheiros que o desaconselhavam por causa da idade avançada e dos problemas de saúde, insistia em querer participar da revolta espanhola. Naqueles dias ele residia em Locarno onde ele “vivia muito modestamente” e “trabalhava muito, permanecendo na sua mesa de trabalho até ao amanhecer”; mas em particular “ele estava de mau humor, pois seu querido amigo Carlo Cafiero encontrava-se em cárcere em Bolonha” (KUTUZOVA *apud* BIANCHI, 2005, p. 17). Este testemunho é de Olimpiada Kutuzova, revolucionária russa que para escapar da polícia de seu país havia encontrado abrigo na Suíça, onde entrou em contato com os anarquistas aí presentes, entre os quais o próprio Bakunin. Foi graças a esta amizade em comum que ela teve a oportunidade de conhecer Carlo Cafiero, seu futuro marido<sup>321</sup>.

O internacionalista *pugliese*, que após a saída do cárcere restaurou os contatos com o amigo russo, viajou logo para Barletta onde seus irmãos precisavam da sua presença para resolver algumas questões relativas à herança do pai<sup>322</sup>. Embora soubesse que em um breve arco de tempo ele teria recebido uma grande quantidade de dinheiro, naquela época Cafiero ainda não dispunha dos recursos econômicos necessários para financiar a viagem de Bakunin na Espanha e nem sequer queria fazê-lo<sup>323</sup>. Neste sentido, resultam particularmente relevantes as relações de amizade entre o núcleo dos principais internacionalistas italianos e Bakunin, uma relação que transcendia o simples fato de compartilhar as mesmas ideias políticas. Tratava-se sim de esperanças revolucionárias, de sonhos conspirativos, de utopias igualitárias, mas também de “afeições”, de sentimentos nobres, que frequentemente a historiografia negou aos anarquistas, capazes apenas de produzir violência e desordem. Só assim se pode entender melhor o gesto de imensa generosidade de Cafiero em favor do amigo russo: foi nessa época, de fato, que o primeiro encarregou Bakunin de procurar a casa em Locarno que devia ser sua futura moradia e servir de abrigo a todos os revolucionários da região. Mas antes de realizar este projeto, o russo pretendia absolutamente participar da insurreição espanhola, que podia representar a última ocasião revolucionária da sua vida. Para

---

321 A figura de Lipa, como era chamada por Carlo, tem sido aprofundada por uma recente publicação (GUERRINI, Martina. *Le cospiratrici. Rivoluzionarie russe di fine Ottocento. Lettere e Memorie di Olimpia Kutuzova Cafiero*. Pisa: BFS, 2016) que eu não tive a oportunidade de consultar.

322 Um testemunho da presença de Cafiero na sua cidade natal naqueles dias encontra-se no jornal *Il Circondario di Barletta* (8 de junho de 1873).

323 Para complicar a situação havia a necessidade de organizar uma viagem de navio de um porto italiano até um porto espanhol, já que Bakunin não podia passar pela França onde era procurado pela polícia após a revolta de Lyon de 1870. Cf. NETTLAU (1925).

fazer isso, no entanto, era preciso do dinheiro de Cafiero e único que, neste sentido, podia convencer o internacionalista *pugliese* a encontrar com urgência estes recursos era justamente Malatesta.

Durante a detenção do jovem napolitano, a *FON* havia continuado suas atividades sob a direção de Giustiniani e Tucci, assistidos por alguns jovens universitários, entre os quais vale a pena destacar o já citado Eugenio Paganelli. Foi graças a ele que, conforme às sugestões do Congresso de Mirandola, já no começo de maio de 1873 surgiu uma “numerosa seção de propaganda em Nápoles” (*Bollettino* da FI-AIT). Em um documento presente no Arquivo de Estado de Bolonha e assinado pelo próprio Paganelli, encontram-se os artigos guia do “Círculo de Propaganda Socialista”, que previam o estudo detalhado das condições de trabalho na região, um exame das medidas necessárias para empurrar as associações operárias locais “em direção aos princípios socialistas” e a formação de propagandistas nas diferentes seções profissionais<sup>324</sup>. De acordo com as notícias obtidas pela polícia, Malatesta estava participando das atividades do círculo naqueles dias e recebia correspondências de outras regiões da Itália, as quais anunciavam a criação de novas seções da Internacional<sup>325</sup>.

No entanto, no final de junho (dia 29) ele partiu de Nápoles em direção a Locarno, onde permaneceu por algum tempo em companhia de Bakunin e outros companheiros. Foi ao receber as notícias que vinham da Espanha e ao longo das conversas entre eles que surgiu a ideia da viagem do russo na península ibérica. E é a esta altura que se coloca também uma dúvida biográfica acerca de Malatesta, a qual não foi possível resolver: de fato, conforme um testemunho indireto, ele teria realizado nestes dias uma rápida viagem para Barcelona “para informar Bakunin e os amigos sobre o andamento da República na Espanha” (MORATO, 1932)<sup>326</sup>. O que sabemos com relativa certeza é que, ao longo de sua permanência na Suíça, ele copiou para o russo uma longa carta aos internacionalistas espanhóis, em que ele ressaltava a importância do princípio federalista em vista da insurreição<sup>327</sup>. Mas o único meio

---

324 O documento se encontra entre as cartas apreendidas ao internacionalista Bagnolesi, no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta VI.

325 Ver os informes policiais no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 116bis.

326 A confirmar parcialmente esta hipótese biográfica há também o testemunho do internacionalista e amigo de Malatesta Giuseppe Scarlatti, segundo o qual (1909, p. 38) ele “teria participado ativamente desta insurreição”. No entanto, o dr. Davide Turcato, biógrafo de Malatesta que consultei acerca desse episódio, mostrou-se cético.

327 Aparentemente, o interesse de Bakunin para a tentativa revolucionária na Espanha cresceu após a chamada “Revolución del Petróleo” em Alcoy, ao começo de julho de 1873, em que a Internacional espanhola desempenhou um papel relevante. Cf. NETTLAU (1925) e BERTI (2003). V. também o periódico espanhol *La Solidarité Révolutionnaire*.

para realizar o plano era sempre com o dinheiro de Cafiero, que encontrava-se em Barletta e ao qual não era certamente aconselhado falar destes assuntos por correspondência. Foi assim que, sob sugestão de Bakunin, Malatesta regressou a Nápoles, de onde partiu (21 de julho) em direção a Barletta para conferir com o amigo e lhe comunicar as intenções de Bakunin<sup>328</sup>. Como veremos e como já sugere a atenta vigilância policial sobre os deslocamentos do internacionalista italiano, esta não foi exatamente uma boa ideia.

### 3.2 Costa incansável organizador

Após a saída do cárcere, Costa permaneceu em Bolonha por alguns meses, de onde retomou a correspondência com os companheiros das diferentes regiões da Itália e do exterior. Era preciso não apenas coordenar a organização dos congressos regionais mas também exigir um quadro estatístico de cada federação e seção em vista do novo congresso antiautoritário internacional<sup>329</sup>. A primeira questão a ser enfrentada dizia respeito à situação de Roma, onde os pedreiros da cidade, após a aprovação das novas tarifas, queriam criar com as outras seções italianas uma União Federal Italiana dos pedreiros e enviar um representante no próximo congresso internacional. Costa pôs em comunicação os pedreiros de Roma com os colegas de Bolonha e de Berlim, mas uma nova intervenção repressiva veio a dificultar este trabalho de organização: no 28 de maio a polícia dissolveu a seção romana e prendeu alguns companheiros<sup>330</sup>. No entanto, isso não impediu aos pedreiros de perseverar em seu propósito e a Costa de convidar os internacionalistas de Roma a organizar um congresso regional, assim como estavam fazendo os amigos das regiões Romagna e Marche (carta de 12 de junho). De fato, novas seções estavam surgindo em toda Itália, sobretudo nessa última região, que estava atravessando um período de greves e agitações populares devido ao elevado custo dos alimentos básicos. O trabalho nessa área foi levado adiante principalmente pelos internacionalistas Emilio Borghetti e Lorenzo Bagnolesi<sup>331</sup>, que estavam em contato continuo

328 Comunicação do *Prefetto* de Nápoles ao *Ministro dell'Interno* de 8 de agosto de 1873, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 116bis.

329 Ver as cartas enviadas a Taranto, Ancona e as viagens realizadas em Parma e Ancona entre a metade de maio e o começo de junho (*apud* MASINI, 2013, p. 62-65).

330 Ver a carta do internacionalista Brugia (*apud* MASINI, 2013, p. 64) e as respostas de Costa do 28 de maio e 12 de junho (*apud* DELLA PERUTA, 1949, p. 38-39).

331 Emilio Borghetti (1852-1888): internacionalista de Ancona que a partir de 1873 desempenhou um papel relevante por conta da FI-AIT na região central do país, mantendo os contatos com os principais expoentes da federação.

com Costa.

Nesta fase o *imolese* estava realmente ao centro de todas as atividades da federação e nos meses de maio, junho e julho de 1873 ele recebeu (e respondeu a) um número impressionante de correspondências. Mas para eludir a vigilância da polícia, que após sua libertação não deixava de controlar sua atividade, ele organizou um estratagema: um colega da Universidade tinha que receber para ele as correspondências que chegavam em nome de Ítalo Passerini, um fictício estudante de Bolonha (carta de 12 de junho)<sup>332</sup>. Foi assim que por muito tempo a Comissão de Correspondência conseguiu funcionar, evitando a apreensão das missivas até que a polícia descobriu o engano. Nas cartas de resposta Costa incitava os companheiros de Veneza, Turim, Siena, da Puglia e da Emilia-Romagna a intensificar a propaganda socialista entre os proletários e indicava os princípios-guias da atuação da FI-AIT, isto é, a anarquia, o federalismo, o coletivismo e a Revolução Social<sup>333</sup>. Enquanto isso, em Bolonha foi criada no final de abril uma “seção mista de Propaganda” e aparentemente o *Fascio Operaio*, dissolvido pelo governo três meses antes, havia mudado nome em *Federazione Operaia Bolognese* [Federação Operária Bolonhesa]. Ao longo de uma assembleia realizada em 2 de junho esta “nova” associação aprovou um documento que dizia respeito às comemorações para o 8 de agosto de 1848, data da derrota dos austríacos em Bolonha. O texto, em que se anunciava a não participação nas comemorações, indicava o patriotismo como “contrário à fraternidade entre os povos” e afirmava que “o conceito de pátria não deve preocupar minimamente os operários, cuja pátria está em qualquer lugar onde se trabalhe livremente. O operário, que não tem pátria, não pode festejá-la”<sup>334</sup>.

Na segunda metade de junho Costa, graças à grande rede de contatos criada com o trabalho na Comissão de Correspondência da FI-AIT, procurou inciar uma colaboração com os jornais socialistas da região, já que o *La Favilla* estava gradualmente se afastando da linha

---

Lorenzo Bagnolesi (1851-?): italiano mas nascido na Ucrânia, Bagnolesi foi um dos principais organizadores da AIT na região Marche em 1873. No ano seguinte, no entanto, após um período de detenção devido à sua militância, foi expulso da Itália e regressou à Ucrânia.

332 O temor de novas repressões era compartilhado também por outros companheiros, como Cesare Bert, da seção de Turim, que em uma carta a Costa de 17 de junho sugeria “não falar publicamente da Internacional” (*apud* MASINI, 2013, p. 72).

333 Nesta fase o texto de referência é aquele organizado por MASINI (2013) onde se encontram quase todas as cartas da Comissão de Correspondência. Além disso, algumas foram também publicadas por ROMANO (1954, vol. III) e outras ainda, inéditas, as encontrei nos Arquivos de Estado entre os documentos apreendidos.

334 O documento foi publicado no periódico de Parma, *Il Miserabile* (6 de agosto de 1873). Ver também a carta do diretor Isola a Costa de 5 de julho de 1873 (*apud* MASINI, 2013, p. 100).



intransigente da Internacional italiana<sup>335</sup>. Entre os novos periódicos com os quais Costa começou a colaborar haviam *L'Avvenire Sociale* [O Porvir Social] de Piacenza, *Il Risveglio* [O Despertar] de Siena, *L'Indipendente* [O Independente] de Ancona e *Il Miserabile* [O Miserável] de Parma<sup>336</sup>. Mas não sempre o trabalho de propaganda socialista e de organização das forças operárias procedia na direção desejada, como demonstra uma carta de um companheiro de Fabriano. Ele, ao comunicar a intenção de criar uma nova seção, enfatizou também as dúvidas acerca das ideias anarquistas: “Falo francamente. O programa exposto pelo jornal *La Rivoluzione Sociale*, ao invés de esclarecer nossas ideias, as revolucionou [...]. Qual será a consequência se Anarquia será a primeira fórmula?” (*apud* MASINI, 2013, p. 75). No entanto, a força “taumatúrgica” da propaganda de Costa conseguia superar estas dificuldades, já que era suficiente uma sua carta para decidir a criação ou não de uma nova seção<sup>337</sup>.

Os avanços mais relevantes ocorreram na Emilia-Romagna, cujas seções estavam se preparando para realizar seu primeiro congresso e criar a federação regional. Em uma comunicação inédita da Comissão de Correspondência (21 de junho), Costa convidava os companheiros a encontrar um acordo sobre a data e o lugar onde realizar a assembleia, avisando-os do próximo “Congresso Geral, que terá lugar na Suíça”<sup>338</sup>. Também na Toscana, apesar da “moderação do caráter e do temperamento de seus habitantes”, a Internacional registrou um incremento significativo da sua presença no território<sup>339</sup>. Mas nesta fase foi sobretudo a região Marche a mostrar os maiores sinais de vitalidade, os quais, graças ao trabalho de coordenação realizado por Costa, levaram a planejar a organização do segundo congresso regional da FI-AIT, que os internacionalistas de Ancona pretendiam realizar contemporaneamente ao da Emilia-Romagna<sup>340</sup>. Em uma carta de Emilio Borghetti a Costa (28 de junho), ele confessava que “nós sabemos pouco ou nada de Congressos, pois nunca participamos deles. [...] é melhor que você nos dê as noções principais, para não fazer uma má figura ao abrir o Congresso”. Tratava-se também, portanto, de formar os novos associados: uma tarefa nada simples e talvez pouco apaixonante, mas que Costa levou adiante

---

335 Já em uma carta de janeiro de 1873 ao internacionalista Masini, Costa lamentava a moderação do jornal de Mantova que “não se ocupa minimamente da questão social” (*apud* ROMANO, 1954, vol. III, p. 393).

336 Ver as cartas dos diretores do *Avvenire Sociale* e do *Risveglio* (*apud* MASINI, 2013, p. 72, 77 e 80).

337 Ver a carta de Alessandro Nicoletti a Costa de 23 de junho (*idem*, p. 84-85).

338 Documento impresso presente no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta VI.

339 Carta de Lorenzo Poggiali a Costa de 23 de junho (*apud* MASINI, 2013, p. 127).

340 Neste sentido ver a correspondência de Costa com os companheiros daquela região (*apud* MASINI, 2013, p. 88-90).

com muita seriedade e entusiasmo, aceitando muitas vezes representar as seções menores nos congressos regionais.

Em uma das últimas comunicações publicadas no periódico *La Favilla* (29 de junho) o *imolese*, ao relatar sobre os avanços da Internacional e sobre a situação do movimento operário na Itália e no exterior, inaugurou uma rubrica intitulada “*Movimento Operaio*” [Movimento Operário] – muito semelhante àquelas que realizaram os redatores do *La Campana* de Nápoles e do *Bollettino* da FI-AIT –, destinada a ter uma grande longevidade nos diferentes jornais com os quais Costa colaborou<sup>341</sup>. Ela era formada pelas inúmeras notícias que ele recebia das diferentes seções e federações, italianas ou estrangeiras, sobre a situação do movimento internacionalista e operário em geral. Nesta edição o responsável pela Comissão de Correspondência da FI-AIT relatava sobre as últimas greves na Espanha e anunciava a organização dos congressos regionais na Romagna e na região Marche-Umbria<sup>342</sup>. Conforme as palavras de Cafiero, este processo de reorganização interna da Internacional italiana nas diferentes federações foi devido principalmente ao conservadorismo do governo italiano e às suas medidas repressivas contra a associação dos trabalhadores.

[...] nós temos sempre considerado a organização geral da Internacional, em um país como o nosso, onde a liberdade de expressão, de imprensa, de associação são sonhos, como um estúdio primitivo, não como um processo final: tanto assim é que, após o Congresso de Bolonha, quando nossas ideias não precisaram mais de definição alguma [...], a Comissão propôs às seções das diferentes províncias de constituir as federações provinciais, o que em grande medida foi feito.<sup>343</sup>

Entre as notícias provenientes das diferentes localidades, a maioria das quais encorajadoras, haviam também alguns sinais negativos, como a dissolução da seção de Ferrara<sup>344</sup> e as dificuldades enfrentadas pela Internacional de Nápoles. Nesta cidade, de fato, após a partida de Malatesta para a Suíça, a *FON* encontrava-se “moralmente morta”, enquanto

341 Muitas vezes esta rubrica era republicada por outros jornais italianos e estrangeiros, como o *Bulletin de la Fédération Jurassienne*.

342 Tentou-se também organizar um congresso da federação *emiliana* da Internacional, mas sem êxito. Ver a carta inédita de Costa à seção de Mirandola de 10 de julho de 1873, no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI.

343 *La Plebe*, 16 de janeiro de 1876. Durante um interrogatório realizado em cárcere no 25 de setembro de 1874 Costa afirmou que “a federação italiana não existe, pois ela em julho ou agosto do ano passado, para desenvolver melhor a vida autônoma das seções e das federações locais, dissolveu-se como organização nacional e se recompôs em federações regionais na Toscana, na Romagna e nas Marche e Umbria”. Documento presente no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta II.

344 Carta de Augusto Bernardello (*apud* MASINI, 2013, p. 98).

permanecia ativo o Círculo de Propaganda Socialista: no entanto, conforme uma carta de Paganelli à Comissão de Correspondência, a situação da Internacional na Itália meridional tornava impossível a realização de um congresso naquelas regiões<sup>345</sup>. No dia 6 de julho de 1873 Costa inaugurou também a colaboração com o jornal *Il Risveglio*, publicando pela segunda vez a rubrica “Movimento Operário”: a parte que dizia respeito à Itália era uma atualização das notícias publicadas no *La Favilla* (29 de junho), enquanto na segunda parte ele focava sua atenção sobre os últimos acontecimentos na Espanha. As crônicas publicadas, que demonstravam a eficiência da rede de contatos criada graças ao papel de Costa na FI-AIT, não apenas informavam os leitores com notícias de primeira mão, mas consentiam também desmentir as informações tendenciosas publicadas na imprensa conservadora.

Além dos contatos oficiais com os representantes da Federação Espanhola da AIT, agora um novo periódico consentia a Costa manter um canal de comunicação eficaz com os internacionalistas ibéricos: tratava-se do *La Solidarité Revolutionnaire*, órgão de imprensa em língua francesa da federação de Barcelona que havia sido criado em junho daquele ano. Em 16 de julho o jornal internacionalista espanhol publicou uma interessante carta do *imolese* em que, a partir da constatação da crise política em curso na Itália, ele explicitava seu ponto de vista sobre a validade do princípio republicano e sobre o suposto federalismo aplicado na Espanha. De fato, devido às repercussões da guerra franco-prussiana, em meados de 1873 estourou na Europa uma grave crise econômica e financeira que afetou gradualmente todos os países da área, inclusive a Itália. Em consequência dos debates no seio da direita ao governo acerca de novas medidas econômicas, uma minoria do partido conservador pressionou pelas demissões do governo Lanza e pela formação de um novo executivo (10 de julho)<sup>346</sup>. No entanto, já que isso não comportou uma mudança significativa na orientação política e econômica do governo italiano – pois os novos ministros pertenciam sempre à direita liberal e conservadora –, a perspectiva abstencionista e antipartidária dos internacionalistas não sofreu alguma alteração. Isso era confirmado pelas palavras de Costa publicadas no jornal espanhol, que foram redigidas no meio dessa crise política:

La chute du ministère Lanza-Sella et la crise qui en a été la conséquence, ont ébranlé la confiance de l'opinion publique bourgeoise dans l'avenir du gouvernement italien [...]. Pour notre compte, nous nous plaignons au spectacle du triomphe de la réaction, signe de l'approche terrible de la Révolution sociale.

<sup>345</sup> *Idem*.

<sup>346</sup> Cf. CROCE (1928), CAROCCI (1964), CASTRONOVO (2006).

E a propósito da situação espanhola e da dura repressão governamental contra os conatos revolucionários, continuava:

Nous avons vu avec indignation les persécutions dont sont victimes nos compagnons d'Espagne. Et dire que vous avez maintenant la République Fédérale! Et dire qu'il a encore parmi nous des imbéciles que la considèrent comme l'organisation sociale par excellence! [...]

Nous avons lu la protestation de la Commission Fédérale, mais nous pensons que les protestations ne sont plus chose suffisante. Nous croyons qu'il est temps que nos compagnons espagnols parlent un autre langage, et en finissent une fois pour toutes avec l'arrogance des fédéralistes politiques [...].

Nous prenons acte des persécutions dont vous êtes l'objet pour persuader aux ouvriers qu'aucun gouvernement ne peut à cause de sa nature même de gouvernement les émanciper, et nous attendons que vous donniez le signal de l'attaque, pour balayer notre sol d'Italie de tous les immondices qui le salissent. Plus de paroles. Nous en avons assez.

Embora o desenvolvimento da “revolução cantonal” na Espanha fosse um dos assuntos que mais interessou Costa nesta fase, ele se manteve em contato também com os internacionalistas suíços em vista do novo congresso “dissidente”<sup>347</sup>. De fato, a partir do começo julho ele começou também a importante colaboração com o *Bulletin de la Fédération Jurassienne*, através de uma série de correspondências em que relatava acerca da situação do movimento operário italiano e internacional. A primeira foi publicada na edição de 13 de julho e era um retrato bastante otimista da situação italiana, em que os “instintos revolucionários” prevaleciam entre os “operários manuais, sobretudo nos pequenos vilarejos, e sobretudo no campo”. Costa atacava os republicanos, cujo partido encontra-se em “completa dissolução”, para suas “disputas ridículas” (“um quer a República unitária, o outro a quer federal; um quer a República com Deus, o outro sem Deus”), anunciando que “os operários, a parte viva do povo, não está com eles”. Agudamente ele tendia a enfatizar esta distância entre a parte mais pobre e humilde do povo, os proletários, e os supostos representantes parlamentares de seus interesses, isto é, os republicanos, “professores e advogados” que “olham de baixo para cima” a Internacional. A ênfase do discurso costiano, que em parte exagerava os avanços da associação e a difusão do ideal socialista no país, servia de qualquer forma para mostrar a força daquela que podia ser considerada, por número de associados, a segunda federação

347 Ver a comunicação da *Fédération Jurassienne* de 8 de julho de 1873 em que informava a Comissão de Correspondência italiana que a assembleia era convocada para o 1º de setembro em Genebra. Documento presente no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI.

internacionalista na Europa (após a espanhola) e para convencer os indecisos a aderir.

No 14 de julho Costa comunicou a todas as seções e federações italianas o encontro internacional de Genebra e as convidou a enviar um “relatório estatístico completo de suas forças”, comunicando também a ordem do dia, que previa a revisão dos Estatutos Gerais da Associação, o debate sobre a greve geral e sobre a organização e a estatística do trabalho<sup>348</sup>. A quantidade impressionante de correspondências recebidas por Costa nos meses de junho e julho testemunha seu grande compromisso com a organização. Os companheiros lhe escreviam por qualquer razão: para pedir ajuda para um operário doente, para convidá-lo a corrigir o programa e o regulamento da seção, ou até para escolher o “cardápio” do congresso *romagnolo*<sup>349</sup>. O encontro internacionalista regional estava marcado para o 20 de julho em um pequeno vilarejo perto de Ravenna onde, aproveitando da estação balnear, os militantes da FI-AIT teriam podido se confundir com os turistas e eludir assim a vigilância policial. O congresso, do qual participaram três federações e quinze seções, foi presidido pelo próprio Costa e levou à criação da *Federazione Romagnola* da AIT.

Embora o relatório oficial (no *La Favilla* e no *Bulletin* suíço de 27 de julho) informe que as resoluções votadas eram “inspiradas nas ideias mais revolucionárias”, o tom geral do encontro foi bastante moderado. De fato, admitida “a impossibilidade da propaganda por meio da luta nas atuais condições da região italiana”, o congresso limitou-se a aprovar apenas a “propaganda pacífica por meio de jornais, de opúsculos, de assembleia populares”<sup>350</sup>. Significativa foi também a aprovação de uma saudação aos “operários republicanos da Itália e aos operários da Espanha, que lutam e morrem pelas nossas ideias”. Nesse período, Costa, que continuava a publicar no *Risveglio* e no *Miserabile* (20 e 30 de julho) as notícias sobre a situação revolucionária da península ibérica, ocupou-se também da partida de alguns companheiros para a Espanha, organizando a viagem e dando-lhes as sugestões necessárias

---

348 Isso gerou um pequeno equívoco, pois no congresso de Saint-Imier a Federação Italiana foi encarregada apenas de elaborar um quadro estatístico geral a ser em seguida adotado e preenchido pelas diferentes federações da Internacional, e não de apresentar uma estatística geral de suas forças. Ver a resposta da Fédération Jurassienne no *Bulletin* de 27 de julho de 1873. A comunicação de Costa às seções, presente no ASBO, foi publicada também nos jornais *Il Risveglio* e *Il Miserabile* (20 e 23 de julho) e hoje *apud* MASINI (1964, p. 74).

349 Cartas de Bruto Zavoli (11 de julho), de Achille Papini (15 de julho) e de Claudio Zirardini (12 de julho), *apud* MASINI (2013, p. 111, 119 e 113).

350 Neste sentido, é esclarecedora uma carta de Claudio Zirardini enviada a Costa logo antes do encontro, em que lhe comunicava a necessidade de adaptar a propaganda à peculiar mentalidade do povo daquela região (*apud* MASINI, 2013, p. 134). Após o congresso Costa pronunciou um discurso aos camponeses, convidando-os a aderir à Internacional. Ver também ZANGHERI (1955).

para não acabar presos<sup>351</sup>. Por fim, na edição de 31 de julho do jornal espanhol *La Solidarité Revolutionnaire* foi publicada uma carta sua em que relatava acerca da questão social na Itália, “qui pourrait aussi s'appeler la question de la faim”, a qual afetava especialmente a região Marche onde as greves eram frequentes. Mas, avisava Costa com tom incendiário,

Nos amis des sections Internationales [...] ne se laissent pas endormir. Ils profitent des conditions actuelles pour propager les idées révolutionnaires, ils persuadent aux ouvriers que la question sociale, ne peut se résoudre que par la Révolution sociale. En excitant à la *haine*, un des moyens le plus puissants de révolution, contre les patrons, la lutte entre le capitale et le travail s'en accentuera de plus en plus, et le grand jour de la Liquidation sociale sera avancé [...].  
Socialistes, Alerte! Notre poste est au feu!

De qualquer forma, não havia mais tempo para se dedicar à propaganda revolucionária e era necessário voltar ao trabalho organizacional da federação: a partir do final de julho Costa começou a receber as procurações para participar do congresso de Genebra em nome das diferentes seções e federações italianas<sup>352</sup>. A este propósito é oportuno assinalar como a concomitância na cidade suíça do congresso “oficial” da AIT e daquele “dissidente” criou algumas preocupações nos organizadores deste último. Foi por esta razão que Costa publicou uma comunicação (*Il Miserabile* de 30 de julho) em que propunha a realização do “congresso antiautoritário” alguns dias antes do outro na casa de James Guillaume em Neuchâtel, “para não dar pretextos à imprensa burguesa de nos jogar na lama e no ridículo”<sup>353</sup>. Todavia, como veremos, se a palavra “ridículo” podia ser usada, era apenas para descrever o congresso “marxista”.

No dia 10 de agosto Costa viajou na região Marche para participar do congresso fundante para a Federação *Marchigiana-Umbra*, formada por quatro federações provinciais e doze seções locais. O programa e o regulamento federal aprovados nesta ocasião merecem uma atenção particular, pois mostram em um documento oficial da associação uma radicalização ideológica muito significativa. Ao lado do “Considerando” clássico da

351 Ver as cartas da seção de Pisa (23 de julho), de Zirardini (24 de julho) e de Bruto Zavoli (final de julho) a Costa, *apud* MASINI (2013, p. 126, 130 e 154).

352 Todos estes documentos estão conservados nos Archives de l'État de Neuchâtel, *fond* James Guillaume, *dossier* 97. Entre as recomendações das seções em relação à atitude a ser tomada no congresso, o chamado “mandado imperativo”, haviam: a autonomia completa das seções e a negação de qualquer poder central, a abolição do Conselho Geral e a não obrigatoriedade das resoluções congressuais. Ver também *Il Risveglio* (21 de agosto).

353 Evidentemente, esta proposta foi recusada pelas seções e federações, pois o congresso foi realizado de fato em Genebra entre os dias 1 e 6 de setembro.

Internacional, isto é, “que a emancipação do trabalhador tem de ser obra do próprio trabalhador”, acrescentou-se a afirmação segundo a qual “o trabalhador é essencialmente antiautoritário e anarquista”. Além disso, a emancipação econômica, ou seja, o fim ao qual qualquer movimento político tem de ser subordinado, era declarada “impossível com a atual organização do Estado e da propriedade”. A destruição do Estado “em todas suas manifestações econômicas, políticas e religiosas” era apontada como o escopo da Revolução Social, a qual “tende a transformar a sociedade com base na Anarquia e no Coletivismo”. No que diz respeito ao regulamento, além da criação de três comissões (Correspondência, Estatística e Propaganda), é oportuno assinalar o quinto artigo, relativo ao socorro mútuo em caso de greve de uma seção e à criação de um caixa de resistência<sup>354</sup>. Este era um assunto inédito em uma resolução congressual da AIT italiana e resultava particularmente importante para os proletários daquela região que, como vimos, estavam atravessando uma dura fase de carestia.

A postura ideológica do encontro *marchigiano*, embora não tivesse uma repercussão efetiva nas dinâmicas da associação, representou de qualquer forma um avanço relevante no processo de definição teórica do movimento e uma ótima oportunidade de propaganda. O próprio Costa confirmava esta perspectiva em uma carta inédita ao internacionalista Bagnolesi da seção de Perugia (18 de julho): “um congresso não pode fazer muita coisa; no entanto, ele serve para difundir as ideias revolucionárias, excitando nas almas dos representantes a grande força da revolução social, a paixão revolucionária”<sup>355</sup>. E de congresso em congresso Costa estava agora prestes a participar com alguns companheiros italianos<sup>356</sup> do encontro de Genebra, em que ele desempenhou um papel fundamental. Neste sentido, ele foi indiretamente estimulado a radicalizar sua atitude ao longo das assembleias por um interessante artigo publicado no *Il Risveglio* (21 de agosto): o autor, que adotava o pseudônimo de Spartaco, lamentava a falta entre as ordens do dia de uma discussão acerca da “organização revolucionária”, que contrapunha à “difícil organização de luta entre o capital e o trabalho”. Ele denunciava também o viço de origem da Internacional, isto é, a demasiada

354 O documento foi publicado por MASINI (1964, p. 79-84). Ver também ZANGHERI (1993, vol. I) e SORA (2012).

355 A carta encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta VI. Alguns dias depois do recebimento Bagnolesi foi preso pela polícia. Ver *Il Risveglio* (31 de agosto).

356 Os outros representantes da FI-AIT eram Francesco Mattei, Cesare Bert e o ex-communard Victor Cyrille. Em consequência da parcial reabilitação de Terzaghi por algumas seções italianas e da criação de uma suposta “Federação Intransigente”, o espião conseguiu obter algumas procurações e participar da inauguração do congresso suíço, do qual foi prontamente excluído. Ver as atas congressuais nos Archives de l'État de Neuchâtel, *fond* James Guillaume, *dossier* 104.I e 104.II e o *Bulletin* suíço (7 de setembro).

atenção com que se desenvolveu o “trabalho aberto” e o abandono do “trabalho secreto, pessoal”. O primeiro “é aquele que se faz nas sociedades, nos congressos, nos *meetings* e nos jornais”, enquanto o segundo é “aquele que um indivíduo faz com um ou poucos outros indivíduos para formar seu caráter revolucionário”. Era um ponto de vista interessante – aparentemente informado sobre a estratégia conspirativa de cunho bakuninista e muito próximo das posições dos principais representantes da Internacional italiana –, que curiosamente foi divulgado em um texto público<sup>357</sup>. Como veremos, a aplicação prática desses conceitos não estava tão longe de ser realizada.

Antes de deixar Bolonha em direção à Suíça, Costa redigiu ainda duas rubricas “Movimento Operário” que foram publicadas no *Il Misereabile* (30 de agosto) e no *Il Risveglio* (31 de agosto), em que atualizava os leitores sobre os últimos acontecimentos na Espanha, traduzindo as notícias publicadas no *Solidarité Revolutionnaire*. No dia 31 de agosto os delegados dos diferentes países foram recebidos na sede da Seção de Propaganda Socialista de Genebra, onde, à noite, realizaram uma reunião preliminar para estabelecer a ordem do dia da assembleia<sup>358</sup>. No dia seguinte abriu-se, portanto, o encontro que os participantes, seguindo a numeração dos congressos anteriores da AIT, chamaram de VI Congresso Geral da Internacional, em uma clara provocação contra o Conselho Geral de Nova Iorque. Os delegados presentes eram vinte e quatro e representavam as federações belga, inglesa, holandesa, francesa, espanhola, do Jura e italiana, além da federação americana que enviou um comunicado de adesão. Os representantes eram figuras prominentes dentro do movimento socialista europeu (Eccarius, Hales, Brousse) e o próprio Costa foi nomeado, com outros quatro companheiros, na presidência do congresso.

No primeiro dia de assembleia os delegados apresentaram um relatório sobre a situação da Internacional nos respectivos países. Costa, ao falar da situação na península, além de enfatizar os significativos avanços realizados pela associação no biênio 1871-1873, destacou a predisposição dos internacionalistas italianos a seguir “a via revolucionária”. Na Itália, conforme um relatório redigido pelo próprio imolese, “a Internacional é considerada sobretudo como a união de todas as forças revolucionárias para a luta imediata: fato que não

---

357 Não foi possível identificar o autor do artigo, mas tratava-se de um internacionalista de Ancona (cf. *Il Risveglio* de 6 de junho de 1873). Sempre na mesma edição, um outro autor, Aloè, denunciava de modo similar a falha elaboração de um “plano revolucionário”.

358 Ver as breves crônicas do congresso redigidas por Costa e publicadas no *Il Risveglio* (7 e 21 de setembro) e *Il Misereabile* (8 de setembro). Cf. também o relatório mais extenso publicado no *Bulletin* suíço (7 e 14 de setembro).



deve surpreender, se se pensa que a Itália saiu há pouco tempo de uma Revolução nacional e que é habitual triunfar por vias diretas”<sup>359</sup>. Após isso foram nomeadas três comissões que deviam abordar os assuntos da ordem do dia, isto é, a revisão dos Estatutos Gerais da AIT, a questão da greve geral e a questão da estatística<sup>360</sup>. Ao longo da discussão sobre o Conselho Geral, em que foi aprovada por unanimidade sua abolição, Costa (assim como Brousse), declarou-se contrário a substituí-lo com uma comissão coordenadora central, pois “via o risco de reconstituição de um Conselho Geral sob um outro nome” (*apud* GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 188). O debate sobre este ponto foi intenso e dizia respeito novamente aos conceitos de anarquia e de autoritarismo, interpretados de forma diferente por parte dos delegados. De qualquer forma, é importante assinalar como a intransigência de Costa não era um caso isolado, pois a não substituição do CG foi votada por unanimidade.

A propósito dos Estatutos da AIT, a comissão propôs a manutenção da versão francesa aprovada no congresso de Genebra de 1866, dando início a uma animada discussão acerca do verdadeiro sentido da palavra “trabalhador”. Contrariamente aos ingleses Eccarius e Hales, e ao suíço Dumartheray, que queriam uma associação exclusivamente de trabalhadores manuais, a maioria dos representantes, entre os quais Costa, declararam-se a favor de uma Internacional pluriclassista, que aceitasse no seu seio qualquer indivíduo disposto a lutar para seu programa. Durante o longo debate sobre este ponto, que foi liderado sobretudo por Guillaume e que dizia respeito a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual, Costa interveio para lembrar que

o escopo da Internacional é a abolição das classes e o advento da fraternidade humana [...]. Para mim não existem mais que duas categorias de homens: os que querem a revolução e os que não a querem. Agora, há burgueses que querem a revolução com muita mais energia e seriedade de certos operários. (*Idem*, p. 206)

Neste sentido, vale a pena destacar a sabedoria e a moderação com que Guillaume conduziu a discussão<sup>361</sup>, defendendo a necessidade de

359 O relatório italiano do Congresso de Genebra foi publicado no final do ano em um opúsculo junto ao relatório do Congresso de Bolonha (março 1873). O documento se encontra no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta II.2.

360 O manuscrito do relatório oficial do congresso, redigido por Guillaume, encontra-se nos Archives de l'État de Neuchâtel, *fond* James Guillaume, *dossier* 104. No entanto, a versão mais completa dos debates realizados em Genebra, que eu utilizo nesta fase, encontra-se em GUILLAUME (2004, vol. III), onde o autor comentou integralmente as atas do congresso.

361 Quando a discussão chegou a discutir o termo “anarquia”, criando uma contraposição entre os representantes, Guillaume interveio afirmando que “ao invés de discutir a questão de um ponto de vista

aproximar o mais possível dos operários aqueles que são chamados de trabalhadores da mente [...] de modo que os homens que saem da burguesia, que entram na Internacional para se moralizar e se desenvolver em contato com os trabalhadores manuais tenham a oportunidade de abandonar definitivamente seus preconceitos de casta e de se tornarem verdadeiros revolucionários. (*Idem*)

Durante os intensos debates sobre a revisão dos artigos estatutários, foi também aprovada a atribuição anual, a uma federação nacional cada vez diferente, da organização dos congressos gerais, de uma forma que satisfizesse “aqueles delegados que haviam exigido a manutenção do princípio de anarquia”, pois a intermediação da federação nomeada não era obrigatória. Mas a parte mais interessante do congresso dizia respeito à questão da greve geral, cuja eficácia havia sido experimentada com êxito pelos internacionalistas espanhóis durante os “fatos de Alcoy”. Em geral foram reconhecidos os limites das greves parciais (ou salariais), que conforme Guillaume “produziam resultados momentâneos e incompletos”, enquanto para Costa eram “poeira jogada nos olhos dos trabalhadores”. Em uma primeira proposta avançada pelo *imolese*, como membro da comissão específica, ele definiu a greve geral como “um excelente meio prático para realizar a revolução social”, deixando porém a liberdade às diferentes federações de escolher a forma mais adequada para alcançar a emancipação dos trabalhadores. No entanto, o debate foi tão intenso e animado que foi difícil encontrar um compromisso entre as diferentes posições. Afinal foi aprovada uma resolução em que se afirmava que “no estado atual da organização da Internacional, não pode ser dada uma solução definitiva à questão da greve geral”: por esta razão recomendava-se com urgência aos trabalhadores “a organização internacional das corporações de ofícios assim como uma ativa propaganda socialista” (*idem*, p. 200).

Neste sentido, o relatório italiano redigido por Costa enfatizava a necessidade de estudar nos detalhes a composição e a condição dos operários em cada país. Desta forma os trabalhadores “poderiam entender eles mesmos a quantidade de trabalho exigido, fato que poderia algumas vezes evitar e frequentemente regular as crises econômicas”. Além disso, “o conhecimento exato de todas as condições do trabalho seria de grande ajuda na questão das greves”, por meio do confronto dos diferentes quadros estatísticos nacionais. A fé no papel positivo desempenhado pelas novas ciências sociais e na sua aplicação prática – uma das

---

teórico, é necessário colocar-se no campo da experiência e das realidades concretas” (*idem*, p. 190).

componentes da formação cultural do próprio Costa e de outros internacionalistas<sup>362</sup> –, refletia-se na utilidade reconhecida à ciência estatística: “Ela será a base e a pedra angular da ciência social, servirá para equilibrar cientificamente a produção e o consumo, para fixar a duração normal do horário de trabalho, para estabelecer as bases da troca, para determinar o valor dos produtos”. No entanto, alertava o *imolese*, “esta estatística deve absolutamente ser feita pelos próprios trabalhadores, pois apenas eles podem conhecer real e completamente as múltiplas condições em que se realiza o trabalho”, e não se pode confiar nas “estatísticas chamadas de *oficiais*” da burguesia<sup>363</sup>. Por esta razão, ele convidava os companheiros a criar em cada corporação de ofício uma comissão dedicada especificamente a esta tarefa, sugerindo uma série de seis normas a ser observadas na composição do quadro estatístico.

Afinal, as alterações realizadas nos Estatutos Gerais da Internacional, aprovadas por unanimidade, refletiam inteiramente as posições que haviam emergido ao longo do congresso: foram mantidos os Considerando do Congresso de Genebra de 1866 (portanto sem a expressão “como um meio”), enquanto os artigos que compunham o regulamento expressavam o prosseguimento da tradição antiautoritária, autonomista e federalista inaugurada em Saint-Imier. De fato, foram confirmadas a perspectiva pluriclassista (art. 2), a autonomia das federações (art. 3) e a não obrigatoriedade das decisões congressuais (art. 6). A federação belga foi nomeada responsável para o ano 1873-74 da coordenação entre as diferentes federações em vista do próximo congresso, marcado para setembro de 1874 em Bruxelas. Por fim, foram aprovadas duas resoluções que convidavam à criação das corporações de ofícios e à difusão da solidariedade internacional entre os trabalhadores. Na noite de sábado 6 de setembro, depois de seis dias de intenso trabalho, “um banquete reuniu na sala do Congresso os delegados e um grande número de trabalhadores genebrinos. Um verdadeiro espírito de fraternidade presidiu esta festa, animada por discursos e canções e que concluíram dignamente os trabalhos do Congresso” (*idem*, p. 219).

Em suma, embora Costa tivesse expressado, ao longo dos debates, uma posição de rígida intransigência – que por um lado era compartilhada pelos principais representantes da FI-AIT e por outro encontrava algumas resistências na base do movimento –, as decisões aprovadas por unanimidade confirmaram substancialmente a trajetória anarquista da Internacional “dissidente”, que conservou no seu seio as peculiaridades sociais e ideológicas

---

362 Ver BULFERETTI (1951), FAVILLI (1996) e GIANNI (2008).

363 *Associazione Internazionale dei Lavoratori, Atti del 6° Congresso Universale di Ginevra e del 2° Congresso Regionale Italiano di Bologna*, p. 15.

dos diferentes países. E se é verdade que uma das discussões mais importantes, aquela sobre a greve geral, não concluiu nada de fato, isto não deveria ser imputado à atitude de Costa, o qual neste contexto foi definido como “um revoltoso, um ultraísta, um contestador total, de todas as instituições, desde o parlamento até as leis, de todos os partidos [...], das corporações de ofício e da própria organização permanente e estruturada dos anarquistas” (MASINI *apud* BERSELLI, 1982, p. 80). Neste sentido, a análise das atas congressuais mostra sim o extremismo ideológico do jovem *imolese*, mas não, como vimos, sua adversão para os meios de lutas e resistência no interior do movimento operário<sup>364</sup>. E como pode ser esquecido todo o trabalho de organização e propaganda levado adiante por Costa nos últimos dois anos? Ele apenas reivindicava, assim como o delegado belga Brousse, a possibilidade para os diferentes países de adotar a estratégia de luta mais adequada às diferentes condições socioeconômicas e culturais, que para a Itália significava tentar a via revolucionária. Por outro lado, a ideia conspirativa e insurrecional por ele defendida no congresso era na real um sentimento comum à maioria dos internacionalistas italianos, ideia que de fato foi posta em prática aos meados de 1874<sup>365</sup>.

Em uma bela carta inédita enviada por Costa aos companheiros da Toscana antes de regressar à Itália, ele, embora reconhecesse a eficácia limitada dos congressos, admitia que

aproximando os representantes dos operários dos diferentes países, tornando manifestas suas condições, seus desejos, suas esperanças, colocando um pouco de fogo nas veias daqueles que podem trabalhar para a emancipação dos trabalhadores, despertando os incertos ou os indiferentes, [o congresso] serve para acrescentar novas forças à força da Revolução.

A reunião suíça, conforme as palavras de Costa, “restabeleceu nossa grande associação sobre suas verdadeiras bases e afastou definitivamente os perigos que a ameaçavam: eis toda sua importância”. No entanto, “você dirão: 'é a revolução'? A revolução, companheiros, um congresso não pode fazê-la, nem pode declará-la, são vocês que têm de fazer a Revolução e não poucos homens que se reúnem para trocar reciprocamente suas ideias. A revolução se faz, não se diz de fazê-la”<sup>366</sup>.

364 A este propósito, se por um lado é oportuno destacar a posição dos jurassiens, que é possível definir mais “trabalhista”, por outro eles também defenderam uma perspectiva revolucionária acerca da greve geral, e o próprio Guillaume considerou as greves parciais de forma não tão diferente de quanto fez Costa. Cf. também THOMANN (1947).

365 Cf. também BERSELLI (1982) e CERRITO (1982).

366 A carta, datada erroneamente 9 de agosto de 1873, encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale, serie 2638, busta XI*. Ela é apenas mencionada por BOTTERO (1875) e CENERI (1876).

De qualquer forma, o encontro de Genebra não representou por Costa apenas uma concreta oportunidade de confronto e troca de ideias com os expoentes mais significativos do socialismo europeu, mas muito provavelmente foi também a ocasião em que ele conheceu um dos seus “amores revolucionários”. De fato, entre o pequeno grupo de estudantes russas que assistiram ao congresso, havia também Vera Karpov, uma jovem que havia deixado seu país para viajar pela Europa e seguir seus instintos revolucionários<sup>367</sup>. Como veremos, ela em seguida entrou em contato com os principais internacionalistas italianos e ficou envolvida nos motins de 1874. Enquanto isso, Costa voltou à Itália cercado tanto pela vigilância policial quanto pela atenção da imprensa conservadora<sup>368</sup>. Em um artigo polêmico (12 de setembro de 1873) sobre o congresso de Genebra, o jornal *La Gazzetta Piemontese* [A Gazeta Piemontesa] escreveu que

Na Itália a Internacional não contou com muitos triunfos. Vemos aparecer na cena um bolonhês, Andrea Costa, o qual embora tenha apenas vinte e um anos, adquiriu alguns méritos na Internacional, pois já foi trancado duas vezes na prisão por ter predicado seus princípios. Diz-se que ele é um bom chefe de insurreição e eloquente. Se forem rosas, florescerão.

Com relação a este ponto é oportuno mencionar brevemente também o congresso da AIT “oficial” realizado sempre em Genebra entre os dias 7 e 13 de setembro, que reuniu quase exclusivamente delegados suíços fieis ao Conselho Geral e que o próprio Marx definiu um “inesquecível fiasco” (MARX/ENGELS, 1989, p. 534)<sup>369</sup>. O próprio Costa comentou o encontro em um artigo publicado no *Bulletin de la Fédération Jurassienne* (21 de setembro) e intitulado significativamente “*Le Congrès des Marxistes*”. Nele o *imolese* ridicularizava tanto a paradoxal organização do congresso e sua inexistente representatividade, quanto a inconsistência das decisões tomadas, que confirmaram o deslocamento do CG para Nova Iorque e a perspectiva parlamentar para a luta política do movimento operário. De qualquer forma, os dois congressos realizados em Genebra haviam decretado a definitiva afirmação da corrente antiautoritária e o inexorável declínio da influência exercida pelas posições do Conselho Geral, agora presidido por Friedrich Adolph Sorge, um verdadeiro emissário de

---

367 Cf. MASINI (1961) e GALASSI (1989).

368 Ver as comunicações policiais presentes no ASBO, *Procura Generale presso la Corte di Appello di Bologna*, serie 1, busta VII. De fato, no final de outubro, as autoridades pediram a prisão de Costa.

369 De fato, esta foi a última assembleia geral da AIT antes da reunião de 1876 na Filadélfia, em que a associação foi dissolvida oficialmente. Cf. também GUILLAUME (2004, vol. III), que percorre todas as etapas da organização deste último congresso, NETTLAU (1907) e POSTGATE (1920).

Marx e Engels. O próprio Costa estigmatizou esta situação concluindo o artigo no *Bulletin* com as palavras: “Acabou a comédia!”.

Uma vez regressado à Itália, Costa não perdeu tempo e dedicou-se novamente ao trabalho de propaganda e organização, tentando aplicar as indicações aprovadas pelo congresso. De fato, enquanto continuava a receber correspondências em nome de Ítalo Passerini<sup>370</sup>, ele participou de uma assembleia na cidade de Modena (23 de setembro de 1873), em que contribuiu para criação de uma seção de padeiros pertencente à Internacional e à subsequente greve<sup>371</sup>. Mas agora uma nova tarefa, que exigia o abandono de seu cargo público de responsável pela correspondência da Federação, cabia ao jovem imolese: tratava-se de realizar algumas viagens à Itália toda para criar comitês secretos, conforme as indicações de Bakunin, nas diferentes seções e federações da associação em vista da insurreição de 1874<sup>372</sup>. Por esta razão, logo após o congresso de Genebra, a Comissão de Correspondência foi transferida para Florença, anunciando, como primeiro ato público, a convocação do congresso toscano (no *Il Risveglio* de 28 de setembro). Mas embora Costa, nestas viagens, se fingisse representante de uma empresa comercial, a polícia, graças à apreensão das correspondências dirigidas a Italo Passerini com o porteiro da Universidade de Bolonha, conseguiu nesta fase acompanhar passo a passo a atividade secreta da Internacional italiana<sup>373</sup>. Agora, no entanto, é necessário voltar aos outros protagonistas desta história, isto é, Cafiero e Malatesta, que estavam justamente trabalhando ao lado de Bakunin para organizar o plano conspirativo.

### 3.3 A conspiração

Como vimos na primeira parte deste capítulo, em meados de julho Malatesta viajou em direção a Barletta para encontrar Cafiero e convencê-lo a conceder a Bakunin os

370 A este propósito, no ASBO (*Tribunale Correzionale, serie 2638, busta IV*) existem algumas cartas inéditas destinadas a Italo Passerini, que não foram incluídas no volume de MASINI (2013). Cf. ZANGHERI (1993, vol. I, p. 399).

371 A notícia se encontra na acusação formal contra os internacionalistas para os motins de 1874. O documento impresso está presente no ASBO, *idem, busta XI*.

372 Neste sentido, uma carta inédita a Costa do secretário da seção de Veneza (25 de setembro) mostrava como o imolese estava já verificando as adesões em caso de revolta e ilustrando aos companheiros o debate realizado no congresso de Genebra. Na resposta do internacionalista de Veneza, ele destacava como “a ação revolucionária seria necessária”, mas a condição de que haja “uma grande organização” legitimada por um congresso nacional, que sirva também para apressar “a greve geral, tão almejada”. O documento encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale, serie 2638, busta IV*.

373 Ver ZANGHERI (1993), que encontrou no ASBO as comunicações policiais sobre este episódio.

recursos econômicos necessários para realizar a viagem à Espanha revolucionária. Ele chegou no dia 22 de julho de 1873 na cidade *pugliese*, conseguindo conversar com o amigo e permanecendo sob falso nome em um hotel da cidade. No entanto, a polícia, informada provavelmente por um delator, descobriu o engano e prendeu Malatesta, pois ele não possuía um documento de identificação e não soube indicar ninguém que o conhecesse e que pudesse garantir para ele<sup>374</sup>. Mas após a perquisição realizada na sua pessoa e na bagagem, e da apreensão da relativa documentação, as autoridades prosseguiram as investigações e a imputação contra Malatesta transformou-se em “conspiração tendente a suscitar a guerra civil”<sup>375</sup>. Sua prisão, que foi coordenada pela polícia de Nápoles, obrigou-o a uma longa detenção de seis meses, que transcorreu em uma cela de isolamento na torre do antigo castelo da cidade de Trani, na região Puglia. O interessante perfil do internacionalista napolitano traçado pelas autoridades nesta ocasião, que revela claramente a posição de destaque ocupada por Malatesta nas dinâmicas da FI-AIT, vale a pena ser citado amplamente.

O Errico Malatesta é um jovem que, embora tenha atualmente apenas vinte anos, já se destacou como um dos mais ousados e fanáticos fautores das ideias socialistas, propunhadas pela Internacional. De caráter laborioso, audaz e facioso, de mente rápida e versátil, ele traz o marco do conspirador e do afiliado das sociedades secretas. [...] aqui em Nápoles, entre os afiliados da Internacional, ele goza de muita influência e de muita importância [...]. Ele é esperto e destemido. Sabe até que ponto pode atuar sem incorrer na sanção penal. Sua correspondência está organizada de modo a evitar qualquer argumento que possa ser considerado criminoso.<sup>376</sup>

Esta sua capacidade de conquistar as simpatias de muitas das pessoas que encontrou ao longo de suas aventuras revolucionárias, revelou-se também ao longo da detenção na prisão de Trani. De fato, conforme a biografia redigida por Luigi Fabbri (e baseada nos relatos do próprio Malatesta), ele tornou-se amigo não apenas do guardião do cárcere, mas também do diretor, dois velhos patriotas que simpatizaram logo com o jovem

---

374 Conforme as comunicações policiais de 23 e 25 de julho de 1873 no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 116bis, Malatesta adotou o falso nome de Giuseppe Albano, representante comercial. A notícia da sua prisão encontra-se também no *Il Risveglio* (31 de agosto).

375 Entre os documentos apreendidos a Malatesta, vale a pena destacar um opúsculo francês intitulado “Manual de organização e de luta”, a *Resposta* de Bakunin a Mazzini, o Programa da Democracia Socialista Russa e um folheto em que eram indicados vários nominativos e endereços de internacionalistas italianos. Este último documento levou à prisão de Lorenzo Bagnolesi, de Perugia. Os relatórios da polícia sobre este episódio encontram-se no ASN, *idem*.

376 Comunicação de 2 de agosto de 1873, no *idem*.

napolitano<sup>377</sup>. Graças a esta cumplicidade, que envolveu também o cozinheiro do cárcere, Malatesta conseguiu até enviar fora da prisão uma carta ao amigo Paganelli<sup>378</sup>, em que o convidava a entrar em contato com ele endereçando a correspondência ao próprio cozinheiro. Infelizmente, as autoridades descobriram o episódio e prenderam Paganelli, obrigando Malatesta ao isolamento e demitindo o cozinheiro infiel<sup>379</sup>. Isto comportou na total paralisia das atividades da *FON* neste período, já que os dois internacionalistas eram entre os expoentes mais ativos da federação napolitana e que Cafiero parecia não ter a intenção de voltar na sua cidade adotiva. Ele, de fato, estava ainda lidando com as questões relativas à herança familiar e com o projeto revolucionário de Bakunin, do qual o russo parecia não desistir. Após a prisão de Malatesta, Bakunin foi obrigado a se comunicar com Cafiero por correspondência, embora utilizando uma “linguagem secreta”, para convencê-lo acerca da importância da viagem à Espanha. Conforme o *Memorial* redigido pelo russo em 1874:

Em uma das minhas cartas, em resposta a uma dele em que protestava energicamente contra minha partida, lhe illustrei a urgência daquilo e confirmei minha vontade de partir assim que ele tivesse colocado à minha disposição aquela soma. Eu confiava a Cafiero a proteção de minha esposa e de meus filhos, em caso de morte na Espanha. Ele me respondeu com uma carta repleta de afeição fraternal, em que prometia proteger minha família, mas continuou a protestar contra minha partida e não me enviou o dinheiro necessário [...]. Ele me considerava insubstituível, absolutamente necessário ao nosso círculo de amigos.<sup>380</sup>

Cafiero, portanto, insistiu com o amigo russo para que encontrasse uma propriedade adequada perto de Locarno, cidade que representava um lugar geograficamente e politicamente estratégico para as exigências dos internacionalistas<sup>381</sup>. No começo de agosto o *pugliese* chegou em Locarno, com parte da sua herança e uma “mala cheia de velha prataria de família e uma *parure* de diamantes que pertenceu a mãe dele” (GUILLAUME, 2004, vol.

377 Cf. tanto o manuscrito de Fabbri de 1920, quanto a biografia de Malatesta em espanhol (1939, p. 85). O diretor do cárcere Carlo Battistelli, como veremos, ajudou em uma outra ocasião o internacionalista partenopeu.

378 No ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta VI, encontram-se três cartas do próprio Paganelli em que se dizia perseguido pela polícia e ameaçado por um mandado de prisão. Conforme uma comunicação do *Prefetto* de Nápoles ao *Ministro dell'Interno*, Paganelli estava esperando de Cafiero o dinheiro necessário para fugir para a Suíça (ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 116bis).

379 A documentação relativa a esta investigação encontra-se no ASN, *idem*.

380 Traduzi a partir da versão do *Memorial* (1874) citado por GUILLAUME (2004, vol. III, p. 165).

381 Sobre a tradição de tolerância e hospitalidade para os refugiados políticos da Suíça italiana, ver BINAGHI (2015).



III, p. 286)<sup>382</sup>, encontrando Bakunin em companhia de um grupo de exilados russos, entre os quais havia Olimpia Kutuzova. Alguns dias antes ele já havia escolhido e adquirido em seu nome “La Baronata”, uma “casa de um piso, com as paredes decrépitas”, mas que “apresentava muitas comodidades como lugar de abrigo. Daí era possível descer inobservados até a beira do lago [...]. Para evitar a aduana, era possível chegar à Itália de bote” (MOKRIEVIČ *apud* LEHNING, 2002, p. 294)<sup>383</sup>. O preço pago pela casa e por dois lotes de terreno, sem os quais a propriedade “não teria tido valor” (BAKUNIN *apud* GUILLAUME, 2004, p. 166), foi de 180.00 francos, uma soma considerável, mas nada que pudesse preocupar as ingentes finanças de Cafiero.

Durante as numerosas conversas realizadas na cidade suíça, Bakunin ilustrou frequentemente suas ideias acerca do plano revolucionário a ser realizado na Itália: ele queria “organizar uma conspiração que fosse formada por homens determinados, prestes a se sacrificar” e a tomar as armas no momento certo. “Era preciso”, relata Mokrievič, “atacar antes de tudo a prefeitura e passar em seguida à 'liquidação' do regime atual, isto é, ao confisco das propriedades, das fábricas, etc. Mesmo assim, Bakunin estava longe de se abandonar à esperança de um resultado imediato” (*apud* LEHNING, 2002, p. 293). Por esta razão, pensou-se também na criação de um depósito de armas e de uma tipografia clandestina onde “imprimir os proclamas no momento da revolução”; Bakunin, cedendo a seus instintos conspirativos, estava até planejando a realização de um refúgio subterrâneo, provido de caminhos secretos até o lago Maggiore. No entanto, a primeira coisa a fazer era pensar na radical reforma da “Baronata”, que além de arruinada era também pequena demais para abrigar todos seus hóspedes, presentes e futuros.

Cafiero, ao qual cabia sempre a última palavra e que silencioso escutava as diferentes propostas com o cachimbo na boca, mostrava-se preocupado sobretudo pelas condições de saúde do velho Bakunin. Conforme o relato do próprio gigante russo,

Foi então que [Cafiero] expressou com muito calor uma ideia à qual permaneceu teimosamente fiel até sua volta da Rússia. Ele disse que eu devia me abster de qualquer expedição revolucionária, que era coisa de jovem, pois eu permanecia sempre o ativo, secreto e bem escondido centro

---

382 Conforme o relato de Guillaume, Cafiero teria prometido o dinheiro derivante da venda da prataria e da parure aos entalhadores de Le Locle para a criação de um laboratório cooperativo. Este episódio, como veremos, provocou uma polêmica entre Guillaume e Cafiero.

383 Este é o precioso testemunho do estudante russo Vladimir Debagorij-Mokrievič (1848-1926), que transcorreu parte do mês de agosto em Locarno em companhia de Bakunin, Cafiero e dos outros. Cf. também BINAGHI (2002).

de uma conspiração internacional permanente.<sup>384</sup>

A intenção de Cafiero, portanto, era a de transformar a figura pública de Bakunin, agora que havia evitado a expulsão da Suíça, naquela de um “pacífico burguês”, proprietário de casa e intencionado a transcorrer seus últimos anos de vida em companhia da família e dos amigos. Este projeto, que foi aprovado também pelo russo, devia ser conhecido apenas pelo estreito círculo de amigos, sem que os familiares de Bakunin soubessem nada acerca da real proveniência dos recursos econômicos. Neste sentido, Cafiero resolveu ordenar a construção de um segundo edifício no bosque atrás da primeira casa, insistindo para que o amigo convidasse a esposa Antonia e seus filhos a regressar o mais cedo possível à Suíça, tentando convencê-la de que ele havia herdado uma grande quantia de dinheiro graças à venda de uma floresta de família na Rússia<sup>385</sup>. Na segunda metade de agosto, enquanto Costa se preparava para participar do congresso de Genebra, Cafiero foi obrigado a regressar novamente à Barletta, para concluir seus negócios de família; Bakunin, de acordo com o companheiro italiano, viajou para Berna para encontrar seu médico e consultá-lo sobre seu precário estado de saúde<sup>386</sup>. Ao longo de sua estadia na Itália, Cafiero resolveu vender ao irmão Nicola uma parte de sua herança, conseguindo assim uma soma de 120.000 liras, que ele colocou novamente a disposição do projeto revolucionário<sup>387</sup>.

Mas para convencer a opinião pública e as autoridades de que o revolucionário russo, o incansável conspirador procurado pela polícia de vários países, tivesse a real intenção de conduzir uma vida pacífica no cantão italiano, era necessária uma declaração na imprensa. Foi assim que, aproveitando a publicação do enésimo opúsculo polêmico de Marx e Engels contra ele, Bakunin resolveu anunciar publicamente sua retirada dos ambientes revolucionários. O escrito dos comunistas alemães, intitulado *L'Alliance de la Démocratie Socialiste et l'Association Internationale des Travailleurs* e que acabava de ser publicado (agosto de 1873), recapitulava as principais acusações contra a corrente bakuninista nos diferentes países (Suíça, Espanha, Itália e França) e contra “le pape Michel”. E embora este não seja o lugar para analisar inteiramente o texto marx-engelsiano, acho importante

---

384 Traduzi a partir da versão inglesa do *Memorial* de Bakunin (1874), presente na internet.

385 Todos os detalhes acerca das obras realizadas na “Baronata” encontram-se no *Memorial* de Bakunin. Cf. também BINAGHI (2002) e GUILLAUME (2004, vol. III).

386 Conforme BINAGHI (2002, p. 209), Bakunin teria aproveitado da viagem para se deslocar para Genebra e encontrar os internacionalistas que iam participar do congresso.

387 Esta notícia se encontra em uma comunicação do *Prefetto* ao chefe da polícia de Nápoles de 9 de julho de 1874, entre a documentação do processo para os motins de 1874, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta 48*.

mencionar pelo menos algumas passagens, considerando também que este foi um dos últimos episódios polêmicos entre estas figuras do socialismo europeu. De forma geral, Marx e Engels acusavam os “*alliancistes*” de ter procurado hegemonizar o movimento internacionalista por meio de uma conspiração secreta:

[...] leurs phrases sonores d'autonomie et de libre fédération, em un mot, leurs cris de guerre contre le Conseil général, n'étaient donc qu'une manœuvre pour masquer leur vrai but: désorganiser l'Internationale et par cela même la soumettre au gouvernement secret, hiérarchique et autocratique de l'Alliance. (*idem*, p. 103)

Uma posição compartilhável apenas em parte – isto é, no que dizia respeito aos métodos utilizados pela corrente bakuninista para conquistar posições dentro da associação, ou seja, a conspiração –, pois também na atuação do próprio Conselho Geral e das pessoas que o cercavam revelou-se o esforço para impor, aí sim com autoridade, uma perspectiva ideológica clara e definida, que a maioria das federações nacionais mostraram não aceitar. Mas era sobretudo em relação à situação italiana que as acusações de Marx e Engels revelavam-se fracas e falaciosas. De fato, ao traçar a história da Internacional no país (utilizando também as cartas de Palladino e Cafiero de 1871), os comunistas alemães focavam exclusivamente suas críticas sobre a atuação de duas figuras, como as de Caporusso e de Terzaghi, o qual era até chamado de “o verdadeiro representante da Aliança” na Itália (*idem*, p. 46). Os dois italianos, no entanto, embora merecessem qualquer tipo de condenação, desempenharam de fato um papel limitado dentro do movimento e ambos já tinham sido afastados do mesmo justamente em razão de sua má atitude. O rancor marx-engelsiano para os internacionalistas italianos, os quais foram os primeiros junto com os *jurassiens* a rebelar-se contra as decisões do Conselho Geral, revelava-se claramente também na crítica à suposta composição social do movimento na península.

L'Alliance en Italie est un ramassis de déclassés. Tous le prétendues sections de l'Internationale italienne sont conduites par des avocats sans cause, des médecins sans malades et sans science, des étudiants de billard, des commis-voyageurs et autres employés de commerce, et principalement des journalistes de la petite presse d'une réputation plus ou moins équivoque. (*idem*, p. 48)

O que, a meu ver, faltava na análise marx-engelsiana era sobretudo uma autocrítica acerca das razões da quase nula difusão na Itália do pensamento comunista que, ao

contrário, convertia-se em uma subestimação da real força e capacidade do movimento italiano, que de fato desde seu surgimento havia continuado a crescer, apesar da dura repressão governamental. Por fim, a severa crítica à atuação ideológica do internacionalismo italiano acabava ignorando ou desprezando o grande trabalho de organização e sincera propaganda socialista levado adiante no país nos últimos dois anos, e realizado à custa de vários meses de prisão. Em suma, o grande debate, ideológico e pessoal<sup>388</sup>, entre as correntes marxista e bakuninista dentro da Internacional – ao qual por óbvias razões não é possível dar aqui uma solução definitiva –, resultou não apenas na provisória perda de consenso da perspectiva parlamentar defendida por Marx e Engels e na afirmação para a AIT de uma linha política federalista, revolucionária e portanto abstencionista, mas serviu sobretudo para a definição teórica e organizacional dessas duas visões de mundo, a comunista e a anarquista, no seio do movimento socialista.

De qualquer forma, Bakunin respondeu às acusações provenientes de Marx e Engels, publicando duas cartas, uma no *Jornal de Genève* (26 de setembro) onde escreveu que

M. Marx, le chef des communistes allemands qui, sans doute à cause de son triple caractère de communiste, d'Allemand et de Juif, m'a pris en haine, [...] n'hésitant pas à faire de cette belle et grande Association, qu'il avait contribué à fonder, un instrument de ses vengeances personnelles.

Mas ao definir o panfleto publicado pelos dois alemães como uma “dénonciation de gendarme”, Bakunin declarava-se cansado de combater as calúnias que provinham tanto da imprensa conservadora quanto do Conselho Geral e afirmava estar “profondément dégoûté de la vie publique” da qual pretendia se retirar. “Que d'autre plus jeunes se mettent à l'oeuvre; quant à moi, je [...] me retire donc de la lice, et je ne demande à mes chers contemporains qu'une seule chose, l'oubli”. A esta explícita declaração de rendição acrescentou-se outra, publicada no *Bulletin de la Fédération Jurassienne* (12 de outubro), em que o russo agradecia aos internacionalistas das diferentes federações por ter recolocado “la grande Association internationale des travailleurs sur le chemin dont les tentatives dictatoriales de M. Marx avaient manqué de la faire dévier”. A referência era aos dois congressos de Genebra, um chamado “de la liberté” e o outro de “autoritaire ou Marxiste”, os quais “ont été une

---

388 Neste sentido, é oportuno mencionar também as recíprocas acusações de pan-eslavismo e pan-germanismo entre Marx/Engels e Bakunin que ocorreram ao longo dos debates, assim como as imerecidas calúnias pessoais dos alemães contra o ex-amigo russo. Ver MARX/ENGELS (1971 e 1972) e BAKUNIN (1989-2009), e cf.

demonstration triomphante, décisive, de la justice et em même temps aussi de la puissance de votre cause”. Bakunin anunciava sua demissão como membro da Fédération jurassienne e da Internacional, pois ele como burguês não podia fazer propaganda teórica, enquanto “le temps des grands discours théoriques, imprimés ou parlés, est passé [...]”. Le temps n'est plus aux idées, il est aux faits et aux actes”. Estas palavras representavam, portanto, sua declaração de retirada da cena pública e, ao mesmo tempo, preanunciavam disfarçadamente o caminho que seus amigos “íntimos” seguiriam nos próximos meses e anos.

No entanto, as autoridades italianas, graças à atenta vigilância (e ao trabalho dos delatores) sobre a atividade de Cafiero em Barletta e de Costa no centro-norte do país, conseguiram entender as verdadeiras intenções do núcleo dirigente da FI-AIT. Conforme uma comunicação de 14 de novembro de 1873:

graças a informações reservadas resulta que o Bakoninn [sic], com a publicação daquela carta, quis afastar a vigilância sobre os homens do partido que vão para Locarno. O conhecido Carmelo Spada passou rapidamente por Barletta, onde encontrou-se com o Carlo Cafiero. Ele, como assegurou Spada, teria quase se retirado, porém teria declarado permanecer firme nos princípios, não podendo trabalhar ativamente, mas teria demonstrado no momento oportuno que ele é um dos afiliados mais fieis.<sup>389</sup>

De fato, enquanto Cafiero continuava a disponibilizar seus recursos econômicos para as exigências de seus companheiros<sup>390</sup>, a hiperatividade de Costa no centro da península e sua prévia participação ao congresso de Genebra despertaram justamente a atenção da polícia, que acompanhou seus deslocamentos para Gênova, Novara e na região Piemonte (cf. ZANGHERI, 1993, vol. I, p. 399). Na primeira metade de outubro ele interveio em uma reunião das seções da Toscana em Florença, repetindo os alertas contra os mazzinianos “fomentadores de desordens e de discórdias no partido” (*apud* CONTI, 1950, p. 152), enquanto no dia 15 entrou em contato a partir de Ímola com Claudio Zirardini de Ravenna para comunicar-lhe a “próxima publicação das atas dos congressos de Bolonha e Genebra”<sup>391</sup>. Nos dias 3 e 4 de novembro Costa viajou para Ancona, onde encontrou os internacionalistas

389 Comunicação presente no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 116bis*.

390 Durante encontro com Spada, Cafiero teria oferecido ao amigo os recursos necessários para abrir uma pequena empresa agrícola no sul do país. Ver a documentação relativa ao processo contra Malatesta para os motins de 1874 no Arquivo de Estado de Trani, no ACS e no ASN e cf. também TREVISANI (1956). Sempre em outubro Bakunin enviou 2000 francos de Cafiero em Rússia para que a esposa Antonia e seus parentes pudessem viajar até a Suíça, v. BAKUNIN (1874).

391 Ver a comunicação de 27 de novembro de 1873 no ASBO, *Procura Generale presso la Corte di Appello di Bologna, serie 1, busta VII*.

da região em vista das futuras atividades da FI-AIT e reforçou o vínculo de amizade com Emilio Borghetti<sup>392</sup>. Mas o trabalho de repressão das autoridades contra uma associação que professava princípios tão radicais e perigosos para a pública segurança, não parava de fazer novas vítimas.

Vimos, de fato, como a apreensão da documentação de Malatesta na hora de sua prisão levou a polícia a prosseguir as investigações em todas as direções, chegando a prender os internacionalistas Bagnolesi e Paganelli. Por sua vez, os documentos encontrados com eles levaram à prisão de outros dois militantes da região Marche, entre os quais o próprio Borghetti, com o qual foi apreendido o manuscrito da “Fraternidade Internacional” que já mencionamos. Isso representou um duro e imerecido golpe contra a associação dos trabalhadores na região central do país, em um momento de relativa calma para a organização, logo após a realização dos congressos regionais. De fato, a imputação que os magistrados competentes estavam levando adiante contra Malatesta, Bagnolesi, Paganelli, Borghetti e Mariotti (o outro preso), consideradas as circunstâncias em que ocorreu sua prisão, era pelo menos exagerada, embora mostrasse justamente a contraposição entre as partes: eles eram acusados de conspiração com o fim de

atentar contra a Constituição política e as instituições constitucionais e sociais da Itália, excitando os cidadãos a se armar contra os Poderes do Estado, suscitando a guerra civil entre os próprios cidadãos, e induzindo a classe dos trabalhadores a insurgir para atuar com a força material os princípios internacionalistas em detrimento das outras classes sociais.<sup>393</sup>

Embora as autoridades tivessem descoberto a rede internacional de contatos dirigida por “Bachounine” [sic] e o grau de radicalidade ideológica contido no manuscrito da “Fraternidade”, os imputados, ao longo dos interrogatórios realizados em cárcere, não negaram seus princípios internacionalistas, mas afirmaram que “nunca tiveram a intenção de atentar contra as instituições políticas e sociais de sua pátria, e que nem sequer fizeram ato algum que tivesse este escopo” (*idem*). De fato, a partir do material apreendido e das declarações do próprios imputados, as autoridades não puderam que constatar a inconsistência das hipóteses acusatórias: “Faltam nos fatos as evidências indispensáveis para a existência até da simples conspiração [...] nem sequer de uma intenção declarada embora não aceita de

---

<sup>392</sup> Esta notícia se encontra em uma comunicação de 20 de dezembro de 1873 presente no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario*, misc. 28, fasc. 454.

<sup>393</sup> *Idem*.

realizar a mencionada conspiração” (*idem*). Estas são as palavras que o magistrado *pugliese* (Malatesta estava preso em Trani) dirigia ao colega de Ancona, destacando a irrelevância dos indícios que levaram às diferentes prisões e solicitando, com um gesto não comum de honestidade jurídica, a libertação dos primeiros três imputados, “pois encontram-se em cárcere há quase cinco meses” (*idem*)<sup>394</sup>. Como veremos, o veredito final acolheu as sugestões deste magistrado, anulando assim o desproporcionado trabalho de vigilância e investigação realizado pelas autoridades contra os internacionalistas e confirmando o clima persecutório em que a organização estava obrigada a atuar.

Enquanto isso, Costa, antes de encontrar novamente seus companheiros na Suíça, publicou ainda duas rubricas “Movimento Operário” no *Il Risveglio* (23 e 30 de novembro), em que atualizou os leitores sobre os mais recentes episódios de repressão contra o movimento socialista na Itália e na Espanha<sup>395</sup>. Mas já estava tudo preparado para sua partida em direção a Locarno, que ocorreu nos últimos dias de novembro, e conforme o relato de Guillaume (2004, vol. III, p. 249) a primeira coisa que Costa fez uma vez alcançados Bakunin, Cafiero e Fanelli na “Baronata” foi escrever uma longa carta ao *Bulletin* do Jura (7 de dezembro), fingindo encontrar-se ainda em Bolonha para eludir a vigilância policial<sup>396</sup>. A acalorada correspondência costiana, como foi já destacado, era uma espécie de prosseguimento do discurso realizado no congresso de Genebra, quando o *imolese* havia afirmado que “as condições italianas justificavam a ação revolucionária imediata” (GALASSI *apud* BERSELLI, 1982, p. 142), e representava uma verdadeira preanúncia dos motins de 1874. Ao constatar o fortalecimento da “liga de interesses burgueses” formada pela monarquia e pelos antigos partidos, que desconhece totalmente o proletariado italiano e seus interesses, Costa, que fazia referência aos “operários do campo e da cidade”, destacava a grande “miséria que cresce ao aproximar-se do inverno”.

Devido à “falta de previdência dos municípios, [a]os erros e [a]os atos arbitrários do governo, [à] culpada indiferença dos afortunados do mundo”, agora “o proletariado conta suas forças, cerra suas fileiras e se prepara para aproveitar da primeira ocasião para mostrar

394 Três dias depois (23 de dezembro, no ACS, *idem*) o magistrado renovou o pedido de libertação por Malatesta, Bagnolesi e Paganelli, “cuja detenção não pode ser prolongada indefinidamente, já que não está provado nenhum dos elementos essenciais da conspiração”.

395 Ainda no dia 8 de outubro, de fato, Costa recebia correspondências da federação espanhola da AIT endereçadas a Italo Passerini. Ver ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta IV. Embora Costa tivesse deixado a Comissão de Correspondência, ele permaneceu “como intermediário entre ela e o Comitê Federal de Bruxelas” (ANGIOLINI, 1900, p. 106). Cf. também ZANGHERI (1993, vol. I, p. 398).

396 De fato, a carta estava datada “Bolonha, 28 de novembro”.

aos burgueses que sabe fazer algo”. Para justificar esta posição, Costa retomava o discurso pronunciado ao Congresso de Genebra sobre a situação italiana, acrescentando uma primitiva análise econômica:

É verdade; nós não temos na Itália grandes centros industriais [...] onde a associação é uma condição *sine qua non* do trabalho. Na Itália, excluindo algumas localidades, cada um trabalha por si e para si [...]. Neste estado de coisas, portanto, a organização econômica está muito difícil. Mas os interesses revolucionários não perdem em nada: neste isolamento econômico do operário, as necessidades tornam-se mais prementes, a realização de nossas ideias é para ele uma necessidade imperiosa, à qual será feliz de obedecer. A solidariedade para o proletário italiano consiste precisamente neste compartilhamento de sofrimentos, de esperanças, de derrotas, de vitórias, na harmonia e na sublevação espontâneas de todas as forças vivas da revolução social; e não em uma organização mais ou menos mecânica dos elementos da produção.

A conclusão do artigo representava, ao mesmo tempo, uma tranquilização e um protesto contra o governo, que com sua atitude “extremamente estúpida e ridícula” estava mantendo na cadeia havia quatro meses “nossos amigos Bagnolesi, Malatesta e Paganelli”, com o pretexto “de uma conspiração contra o Estado, que ninguém nunca sonhou”. Conforme a opinião de Costa, que conhecia de perto o trabalho repressivo levado adiante pelas autoridades da península, “eles não irão ser processados de forma alguma; mas o governo italiano goza ao deixá-los atrás das grades *para lhes dar uma lição*”. No entanto, ao voltar à Suíça para visitar a nova moradia internacionalista e revolucionária da “Baronata”, o *imolese* encontrou uma situação inesperada. De fato, foi justamente a partir de outubro de 1873 que as despesas para a reforma e a manutenção da propriedade em Locarno cresceram de forma descontrolada, sem que Cafiero – o qual viajava entre Neuchâtel, Genebra e Locarno e que financiava tudo isso (cf. GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 248, 283 e 292) –, tivesse um conhecimento exato de como estavam sendo utilizados seus recursos.

Conforme os relatos de Bakunin relativos a esta época, quando ao final de outubro voltou de Berna, encontrou a Baronata “em grande confusão”. “Havia se instalado aí”, escreveu o russo em seu *Memorial*, “a sagrada família Nabruzzi: ele, a mãe dele e uma mulher dificilmente classificável; além de dois espanhóis, um dos mais queridos amigos italianos [Costa] e Fanelli. As despesas ordinárias, geridas pela sagrada família, eram enormes. Era de arrepiar” (BAKUNIN *apud* GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 288). A escolha de Nabruzzi como administrador e gerente provisório da “Baronata” havia sido compartilhada por Bakunin



e Cafiero, mas revelou-se totalmente errada, não porque ele “fosse uma má pessoa” mas sim porque era “completamente incapaz de dirigir e administrar qualquer coisa” (*idem*, p. 289). Afinal, o russo foi obrigado a afastar tanto a mãe de Nabruzzi quanto a misteriosa jovem, provocando o ressentimento do internacionalista *romagnolo* que abandonou gradualmente o núcleo revolucionário de Locarno<sup>397</sup>. Mas mesmo assim as despesas para a manutenção da moradia ao longo do inverno 1873-1874 e para as obras a ser realizadas no terreno foram muito elevadas; além disso “a casa hospedava e nutria um monte de gente, não havia ordem, era um desperdício geral de tudo” (*idem*). De fato, no final do outono, a “Baronata” recebeu como hóspedes também quatro mulheres russas, entre as quais Olimpiada Kutuzova, a futura esposa de Cafiero, que se estabeleceu definitivamente aí<sup>398</sup>.

Bakunin alegou ter comunicado todas estas novidades ao amigo italiano, confessando sua impotência diante do contínuo aumento das despesas. Os dois encontraram-se entre o final de novembro e o começo de dezembro, ao longo de uma viagem realizada por Cafiero e Guillaume de Neuchâtel para Locarno, para discutir juntos o projeto dos entalhadores de Le Locle. O relato de Guillaume acerca deste episódio merece ser citado inteiramente:

Passado o Gottardo, foi ao meio dia que chegamos em Bellinzona; após o almoço, Cafiero me disse que não teria sido prudente ir direto até a Baronata e chegamos em Magadino, do outro lado do lago, onde Cafiero alugou um barco que nos levou, por assim dizer, abaixo das muralhas da mansão. Costa, que havia nos avistado na água, nos recebeu [...]. Fui colocado, junto com Costa, em uma pequena construção na entrada da propriedade, na esquerda [...]. O edifício principal estava mais longe no mesmo lado e hospedava não apenas Mikhail e Cafiero, mas também outras cinco ou seis pessoas, entre as quais pelo menos duas mulheres; Nabruzzi estava entre os hóspedes. Transcorri seis ou sete dias na Baronata; falamos do nosso projeto de construção, que Mikhail aprovou, e Cafiero prometeu nos fornecer a soma necessária. (*Idem*, p. 293)

A partir do começo de dezembro de 1873, quando também Cafiero havia mudado definitivamente sua residência para a Baronata, o pequeno grupo de revolucionários tomou todas as medidas necessárias em vista do momento insurrecional. Costa enviou uma carta à Comissão de Correspondência da FI-AIT em Florença, anexando as atas do congresso de

397 A partir da primavera de 1874 Nabruzzi mudou-se para Lugano onde contribuiu para a criação de uma seção dissidente em relação as posições da FI-AIT, mostrando uma atitude particularmente hostil contra Cafiero, Bakunin e Costa. Cf. GUILLAUME (*idem*), BROGGINI (*apud* FAENZA, 1973) e BINAGHI (2002).

398 Cf. também o testemunho da própria KUTUZOVA (*apud* LEHNING, 2002, p. 291 e *apud* BIANCHI, 2005, p. 17).

Genebra para que fossem impressas juntas com as do congresso de Bolonha (março de 1873) e sugerindo aos companheiros de seguir um método particular ao enviar o panfleto às diferentes seções. “Primeiro às seções mais afastadas”, escreveu Costa, “e em seguida às seções mais próximas, de forma que as atas do Congresso apareçam em Florença só após terem aparecido em outros lugares”. Um conselho que obviamente mirava afastar a vigilância policial do centro de comunicação na cidade *toscana*, agora que as seções daquela região estavam realizando seu primeiro congresso e criando uma nova federação (7 de dezembro)<sup>399</sup>. O *imolese*, utilizando o falso endereço de A. Rossi em Locarno, enviou mais uma rubrica “Movimento Operário” para o periódico *Il Risveglio*, convidando os companheiros a “não revelar que estou aqui: quero que se saiba que eu estou na Itália” (COSTA *apud* ROMANO, 1954, vol. III, p. 467)<sup>400</sup>.

De fato, entre as correspondências encontradas e publicadas por Masini (2013, p. 142-144) há uma série de cartas redigidas pelo próprio Costa no final de dezembro, em que ele adotava o nome do suposto advogado Pietro Medici, fingindo encontrar-se uma vez em Palermo, uma vez em Nápoles, uma outra em Milão e falando de um misterioso “paletó”. As notícias relativas à prisão dos internacionalistas Borghetti e Mariotti na região Marche e em geral sobre os episódios de repressão contra o movimento socialista, deviam ter alertado Costa, o qual tentou ocultar seus deslocamentos. Com muita probabilidade, no entanto, ele não deixou Locarno até o começo do ano de 1874, onde havia um importante trabalho a ser realizado: tratava-se da redação de algumas comunicações incendiárias com as quais o recém-criado *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale* [Comitê Italiano para a Revolução Social – *CIRS*] devia anunciar o advento da insurreição. Esta sigla, na verdade, não indicava nada de preciso, pois o *CIRS* não era nada mais do que o novo nome adotado pelo ramo italiano da Fraternidade bakuninista para formar ao seu redor uma certa credibilidade aos olhos da opinião pública, sem chamar a atenção das autoridades sobre as atividades da FI-AIT.

A redação do primeiro “boletim” do *CIRS* foi levada adiante por Costa durante sua estadia na “Baronata”, com a provável colaboração de Bakunin. Em meados de dezembro o *imolese* enviou uma nova carta à Comissão de Florença, alegando o primeiro exemplar dos “boletins” e recomendando aos companheiros para que seguissem as mesmas precauções adotadas ao enviar as atas dos congressos de 1873, isto é, mantendo secreta a proveniência do

399 Ver *Il Risveglio* (14 e 28 de dezembro de 1873).

400 Acredito que ambas as rubricas publicadas no *Il Risveglio* (21 e 28 de dezembro) foram redigidas por Costa, já que ele continuava a receber correspondências da Itália e da Espanha em nome de Italo Passerini (v. ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta IV).

material. “O Boletim”, dizia Costa, “deve ser impresso sobre papel de seda em uma página só e deve ser enviado a todas as Comissões Federais das diferentes regiões, que se responsabilizarão para sua difusão nas respectivas regiões”, deixando por últimas a Lombardia e o Piemonte (COSTA *apud* ROMANO, 1954, vol. III, p. 470-471). Como veremos, os quatro “boletins” redigidos pelo *CIRS* não apenas representaram o apelo insurrecional dirigido à população, mas neles os autores condensaram toda sua perspectiva revolucionária elaborada ao longo dos últimos anos. No entanto, antes de analisar as ideias que fundamentaram a futura ação subversiva da Internacional italiana, acredito oportuno fazer um rápido excursus sobre o crescimento numérico e a composição social da associação no país, utilizando um importante artigo de Franco Della Peruta (1949-1950).

Vimos como, desde o surgimento das primeiras seções da AIT na Itália, quando ainda a organização e seus princípios eram pouco conhecidos pela população, a reação repressiva das autoridades diante da difusão no país dos ideais socialistas e de uma prática solidária entre os trabalhadores foi firme e sem trégua. Mas se as primeiras prisões e apreensões afetaram sobretudo os expoentes em vista da associação e os diretores dos primeiros jornais socialistas, depois dos congressos nacionais e regionais a repressão governamental dirigiu-se também contra os simples militantes, mostrando toda a preocupação das autoridades com o crescimento da FI-AIT no país. Além disso, não pode ser ignorada a acurada vigilância à qual foi submetida tanto a atuação prática dos membros da associação quanto o desenvolvimento teórico dos princípios que inspiravam a atividade da Internacional, que obrigou os investigadores a acompanhar o complicado processo de amadurecimento ideológico experimentado pela AIT. Por fim, é oportuno lembrar o decisivo trabalho de observação levado a cabo por espiões e delatores, os quais foram também causa de dissídios e discórdias<sup>401</sup>. Todo este trabalho realizado pelas forças policiais, no entanto, foi essencial não apenas para seguir a trajetória empreendida pela Internacional no país, mas também, de um ponto de vista biográfico, para acompanhar no dia a dia a atuação dos protagonistas desta história.

O esforço organizacional e a quantidade de papel utilizada pelas *Questure*, pelas *Prefecture* e até pelos Ministérios para controlar e relatar acerca dos deslocamentos, das conversas, das reuniões dos militantes internacionalistas foi realmente impressionante e representa com certeza a parte mais consistente da atividade de vigilância política realizada

---

401 Cf. BRUNELLO (2009).

naquela época pelas autoridades. Os próprios Arquivos de Estado das principais localidades da Itália, alguns dos quais tive a oportunidade de visitar e consultar, estão repletos de documentos que descrevem em detalhes a vida cotidiana da associação e a posição ideológica de seus membros. No entanto, a partir de 1871, com o deslocamento da capital do país de Florença para Roma, muita da documentação proveniente das *Questure* e das *Prefetture* locais convergiu na “cidade eterna”, onde o *Ministro dell'Interno* ordenava as medidas necessárias contra a associação dos trabalhadores. Foi justamente no Arquivo de Estado de Roma que o estudioso do socialismo Franco Della Peruta encontrou dois importantes quadros estatísticos da Internacional italiana, redigidos na primeira metade do ano de 1874, que representam a primeira, senão a única, avaliação geral da força da organização no país.

Conforme o primeiro documento, redigido pela própria Comissão de Estatística da FI-AIT no final de janeiro de 1874, a associação era formada por 10 federações regionais, 129 seções e 26.704 sócios. De forma semelhante, o segundo quadro estatístico, redigido no começo de abril, mas desta vez pela polícia romana, contava com 10 federações, 155 seções e 32.450 membros<sup>402</sup>. A primeira observação a ser feita diz respeito à difusão bastante homogênea das seções no território nacional: de fato, embora a parte setentrional do país fosse a mais representada (com 5 federações), também no sul a presença das federações napolitana e siciliana garantia a representação de todas as regiões meridionais. Quanto à força numérica da FI-AIT nas diferentes localidades, é oportuno assinalar a presença maciça de internacionalistas nas regiões Toscana (entre 7 e 8 mil afiliados), Romagna (entre 4 e 6 mil) e Sicília (por volta de 4 mil afiliados). Como foi já destacado, embora não haja até agora outros termos de comparação confiáveis, estas estatísticas podem ser consideradas válidas e revelam uma organização incrivelmente poderosa, se pensarmos que “nos primeiros anos do século XX os membros do partido socialista [italiano] não ultrapassavam o número de três ou quatro dezenas de milhares” (ZANGHERI, vol. I, 1993, p. 410).

A estes dados não correspondia, como em parte sabemos, uma uniformidade ideológica dos afiliados à Internacional, que preservavam as próprias especificidades e referências culturais, embora muitas delas fossem um patrimônio comum. Mas de forma geral é possível afirmar que a maioria de seus membros compartilhava um ideal de justiça e igualdade social que colocava no centro do discurso as necessidades do trabalhador, negando qualquer função emancipadora aos velhos partidos e à política das classes dominantes. Neste

---

402 Na real as federações da Sicília, da Liguria e do Piemonte ainda não haviam sido criadas, mas foram consideradas como tais as seções de Palermo, Genova e Torino. Cf. ZANGHERI (1993, vol. I, p. 408).

sentido, apesar das palavras de Costa, segundo o qual “a própria palavra 'partido' estava estreita demais” (1952, p. 321), o principal estudioso da Primeira Internacional na Itália a considerou sempre o

primeiro partido político na acepção moderna do termo [...], com uma denominação oficial, com seus congressos nacionais, com órgãos permanentes de coordenação e de representação, com taxas de adesão, com estruturas periféricas a nível local e regional, e até com ligações internacionais de porte europeu. (MASINI *apud* FAENZA, 1973, p. 3)

No que dizia respeito à composição social do internacionalismo italiano, que “poderíamos definir uma força revolucionária extraparlamentar” (*idem*), na maioria dos casos tratava-se de artesãos, de ajudantes, de estudantes e de operários dos principais estabelecimentos industriais do centro e do sul do país<sup>403</sup>. No entanto, como vimos, aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer as personalidades ilustres do socialismo europeu e de aprofundar o intrincado debate teórico que atravessou a Internacional, foram principalmente expoentes da pequena ou grande burguesia – assim como eram Cafiero, Malatesta e Costa –, graças sobretudo a uma educação largamente superior à média nacional. Neste sentido, é oportuno destacar mais uma vez o papel desempenhado pela propaganda anarquista de Bakunin, tendo em vista “a influência que ela teve sobre mentes dispostas à revolta graças a uma longa tradição democrática, libertária e sobre almas ainda prestes à emoção e ao compromisso civil após as batalhas do *Risorgimento*” (ZANGHERI, 1993, vol. I, p. 412).

Agora, de fato, depois de uma relativamente breve fase organizacional inaugurada com a Conferência de Rimini (agosto de 1872) e graças à qual a força numérica da Internacional italiana havia aumentado sensivelmente, era o momento de passar “da teoria à prática” revolucionária e de implementar um plano insurrecional em nível nacional que demonstrasse a eficácia e a determinação da associação dos trabalhadores. Mas apesar da intensa atividade conspirativa e de propaganda levada adiante pelo *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale* até os meados de 1874, o grau de adesão das massas proletárias (e em parte dos próprios internacionalistas) à perspectiva revolucionária revelou-se muito menor do que o esperado. Por várias razões, entre as quais principalmente a incansável ação repressiva

---

403 Conforme um quadro estatístico dos estabelecimentos industriais de Nápoles redigido pela polícia em setembro de 1873, na cidade havia 4.768 operários empregados em 44 fábricas, a maioria das quais eram indústrias mecânicas e fundições. Foi sobretudo nesses ambientes que se afirmaram os princípios associativos e de luta propunhados pela Internacional. O documento se encontra no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 116bis.

do governo e da polícia, os resultados das planejadas insurreições simultâneas deludiram as expectativas dos organizadores, levando a novas prisões e a novas e prolongadas detenções: veremos tudo isso no capítulo seguinte.

## Quarto capítulo

### Os motins de 1874

#### 4.1 O Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale

Como vimos, embora o movimento internacionalista tivesse crescido progressivamente ao longo dos últimos dois anos e dispusesse agora de um número considerável de periódicos prestes a abrir suas colunas para as publicações incendiárias do CIRS, as medidas repressivas do governo contra a atuação da FI-AIT no país induziram Costa a escolher mais uma vez o *Bulletin de la Fédération Jurassienne* para relatar acerca da situação italiana. Na correspondência publicada no dia 4 de janeiro, de fato foi anunciada a criação de novos jornais internacionalistas como *Il Povero* [O Pobre] de Palermo, *Il Capestro* [O Cabresto] e *Il Comunardo* [O Communard] de Fano, e os mais recentes *La Giustizia* [A Justiça] de Agrigento e *Il Petrolio* [O Petróleo] de Ferrara. No entanto, as prisões do diretor do *Il Risveglio* e de alguns internacionalistas florentinos que haviam solidarizado com um apelo insurrecional dos operários de Genebra, aconselharam Costa, que realizou algumas viagens entre a “Baronata” e Bolonha, a continuar seu trabalho oculto com a máxima prudência. Por esta razão, a segunda carta publicada no *Bulletin* suíço (18 de janeiro) era datada de “Bolonha, 12 de janeiro”: nela Costa informava que a Internacional na Romagna estava se desenvolvendo “d'une façon satisfaisante sur les ruines des associations républicaines”, embora “les meilleurs éléments, dans la jeunesse de ces provinces que le gouvernement persécute d'une façon toute particulière, se voient condamnés à l'*admonition*”.

A *ammonizione* foi uma medida de polícia que, em tese, devia ser utilizada de forma preventiva contra possíveis infratores, proibindo que se afastassem do município de

residência sem permissão. No entanto, se estes foram os primeiros casos contra os afiliados do movimento, no triênio 1874-1876 a *ammonizione* foi adotada de forma descontrolada e arbitrária para impedir os deslocamentos dos internacionalistas, e portanto para barrar sua atuação. O próprio Costa, como veremos, foi campeão de *ammonizioni*. Enquanto isso, ele começou, a partir da metade de janeiro de 1874, o trabalho de coordenação entre os diferentes núcleos do país, comunicando as instruções necessárias em vista dos motins. A passagem para a ilegalidade foi declarada publicamente com o primeiro boletim do *CIRS*, que Costa divulgou ao longo de suas viagens na península<sup>404</sup>. Conforme suas lembranças, publicadas no opúsculo *Bagliori di Socialismo* [Clarões de Socialismo], o Comitê italiano

com um manifesto solene, publicado em janeiro de 1874, notifica a quem sabe vê-lo que a organização pública da Internacional transformou-se aos poucos em organização secreta e que à atuação aberta, que propõe a propaganda e a união das forças operárias, seguiu a conspiração, que segue e provoca a ação. (COSTA, 1900, p. 14)

O texto, ao afirmar a “profunda confiança nos instintos das multidões”, revelava claramente a presença de Bakunin na hora da redação e condensava, de fato, alguns dos princípios-chave de seu pensamento. Costa denunciava o processo de reorganização da “reação europeia”, que “assustada pelo desenvolvimento crescente das ideias revolucionárias [...], prepara-se para a defender até o extremo – até a morte – contra nós seu Capital e seu Deus”. O convite “às plebes, que morrem de fome, aos miseráveis, aos explorados; a todos aqueles que trabalham e que sofrem, a quem espera e ousa querer um porvir”, estava claro:

A reação quer nos esmagar, levantamo-nos;  
A reação quer nos espalhar: organizamo-nos;  
A reação quer nos matar: mostramo-nos vivos.  
Ela toda está contra de nós, todos nós estamos contra ela.

Por estas razões, o manifesto alertava os companheiros e os governantes “que a propaganda pacífica das ideias revolucionárias passou de moda e que tem de ser substituída pela propaganda clamorosa, solene, da insurreição e das barricadas”. A única solução para fazer com “que a matéria e o produto pertençam a quem trabalha; que o trabalhador não seja mais uma máquina, mas um homem; que como tal, ele tenha direito à vida, à instrução, à educação; que o indivíduo, a família, a corporação, a comuna sejam livres”, é a guerra total.

---

404 MARABINI (1968, p. 15) relata um episódio engraçado relativo à afixação dos cartazes em Ímola.



Neste sentido, era necessário excitar o ódio das multidões contra a reação, contra a monarquia, contra a “república burguesa”, contra o capital, contra a igreja, contra o Estado e contra “todas as manifestações da vida atual”<sup>405</sup>. Apesar do tom apocalíptico adotado por Costa, as similitudes com o pensamento de Bakunin eram evidentes, lá onde seu federalismo, socialismo e antiteologismo representavam “a negação dos complementares Estado, Capital e Deus” e “a logica antiautoritária que expressa o método que vai desde o simples até o complexo, debaixo para cima” (BERTI *apud* AA.VV., 1977, p. 462). Além disso, o texto costiano queria aproveitar da contingência histórica italiana, que via o país atravessado por uma grave crise de alimentos e o proletariado constrangido em condições miseráveis, para orientar a insatisfação generalizada contra as classes dominantes, enfatizando o elemento da espontaneidade popular<sup>406</sup>. Portanto, o papel desempenhado pelo *CIRS* – que estimulava os instintos revolucionários nas massas e tentava orientá-las ideologicamente, evitando o surgimento de tendências autoritárias – seguia à letra as indicações de Bakunin contidas nos documentos da Fraternidade Internacional.

Depois da publicação do manifesto do invisível comitê revolucionário, que foi imprimido em Neuchâtel por Guillaume e gradualmente difundido em toda a Itália, o *Ministro dell'Interno* e a polícia estavam em estado de alerta e tentaram descobrir, sem êxito, a origem do documento<sup>407</sup>. No entanto, Costa, Bakunin e Cafiero continuaram, por enquanto sem perturbações, a tecer a trama conspiratória a partir do centro revolucionário da “Baronata”, o qual estava passando por uma série de reformas radicais. Conforme o *Memorial* de Bakunin (1874), a decisão de construir um segundo edifício teve como consequência a realização de outras obras imprevistas e custosas – como uma cisterna, uma pequena mina e uma nova estrada –, todas concordadas com o verdadeiro patrão de casa, isto, é Cafiero<sup>408</sup>. Neste sentido, a descrição da quotidianidade da “Baronata” fornecida por Olimpia Kutuzova é muito significativa, tanto porque relata acerca da vida humilde compartilhada pelos moradores, quanto porque evidencia os limites de alguns hábitos dos revolucionários italianos.

405 O documento apreendido pela polícia encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta II.2.

406 Para as notícias sobre a crise alimentar ver as edições do mês de janeiro do *Il Risveglio* e cf. ZANGHERI (1993, vol. I, p. 414-419)

407 V. comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles (24 de março de 1874) no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 48. No final de janeiro a polícia realizou várias prisões entre os internacionalistas de Florença e da Toscana, um dos quais, Gaetano Grassi, era um dos responsáveis da Comissão de Correspondência da FI-AIT. Cf. ROMANO (1954, vol. III, p. 146-147) e BINAGHI (2002, p. 218).

408 Talvez tenha sido por esta razão que Cafiero em janeiro comunicou aos entalhadores de Le Locle a intenção de não financiar o projeto do laboratório cooperativo, provocando alguns mal-entendidos entre ele, Guillaume e Bakunin. Cf. GUILLAUME (2004, vol. III, p. 293ss).

A vida na Baronata parecia ter se auto-organizado sobre princípios comunistas; as tarefas e os trabalhos indispensáveis eram, na medida do possível, compartilhados de forma igual: os homens trabalhavam no bosque, cortando a lenha e a grama, cuidando da horta e do pomar que nos forneciam verduras cruas, legumes verdes, bagas, castanhas e frutas em abundância. Tínhamos também umas galinhas e umas vacas. Já que conforme os hábitos italianos os homens deviam cuidar do gado, era Carlo Cafiero que nutria nossa vaca e a ordenhava. As mulheres lavavam a roupa, cozinhavam, limpavam e faziam, em geral, todos os trabalhos de casa. Nós comíamos sobretudo os produtos da Baronata: castanhas, legumes de qualquer tipo, frutas e bagas; quanto à carne, ela encontrava-se muito raramente na nossa mesa [...].

Um dia, em nome de duas italianas que moravam conosco, lhei [a Bakunin] pedi para agir sobre os italianos para que modificassem sua atitude em relação às suas mulheres, que na Itália eram consideradas de forma geral como escravas. Bakunin se deteve muito sobre o assunto e suas palavras fizeram uma forte impressão. (KUTUZOVA *apud* LEHNING, 2002, p. 291)

Enquanto os internacionalistas coordenavam as operações da Suíça, uma boa notícia veio da Itália: de fato, após cinco meses de prisão e sem que tivesse sido realizado algum processo, Malatesta, Paganelli e Bagnolesi foram finalmente libertados do cárcere (17 de janeiro de 1874) por “falta de evidências”, enquanto os presos da região Marche ainda esperavam uma sentença. Em uma comunicação reservada entre as duas procuradorias (Trani e Ancona), o magistrado *pugliese* comentava com o colega a medida adotada, alegando que não houve nem sequer indícios suficientes para a prisão dos três e informando-o que “julgou-se conveniente dar a preferência a uma medida provisória e urgente [...] com que quisemos satisfazer as exigências da justiça e da humanidade”<sup>409</sup>. De fato, embora as autoridades napolitanas tivessem recolhido “boas informações” sobre os três internacionalistas, elas passaram toda a documentação aos colegas da região Marche para um julgamento definitivo, obrigando Malatesta e Paganelli a fixar seu domicílio em Nápoles para prosseguir os estudos universitários e a não deixar a cidade sob a pena de uma nova prisão. Além disso, graças à documentação presente no Arquivo de Estado da cidade partenopeia, foi possível descobrir que logo após sua libertação Malatesta foi obrigado a realizar algumas viagens para Caserta para cumprir as obrigações militares, até o dia 4 de fevereiro de 1874 quando, graças ao pagamento de 2.500 liras, ele obteve a “dispensa do serviço militar”<sup>410</sup>.

A ameaça representada pela possível propaganda realizada pelos internacionalistas

409 No ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario*, misc. 28, fasc. 454.

410 No ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 48 e 54. Cf. CHABOD (1971, nota 1350, p. 802) e BERTI (2003, p. 51).

entre as fileiras do exército foi objeto de uma atenta vigilância por parte do governo e das forças de polícia, que no final de fevereiro assinalavam o ingresso de Paganelli na arma dos artilheiros de Genova<sup>411</sup>. Por enquanto, todavia, Malatesta parecia ter renunciado a esta tarefa, talvez por questões de saúde: de fato, conforme a biografia redigida pelo amigo Luigi Fabbri, após a dura detenção na prisão de Trani “sua saúde estava muito comprometida e os médicos lhe ordenaram um período de absoluto descanso” (1939, p. 86). Foi assim que ele, depois do dia 4 de fevereiro, viajou até Cagnano Varano na região Puglia para passar alguns dias com o querido companheiro Carmelo Palladino e festejar com ele o carnaval (de 14 a 17 de fevereiro). A este propósito Fabbri relata também acerca de um curioso episódio: graças à personalidade exuberante e contagiosa de Malatesta e às relações locais de Palladino, os dois conseguiram convencer o prefeito, o padre e o marechal dos *carabinieri* do vilarejo *pugliese* a organizar uma “mascarada política: 'A morte da burguesia'”. De fato, nos dias do carnaval eles desfilaram pelas ruas de Cagnano carregando o féretro da burguesia morta, “uma cena muito cômica” (*idem*) mas que foi causa de grave consequências para os protagonistas<sup>412</sup>.

Foi provavelmente após o carnaval com Palladino que Malatesta realizou uma breve viagem para Catanzaro, na região Calábria, antes de regressar à Nápoles<sup>413</sup>. O que não foi possível descobrir é se com estes deslocamentos ele desrespeitou a ordem de permanecer na cidade partenopeia, pois a sentença definitiva do tribunal de Perugia para a imputação de conspiração foi divulgada apenas no dia 27 de fevereiro. A decisão foi de “não deduzir acusação” contra os imputados, já que eles faziam somente propaganda em favor da Internacional e que “todas suas ações tendem apenas a preparar o terreno e a dispor os ânimos”. Fazendo referência aos julgamentos anteriores<sup>414</sup>, os magistrados de Perugia declararam, com uma boa dose de hipocrisia, que quiseram “procurar nos fatos que surgiram ao longo da fase preparatória do processo, e não nas próprias doutrinas e nos errados princípios defendidos pelos internacionalistas, as evidências do crime a eles atribuído”. Talvez eles esquecessem os cinco meses de dura detenção sofrida pelos internacionalistas... No entanto, embora eles conhecessem em parte os propósitos revolucionários dos imputados, na ordenança eles destacaram a falta de unanimidade entre os afiliados sobre a adoção de “meios

411 Comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles (3 de março de 1874), no *idem*, *busta* 48.

412 “O marechal foi transferido, o padre convocado pelo bispo e o prefeito foi censurado” (*idem*). Cf. também FABBRI (1920).

413 Foi o próprio Malatesta a revelar este detalhe nos interrogatórios realizados em cárcere entre agosto e setembro de 1874. Ver os relatórios de polícia no ASBO, *Tribunale Correzionale*, *serie* 2638, *busta* II.2.

414 Contra Malatesta e Cafiero por crime de imprensa (7 de maio de 1872) e contra Costa, Cafiero, Malatesta e outros por conspiração (8 de maio de 1873).

violentos e de ação direta” para alcançar o objetivo comum, e portanto a inexistência de um plano insurrecional acordado<sup>415</sup>. Para Malatesta, ao qual foi finalmente revogada a ordem de permanecer em Nápoles, esta foi a terceira absolvição por falta de provas no último ano e meio, confirmando assim a obstinada repressão governamental contra a juventude internacionalista.

Apesar da vasta pesquisa realizada nos arquivos de estado não foi possível descobrir a razão que levou também Costa a ser julgado por conspiração pelo tribunal de Perugia (e absolvido) junto aos outros imputados. Muito provavelmente por seu reconhecido papel dentro da Internacional italiana e por seus contatos nacionais e internacionais: no entanto, ele encontrava-se livre e ativo no centro-norte da península, continuando sua colaboração com o *Bulletin* suíço (1 de fevereiro) e interrompendo a com *Il Risveglio*<sup>416</sup>. De fato, ao longo de uma viagem na Toscana, realizada entre o final de janeiro e o começo de fevereiro, para anunciar o projeto insurrecional e verificar o grau de adesão entre os companheiros, ele encontrou uma situação pouco homogênea. Conforme o relato do jovem internacionalista Giuseppe Scarlatti, a propaganda revolucionária de Costa foi recebida favoravelmente entre os republicanos de Florença, sobretudo entre os garibaldinos, enquanto ela encontrou “uma firme oposição entre aqueles da fração mazziniana” (1909, p. 57)<sup>417</sup>. Segundo o próprio Costa, que publicou no *Bulletin* (8 de fevereiro) um relatório da sua viagem,

[...] não há na Toscana um partido mazziniano puro; há um partido garibaldino meio republicano, meio socialista, partido de ação antes de tudo, útil para um ato de rebelião, mas incapaz de entender o programa revolucionário. Este partido está hoje obrigado a marchar conosco, ou a morrer.

A complicar a situação havia também a atitude do *Risveglio*, “o único jornal que defendia na Toscana as ideias revolucionárias”, culpado de fornecer uma fraca educação moral aos operários e de ser demais complacente com ideias, partidos e indivíduos hostis. “Esta complacência”, continuava Costa, “provoca equívocos, e o equívoco é mais funesto do que o erro”; portanto, concluía peremptoriamente o artigo, “a propaganda das ideias revolucionárias

415 O documento encontra-se no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario*, misc. 28, fasc. 454.

416 A rubrica “Movimento Operário”, que continuava a ser publicada no jornal, foi redigida provalmente pela Comissão de Correspondência da FI-AIT em Florença.

417 Cf. também BOTTERO (1875, p. 337) e ZANGHERI (1993, vol. I, p. 432).

tem de ser bem feita ou nem sequer ser feita”. A ilustrar de forma exemplar a perspectiva revolucionária costiana há dois textos, ignorados pela historiografia anterior e publicados no *Bulletin* sob forma de carta (15 e 22 de fevereiro), em que o *imolese*, com uma boa dose de retórica e hiperbolismo pré-insurrecional, esclareceu sua interpretação da revolta. Antes de tudo ele detectava, não por acaso, nas regiões de Nápoles (ou melhor no sul da Itália) e da Romagna os dois núcleos revolucionários mais relevantes: todavia, embora na Romagna houvesse “uma energia indomável”, aí havia ainda “demasiado respeito às tradições, demasiados preconceitos patrióticos, demasiado ideal nos corações”. Ao contrário, “os Napolitanos não têm nenhum sentimento desse tipo: eles se importam pouco com a pátria, não têm tradições; eles são mais brutais, se posso utilizar esta expressão [...]; eles destruiriam completamente, com a joia mais sincera, todas as instituições que eles não gostarem”. Além disso, as condições do proletariado meridional, especialmente no campo, são tão precárias e, ao mesmo tempo, “seus instintos de revolta tão determinados”, que “será suficiente uma pequena faísca para incendiar tudo” (15 de fevereiro).

A grande confiança de Costa na espontaneidade revolucionária das plebes italianas do *Mezzogiorno*, na esteira de quanto havia afirmado Bakunin em seus escritos<sup>418</sup>, era confirmada também na segunda carta ao jornal suíço (22 de fevereiro). Nela, embora destacasse a forte fragmentação e o isolamento das plebes rurais – “sem comunicações, ignorantes, turbulentas [...], que detestam os oradores e que querem *agir*” –, ele não se queixava da falta de organização, pois “a organização necessária, nós a obteremos com a sublevação espontânea, terrível, de todas estas vítimas que insurgem para confiscar a terra [...]. Haverá então um espetáculo mais grandioso do que uma erupção do Vesúvio”. Portanto, os próprios limites das populações camponesas (seu isolamento, sua desorganização) tornavam-se o ponto forte da perspectiva revolucionária internacionalista, através dos quais desencadear uma sublevação espontânea contra todas as instituições. O projeto insurrecional a ser realizado na Itália foi ilustrado tanto ao Comitê Federal belga quanto aos ex-*communards* Cyrille, Pindy e Verry ao longo de algumas viagens para Lugano realizadas entre fevereiro e março por parte de Bakunin, Costa, Cafiero e os internacionalistas florentinos Francesco Natta e Gaetano Grassi<sup>419</sup>. Os italianos estavam justamente procurando assenso, adesões e

418 Ver BAKUNIN (1989-2009, voll. I e II) e cf. MICHELS (1908 e 1926), PYZIUR (1955) e VYNCKE (1964). Neste sentido, vale a pena assinalar, como já fez GRAMSCI (1959), as similitudes do pensamento bakuniniano com as ideias de Carlo Pisacane, mais conhecido na Itália para seus atos revolucionários que para seus escritos. Cf. também BUCCELLATO/IACCIO (1982) e DE MARTINO/SIMEOLI (2004).

419 Francesco Natta (1844-1914): mecânico e membro influente da seção florentina da AIT, aderiu à perspectiva

uma ajuda econômica para garantir uma possibilidade de sucesso à tentativa de revolta, mas os colegas estrangeiros recusaram o apoio afirmando que “na Itália o espírito socialista não está difundido e nem sequer entendido” (COSTA *apud* CONTI, 1950, p. 174). Restavam, portanto, os recursos econômicos de Cafiero, que no entanto estavam sendo usados tanto para a reforma da Baronata quanto para amenizar a vigilância sobre Bakunin<sup>420</sup>, já que as contínuas viagens dos internacionalistas italianos para Locarno haviam alertado as polícias dos dois países.

Mas as finanças à disposição do “dono de casa”, embora fossem ingentes<sup>421</sup>, estavam momentaneamente terminando: foi por esta razão que no final de março Cafiero regressou novamente à Barletta para recuperar outro dinheiro que era parte de sua herança familiar. Ele obteve 158.000 liras da venda ao irmão de suas últimas propriedades na cidade *pugliese*<sup>422</sup>, as quais serviram em boa parte para comprar “254 fuzis militares e 12 revólveres” (MASINI, 1974, p. 125) para a revolta. Naquela ocasião, conforme Cassandro (1946, p. 25), Cafiero respondeu à mãe, que o havia implorado para deixar aquela vida vagabunda e perigosa, “que ele era um verdadeiro discípulo de Cristo, que a sociedade injusta renega e crucifica todos os dias”, confirmando assim sua visão quase mística do papel do revolucionário. Sua viagem na Itália, por outro lado, havia convencido Olimpia Kutuzova, sua companheira, a deixar a Baronata para assistir à mãe doente em São Petersburgo: uma decisão que lhe custou caro, pois as autoridades russas apreenderam seu passaporte e lhe impediram regressar à Suíça<sup>423</sup>. Quando Cafiero descobriu o episódio, na primavera de 1874, voltou rapidamente para Locarno, trazendo o dinheiro necessário para a reforma da Baronata e a manutenção de seus hóspedes, e se preparou para uma longa viagem “de amor” na Rússia. Enquanto isso, na moradia suíça os gastos eram incontáveis e ao longo de uma reunião com Bakunin, os dois tiveram de admitir ter inaugurado “uma empresa da qual não fomos capazes

---

insurrecional dos companheiros e contribuiu, entre o final da década de 1870 e o começo da de 1880, na elaboração do programa anarco-comunista.

Gaetano Grassi (1846-1928): costureiro e principal expoente da Internacional de Florença, seguiu a mesma trajetória de militante internacionalista do amigo Natta.

420 No *Memorial* Bakunin afirmou que foi concordada com Cafiero uma soma de 50.000 francos para concluir a reforma da Baronata. Além disso, o russo, graças às boas relações com as famílias nobres de Locarno, havia emprestado 2.100 francos de Cafiero ao chefe da polícia da cidade suíça que, paradoxalmente, era a pessoa oficialmente encarregada de vigiá-lo. Cf. BINAGHI (2002, p. 220).

421 Conforme o testemunho de Bakunin no *Memorial*, Cafiero “estimava seu patrimônio em 400.000-450.000 francos”.

422 V. comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles (9 de julho de 1874) no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 48.

423 V. uma carta inédita de Olimpia a James Guillaume de 2 de setembro de 1907, que se encontra nos Archives de l'État de Neuchâtel, *fond* James Guillaume, *dossier* 79. Cf. BINAGHI (*idem*, p. 212).

de calcular o alcance” (BAKUNIN, 1874), mas que mesmo assim não podia ser interrompida<sup>424</sup>.

Neste sentido, a mesma urgência valia também para o plano insurrecional, que previa agora a publicação de um segundo boletim revolucionário do enigmático *CIRS*, que foi difundido na Itália a partir de 3 de março daquele ano. Sua redação foi novamente responsabilidade de Costa, que imprimiu claramente no texto o marco de sua exuberância e sua intransigência juvenis, revelando ao mesmo tempo sua preocupação em relação à componente garibaldina do movimento. O *imolese* lançava um apelo aos trabalhadores do campo e da cidade, iludidos pelas promessas não cumpridas da unificação nacional, para que se juntassem na “grande liga da Revolução popular”, contraposta à “liga internacional da reação burguesa”, já que “todas as classes privilegiadas têm se fundido em uma só, a Burguesia”. Três eram os partidos que estavam, conforme Costa, disputando “a Itália como uma presa”: o partido católico, o partido de governo (que incluía também a oposição) e o partido republicano, “ainda essencialmente burguês”. Consequentemente, “o Parlamento é a grande feira onde se vende a Itália ao varejo e ao atacado”, e atual organização do Estado “torna poderosíssima uma minoria diante das multidões populares, inumeráveis, mas desorganizadas”. Por esta razão, com palavras que podiam ser tiradas de um dos últimos escritos bakuninianos:

quem diz Estado diz dominação. A sujeição econômica das multidões populares é a primeira, fundamental causa de sua escravidão política e social. Até que um homem está forçado pela miséria a vender ao preço mais baixo possível seu trabalho àquele que tem nas suas mãos a propriedade e o capital, ele será sempre o escravo de seu patrão, independentemente da liberdade que lhe é concedida pela constituição de seu país. E esta escravidão será o pedestal sobre o qual a Burguesia que inclui todas as classes privilegiadas e possuidoras estabelecerá sua fortuna e sua liberdade.

Costa continuava convidando os leitores a “desconfiar de todos aqueles que prometem vossa emancipação por meio do Estado, pois o Estado pode vos dar apenas a miséria e a escravidão”. A condição indispensável para a felicidade e a liberdade de todos – já que “nós queremos a abolição daquelas divisões sociais que se chamam de classes” – era que a terra e o capital se tornem propriedade coletiva, pois “todos têm igualmente direito,

---

424 Foi provavelmente o reconhecimento desta “derrota” que contribuiu para aumentar o pessimismo de Bakunin acerca da real possibilidade de um evento revolucionário, como confirmado em uma carta a Guillaume (cf. GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 295).

proporcionalmente a seu trabalho, à plena desfrutação intelectual, material e moral da sociedade humana”. Mais uma vez Costa renovava o tributo ao exemplo revolucionário da Comuna de Paris, que “nos mostrou o verdadeiro caminho da redenção” e nos ensinou que “a verdadeira liberdade popular não pode ser criada e conquistada senão pelo próprio povo”. No entanto, aquela generosa juventude italiana – que, em muitos casos, “nascida no seio da burguesia” havia renunciado “aos privilégios usurpados pela sua classe” e se colocava agora “ao serviço da classe popular” – não devia deixar-se enganar pelo novo partido (o quarto) “pretensão socialista e revolucionário, chamado de garibaldino”. Garibaldi, conforme Costa, era responsável de uma “conciliação ou melhor dizendo uma confusão de partidos ilógica, absurda, impossível”, e que portanto “não pode ser levada a sério”.

O socialismo, como o concebe Garibaldi, é um equívoco: aqueles que ele chama de exageros dos socialistas são os princípios fundamentais, que regulam suas associações [...]. Se vocês tirarem a estas associações seu programa revolucionário elas se tornariam a coisa mais mesquinha do mundo; e os burgueses rirão disso.<sup>425</sup>

Além de popular, a revolução internacionalista tem de ser também social, e portanto universal: “ela deve incluir todas as manifestações da vida coletiva e transformá-las todas”. E já que “as novas necessidades e as novas ideias foram suficientemente definidas” e que “o povo está cansado de palavras: é a hora de organizar-se para a luta. [...] é preciso que as ideias revolucionárias, que se tornaram o sangue, a vida das multidões, possam no momento oportuno armá-las”. O apelo à revolta armada não podia ser mais explícito e concluía-se com o estilo hiperbólico mas persuasivo de Costa:

Nós temos de vingar o gênero humano. E o vingaremos. Aproveitando de todos os elementos que estão à nossa disposição, desfrutando tudo aquilo que as condições locais podem nos dar, ilustrando claramente aos operários o que queremos [...], difundindo a agitação, despertando os ânimos, acostumando-nos à resistência, armando-nos. Nós o vingaremos.

Os deslocamentos do *imolese* para realizar os acordos necessários para a insurreição não paravam: ele transcorreu o mês de março em Roma, realizando uma breve viagem para Ancona<sup>426</sup>; enquanto na primeira metade do mês de abril foi assinalada sua

425 V. a carta de Garibaldi a Costa de 28 de outubro de 1872 onde o general mencionava “os exageros do socialismo”.

426 Ver os informes policiais no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 48 e cf. DELLA PERUTA (1949, p. 26).



presença em Florença, Milão e por fim na Suíça (BERTI, 1964, p. 394). Entre a segunda metade de abril e o começo de maio Costa mudou-se novamente para Roma, onde o movimento internacionalista parecia intencionado a contribuir para a sublevação armada, a qual devia estourar contemporaneamente em diferentes localidades da península. Sua presença na capital, no entanto, não passou despercebida, já que um próprio deputado do Parlamento o denunciou às autoridades, pedindo que fosse “preso e revistado este incansável agitador” (*apud* GALASSI, 1989, p. 126). A polícia local aproveitou portanto da denúncia formal do deputado tentando *ammonire* o internacionalista, o qual, no entanto, não se apresentou na delegacia romana para receber a medida restritiva e conseguiu até participar, no dia 3 de maio, de uma reunião da AIT local em que ilustrou aos companheiros “a necessidade de uma revolução social” (DELLA PERUTA, 1949, p. 26)<sup>427</sup>. Apenas dois dias depois, as autoridades de Nápoles assinalavam já a iminente publicação do terceiro boletim do *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*<sup>428</sup>. Os internacionalistas italianos queriam justamente apressar a execução do plano insurrecional para aproveitar o grande descontentamento que atravessava o país, devido ao aumento dos preços e à consequente miséria das massas proletárias: neste sentido as crônicas deste período publicadas nos jornais socialistas, como *Il Risveglio*, testemunham as difíceis condições de vida das classes mais pobres, sobretudo no meio rural. Uma carta enviada de Palermo a Alberto Tucci alertava, de forma contundente, que “uma faísca pode incendiar a bomba e que os deserdados, pressagiando o iminente cataclismo, com a orelha atenta, as mãos dilatadas e o fôlego curto devido à ansiedade, estão afiando os punhais para as vésperas das classes privilegiadas”<sup>429</sup>.

Vimos como Cafiero, que havia deixado há pouco o sul da Itália para alcançar novamente a Suíça, havia descoberto a complicada situação de Olimpia, bloqueada na Rússia sem a possibilidade de regressar à Europa. Foi assim que, por meio do amigo de família e parente Carmine De Martino e de algumas viagens para Milão, ele conseguiu enviar 6000 liras à companheira em São Petersburgo. Cafiero, no entanto, estava convencido de conseguir resolver a questão à distância, já que no dia 20 de abril ele escreveu ao amigo “estar muito preocupado com o envio deste dinheiro [...] pois minha mulher volta da Rússia e eu preciso ir para Veneza para encontrá-la” (*apud* CASSANDRO, 1946, p. 72)<sup>430</sup>. Suas previsões foram

427 Cf. CENERI (1876, p. 76) e as comunicações entre a polícia de Bolonha e a de Roma presentes no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI.

428 No ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 48.

429 Carta mencionada em um informe policial de 15 de maio de 1874 no ASN, *idem*.

430 No relatório do interrogatorio de Carmelo Spada realizado no dia 25 de agosto de 1874, presente entre a

evidentemente erradas, como que já no 16 de maio ele escreveu novamente ao amigo, mas dessa vez diretamente de São Petersburgo, onde havia acabado de chegar e esperava encontrar Olimpia. Nesta fase De Martino, graças à correspondência direta com Cafiero que o orientava a partir da Rússia, representou uma válida ajuda na redistribuição dos recursos econômicos do amigo, os quais de Barletta confluíam todos em Milão. No 13 de junho Cafiero o alertava da iminente viagem de volta, “pelo caminho Berlim e Suíça”, desta vez junto com a esposa Olimpia Kutuzova Cafiero, pois no dia 27 de junho eles se casaram oficialmente diante do cônsul italiano em São Petersburgo<sup>431</sup>. Todos os biógrafos destacaram este “casamento mais que platônico” (*apud* SCHIRALLI, 1979, p. 33), que tinha um único escopo: o de tornar “Lipa” uma cidadã italiana, livre de conspirar pela Europa inteira. De fato, no dia seguinte o casal de revolucionários já havia deixado a Rússia em direção a Locarno, na Baronata, onde os dois chegaram ao começo de julho e permaneceram até outubro de 1875, conduzindo uma “vida muito retirada” (MASINI, 1974, p. 148)<sup>432</sup>.

Os acordos realizados entre os internacionalistas italianos em vista da insurreição previam a sublevação simultânea em algumas das principais regiões do país, entre as quais a Emilia-Romagna, as Marche e a Umbria, a Toscana, a Sicília e Roma. Faltava, no entanto, a região Campania, ou pelo menos a cidade de Nápoles, onde o grande trabalho repressivo levado adiante pelas autoridades locais havia enfraquecido notavelmente a força da Federação Operária Napolitana, obrigando seus membros a agir praticamente na clandestinidade. Neste sentido, a tão esperada libertação de Malatesta conseguiu aparentemente trazer novas energias entre os internacionalistas partenopeus, já que na primeira metade de março a polícia assinalava a tentativa de reconstituir o “círculo de propaganda socialista” com um próprio órgão de imprensa. Apenas um mês depois o jovem napolitano era apontado ao *Ministero dell'Interno* como “um dos líderes das bandas armadas que se pretendem organizar nestas províncias para a eventualidade de um movimento insurrecional”<sup>433</sup>.

Mas o principal responsável da organização da revolta continuava sendo Costa,

---

documentação do Arquivo de Estado de Trani, o internacionalista siciliano menciona uma carta recebida de De Martino no dia 9 de maio de 1874, com a qual Cafiero lhe enviou uma soma de dinheiro já concordada entre eles. As autoridades supunham que o dinheiro tivesse de servir para a insurreição, mas como vimos não era assim (v. nota 366 do presente texto).

431 A ata original do casamento se encontra na Biblioteca do Museo del Risorgimento de Bolonha, *fondo* Barbanti-Brodano, *fasc.* 10.

432 Neste sentido, é oportuno desmentir MASINI (*idem*), segundo o qual Cafiero regressou sozinho e Olimpia apenas em agosto. Tanto GUILLAUME (2004, vol. III, p. 309), quanto o *Memorial* de Bakunin (1874) e BINAGHI (2002, p. 212-213), confirmam a presença dos noivos em Locarno ao começo de julho.

433 No ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 48.

que se encontrava perenemente em viagem: após a etapa romana, onde conseguiu chamar a atenção das autoridades que agora o estavam perseguindo, a polícia assinalou sua presença na Emilia-Romagna, em Ancona, em Roma, em Barletta e indicava a Sicília como sua próxima meta<sup>434</sup>. A efervescência revolucionária na ilha meridional, reforçada pelas miseráveis condições do proletariado local e pela ação dos *briganti*<sup>435</sup>, deixou mais confiantes os organizadores da insurreição acerca da concreta possibilidade de contar com o apoio dos internacionalistas sicilianos. A confirmar o nível de desespero entre as classes mais pobres da ilha, há uma carta enviada a Malatesta pelo internacionalista Calogero Portulano, que foi apreendida ao napolitano na hora de sua prisão depois dos motins. Na missiva, que não está datada mas que deve remontar justamente a este período, Portulano informava ao amigo ter recebidos “os objetos que foram distribuídos na província” (as armas?) e que:

[...] na Sicília toda não se quer esperar mais, porque todos dizem que é melhor morrer de chumbo do que de fome. Portanto eu creio que seja o tempo de acabar com isso. Aqui estamos todos bem preparados e ao primeiro grito do continente, entraremos todos em ação.

A urgência do contexto siciliano empurrou portanto o autor da carta a concluir propondo uma reunião geral entre os “indivíduos mais influentes” da Internacional para encontrar um acordo definitivo em nível nacional<sup>436</sup>. Foi assim que, para averiguar a situação e definir os detalhes do plano insurrecional, Costa transcorreu uma dezena de dias na Sicília (26 de maio a 5 de junho), onde todavia suas esperanças foram frustradas<sup>437</sup>. De fato, um relatório do próprio *Ministro dell'Interno* ao *Prefetto* de Bolonha, redigido após os motins, revelou que “Costa fez uma longa excursão pela ilha de Sicília, sobretudo no campo, para reunir em volta de si o elemento revolucionário. Seu giro porém foi infrutífero, pois ele não encontrou aquele

---

434 No ASN, *idem* e cf. ROMANO (1954, vol. III, p. 147).

435 *Brigantaggio*: fenômeno de revolta popular contra os abusos dos latifundiários emergido no sul da Itália ao longo do processo de unificação, em que bandas armadas formadas por camponeses e ex-militares do exército borboniano juntaram-se a simples criminosos locais para realizar ações violentas no campo. Este elemento continuou a persistir ainda por algumas décadas no contexto siciliano e do *Mezzogiorno*, contribuindo na formação da “questão meridional”. Cf. GRAMSCI (1966).

436 A carta encontra-se na documentação presente no Arquivo de Estado de Trani e, em cópia, no ASBO, *Tribunale Correzionale*, *Serie* 2638, *busta* II.2. O fato de Portulano ter elencado na carta todos os principais expoentes da Internacional italiana em vista da insurreição, agevolou bastante as autoridades no trabalho de detecção e incriminação dos responsáveis.

437 Extraí estas informações cruzando os informes policiais, presentes no ASN e no ASBO, tanto sobre Costa quanto sobre Malatesta, pois também este último foi indicado como companheiro do *imolese* na estadia siciliana. No entanto, a presença de Malatesta na ilha, que como veremos estava viajando para outros lugares, foi excluída em uma comunicação de 29 de maio de 1874, no ASN, *Questura*, *Gabinetto*, *busta* 48.

acolhimento que esperava, tendo a certeza de um motim”. Tentou até se aproveitar do fenômeno do *brigantaggio* para “dar uma cor socialista” às bandas armadas, procurando demonstrar, na hora da revolta, que elas agiam empurradas pela miséria e procuravam “a emancipação da tirania”<sup>438</sup>. Mas o entusiasmo para a tentativa insurrecional planejada, sustentado por uma consciência efetiva de seu escopo, limitava-se evidentemente a alguns elementos mais radicalizados no contexto do internacionalismo siciliano, sem envolver a parte mais consistente das massas proletárias. Costa, portanto, depois dessa longa fase de viagens forçadas ao longo da península, regressou a Bolonha parcialmente insatisfeito, mas feliz por encontrar agora uma situação que parecia confirmar a oportunidade e a urgência de uma revolta popular. De fato, ao longo do verão de 1874 eclodiram, antes nas regiões centrais e em seguida no país inteiro, “os mais graves motins de plebe que a Itália havia jamais registrado” (ROMANO, 1954, vol. III, p. 201): este era o sinal que os internacionalistas esperavam e que os induziu a apressar as operações. Conforme as próprias memórias autobiográficas de Costa:

Por um lado o governo com as incessantes perseguições tornou difícil uma organização pública que incluía uma propaganda aberta; por outro a miséria das populações, os tumultos para o aumento dos preços dos bens de primeira necessidade, as greves, as sublevações dos camponeses, a aparição de muitas bandas de *briganti* em várias províncias fizeram nos pensar que havia chegado a hora senão de provocar uma revolução social na Itália, pelo menos de dar um exemplo que demonstre ao povo aquilo que nós queremos e que propague nossas ideais por meio da evidência dos fatos. (1900, p. 15)

## 4.2 Os preparativos para a revolta

A atuação e os encontros de Costa – que como vimos agiu até agora em solitário – com os outros companheiros em vista da insurreição, recebiam agora o suporte da pessoa que conhecia melhor o contexto da Itália meridional, onde havia tecido uma vasta rede de contatos, isto é, Malatesta. O jovem napolitano, recém-saído da cadeia, começou provavelmente já em abril suas inúmeras viagens nas regiões meridionais, especialmente na Calabria e na Puglia. De fato, no dia 16 de abril ele recebeu uma carta do internacionalista *calabrese* Pietro Rende<sup>439</sup>, em que o atualizava sobre a situação do movimento na região,

438 Comunicação de 24 de outubro de 1874, no ASBO, *Prefettura, Gabinetto, serie 239, fasc. 1bis*.

439 Pietro Rende (1849-1898): expoente do republicanismo *calabrese*, publicou em 1874 em Catanzaro o periódico *Il Mongibello* e em seguida manteve os contatos com Malatesta para a organização da revolta no sul da Itália. A carta foi publicada por TREVISANI (1956, p. 650).

enquanto ao longo do processo seguido aos motins foi comprovada sua presença no mês de maio na cidade de Taranto, onde encontrou o ferroviário Guglielmo Baldari<sup>440</sup>. Malatesta sabia que a polícia controlava de perto seus deslocamentos e por esta razão comunicou aos amigos que “no futuro ele teria sido mais cauteloso nas suas corridas”: foi assim que ele conseguiu literalmente “desaparecer” de Nápoles na noite do 17 de maio, de onde partiu em direção a Milão e depois a Locarno<sup>441</sup>. Ali passou todo o mês de junho para discutir os últimos detalhes do plano insurrecional com Bakunin e Cafiero, o qual “embora tenha difundido o boato de que ele tenha se retirado na vida privada, assegurou seus íntimos amigos, de maior influência no partido, que ele nunca teria os abandonado e que sempre estaria com eles para o triunfo dos princípios que fervorosamente propugna”<sup>442</sup>.

Enquanto isso, na Baronata a situação estava gradualmente degenerando, pois Bakunin havia cometido uma grave imprudência com o dinheiro do amigo e sem pedir seu consenso durante a viagem de Cafiero à Rússia: no mês de junho comprou uma outra propriedade (um bosque) próxima à moradia revolucionária. A ideia do russo, que esperava a chegada de sua mulher Antonia, era a de criar uma verdadeira empresa agrícola que consentisse à Baronata tornar-se autossuficiente tanto do ponto de vista econômico quanto do ponto de vista alimentar, de forma de garantir uma existência tranquila para sua família e seus amigos. No entanto, a falta de preparação e a índole arrebatada e instintiva de Bakunin não deixavam pressagiar nada de bom, já que as despesas continuavam aumentando e cada dia apareciam novos hóspedes<sup>443</sup>. A situação estava tão fora de controle que o dono de casa e sua esposa Olimpia, ao chegar da Rússia tiveram que alugar um pequeno apartamento em Locarno, pois “a mansão estava se preparando para acolher dignamente Antonia e seus filhos” (BINAGHI, 2002, p. 212)<sup>444</sup>. Logo começaram as reuniões entre Cafiero e Bakunin, das quais

---

440 Guglielmo Baldari (1855-1937): jovem internacionalista *pugliese*, foi um dos colaboradores mais ativos de Malatesta na organização e na execução do plano insurrecional. Neste sentido, seu trabalho nas ferrovias meridionais e seu conhecimento do território tornaram-se decisivos para os deslocamentos de armas e pessoas. A informação sobre a presença de Malatesta em Taranto encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI.

441 Informes da polícia napolitana de 19 e 20 de maio de 1874, no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 48. No primeiro documento, o chefe da polícia de Nápoles, ao comunicar a descrição física de Malatesta ao colega de Milão, pediu que o internacionalista fosse preso e transferido para a cidade partenopeia.

442 *Idem* de 27 de junho de 1874, no ASN, *idem* e cf. TODA (*apud* PARENTE, 2001) e BERTI (2003).

443 V. BAKUNIN (1874) e cf. ROMANO (1954, vol. III, p. 140), MASINI (1974, p. 136) e GUILLAUME (2004, vol. III, p. 309).

444 V. a carta inédita de Olimpia a Guillaume de 31 de dezembro de 1907, em que ela relata sobre este episódio, nos Archives de l'État de Neuchâtel, *fond* James Guillaume, *dossier* 79.

participou também Armand Ross<sup>445</sup>, um exilado russo que havia chegado há pouco na Baronata e que havia percebido imediatamente o grande desperdício de dinheiro que a realização do projeto de Bakunin estava provocando. O revolucionário russo, conforme seu *Memorial*, pediu ao amigo italiano um último sacrifício econômico (50.000 francos) “para terminar todas as reformas, para garantir a administração interna da Baronata e a existência da família”, propondo-lhe até legalizar “esta associação ou propriedade comum por meio de um ato público”. Cafiero aparentemente aceitou todas as propostas do amigo mas foi obrigado, pela última vez, a viajar para Barletta para liquidar definitivamente sua herança, que estava finalmente terminando. No dia 8 de julho Cafiero passou por Milão, enquanto no dia seguinte já estava na sua cidade natal, onde vendeu alguns terrenos e uma carroça, além de receber uma parte da prataria de família e um precioso colar em ouro e brilhantes. Na mesma noite do dia 9 o internacionalista estava já de volta para Locarno com todo seu patrimônio<sup>446</sup>.

Cafiero regressou à Baronata no dia 13 de julho, isto é, quando voltaram da Rússia também Antonia e sua família, os quais foram recebidos por fogos de artifício. No entanto, ao longo da viagem de volta, Antonia, que esperava encontrar uma situação aconchegante na residência, foi informada por Gambuzzi acerca de alguns boatos malignos, que circulavam entre os companheiros italianos, sobre a suposta atitude aproveitadora do marido em relação aos recursos econômicos de Cafiero. Conforme o *Memorial* de Bakunin, o qual foi informado no dia seguinte pela própria Antonia, “diziam que eu tinha aproveitado da confiança e da falta de experiência de Cafiero, que eu tinha abusado de sua generosa amizade, que eu o teria levado à falência”. O russo informou imediatamente disso ao amigo, em presença de Ross, e Cafiero resolveu consultar Olimpia e verificar com ela as contas da Baronata: no dia seguinte, 15 de julho, o italiano, com um discurso duro mas fraterno, esclareceu sua posição a Bakunin, sempre diante de Ross<sup>447</sup>.

Ele me disse que não havia explicações a fornecer pois, basicamente, era tudo verdade [...]. Ele me disse com uma cordialidade repleta de amargura que nós tínhamos cometido uma grande, imperdoável loucura, da qual ele se

---

445 Mikhail Petrovič Sažin (1845-1934): estudante russo que foi deportado pelo governo czarista na Sibéria, de onde conseguiu fugir em 1869, encontrando abrigo em Genebra. Ali juntou-se logo ao trabalho de propaganda socialista levado adiante por Bakunin e os outros exilados russos. Em 1873, graças à sua atividade de tipógrafo, havia publicado a versão russa de *Estatismo e Anarquia*. Cf. VENTURI (1960).

446 V. a carta a De Martino de 6 de julho (*apud* CASSANDRO, 1964, p. 74) e o informe policial de 17 de julho, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 48. Cf. MASINI (1974) e BINAGHI (2002).

447 Extraí todas estas informações a partir do *Memorial* (1874) e dos diários de Bakunin, citados por ROMANO (1954, vol. III, p. 143). Cf. também LUCARELLI (1947, p. 37) e GUILLAUME (2004, vol. III, p. 309).

reconhecia tão responsável quanto eu. Ele não estava mais intencionado a gastar um centavo, um pensamento, uma onça de energia, pois todas deviam pertencer à revolução. (BAKUNIN, 1874)

Bakunin, que considerou “injusta” a atitude do amigo, ficou desesperado: “este discurso me atribulou e me golpeou na cara como um martelo”. Seus planos futuros para o bem-estar de Antonia, de seus filhos e seus parentes desmoronaram-se repentinamente, sem contar que ela não imaginava nada de tudo isso e confiava apenas nos recursos econômicos do marido. Não é minha intenção expressar aqui uma valoração ética sobre a gestão da Baronata e nem atribuir as eventuais responsabilidades: o que importa destacar é que o projeto da moradia revolucionária na Suíça foi idealizado e aprovado pelos dois amigos, e que todas as reformas e as obras realizadas, com exceção do bosque adquirido em junho, tiveram o aval de Cafiero. O problema, provavelmente, estava em um conjunto de fatores: na sincera e generosa amizade de Cafiero para Bakunin e na crônica falta de organização do russo; na grande disponibilidade econômica do italiano naquela época e na mentalidade utopística de ambos, elementos que resultaram em um empreendimento pelo menos arriscado. De qualquer forma, o momento da insurreição estava perto demais para “chorar pelo leite derramado”, e se por um lado Cafiero resolveu se dedicar completamente aos preparativos para a revolta, por outro Bakunin estava intencionado a participar do motim de Bolonha onde queria morrer nas barricadas.

No entanto, como já mencionei, um outro importante episódio interveio, dessa vez para fortalecer as intenções dos insurgentes. De fato, entre o final de junho e o começo de julho estouraram na Itália uma série de revoltas populares espontâneas contra a exploração do trabalho e o aumento dos preços: “o momento crítico é aquele da passagem entre a velha e a nova safra, quando o grão do ano passado está acabando e aumenta seu preço, enquanto o novo ainda não chegou nos depósitos” (ROMANO, 1954, vol. III, p. 201). As primeiras regiões que se mobilizaram foram a Emília e a Toscana, mas rapidamente os motins populares difundiram-se no país inteiro. Na Romagna registraram-se os episódios mais graves, com as multidões pilhando os padeiros, os depósitos de grão e os armazéns municipais; as estações de trem foram ocupadas e o exército interveio prendendo cerca de sessenta pessoas<sup>448</sup>. Também em Ímola, no dia 2 de julho, a população assaltou os padeiros e os trens que transportavam o grão: foi “um jovem magrelo, de bigode e óculos” que conseguiu compor a revolta e evitar

---

448 Cf. GALASSI (1989) e FORLANI (1993).

assim um massacre por parte das forças armadas<sup>449</sup>. Tratava-se, obviamente, de Andrea Costa, o qual poucos dias depois encontrava-se já em Locarno para receber as últimas instruções de Cafiero e Bakunin, antes que os dois rompessem as relações<sup>450</sup>. De qualquer forma, os protestos populares do verão de 1874 tiveram, aos olhos dos internacionalistas, uma relevância indiscutível, que o próprio Malatesta enfatizou durante seu discurso no congresso de Berna de 1876:

A Internacional encontrava-se na necessidade de renegar a si mesma não aceitando a responsabilidade, ou melhor a solidariedade, daqueles atos que eram consequência daquela efervescência, ou de declarar-se solidária, aproveitando para *provocar* a revolução; obviamente foi tomado este último partido. [...] já que a revolução consiste nos fatos mais do que nas palavras. Cada vez que os trabalhadores insurgem em nome de seus direitos e de sua dignidade, é dever de qualquer socialista revolucionário não apenas se declarar solidário mas também participar do movimento que começa. (MALATESTA *apud* GALASSI, 1989, p. 123 nota)

Graças aos recursos de Cafiero, a partir do mês de julho o jovem napolitano, que havia regressado de Locarno e estava sendo procurado pelas autoridades, começou uma série impressionante de deslocamentos na Itália meridional em vista do motim, especialmente na Puglia, “para por em contato os grupos e organizar o transporte das armas” (ROMANO, 1954, vol. III, p. 151). Conforme a documentação de arquivo, a polícia assinalou sua presença em Catanzaro (8 de julho), Taranto (9 de julho), Roma (10 de julho), Bari (11 de julho), Foggia (12 de julho), Molfetta (13 de julho), e novamente Foggia (15 de julho) e Bari (16 de julho). Em Calabria, Malatesta encontrou os republicanos Rende, Pepe e Alati; em Taranto, Bari e Foggia, os ferroviários Baldari, Ugolini, Biagetti, Matteucci e Pallanca; por fim, em Molfetta os internacionalistas Pappagallo, Nisci e Calò<sup>451</sup>. Ao voltar à cidade natal (16 de julho), ele enviou uma carta a Baldari em que comunicava que as “operações comerciais começaram no dia primeiro de agosto”<sup>452</sup>: esta era a data prevista para a eclosão da revolta. Na resposta, o

449 O jovem estudante Anselmo Marabini participou do episódio e relatou o ocorrido em seu livro de memórias autobiográficas (1968, p. 26).

450 Cf. ROMANO (1954, vol. III, p. 144), ZANGHERI (1993, vol. I, p. 426) e GUILLAUME (2004, vol. III, p. 312).

451 V. a documentação no Arquivo de Estado de Trani, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 161 e no ASBO, *Tribunale Correzionale, serie* 2638, *busta* XI. Cf. LUCARELLI (1947, p. 46), ROMANO (*idem*) e BERTI (2003, p. 46).

452 A carta foi encontrada na casa de Baldari após o motim. Uma cópia encontra-se no ASBO, *idem, busta* II.2. Embora a carta fosse assinada “Tuo Ribelle” [Teu Rebelde], foi o próprio Malatesta a admitir a autoria do documento durante um interrogatório no cárcere de Pesaro, v. ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario, misc.* 29, *fasc.* 455. Cf. ZANGHERI (1949-1950).



companheiro *pugliese* pediu ao amigo sugestões para realizar uma bandeira da recém-criada *Federazione Operaia Tarantina* [Federação Operária de Taranto] – da cor verde com um sol brilhante no meio e “duas mãos, uma branca e uma preta, apertadas em um sinal de fraternidade” –, para que fosse levantada durante a insurreição<sup>453</sup>. Por fim, em uma carta enviada a Malatesta por Pietro Rende (23 de julho) falava-se da impossível conciliação entre o partido mazziniano e os internacionalistas em vista do motim, razão pela qual o ilustre expoente do republicanismo meridional, e amigo de Malatesta, Carlo Dotto<sup>454</sup> teria abandonado o movimento.

A tentativa de envolver o elemento republicano foi confirmada também pelas pressões exercidas sobre o general Garibaldi, o qual, por sua vez, teria intercedido a Eugenio Valzania<sup>455</sup>, obtendo seu consenso para participar do motim. Mas as opiniões entre os republicanos eram divergentes, sobretudo em relação a uma ação violenta: por esta razão eles resolveram convocar uma reunião geral secreta a ser realizada no dia 2 de agosto em Rimini<sup>456</sup>. No entanto, havia quem, diferentemente de Malatesta por exemplo, não reputava útil uma colaboração com os republicanos, cuja força concentrava-se especialmente na Romagna, fazendo pressões para que se apressasse o início das operações. Tratava-se de Andrea Costa, que conhecia bem as peculiaridades do elemento republicano daquela região: e se por um lado a atitude conspirativa dos *romagnoli* podia servir à causa da insurreição internacionalista, por outro a distância ideológica que separava os dois movimentos teria comportado uma série inevitável de consequências negativas na fase pós-insurrecional, tornando a colaboração danosa<sup>457</sup>. Naqueles dias o *imolese*, após uma rápida excursão em Locarno para encontrar Bakunin e Cafiero, estava se deslocando entre as regiões Marche, Abruzzo e Toscana, que teriam sido outros epicentros da revolta. No dia 14 de julho Costa foi para L'Aquila sob o falso nome de Antonio de Andreis, onde se reuniu com os

---

453 Uma cópia da carta inédita de Baldari encontra-se no ACS, *idem*, *misc.* 34, *fasc.* 486.

454 Carlo Dotto (1846-1901): patriota e publicista meridional participou ao longo dos década de 1870 dos diferentes comitês *mazziniani* no sul da Itália, aproximando-se da atuação dos internacionalistas, especialmente na fase pré e pós-insurrecional. Em seguida foi professor universitário e deputado da extrema esquerda parlamentar.

455 Eugenio Valzania (1821-1889): garibaldino *romagnolo* e líder do republicanismo mazziniano. Sua vizinhança ao movimento internacionalista limitou-se justamente aos motins de 1874.

456 Segundo um informe policial de 17 de julho de 1874 havia um boato de que Garibaldi “com o pretexto de tomar banho iria para Nápoles para organizar o movimento”, no ASN, *Questura*, *Gabinetto*, *busta* 48.

457 O próprio *imolese* durante um interrogatório realizado em cárcere (11 de agosto de 1874) confirmou esta sua posição: “Ouvi que no mês de julho houve em Ímola uma reunião na qual intervieram alguns republicanos, mas eu não participei, pois não tenho nada em comum com eles”. O relatório do interrogatório encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, *serie* 2638, *busta* II. Cf. também ROMANO (1954, vol. III, p. 153).

internacionalistas locais (entre os quais Leone e Mastrangelo); na mesma noite, depois de uma parada em Pescara, ele regressou a Bolonha<sup>458</sup>. Sua hiperatividade não passou despercebida, e uma carta proveniente de Roma avisava que “se Andrea tivesse ido para Roma ocorreria imediatamente uma ordem de prisão”<sup>459</sup>.

Enquanto isso, na Baronata, apesar dos contrastes entre Bakunin e Cafiero, a atividade dos revolucionários era frenética: com o dinheiro do italiano, Ross havia adquirido armas e alguns bastões de dinamite que o grupo foi testar nas montanhas de Locarno (BINAGHI, 2002, p. 217). Uma vez verificada sua eficácia, a dinamite foi entregue para Olimpia Cafiero, que a costurou no seu vestido e a transportou até Bolonha para que fosse utilizada durante o motim<sup>460</sup>. Na segunda metade de julho, o próprio Ross realizou uma viagem até Milão, onde encontrou Costa para lhe entregar uma parte do dinheiro de Cafiero, necessário para adquirir as armas para a revolta de Bolonha. De fato, como veremos, o plano insurrecional previa uma execução não uniforme sobre o território, devido também às diferentes condições sociais e geográficas: se na cidade *emiliana* a intenção dos internacionalistas era assaltar os pontos institucionalmente nevrálgicos (o município, o arsenal, a *Prefettura*) e levantar as barricadas, no sul do país, em particular na Puglia, era prevista a formação de bandas armadas que incitassem à revolta as populações rurais, por meio de uma animada propaganda revolucionária realizada nos pequenos vilarejos. Também nas outras regiões, o projeto devia ser levado a cabo de forma semelhante, embora contasse com uma organização mais precária. A polícia de Nápoles estava informada de que

em Roma [...] os internacionalistas teriam planejado tomar posse das colinas da cidade onde levantar a bandeira preta e vermelha. Na Calabria assim como na Puglia já teriam se formado algumas bandas armadas formadas por republicanos e socialistas [...]. Aqui em Nápoles parece que nada irá que acontecer, pois os líderes do movimento estariam convencidos de que Nápoles não poderia agir senão depois do movimento geral.<sup>461</sup>

O governo central e as autoridades locais queriam a qualquer custo prender Costa e Malatesta e impedir assim que insurreição eclodisse: em Milão um companheiro foi preso apenas porque tinha o mesmo sobrenome de Costa, enquanto em Ímola ele conseguiu evitar a

---

458 V. o interrogatório de 25 de setembro de 1874, no ASBO, *idem* e as informações contidas na acusação do Tribunal de Bolonha de 13 de setembro de 1875 contra Costa e outros imputados, no ASBO, *idem*, *busta* XI.

459 A carta, sem data, foi apreendida ao próprio Costa e encontra-se no ASBO, *idem*, *busta* II.2.

460 Foi a mesma Olimpia a relatar este episódio e o perigo que passou ao transportá-la (*apud* BIANCHI, 2005). Afinal a dinamite não foi utilizada e foi jogada no rio Reno.

461 Comunicação de 20 de julho de 1874, no ASN, *Questura, Gabinetto*, *busta* 48.

prisão graças ao alerta de um amigo<sup>462</sup>. Apesar disso, o próprio *Ministro dell'Interno* foi informado que nos últimos dias de julho Costa foi para Parma e Mirandola para encontrar os internacionalistas: na primeira cidade ele reuniu 150 operários aos quais “anunciou estar próximo o momento da revolta e prometeu enviar três caixas de fuzis e de revólveres. Foi observado possuir grandes somas de dinheiro, que alguém acredita ter recebido de Cafiero”<sup>463</sup>. Este, por seu lado, estava lidando com a questão da Baronata: em 25 de julho Bakunin o convocou e, diante de dois testemunhos, assinou o instrumento de cessão da propriedade suíça em seu favor. O russo era literalmente desesperado e na última parte de seu *Memorial* ele relata esta sua condição: “finalmente lhe deixei a Baronata, com tudo aquilo que continha, inclusive as vacas e os cavalos doentes. No entanto, fui tão fraco que aceitei sua promessa de garantir o futuro da minha família após minha morte”. Foi assim que ele resolveu, depois de um último encontro com Cafiero, partir repentinamente para Bolonha, junto com Ross e sem que Antonia o soubesse. Quando o italiano, em 30 de julho, recebeu o *Memorial* de Bakunin e leu seu conteúdo, não apenas ficou chocado pelas referências a acordos secretos mas recusou-se também de repassá-lo a Antonia (GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 323). Afinal, foi o próprio Ross que havia deixado Bakunin na Itália, a contar a verdadeira história da Baronata para Antonia, obrigando-lhe a deixar a moradia, pois “ela pertencia à revolução e não à família Bakunin” (BINAGHI, 2002, p. 222)<sup>464</sup>.

Naqueles dias Malatesta deixou a companhia suíça e foi para o sul da Itália, onde encontrou novamente os ferroviários da Puglia (27 de julho), os quais aceitaram utilizar alguns vagões de trem para transportar os insurgentes<sup>465</sup>. Ainda dois dias depois ele encontrava-se em Nápoles em companhia de Tommaso Schettino, de onde enviou para Molfetta, na Puglia, cinco caixas de fuzis pela ferrovia. Nas conversas com os companheiros foi decidido, inclusive pela dificuldades no transporte das armas, que a insurreição na Puglia teria começado no dia 9 de agosto. No 30 de julho, ao percorrer a linha ferroviária Foggia-Taranto, Malatesta comunicou a um carregador *pugliese* que

o movimento próximo a eclodir estava organizado por republicanos e

462 V. interrogatório de Costa de 25 de setembro de 1874 (cit.) e a acusação de 13 de setembro de 1875 (cit.).

463 Comunicação ministerial ao *Prefetto* de Bolonha (9 de agosto de 1874), no ASBO, *Prefettura, Gabinetto, serie 239, fasc. 1*.

464 Conforme BINAGHI (*idem*), os internacionalistas condenaram a indiferença de Antonia em relação à causa revolucionária e chegaram a considerá-la a primeira responsável pelas desventuras do marido.

465 V. comunicação policial de 27 de julho, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta 48* e cf. ROMANO (1954, vol. III, p. 161).

internacionalistas, e que no comando havia uma pessoa que vinha da Suíça e que não foi nomeada; além disso, ele comunicou a palavra de ordem, isto é, o lema 'branco e vermelho'; ao qual era preciso responder 'preto'.<sup>466</sup>

Na primeira semana de agosto Malatesta, fingindo ser um comerciante de vinhos, conseguiu se deslocar entre Foggia (3 de agosto) e Molfetta (6 de agosto), acompanhado dessa vez por Carmelo Palladino e pelo estudante napolitano Giovanni Buonfantini<sup>467</sup>. Em Molfetta, o internacionalista encontrou outros companheiros da revolta (Pappagallo, Calò, Nisci e Talamo), com os quais organizou a última etapa do transporte dos fuzis em direção aos campos ao redor da cidade. No entanto, o temor de ser descobertos pelas autoridades era muito. Em Molfetta, o próprio Malatesta “foi avisado em tempo de uma emboscada da polícia para matá-lo, porém ele percorreu caminhos não usuais e não encontrou quase ninguém” (FABBRI, 1939, p. 88). As cinco caixas de armas, que deviam chegar todas em Castel del Monte, foram abandonadas durante o caminho e dos cem fuzis que continham, apenas trinta foram levados pelos insurgentes. Por fim, pouco dias antes do motim, a polícia de Bari resolveu prender quatro ferroviários *pugliesi*, entre os quais Pallanca<sup>468</sup>.

Também no centro-norte do país a situação era literalmente efervescente, com Costa que viajava de um lugar para outro para fazer propaganda e acertar a data de início da revolta: nos últimos dias de julho ele foi com o amigo Alceste Faggioli para Veneza, onde conversou com os internacionalistas Boenco, Castellani e Cadorin<sup>469</sup>. E se de um lado ele recebia cartas de amor por parte de Vera Karpov (27 de julho), por outro uma missiva dos companheiros (30 de julho) afirmava a “necessidade de utilizar todos os meios que possam garantir o triunfo da revolução”<sup>470</sup>. Ele mesmo, em uma carta que lhe foi apreendida na hora da prisão, escrevia:

466 Informe policial de 3 de setembro de 1874, no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario, misc. 29, fasc. 455*. Sobre a questão das armas ver a extensa documentação policial contida no ASN, *idem*, e cf. LUCARELLI (1947, p. 48), TREVISANI (1956, p. 643) e BERTI (2003, p. 46).

467 Giovanni Buonfantini (1855-1931): jovem napolitano que se aproximou rapidamente do ambiente internacionalista, participando tanto dos motins de 1874 quanto da insurreição de 1877 junto com Cafiero e Malatesta, e acabou preso em ambos os casos. Sobre o encontro do 3 de agosto v. ASN, *idem*.

468 V. o relatório do Tribunal de Trani de 14 de setembro de 1874 sobre o motim (em cópia no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario, misc. 34, fasc. 486*), assim como a sentença do mesmo Tribunal de 18 de março de 1875 (em cópia no ASBO, *Tribunale Correzionale, serie 2638, busta XI*).

469 Comunicação do chefe da polícia de Veneza de 26 de agosto de 1874, no ASBO, *Prefettura, Gabinetto, serie 239, fasc. 6*.

470 A bela carta de Vera Karpov foi publicada por MASINI (1961), enquanto a carta inédita enviada a Costa de Veneza encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale, serie 2638, busta II.2*.

O momento, caros camaradas, é grave; em poucos dias tomaremos uma decisão: ou nós teremos esmagado o privilégio e inaugurada a nova era da liberdade e da igualdade, ou todos nós seremos sacrificados pela reação triunfante: ou cair novamente na Idade Média ou terminar aquilo que foi começado pela Revolução francesa e pela Comuna.<sup>471</sup>

Ao regressar a Bolonha ele encontrou Bakunin (30 de julho), recém-chegado da Suíça e escondido na cidade emiliana sob o falso nome de Tamburini<sup>472</sup>, pois a polícia estava cerrando fileiras ao redor dos insurgentes. Na região Marche, de fato, ela prendeu o internacionalista Marino Mazzetti (31 de julho), apreendendo toda sua documentação: isso permitiu às autoridades ampliar arbitrariamente as investigações e descobrir gradualmente toda a trama insurrecional. Como, por exemplo, no dia 2 de agosto, quando a polícia irrompeu na reunião secreta dos republicanos convocada em Rimini e prendeu 28 pessoas<sup>473</sup>. Este gesto repressivo ordenado pelo *Ministro dell'Interno* foi justamente considerado “uma enormidade” não apenas pela historiografia (cf. ZANGHERI, 1993, vol. I, p. 428) mas também pela opinião pública da época. De fato, os republicanos, pelo menos no centro-norte do país, estavam contrários a uma ação violenta, além de encontrar o firme ostracismo de Costa; todavia eles, antes de ser absolvidos e libertados, tiveram de esperar até dezembro daquele ano.

A esta altura coloca-se também um pequeno mistério biográfico sobre Costa, pois embora o diário de Bakunin relate uma rápida viagem do *imolese* para Roma nos primeiros dias de agosto, alguns documentos de arquivo (e alguns biógrafos) assinalam sua presença em um congresso extraordinário realizado em Bruxelas nos dias 1º e 2º daquele mês<sup>474</sup>. O encontro, que era previsto para setembro, “deve ter tido lugar nestes dias por uma repentina decisão tomada pelos líderes da seita na Itália” e teve como escopo “estabelecer o momento da revolução no país”<sup>475</sup>. Conforme este último documento processual, Costa teria comunicado aos membros do comitê federal belga que o “descontentamento estava no auge” e que “assim que a Romagna, a Toscana, a Calabria, [a Puglia] e a Sicília receberem as armas elas se sublevarão”. O plano insurrecional, organizado em nível nacional, teria previsto a

471 A carta é citada em um documento processual de 12 de fevereiro de 1875, no ASBO, *idem*, busta IX.

472 V. ANGIOLINI (1900, p. 110), NETTLAU (1923, p. 71) e ROMANO (1954, vol. III, p. 155).

473 Ver as crônicas publicadas neste período no *La Favilla*.

474 Cf. ANGIOLINI (1900, p. 108), CONTI (1950, p. 175) e ROMANO (*idem*, p. 500). Do encontro teriam participado, entre outros, Pindy, Cyrille, Eccarius e Nabruzzi.

475 Citei o informe policial de 3 de agosto de 1874 (no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 48) e o documento processual de 10 de setembro de 1874 (no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta VI).

participação de 30.000 afiliados, divididos em pequenos núcleos, que tinham à disposição 1.000 bombas e 4.000 fuzis<sup>476</sup>. Sempre conforme o relatório, a ideia dos internacionalistas era começar o levante nos pequenos vilarejos e, uma vez obrigadas as autoridades a deslocar a força armada no campo, eles teriam ocupado com mais facilidade os pontos nevralgicos das diferentes cidades. Por fim, na fase pós-revolucionária, “em cada vilarejo e em cada município tomado pelos internacionalistas teria-se nomeado um comitê para tomar conta do governo e para fazer regulamentos semelhantes aos da Comuna de Paris”. Em suma, tratava-se de uma mistura de velhas táticas insurrecionais típicas do *Risorgimento* e de novos métodos revolucionários, derivados tanto da experiência *communard* quanto da fervorosa imaginação de Bakunin. Agora, embora eu tenda a acreditar na presença de Costa em Bruxelas, o que é possível dizer é que muito provavelmente ele, como principal representante da Federação Italiana, se sentiu obrigado a comunicar uma decisão tão importante ao comitê federal da Internacional “antiautoritária”, o que justificaria sua repentina viagem. No entanto, os tempos de manobra do *imolese* para ir e voltar da Bélgica devem ter sido muito apertados, considerado que já no dia 3 de agosto o diário de Bakunin registrou a volta de Costa em Bolonha<sup>477</sup>.

O dia seguinte, sempre em companhia do amigo Faggioli, Costa foi para Rovigo e Adria, onde encontrou o elemento republicano daquela região, evidentemente para sondar sua eventual participação do motim<sup>478</sup>. No entanto, ao regressar do Vêneto, ele foi preso (na noite do dia 5) em Bolonha pela polícia, enquanto estava indo para a casa de sua tia, Angiolina Vitali, cujo apartamento serviu de abrigo para os organizadores da revolta; ao contrário Faggioli, que estava junto com ele, conseguiu fugir e avisar Bakunin e os outros companheiros da prisão do amigo<sup>479</sup>. Na pessoa de Costa foram encontrados e apreendidos: um revólver com munições, uma fotografia de Violante Dall'Alpi e várias correspondências,

---

476 Conforme o documento, no dia 20 de julho cinco caixas de armas teriam sido enviadas para Bolonha pela fábrica Marchesini, enquanto outras foram enviadas na noite de 7 de agosto. Do transporte das armas fala-se também em uma carta, inédita e sem data, enviada por Costa ao internacionalista Matteuzzi alguns dias antes do motim, que está citada inteiramente na acusação de 13 de setembro de 1875 (cit.). V. Também o informe do *Ministro dell'Interno* de 6 de novembro de 1874 no ASBO, *Prefettura, Gabinetto, serie 239, fasc. 1*.

477 Cf. ROMANO (1954, vol. III, p. 155) e GUILLAUME (2004, vol. III, p. 317).

478 Ver o documento processual de 10 de outubro de 1874 (no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario, misc. 34, fasc. 486*) e o interrogatório de Costa de 25 de setembro (no ASBO, *Tribunale Correzionale, serie 2638, busta II*).

479 V. a acusação impressa do Tribunal de Bolonha de 13 de setembro de 1875 (p. 18), no ASBO, *Tribunale Correzionale, serie 2638, busta XI*. Bakunin ficou escondido em Bolonha até o dia 12 de agosto (v. LENHING, 2002, p. 300 e MARABINI, 1968, p. 37). Cf. também ROMANO (1954, vol. III, p. 501) e ZANGHERI (1993, vol. I, p. 430).

entre as quais a de Vera Karpov e outras que já mencionei<sup>480</sup>. Dessa forma, faltou o principal organizador do motim bolonhese, evento do qual dependia o êxito da insurreição a nível nacional, já que as outras regiões esperavam que a cidade emiliana desse início às operações. No entanto, estava tarde demais para renunciar ao plano insurrecional, pois até o terceiro boletim do CIRS estava prestes a ser afixado nos muros das principais cidades italianas. O texto foi provavelmente redigido por Cafiero – que não por acaso naqueles dias encontrava-se na Campania para vender mais uma parte de suas propriedades<sup>481</sup> – mas expressava de forma exemplar o sentimento comum entre os principais organizadores da revolta<sup>482</sup>.

Tratava-se de um apelo dirigido, “pela última vez”, “*A tutti i proletari d'Italia*” [A todos os proletários da Itália], em que se fazia referência justamente ao descontentamento provocado pela crise alimentar e aos protestos populares, que o autor tentava orientar em sentido revolucionário ampliando seu discurso.

Portanto, nunca mais palavras; mas sim ação [...]: não se trata de encontrar um acordo com nossos patrões para obter o pão por um preço melhor; trata-se de reivindicar o inteiro produto de nossas fátigas: nós devemos lutar e lutar até a morte para a abolição de qualquer privilégio e para a completa emancipação do gênero humano.

Era portanto necessário “tomar partido ou com o povo ou contra o povo – pois não há outros partidos possíveis”, uma escolha “entre a liberdade e a escravidão”. O apelo, no entanto, não estava dirigido exclusivamente aos “trabalhadores do campo e da cidade”, mas dessa vez tentava envolver na insurreição também “nossos irmãos do exército”, considerados proletários tanto quanto os operários.

Irmãos, nós somos parte de vocês: vossas famílias são as nossas; e é apenas por causa da triste organização da sociedade humana que nós nos encontramos uns diante dos outros [...]. A disciplina é um vão espantalho inventado para tornar vocês brutos, pobres fantasmas humanos. [...]  
O primeiro dever do escravo é o de insurgir;  
O primeiro dever do soldado é o de desertar.

480 As munições e outros objetos, entre os quais uma bandeirinha preta e vermelha, encontram-se ainda em uma caixa metálica no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, “*Materiale sequestrato*”.

481 V. o informe policial de 3 de setembro de 1874 no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 48, onde comunica-se que “Cafiero nos primeiros dias de agosto foi para Nápoles e Sorrento, onde por meio de um ato público vendeu ao sig. Gaetano de Martino, de Barletta, algumas propriedades que lhe sobraram no território de Barletta”.

482 O apelo foi divulgado a partir da noite entre o dia 6 e 7 de agosto. Um exemplar impresso encontra-se no ASBO, *idem*, busta II.2. A atribuição é feita por MASINI (1974, p. 396) com base em uma espécie de reivindicação contida no artigo de Cafiero “*Il socialismo in Italia*” no *La Plebe* (cit.).

Proletários, insurgi-vos!  
Soldados, desertai-vos!

O manifesto foi divulgado na noite antes do motim, previsto para o dia 8 de agosto, isto é, no aniversário da expulsão dos austríacos de Bolonha, uma data simbólica para a cidade. O governo central e as diferentes forças de polícia no território, no entanto, esperavam apenas o momento propício para prender todos os insurgentes e impedir a sublevação. Enquanto isso, Bakunin, que em tese devia participar na última hora da revolta e assumir o comando dela, ficou escondido em Bolonha graças à ajuda dos companheiros de Costa, meditando sobre o provável fracasso da tentativa revolucionária. A polícia, contrariamente a quanto se pensava até agora, sabia da presença do russo na cidade, “onde permaneceria escondido com grandíssima cautela”, e procurava prendê-lo<sup>483</sup>. Naquela mesma noite, ele, próximo ao suicídio, anotou as seguintes palavras no seu diário: “Desengano; noite terrível entre o 7 e o 8; revólver a um passo da morte” (*apud* LEHNING, 2002, p. 300).

#### 4.3 Os motins e as prisões

Na tarde do dia 7 de agosto um grupo de sessenta *romagnoli* reuniu-se nos campos ao redor da cidade de Bolonha, enquanto alguns deles, armados, percorriam as áreas limítrofes. À uma da manhã a polícia da cidade *emiliana* foi informada de que um grupo de cerca de 150 indivíduos, na maioria jovens, havia ocupado a estação de Castel S. Pietro, bloqueado um trem, interrompido a linha telegráfica e estava marchando em direção a Bolonha. A reação repressiva foi imediata: ao amanhecer, 32 pessoas foram presas logo fora da cidade, enquanto as outras conseguiram fugir pelos campos. Graças às aprofundadas investigações a polícia conseguiu descobrir o depósito das armas dos insurgentes, uma localidade a dois quilômetros de Bolonha: quando chegaram, os policiais encontraram um total de 12 caixas de armas, das quais apenas três encontravam-se vazias. Outros grupos, que estavam prestes a se juntar à insurreição, ao descobrir a ação policial desistiram de suas intenções, enterraram as armas e voltaram para suas casas<sup>484</sup>. Conforme o relatório oficial redigido pela polícia de Bolonha após tentativa insurrecional: “depois disso o movimento

---

483 V. os informes da polícia de Nápoles de 10 e 13 de agosto de 1874, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 48.  
484 Cf. ZANGHERI (1993, vol. I, p. 430ss) e GALASSI (1989, p. 135ss).



podia ser considerado abortado”<sup>485</sup>. Ao mesmo tempo, a partir dia 8 de agosto, as autoridades da Toscana resolveram prevenir a revolta prendendo um número exagerado de supostos internacionalistas e republicanos (por volta de 100) de Florença e dissolvendo 32 sociedades democráticas e operárias. Também em Livorno a polícia prendeu alguns insurgentes evitando assim que marchassem em direção a Pisa; na região Marche foram 27 os militantes presos, enquanto em Roma, no dia 9 de agosto, foram presos 14 internacionalistas e “o movimento foi decapitado” (DELLA PERUTA, 1952, p. 28). “No resto da Itália”, conforme Romano e tirando a situação *pugliese* que veremos agora, “a insurreição permaneceu um desejo, e não foi nem sequer tentada” (1954, vol. III, p. 160). Mas o golpe de graça foi dado significativamente pelo *Ministro dell'Interno*, que no dia 9 de agosto mandou dissolver todas as seções da AIT na Itália, tornando a associação ilegal em todo o território nacional.

No mesmo dia, começou também na Puglia a tentativa de motim organizada por Malatesta e os companheiros do *Mezzogiorno*: um pequeno grupo armado foi visto nos campos ao redor de Molfetta, enquanto dois dias depois (11 de agosto) seis pessoas “com a cocarda preta e vermelha” foram vistas em Castel del Monte. Como se pode imaginar, a tentativa foi um fracasso total, pois das mais de 100 pessoas que haviam garantido a participação da revolta, apenas seis se apresentaram no lugar do encontro, além de descobrir a péssima qualidade das armas à disposição. No entanto, eles decidiram continuar igualmente as operações e começaram a propaganda revolucionária entre os camponeses da região, “que a escutam com interesse e mostram aprovar os propósitos dos insurgentes, mas ninguém se junta a eles” (FABBRI, 1920, p. 11). À noite os revoltosos se abrigaram no castelo, dormindo com umas sentinelas que controlavam a situação<sup>486</sup>. Ao amanhecer, no entanto, eles avistaram um pequeno grupo de *carabinieri* se aproximar do castelo e aí aconteceu algo de inacreditável: de fato, conforme os relatos do próprio Malatesta a Luigi Fabbri, a guiar os *carabinieri* havia justamente o marechal que havia transcorrido com Malatesta e Palladino os dias de carnaval em Cagnano Varano. Foi assim que o militar, ao reconhecer o jovem internacionalista, desviou a atenção dos colegas fingindo considerar os insurgentes como “pessoas inócuas” (*idem*). O pequeno grupo, ignaro de que um outro batalhão de soldados

---

485 Relatório de 9 de agosto de 1874, no ASBO, *Prefettura, Gabinetto, serie 239, fasc. 1*.

486 Conforme LUCARELLI (1946, p. 49), que consultou aprofundadamente a documentação no Arquivo de Estado de Trani, em seguida a polícia encontrou dentro e nos arredores do castelo quatorze fuzis, uma garrafa de Fernet e alguns invólucros de “um modesto café da manhã no campo de batalha”. V. também os relatórios da polícia de 14 de agosto de 1874 no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario, misc. 29, fasc. 455* e o relato de Malatesta a Oddino Morgari (*apud* MALATESTA, 2012, p. 7-10).

estava chegando a partir de Bari, não desistiu de seus (ingênuos) propósitos insurrecionais e continuou a propaganda nos campos circunstantes por alguns dias (12 e 13 de agosto), encontrando finalmente abrigo em uma fazenda local.

Foi aí que eles receberam a inesperada visita do adolescente Guglielmo Schiralli<sup>487</sup>, que veio avisá-los de que estavam sendo cercados pelos soldados. Uma vez enterrados os fuzis, os insurgentes conseguiram escapar daquela situação dramática graças a algumas carroças de feno, onde se esconderam conseguindo assim atravessar a cerca dos militares (*idem*). No dia 14 de agosto, portanto, o grupo já era considerado desaparecido: “os conspiradores espalharam-se nos vilarejos circundantes, procurando alcançar Nápoles passando por Foggia” (LUCARELLI, 1948, p. 3). Na cidade *pugliese* eles receberam a indispensável ajuda dos ferroviários da região, que lhes permitiu alcançar Caserta, na Campania: “Errico Malatesta sobre a locomotiva no lugar do foguista; e [Guglielmo] Baldari, disfarçado [...], descia nas estações mais importantes para limpar os corrimões e os puxadores” (*idem*)<sup>488</sup>. Os dois companheiros separaram-se em Caserta e Malatesta conseguiu chegar em Nápoles por um caminho alternativo, já que na estação partenopeia “um ingente número de forças armadas controlavam os trens que vinham da Puglia” (*idem*). Conforme uma carta de um delator ao chefe da polícia de Nápoles, o jovem revolucionário conseguiu passar alguns dias “escondido” no seu próprio apartamento, obrigando até o irmão Aniello a abandonar a moradia napolitana pelo temor de ser preso<sup>489</sup>. Uma carta enviada a Bakunin no dia 20 de agosto informava a chegada de Palladino na Suíça, onde se esperava também Malatesta: “se ele não chegar hoje é um mau sinal” (*apud* ROMANO, 1954, vol. III, p. 163). No entanto, seus deslocamentos continuaram sendo um mistério para a polícia local até o dia 17 de agosto, quando ela foi avisada da partida de Malatesta em direção à Suíça “não sabe-se se pela linha ferroviária romana ou meridional”. Foi portanto difundido um comunicado urgente a muitos *Prefetti* na Itália toda e ao próprio *Ministro dell'Interno*, em que eram indicadas as características físicas do “conhecido internacionalista”: “Idade: vinte e um anos; estatura bastante baixa; corporatura justa; nariz aquilino; cabelo marrom; fronte espaçosa; boca larga sem barba; cor da pele muito olivácea, parece quase um mulato”<sup>490</sup>.

Foi graças a esta descrição que na manhã de 18 de agosto um núcleo de policiais

---

487 Guglielmo Schiralli (1860-1920): na época ele era apenas um jovem estudante que simpatizava com os ideais socialistas; em seguida foi um importante militante e publicista do socialismo *pugliese*.

488 Lucarelli cita aqui um relato de um íntimo parente de Guglielmo Baldari.

489 A carta, sem data, encontra-se no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 48.

490 No ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 161.

de Pesaro, no trem que de Ancona dirigia-se para Bolonha, reconheceu Malatesta, o qual foi preso sem opor resistência alguma. Revistado, os agentes encontraram uma quantidade impressionante de objetos, entre os quais uma carteira com 1.178 liras; um tinteiro; uma luneta; um revólver com 78 munições e a relativa licença; uma cifra; algumas cartas; uma declaração de depósito de 1.200 liras; um mapa da Itália; o horário ferroviário e dois romances, um sobre a vida do *brigante* Antonio Gasparone e o outro de Julio Verne. Parecia justamente o equipamento necessário para uma longa fuga<sup>491</sup>. No mesmo dia foi ordenada uma perquisição no domicílio de Malatesta em Nápoles, onde a tia Enza foi obrigada a deixar os policiais revistarem o quarto de Errico, no qual foi encontrada a carta de Calogero Portulano e as atas impressas dos congressos de Bolonha e Genebra (1873)<sup>492</sup>. Enquanto isso o jovem revolucionário estava recebendo o pior tratamento possível por parte da polícia de Pesaro, já que havia boatos sobre um suposto tiroteio contra os *carabinieri* durante o motim. Conforme os relatos de Malatesta a Luigi Fabbri, depois de ter sido desnudado, ele entendeu que estava correndo o risco de ser torturado, e se em um primeiro momento ele conseguiu evitar as torturas por meio de um estratagema, em seguida foi colocado “em uma espécie de jaula de ferro para os animais ferozes que se encontra no quintal da delegacia, e todos vão olhá-lo” (FABBRI, 1939, p. 91)<sup>493</sup>. Por fim, uma vez que foi decidido por competência territorial seu deslocamento para o cárcere de Trani (8 de setembro), ao chegar na prisão que já conhecia, o diretor o acolheu exclamando surpreso: “Oh, você acabou sendo preso!” (*idem*).

Terminou assim, com a prisão de muitos internacionalistas e dos principais organizadores da revolta, a tentativa insurrecional que representou o episódio mais significativo na história do movimento socialista italiano da década de 1870. Ela, no entanto – justamente por ter sido levada adiante por uma nova geração de militantes que, na esteira da tradição *risorgimentale*, fazia do momento conspirativo e revolucionário o ponto final de sua atuação –, apresentou desde o início todos os limites provocados pela exuberância juvenil dos insurgentes. O otimismo acerca da participação popular, a sobrestimação das forças revolucionárias, a subestimação da pronta reação militar do governo, a despreparação dos

491 Uma cópia do relatório policial se encontra no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI. Malatesta havia percorrido a linha ferroviária Nápoles-Roma-Falconara em direção, como ele disse durante um interrogatório, a Bolonha e Milão.

492 V. o relatório da perquisição no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 161. A carta de Portulano é a que mencionei na p. 143 desse texto.

493 Acerca do mesmo episódio, relatado de forma um pouco diferente, escreveu Cafiero em uma correspondência publicada no *Bulletin de la Fédération Jurassienne* (19 de setembro de 1875).

próprios insurgentes: todos elementos sobre os quais dominou, também diante das inegáveis dificuldades (como no caso da Puglia), a vontade juvenil de revolta, suportada só em alguns casos por uma sólida base ideológica. Não foi por acaso que os próprios organizadores da revolta escreveram palavras eloquentes sobre este episódio, como Malatesta, que no prefácio ao volume de Nettlau tentou explicar as razões do motim na Itália meridional:

Nós confiávamos no descontentamento geral, e já que a miséria que afetava as massas era realmente insuportável, nós acreditávamos que fosse suficiente dar um exemplo, lançar com as armas na mão o grito de “abaixo os senhores”, para que as massas trabalhadoras atacassem a burguesia, e tomassem posse da terra, das fábricas e daquilo que elas haviam produzido com suas fadigas e que lhes foi subtraído. E por fim nós tínhamos uma fé mística na virtude do povo, na sua capacidade, nos seus instintos igualitários e libertários.

Os fatos demonstraram então e depois (e o haviam já demonstrado no passado) quanto nós estávamos longe da verdade. Infelizmente a fome, quando não há uma consciência do próprio direito e uma ideia que oriente a ação, não produz revoluções. (1970, p. XXVII)

Por outro lado, a situação bolonhesa – onde as forças em campo eram mais consistentes, mas onde a ação preventiva da polícia havia destruído no nascimento as esperanças dos rebeldes – foi justificada pelo próprio Costa com estas palavras sob forma de anotações:

A ação violenta, por outro lado, foi sobretudo considerada como uma necessidade – não tendo outro meio à disposição que correspondia às tradições *garibaldine*, *mazziniane*, revolucionárias italianas – do povo recém-saído de um período revolucionário – precisando uma afirmação – propaganda pelo feito – pôr o problema.

Mostrar o novo ideal ao lado, sobre os antigos [...].

Mas...ação 1874 foi precipitada. Francamente eu o admitia. Mas já estava tarde demais. Era preciso agir – fazer alguma coisa. (1952, p. 322)

O número total dos presos que esperavam ser julgados nos processos após a insurreição foi realmente impressionante: para o motim na Puglia foram incriminadas 46 pessoas, inicialmente em Ancona por “associação de malfeitores” e em seguida pelo Tribunal de Trani, enquanto em Bolonha os imputados foram 99, todos acusados de “conspiração e atentado contra a segurança interna do Estado”<sup>494</sup>. As autoridades envolveram indiscriminadamente nos processos todos os nomes presentes na correspondência apreendida

---

494 Ver toda a documentação processual no ACS, no ASBO e no Arquivo de Estado de Trani.

ao longo das investigações, contribuindo na criação de uma verdadeira “caça às bruxas” no país inteiro. Obviamente Costa e Malatesta foram considerados como os principais responsáveis pela organização da revolta, mas também Cafiero – embora não tivesse participado em primeira pessoa – foi envolvido no processo *pugliese*, em razão de seu papel no movimento e de sua vasta rede de contatos na Itália toda (cf. LUCARELLI, 1947, p. 51). Para os internacionalistas presos, começaram logo os interrogatórios em cárcere: entre o dia 11 de agosto e o dia 5 de outubro Costa foi interrogado cinco vezes (e longamente) pelas autoridades. O resultado, no entanto, foi questionável, pois o imputado, embora resultasse claro seu papel na organização do motim, não havia participado dele e nas respostas aos investigadores se limitou apenas a confirmar aquilo que não podia ser negado, isto é, os inúmeros contatos com os internacionalistas de todas as regiões do país e seu papel na Comissão de Correspondência da FI-AIT. Mas no que dizia respeito à tentativa insurrecional, Costa afirmou candidamente que: “pouco antes de ser preso eu li em algum jornal que a Internacional estava já organizando os preparativos em vista de um movimento na Romagna, na Sicília e na Calabria, mas eu não estava informado e achei que fosse uma invenção”<sup>495</sup>. De forma mais geral ele admitiu

sou um Internacionalista e acredito como alguns dos meus companheiros que não seja possível executar o programa da Associação que mediante a abolição de qualquer forma de governo, fazendo desaparecer qualquer organização Social de cima para baixo, e transformando a propriedade individual em propriedade coletiva; mas eu nunca participei de qualquer deliberação da Sociedade; e a mesma Sociedade nunca tomou decisões tendentes a conseguir seu escopo pelos meios indicados nestas acusações; e nem sequer eu jamais conspirai de qualquer outra forma.<sup>496</sup>

O mesmo destino teve também Malatesta, que foi interrogado nos dias 30 de agosto e 1 e 2 de setembro no cárcere de Pesaro, antes de ser transferido para Trani. Ele declarou não saber e “nem sequer imaginar a razão pela qual fui preso” e negou qualquer ligação com o motim na Puglia. Interrogado sobre Andrea Costa, afirmou tê-lo conhecido “casualmente em Bolonha no ano passado, dois ou três dias antes de eu ser preso”. A propósito de suas crenças políticas Malatesta disse: “Eu não pertenço a nenhum partido,

495 Interrogatório de Andrea Costa de 25 de setembro de 1874, no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta II.

496 *Idem* de 26 de setembro de 1874, no ASBO, *idem*. Enquanto isso a imprensa conservadora inventava literalmente os fatos, como a *Gazzetta Piemontese* que na edição de 14 de agosto afirmou que as respostas de Costa durante os interrogatórios eram “muito bizarras. Eis algumas: Qual é seu domicílio? O mundo. Qual é sua profissão? Conspirador”.

almejo os princípios socialistas, e quanto aos princípios Internacionalistas, eu nem sei o que eles seriam”. Além disso negou qualquer relação com os internacionalistas presos nas outras regiões da Itália, afirmando estar viajando em direção a Milão, “onde eu ia para diversão”, provido de luneta (“para admirar os panoramas ou as belas vistas de vilarejos”) e mapa da Itália (“para estudo ou como guia”)<sup>497</sup>. As autoridades muito provavelmente não acreditaram em nenhuma das versões fornecidas pelos internacionalistas, mas as evidências que possuíam para incriminá-los talvez não fossem suficientes para convencer os juizes a condená-los por um crime tão grave<sup>498</sup>.

Enquanto isso, Vera Karpov, uma vez descoberta a prisão de seu companheiro foi imediatamente para Bolonha, onde no dia 20 de agosto conseguiu não apenas depositar uma pequena soma (25 liras) em favor do presidiário, mas também encontrá-lo pessoalmente graças a uma regular autorização da direção do penitenciário. Dois dias depois ela enviou uma carta para o amigo em cárcere, que foi imediatamente apreendida: isso resultou em uma perquisição domiciliar na casa da tia de Costa (a mesma onde ficou Bakunin por alguns dias), onde Vera estava hospedada, e no interrogatório da jovem russa<sup>499</sup>. Enquanto as autoridades, que suspeitavam que ela estivesse aí para fazer evadir os presos, traduziam as cartas que lhe foram apreendidas, seus deslocamentos estavam com sentinela à vista: afinal ela foi considerada culpada apenas pelos contatos no ambiente internacionalista, pois a documentação apreendida não havia revelado nada de comprometedor. Foi portanto decretada a expulsão da Karpov do território nacional, a qual deixou o país no dia 24 de setembro: mas embora Masini (1961) tenha afirmado que “a partir de então seu nome desapareceu das crônicas da conspiração”, na realidade, como veremos, não foi exatamente assim.

Dos principais protagonistas dessa história os únicos a encontrar-se livres eram, como sabemos, Bakunin e Cafiero, o qual no dia 11 de agosto encontrava-se já em Locarno; o russo, ao contrário, chegou na Suíça três dias depois mas totalmente desprovido de dinheiro para continuar sua viagem. Foi assim que o amigo italiano, apesar dos recentes contrastes, lhe enviou 200 francos convidando-o a um encontro nos primeiros dias de setembro na Suíça

---

497 Citei os interrogatórios de Errico Malatesta de 30 de agosto e de 2 de setembro de 1874, no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI. Malatesta foi interrogado também ao chegar na prisão de Trani (8 de setembro) mas não tive a possibilidade de consultar esta documentação.

498 No documento processual de 8 de outubro de 1874 (no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 48) o chefe da polícia de Nápoles afirmou que embora “se sabia que suas viagens haviam o fim de fazer propaganda socialista”, no entanto “faltam provas concretas contra” Malatesta.

499 Ver o toda a documentação, inclusive a carta de Vera a Andrea, presente no ASBO, *Prefettura, Gabinetto*, serie 239 e cf. MASINI (1961).

francesa (cf. BINAGHI, 2002, p. 221-222). Na segunda quinzena de agosto, Cafiero, enquanto tentava realizar a venda dos brilhantes de família<sup>500</sup>, dedicou-se também à redação do quarto comunicado do *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*, com o qual quis aproveitar do momento de agitação no país para estimular eventuais episódios de emulação. A leitura dos últimos eventos era tão otimista quanto incendiária, ilustrada com o típico tom quase místico de Cafiero:

O dia da **Revolução Social** finalmente chegou!

[...] O teto do edifício burguês desmorona de todos os lados – o velho mundo arruína.

Uma nova era de paz está para ser inaugurada – o Reino do amor, da justiça, da Igualdade está para ser inaugurado – A civilização sólida e verdadeira está se preparando.

Para obter tudo isso, porém, é infelizmente necessário derramar sangue.

“A Itália dos proletários prepara-se”, em vista de um futuro onde haverá “Pão, Ciência e Trabalho”, “para combater a tirania doméstica, após ter combatido a tirania estrangeira”. A tentativa insurrecional na Romagna foi “a faísca que faltava ao incêndio” e agora, “fortes filhos desta parte da Itália, é a sua vez”.

Vamos então, **insurgi-vos**, levantai-vos em **massa**. **Todos** juntos em um grito, em uma vontade, em uma razão. Apressai-vos com as bandas no campo e em cima das **barricadas** nas cidades. [...]. Nada mais de **Reis** – Nada mais de **Sacerdotes** – Nada mais de **Ricos** exploradores da **Plebe**. Para todo mundo um trabalho – Para todo mundo um teto – Para todo mundo um refeitório. Mas nada de pão, nada de teto, para quem não combate hoje, para quem não trabalhar amanhã.<sup>501</sup>

O manifesto, que tinha sido impresso em Bruxelas para não chamar a atenção das autoridades sobre o(s) legítimo(s) autor(es), foi divulgado na Itália a partir da noite entre o 29 e o 30 de agosto. No entanto, o governo e a polícia da península sabiam que atrás de tudo isso havia Cafiero, “um homem muito perigoso” sobre o qual era necessário realizar uma atenta vigilância<sup>502</sup>. Eles estavam convencidos não apenas de que o internacionalista estivesse esperando instruções sobre a eventual continuação dos motins, mas que na Romagna os

500 Ver as cartas a Carmine De Martino de 11 e 23 de agosto (*apud* CASSANDRO, 1946), onde Cafiero admitia já sua vontade de vender a própria Baronata.

501 Um exemplar impresso deste manifesto encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta II.2.

502 Comunicação do *Ministro degli Esteri* ao Consul italiano em Lugano de 26 de agosto de 1874 (AA.VV., vol. V, 1960-2000, p. 536).

companheiros estivessem organizando um “estratagema para a evasão de Andrea Costa do cárcere”<sup>503</sup>. No entanto, na Itália havia a clássica calma após a tempestade, como confirmava uma correspondência publicada no *Bulletin* do Jura (30 de agosto), em que se criticava a atitude da imprensa conservadora e dos *mazziniani* depois da insurreição. No 1º de setembro Cafiero encontrou em Neuchâtel Ross, Schwitzguebel e Guillaume, ao qual entregou o *Memorial* de Bakunin pedindo para que o guardasse. O amigo suíço, ao escutar toda a história da Baronata, confirmou sua posição crítica em relação à atitude de Bakunin no último ano, que ele podia justificar apenas pela idade avançada do revolucionário russo. Foi com esse apoio moral que Cafiero, junto com Ross, encontrou novamente Bakunin em Sierre (2 e 3 de agosto), para definir os detalhes do acordo sobre a Baronata. O russo precisava absolutamente de dinheiro para sua sobrevivência e Cafiero resolveu conceder-lhe um outro empréstimo (por volta de 5.000 francos), assim como deixar-lhe todo o mobiliário da moradia suíça: no seu diário, Bakunin, destacando a frieza do italiano, anotava que “tudo acabou entre nós”<sup>504</sup>.

O encontro com os internacionalistas *jurassiens* serviu a Cafiero também para entregar-lhes um relatório, redigido em nome do CIRS, a ser apresentado durante o VII Congresso Geral da Internacional (Bruxelas, de 7 a 13 de setembro de 1874), em ele que explicitava as razões da não participação da Federação Italiana da AIT. De fato, graças a “nossos governantes”, “na Itália a Internacional não é mais pública, e nenhum grupo da nossa vasta organização está mais disposto a perder um de seus homens”. A atitude exageradamente repressiva das autoridades italianas e uma certa propensão das massas italianas para a conspiração, haviam obrigado a FI-AIT a tornar-se “uma vasta conspiração organizada à luz do sol: o que expressa por si mesmo a absurdidade do sistema”. Portanto, aproveitando desta ambígua forma de organização da Internacional italiana, o governo conseguiu facilmente infiltrar agentes secretos e contratar espões que não apenas dificultaram sua atuação, mas tiveram um papel relevante na denúncia da conspiração em curso. Neste sentido, a própria “liberdade de expressão, de reunião e de imprensa [...], se por um lado abria o caminho aos nossos inimigos, por outro lado representava uma armadilha, na qual mais cedo ou mais tarde nós mesmos caímos”. Cafiero, no entanto, destacava como os métodos conspirativos seguidos para a organização dos motins não afetaram minimamente o programa originário da associação, já que “ele permaneceu o mesmo”, “o único capaz de reunir o proletariado universal sob a única bandeira de sua emancipação”.

---

503 Ver os informes da polícia de Nápoles de 19 e 22 de agosto no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 48.

504 Sobre estes dias na Suíça ver BINAGHI (2002, p. 222-223) e GUILLAUME (2004, vol. III, p. 324).



O que faltava porém nas palavras do internacionalista italiano era justamente uma análise das razões que levaram ao fracasso da tentativa insurrecional. Ele se limitava a sublinhar o fato de que os jovens que formaram as bandas que realizaram a revolta na Romagna e na Puglia “pertenciam quase todos ao proletariado, todos à grande massa revolucionária italiana. Com suas armas e sua conduta eles mostravam o início de um grande movimento popular”. Sobre o escopo da insurreição e as razões de sua derrota, “nada podemos dizer”, a não ser que “a época dos congressos é para nós claramente terminada”. O comunicado terminava convidando idealmente todos os companheiros a conspirar

para a completa destruição do Estado com todas suas maléficas instituições, para a aniquilação de qualquer tipo de autoridade sob qualquer forma ela se expresse, para confiscação por parte das massas levantadas de todos os instrumentos do trabalho, maquinas e matérias-primas, inclusive da terra.<sup>505</sup>

Tratava-se de uma declaração de fidelidade em relação aos princípios da Anarquia e do Coletivismo – afirmados pela primeira vez no congresso de Rimini –, desta vez interpretados conforme o método conspirativo, o qual “é muito mais eficaz do que a organização pública”. Neste elogio da conspiração, portanto, Cafiero misturava razões endógenas explícitas, como a (historicamente comprovada) propensão das massas italianas para a ação conspirativa, com razões exógenas implícitas, como o favor bakuniniano para as tentativas insurrecionais (muitas vezes falimentares) contra as instituições do Estado. Um ponto de vista que com muita probabilidade era compartilhado inteiramente por Malatesta, enquanto deixava mais de uma dúvida em Andrea Costa, que como veremos não foi sempre favorável à ação oculta e clandestina<sup>506</sup>. De qualquer forma, a partir deste momento, Cafiero, devido à prisão dos dois amigos, passou a ser virtualmente responsável pela direção política do movimento e de todas suas eventuais manifestações públicas. Antes disso, no entanto, Cafiero, Guillaume e Ross encontraram mais uma vez Bakunin em Neuchâtel (25 de setembro), onde três limitaram-se a tomar consciência da decisão do russo de “se retirar completamente da vida e da ação política, tanto pública quanto secreta” (GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 372). Os internacionalistas consultaram-se longamente sobre a atitude certa a

505 Um exemplar impresso do comunicado de “O Comitê Italiano para a Revolução social aos Representantes do Congresso geral da Associação Internacional dos Trabalhadores em Bruxelas” encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI. Cf. também o *Bulletin* do Jura (13 de setembro).

506 BOSIO (2002, p. 95-96) destaca como esta interpretação teria sido compartilhada ao mesmo tempo pelo movimento populista russo no verão de 1874, com o qual Cafiero tinha importantes relações de amizade no círculo de exilados russos refugiados na Suíça.

ser tomada em relação ao velho revolucionário e, depois de ter escutado novamente os relatos de Cafiero e Ross sobre a Baronata,

A impressão unânime foi que Bakunin, que nós tínhamos amado muito e que ainda amávamos, havia demonstrado, em relação à Baronata, uma tal inconsciência e fraqueza que nós não podíamos não condenar e aprovamos totalmente a forma em que Cafiero e Ross foram constrangidos a agir. (*Idem*)

Embora as expectativas de Bakunin acerca de uma eventual mudança de posição dos amigos fossem finalmente frustradas, ele conseguiu igualmente um último empréstimo do generoso Cafiero (3.000 francos), que lhe garantiu prosseguir sua viagem em direção a Lugano, onde devia juntar-se novamente a Antonia e seus filhos. “Nas primeiras horas da manhã do dia 7 de outubro de 1874, Bakunin chegou em Lugano com a esperança de poder finalmente viver seus últimos dias em paz” (BINAGHI, 2002, p. 224)<sup>507</sup>.

Enquanto Cafiero e sua esposa Olimpia preparavam-se para atravessar um longo período de relativa tranquilidade na Baronata, as autoridades italianas continuavam seu aprofundado trabalho de investigação para descobrir também as responsabilidades e as intenções do internacionalista autoexilado na Suíça. Entre agosto e setembro foram realizados diferentes interrogatórios na Sicília, em Barletta e em Milão, os quais pareciam todos voltados a verificar a disponibilidade econômica de Cafiero na época e a movimentação de seu dinheiro no período anterior à revolta, mas que não conseguiram aclarar seu envolvimento direto na tentativa insurrecional<sup>508</sup>. De forma geral, é oportuno lembrar que todas as investigações e os processos relativos aos motins tiveram sua origem na região Marche, e precisamente a partir da prisão do internacionalista Marino Mazzotti. Por esta razão quem inicialmente indagou as responsabilidades dos insurgentes foram os tribunais de Ancona e de Pesaro (onde foi preso Malatesta): eles, no entanto, por questões de competência territorial, repassaram toda a documentação respectivamente aos tribunais de Bolonha e de Trani, para que fossem realizados os oportunos processos (11 de outubro)<sup>509</sup>.

Vimos, portanto, como se desenvolveu a relativamente rápida fase de organização da tentativa insurrecional do verão de 1874, começada no final do ano passado com a criação

507 Cf. sempre GUILLAUME (2004, vol. III, p. 373).

508 Interrogatórios de Carmelo Spada de 25 de agosto de 1874, do notário De Leon de 17 de setembro e de Carmine de Martino de 25 de setembro, cujos relatórios encontram-se na documentação processual presente no Arquivo de Estado de Trani.

509 Ver os despachos dos tribunais de Pesaro (no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta IX) e de Ancona (no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario*, misc. 28, fasc. 454).

entre as paredes da Baronata do *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*. As atividades deste comitê impessoal e coletivo foram justamente compartilhadas por seus criadores. A redação dos apelos, as viagens, a aquisição das armas, a correspondência, os encontros clandestinos, a formação das bandas, foram todos aspectos para a realização dos quais Cafiero, Costa e Malatesta contribuíram de forma decisiva, embora em medida diferente. Sem esquecer a fundamental ajuda dos principais representantes da Internacional no país, cuja contribuição serviu sobretudo para por em contatos os militantes, difundir os boletins, enviar as armas e facilitar a eventual fuga dos insurgentes. E se, por um lado, todo o trabalho clandestino foi levado adiante exemplar e apaixonadamente, permitindo em vários casos evitar a prisão preventiva ou a apreensão dos boletins e das armas, por outro, a lacuna principal da atuação dos organizadores da revolta dizia justamente respeito à eficácia da propaganda revolucionária entre as plebes italianas.

A ideia, adaptada conforme as peculiaridades do contexto social e geográfico em que agiram os insurgentes, era fundamentalmente mutuada da filosofia (da revolução) de Bakunin, que propugnava “a contemporaneidade da ação revolucionária de todas as massas exploradas” (BERTI, 1998, vol. III, p. 62). Na esteira dos eventos da Comuna de Paris, a análise do russo – o qual criticava a interpretação marxiana que privilegiava a organização de uma luta de classes exclusivamente operária – fazia da aliança entre o proletariado das cidades e do campo o elemento decisivo para o êxito de uma futura sublevação: “ao contrário, sua divisão, favorecendo a lógica do capitalismo industrial que aumentava o hiato entre a cidade e o campo, teria isolado o movimento operário da luta geral de todas as massas oprimidas” (*idem*, vol. II, p. 27). Por isso mesmo, os motins organizados pelos internacionalistas italianos, que deviam ser realizados contemporaneamente em um contexto urbano (Bolonha, Roma e Florença) e rural (Puglia e Sicília), podem ser considerados a primeira tentativa de implementar a concepção revolucionária de Bakunin. Todavia, como vimos, a resposta do proletariado local às ideias subversivas dos insurgentes foi muito modesta: se para a revolta de Bolonha, que exigia uma força numérica superior, a compor as bandas armadas foram pouco mais de 100 pessoas, o desastre organizacional na Puglia não deixava espaço para as dúvidas. As palavras dirigidas aos camponeses *pugliesi* por parte Malatesta – que com apenas 20 anos se responsabilizou inteiramente para a realização do motim na região mas que não por isso podia ser culpado –, encontraram um suporte somente ideal e genérico, que não se transformou em uma adesão convencida à ação insurrecional. Um

dos fatores que podem justificar o fracasso da operação pode ter sido a fraca difusão na região dos ideais socialistas e internacionalistas em particular, aspecto que foi sem dúvida subestimado pelos próprios organizadores, os quais provavelmente escolheram a Puglia por razões de conveniência logística e estratégica. Além disso, a meu ver, um outro elemento que pode em parte explicar o diferente resultado da revolta é o grande carisma e a popularidade de Costa, adquiridos graças a um número impressionante de deslocamentos e contatos, não apenas entre a população da Emilia-Romagna mas em todos os núcleos socialistas e internacionalistas do país. Não foi por acaso que, conforme um relato de Malatesta, alguns dos prováveis participantes do motim em Castel del Monte haviam tentado matá-lo para lhe roubar o dinheiro que supostamente trazia consigo (MALATESTA, 2012, p. 10).

De qualquer forma, o Comitê Italiano para a Revolução Social, a “minoria-guia” do movimento insurrecional, se por um lado, conforme suas crenças antiautoritárias, não queria impor uma vontade externa ao povo, por outro, seus membros almejavam agir a todo o custo, inclusive a custo de acabar derrotados e presos. Talvez apenas para “dar um exemplo, um ensaio”, tanto aos governantes quanto aos governados, da gravidade e da urgência do momento histórico. Eles apontavam, pela primeira vez na história nacional, para uma revolução que não limitasse seu raio de ação à esfera política (como fizeram os jacobinos) às elites dirigentes, mas que fosse – como vimos nos artigos, nas cartas e nos proclamas –, eminentemente social. Que desse realmente conta das exigências e das necessidades das classes trabalhadoras, as quais estavam atravessando uma intensa fase de transformação econômica e social, agravada por uma política interna discriminatória e centralizadora. A arruinar os planos e as esperanças revolucionárias dos jovens internacionalistas, no entanto, intervieram o governo e as forças de polícias, que há muito tempo vigiavam minuciosamente os deslocamentos, os encontros e a correspondência particular dos principais internacionalistas do país. Mas se por um lado, eles conseguiram com relativa facilidade descobrir e parcialmente bloquear a conspiração em curso, por outro, eles puderam alcançar estes resultados sobretudo graças à contribuição essencial de delatores e espiões, cujo trabalho oculto resulta hoje dificilmente detectável por parte do historiador<sup>510</sup>. Agora, restava em liberdade apenas Cafiero, que por sua conta, como veremos no próximo capítulo, estava prestes a se retirar para a moradia suíça, longe das perseguições e da repressão do governo

---

510 Ao longo da acurada pesquisa nos arquivos de Estado de diferentes cidades da Itália encontrei pouquíssimos documentos redigidos por delatores ou relativos a sua atuação. A fórmula recorrente com que os chefes de polícia comunicavam com seus superiores era: “informações reservadas de pessoa de minha confiança asseguram (ou deixam supor) que...”. Cf. BRUNELLO (2009).

italiano. Isto, no entanto, não significava abandonar os propósitos de revolta e de reivindicação das exigências da classe trabalhadora em nível nacional e internacional.

## Quinto capítulo

### Cafiero lobo solitário

#### 5.1 Na Baronata: entre Olimpia e o *Bulletin de la Fédération Jurassienne*

Uma vez definida a questão econômica com Bakunin, embora não de forma tão amigável, Cafiero decidiu permanecer na moradia suíça em companhia de Olimpia e Ross, inclusive para não chamar muito a atenção das autoridades italianas sobre suas atividades. Conforme já havia acontecido no passado, a vida na Baronata prosseguiu de forma “campestre e pastoral” (BINAGHI, 2002, p. 290)<sup>511</sup>, mas desta vez todas as obras e as reformas foram interrompidas repentinamente. O novo edifício, que ainda não estava terminado, foi abandonado definitivamente e os três resolveram ocupar apenas o prédio original, o qual era “mais do que suficiente para minha pequena família” (CAFIERO *apud* CASSANDRO, 1946, p. 76). Cafiero, como já antecipei, estava intencionado a se livrar da Baronata e as últimas cartas enviadas a Carmine De Martino (10 e 21 de outubro, *apud* CASSANDRO) testemunham sua atividade para realizar a venda dos brilhantes de família e recuperar assim outro dinheiro. No entanto, sua estadia na Suíça lhe permitiu aprofundar as relações com os companheiros do Jura, que lhe haviam demonstrado sua solidariedade em ocasião do contraste com Bakunin. Foi assim que ele decidiu contribuir na redação do *Bulletin de la Fédération Jurassienne* prometendo a Guillaume o envio de uma correspondência semanal, assinada apenas com uma “G” (de Gregório), em que ele analisava, com uma postura crítica, os principais acontecimentos políticos e sociais da Itália. Estes documentos, cuja tradução para o francês coube justamente a Guillaume, são muito

---

511 GUILLAUME (2004, vol. III, p. 376) afirmou que Cafiero conduzia uma “vida solitária de verdadeiro asceta”.

significativos não apenas porque continuaram a ser publicados constantemente por mais de um ano e meio no jornal suíço, mas sobretudo porque davam conta das diferentes problemáticas enfrentadas pelo nascente movimento operário italiano, analisadas a partir de um ponto de vista interno e portanto privilegiado. Além disso, eles representavam um importante meio de comunicação tanto nos países francófonos quanto na própria Itália, onde o *Bulletin* era enviado regularmente e onde o governo, depois dos motins, estava limitando fortemente a atuação da imprensa socialista e democrática.

A primeira missiva, inserida na rubrica “*Nouvelle de l'extérieur – Italie (Correspondance particulière du Bulletin)*”, foi publicada logo na edição de 11 de outubro. Nela Cafiero contestava a versão da imprensa conservadora italiana a qual, além de definir o CIRS como um “pequeno grupo de exaltados”, afirmava que “la situation du prolétariat italien était la meilleure du monde; que l'accord le plus touchant régnait entre cette classe et la bourgeoisie”. Além disso, o internacionalista denunciava tanto a atuação na Suíça do espião Terzaghi, quanto a suposta delegação italiana ao Congresso de Bruxelas, “obra do pior charlatão que infelizmente a Internacional jamais teve entre suas fileiras”<sup>512</sup>. Por fim, Cafiero atualizava os leitores sobre a condição dos internacionalistas detidos após os motins, em particular de seus dois amigos:

Costa está sempre em Bolonha, detido na prisão do Torrone; está sozinho em uma cela com sentinela à vista; finalmente permitiram à família dele visitá-lo e enviar-lhe livros e dinheiro. Não é como em Ancona onde estão presos um grande número de companheiros; aí não teve jeito de obter para as famílias dos detidos a permissão de visitá-los; eles estão totalmente isolados e precisam absolutamente de ajuda. É aí que se encontra Malatesta.<sup>513</sup>

A carta era concluída denunciando a cruel atuação do governo, que “quis espalhar um pouco de terror” no país inteiro, e informando que “por volta de seiscentos internacionalistas [estariam] em cárcere na espera de um julgamento”<sup>514</sup>. Na edição seguinte (18 de outubro), Cafiero informava sobre alguns episódios de greve no *Mezzogiorno*, “os quais acabam sempre com a prisão dos grevistas ou com uma ação violenta dos soldados”: este, junto com a denúncia dos abusos patronais, foi um elemento recorrente de suas crônicas

---

512 Cafiero estava se referindo ao principal redator de *Il Povero* [O Pobre] de Palermo, isto é, Salvatore Ingegneros Napolitano (1848-1922), com o qual ele tinha “uma péssima relação” (MASINI, 1974, p. 399).

513 Cafiero não sabia que o amigo napolitano acabara de ser transferido para a prisão de Trani, na Puglia.

514 O número, que parece certamente exagerado, foi provavelmente deduzido por Cafiero a partir da leitura dos jornais italianos, que tendiam a engrandecer fatos e responsabilidades.

sobre a Itália, com que descreveu detalhadamente a crise sofrida pelo proletariado italiano, em particular aquele rural e meridional, em uma época de reconfiguração econômica e social. Neste sentido, um aspecto muito significativo das cartas de Cafiero ao *Bulletin* era a conta dos suicídios entre os proletários italianos, e dos mortos e dos feridos nos lugares de trabalho, que começou já com a edição de 18 de outubro. Suas críticas, portanto, estavam dirigidas tanto aos economistas burgueses, empenhados em inúteis disputas teóricas e incapazes de propor uma solução eficaz, quanto às medidas repressivas do governo contra os militantes socialistas, como por exemplo a *ammonizione*, “uma afortunada invenção do governo restaurador e liberal do rei cavaleiro”<sup>515</sup>. Ao assinalar todos os episódios de repressão governamental antissocialista do governo conservador, no entanto, Cafiero não abandonava seu habitual otimismo revolucionário:

A pressão reacionária aumenta a cada dia. O chefe do governo, o ministro Minghetti, em um discurso aos eleitores, ilustrou a necessidade de medidas excepcionais; e a imprensa burguesa anuncia com satisfação que o novo código penal prevê penas contra a Internacional; mas, enquanto ele for promulgado, ela reclama também medidas extraordinárias. Tudo isso não nos assusta, e repetimos, assistindo aos adversários que se juntam contra nós: as reações determinam as revoluções.<sup>516</sup>

Também o teor da carta publicada na edição de 25 de outubro era o mesmo e ilustrava o verdadeiro “estado de sítio” em que se encontrava a Itália: “perquisições domiciliares à noite, espiões nas estações e nos trens, destacamentos especiais nos correios”, além de “pauladas, jejum forçado e outras torturas para os suspeitos de ter colaborado” na revolta. Mas o que interessava sinceramente Cafiero era a situação siciliana, à qual ele dedicou várias correspondências. No texto publicado no *Bulletin* de 1º de novembro de 1874, ele traçava “uma brilhante síntese da recente história da ilha, a partir das esperanças do *Risorgimento* [...] até a delusão após a unificação” (MASINI, 1974, p. 162-163). Na leitura dos recentes episódios sicilianos, Cafiero destacava o caráter particular da população da ilha: um “ódio ardente contra todas as tiranias que o Siciliano chupa com o leite”. As falsas promessas governamentais, como a realização de uma reforma agrária (a divisão das “terras estatais entre os proletários de cada município”), e a imposição de uma nova ordem social (com a introdução da conscrição obrigatória), não fizeram mais que aumentar a exasperação

<sup>515</sup> Ver p. 131 do presente texto.

<sup>516</sup> A fórmula final era a mesma utilizada no longo relatório sobre a seção napolitana da AIT, enviado a Engels por Palladino no 13 de novembro de 1871.



das populações locais contra todas as instituições. Daí surgiu, portanto, o fenômeno do *brigantaggio*, pois “aos olhos do povo o *carabiniere* Vittorio Emanuele [rei da Itália] tornou-se desprezível tanto quanto o policial dos Bourbons”. Relembrando a chamada “revolução de 1866” de Palermo, que Cafiero definiu “um movimento espontâneo de uma plebe faminta e iludida”, ele concluía a carta identificando no antiautoritarismo o elemento central do caráter dos sicilianos. De um povo que, “depois de tantas crises, entendeu finalmente que não é este aquele governo a ser a causa do mal, mas que é o próprio princípio de autoridade”. Neste sentido, “o *brigantaggio* – que na Sicília não é nada mais que a guerra *partigiana* – é sem dúvida um dos mais poderosos meios de luta que o proletariado siciliano possui na guerra social travada contra seus opressores” (*Bulletin* de 15 de novembro). Portanto, conforme a leitura de Cafiero, as revoltas no meio rural siciliano

contribuíram para definir este período da história da Itália como crise geral do liberalismo, tanto como crise financeira quanto como perda da direção política por parte da Direita histórica, e permitiram detectar a nova posição da opinião pública, induzida agora a se focar nos problemas internos e da vida econômica. (DAMIANI, 1974, p. 128)

As autoridades nacionais, entretanto, estavam muito preocupadas com a possibilidade de uma nova revolta no país, já que estavam se aproximando as novas eleições políticas. No final de outubro de 1874, a polícia de Nápoles assinalava a difusão no ambiente internacionalista de um suposto programa revolucionário, em que se convidavam os militantes a “destruir todas as classes privilegiadas” e a “incendiar todos os prédios dos potentes, as Igrejas, os arquivos, os tribunais, os bancos, as prefeituras e as delegacia”, por meio de grupos armados e em nome da anarquia e do coletivismo<sup>517</sup>. Também Giuseppe Scarlatti, que na época era um jovem internacionalista e publicista de Florença, lembra o empenho de Cafiero para reorganizar a Internacional italiana após as prisões de 1874 e “tentar novamente um movimento insurrecional na Itália em 1875” (1909, p. 70), propósito que foi em seguida abandonado. Justamente nesses dias o *Ministro dell'Interno* foi informado de uma viagem de Cafiero na Itália, mandando vigiar atentamente seus deslocamentos<sup>518</sup>. Não sei se é apenas uma coincidência, mas na noite entre o 1º e o 2 de novembro foi afixado nos muros de Bolonha o quinto boletim do comitê, que desta vez chamava-se *Comitato Direttivo Bolognese*

517 Informe policial de 27 de outubro de 1874, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta 48*.

518 Ver comunicação do *Prefetto* ao chefe da polícia de Nápoles de 25 de outubro, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 205*.

*per la Rivoluzione Sociale* [Comitê Directivo Bolonhese para a Revolução Social]. O texto, pelas semelhanças com escritos anteriores e com a típica propaganda anarquista levada adiante nos últimos anos, podia ter sido redigido tanto por Cafiero quanto por Costa, se este último não se encontrasse preso. Tratava-se do consueto apelo aos operários, onde se afirmava que “qualquer forma de governo [...] é a negação do Progresso e da Ciência” e que “cada lei [...] é a negação dos direitos que o homem deveria ter”. Portanto, “declaramos o proletariado livre de qualquer obrigação da lei e o convidamos a insurgir contra a tirania burguesa por meio da Revolução Social”.

#### OPERÁRIOS!

Armai-vos em massa, o porvir está nas suas mãos [...]. Lembrai-vos que o inverno está chegando e com ele todos os horrores da miséria; porque esperar ainda? Ingressem nas nossas fileiras: nós somos os filhos da Revolução, portanto inimigos de qualquer privilégio e de qualquer autoridade; inimigos da propriedade individual, portanto inimigos da burguesia [...].

BURGUESES, DEEM ESPAÇO PARA A CANALHA!!”

Enquanto o *Bulletin* continuava a publicação semanal das correspondências de Cafiero, em que ele criticava os inquéritos do governo sobre a propriedade da terra na Sicília e definia a situação na ilha como “a agitação dos escravos ávidos de igualdade”, uma má notícia veio da Itália. De fato, em 1º de novembro a polícia prendeu também o florentino Francesco Natta, responsável pela Comissão de Correspondência da FI-AIT e um dos organizadores da tentativa insurrecional na Toscana. Durante a perquisição domiciliar, na sua oficina mecânica foram encontradas algumas armas e uma grande quantidade de correspondências escondidas embaixo do assoalho: tratava-se da documentação completa da Comissão, referente a um ano e meio de atividade, que Costa havia repassado ao companheiro. Durante os interrogatórios no cárcere de Florença, no entanto, Natta negou qualquer responsabilidade nos motins e procurou ocultar inutilmente seu papel na Federação Italiana da AIT<sup>519</sup>. Inclusive Costa foi questionado acerca das cartas encontradas na oficina de Natta, reconhecendo como seu o material apreendido mas afirmando desconhecer a razão pela qual isto se encontrasse na propriedade do companheiro<sup>520</sup>. De qualquer forma, a prisão do internacionalista florentino representava um duro golpe para a organização – já gravemente comprometida – sobretudo

519 Ver os interrogatórios de Francesco Natta de 2 e 4 de novembro de 1874, no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta I.

520 Interrogatório de Andrea Costa no cárcere de Bolonha de 29 de janeiro 1875, no ASBO, *idem*, busta II.

porque desta forma as autoridades tiveram acesso a um número impressionante de nomes e contatos, tanto a nível nacional quanto internacional, os quais davam conta da magnitude da Internacional italiana. O próprio Cafiero, no *Bulletin*, tentou minimizar o episódio, ironizando sobre a operação policial (“A Toscana está a salvo!” – 15 de novembro) e desmentindo a notícia da apreensão da correspondência (29 de novembro). A propósito de uma subscrição aberta pelo jornal suíço em favor dos deportados franceses na colônia penal da Nova Caledônia, ele afirmou que a proposta foi muito bem recebida na península, de onde chegavam as primeiras contribuições, “o que demonstra mais uma vez que na Itália o socialismo possui raízes profundas e uma sólida organização”.

A fase de dificuldade e descontentamento no país se refletiu também nas eleições políticas de novembro de 1874, as quais foram convocadas em consequência de uma crise parlamentar provocada pelas novas medidas econômicas propostas pelo governo da direita conservadora. O resultado da votação, se por um lado confirmou a direita no governo por poucos votos a mais, por outro registrou uma consistente vitória da esquerda no sul da Itália, a qual havia criticado duramente a política econômica do governo em relação às classes mais pobres e que agora possuía uma força parlamentar muito mais relevante<sup>521</sup>. Neste sentido, nem sequer a proibição para os católicos de participar da vida política imposta pelo papa Pio IX com o chamado “*non expedit*” conseguiu afastar definitivamente os fiéis das urnas, já que eles contribuíram massivamente na afirmação da esquerda no *Mezzogiorno*. Foi assim que “a Câmara se dividiu em duas partes; na primeira prevaleciam os deputados do norte, na outra os do sul. Esta situação revelava a existência de um problema profundo e grave, que era absolutamente preciso resolver” (QUAZZA, 1923, p. 612), conforme já haviam apontado as cartas de Cafiero publicadas no *Bulletin*. A partir de então, por uma série de contingências históricas e responsabilidades políticas – entre as quais a incapacidade do partido de governo de se adaptar às novas condições socioeconômicas do país –, “o declínio da Direita foi inexorável e de 23 de novembro de 1874 até 18 de março de 1876 sua vida foi fraca, atrapalhada e incerta” (*idem*, p. 613).

No entanto, no primeiro artigo após as eleições na Itália, Cafiero limitava-se a abordar o assunto de forma fugaz, ironizando sobre a prosopopeia e a retórica dos jornais conservadores que tinham publicado o discurso do rei. Sua verdadeira preocupação continuava sendo a grande miséria do proletariado, que ainda não havia aproveitado a

---

521 Até o próprio Garibaldi havia resolvido se candidatar no colégio eleitoral de Roma, conseguindo ser eleito como “candidato de protesto”. V. QUAZZA (1923).

abundante safra daquele ano, que “o grande proprietário colocou no celeiro, mas que ficará nos grandes depósitos dos especuladores até que a carestia lhes consentirá vender com um grande ganho”. Neste sentido, também as “cozinhas econômicas [o moderno fogão] são uma invenção filantrópica da nossa burguesia que, com algumas tigelas de sopa barata, acredita poder acalmar a fome do proletariado revolucionário” (*Bulletin* de 6 de dezembro). Mas se publicamente Cafiero mostrava um certo desinteresse com o destino político de seu país, as comunicações particulares entre os internacionalistas denotavam outras impressões. De fato, segundo um informe do *Ministro dell'Interno*, a Federação do Jura, que graças à presença de Cafiero havia se tornado responsável para manter os contatos com os companheiros da vizinha península, havia enviado (1º de dezembro) um comunicado a todas as seções italianas convidando-as a continuar a “organização das seções secretas”, pois

o governo da monarquia está destinado a cair por mão da própria burguesia que está na oposição no Parlamento, e é portanto necessário manter viva a correspondência entre o Comitê Federal e as seções internacionalistas para aproveitar os conflitos entre os diferentes partidos da burguesia e proclamar a comuna, já que é provável que a Itália seja a primeira a dar o sinal da revolução social.<sup>522</sup>

Por outro lado, a Comissão central de Bruxelas, longe das aspirações insurrecionais dos italianos, convidava todas as seções a enviar uma “estatística mais completa possível até o mês de fevereiro do ano que vem”. As informações exigidas diziam respeito à profissão e à “situação moral” dos militantes, à situação econômica das seções e das federações, e aos sentimentos comuns entre as populações locais<sup>523</sup>. Evidentemente, neste momento, a Internacional italiana, momentaneamente desprovida de uma Comissão de Correspondência depois da prisão de Natta, não podia satisfazer as demandas da federação belga. Embora de forma limitada, o único que podia fazer algo era Cafiero, que com Olimpia e Ross continuava sua vida bucólica na Baronata. No entanto, graças ao testemunho de um jovem amigo de Bakunin (Emilio Bellerio) – que havia visitado o núcleo de revolucionários para pedir um empréstimo para o amigo russo –, sabemos que os hábitos na moradia suíça haviam mudado radicalmente, pois Cafiero

---

522 O *Ministro dell'Interno* ao *Prefetto* de Nápoles (10 de dezembro de 1874), no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 205.

523 Um exemplar deste documento, datado de 30 de novembro de 1874, encontra-se no ASBO, *Prefettura, Gabinetto, serie* 239, *fasc.* 2.

embora conserve uma grande bondade, tornou-se de uma originalidade que eu ainda desconhecia. Ele é dominado por Ross e por Olimpia. Também o bom velho Pezza, que tinha para Carlo o amor de um pai, impressionou-se muito ao ver o amigo seguir uma vida tão excêntrica.<sup>524</sup>

Seus recursos econômicos não eram mais tão abundantes e esta vida solitária comportava vários sacrifícios pessoais: conforme Masini (1974, p. 150) foi neste período que ele, fumante assíduo, abandonou este vício, assim como parou de comer carne. Além disso, a partir da minuta de uma carta de James Guillaume a Olimpia Cafiero (de 30 de novembro de 1907), com que o suíço pedia informações para a redação de sua obra sobre a história da Primeira Internacional, foi possível descobrir que entre os hóspedes temporários da Baronata nestes meses houve também “la belle madame Karpova”, celle qui etait alors 'l'amante de Costa”, expulsa da Itália no final de setembro. Infelizmente as muitas dúvidas que Guillaume dirigiu para a velha esposa de Cafiero ficaram na maioria dos casos irresolvidas, pois nas respostas de Olimpia ela afirmou não lembrar muitos detalhes sobre a vida na moradia de Locarno<sup>525</sup>. O que sabemos com certeza é que foi justamente no outono de 1874 que Cafiero pediu a Guillaume para “escrever um compêndio popular das ideias socialistas revolucionárias para que seja utilizado para a propaganda na Itália. Comecei a trabalhar e depois de poucas semanas lhe enviei meu manuscrito” (GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 377). Como veremos em seguida, este opúsculo foi decisivo não apenas para o debate interno, mas também para o desenvolvimento de uma nova trajetória teórica no seio da Internacional antiautoritária, elaborada especialmente pelos militantes italianos.

O resultado eleitoral na Itália, como vimos, embora tivesse registrado o avanço da esquerda no Parlamento, não havia alterado significativamente a composição do governo, que continuava sendo dirigido por Marco Minghetti, o último presidente do conselho de direita na Itália liberal. A primeira proposta do novo executivo foi a introdução de uma série de medidas extraordinárias em matéria de segurança pública, que Cafiero não deixou de criticar na edição de 13 de dezembro do *Bulletin de la Fédération Jurassienne*. À grande liberdade de ação concedida às forças de polícia locais acrescentava-se agora a possibilidade de deportar diretamente os suspeitos de conspiração política nas ilhas penais italianas. Cafiero comentava de forma amarga: “Melhor ainda; quando a corda será esticada demais, será necessário que ela

524 Carta de Emilio Bellerio a Bakunin citada por GUILLAUME (2004, vol. III, p. 398). O “Pezza” mencionado era Luigi, pai de Vincenzo, o jovem internacionalista napolitano falecido em janeiro de 1873.

525 A troca de correspondências entre os dois está conservada nos Archives de l'État de Neuchâtel, *fond* James Guillaume, *dossier* 79.

se rompa. Por outro lado, o governo não precisa de leis excepcionais para reprimir: isto é uma hipocrisia pura”. Mais uma vez, o internacionalista italiano abordava nessa edição as problemáticas alimentares das populações camponesas, que este ano “poderão substituir a polenta de milho com a polenta de castanhas, que será muito mais barata” se o governo não tivesse imposto a utilização de moinhos especiais para produzir a farinha de castanhas. Uma decisão “que não precisa de algum comento”. A propósito das últimas decisões governamentais é significativo que o *Ministro dell'Interno*, graças à apreensão de uma correspondência da “seção internacionalista secreta de Nápoles”, fosse informado de que

o deputado Friscia, amigo de Marx e de Bakunine [sic], está se preparando para realizar uma série de interpelações ao Governo sobre as prisões políticas e que contestará a todo o custo as leis excepcionais. Ademais, ele teria prometido à seção estar inteiramente a favor da revolução social, afirmando que se ele está no Parlamento é só porque ele pode viajar gratuitamente e fazer propaganda sem sofrer as moléstias da polícia.<sup>526</sup>

De fato, as prisões arbitrárias prosseguiram não apenas na Sicília, onde era “largamente utilizada a tortura” contra os *briganti*, mas no país inteiro: conforme o último artigo de Cafiero no *Bulletin* (27 de dezembro), “o número de pessoas que receberam a *ammonizione* na Itália toda é atualmente de 152.888, e o das pessoas condenadas à vigilância especial da polícia é de 22.000”. Eram dados realmente impressionantes – que Cafiero afirmou ter extraído das estatísticas oficiais (v. *Bulletin* de 17 de janeiro de 1875) –, os quais davam conta de forma geral da postura repressiva do governo contra a militância extraparlamentar e revolucionária, como confirmava também a excessiva lentidão com que eram levados adiante os processos de Bolonha e de Florença: “sua intenção é de torturar os internacionalistas na surdina, e é isto o que eles fazem”. Inclusive no que dizia respeito às lutas operárias locais a situação não era tão diferente, já que em Turim uma greve das mulheres empregadas na indústria do tabaco foi interrompida pela intervenção dos militares e com “prisões em massa”. Este episódio de resistência popular, um dos primeiros depois da repressão pós-motins, foi relatado também pelo periódico de Siena *Il Risveglio*, que havia retomado suas publicações depois de uma longa pausa devida à detenção de seus redatores e colaboradores. O belo texto publicado na rubrica “*Movimento Operaio*” na edição de 25 de dezembro merece ser citado amplamente, pois expressa de forma simples mas exemplar o gradual processo de transformação industrial em curso na Itália e a oposição espontânea das

---

526 Informe policial de 21 de dezembro de 1874, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta 49*.

classes operárias.

No dia 10 deste mês as charuteiras das manufaturas de Turim entraram em greve e convidaram as outras a fazer o mesmo. A razão desta greve foi a introdução de certas maquininhas que afetam bastante a mão de obra, pois elas fazem o trabalho melhor, deixando para as operárias o trabalho mais difícil e de menor renda.

Nós não estamos contrários ao progresso e não tememos, aliás estamos felizes, que para o desenvolvimento da indústria humana e para economizar força física sejam utilizadas as máquinas; mas quando os especuladores as utilizam unicamente para prejudicar os operários, diminuindo nosso salário e o preço do trabalho [...], aí nós não estamos mais de acordo.

Todos os homens têm direito a viver: convencidos desta fórmula nós não acreditamos seja possível que as melhorias ideadas pela inteligência, pelo gênio, pelo estudo do homem industrioso tenham de se virar contra as massas operárias e prejudicá-las.

As operárias de Turim recusaram-se retomar o trabalho após a demissão arbitrária de algumas colegas, consideradas como responsáveis, e continuaram a greve por alguns dias; foi a este ponto que os patrões invocaram a intervenção das autoridades, as quais restabeleceram a ordem prendendo as trabalhadoras rebeldes. Mas apesar do interessante comentário, redigido por um colaborador anônimo do *Il Risveglio*, a retomada das publicações do jornal toscano havia chamado a atenção dos internacionalistas *jurassiens* por algumas biografias totalmente inexatas sobre ex-*communards*. O próprio Cafiero, não sei por qual razão, aproveitou este episódio para lançar uma série de graves acusações aos redatores do periódico de Siena, os quais chamou de “parasitas inconvenientes”. “É lamentável”, acrescentava o italiano no *Bulletin*, “que na Itália três ou quatro indivíduos, tanto estúpidos quanto vaidosos, tenham conseguido se infiltrar nas fileiras do proletariado, do qual eles querem absolutamente ser os historiadores, os tribunos, os poetas e – podemos dizê-lo? – os capitães!”. Me parece evidente que a contrariar Cafiero não foram exclusivamente questões teóricas – como já havia destacado Costa ao interromper sua colaboração com o jornal ao começo de 1874 –, pois sua acrimônia dizia respeito a alguma questão pessoal com os redatores do *Il Risveglio*, que não foi possível descobrir. De qualquer forma, o periódico continuou sua atividade de divulgação dos princípios socialistas e de meio de informação operária até os meados de 1877, tornando-se no final de 1876 o órgão de imprensa da Federação Toscana da Internacional.

A colaboração de Cafiero com o *Bulletin*, que se revelava decisiva em um momento em que na Itália poucos jornais socialistas haviam sobrevivido à dura repressão

governamental pós-motins, foi acompanhada no mês de dezembro por uma outra atividade intelectual, isto é, a tradução para o italiano do opúsculo de Guillaume *Idées sur l'organisation sociale*. No entanto, conforme um testemunho do próprio socialista suíço (GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 377), o trabalho realizado por Cafiero circulou apenas nos ambientes do internacionalismo italiano, pois a versão definitiva, que foi publicada só em 1876, foi traduzida por Andrea Costa. Além do mais, na publicação italiana faltava o capítulo redigido especificadamente para os companheiros da península, que Cafiero havia traduzido e “onde se falava das medidas práticas para a expropriação, assim como da propaganda revolucionária no exército” (*idem*). Ao longo de sua vida “campestre e pastoral” na Baronata, portanto, Cafiero não abandonou totalmente a paixão revolucionária e, graças a intermediação de Guillaume, contribuiu para aproximar os companheiros italianos das ideias que circulavam entre os internacionalistas suíços. O que lhe faltava era compartilhar as novas interpretações com seus amigos Malatesta e Costa, escutar seus comentários e tomar as oportunas decisões para o destino da Federação Italiana da AIT, uma responsabilidade que ele não podia assumir sozinho. Todavia, a situação dos companheiros presos não parecia das melhores, já que todos os processos menores em que eles estavam envolvidos contribuíram para dilatar a espera do veredito final. De fato, no que dizia respeito a Malatesta, o Tribunal de Catanzaro reenviou toda a documentação para Trani (7 de novembro), por razões de competência territorial, o qual, por sua vez, em 31 de dezembro de 1874, resolveu absolver 23 dos 36 imputados e mandando julgar os outros (cf. TREVISANI, 1956, p. 640). Obviamente, o nome do internacionalista napolitano, considerado como o principal organizador e responsável da revolta na Puglia, não aparecia no elenco dos absolvidos. Também no processo de L'Aquila em que foi envolvido Costa – o qual no cárcere de Bolonha escrevia a poesia “*Notte di Natale*” [Noite do Natal] (cf. MITA, 2010, p. 395) –, o Tribunal declarou a sua incompetência e repassou toda a documentação para os colegas de Bolonha para o julgamento definitivo<sup>527</sup>.

## 5.2 Ano novo, mesma vida

O ano de 1875 começou para Cafiero da mesma forma de como havia terminado, isto é, isolado na Baronata, empenhado nos trabalhos da fazenda suíça e na redação das

---

527 Ver o documento processual de 29 de dezembro de 1874 no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta I.



correspondências para o *Bulletin*. Na edição de 3 de janeiro ele abordava novamente a questão da introdução das máquinas nas fábricas italianas que “fatigue et éprouve d'une façon extrême l'organisme physique de ceux qui doivent les servir”. Ele comunicava o conteúdo de um protesto publicado pelas operárias de Turim, em que elas afirmavam que “as novas máquinas para a fabricação dos charutos prejudicam grandemente sua saúde; [e] que seu salário, que oscilava entre 1,25 e 1, 50 francos por dia, vai cair, com a introdução das máquinas, para 75 centavos”. O mesmo problema havia sido constatado também em Bolonha, onde se chegou a renunciar a utilização dos novos maquinários. Sobre as soluções propostas pelos economistas conservadores diante das recentes transformações socioeconômicas, Cafiero ironizava amargamente ao descrever um congresso realizado em Milão:

Pensem em uma reunião de professores, de senadores, de fabricantes que, depois de um bate-papo de dois ou três dias sobre o trabalho infantil, sobre os bancos de poupança, sobre a emigração etc., separam-se convencidos de ter fornecido uma eminente contribuição para o progresso da ciência social e da humanidade inteira.

Além disso, o clima de “caça às bruxas” continuava incessantemente: “Nossos patrões não deixam passar um dia sem inventar alguma novidade para destruir na Itália, de forma cada vez mais definitiva, esta Internacional que eles nunca acham suficientemente destruída”. Cafiero destacava mais uma vez a dramática situação siciliana, onde o governo havia mandando impedir com a força “qualquer reunião pública que tenha como escopo protestar contra as medidas excepcionais” e prosseguia na apreensão de bens dos cidadãos insolventes (*Bulletin* de 10 de janeiro).

A chegada do inverno na península não podia agravar mais as já precárias condições de vida do proletariado italiano, enquanto “para os burgueses, a neve e o frio não fizeram mais que aumentar seus prazeres” nas feiras, nos banquetes e nas festas, “todas coisas destinadas ao consumo exclusivo de uma ínfima minoria da população” (17 de janeiro). Também na edição seguinte do *Bulletin* (31 de janeiro), Cafiero destacava que “as vítimas da miséria são numerosas este ano. Os burgueses passam as noites no baile; está quente em seus salões dourados. O proletário morre de frio e de fome no gelo das estradas ou na palha de seu celeiro”. Por outro lado, com o início do ano novo começou finalmente o trabalho processual contra os internacionalistas nos diferentes tribunais da Itália. No dia 31 o Tribunal de Agrigento apresentou a acusação formal por conspiração para seis imputados, entre os quais

os próprios Malatesta e Cafiero, que era considerado foragido na Suíça<sup>528</sup>. A ação repressiva do governo estava dando seus frutos, já que em Nápoles “depois da prisão de Malatesta não teve nenhuma notícia da atividade do partido [internacionalista]”. De fato, ele “era aquele que mantinha viva a fé nos princípios da Internacional e era aquele que, junto com Andrea Costa, recebia a correspondência da Comissão residente em Florença”<sup>529</sup>. Agora, na cidade partenopeia havia em liberdade apenas Tommaso Schettino e Emilio Covelli, que participavam das reuniões com o professor Giovanni Bovio, durante as quais eles debatiam “a república burguesa, a república social, a república *communard*, o nivelamento das classes sociais etc. etc. e propugnando princípios subversivos eles fazem uma ardente propaganda contra o governo e a monarquia”<sup>530</sup>. Graças à presença de um policial à paisana em uma dessas reuniões, da qual participaram por volta de sessenta pessoas, sabemos que Covelli

tentava demonstrar que os impostos são pagos sobretudo pelas classes operárias e que a maior parte dos benefícios derivantes de seu trabalho vai a favor dos empresários. Falando do socialismo, ele disse [...] que a nova escola de economia política reconhece que qualquer tendência vai naquela direção; que três são as fases que percorre o socialismo, a primeira é a das ideias, em seguida a da preparação, que seria a atual, e por fim a fase de execução, sem que ele soubesse indicar o momento, mais ou menos distante.<sup>531</sup>

Enquanto isso, a opinião pública italiana estava prestes a assistir a um evento memorável, isto é, o juramento do deputado Garibaldi no Parlamento, em que prometeu sua fidelidade ao rei e às leis do Estado (25 de janeiro). O *Bulletin* suíço (7 de fevereiro) anunciou o episódio com entusiasmo, pois com eleição ele “irá perder, no meio das fraudes parlamentares, aquele pouco de prestígio que lhe sobrou”, enquanto Cafiero, na edição seguinte (14 de fevereiro), dedicou-lhe um longo artigo que merece ser analisado atentamente. Ele destacava inicialmente o problema de fundo da situação política italiana, que era também

---

528 Ver o relatório final do Tribunal no ACS, *Ministero di Grazia e Giustizia, Direzione Grazie e Casellario*, misc. 34, fasc. 486, sfasc. 7. Em seguida o processo foi repassado para o Tribunal de Palermo e por fim para o de Trani para a sentença final: ver os relativos documentos de 23 de fevereiro e 4 de março de 1875 na mesma pasta do arquivo de Roma.

529 Comunicação do Procurador Geral ao *Prefetto* de Nápoles de 29 de janeiro de 1875, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 205.

530 Informe policial de 25 de janeiro de 1875, no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 49.

Giovanni Bovio (1837-1903): filósofo *pugliese* que se mudou para Nápoles no final da década de 1860, onde começou sua profissão de professor. Durante sua estadia napolitana ele desenvolveu seu sistema filosófico, aproximando-se dos ambientes republicanos e internacionalistas, entre os quais ele tentou sempre uma conciliação teórica e prática.

531 Informe policial de 31 de janeiro de 1875, no ASN, *idem*.

uma das razões do abstencionismo dos internacionalistas da península, isto é, o fato de que “nós não temos nem sequer a sombra daquilo que é chamado de sufrágio universal, para formar na Itália um partido eleitoral operário”. Cafiero polemizava também com os deputados da esquerda parlamentar que, depois das prisões de agosto de 1874, fizeram de tudo para “demonstrar quanto eram honestas e pacíficas as aspirações dos republicanos” em relação aos propósitos insurrecionais da Internacional italiana. E agora havia Garibaldi que – embora tivesse “consagrado toda sua vida ao trabalho de emancipação da burguesia do jugo da monarquia absoluta” –, havia se tornado “o herói da burguesia”, jurando no Parlamento e visitando o monarca na residência real em Roma. Mas o dissenso com o velho general era sobretudo de tipo ideológico e as críticas de Cafiero objetivavam desvelar as verdadeiras intenções de Garibaldi, o qual

declarou-se membro da Internacional, sem entender bem o sentido daquilo que dizia. Foi ele mesmo a prová-lo, expondo sua opinião sobre a Comuna de Paris, sobre a Internacional e sobre o socialismo. Ele defendeu o direito de propriedade individual e o direito de herança; acusou a Comuna para sua desordem, consequência da falta de autoridade e de ditadura [...]. Evidentemente, Garibaldi queria uma Internacional de acordo com seu coração, e seu coração era orgulhosamente burguês.

Neste sentido, Cafiero destacava o grande equívoco provocado por Garibaldi no âmbito da Internacional, enquanto reconhecia a Mazzini o mérito da coerência, já que “os ataques do nosso velho inimigo têm sido um dos elementos que levaram ao sucesso da Internacional na Itália”. A figura do general era criticada não tanto por seu papel no período *risorgimentale*, mas sim por ter traído o proletariado na fase de consolidação do Estado liberal:

aquilo que tem sido chamado de ressurreição nacional foi um grande drama em dois atos. No primeiro ato, cheio de conspirações, de insurreições, de guerras etc., o herói lendário é Garibaldi. Hoje, a burguesia encena o segundo ato, procurando gozar o mais possível dos bens que ela conquistou. [...] Agora Garibaldi veio para Roma para encenar, no segundo como no primeiro ato, o papel do herói.

Cafiero polemizava com a proposta do general de drenagem dos pântanos do campo romano e de canalização do rio Tevere, uma obra que ele julgava totalmente inútil do ponto de vista da emergência social em curso no país e que só ia integrar os sonhos de

grandeza e magnificência da monarquia italiana. Portanto, na mente do revolucionário, o qual demonstrava a total assimilação do materialismo histórico de raiz marxiana, o ato final do grande drama nacional era facilmente previsível:

a Itália toda se tornará um imenso Pantheon, e em Roma, nas beiras do Tevere, a estátua do herói do drama dominará de cima todas as outras. Mas como que um momento da história não pode ser desenganchado da cadeia de eventos que precedem e que seguem, a última parte deste drama terminará – ou se vocês preferirem, a primeira parte do drama seguinte começará com a Revolução social.

Sempre a propósito da eleição do deputado Garibaldi, é muito significativo que a polícia de Nápoles assinalasse, justamente nestes dias, a intenção do pequeno núcleo de internacionalistas locais, liderados por Bovio e Covelli, de viajar até Roma para encontrar o general, “desaconselhá-lo a seguir os impulsos das associações parlamentares e empurrá-lo a dar o sinal da insurreição”<sup>532</sup>. Mas apesar das críticas e das pressões, que provinham dos internacionalistas e de alguns setores republicanos, Garibaldi conservou seu cargo de deputado até 1880, contribuindo para a elaboração de um programa democrático avançado que previa, entre outras coisas, a laicização do Estado e o sufrágio universal masculino. No entanto, é oportuno assinalar como esta fosse uma das primeiras vezes que Cafiero, um dos internacionalistas italianos mais influentes, intervinha no debate público para comentar (com a habitual ironia) os atos parlamentares de um deputado, embora ele se chamasse de Giuseppe Garibaldi. Por outro lado, sua condição de foragido e exilado na Suíça, na espera da libertação de seus companheiros, consentia-lhe dedicar tempo e atenção a analisar os principais acontecimentos políticos e sociais da península.

A Baronata nos primeiros meses de 1875 recebeu dois novos hóspedes, isto é, Serafino Mazzotti – um internacionalista bolonhese que havia participado da tentativa insurrecional na cidade *emiliana* –, e a esposa dele Maria Focaccia<sup>533</sup>. Entre o casal e Cafiero estabeleceram-se logo relações de intensa amizade, que prosseguiram até a morte prematura do internacionalista italiano. Conforme um testemunho de Malatesta, “ninguém entre nós

532 Informe policial de 31 de janeiro de 1875, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 49. Conforme o documento, uma carta do republicano Carlo Dotto convenceu Bovio e seus companheiros a desistir da viagem planejada.

533 Serafino Mazzotti (alias Filippo Boschiero; 1843-1925): barbeiro *romagnolo* que se abrigou no Cantão Ticino após os motins de 1874, onde com sua esposa Maria (?-?) manteve ótimas relações tanto com Cafiero quanto com Bakunin, justamente na fase crítica entre os dois revolucionários. Em seguida, antes na Suíça e depois na Itália, ele permaneceu em contato com os principais expoentes do socialismo italiano e europeu. Cf. DAL PANE (1946).

conheceu Cafiero mais intimamente de Mazzotti. Não apenas a vida em comum durante a estadia na Baronata apertou suas relações de fraternidade, mas em cada momento os dois companheiros ficaram espiritualmente juntos” (*apud* DAL PANE, 1946, p. 21). Infelizmente, porém, o barbeiro de Faenza, apesar das pressões de Malatesta para que ele publicasse um livro de recordações sobre a figura do amigo *pugliese*, não deixou alguma anotação sobre o período de convivência com Cafiero e Olimpia em Locarno. O que sabemos é que Carlo continuava “trabalhando como um camponês, ordenhando ele mesmo as vacas, trazendo o estrume e cortando a lenha” (GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 445). O isolamento do italiano contribuiu também para agravar a já precária condição psicológica de Bakunin, que de Lugano enviou duas cartas cheias de pessimismo e desilusão ao geógrafo e ex-*communard* Élisée Reclus<sup>534</sup> e ao jovem amigo Carlo Salvioni<sup>535</sup>. Na carta a Reclus o revolucionário russo, que em Lugano estava conduzindo uma vida relativamente tranquila graças à generosidade dos amigos, afirmava que “a hora da revolução é passada”, e isto não por causa

das terríveis derrotas das quais fomos as vítimas mais ou menos culpadas, mas sim porque com grande desespero constatei e constato cada dia novamente, que o pensamento, a esperança e a paixão revolucionária não encontram-se absolutamente nas massas [...].

Quanto a mim, meu caro, eu tinha tornado velho demais, doente demais, cansado demais e, é preciso dizê-lo, desiludido demais de muitos pontos de vista, para sentir a vontade e a força para participar deste empreendimento. Eu me retirei decididamente da luta e passarei o resto dos meus dias em uma contemplação não ociosa, mas ao contrário intelectualmente muito ativa, e que espero não deixe de produzir algo de útil. (BAKUNIN *apud* LEHNING, 2002, p. 303-304)

Era uma espécie de “entregas das armas” do velho e cansado conspirador, para a qual haviam contribuído tanto o fracasso da tentativa insurrecional de Bolonha, quanto a ruptura das relações com Cafiero (e os outros companheiros) por causa da Baronata. Ele mesmo na carta ao estudante Salvioni de 17 de fevereiro confessava ingratamente: “j’ai fait complètement abstraction de tous les italiens” (BAKUNIN *apud* BROGGINI, 1971, p. 50). Italianos que, gradualmente, estavam conseguindo se libertar das garras da justiça após os

---

534 Élisée Reclus (1830-1905): militante republicano exilado da França a partir dos meados da século XIX, começou então sua paixão pela geografia e pelas ideias anarquistas, que aprofundou graças ao contato com Bakunin durante seu exílio na Suíça.

535 Carlo Salvioni (1858-1920): era na época um jovem estudante de Lugano que havia conhecido Reclus e em seguida Bakunin, com os quais manteve estreitas relações de amizade. Após uma breve aproximação ao movimento internacionalista, graças também à relação com Cafiero, Salvioni se tornou um importante linguista e docente de glotologia nas Universidades italianas.

motins de 1874: de fato, conforme relatava Cafiero no *Bulletin* de 28 de fevereiro, foi decidido não deduzir acusação contra vários internacionalistas da região Marche. Uma decisão que confirmava as impressões iniciais do correspondente italiano: “Como vocês podem ver, eu não estava errado ao dizer, em uma carta anterior, que o governo temia julgar a Internacional em seus tribunais, e que aquilo que ele queria era apenas torturar sem muito barulho os membros da nossa associação”. Isto não significava, porém, que as autoridades italianas descuidassem de vigiar a atuação e os deslocamentos do foragido mais conhecido do país, como demonstra uma comunicação entre as autoridades suíças e o *Ministro degli Esteri* em que o nome de Cafiero (junto com os de Bakunin, Malon, Nabruzzi e Zanardelli) era apontado como um dos “súditos italianos” que “na Suíça trabalham de forma mais ativa para excitar a revolução na Itália”<sup>536</sup>. Além disso, a atuação pervasiva das forças de polícia italianas entre as fileiras da Internacional não deixava muito espaço para as manobras conspirativas de seus afiliados. De fato, na primeira metade de março o *Prefetto* de Nápoles foi informado de que dois “exilados espanhóis” (Pellicier e Amburdano) partiram do Cantão Ticino em direção à cidade partenopeia com algumas cartas de recomendação redigidas por Cafiero, Zanardelli, Nabruzzi e pelo deputado Fanelli. O chefe da polícia respondeu prontamente ao superior informando que “os amigos de Cafiero, Zanardelli e Fanelli, interrogados por pessoa de minha confiança e que se encontra envolvido no partido da Internacional, asseguraram que não tiveram nenhuma notícia a este propósito”<sup>537</sup>. Por fim, alguns dias depois, o *Ministro dell'Interno* informava ao mesmo *Prefetto* que alguém

estaria tentando publicar em Nápoles um jornal socialista do qual seriam colaboradores Cafiero e o próprio Zanardelli. A planta do jornal seria realizada por ações e os seus fundadores seriam os membros da seção internacionalista que existe nesta cidade. O programa que se pretendesse seguir seria aquele adotado pela “*Campana*” que se publicava em 1872.

Como veremos, as informações obtidas pelas autoridades graças à ação dos delatores se aproximavam quase sempre da verdade, já que muitas foram as tentativas de Cafiero e seus companheiros para inaugurar uma nova publicação periódica em Nápoles ao longo do biênio 1875-1876. Ele, entretanto, continuava sua profícua colaboração com o jornal suíço, que oferecia as colunas para suas crônicas pontuais e atualizadas, onde descrevia com palavras simples os sofrimentos e a miséria do proletariado italiano ao longo do inverno, e

<sup>536</sup> Comunicação de 3 de março de 1875 (*apud* AA.VV. 1960-2000, vol. VI, p. 84).

<sup>537</sup> Ver as comunicações de 13 de março e 7 de abril no ASN, *Questura*, *Gabinetto*, busta 49.

criticava duramente a atuação do governo conservador. De fato, após o debate parlamentar sobre o novo código penal, os senadores resolveram manter a pena capital na nova legislação, mostrando a mentalidade retrógrada comum a muitos deles. Cafiero, graças à sua formação acadêmica em Direito, podia comentar com conhecimento de causa, mas amargamente, as evidentes contradições do processo de unificação do país:

Le gouvernement du grand-duc de Toscane avait autrefois aboli dans ce pays la peine de mort; et grâce à l'unification du droit pénal, voilà que notre gouvernement *réparateur* et *libéral* rétablit l'échafaud dans une région où un gouvernement *despotique* l'avait aboli.  
Le spectacle que présentent les réunions de ces vieux radoteurs du Sénat serait souverainement ridicule, s'il n'était pas en même temps odieux.  
(*Bulletin* de 14 de março de 1875)

Além disso, o internacionalista denunciava o perigo representado pela constituição de um novo corpo de polícia nacional, isto é, os agentes aduaneiros, que iriam ameaçar a liberdade de movimento dos exilados políticos. Por esta razão, o escopo real desta medida governamental seria a criação de “um novo corpo de policiais que, em alguns casos, serão empregados contra os inimigos da sociedade burguesa”, já que eles iriam impedir a fuga dos militantes italianos em direção ao norte da Europa e a entrada de conspiradores no país. Enquanto isso, no dia 18 de março de 1875, o Tribunal de Trani, responsável pelas investigações acerca do motim na Puglia e no sul da Itália, resolveu não deduzir acusação contra imputados da Calabria e da Sicília (entre os quais havia o próprio Cafiero), já que não havia evidências concretas de seu envolvimento na tentativa insurrecional. Ao contrário, foi mantida a acusação contra Malatesta, Schettino e os companheiros *pugliesi*, inicialmente imputados de “atentado e conspiração com o objetivo de mudar e destruir a forma do Governo”<sup>538</sup>. A partir da documentação processual resultou “evidente que Errico Malatesta tenha sido o organizador do movimento nestas províncias meridionais, assim como Costa era o organizador para as províncias setentrionais”, no entanto a acusação admitia que a “ação das bandas armadas, analisada com serenidade, parecia um ato preparatório e não a execução do plano. Os diferentes grupos, de fato, não assumiram uma postura decididamente agressiva”<sup>539</sup>. Além disso, as únicas evidências encontradas pelas autoridades diziam respeito aos

---

538 Cópia da documentação do Tribunal de Trani encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI.

539 O ato de acusação do Tribunal de Trani contra os internacionalistas, redigido no 16 de fevereiro de 1875, encontra-se no Arquivo do Estado da mesma cidade.

deslocamentos de Malatesta no sul da Itália antes do motim e à correspondência apreendida na hora da prisão e da perquisição domiciliar. Portanto, “não pode ser contemplado o crime de atentado pois ele nem sequer foi iniciado [...]”. O projeto, embora tenha sido planejado, permaneceu no âmbito do vago e do indeterminado”; e “não se pode proclamar com absoluta certeza a existência efetiva e legal da conspiração”. Afinal, o que permaneceu foi a acusação (contra Malatesta e outros seis imputados) de “cumplicidade no crime de ciente subministração de armas e munições para formar bandas armadas com a intenção de cometer crimes contra a segurança interna do Estado”<sup>540</sup>.

Quatro foram os grandes processos instruídos contra os internacionalistas após os motins de 1874: um na Toscana, um em Roma e os dois principais em Bolonha e Trani, que davam conta das tentativas insurrecionais realizadas no norte e no sul do país. A décima nona correspondência de Cafiero no *Bulletin* do Jura (21 de março) informava aos leitores que o Tribunal de Roma havia decidido não deduzir acusação contra Costa<sup>541</sup> (o qual continuava preso em Bolonha na espera do julgamento *emiliano*) e comentava criticamente os últimos acontecimentos políticos da península. Em particular ele apontava um projeto de lei apresentado pelo Ministro da Agricultura e do Comércio, em que se fixava em 10 anos a idade mínima para o trabalho infantil nas minas e em 6 o número máximo de horas de trabalho para as crianças com menos de 16 anos. “Como vocês podem ver”, ironizava Cafiero, “não é por acaso que nosso magnânimo soberano havia declarado, no discurso inaugural da presente sessão, entre os aplausos de seu Parlamento, que o bem-estar das classes operárias preocupava constantemente seu pensamento”. Em seguida, Cafiero criticava novamente a posição de Garibaldi, que “depois de sua esteira no Parlamento e no Quirinale, tem continuado a atuar de forma a merecer os aplausos da burguesia mais reacionária, em detrimento da burguesia radical e republicana que havia confiado muito sobre sua vinda para Roma”. Recentemente ele havia até encontrado o príncipe de Torlonia, um banqueiro romano que estava realizando obras de bonificação na Itália central. O encontro, junto com o restabelecimento de boas relações entre o rei Vittorio Emanuele II e o papa Pio IX, foi comentado duramente por Cafiero:

Vittorio Emanuele, Pio IX, Garibaldi e Torlonia apertam suas mãos, eles representam o Estado, a Igreja e a burguesia tanto radical quanto conservadora, juntas em um único feixe. É a santa liga do passado contra o

540 V. nota 512.

541 A decisão foi tomada no 3 de fevereiro de 1875. Ver o documento no ASBO, *idem*, busta I.



porvir, a última carroça da reação, que se prepara para receber o assalto supremo da Revolução.

A conclusão hiperbólica confirmava a atitude extremista do italiano diante das novas dinâmicas políticas, assuntos que os internacionalistas simplesmente ignoravam. Todavia, esta postura, que era comum tanto a Cafiero quanto a Costa e Malatesta, respondia a uma exigência estratégica que dizia respeito à composição interna do movimento, pois “enfraquecendo o peso dos grupos intermédios (como o garibaldino) ele reforçava o movimento extraparlamentar e apresentando para as massas populares eficazes palavras de ordem de fácil compreensão simplificava suas escolhas” (MASINI, 1974, p. 164). A contraposição frontal, o choque entre dois blocos distintos, a tão invocada Revolução Social: era isso que os internacionalistas mais representativos estavam ainda procurando e, por esta razão, “eles precisavam identificar a reação como um 'inimigo' forte e compacto para lhe contrapor, ainda que de forma hipotética, uma formação igualmente forte e compacta” (*idem*). Neste sentido, o bloco reacionário agora podia contar também com o apoio da burguesia que o correspondente do *Bulletin* chamava de “radical” e que incluía figuras históricas como a de Mazzini e de Garibaldi, as quais por muito tempo foram apenas causa de equívocos dentro do movimento internacionalista e protossocialista. Além disso, nas palavras de Cafiero, a “questão social” não era apenas um assunto socioeconômico a ser discutido e resolvido com urgência, mas expressava a mencionada contraposição entre as classes exploradas e as classes exploradoras, legitimando também a revolta emancipadora do proletariado.

Como vocês podem ver, tudo se amalgama, tudo se funde. Todos os partidos políticos se decompõem no grande caldinho da burguesia hedonista e exploradora. Hoje na Itália as posições se definem de forma cada vez mais clara e franca: a burguesia toda, de todas as cores, coaliza-se contra o proletariado. Esta situação é de grande ajuda para os socialistas revolucionários: pois mais a questão social está colocada com clareza, mais nós estamos perto de uma solução. (*Bulletin* de 23 de março de 1875)

Ao lado das considerações de cunho mais ideológico, Cafiero continuava abordando os aspectos mais contraditórios da atual fase política italiana – cujos efeitos agravavam as já precárias condições de vida dos subalternos – e ironizava amargamente sobre as soluções propostas pelo governo. A propósito da Sicília, por exemplo, ele afirmava que

os jornais burgueses fizeram uma estranha descoberta. Um deles, que tem a

reputação de ser um órgão oficial do governo, declarou que a causa verdadeira, única e fatal para o atual estado das coisas na Sicília, são as imensas propriedades agrícolas e a profunda miséria do proletariado. Estes hipócritas recomendam à comissão governamental estudar sobretudo a forma em que a propriedade está dividida na Sicília, como se eles já não o soubessem. (*Bulletin* de 22 de agosto)

Além disso, ele destacava o surgimento de alguns fenômenos representativos dessa época, como a atuação das bandas de *briganti* na Sicília, a crescente emigração das províncias meridionais em direção à América do Sul e, sobretudo, “a praga pior”, isto é, “o tráfico de crianças”: um elemento inédito na história social do país, dramática consequência das transformações econômicas em curso.

Na Itália, nas províncias onde a natureza é mais rica, há criaturas tão miseráveis, tão profundamente abatidas pela escravidão econômica, que elas chegaram a traficar seus próprios filhos. Meninos e meninas de cinco ou seis anos, vendidos para os especuladores [...] e submetidos a tais tratamentos que a própria burguesia ficaria envergonhada, se não tivesse perdido qualquer rastro de humanidade. Em todas as praças públicas de Paris, Londres, Nova Iorque encontram-se crianças *calabresi* que, sempre esfarrapados e emaciados, morrem de fome. (*Bulletin* de 4 de abril)

De fato, o custo dos bens de primeira necessidade continuava sendo insustentável para as classes mais baixas e as notícias de novos assaltos aos padeiros em Roma confirmavam o difundido descontentamento popular. Por esta razão, o conhecimento de Cafiero, embora parcial e fragmentário, das noções da economia marxista – que ele aprofundou também na troca de correspondência com Engels em 1871 – permitia-lhe conectar estes fenômenos com as dinâmicas de uma economia protocapitalista como a italiana da década de 1870. De fato, na Lombardia, região que estava experimentando as formas mais avançadas de inserção do sistema capitalista tanto na cidade quanto no campo,

l'exploiteur immédiat du paysan est le fermier, qui finit souvent par devenir plus riche que le propriétaire du terrain lui-même. Il ne reste au paysan qui cultive la terre que la misérable récolte du maïs; tous les autres produits du sol appartiennent au fermier. Le paysan doit en outre au fermier des journées de travail à un prix convenu [...]. Maintenant, dites-moi quel moyen il reste au pauvre paysan pour obtenir le droit de vivre, sinon la conspiration, l'émeute et l'emploi de la force brutale, soit par les représailles individuelles, soit par la révolution? (*Bulletin* de 11 de abril)

Eis, portanto, um dos principais objetivos das correspondências de Cafiero no

jornal suíço: justificar as revoltas populares espontâneas provocadas pelas crises econômica e alimentar do biênio 1873-1874 e, desta forma, justificar também a propaganda revolucionária realizada pelo *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale* em vista das tentativas insurrecionais. Tratava-se de uma operação forçada, uma leitura ideologizada das dinâmicas históricas e sociais, já que, como vimos, a maior parte das massas proletárias italianas, embora tivesse simpatizado para a propaganda revolucionária do CIRS, não aderiu aos motins do verão de 1874 organizados pela FI-AIT. A atuação de Cafiero através do *Bulletin*, no entanto, de um lado servia à difusão dos ideais emancipatórios propugnados pela Internacional, os quais não teriam encontrado espaço na Itália “liberal” da segunda metade do século XIX, e do outro respondia às necessidades de coerência ideológica da propaganda de Cafiero e seus companheiros, a qual prosseguia e integrava o anarquismo revolucionário de matriz bakuniniana. De qualquer forma, no mês de abril, depois de seis meses de colaboração com o jornal da *Fédération Jurassienne*, Cafiero suspendeu temporariamente o envio de suas correspondências para realizar uma rápida viagem à Itália onde, como veremos, continuou o trabalho clandestino em nome da Internacional e acompanhou os julgamentos de todos os companheiros detidos.

### 5.3 “A montanha pariu um rato”

A quase dez meses de distância dos motins de Bolonha e de Castel del Monte, e depois da longa fase de repressão e perseguição governamental contra os internacionalistas, a Federação Italiana estava começando novamente a mostrar sinais de vitalidade, embora estivesse estrangida a atuar de forma oculta e clandestina. Neste período uma das figuras centrais no processo de reorganização do movimento no país foi Francesco Pezzi<sup>542</sup>, que já no final de abril de 1875, depois de um breve exílio na Suíça, encontrava-se na cidade de Florença. Conforme a documentação policial publicada por Bassi Angelini (2004, p. 49) ele teria recebido, com o apoio e o suporte de Cafiero, uma grande quantia de dinheiro para tentar organizar uma nova insurreição entre a primavera e o verão daquele ano, um plano que eles

---

542 Francesco Pezzi (1849-1917): internacionalista de Ravenna que após ter contribuído na organização da revolta de Bolonha, refugiou-se na Suíça com sua esposa Luisa Minguzzi (1852-1911), onde os dois cuidaram de Bakunin nos últimos meses de vida. Em seguida o casal continuou a militar no movimento internacionalista e anarquista, sofrendo várias prisões e passando um período de exílio na Argentina juntos com Malatesta.

foram obrigados a adiar. Na mesma situação encontrava-se também Emilio Covelli, da seção internacionalista de Nápoles, o qual neste período recebia dinheiro da Suíça “ao que parece por parte de Cafiero e para propósitos socialistas”<sup>543</sup>. A viagem do colaborador do *Bulletin*, portanto, não foi casual: antes de partir para a Itália ele enviou uma carta aos internacionalistas do Jura que foi lida durante uma reunião secreta realizada em Neuchâtel entre Guillaume, Joukowsky, Pindy, Fliquet e Brousse, “na qual se discutiu a esperança de uma boa organização socialista que consiga provocar a revolução”. Ele informava encontrar-se em Locarno de onde estava “empenhado na organização grupos armados com Zanardelli e Nabruzzi”, confiando na eclosão no próximo outono de um movimento “em sentido comunista em Lyon, em Paris e contemporaneamente na Romagna”<sup>544</sup>. Em seguida também as autoridades suíças, questionadas pelo *Ministro degli Esteri*, confirmaram que “Cafiero vendeu suas propriedades para utilizar os proventos na compra de armas que estariam concentradas em Lugano e que deveriam servir para um próximo evento insurrecional a ser tentado por meio de grupos armados em diferentes localidades do Reino” (AA. VV. 1960-2000, vol. VI, p. 311). Por fim, ainda no mês de agosto, a polícia de Nápoles assinalava a vinda na cidade de um internacionalista siciliano (La Garda), o qual teria “recebido de Cafiero a missão de cuidar da organização de bandas armadas no caso de um movimento insurrecional”<sup>545</sup>.

De fato, já no final de abril de 1875, o *Ministro dell'Interno* foi informado de que os internacionalistas, “sob sugestão de Bakounine e de Cafiero”, pretendiam “constituir entre os operários sociedades com o aparente escopo da ajuda mútua”. Na real “os bakunistas [sic]”, almejavam

criar nas diferentes províncias sociedades sob o nome de Consórcios Alimentares e com o objetivo aparente de fornecer aos sócios os alimentos ao melhor preço, mas com a intenção de agir em seguida sobre os componentes dessas sociedades e transformá-las em verdadeiras associações internacionalistas, as quais assumiriam secretamente o nome de Famílias de Adamo<sup>546</sup>.

Mas embora a polícia assinalasse a criação de uma Família de Adamo na cidade de Turim, não foi possível confirmar a presença de sociedades desse tipo em outras regiões da Itália. Por outro lado, acredito que não seja uma coincidência o fato de que no final de abril

543 Comunicação do *Ministro dell'Interno* ao *Prefetto* de Nápoles de 20 de junho de 1875, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 205.

544 Comunicações policiais de 7 e 8 de maio de 1875, no ASN, *idem*.

545 Comunicação de 2 de agosto de 1875, no ASN, *idem*.

546 Comunicação do *Ministro dell'Interno* ao *Prefetto* de Nápoles de 26 de abril de 1875, no ASN, *idem*.

daquele ano, isto é, justamente na época da vinda de Cafiero para a Itália, foi anunciada para o dia 15 de maio a publicação em Nápoles do periódico *Il Socialista*. O cartaz impresso que propagandeava a criação do novo jornal não era assinado, mas as declarações programáticas aí contidas não deixavam dúvidas sobre a origem do documento, isto é o âmbito do internacionalismo partenopeu, em particular em torno da figura de Emilio Covelli. De fato, podia-se ler no cartaz que

O programa está no seu nome, que é expressão da luta entre a burguesia e o proletariado, é afirmação do princípio social contra o egoísmo na economia e na política, é aspiração por uma solução da questão social, que não seja mais a concorrência homicida de hoje, nem sequer o regresso a qualquer tipo de autoridade.<sup>547</sup>

Os argumentos utilizados, os termos relativamente moderados e as referências à esfera econômica apontavam claramente em direção a Covelli, cujos estudos na Alemanha e cuja não participação nas tentativas insurrecionais do ano passado o tornavam a pessoa mais apta para levar adiante a nova experiência editorial. No entanto, como sabemos, a atividade dos internacionalistas napolitanos estava atentamente vigiada pelas autoridades, que indicavam entre os colaboradores da nova publicação também os nomes de Schettino, Malon, Bakunin e Zanardelli<sup>548</sup>. Foi assim que a polícia napolitana resolveu prender Tommaso Schettino, o qual não apenas estava ainda foragido após seu envolvimento na compra das armas para os motins, mas era também um dos principais responsáveis para a redação e a difusão na cidade do *Il Socialista*. O *Prefetto* de Nápoles podia portanto comunicar com satisfação ao *Ministro dell'Interno* que “a prisão de Schettino desconcertou bastante os internacionalistas e tornou complicado encontrar acionistas para o jornal *Il Socialista*, que não poderá ser publicado em breve”. E embora Covelli tivesse a pretensão de “superar os obstáculos e publicá-lo no 1º de junho”<sup>549</sup>, a operação policial obrigou os redatores a adiar a saída do jornal de pelo menos um ano.

De qualquer forma, havia uma razão ainda mais importante que levou Cafiero a regressar novamente à Itália, ou seja, o início dos julgamentos contra os companheiros imputados e detidos: ele precisava portanto de notícias de primeira mão sobre o andamento

547 O documento, datado 27 de abril de 1875 e apreendido pela polícia, encontra-se no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 205.

548 Comunicações entre o *Ministro dell'Interno* e o *Prefetto* de Nápoles de 12 e 13 de maio de 1875, no ASN, *idem*.

549 *Idem* de 19 e 27 de maio de 1875, no ASN, *idem*.

dos processos para refutar as mentiras da imprensa conservadora, a qual teria certamente aproveitado da ocasião para renovar sua propaganda antissocialista. Entre os dias 4 e 8 de maio de 1875 foi realizado em Roma o primeiro julgamento contra os internacionalistas detidos, durante o qual eles denunciaram as torturas da polícia utilizadas para lhes extorquir confissões de crimes inexistentes. Todavia, a primeira decisão do Tribunal foi particularmente dura, pois todos os dez imputados foram condenados a penas que iam de três meses até dez anos de cárcere ou de trabalho forçado (cf. GALASSI, 1989, p. 143)<sup>550</sup>. Um artigo que me inclino a atribuir a Cafiero, publicado no periódico *La Plebe* (16 de maio de 1875) e traduzido por Guillaume no *Bulletin de la Fédération Jurassienne* (23 de maio), dava conta do julgamento romano, que foi “levado adiante com uma desfaçatez tão revoltante que não tem precedentes na história esplendente da nossa magistratura monárquica”. Ele destacava os argumentos retóricos, a prevenção e as injúrias do Presidente contra os imputados, assim como o fato de que o corpo das testemunhas fosse formado apenas por policiais, enquanto os jurados eram “todos burguesinhos gordos”.

Além disso, Cafiero elogiava o trabalho realizado pelos advogados da defesa, que tentaram enfatizar “as irregularidades, os arbítrios e a premeditação dos processantes”, sobretudo o “jovem advogado Petroni” que “defendeu o socialismo e em particular a Comuna de Paris”. Como veremos também nos outros julgamentos – sobretudo no de Bolonha, o maior de todos –, os tribunais tornaram-se o lugar onde os presos políticos podiam manifestar publicamente suas opiniões e responder às acusações da magistratura, provocando animados debates que chamavam a atenção da opinião pública. Por esta razão os processos contra os internacionalistas tiveram sempre uma grande presença de público nas salas dos tribunais onde foram realizados, gerando inevitavelmente uma forte empatia entre os imputados e o auditório<sup>551</sup>. Assim foi o caso de Roma, onde os presentes não apenas contestaram a atitude incriminatória da presidência, mas aplaudiram as defesas dos advogados e vaiaram a sentença final com gritos e apitos. Ao sair do tribunal, contava Cafiero, os condenados – que tiveram de alcançar a pé e algemados o cárcere da capital – encontraram o caminho cheio de pessoas e curiosos, entre os quais alguns conhecidos que cumprimentaram com um simples

550 Dois meses depois (17 de julho de 1875) a sentença foi anulada e os internacionalistas injustamente detidos foram finalmente libertados. Cf. ROMANO (1954, vol. II, p. 447-449).

551 Algumas das autodefesas dos internacionalistas, como as de Natta e Costa, tornaram-se até material de propaganda impresso, ver COSTA (1876) e o volume organizado por MERLI (1958). Naqueles dias (12 de setembro de 1875), o periódico de Lugano em língua italiana *L'Agitatore* [O Agitador], criado por Zanardelli, Nabruzzi e Joseph Favre, publicou o discurso de Luigi Castellazzo no Tribunal de Florença com o título de “*L'Anarchia difesa innanzi alla Monarchia*” [A Anarquia defendida diante da Monarquia].

“Arrivederci” [Até logo].

No que dizia respeito ao processo *pugliese* contra Malatesta e companheiros, ainda esperava-se o início do julgamento por parte do Tribunal de segunda instância, enquanto a detenção no cárcere de Trani estava se revelando particularmente dura e cruel devido às torturas policiais, que em um artigo publicado no *La Plebe* (1º de julho de 1875) eram descritas como “diabólicas” e “dignas apenas do mais brutal dos despotismos”. Por outro lado, a partir de 30 de junho começou também o julgamento dos internacionalistas de Florença, que envolvia 35 pessoas acusadas sumariamente de conspiração, sem que tivessem reais indícios de sua responsabilidade penal. Conforme Romano (1954, vol. III, p. 176), a polícia local, assim como no caso de Roma, “havia construído sua acusação não tanto sobre dados efetivos, mas sim sobre elementos fantásticos”, contribuindo para criar na opinião pública a sensação de uma perseguição imotivada ou pelo menos exagerada. Neste sentido, a orientar os comentários do auditório e as convicções dos jurados ao longo do processo, que terminou apenas no 30 de agosto, foi também a deposição de Garibaldi, o qual expôs, embora de forma confusa e genérica, suas crenças socialistas e sua defesa da Internacional<sup>552</sup>. Além disso, graças à imensa documentação produzida pela polícia durante as investigações, os magistrados expuseram um detalhado perfil biográfico dos principais imputados, relatando os principais acontecimentos de sua militância internacionalista. A figura prominente era sem dúvida a de Costa, cuja descrição merece ser citada amplamente. Já na primeira sessão o magistrado afirmou que

Deve-se [...] a Andrea Costa de Ímola, a rápida formação e o desenvolvimento da Internacional italiana: ele, jovem inteligente, esperto, ambicioso, operosíssimo, consagrou sua vida a isso. Vimos ele incansável na organização das seções, das federações locais e regionais, na orientação das sociedades operárias neutrais em direção à Internacional, na eliminação das dúvidas e das dificuldades, em mobilizar os indecisos, em excitar os tímidos, em combater com qualquer meio a resistência e os revoltados: a correspondência da Comissão de Correspondência da Federação Italiana para os anos 1872 e 1873 apreendida a Natta é um monumento precioso que revela qual foi sua prodigiosa atividade, qual influência predominante ele exerceu e como em pouco tempo ela conseguiu organizar a federação de forma vigorosa e prometedora. (*Apud* BOTTERO, 1875, p. 319)

Entre os imputados florentinos, só os principais expoentes da seção local reivindicaram sua filiação à Internacional, isto é, Natta e Poggiali (Grassi estava foragido),

---

552 Ver o relato publicado por Cafiero no *Bulletin* suíço de 22 de agosto de 1875.

enquanto todos negaram defender a adoção de métodos violentos. Natta, que na sua longa autodefesa lembrava as desumanas condições de trabalho do proletariado italiano, afirmou que “as injustiças e os sofrimentos do operário, que é vítima do capitalista e do monopólio e que encontra apenas promessas vazias [...], justificam plenamente a existência desta associação, que tem como objetivo imediato a organização do *Trabalho*” (*idem*, p. 503). Os dois chegaram até a excluir a relação entre a associação dos trabalhadores e o *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*, o qual foi definido paradoxalmente como “um comitê autoritário” e uma “manobra dos inimigos da Internacional”<sup>553</sup>. Era obviamente uma falsidade, mas que contribuiu parcialmente para criar ao redor dos imputados uma aura mais aceitável aos olhos dos jurados, já que a propaganda realizada nos tribunais não possuía o tom profético e catastrófico dos boletins do CIRS: de fato, em 30 de agosto, o Tribunal de segunda instância de Florença absolveu e libertou entre os aplausos do público todos os internacionalistas imputados<sup>554</sup>.

A intenção de Cafiero de acompanhar de perto os processos contra seus companheiros e de informar adequadamente os leitores do *Bulletin* o levou justamente para Florença, onde sua presença no verão (julho) de 1875 é confirmada pelo testemunho do jovem internacionalista Scarlatti (1909, p. 34-35). No mesmo período, uma carta inédita de Giovanni Bovio, irmão de Gennaro (que foi advogado da defesa no processo pugliese), relatava um encontro em Nápoles entre os dois, após o qual Cafiero teria ido para Rimini e finalmente para a Suíça<sup>555</sup>. De Baronata ele retomou a colaboração com o jornal suíço já a partir da edição de 25 de julho, comentando os primeiros processos contra os militantes da Internacional, nos quais “o governo dá suas ordens para os magistrados que têm de julgar e para os espões que servem de testemunhas pagas”, e onde “os jurados são atentamente escolhidos entre os amigos da polícia ou entre a burguesia mais idiota e grosseira”. Neste sentido, as crônicas de Cafiero resultam particularmente significativas, pois o próprio governo, para evitar que a propaganda socialista saísse das salas dos tribunais, havia proibido à imprensa de publicar qualquer relatório ou comentário sobre os julgamentos em curso contra os internacionalistas. Ele relatava também as medidas excepcionais tomadas pelas autoridades para limitar a presença do público nos tribunais: em Florença, por exemplo, a polícia havia até

553 V. MERLI (1958) e ZANGHERI (1993, vol. I). De forma geral, sobre o julgamento florentino ver toda a documentação recolhida por BOTTERO (1875).

554 Menos dois que foram condenados por fabricação e detenção de armas, e de um criminoso comum condenado por roubo.

555 Uma cópia desta missiva, datada de 12 de agosto de 1875, encontra-se no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 205.



proibido o acesso à rua do tribunal, identificando todos os cidadãos que procuravam transitar por ali. No que dizia respeito à postura dos imputados ao longo do processo, Cafiero de um lado elogiava a atitude de Natta – que “apesar das contínuas interrupções e dos protestos do presidente, conseguiu falar do ateísmo, da anarquia e do coletivismo” – e do outro censurava, chamando-os pelo nome, a atuação dos delatores, que “através de ameaças ou de dinheiro, resolveram comprar a impunidade fazendo umas revelações”. Quanto às palavras utilizadas pelo magistrado da acusação, ele

tem declarado que [a Internacional] era uma sociedade de luta, de ação, que quer o incêndio, o roubo e o massacre, a desordem, em uma palavra todo o mal possível; mas, agradecemos o céu!, pois ele não aplicou a qualificação que havia recebido em algumas ordens de prisão que se tornaram históricas: Associação de malfeitores! (*Bulletin* de 22 de agosto)

De qualquer forma, como já havia acontecido com sua primeira prisão em 1871 e em outras ocasiões, ele estava convencido de que as perseguições, os julgamentos e o temor antissocialista mostrado pelas autoridades tivessem, afinal, beneficiado a associação. Por esta razão, Cafiero concluía o artigo afirmando que o processo de Florença

mais ainda daquele de Roma, contribuirá a tornar popular nossa causa na Itália [...].  
Quanto maiores forem as perseguições, maior será o sentimento de solidariedade entre os oprimidos. Numerosas listas de subscrição estão circulando na Itália toda em favor dos bravos de Roma condenados. (*Bulletin* de 25 de julho)

O primeiro contribuidor (50 francos) para os companheiros de Roma foi justamente o redivivo *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*, conforme informava Cafiero no *Bulletin* de 8 de agosto, uma edição em luto para o massacre de operários que trabalhavam na construção do túnel do monte Gottardo<sup>556</sup>. Quanto ao julgamento de Bolonha, “rien de nouveau”, pois os imputados continuavam detidos sem que se tivesse nenhuma previsão para o início do processo: evidentemente, comentava Cafiero, “la police n'a pas trouvé les éléments nécessaires pour monter la machine”. De fato, a única novidade era representada pelo ato de acusação redigido pelos magistrados no 30 de junho de 1875, em que

---

<sup>556</sup> No final de julho de 1875 os operários italianos empregados em Göschenen na realização do túnel entraram em greve por causa das condições insuportáveis em que eram submetidos a trabalhar. Depois de alguns dias de inúteis contratações, o dono da empresa resolveu invocar a intervenção das forças armadas que mataram quatro e feriram um grande número de pessoas. V. também STELLA (2016).

se mantinha a imputação de “conspiração e atentado contra a segurança interna do Estado” contra 66 internacionalistas, entre os quais o próprio Costa, considerado não apenas como cúmplice (já que havia sido preso antes do motim) mas sobretudo como a mente organizadora da revolta<sup>557</sup>. Enquanto isso, os detidos continuavam sendo tratados com excessivo rigor: de fato, “Costa e Faggioli são doentes; é-lhes proibido ler qualquer jornal e escrever algo; a única leitura que lhes é permitida é a das gramáticas de língua estrangeira” (*Bulletin* de 15 de agosto de 1875). De forma similar, também a situação do “coitado” Malatesta no cárcere de Trani não era das mais felizes, já que a prolongada detenção lhe havia causado alguma doença respiratória.

[...] sem dúvida está nos planos de nossos algozes sufocar uma existência tão jovem e nobre entre as paredes pútridas e silenciosas de uma prisão. Os jovens com o temperamento de Costa, Natta, Malatesta, são condenados de antemão: eles estão demais firmes em seus princípios e demais enérgicos para ser vencidos, e este é o único delito que lhes pode ser imputado. (*Bulletin* de 8 de agosto)

Mas, finalmente, após um ano inteiro de detenção, entre os dias 1º e 5 de agosto daquele ano, foi celebrado também o processo de Trani para o motim de Castel del Monte, cujo júri, conforme uma carta de Bari publicada no *La Plebe* (26 de agosto), era formado “por ricos proprietários da província [e], pelos principais burgueses”. Os imputados eram apenas catorze, dos quais sete foram absolvidos em primeira instância por falta de provas, enquanto os internacionalistas Malatesta, Schettino, Matteucci, Talamo, Molinini, Calò e Pappagallo foram julgados pelo Tribunal de segunda instância. Todavia, como vimos, diferentemente dos processos de Roma e de Florença, a acusação não era de “conspiração e atentado” mas sim de “cumplicidade no crime de ciente subministração de armas e munições para formar grupos armados”. Além disso, as boas relações de Malatesta com o diretor do cárcere de Trani, se não lhe consentiram evitar uma dura detenção, pelo menos tornaram-se úteis na preparação da defesa para o processo: de fato, “combinaram-se em cárcere de antemão as versões dos fatos, as testemunhas etc.” com os advogados Lamberto Valbois, Gennaro Bovio e Nicola Covelli, irmão de Emilio (FABBRI, 1939, p. 91)<sup>558</sup>. Como era previsível, os magistrados tentaram descreditar ulteriormente os imputados aos olhos dos jurados, apresentando-os como ladrões e estupradores, mas não conseguiram convencê-los, já que ficaram “quase sempre impassíveis

557 Ver o ato de acusação completo publicado no *L'Agitatore* (1º de setembro de 1875) e republicado por Cafiero no *Bulletin* (12 de setembro)

558 V. também a edição de 20 de agosto de 1875 do *L'Agitatore*.

ou mostraram profundo desprezo” ao escutar a sequência de “calúnias, de insolências, de malignidades inomináveis” proferidas contra os jovens presos (*La Plebe* de 26 de agosto). Além do mais, todos os sete imputados aproveitaram da situação para declarar abertamente sua fé nos princípios emancipatórios da Internacional, defendendo sua atuação em defesa das classes trabalhadoras e contra as instituições estatais. Isso provocou a simpatia tanto do numeroso público que participou das sessões no tribunal – pois “viam naqueles poucos jovens sentados no banco dos imputados os primeiros mártires de uma ideia a qual confiam todas suas esperanças e *seu porvir*” (*idem*) –, quanto os jurados que, afinal, pronunciaram no dia 4 de agosto um veredito de absolvição para todos<sup>559</sup>. Conforme Cafiero, depois da sentença

eles foram apertar a mão dos acusados e mesclaram-se no meio da multidão, que fez uma verdadeira ovação para os socialistas quando eles saíram da prisão. Em toda a cidade, nas reuniões tanto privadas quanto públicas, nossos amigos foram objeto das demonstrações mais cordiais. (*Bulletin* de 5 de setembro)<sup>560</sup>

A razão desta decisão aparentemente contraditória do júri popular *pugliese* era simples e dizia respeito principalmente à grande adversão de toda a população do sul da Itália para a recém-unificação sob a monarquia dos Savoia, expressão da atávica dominação setentrional. Foi o próprio Malatesta a destacar este aspecto em uma passagem de um artigo publicado posteriormente no *Umanità Nova* (7 de outubro de 1920):

Fomos absolvidos apesar das declarações mais explícitas de anarquismo, de coletivismo (então dizia-se assim) e de revolucionismo porque então a burguesia, especialmente no *Mezzogiorno*, não percebia ainda o perigo socialista, e frequentemente bastava ser inimigos do governo para se tornar simpáticos aos jurados.

Nos comentários redigidos pelo *Bulletin* depois dos julgamentos, Cafiero destacava o extremo sigilo com que foram levados adiante os processos, já que a imprensa conservadora italiana, conforme as prescrições do governo, havia publicado pouquíssimas notícias sobre seu andamento. Além disso, à luz dos resultados das inúmeras perseguições contra a Internacional italiana, ele criticava o grande desperdício de dinheiro público para a

559 Uma cópia da sentença se encontra no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI. Tommaso Schettino, único dos imputados, foi transferido para o cárcere de Nápoles pois tinha sido envolvido em um outro processo judicial.

560 Por outro lado, FABBRI (1939, p. 91) afirmou até que “alguns deles pouco tempo depois procuraram aderir à Internacional”.

realização dos processos, como no caso de Florença onde, conforme uma estimativa do próprio Cafiero, foram gastos por volta de um milhão de francos (*Bulletin* de 19 de setembro). E se de um lado ele festejava a libertação de Malatesta (4 de agosto), do outro queixava-se pela lentidão com que procedia o processo de Bolonha, o qual “com cinismo foi adiado para novembro. Assim, ainda houve três meses de espera, depois de uma detenção preventiva que durou um ano” (*Bulletin* de 22 de agosto). Mas embora faltasse a palavra definitiva para os companheiros *bolognesi*, os internacionalistas interpretaram o resultado dos julgamentos como uma demonstração de força da componente italiana da associação dos trabalhadores e de fraqueza do governo e do corpo de polícia. Eles, de fato, não apenas não conseguiram comprovar a real existência de crimes tão graves como a conspiração e o atentado, mas os próprios júris populares desmentiram sempre as versões incriminadoras da acusação pública. Com razão, portanto, Cafiero podia afirmar que: “Afinal a montanha pariu um rato” (*Bulletin* de 12 de setembro).

A associação, no entanto, tirando alguns tímidos sinais de revitalização, encontrava-se literalmente aos pedaços e em muitos casos a atuação persecutória do governo havia alcançado pelo menos seu objetivo mínimo, isto é, afastar muitos desses jovens da militância internacionalista, sob a ameaça de novas prisões. Agora, tornava-se necessária uma longa fase de reconstrução e de reorganização em nível nacional que, depois de um ano de absoluta solidão no eremitério de Locarno, podia finalmente ser levada adiante com o suporte do amigo Errico e, quem sabe, inclusive do velho Bakunin. De qualquer forma, como vimos, a vida solitária conduzida por Cafiero enquanto esperava a libertação de seus companheiros não o levou a abandonar sua paixão revolucionária e os ideais emancipatórios da Internacional, mas, ao contrário, permitiu-lhe dedicar-se a um período de estudo e reflexão sobre as transformações econômicas e políticas em curso na Itália. Foi assim que ele, depois de uma última correspondência publicada na edição de 19 de setembro, suspendeu a colaboração com o jornal dos companheiros do Jura (que foi retomada apenas em fevereiro de 1876) e aprestou-se a receber a tão esperada visita do amigo napolitano.

## Sexto capítulo

### Liberdade e revolução

#### 6.1 Malatesta e Cafiero em viagem

Libertado no dia 4 de agosto, Errico chegou em Nápoles já no dia 6, onde de um lado foi recebido na estação de trem por cinco amigos que o esperavam e do outro foi imediatamente colocado “sob atenta vigilância” por parte da polícia partenopeia<sup>561</sup>. Como primeiro procedimento, era preciso visitar Cafiero em Locarno para avaliar a situação do movimento internacionalista no país depois de um ano de ausência forçada e encontrar a única pessoa que havia mantido os contatos com os companheiros da península. Ele conseguiu convencer a polícia de Nápoles de que seu deslocamento teria fins meramente comerciais, já que ele havia previamente acordado com as ferrovias o transporte de “centenas de quilos de macarrão e de azeite” para a Suíça, que serviriam para abrir uma loja por lá<sup>562</sup>. Na verdade, tratava-se provavelmente de uma encomenda alimentar do próprio Cafiero para a Baronata. Considerando a existência aventureira de Malatesta e seu impulso revolucionário não deve surpreender encontrar aqui um outro enigma biográfico difícil de ser resolvido. De fato, no começo de verão de 1875, portanto antes que ele tivesse saído da prisão de Trani, havia estourado na Herzegovina e no resto da Bósnia uma revolta dos povos eslavos contra a dominação turca. Isso despertou um grande interesse sobretudo na Rússia, onde de um lado o Czar foi pressionado a intervir para restabelecer a hegemonia cristã na região contra os muçulmanos, e do outro despertou um sentimento de solidariedade no movimento populista

<sup>561</sup> Ver as comunicações policiais de 6 e 10 de agosto de 1875 no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 205. Cf. BERTI (2003, p. 51).

<sup>562</sup> Ver as comunicações entre a polícia, o *Prefetto* de Nápoles e o *Ministro dell'Interno* de 3, 4 e 8 de setembro de 1875 no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 54 e *Prefettura, Gabinetto*, busta 205.

russo para os irmãos eslavos, com a criação de brigadas de voluntários que partiram para combater nos Balcãs. A discussão acerca da oportunidade de participar de uma revolta em que estavam envolvidos elementos religiosos e patrióticos (para não dizer nacionalistas), gerou um grande debate entre os populistas e os próprios bakuninistas, os quais interpretaram inicialmente o levante como uma claro episódio de luta de classe no qual era oportuno contribuir. Os internacionalistas suíços do *Bulletin* (29 agosto), ao abordar o assunto através de um texto do geógrafo anarquista Élisée Reclus que traçava a história política da região, afirmavam explícita e incautamente que se tratava de “uma *guerra social*; a luta dos camponeses cristãos contra os muçulmanos seria a luta dos *proletários rurais* contra os *proprietários*”<sup>563</sup>.

Entre os voluntários que resolveram partir para a Herzegovina havia não apenas alguns internacionalistas italianos (como Celso Ceretti) mas também os exilados russos e amigos de Bakunin Armand Ross e Sergej Kravčinskij<sup>564</sup>, que na época se encontravam em Paris e que em julho alcançaram os Balcãs. E o enigma biográfico diz justamente respeito à possível viagem e envolvimento de Malatesta na revolta dos camponeses eslavos antes de visitar o amigo italiano na Baronata. De fato, a eventual participação do internacionalista italiano da insurreição eslava enquadrava-se na lógica garibaldina de contribuir em todos os levantes populares contra qualquer dominação estrangeira, política ou religiosa que fosse. Não foi por acaso que o periódico *La Plebe* (15 de outubro) publicou um apelo do próprio general Garibaldi “Aos irmãos da Herzegovina e aos oprimidos da Europa Oriental”, em que ele os convidava a caçar os turcos opressores: “só assim”, concluía Garibaldi, “você poderão tornar-se livres e independentes”. Por outro lado, Malatesta em um artigo posterior afirmou que

Apesar das reservas que podemos formular, nós não podemos deixar de honrar em Garibaldi um dos espíritos mais largamente humanos, um dos corações mais bravos da Itália, lembrando que ele nos mostrou nos fatos como um povo pode combater e vencer.

Lembremos sobretudo o exemplo que ele nos deu toda vez que resolveu lançar sua espada através dos “projetos práticos” dos doutrinários.<sup>565</sup>

563 Cf. também VENTURI (1960, p. 559-561) e as edições do periódico *La Favilla* de 19 e 30 de setembro, e de 4, 6 e 23 de outubro.

564 Sergej Kravčinskij (1851-1895): revolucionário e ilustre expoente do populismo russo conhecido com o pseudônimo de Stepnjak. Após da experiência na Herzegovina Stepnjak acompanhou Cafiero e Malatesta na tentativa insurrecional do Matese em 1877 e contribuiu na implementação da chamada “propaganda pelo feito”, mantendo em seguida ótimas relações com o movimento internacionalista e anarquista italiano. Cf. MOLINARI/SINIGAGLIA (1981)

565 O artigo, publicado inicialmente em francês no periódico *Le Révolté* (10 de junho de 1882), encontra-se hoje

Ora, conforme um biógrafo de Kravčinskij (TARATUTA *apud* MOLINARI/SINIGAGLIA, 1981, p. 19-22), o russo teria conhecido Malatesta no campo de batalha e com ele e Ross teria voltado para a Suíça para visitar Cafiero e em seguida o próprio Bakunin<sup>566</sup>. Mas além de uma correspondência da Herzegovina publicada no *La Favilla* (6 de outubro) – em que se informava que os italianos que permaneciam combatendo eram nove e que “muitos voltaram atrás pois não conseguiram suportar os sofrimentos e as fadigas que a guerra nestas montanhas comporta” – não foi possível confirmar de forma alguma esta hipótese biográfica. A única pista que poderia ser seguida está na minuta de uma carta enviada por James Guillaume a Olimpia Kutuzova (30 de novembro de 1907), em que o internacionalista suíço escreveu: “Eu sei que Malatesta veio para Baronata na segunda metade de agosto de 1875, ao sair da prisão depois do julgamento de Trani”<sup>567</sup>. Uma notícia que anteciparia a primeira visita do jovem italiano a Cafiero e que poderia deixar o tempo para um rápido deslocamento nos Balcãs antes da segunda viagem de Nápoles para a Suíça assinalada pela polícia<sup>568</sup>. No entanto, embora as referências sejam poucas e demais fugazes para poder comprovar esta viagem de Malatesta para a Herzegovina, é importante destacar que ele nunca abandonou este propósito ao longo de toda a crise balcânica e que, como veremos, conseguiu finalmente realizar seu desejo.

O que sabemos com certeza é que ao visitar Cafiero em Locarno e Bakunin em Lugano na primeira metade de setembro Malatesta contribuiu parcialmente para amenizar as relações entre os dois, as quais haviam permanecido frias após as polêmicas do ano passado. Infelizmente, ao visitar o velho revolucionário russo, ele constatou o péssimo estado de saúde do amigo (“em decomposição”) e seu total desinteresse para as questões políticas, italianas em particular<sup>569</sup>. Mas o reencontro entre os dois amigos italianos, cuja unidade de propósitos

---

traduzido para o italiano no almanaque de 1933 (AA.VV., 1933, p. 41-42). Para aprofundar a participação dos *garibaldini* na revolta dos Balcãs, ver o artigo de TERZUOLO (1982).

566 A própria revolta na Herzegovina teria revelado muitos aspectos contraditórios, entre os quais o risco de instrumentalização por parte do império czarista, que frustraram as expectativas dos voluntários em vista de uma possível revolução e os levaram a abandonar o campo de batalha. Neste sentido, pode-se ler a correspondência publicada por Ross no *Bulletin* (10 de outubro de 1875), em que ilustrava a desilusão das brigadas de voluntários ao entender melhor a situação na Herzegovina.

567 A carta, já mencionada, encontra-se nos AEN, *fond* James Guillaume, *dossier* 79.

568 Ao contrário, no livro de recordações redigido pelo advogado Giuseppe Barbanti-Brodano (1877), que participou da revolta e que dá conta das brigadas de voluntários italianos, ele não confirma a presença de Malatesta no campo de batalha.

569 A confirmar a frieza das relações entre Bakunin e Cafiero há duas cartas do segundo ao primeiro de 11 e 29 de agosto de 1875, publicadas respectivamente por GUILLAUME (2004, vol. III, p. 466-467) e NETTLAU (1923, p. 87). Cf. também MASINI (1974, p. 150) e BINAGHI (2002, p. 290).

não podia ser questionada, levou-os imediatamente a retomar a trama conspirativa: é a esta época que remonta um manuscrito programático da *Fratellanza Socialista Rivoluzionaria Italiana* [Fraternidade Socialista Revolucionária Italiana], praticamente idêntico aos anteriores, que foi apreendido de Malatesta ao longo de uma prisão sofrida em 1883<sup>570</sup>. Na parte final do documento, onde encontrava-se o Regulamento da sociedade secreta, admitia-se de um lado que “novas necessidades foram criadas pelas crescentes perseguições dos revolucionários” e, do outro, que a Fraternidade até agora “tem sido o que devia ser, o verdadeiro sinal, a alma e a condutora invisível da organização revolucionária dos trabalhadores na Itália”. Além disso, retomando o discurso abandonado forçadamente no ano passado, os “irmãos” decidiram que “a Fraternidade Socialista Revolucionária Italiana forma uma coletividade única e exclusiva que assume o título de Comitê Italiano para a Revolução Social”. Eram mantidas também todas as rígidas regras para a admissão de novos membros, conforme modalidades que podiam pertencer tanto aos ritos maçônicos quanto às conspirações do período *risorgimentale*, já que o artigo 9 do Regulamento dizia que quem entra na Fraternidade o faz “para a vida e para a morte”. A parte programática do documento retomava inteiramente os Estatutos anteriores e, ao reafirmar a preeminência do momento insurrecional, “insistia sobre a necessidade de não deixar-se arrastar ou seduzir por cálculos de oportunidade” (DELLA PERUTA *apud* BERSELLI, 1982, p. 90).

No entanto, os propósitos revolucionários dos dois amigos tiveram de ser adiados por diferentes razões: já no final de agosto, Cafiero encontrava-se em péssimas condições econômicas e resolveu apressar a venda da moradia de Locarno graças a intermediação de Guillaume. Mas a imobiliária de Genebra, responsável pela venda da Baronata, não encontrou imediatamente um comprador, obrigando assim Cafiero a planejar o abandono da vida solitária e uma mudança para Milão à procura de um emprego. Esta decisão, todavia, não foi apenas uma consequência de sua complicada fase econômica, já que também Olimpia estava intencionada a voltar para a Rússia “para continuar a propaganda” (GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 468) e que Malatesta foi obrigado a regressar a Nápoles, onde devia realizar o período de serviço militar obrigatório. Ao começo de setembro Cafiero conseguiu entrar em contato com um fotógrafo de Milão que lhe prometeu contratá-lo como ajudante (*idem*), enquanto Malatesta no dia 16 de setembro encontrava-se já na cidade partenopeia, onde começou seus

---

570 Devo ao dr. Davide Turcato, organizador das *Opere Complete* [Obras Completas] de Malatesta, a possibilidade de consultar este documento que se encontra no *Archivio di Stato* de Roma, fundo *Tribunale Civile e Penale*.



40 ou 50 dias de serviço militar como soldado de segunda categoria<sup>571</sup>. A polícia partenopeia, provavelmente graças à eficiente atuação de delatores, continuava sendo informada, quase de forma simultânea, de todas as intenções do pequeno grupo de internacionalistas: “Fui assegurado que os internacionalistas emigrados que se encontram atualmente na Suíça em poucos dias voltarão novamente a se estabelecer na Itália e que Carlo Cafiero em a intenção de morar em Milão”<sup>572</sup>.

Antes de realizar as viagens previstas, Olimpia e Carlo permaneceram ainda alguns dias na Baronata, onde receberam a inesperada visita de Bakunin: de fato, o revolucionário russo, uma vez descoberta a intenção do amigo de deixar a casa de Lugano, resolveu encontrá-lo para achar um acordo sobre a venda de sua mobília. Foi assim que no final de setembro, depois de um ano durante o qual os dois haviam praticamente interrompido as relações, Bakunin foi recebido com carinho na Baronata, “onde permaneceu por vários dias”: conforme Guillaume, os dois “voltaram a usar o 'tu’” (2004, vol. III, p. 469). Como demonstração de amizade, o casal, poucos dias depois, visitou o amigo russo na sua moradia em Lugano, onde encontraram o acordo desejado, pois Cafiero prometeu vender parte da mobília da Baronata para ele, enquanto Bakunin comprometeu-se a procurar um passaporte para a viagem de Olimpia à Rússia. As reuniões entre os dois amigos serviram também para definir as posições dentro do movimento, na espera do julgamento de Costa e dos outros companheiros de Bolonha: o *Ministro dell'Interno* foi informado da constituição (1 de outubro) de um suposto Conselho da Federação Italiana da AIT, do qual Bakunin seria presidente honorário, Cafiero vice-presidente, enquanto Gaetano Grassi e Emilio Borghetti seriam os secretários, e que receberia a correspondência em nome de “Marietta Focacci [Focaccia]” e de “madama Olimpia Korentousovv [Kutuzova]”<sup>573</sup>. Na real, tratava-se provavelmente de uma simples reunião da Fraternidade na qual foram definidos resoluções e responsabilidades futuras, já que alguns dias antes (29 de setembro) o cônsul italiano de Lugano havia informado o *Ministro dell'Interno* de que na hora da publicação da última edição do *L'Agitatore*

havia acontecido uma completa ruptura das relações entre o Caffiero [sic] e os diferentes chefes dos internacionalistas que moram em Lugano, em

571 Nos documentos de 16, 17 e 18 de setembro de 1875 (ASN, *Questura, Gabinetto, busta 54 e Prefettura, Gabinetto, busta 205*) estão indicadas duas durações diferentes do período de serviço militar.

572 Comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles de 17 de setembro, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 205*.

573 Comunicação do *Prefetto* ao chefe da polícia de Nápoles de 13 de outubro de 1875, no ASN, *idem*.

particular Zanardelli e Nabruzzi, pois o Caffiero não queria gastar mais nada para subsidiar estes e outros refugiados como fazia antes. (*Apud* BINAGHI, 2002, p. 257)

Não é possível afirmar com certeza a razão pela qual Cafiero interrompeu as relações com os antigos companheiros, mas acredito não seja coincidência que justamente na edição de 29 de setembro do jornal de Lugano os redatores resolveram reabrir a “questão Terzaghi”, publicando documentos que favoreciam o delator acusado e denunciado pelo próprio Cafiero. Além disso, como veremos, o pequeno núcleo de socialistas italianos refugiados em Lugano, junto com a colaboração de Joseph Favre<sup>574</sup> e Benoît Malon<sup>575</sup>, estavam prestes a criar uma nova corrente dentro do movimento, que constestava a linha intransigente e revolucionária de Cafiero e Malatesta, e que em breve teria provocado uma verdadeira cisão. De qualquer forma, no dia 3 de outubro o hipotético comitê de Locarno enviou uma circular para todas as seções italianas da Internacional convidando-as a redigir no menor tempo possível “um relatório sobre as estratégias utilizadas para procurar a adesão dos camponeses ao movimento do proletariado e a enviar delegados especiais no campo para fazer propaganda e criar sociedades agrícolas”<sup>576</sup>. Isto representava claramente o sinal para a retomada das atividades no território nacional e das “relações interrompidas com os socialistas, desorientados e dispersos, das diferentes regiões” (LUCARELLI, 1947, p. 54), agora que Malatesta se encontrava em liberdade e que Cafiero se aprestava a voltar na Itália depois de uma longa ausência. Em uma carta a Bakunin do dia 9 de outubro, que iniciava finalmente com “Meu querido Mikhail”, ele informava o amigo da chegada do passaporte para Olimpia e que eles teriam partido dois dias depois (*apud* GUILLAUME, *idem*). Na última carta ao amigo russo (10 de outubro), que Cafiero concluiu com “te abraço, Mikhail, te abraço forte, forte, te abraço de novo” (*idem*), ele se declarava disposto a um encontro com Olimpia, Bakunin e Antonia em Lugano. Assim respondeu Olimpia às dúvidas de Guillaume sobre os detalhes daquele encontro:

574 Joseph Favre (1849-1903): famoso cozinheiro internacional e ex-garibaldino que depois da guerra franco-prussiana refugiou-se na Suíça onde aderiu à Internacional (1874) e entrou em contato com o grupo de militantes italianos que moravam em Lugano. Com eles contribuiu para a criação do periódico *L'Agitatore* (agosto de 1875) e da “seção do Ceresio” (novembro de 1875).

575 Benoît Malon (1841-1893): ex-*communard* francês que se refugiou na Suíça, onde entrou em contato tanto com a corrente bakuninista quanto com a marxista. Aos meados da década de 1870 ele contribuiu na criação da corrente “evolucionista” dentro do movimento internacionalista italiano; em seguida ele se tornou um dos expoentes mais ilustres do socialismo francês. Cf. BRIGUGLIO (1978) e CIVOLANI (1982).

576 Comunicação do *Prefetto* ao chefe da polícia de Nápoles de 19 de outubro de 1875, no ASN, *idem*.

Antes de minha partida para a Rússia, fomos a pé até Lugano, Carlo e eu, juntos com outros dois ou três amigos, entre os quais Filippo [Serafino] Mazzotti, para dizer adeus a Bakunin. [...] Nossas relações eram ótimas. De Lugano voltamos para a Baronata. Em seguida eu parti para a Rússia e Carlo me acompanhou até Milão, onde permaneceu. (*Idem*, p. 470)<sup>577</sup>

No dia 12 de outubro Cafiero, Olimpia e Mazzotti foram até Milão, onde o casal separou-se definitivamente: a partir de então Cafiero, não sem uma certa amargura, “considerou dissolvida qualquer relação conjugal” (MASINI, 1974, p. 152). Esta foi a última notícia de Olimpia Kutuzova por muito tempo: de fato, a jovem revolucionária russa encontrou novamente o marido apenas em 1879 em Paris, depois de um duro período de propaganda e perseguições no país natal, que culminou com sua expulsão do império czarista. Cafiero, por seu lado, ao invés de iniciar seu trabalho de ajudante-fotógrafo em Milão – de acordo com o que comunicou a seus amigos<sup>578</sup> –, aproximou-se da única profissão que aparentemente lhe interessava e que podia satisfazer suas necessidades de propaganda, isto é, o jornalismo. De fato, entre outubro e novembro de 1875, Enrico Bignami<sup>579</sup>, fundador do periódico *La Plebe*, resolveu transferir a redação do jornal de Lodi para Milão, aumentando seu formato e tornando-o quotidiano. *La Plebe*, ao longo de quatro anos de vida da Internacional na Itália e apesar das inúmeras perseguições sofridas, conseguiu manter um importante papel na difusão dos ideais socialistas, graças não apenas à habilidade de seu diretor mas também ao ecletismo de seu grupo redacional. É oportuno lembrar que depois da intensa polêmica entre a corrente bakuninista e a marxista dentro da AIT ocorrida no biênio 1871-1872, Bignami foi o único e ilustre expoente do movimento italiano que manteve os contatos com Marx e Engels, aos quais tinha sido indicado pelo próprio Cafiero, e continuou publicando tanto os documentos oficiais do Conselho Geral quanto os principais textos dos dois socialistas alemães<sup>580</sup>. Isto, no entanto, não implicou um isolamento do jornal dentro do internacionalismo italiano, já que ele se mostrou sempre solidário e aberto a todas as

577 Em uma outra carta a Guillaume (31 de dezembro de 1907, nos AEN, *fond* James Guillaume, *dossier* 79) Olimpia afirmou que entre os amigos presentes na despedida de Bakunin havia também Ross.

578 O *Prefetto* de Nápoles informou o *Ministro dell'Interno* (12 de novembro de 1875) de que “Cafiero comunicou a seus amigos de Nápoles que ele pretende dedicar-se à arte fotográfica e que naquela cidade [Milão] ele poderia aprendê-la com mais facilidade”. O documento se encontra no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 205.

579 Enrico Bignami (1844-1921): militante mazziniano e garibaldino, ele fundou *La Plebe* em 1868, contribuindo grandemente no processo de definição ideológica do nascente movimento socialista. No entanto, a partir de 1876 se opôs firmemente à corrente anarquista e revolucionária e participou da criação da tendência evolucionista e moderada dentro da FI-AIT. Em seguida, continuou sua intensa atividade de publicista no movimento socialista. Cf. ANGELINI (1999).

580 Em uma carta de Engels a Friedrich Sorge (4 de janeiro de 1873, *apud* GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 56), o socialista alemão destacava a importância do jornal de Bignami para a influência do Conselho Geral na Itália. Cf. FRANCO (*apud* FAENZA, 1973, p. 311-321).

tendências, moderadas ou intransigentes que fossem. Não foi por acaso, portanto, que Bignami aceitou receber na redação do *La Plebe* o notório internacionalista que estava atravessando um período de dificuldade econômica e que, desta forma, teria podido contribuir diretamente no debate interno da associação, tentando influenciar também as componentes mais moderadas.

Quanto a Malatesta, não foi possível averiguar a duração efetiva de seu serviço no exército, mas muito provavelmente durou bem menos do que os 40 ou 50 dias previstos, já que se tratava apenas de um período de adestramento. Além disso, dois de seus principais biógrafos, isto é, Nettelau e Fabbri, concordam em colocar entre o final de setembro e o começo de outubro uma importante, embora rápida, viagem à Espanha. Conforme o historiador austríaco (1920), tanto Cafiero quanto Bakunin fizeram pressões para que Malatesta fosse até Cádiz para libertar o internacionalista e membro da Fraternidade Charles Alerini, detido aí depois da revolta de Alcoy de 1873. Durante sua permanência no território ibérico Errico visitou várias cidades (entre as quais Barcelona e Madrid) e encontrou outros “irmãos” internacionais (Morago); no entanto, seu esforço para a libertação do companheiro ficou frustrado, pois o próprio Alerini renunciou por duas vezes fugir do cárcere: “Alerini's revolutionary days were over” comentou laconicamente Nettelau<sup>581</sup>. Foi assim que Malatesta foi constrangido a regressar novamente a Nápoles através de uma longa e exigente viagem: ao parar em Ímola, conforme um testemunho de um socialista local, “ele foi obrigado, para alimentar-se, a vender seu relógio por seis liras”<sup>582</sup>. Quando na cidade partenopeia, o jovem internacionalista resolveu, de forma não surpreendente, aderir à maçonaria, cuja militância, por seu caráter secreto e favorável à conspiração em nome de supostos ideais igualitários, era então bastante comum entre os primeiros socialistas da península italiana. O próprio Malatesta, em um artigo posterior publicado no periódico anarquista *Umanità Nova* (7 de outubro de 1920), afirmou que depois do julgamento de Trani:

Eu voltava [para Nápoles] cercado por uma certa popularidade e a Maçonaria fazia pressões para que eu entrasse nas suas fileiras. Me fizeram a proposta. Eu objetei meus princípios socialistas e anarquistas e me responderam que a Maçonaria era para o progresso indefinido e que o anarquismo podia tranquilamente estar em seu programa; eu disse que não

<sup>581</sup> Cf. também NETTLAU (1923, p. 81), FABBRI (1939, p. 92) e GUILLAUME (2004, vol. III, p. 450). Ao contrário BERTI (2003, p. 60), não sei por qual razão, coloca a viagem de Malatesta para a Espanha entre o outono de 1876 e fevereiro de 1877.

<sup>582</sup> Artigo de Adamo Mancini no *La Rivendicazione* (12 de setembro de 1891). Devo ao dr. Davide Turcato a consulta deste documento.

teria podido aceitar a forma tradicional de juramento e me responderam que teria sido suficiente eu prometer lutar para o bem da humanidade; disse ainda que eu queria evitar as ridículas “provas” da iniciação e me responderam que eu teria sido dispensado. Em suma, eles me queriam a todo custo, e eu acabei aceitando... inclusive porque me veio à mente a ideia de repetir a tentativa falimentar de Bakunin de trazer de volta a Maçonaria a suas ideias originais e torná-la uma associação realmente revolucionária.

No entanto, como era previsível, Malatesta percebeu logo que a maçonaria “servia exclusivamente para favorecer os interesses dos *irmãos* mais espertos” e que os ideais emancipatórios e igualitários do anarquismo não teriam encontrado espaço no seu seio; a única coisa que ele podia fazer era continuar seu trabalho de propaganda também entre os irmãos da loja, onde “encontrei muitos jovens entusiastas abertos às ideias socialistas” (*idem*)<sup>583</sup>. O governo parecia seguir como uma sombra qualquer atividade do grupo de internacionalistas, embora eles estivessem articulando seus planos de forma geograficamente mais desordenada e instável, e, portanto, difíceis de ser acompanhados. O *Ministro dell'Interno* foi informado de uma circular, redigida por Cafiero no dia 24 de outubro, em que ele pedia às seções de Milão, Veneza, Roma, Bolonha, Nápoles e Palermo que “enviassem um delegado para Locarno para receber uma comunicação de suma importância”<sup>584</sup>. O relatório sobre a reunião enviado pelo próprio Ministro a todos os *Prefetti* do país, redigido em uma época coeva tanto do deslocamento de Cafiero para Milão quanto do ingresso de Malatesta na maçonaria, informava em detalhes as instruções recebidas pelos delegados italianos em Locarno:

De trabalhar ativamente para obter uma completa fusão do partido republicano com a seita internacionalista: esta deveria se unir ao primeiro para apoiar o sufrágio universal e a instrução obrigatória laica; o outro ajudaria a Internacional a obter uma diminuição da jornada de trabalho e um aumento dos salários. Os dois partidos deveriam fundar uma caixa geral de resistência chamada de Caixa geral do Progresso e seriam representados por um Comitê geral de 15 membros em Roma e por um Conselho central com 7 membros em Locarno. Teriam de ser criadas em cada município novas associações com o título de Círculos democráticos socialistas aos quais deveriam se inscrever todos os operários. Se a fusão acontecer eles procurarão tomar a direção dos círculos republicanos e transformá-los em internacionalistas; além disso, eles deveriam trabalhar para que os afiliados mais inteligentes e influentes da seita entrem nas Lojas Maçônicas e nas sociedades católicas juvenis para propagandear os princípios socialistas. Por

583 De fato, Malatesta permaneceu na associação por menos de dois anos e tornou-se em seguida um de seus mais férreos inimigos. Cf. também FABBRI (1939, p. 93).

584 Comunicação do *Prefetto* ao chefe da polícia de Nápoles de 4 de novembro de 1875, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 205.

enquanto eles teriam abandonado qualquer propósitos de formar bandas armadas, mas os sócios deveriam já a partir de agora estar divididos em grupos.<sup>585</sup>

Embora não tenha sido possível confirmar a efetiva existência do suposto pacto entre republicanos e internacionalistas para alcançar estes objetivos, a partir de então Cafiero e Malatesta foram envolvidos, a meu ver não por acaso, em muitas das atividades indicadas neste iluminante documento. De qualquer forma, um dos primeiros sinais do início da colaboração de Cafiero com *La Plebe* foi a intensa campanha do jornal em favor dos internacionalistas ainda detidos em Roma e Bolonha, começada a partir da edição de 15 de outubro. De fato, na primeira página do jornal o grupo redacional além de comunicar a abertura de uma subscrição para todos os companheiros detidos “por conspiração internacional”, pedia que todos os internacionalistas que já haviam sofrido prisões enviassem seus dados para a redação “de um opúsculo em que sejam resumidas todas as perseguições, os arbítrios, as iniquidades das quais muitos cidadãos foram vítimas”. Os próprios Malatesta e Covelli, cujas situações econômicas não eram das mais felizes, participaram da subscrição enviando 5 liras cada um (*La Plebe* de 21 de outubro). Não foi uma coincidência ver estes dois nomes juntos, já que a partir do final de outubro, isto é, da volta de Malatesta da Espanha, eles se empenharam na reorganização da Internacional em Nápoles, inclusive por meio da criação de um *Circolo di Studio Sociale* [Círculo de Estudo Social]. Eles de um lado procuraram a afiliação dos estudantes ao Círculo, enquanto “um núcleo de operários que propunha os princípios da Internacional, instigado por Malatesta, procura criar uma associação que no momento apropriado possa servir para os propósitos do partido”. Além disso, conforme a polícia partenopeia, os militantes mais radicais estavam tentando organizar uma nova sublevação armada, “embora eles estejam convencidos de que qualquer tentativa abrupta seria imediata e vigorosamente reprimida”: para este fim, no entanto, eles teriam criado um depósito de “bombas de dinamite” em Bolonha<sup>586</sup>.

A presença simultânea de Malatesta e Covelli em Nápoles, portanto, revitalizou o ambiente internacionalista e socialista local: uma primeira reunião entre os estudantes, para a aprovação do novo regulamento universitário, foi realizada no dia 5 de novembro e acabou gerando uma longa discussão e algumas polêmicas entre os participantes. Evidentemente, a propaganda socialista realizada por Malatesta – que embora tivesse deixado os estudos

<sup>585</sup> Comunicação de 24 de novembro de 1875, no ASN, *idem*.

<sup>586</sup> Comunicação do Prefetto de Nápoles ao Ministro dell'Interno de 15 de novembro de 1875, no ASN, *idem*, busta 235.

manteve sempre uma relação especial com o ambiente universitário partenopeu –, estava encontrando algumas adesões que resultaram no acirramento do debate estudantil. Por fim, a partir do dia 11 de novembro as autoridades locais assinalaram a mudança de Malatesta para a casa de Covelli, que por um certo tempo tornou-se o “centro de coordenação” das operações da Internacional napolitana<sup>587</sup>. Mas os dois expoentes meridionais mais representativos da associação não agiram de forma isolada, conforme induziria a pensar a atenta vigilância exercida pela polícia sobre todas suas atividades e seus deslocamentos, já que agora um importante meio de comunicação, difundido em nível nacional, permitia-lhe manter os contatos com a imprescindível figura de Cafiero. Ele só começou a contribuir ativamente na redação do *La Plebe* no final de novembro, resolvendo publicar gradualmente um conjunto de sete artigos sem assinatura, nos quais analisava, comentava e criticava a obra *Le tre Internazionali* [As três Internacionais] do companheiro romano Osvaldo Gnocchi-Viani, que havia sido publicada poucos meses antes justamente pela redação da *Plebe*<sup>588</sup>. Como veremos nas próximas páginas, isto lhe permitiu não apenas expor seu ponto de vista sobre o trabalho do amigo, mas também realizar uma elaborada reflexão sobre toda a trajetória da Internacional na Itália, aprofundando os aspectos ideológicos passados e presentes. Este importante trabalho de Cafiero, que pode ser finalmente considerado na sua integridade – já que até hoje biógrafos e historiadores o haviam detectado apenas em parte<sup>589</sup> –, merece ser analisado nos detalhes e portanto resolvi lhe dedicar um subcapítulo inteiro.

## 6.2 O socialismo na Itália segundo Cafiero

A trajetória ideológica do autor de *Le tre Internazionali* se por um lado assemelhava-se com a de muitos dos primeiros socialistas – que haviam passado pela militância garibaldina e mazziniana assimilando seus princípios –, do outro Gnocchi-Viani havia mostrado desde sua estreia no movimento uma sensibilidade particular em relação às problemáticas do mundo do trabalho, focando sua atuação na criação e organização das

587 Comunicações policiais de 6 e 15 de novembro de 1875, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 49.

588 Osvaldo Gnocchi-Viani (1837-1917): jornalista, militante garibaldino e mazziniano, em seguida foi um dos principais organizadores das sociedades operárias e internacionalistas de Roma, contribuindo por fim à formação de uma tendência moderada e obreirista que culminou com a criação do *Partito Operaio Italiano* [Partido Operário Italiano] em 1882. Cf. ANGELINI (1986).

589 Ver nota 144 do presente texto. ROMANO (1954) havia hipotizado a atribuição apenas do primeiro artigo, enquanto MASINI (1974) detectou e comentou os últimos três. Por outro lado, não entendo porque DELLA PERUTA (1952) atribuiu os últimos três artigos a Andrea Costa, já que ele se encontrava preso.

primeiras sociedades operárias romanas. Além disso, sua formação ideológica, que preservou em parte o pensamento de Mazzini, integrava as sugestões de certo socialismo utópico (Saint-Simon), as quais contribuíram significativamente para empurrar o autor em direção ao chamado “socialismo integral”, elaborado por Benoît Malon, sem que todavia isso tenha comportado uma adesão total a esta tendência (cf. BRIGUGLIO *apud* FAENZA, 1973). Isto fez com que, por exemplo, durante toda intensa e dura polêmica no seio da Internacional entre as correntes marxista e bakuninista no biênio 1871-1872 ele não tomasse uma posição clara e definida em favor de uma delas. Esta atitude eclética e experimental refletiu-se também na obra em questão, em que o autor tentou ilustrar as diferentes correntes que historicamente formaram, a seu ver, a Internacional na Itália e no exterior<sup>590</sup>. O pressuposto do volume de Gnocchi-Viani era que, ao lado das duas tendências principais que haviam se afirmado na associação dos trabalhadores a partir do congresso de 1869 – a comunista e a coletivista –, havia agora uma terceira que estava emergindo com força e que era representada pela *Lega Universale delle Corporazioni Operaie* [Liga Universal das Corporações Operárias], uma sociedade fortemente classista fundada a Genebra em 1874, cuja função principal era a ajuda mútua e que havia muitos pontos em comum com a atuação das *Trade Unions* inglesas.

Portanto, a Liga distinguia-se da atuação da AIT nos diferentes contextos nacionais, onde a Internacional promoveu prevalentemente ações de resistência contra o capital ou até contribuiu na organização de revoltas populares (como nos casos da Espanha e da Itália). Além disso, a organização defendida por Gnocchi-Viani, embora se declarasse universal e reconhecesse na emancipação econômica do trabalhador sua grande meta, atribuía ainda uma certa importância à questão nacional, fato inadmissível por boa parte dos militantes internacionalistas. Uma outra diferença substancial dizia respeito à composição social dos afiliados, já que a Liga admitia no seu interior só operários (manuais), enquanto como vimos não apenas a base da Internacional possuía uma composição bastante heterogênea, mas seus próprios fundadores e expoentes mais ilustres eram quase sempre *déclassés*, inclusive na Itália. No *Le tre Internazionali*, Gnocchi-Viani ilustrava de forma exemplar esta mentalidade, destacando a oposição histórica e ideológica entre a burguesia e o proletariado, entre conservadorismo e socialismo, cada uma com seu conjunto de práticas, ideias e figuras intelectuais. No entanto, conforme o autor, a Internacional “como organização operária, nunca existiu na Itália” (1875, p. 71), pois “faltam no país o grande industrialismo explorador e as

---

<sup>590</sup> Para aprofundar o pensamento de Gnocchi-Viani e Benoît Malon nesta fase e suas relações com o diretor do *La Plebe* Bignami, ver os artigos de BRIGUGLIO (1978), CIVOLANI (1982) e ANGELINI (1995).



grandes aglomerações operárias exploradas” e porque “o estágio fisiológico intelectual do proletariado italiano [...] encontra-se no período vegetativo da infância” (p. 79). Uma leitura que retomava a clássica interpretação marx-engelsiana – embora não levasse a justificar a criação de partidos nacionais e a implementação de uma política uniforme –, mas que operava uma distinção entre “períodos orgânicos” e “períodos de crise” inerentes a qualquer sistema de pensamento, e, portanto, também ao socialismo. Neste sentido, o socialismo italiano encontraria-se em um período de crise, terrível mas necessário, em que as ideias e as posições estariam ainda confusas e tornariam o movimento “indisciplinado, irregular” (p. 134). Isto, no entanto, não impediria que para o progresso da associação e do socialismo em geral as diferentes tendências possam cooperar entre elas sem atritos, agindo simultaneamente e tornando-se, nos fatos, complementares. Uma conclusão, portanto, que apesar das críticas explícitas ao marxismo e ao anarquismo, não os desqualificava e os integrava em uma perspectiva pluralista e conciliadora.

Mas a parte do volume de Gnocchi-Viani que certamente deve ter chamado a atenção de Cafiero é onde o autor, para ilustrar a coexistência no seio da AIT de diferentes correntes de pensamento, fazia referência ao Congresso de Bruxelas de 1874, em que, como sabemos, a Internacional italiana não participou devido à dura repressão pós-motins. Além do mais, Viani citava inteiramente o comunicado redigido por Cafiero em que o internacionalista afirmava que “para nós a época dos congressos está claramente terminada” e comunicava a passagem à clandestinidade da Federação Italiana. A lúcida e informada análise do autor destacava não tanto o mérito da decisão mas sim o fato de que o processo que havia levado à organização dos motins de 1874, à consequente repressão governamental e à não participação dos italianos do congresso de Bruxelas, havia sido planejado e implementado por um comitê secreto, isto é, o *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*. Ele, no entanto, devido aos resquícios *risorgimentali* e conspiratórios que propiciaram sua criação, estaria em oposição à lógica da Internacional antiautoritária, pois “de fato, o secreto implica uma organização, uma hierarquia, uma disciplina, uma concentração e um comitê superior que são a negação perfeita das bases fundamentais e orgânicas da Internacional anarquista” (p. 130). Portanto, e esta era afirmação mais contundente contida no volume de Gnocchi-Viani, a Internacional traçada pelo manifesto redigido por Cafiero não seria “outra coisa que não uma nuance sentimental do socialismo eslavo” (p. 129), onde a expressão “sentimental” indicaria uma confusão e aproximação ideológica sobre a real origem e significado desse tipo de pensamento. Tratava-

se de críticas pertinentes e em parte provocativas – já que o autor não condenava abertamente a perspectiva revolucionária e conspiratória –, mas que conseguiram alcançar seu objetivo e suscitar a reação imediata de Cafiero, o qual pretendia corrigir algumas interpretações erradas do companheiro de Roma ou pelo menos expor seu ponto de vista.

Sua primeira resposta no jornal milanês (21 de novembro) foi publicada sob forma de correspondência com indicada a falsa localidade de Nápoles<sup>591</sup>: nela, Cafiero, como na tradição dos panfletos polêmicos, iniciava reconhecendo os méritos da editora responsável pela publicação da obra de Gnocchi-Viani, isto é, a própria *Plebe*, que “é o único jornal socialista que na Itália sobreviveu às perseguições”. No entanto, “o primeiro volume da sua Biblioteca Socialista suscitou uma curiosidade suspeita. Quando este foi lido, a impressão geral... não foi boa. Pois, para falar francamente, pareceu que ele significava reação”. Cafiero se queixava com o autor por ter dedicado muita atenção “à parte obscura”, isto é, à conspiração do CIRS e ao eventual envolvimento de Bakunin em suas atividades, já que Viani havia mencionado explicitamente a Aliança Internacional da Democracia Socialista, o primeiro embrião da Fraternidade. Além disso, conforme o internacionalista de Barletta, era “evidente a desproporção com que são abordadas as três Internacionais, isto é, de forma proporcionalmente inversa à sua importância”, pois a Liga Universal defendida pelo autor, que Cafiero definia “gradualista” e “reacionária”, nunca teria alcançado alguma relevância no âmbito do movimento socialista italiano. Por fim, e este era talvez o assunto que interessava mais ao falso correspondente napolitano, ele não apenas procurou demonstrar a coerência ideológica da trajetória percorrida pela Internacional na Itália, mas também encontrou uma válida referência histórica que lhe consentiu desmentir a tese segundo a qual o socialismo internacionalista italiano seria de “importação eslava” e, portanto, fruto da hegemonia bakuniniana sobre ele. Por esta razão, Cafiero concluiu a primeira correspondência afirmando que

[...] contra qualquer aparência, verdadeiramente natural para a Itália é a Internacional antiautoritária, porque aqui, já antes do que os Bakuninistas, Pisacane proclamou os princípios da anarquia e do coletivismo, deduzindo-os do estudo das próprias tradições da Itália, cujo Destino expressou com as palavras: resistir a quem comanda.

A partir do segundo artigo no *La Plebe* (3-4 de dezembro) a contribuição de

---

591 Falsa, mas que deixava entender ao leitor se não a própria autoria do artigo, pelo menos a proveniência de seu redator.

Cafiero deixou a aparência de uma correspondência de Nápoles e passou a ter seu próprio título, isto é “*Il socialismo in Italia*” [O socialismo na Itália]. E o assunto abordado por seu autor dizia justamente respeito às origens do movimento socialista no país: conforme havia afirmado já na primeira carta, ele estava convencido de que a própria cidade partenopeia representasse “o berço do socialismo na Itália”. De fato, contrariamente a quanto havia afirmado Gnocchi-Viani, sua esteira não remontava ao período seguinte à Comuna de Paris, mas sim ao ano de 1869, quando foi criada em Nápoles a primeira seção italiana da Internacional. Mas para Cafiero, embora admitisse a dificuldade de um trabalho historiográfico “imparcial”, as raízes do socialismo italiano não brotaram apenas durante o primeiro período de difusão da AIT no país, pois já em 1867 haviam sido criados o grupo e o jornal *Libertà e Giustizia*, influenciados pela propaganda bakuninista na região. E antes ainda “havia já jovens socialistas e parceiros, nas ideias e na atuação, de Pisacane, entre os quais menciono Fanelli”: eis portanto a importância daquela “geração do meio” de socialistas que representou uma ponte entre as instâncias emancipadoras de alguns pensadores revolucionários do período *risorgimentale* e os jovens militantes da Primeira Internacional.

Por outro lado, o próprio Pisacane “não surgiu do nada” mas herdou uma tradição que remontava aos filósofos protossocialistas, entre os quais Cafiero destacava justamente Ausonio Franchi<sup>592</sup>, Giuseppe Ferrari, Carlo De Cristoforis<sup>593</sup> e Vincenzo Russo<sup>594</sup>. “Em suma”, conforme o colaborador do *La Plebe*, “se nós formos escrever uma história do socialismo na Itália e especialmente em Nápoles, encontraríamos uma série ininterrupta de representantes do socialismo; e, falando deste século, nós veríamos um movimento quase paralelo ao da França”. Apesar da comparação talvez exagerada com a situação francesa, é importante destacar não apenas o aprofundado conhecimento da história intelectual italiana por parte de Cafiero, mas também sua interpretação dos acontecimentos e das ideias marcantes da Internacional italiana como consequência natural de uma tradição protossocialista e revolucionária autóctone. Uma tradição desenvolvida sobretudo no

---

592 Ausonio Franchi, aliás, Cristoforo Bonavino (1821-1895): teólogo crítico e filósofo fascinado pelas ideias de Hegel e Kant. Ao longo de sua carreira como publicista analisou frequentemente o pensamento socialista e os principais acontecimentos do *Risorgimento*, conquistando a simpatia de figuras como a de Mazzini ou de Pisacane.

593 Carlo De Cristoforis (1824-1859): patriota republicano durante as guerras de independência, em seguida aprofundou as problemáticas econômico-sociais do norte da Itália, analisando em particular a relação entre o poder dos bancos e a questão agrária.

594 Vincenzo Russo (1770-1799): jovem jacobino que participou da revolução napolitana de 1799 e acabou sendo enforcado. Seu ideal político, conforme relatado nos *Pensieri Politici*, era uma república camponesa organizada sobre bases econômicas e políticas igualitárias.

*Risorgimento*, que aproveitou do surgimento da AIT e da comoção provocada pela Comuna de Paris para desenvolver e aperfeiçoar sua posição e suas análises, propondo soluções em parte originais para as problemáticas do contexto nacional. Neste sentido, a própria Comuna representou apenas o evento histórico, simbolicamente marcante, que permitiu por várias razões a afirmação generalizada dos ideais socialistas, tanto na Itália quanto no resto da Europa. E se, de acordo com Viani, os primeiros internacionalistas italiana elogiaram a experiência *communard* confundindo o socialismo da minoria com as decisões da maioria jacobina, isto ocorreu porque “os operários não estavam suficientemente cientes daquilo que aconteceu exatamente em Paris” (4-5 de dezembro).

Mas ao lado dos aspectos mais significativos da trajetória histórica e intelectual realizada pelo socialismo italiano, o que Cafiero queria realmente criticar era a interpretação do autor de *Le tre Internazionali*, segundo a qual a Internacional italiana teria sido criada, organizada e liderada por elementos burgueses, fato que teria comprometido sua integridade operária. Tratava-se da chamada “questão dos *déclassés*” – já levantada por Engels em seus escritos anteriores –, cuja presença e relevância na esteira do movimento internacionalista italiano (mas não apenas) não podia ser negada e nem sequer ignorada. O próprio Cafiero se por um lado reconhecia a nocividade da atuação dentro do movimento de certos elementos provenientes de outras classes sociais, por outro admitia que “para alguns povos, sua atuação é uma necessidade”, em uma clara referência para a situação italiana; além disso, a presença dos *déclassés* não contrariava de forma alguma os Estatutos da Internacional. Portanto, o autor do artigo declarava explicitamente seu interclassismo ao afirmar que

Não apenas na sociedade futura, mas também na presente, não se pode recusar a ajuda daqueles que, embora não tenham as *mãos calosas pela fadiga*, embora tenham nascido burgueses, aceitam os mesmos princípios e são bons operários para a solução do estado presente. A questão operária não é toda a questão social: e portanto também homens que não são operários estão interessados na sua solução. Onde os operários trabalharam sem a ajuda de elementos não operários, interpretando a questão social como uma pura questão operária, aí eles desenvolveram uma tendência reacionária, como as *Trades-Unions*. (*La Plebe*, 3-4 de dezembro)

O assunto foi abordado inclusive na sua última contribuição no jornal de Milão (16 de janeiro de 1876), em que o redator esclarecia seu ponto de vista sobre a atuação das “sentinelas perdidas da Revolução Social” (isto é dos *déclassés*) dentro do movimento internacionalista, considerada e justificada unicamente com base nos verdadeiros propósitos

desses elementos “estranhos”. Ele estava ciente da posição excêntrica dos burgueses que militam na Internacional e da distância que os separava da base do movimento: ele mesmo admitia que “a maior parte deles [dos operários] são revolucionários por instinto, e nós, homens de caneta, embora possamos determinar e esclarecer estes instintos, mesmo assim precisamos sempre estar em contato com eles para nos fortalecer”. Eram palavras que assemelhavam-se muito com as que Costa pronunciou no Congresso de Genebra (1873) e escreveu no opúsculo *Bagliori di socialismo*, e também com aquelas que Malatesta proferiu no Congresso de Berna de 1876, que veremos em seguida<sup>595</sup>. Todos – já que a meta final era a emancipação do gênero humano e não apenas da classe trabalhadora – eram favoráveis a uma Internacional pluriclassista que acolhesse no seu seio todos os elementos realmente interessados na realização de seus princípios. E o próprio reconhecimento da distinção entre trabalho manual e trabalho intelectual era um fato apenas formal, pois todos se consideravam operários, alguns “do braço” e outros “da mente”, conforme havia feito Malatesta na época do *La Campana*. Por todas estas razões, portanto, Cafiero podia afirmar que:

Nós fomos contrários a admitir apenas operários dentro da Internacional porque, como “o hábito não faz o monge” assim o fato de ser Trabalhador não implica necessariamente a ideia de querer a emancipação do trabalho: a burguesia, considerada como classe, certamente possui interesses opostos aos da classe operária; mas não há também alguns burgueses aparentes que são revolucionários tanto quanto, e talvez mais ainda, que os operários mais resolutos? E estes deveriam, por mesquinhos ciúmes e por mesquinhos interesses, recusar o válido suporte destas sentinelas perdidas da Revolução Social? [...] Para nós há apenas duas classes de homens, sejam eles por sua condição social proletários ou burgueses: os que querem a emancipação do gênero humano e os que não a querem: nós não fazemos outras distinções; e o declaramos agora assim como o declarou o terceiro Boletim do Comitê Italiano.

No terceiro artigo (4-5 de dezembro) Cafiero criticava também a inconsistente acusação de Viani, conforme o qual a Internacional italiana teria sido uma “nuanção sentimental do socialismo eslavo” – isto é bakuniniano –, já que defendia o coletivismo e priorizava a ação em detrimento da simples propaganda das ideias. De fato, na lúcida interpretação do redator do *La Plebe*, o coletivismo defendido pela Federação Italiana da AIT não derivava diretamente do contexto russo, pois como sabemos foi sobretudo durante os debates congressuais da Internacional na década de 1860 que emergiu e se afirmou dentro do movimento socialista a tendência coletivista, graças à atuação dos militantes belgas e suíços e

<sup>595</sup> Ver a nota 183 na página 60 do presente texto.

não tanto à contribuição dos populistas russos e de Bakunin<sup>596</sup>. No que dizia respeito à propaganda pelo feito, Cafiero admitia que na Itália se privilegiavam “os homens de ação, os *garibaldini*”, mas lembrava também que “Pisacane e muitos outros eram italianos, quando contradiziam o doutrinismo. Na época não precisava de russos para que os italianos pensassem e escrevessem daquela forma”. A figura de Pisacane, portanto, representava para os internacionalistas italianos, e Cafiero em particular, um ponto de referência imprescindível, seja como patriota-filósofo, como biografia exemplar de revolucionário e pensador, como conjunto inextricável de ideia e ação, seja ainda como intelectual que graças à sua interpretação socialista-revolucionária da fase *risorgimentale* criou as premissas para o futuro desenvolvimento do socialismo italiano através da Internacional<sup>597</sup>. De qualquer forma, o que Cafiero não podia fazer era negar a contribuição de Bakunin na orientação ideológica dos primeiros internacionalistas italianos, os quais, no entanto, “aproveitaram da colaboração de não italianos, mas afinal seguiram aqueles princípios e aquela política que correspondiam não apenas às suas aspirações, mas também às verdadeiras tradições” (*La Plebe*, 5-6 de dezembro).

Uma vez afirmada a origem eminentemente autóctone do socialismo e do internacionalismo italiano, Cafiero passava a contestar a tripartição ideológica operada por Gnocchi-Viani, em que a componente representada pela Liga Universal das Corporações Operárias ocupava um lugar privilegiado. Apesar da pouquíssima relevância dessa organização no contexto do movimento operário internacional, o autor de “*Il socialismo in Italia*” destacava principalmente a distância entre o modelo organizacional das Trade Unions inglesas e a realidade italiana, onde associações deste tipo “não podem se enraizar, porque o ambiente social e político lhes é adverso, porque a sociedade e o governo conspiram entre nós para torná-las impossíveis como sistema geral”. Por outro lado, o método experimental defendido por Viani era interpretado à luz do materialismo histórico marxiano e portanto ele não devia limitar sua atuação à época presente mas “levar em conta o resultado de toda a experiência do passado, de onde deduziu as leis históricas gerais e aquelas peculiares do desenvolvimento próprio de cada povo”. Esta afirmação mostrava claramente a assimilação por parte de Cafiero das ideias marx-engelsianas no que dizia respeito aos estados de desenvolvimento da economia capitalista nos diferentes países e às consequentes formas de

596 Cf. VENTURI (1960), GUILLAUME (1963) e COLE (1968).

597 Cf. BASSO (1932), ROMANO (1936), ROSSELLI (1977) e CACCIATORE (2012). Não foi por acaso que Cafiero em seguida tentou republicar os *Saggi* de Pisacane (cf. MASINI, 1974, p. 294) e que outros anarquistas escreveram sua biografia (FABBRI, 1904).

organização dos movimentos operários nos contextos nacionais, um assunto que, como vimos, havia sido debatido também durante as polêmicas epistolares com Engels. De fato, ele denunciava como principal erro dos defensores da aplicação do modelo tradeunionista fora da Inglaterra, a presunção de

acreditar que a Europa inteira ou todo o mundo civil tenha de passar pelos mesmos graus e subir o mesmo modo de desenvolvimento do povo inglês [...]. Desta forma, muitos socialistas repetem o erro dos constitucionalistas anglófonos que, com a história da Inglaterra na mão, indicavam de antemão os graus de desenvolvimento para os quais deviam passar os povos do continente.

Em suma, para Cafiero a “terceira” Internacional defendida por Gnocchi-Viani, a da Liga Universal, era pouco mais que uma quimera, pois nela não havia uma dimensão internacional e tampouco possuía raízes na Itália, onde a tentativa de formar uma associação de sociedades operárias conforme o modelo inglês havia sido derrotada pela dissidência bakuninista<sup>598</sup>. Por esta razão, ele podia concluir afirmando que a tendência “apropriada para a índole da Itália é aquela que foi adotada, a anarquista”. Mas a polêmica continuou logo depois, na edição de 14 de janeiro de 1876 do *La Plebe*, com o artigo “*Il socialismo in Italia. Altre osservazioni sull'opuscolo di Osvaldo Gnocchi-Viani «Le tre Internazionali»*” [O socialismo na Itália. Outras observações sobre o opúsculo...], onde Cafiero retomou o discurso sobre a tripartição proposta pelo companheiro romano na esperança de

demonstrar que a Internacional Anarquista e Coletivista não é na Itália uma “nuança sentimental”, mas é uma coisa viva e verdadeira que não apenas fala, mas age também, que pode ser esmagada mas não suprimida, e que apesar de ter sido vítima de abusos policiais, execrada pelos ministros, presa, *ammonita* e condenada à prisão domiciliar, não parou de trabalhar e continua andando, na espera de tempos melhores.

Conforme o autor do artigo, a Internacional “sindacalista”, diferentemente da Anarquista-Coletivista e da Comunista-Autoritária, era formada por operários que não contradizem as leis existentes, não propõem alguma ideia original e “vivem cada dia na vida da corporação”: os comunistas são conservadores, os anarquistas são rebeldes, enquanto “os

<sup>598</sup> Gnocchi-Viani, de fato, procurou organizar a *Lega Operaia d'Arti e Mestieri* [Liga Operária de Artes e Ofícios], seção da FI-AIT, segundo critérios meramente reivindicativos e de resistência, sem abordar minimamente os debates teóricos no seio da federação e renunciando a qualquer hipótese revolucionária. Por outro lado, a própria Liga Universal das Corporações Operárias desapareceu definitivamente já nos primeiros meses de 1876. Cf. DELLA PERUTA (1952).

terceiros não são nenhum dos dois, mas procuram obter da atualidade o maior lucro possível”. Os primeiros são representados pelo Partido socialista alemão, algumas associações americanas e inglesas; ao segundo grupo pertencem “a maioria dos Socialistas italianos e espanhóis; uma parte dos Socialistas suíços; e aquele grande núcleo informe de elementos novos que a Rússia alimenta no seu seio”; e por fim os parceiros de Gnocchi-Viani, que por não ter um programa definido, limitam-se a privilegiar os interesses da classe operária e a fazer com que ela se torne “o único corpo constitutivo da sociedade” (as Trade Unions, a Liga Universal, as sociedades cooperativas e de ajuda mútua). Neste sentido, as palavras polêmicas de Cafiero estavam dirigidas sobretudo à nova corrente dissidente dentro da Internacional italiana<sup>599</sup>, liderada pelo grupo redacional de *Il Povero* de Palermo e por Benoît Malon, o qual no prefácio ao volume de Gnocchi-Viani havia criticado duramente a linha política intransigente defendida pela FI-AIT. De fato, conforme Malon, “os exageros teóricos dos *déclassés* [...] prejudicaram bastante a Internacional e frequentemente a desviaram”, enquanto para ele a verdadeira AIT seria aquela representada pela federação belga, pelas seções francesas e algumas inglesas, as quais se destacariam-se “por uma ampla tolerância, por um olhar mais abrangente, em uma palavra, por um espírito científico mais marcado: aí não há sectários, mas sim investigadores e experimentadores” (MALON *apud* GNOCCHI-VIANI, 1875, p. VIII-IX). Na resposta, Cafiero limitava-se a recusar esta “quarta” e hipotética Internacional, avisando o socialista francês de que seus membros “se tornarão força motriz só quando eles se constituirão como parte ativa e militante”.

No sexto artigo publicado no *La Plebe* (15 de janeiro de 1876), Cafiero procurou demonstrar a coerência (ideo)lógica da trajetória do internacionalismo italiano, resumindo as etapas principais que, depois da Comuna de Paris, levaram à recusa do mazzinismo, à criação das primeiras seções da AIT e à realização da Conferência de Rimini.

Aquilo que até então tinha sido para nós um pressentimento (falo de nós, geração crescida depois da constituição do Reino da Itália), tornou-se uma ideia [...]. Assim, portanto, a partir da negação da autoridade divina (o grande fundamento da teoria mazziniana) chegamos necessária e gradualmente à negação da autoridade humana, isto é, à anarquia. Desde a Anarquia até o Coletivismo o passo era fácil.

Por outro lado, no último artigo publicado (*La Plebe* de 16 de janeiro de 1876),

---

<sup>599</sup> Já no terceiro artigo (4-5 de dezembro de 1875) Cafiero havia polemizado com o grupo do *Il Povero* de Palermo, pois eles haviam conseguido enviar um delegado no Congresso de Bruxelas de 1874 para contestar a estratégia insurrecional adotada pela Federação Italiana no verão daquele ano.



ele lembrava que o próprio programa votado e aprovado pela Federação Italiana em Rimini nunca foi substancialmente alterado e nem sequer desatendido, conforme demonstrariam os regulamentos das federações provinciais e regionais e, em particular, os boletins do *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*. As razões que, conforme Cafiero, levaram à adoção de uma perspectiva anarquista-coletivista diziam respeito não apenas à natureza essencialmente “batalhadora”, abstencionista e antiautoritária do proletariado italiano, mas também às condições socioeconômicas da península, onde a Internacional não pôde ser organizada segundo as artes e os ofícios. De fato, as várias tentativas realizadas para organizar o movimento desta forma não deram os resultados esperados, tanto por razões endógenas (a difidência ideológica de seus membros e a falta de verdadeiras massas operárias no país), quanto por causas exógenas, isto é, a intensa atividade repressiva realizada pelas autoridades governamentais italianas contra a associação dos trabalhadores. Como já vimos<sup>600</sup>, tudo isso tornou a atuação pública da FI-AIT praticamente impossível e obrigou seus principais organizadores a atuar na clandestinidade, sem por isso renunciar à coerência ideológica em relação aos princípios aprovados nos congressos nacionais e internacionais. O problema era justamente que agora Gnocchi-Viani – e com ele Malon e os sicilianos de *Il Povero* – pretendia, “quase como se fosse uma coisa nova”, que as seções retomassem o trabalho abandonado no final de 1873 e comesçassem novamente a

organizar as artes e os ofícios, para que o Estado as dissolva; redigir estatísticas e registros, para que a polícia os apreenda; nos reunirem para trocar ideias e admirar nossa própria eloquência, deixando assim aos “meganhas”<sup>601</sup> a possibilidade de fazer novas e maciças prisões.

Conforme Cafiero, portanto, não era mais possível voltar para atrás e a própria trajetória realizada até aqui pelo socialismo italiano, que o levou a propor a anarquia e o coletivismo, representava apenas “o lógico desenvolvimento necessário para sua completa manifestação”. Todo este detalhado esclarecimento histórico e ideológico sobre o volume de Gnocchi-Viani não foi casual, mas estava justamente dirigido ao grupo que se formava em volta das posições defendidas pelo internacionalista romano, um grupo que agora podia contar com uma nova força, isto é, a chamada “seção do Ceresio”<sup>602</sup>. Ela foi criada nos últimos dias

600 Ver os trechos deste mesmo artigo que eu já citei nas páginas 97 e 103 do presente texto.

601 Tentei traduzir com esta gíria a expressão depreciativa italiana “*sbirri*” com que ainda hoje são chamados os policiais.

602 Ceresio era um antigo nome que indicava a localidade de Lugano.

de novembro de 1875 pelo mesmo grupo editorial que havia publicado em Lugano o periódico *L'Agitatore*, isto é, os irmãos Giuseppe e Ludovico Nabruzzi, Tito Zanardelli e Joseph Favre, com os quais colaborava de Milão o próprio Benoît Malon<sup>603</sup>. De fato, a partir do final de outubro o jornal suspendeu definitivamente as publicações devido à criação da nova seção e à redação de alguns importantes documentos programáticos que assinalavam a inauguração de uma nova corrente dentro do movimento internacionalista italiano. O primeiro deles foi um projeto de Regulamento aprovado na primeira reunião realizada no dia 20 de novembro, a partir do qual é possível deduzir algumas considerações significativas no que diz respeito à distância que separava o novo grupo da tradicional política “negativa” e revolucionária da FI-AIT, e do CIRS em particular. O objetivo principal da seção do Ceresio era a criação de uma rede de solidariedade operária para “alcançar a total emancipação dos proletários e dos trabalhadores de ambos os sexos, contra todas as opressões econômicas e religiosas”: por um lado, portanto, não havia alguma referência à questão política da “liquidação” do Estado e de suas instituições, e pelo outro, a organização devia manter um caráter rigidamente classista que excluía a intervenção de elementos externos. Além disso, no terceiro item do Regulamento, onde eram indicados os deveres dos afiliados, falava-se apenas de “estudo e propaganda socialista em todas suas diferentes manifestações”, enquanto a principal atividade da recém-nascida seção parecia limitar-se à ajuda mútua e à cooperação em caso de greve (item 10). Pelo resto, a nova organização continuava se mantendo sobre posições antiautoritárias, já que na organização interna não era prevista a presença de um presidente e que as próprias assembleias teriam sido presididas cada vez por um membro diferente (item 12)<sup>604</sup>.

Estes representavam mais do que simples sinais de alerta, porque Cafiero conhecia bem quem estava por trás da seção de Lugano e o quanto eles eram distantes da perspectiva teórica e da atuação do CIRS: de fato, a partir de 1876 esta nova corrente andou ganhando força dentro do movimento italiano e obrigou os principais expoentes da FI-AIT a empenhar-se pessoalmente em uma animada batalha ideológica contra as ideias defendidas por seus representantes. Além disso, conforme observou Binaghi (2002, p. 259), “a criação de uma seção dissidente em Lugano, a poucos quilômetros da Baronata onde vivia Cafiero e a poucos metros da Vila Besso onde Bakunin passava sua velhice, simbolizava um verdadeiro

603 Conforme BROGGINI (*apud* FAENZA, 1973, p. 188), Giuseppe Nabruzzi e Favre se conheceram no Hotel du Parc de Lugano onde ambos trabalhavam.

604 Este assim como todos os documentos publicados pela seção de Lugano encontram-se como apêndices *apud* ROMANO (1954, vol. III).

ato de desafio contra o núcleo dirigente da Internacional na Itália”. De qualquer forma, o internacionalista italiano continuava de Milão sua colaboração com *La Plebe*, no qual publicou ainda uma contribuição além da longa série sobre a história do socialismo na Itália<sup>605</sup>. Trata-se, a meu ver, do artigo “*La pace*” [A paz] (9 de dezembro) o qual, embora não esteja assinado, revela em vários pontos mais que uma afinidade com o pensamento e a biografia de Cafiero<sup>606</sup>: nele, o autor queixava-se da “nova filantropia” que estava difundindo-se na Europa depois do fim da guerra franco-prussiana, isto é, o apelo generalizado das “cabeças coroadas” para uma época de paz. Em particular, eram mencionados “o imperador de todas as Rússias, o algoz dos poloneses” e o Vaticano, pois “eles estão saciados, satisfeitos e não podem mais entender que se possa desejar a guerra, assim como Rabagas que, uma vez no poder, não conseguia mais entender porque tinha descontentamento”. No entanto, conforme o artigo, ninguém se importava com a guerra combatida pelo “capital monopolizado” contra milhões de seres humanos, “os trabalhadores, os produtores de cada bem-estar”, que ao apelo à paz respondem:

Guerra, guerra, gritam ao contrário os oprimidos da terra; guerra até que o homem não terminará de impor-se sobre o próprio homem, guerra, até que nós não teremos outra paz que não seja a da morte, guerra igual àquela que encontramos na oficina, no casebre ou na cabana, entre a mulher desolada e os filhinhos famintos. Guerra, guerra eterna até quando o fim de qualquer opressão e exploração com o desaparecimento do último opressor, do último explorador, não fundará sobre as bases da verdadeira liberdade e igualdade, não apenas para uma classe, mas para toda a humanidade, a paz.

Em suma, uma posição extremista, intransigente e interclassista que correspondia perfeitamente ao perfil ideológico de Cafiero e à propaganda revolucionária levada adiante com os companheiros CIRS antes e depois dos motins de 1874. Talvez uma posição incômoda demais para *La Plebe* e seu diretor Bignami, os quais já haviam sofrido inúmeras perseguições, apreensões e prisões devido à propaganda socialista e internacionalista do periódico. Por outro lado, conforme o testemunho de um então redator do jornal (Francesco Giarelli), Cafiero “era a negação daquilo que se chama de jornalismo” (*apud* MASINI, 1974,

605 A este propósito, o artigo publicado na edição de 26 e 27 de novembro do jornal, assim como todos os textos assinados com o pseudônimo “AMA” não pertencem a Cafiero, mas sim ao colaborador do *La Plebe* Antonio Marco Anelli (1840-1906), contrariamente a quando afirmado por DAMIANI (1974), BOSIO (2002) e GUILLAUME (2004).

606 O assunto, o tom do texto, o conhecimento da situação russa e algumas referências culturais (como aquela à peça teatral Rabagas, que Cafiero utilizou também em um artigo publicado no *Bulletin de la Fédération Jurassienne* de 2 de julho de 1876), me parecem justificar esta atribuição.

p. 167): evidentemente, à sua verve polêmica e de propagandista não correspondia uma adequada capacidade de síntese e uma suficiente clareza expositiva<sup>607</sup>. Diante destes fatos ele chegou a admitir a Bignami que o jornalismo não era sua profissão e que ele preferia continuar fazendo um trabalho manual dentro da redação: foi assim que se concluiu, com os artigos publicados no mês de janeiro, a breve mas significativa colaboração de Cafiero com o periódico milanês. Agora era necessário voltar novamente à propaganda ativa no território e entre os operários italianos para reorganizar a associação, e para fazer isso era preciso reunir-se novamente com a outra errabunda “sentinela perdida da Revolução Social”, isto é, Errico Malatesta.

### 6.3 “As sentinelas perdidas da Revolução Social”

Durante a estadia de Cafiero em Milão, como vimos, *La Plebe* não apenas publicou os artigos polêmicos do internacionalista *pugliese*, mas inaugurou também uma campanha de solidariedade em favor dos companheiros detidos na prisão de Roma, da qual participaram Covelli e Malatesta. O jovem napolitano manteve os contatos com a redação do jornal milanês até o começo do mês de dezembro de 1875, conforme demonstram as mensagens que lhe foram endereçadas na rubrica “*Piccola Posta*” [Pequena Correspondência], onde se falava de cartazes e de cartas dos deportados a serem enviadas para Nápoles<sup>608</sup>. Junto com Covelli e Schettino, ele estava realizando uma intensa propaganda internacionalista e revolucionária entre os universitários que com o início do ano acadêmico estavam novamente animando a cidade partenopeia: uma tarefa que ele havia assumido já a partir de 1869, ano de seu ingresso na faculdade de Medicina, e que continuou realizando também depois de 1873, quando abandonou definitivamente os estudos. No dia 5 de dezembro os estudantes realizaram uma grande assembleia em que foi discutido novamente o Regulamento da associação universitária, reunião da qual participaram por volta de 500 e 600 pessoas e em que o estudante Berton polemizou afirmando que “o Regulamento recentemente aprovado era uma consequência do mau sistema social, isto é, do princípio de autoridade e de

607 Conforme Giarelli, ele escrevia “artigos abordados de uma forma pesada e involuta, que acabavam não sendo publicados” (*idem*).

608 Ver as edições de 21 e 22 de novembro e 3 de novembro-1º de dezembro de 1875 do jornal. Na edição de 26 e 27 de novembro foi informado que a Comissão responsável pela subscrição em favor dos internacionalistas romanos havia terminado sua tarefa e que estava prestes a distribuir o dinheiro recolhido.

propriedade”<sup>609</sup>. Conforme o relatório do *Prefetto* de Nápoles, as declarações de Berton teriam provocado uma violenta polêmica entre Malatesta e um outro estudante, Alessandro Lioy, que não apenas tentou impedir o discurso extremista do colega, mas que com muita probabilidade ofendeu pessoalmente o internacionalista napolitano. Senão não se poderia explicar porque, como consequência da altercação, Lioy e Malatesta tenham combinado um verdadeiro duelo de sabre a ser realizado no dia 9 de dezembro na cidade vizinha de Pozzuoli: o resultado foi, conforme o *Prefetto*, “de qualquer gravidade”, já que o jovem estudante sofreu uma leve ferida no rosto<sup>610</sup>. De qualquer forma, embora o duelo fosse ainda uma práxis relativamente comum para resolver as questões pessoais que diziam respeito à reputação e à honra individual, este episódio nos diz muito sobre o caráter de Malatesta, sobre o convencimento e a veemência com a qual estava disposto a defender suas ideias assim como sobre seu carinho para as velhas práticas de luta, típicas da Itália pré-unitária.

No entanto, a disputa com o estudante Lioy assinalava também uma dificuldade na difusão da propaganda internacionalista e revolucionária entre o movimento estudantil napolitano, que aparentemente mostrava uma certa indiferença em relação aos propósitos dos militantes da AIT. A partir do dia 9 de dezembro, Malatesta, Covelli, Schettino e Masciotra<sup>611</sup> conseguiram alugar um grande salão no centro de Nápoles para sediar aí tanto o novo Círculo de Estudo Social quanto a seção da Internacional. Na primeira reunião com os operários da cidade eles prometeram a redação dos Estatutos e do Regulamento do Círculo, embora Covelli e Malatesta tenham se mostrado descrentes em relação ao sucesso desta iniciativa, pois a propaganda realizada entre os estudantes havia terminado da pior forma possível. Ao contrário

eles confiam plenamente nos operários e parece que têm a esperança de formar uma vasta organização que poderá trabalhar constantemente para difundir no proletariado os princípios do socialismo. Esta sociedade, conforme eles, não deveria nem sequer deixar que a Autoridade suspeite de nada e acolha no seu seio todas as gradações de operários que queiram a ajuda mútua, com armazéns para a subsistência e outras coisas, e seria denominada *Unione per la Emancipazione degli Operai* [União para a Emancipação dos Operários].

609 Comunicação de um magistrado do Tribunal ao *Prefetto* de Nápoles de 6 de dezembro de 1875, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 58*.

610 Comunicação de 11 de dezembro, no ASN, *idem*.

611 Giovanni Masciotra (?-?): conforme MASINI (1974, p. 189-190) Masciotra, propagandista e publicista, aproximou-se ao ambiente internacionalista de Nápoles em 1875, no qual permaneceu até a tentativa insurrecional de 1877.

Todos os quatro organizadores participaram também da reunião de 12 de dezembro, onde em presença de trinta operários e “depois de um debate desordenado sobre o Estatuto e sobre o Regulamento foi nomeada uma comissão formada por Malatesta, Schettini [sic] e Covelli”, responsável pela redação dos textos. Por outro lado, a denominação escolhida pela associação operária levantou outras dúvidas, em particular de Covelli, o qual temia que o nome, apesar dos aparentes propósitos reformadores da associação, pudesse novamente chamar a atenção das autoridades e provocar outras perseguições<sup>612</sup>. Efetivamente, logo após, a seção internacionalista local – que na época contava com 163 afiliados<sup>613</sup> – assumiu a denominação de *Società Operaia* [Sociedade Operária], mas só a partir de então sua atividade se misturou com a do Círculo de Estudos Sociais, utilizado como máscara legal para continuar a propaganda socialista entre os operários da cidade. A própria presença do advogado (e estudioso) Emilio Covelli, que até então não havia sido envolvido em algum tipo de processo judicial pela sua atuação de militante, parecia garantir uma certa seriedade e moderação no processo de reorganização da Internacional napolitana. Isso é demonstrado também pelo Programa do Círculo, que foi redigido justamente naqueles dias, onde se pode reconhecer tanto a erudição e o estilo complexo de seu autor, quanto a diferente perspectiva ideológica que ele trouxe dentro do ambiente internacionalista partenopeu<sup>614</sup>.

Não é este o lugar adequado para aprofundar a interessante trajetória teórica realizada por Covelli antes de seu ingresso no movimento, mas acho oportuno assinalar a fase de “transição” que ele estava atravessando desde a sociologia e a economia marxistas para o campo da teoria anarquista, processo em que desempenhou um papel relevante a frequentação da cidade de Nápoles e dos internacionalistas locais<sup>615</sup>. A postura positivista de Covelli emergia ao declarar a “nobre finalidade” do Círculo, isto é, a questão social, “da qual pode-se hoje tentar idealmente a solução graças ao auxílio das ciências”, em particular da sociologia:

A ciência da sociedade é nascente mas para sua imensa autoridade ela é já objeto do estudo mais acurado e incansável. Ela, não apenas dissipa,

612 Comunicação do *Prefetto* de Nápoles ao *Ministro dell'Interno* de 14 de dezembro de 1875, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 235.

613 Estes foram os números, atualizados ao 31 de novembro, enviados pela própria seção local ao fantasmático Comitê de Locarno, isto é à moradia de Cafiero. Evidentemente a correspondência foi apreendida pela polícia, ver a comunicação de 17 de dezembro no ASN, *idem*, busta 205.

614 Uma cópia do documento – inédito –, que foi enviada ao *Prefetto* napolitano no dia 14 de dezembro de 1875, encontra-se no ASN, *idem*, busta 235.

615 Cf. a detalhada análise realizada por SPAGNOLETTI (1982) sobre a primeira parte da vida intelectual de Covelli, onde o autor destacou o importante trabalho do socialista pugliese como primeiro estudioso italiano da teoria econômica marxista.

naqueles que podem ser imparciais, os preconceitos mais radicais e nocivos que a filosofia e as ciências naturais combatem, mas fornece aos próprios *partigiani* a consciência do papel que eles representam na sociedade, faz com que se evitem muitos atritos inúteis e que a inevitável luta social seja pelo menos mais civil.<sup>616</sup>

Convencido defensor da aplicação do método científico na análise dos fenômenos sociais, Covelli foi atraído pela atividade da Internacional no território, através da qual procurou, depois de um longo período de estudo, utilizar finalmente seu conhecimento em uma situação concreta e estimulante como a napolitana. E se por um lado estavam já evidentes neste texto programático as referências à “inevitável luta social”, prenúncio de uma hipótese revolucionária, da qual porém ele parece manter-se de alguma forma distante, por outro é oportuno lembrar que o caráter público do documento e a ameaça de possíveis perseguições policiais lhe impunham um tom certamente mais moderado<sup>617</sup>. Neste sentido ele afirmava que a precondição para a atividade principal do Círculo, isto é, o “estudo da questão própria da sociedade”, era que a ciência não se separe da vida, “senão ela se torna abstrata e [...] parcialíssima”. Portanto, a missão do novo agrupamento era a de contribuir no estudo das leis que governam a questão social, de difundir os princípios da “nova ciência” e de propagandear “suas principais aplicações”. E embora o Círculo convidasse todos os “indiferentes e os adversários a participar desta luta de ideias”, sua posição não era neutra, mas sim *partigiana*, já que ele entrava em ação “levantando sua própria bandeira”: uma bandeira que desprezava “o velho atomismo smithiano e as novas construções autoritárias [e que] tem como objetivo uma livre organização social, fundada sobre a reciprocidade e a solidariedade”. Também nesta ocasião Covelli mostrava, de um lado, um conhecimento aprofundado da matéria econômica e, do outro, o influxo da propaganda antiautoritária de cunho bakuniniano que monopolizava o contexto napolitano.

A mesma linha era seguida também no Estatuto-Regulamento do Círculo, onde se afirmava que “as classes menos instruídas e mais baixas precisam urgentemente de um serio trabalho de emancipação”, de um “progresso material, moral e intelectual”, que “não pode ser alcançado senão por meio de uma ativa e esclarecida propaganda”. Portanto, a atividade do Círculo se focava sobretudo no “exame das leis naturais que regulam a constituição e o

616 Resolvi deixar a expressão italiana *partigiano*, que significa simplesmente “de parte, parcial” e de forma extendida “defensor de uma ideia”, pois a palavra “partidário” me parecia relativamente longe do sentido original.

617 De fato, antes mesmo que o próprio Programa estivesse aprovado na assembleia do Círculo, Covelli e Malatesta estavam já difundido o texto na cidade. V. a comunicação do *Prefetto* de Nápoles ao *Ministro dell'Interno* de 16 de dezembro de 1875, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 235.

progresso das sociedades; seu modo de ser e seu desenvolvimento econômico”<sup>618</sup>: um objetivo aparentemente moderado e inócuo que todavia não conseguiu afastar os suspeitos das autoridades partenopeias. De fato, ao *Ministro dell'Interno* que pedia informações sobre os deslocamentos de Cafiero, a polícia de Nápoles respondeu que havia descoberto a organização de uma “reunião secreta de internacionalistas em Roma”, da qual deviam participar tanto Cafiero, quanto Malatesta e Covelli, os quais por esta razão haviam já deixado a cidade em direção à capital<sup>619</sup>. O internacionalista *pugliese* havia partido de Milão em 18 de dezembro e efetivamente no dia seguinte reuniu-se com os dois amigos napolitanos e com Gaetano Grassi, que à época trabalhava em Roma como tapeceiro e que garantiu a hospedagem para os companheiros<sup>620</sup>. Na capital eles encontraram também alguns internacionalistas romanos, já que a maioria se encontrava ainda presa depois dos motins de 1874, e com eles discutiram acerca da possibilidade de uma nova tentativa insurrecional. De fato, conforme o relatório feito por Covelli e Malatesta aos companheiros de Nápoles ao regressar na cidade (20 de dezembro) – que evidentemente as orelhas da polícia conseguiram escutar –,

os encontros para planejar e desencadear um motim insurrecional encontram um terreno favorável nas províncias da Itália central e na Romagna, em particular em Florença, Bolonha, Ravenna e Ancona. Além disso eles disseram que por enquanto não pretendem fazer alguma coisa parecida nesta cidade, pois estão convencidos de que aqui não há até agora o elemento oportuno, mas que justamente por esta razão é preciso formar este elemento por meio da associação e da propaganda.<sup>621</sup>

A reunião entre Cafiero, Malatesta e Covelli, a intelligentsia da Internacional italiana, serviu também para organizar uma contraofensiva para responder à nova linha política inaugurada pela seção do Ceresio, a qual a partir de dezembro de 1875 intensificou sua atividade publicando alguns documentos importantes. O primeiro deles era a circular (10 de dezembro) que anunciava oficialmente a criação da nova seção em Lugano, que pretendia agrupar “os diferentes núcleos operários-socialistas-revolucionários que desejam contribuir na forma mais real e concreta para a completa emancipação do proletariado” (*apud* ROMANO, 1954, vol. III, p. 509). No texto, assinado por Lodovico Nabruzzi, afirmava-se também que a

618 O manuscrito, inédito, encontra-se no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 69.

619 Comunicação do *Prefetto* de Nápoles ao Ministro de 20 de dezembro de 1875, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 205.

620 V. a comunicação do *Ministro dell'Interno* de 18 de dezembro (no ASN, *idem*) que comunicava a partida de Cafiero, e a do chefe da polícia de Nápoles de 20 de dezembro sobre Grassi (no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 54).

621 Comunicação do chefe da polícia ao *Prefetto* de Nápoles de 21 de dezembro de 1875, no ASN, *idem*.



FI-AIT encontrava-se hoje completamente dissolvida e que a nova seção teria justamente prosseguido o trabalho por ela interrompido, mas desta vez através de uma “federação regular”. Não se tratava ainda de acusações explícitas à linha política do Comitê Italiano para a Revolução Social, mas tanto Cafiero quanto Malatesta conheciam muito bem quem havia pronunciado estas palavras e as possíveis consequências de uma posição desse tipo. Logo antes do final do ano Tito Zanardelli e Nabruzzi publicaram em Lugano o *Almanacco del proletario per l'anno 1876* [Almanaque do proletário para o ano de 1876], organizado pela redação do ex-periódico *L'Agitatore*, que continha contribuições de Favre, Malon e do próprio Zanardelli, além de um artigo coletivo não assinado. E era especialmente este último texto, intitulado “*L'organizzazione del socialismo in Italia*” [A organização do socialismo na Itália], a representar um verdadeiro ato de acusação contra a atuação do CIRS ao longo dos últimos anos, pois falava-se não apenas de “reconhecer os erros cometidos” e da falta de “organização prática”, mas afirmava-se sobretudo que “a conspiração secreta é uma das formas mais absolutas de autoridade”<sup>622</sup>. Por fim, durante o congresso da Internacional belga (25 de dezembro) foi lida uma carta de Zanardelli, em nome da seção do Ceresio, em que se afirmava que “na Itália a Internacional não será jamais uma conspiração secreta, ao contrário, ela proclama abertamente os princípios da anarquia e do coletivismo e não reconhece a misteriosa autoridade que chama se de *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*”<sup>623</sup>.

Desta vez a polêmica não podia ser ignorada e foi com muita probabilidade debatida desde logo entre os internacionalistas da península: não foi por um acaso se ainda no final de dezembro o *Prefetto* napolitano informava o *Ministro dell'Interno* de que “aqui Nabruzzi não tem crédito algum e aliás é considerado pelo partido [internacionalista] como alguém pertencente a uma outra graduação”<sup>624</sup>. Enquanto isso, na primeira reunião oficial do Círculo de Estudos Sociais (20 de dezembro), em presença de 21 pessoas (15 sócios, 4 militantes da AIT e 2 convidados), foi discutido e finalmente aprovado o Estatuto-Regulamento redigido por Covelli. Entre os afiliados haviam obviamente Covelli, Malatesta, Masciotra, Schettino e Buonfantini, além de nove estudantes, entre os quais Attanasio Dramis e Francesco Saverio Merlino<sup>625</sup>. O objetivo do Círculo era o mesmo da Internacional, a ser

622 Não consegui encontrar o documento em questão e as citações provêm do artigo de BROGGINI (*apud* FAENZA, 1973, p. 195).

623 Comunicação do *Prefetto* ao chefe da polícia de Nápoles de 7 de fevereiro de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 235.

624 Comunicação de 31 de dezembro de 1875, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 205.

625 Francesco Saverio Merlino (1856-1930): a figura de Merlino, eminente expoente napolitano do anarquismo italiano do século XIX e “advogado dos anarquistas”, estava inicialmente incluída no meu projeto de doutorado, mas acabou sendo eliminada por falta de tempo. Ele contribuiu significativamente na difusão e no

alcançado através da “publicação de livros e jornais, e afirmou-se também como este Círculo aceitava sem algum tipo de alteração as doutrinas da Internacional anarquista”. Ao longo da assembleia foi também nomeada uma comissão responsável pelas finanças (Dramis e Merlino), decidida a criação de uma comissão de propaganda, assim como reconhecida a necessidade de criar um periódico que divulgasse na região as ideias do Círculo, a enésima tentativa de fundar um jornal por parte dos internacionalistas napolitanos depois da experiência editorial de *La Campana*.

Como já disse, a partir do final do ano de 1875 Cafiero estabeleceu-se em Roma, onde não apenas recomeçou a colaboração com o *Bulletin de la Fédération Jurassienne*, mas trabalhou junto com Malatesta e o internacionalista Borghetti para reorganizar a seção local. Antes de tudo isso, no entanto, ele quis visitar os companheiros ainda detidos em Bolonha – em particular Andrea Costa e Alceste Faggioli –, os quais esperavam ainda que fosse marcada a data de início do julgamento final, pois conforme um artigo publicado no *La Plebe* (25-26 de novembro de 1875), a magistratura bolonhesa estava tentando afastar o mais possível a data da juízo, para fazer com que as recentes sentenças absolutórias em favor dos internacionalistas (tribunais de Florença e de Trani) não influenciassem o júri popular. O próprio Cafiero relatou a interessante visita a Costa no cárcere de Bolonha em uma correspondência enviada ao jornal milanês e publicada na edição do 10 de janeiro de 1876<sup>626</sup>. Ele encontrava-se sozinho em uma cela “em ótimo estado de saúde”, “sereno e sorridente, totalmente indiferente no que diz respeito seu julgamento”:

Passa o tempo todo estudando. Ele aprendeu o alemão e o inglês e dedicou-se à literatura de Shakespeare, de Macaulay e de outros estimados escritores. Eu lhe prometi enviar logo vários livros em alemão e o convidei a escrever muito, tanto sobre os estudos que ele vai fazendo, quanto sobre suas particulares meditações.

Cafiero ironizou justamente com o amigo sobre sua condição aparentemente especial como detido, já que “o governo te colocou em condição de realizar estudos tão aprofundados e diferentes”. Ao contrário de Costa, Faggioli encontrava-se em uma outra prisão de Bolonha e em condições precárias de saúde, mas tranquilizou o amigo visitante afirmando que todos os internacionalistas ali detidos não se importavam muito com o

---

desenvolvimento do pensamento anarquista na Itália a partir da segunda metade da década de 1870, trabalhando ao lado de amigos como Malatesta, Covelli e Cafiero. Esta, conforme foi já notado (TODA *apud* PARENTE, 2001, p. 143), foi a primeira vez que seu nome aparecia nos registros da polícia.  
626 A mesma carta foi traduzida para o francês na edição de 23 de janeiro de 1876 do *Bulletin*.

resultado do processo e que estavam bem humorados. Cafiero, ao cumprimentar calorosamente os amigos, refletia amargamente “sobre o grave delito de lesa-humanidade perpetrado contra estas jovens existências, precursoras de um porvir de verdadeira justiça” e dedicava palavras carinhosas para o mecânico Ippolito Dalvit, também detido junto com Faggioli, cuja “oficina está hoje fechada, e a família deste bom mecânico encontra-se na miséria mais esqualida”. A visita de Cafiero, e de consequência também a atribuição do artigo, são confirmadas também por uma anotação redigida por um guardião do cárcere de San Giovanni in Monte, onde estava detido Costa, em que comunicava a seu superior que Cafiero havia deixado para o amigo a soma de 100 liras<sup>627</sup>. Conforme já vimos no caso romano, a solidariedade econômica em favor dos internacionalistas detidos por parte dos companheiros que se encontravam em liberdade tornou-se um hábito bastante comum durante o longo período de repressão governamental contra o movimento. Segundo um documento interno da prisão de Bolonha, entre os nomes que contribuíram no sustentamento de Costa haviam parentes, amores e amigos como Costa Batta e Maria, Dall'Alpi Violante, Malatesta Errico, Cafiero Carlo e um tal “Karpoff Piero”, um parente de Vera que não consegui identificar<sup>628</sup>.

Ao mesmo tempo Malatesta, antes de alcançar Cafiero em Roma, resolveu visitar o amigo Carmelo Palladino e outros internacionalistas da região Puglia, passando por Cagnano Varano e pela cidade de Foggia, e percorrendo um longo trecho do caminho a pé: conforme as informações obtidas pela polícia, ele havia deixado Nápoles de forma oculta, fingindo-se doente, no dia 15 de janeiro, e havia regressado uma semana depois<sup>629</sup>. Em um dos documentos redigidos pelo chefe da polícia napolitana (26 de janeiro) ele, ao falar do “incorrigível internacionalista Malatesta”, fornecia ao *Prefetto* de Ancona sua descrição física para que fosse atentamente vigiado, indicando tanto a “maneira de andar como um valentão”, quanto seu “olhar provocador”. Além disso, as autoridades estavam já informadas da intenção do jovem napolitano de realizar algumas viagens no centro da Itália (Roma, Ancona, Bolonha), quando na verdade, conforme veremos em seguida, os propósitos revolucionários de Malatesta não se limitavam ao contexto nacional, mas iam além de suas fronteiras. Foi justamente a partir do começo de fevereiro de 1876, que o governo central, em particular o *Ministro dell'Interno*, preocupado pela frenética atividade no território nacional dos principais

627 Anotação redigida no 14 de janeiro de 1876, no ASBO, *Procura Generale presso la Corte di Appello*, serie I, busta VII.

628 O documento, redigido no 24 de janeiro de 1876, encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI.

629 Extraí estas informações dos informes policiais de 17, 21, 24 e 26 de janeiro de 1876, no ASN, *Prefettura*, *Gabinetto*, busta 205 e *Questura*, *Gabinetto*, busta 54. Cf. também CRISSETTI-GRIMALDI (2015, p. 133).

representantes da Internacional, voltou novamente a intensificar a vigilância sobre a associação, exigindo dos *Prefetti* não apenas “notícias precisas” e “um elenco completo de seus membros”, mas também “um relatório trimestral sobre as eventuais variações dentro do partido”<sup>630</sup>.

Por outro lado, aos 70 internacionalistas presos nos cárceres de Bolonha foi finalmente notificado, depois de 17 meses de detenção, o ato de acusação definitivo para o julgamento final. Nele, o magistrado apontava Costa como a “força motriz de tudo”, “o responsável não apenas da difusão da associação (internacional) na Itália, mas também de todos seus atos, pois teria instigado os outros a insurgir permanecendo no campo de batalha prestes para dirigir o movimento revolucionário”<sup>631</sup>. O próprio Cafiero, ao retomar a colaboração com o *Bulletin* com duas cartas enviadas de Roma (6 de fevereiro), comunicou a “boa notícia” aos companheiros suíços, mas ao mesmo tempo destacou como as perseguições policiais continuavam incessantemente no país segundo uma fórmula consagrada, ou seja, a acusação de “internationalisme et conspiracy contre l'Etat”. Seu ponto de vista privilegiado, isto é, o da cidade recém-nomeada capital do Estado, consentia-lhe também fazer algumas observações críticas sobre a gestão dos recursos municipais (contestando os excessivos gastos para o carnaval) e sobre as mais recentes dinâmicas políticas (denunciando o “total acordo” entre o Vaticano e o rei Vittorio Emanuele, e entre Garibaldi e a monarquia). A propósito da estadia romana de Cafiero, um socialista que conviveu com ele neste período traçou um belo perfil do amigo, que vale a pena citar:

Carlo Cafiero é um jovem bonito, simpático, distinto, diria quase aristocrático. Ele é míope, miopíssimo, fala pouco, escuta muito, reflete sempre. Os cabelos e a barba longa e loira transmitem no seu rosto uma expressão de inspiração. Parece quase que ele tenha uma missão para cumprir. [...] quando ele vivia aqui em Roma, não gastava nada além do necessário, embora não lhe faltasse dinheiro, e ele tratava aquele necessário com uma austera disciplina de sobriedade e de parcimônia. (*Apud* LUCARELLI, 1947, p. 23)

No entanto, a preocupar verdadeiramente Cafiero não eram tanto as manobras dos

630 Comunicação do *Prefetto* ao chefe da polícia de Nápoles de 3 de fevereiro de 1876, no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 54.

631 Citei uma correspondência publicada no *La Plebe* (16 de janeiro) redigida por Giuseppe Barbanti-Brodano (1853-1931), patriota filossocialista, que foi um dos dois advogados de Costa e que ao longo processo de Bolonha continuou publicando seus relatos no jornal milanês. Ele e o colega Giuseppe Ceneri foram nomeados pelo próprio Costa durante o sexto e último interrogatório realizado no cárcere de Bolonha (21 de janeiro), cujo relatório encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI.

verdadeiros adversários políticos ou o contexto romano, quanto à atividade daqueles companheiros que resolveram tomar um outro caminho em aberta polêmica com a trajetória percorrida pela Internacional italiana até então: a seção do Ceresio. Naqueles dias o próprio *Bulletin* suíço (30 de janeiro de 1876), provavelmente graças à intervenção de Cafiero, criticou dura e abertamente o Almanaque publicado um mês antes por Zanardelli e Nabruzzi, considerado como “uma brochura que não é nada mais do que uma máquina de guerra dirigida contra a atual organização da Internacional na Itália”. Os *jurassiens* reconheciam e justificavam a clandestinidade em que foi obrigada a atuar a FI-AIT, acusando os dois redatores italianos de agir em nome de “miseráveis rancores pessoais” e lamentando a contribuição de Favre e Malon na “intriga urdida em Lugano”. Além do mais, o novo núcleo dissidente, com uma circular divulgada no 7 de fevereiro, havia convidado as seções operárias italianas com que estava em contato – principalmente no norte da Itália e em Roma, graças à presença de Gnocchi-Viani –, a participar de um “congresso regional socialista” a ser realizado no mês seguinte, do qual “sairá uma solene proclamação de princípios seriamente aplicáveis à realidade da vida e um plano prático de organização, em conformidade com as exigências dos tempos e com a experiência feita pelos homens” (*apud* ROMANO, 1954, vol. III, p. 510).

Não foi por um acaso, portanto, que até as autoridades estivessem informadas das novas divergências no seio da Internacional: de fato, a polícia romana assinalava como “desde que encontra-se em Roma Cafiero nunca foi visitá-lo [Gnocchi-Viani]” (*apud* BINAGHI, 2002, p. 285), enquanto os colegas de Nápoles informavam o *Ministro dell'Interno* de que “já faz um tempo que aqui é conhecida a ruptura entre Zanardelli que fala em nome da seção do Ceresio e Cafiero membro do *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*”<sup>632</sup>. Considerada a excentricidade geográfica que caracterizava a atuação dos dissidentes de Lugano, Cafiero procurou sobretudo influenciar os companheiros da Federação do Jura para que, através de seu jornal e de sua propaganda pública, desacreditassem a atividade do Ceresio pelo menos no território suíço. Por esta razão ele enviou uma carta a Guillaume, que foi lida durante uma reunião dos *jurassiens* (10 de fevereiro), em que ele “implora[va] à Federação do Jura em não acolher a Seção do Ceresio e diz[ia] que Zanardelli e Nabruzzi são dois agentes provocadores” (*idem*, p. 292)<sup>633</sup>. A esta altura coloca-se também um curioso episódio narrado

632 Comunicação do *Prefetto* de 7 de fevereiro de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235*.

633 Na mesma carta, Cafiero, que se dizia “dirigente secreto” do *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale*, afirmava que o próprio Comitê possuía afiliados em muitas cidades do país. V. a comunicação do *Prefetto* ao chefe da polícia de Nápoles de 18 de março de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235*.

por Joseph Favre no seu *Dictionnaire Universel de Cuisine Pratique*, que provavelmente diz respeito aos debates realizados pelos principais expoentes da Internacional sobre a nova estratégia defendida pelo núcleo do Ceresio. De fato, conforme o cozinheiro internacionalista, ele havia preparado um jantar completo depois de uma reunião realizada no inverno 1875/1876 em Lugano entre Malon, Arthur Arnould, Malatesta, Jules Guesde, Élisée Reclus e Bakunin: embora eu não tenha conseguido achar informações acerca de um possível deslocamento de Malatesta para a Suíça neste período, acredito que o encontro tenha acontecido entre janeiro e fevereiro de 1876, já que Malon, que na época morava em Milão, foi expulso da Itália apenas no dia 7 de janeiro<sup>634</sup>. Além dos detalhes sobre o cardápio e sobre as preferências gastronômicas dos convidados (Malon e Arnould tomaram vinho tinto de Barolo, Malatesta e Guesde vinho branco de Asti, enquanto Bakunin cerveja e chá quente), o próprio Favre destacou como entre eles “foi impossível encontrar um acordo sobre as grandes questões humanitárias, sobre a solução do *modus vivendi* a ser seguido para a felicidade dos povos” (1905, p. 1647). De qualquer forma, a reunião não devia ser casual e a própria presença de Malatesta serviu provavelmente para defender a linha intransigente e para contestar pessoalmente as intenções de Malon e Favre, em presença do próprio Bakunin.

Por outro lado, a efervescência socialista no país, o desemprego entre os operários e o descontentamento popular com as difíceis condições de vida, convenceram Cafiero da necessidade de se dedicar novamente ao trabalho de reorganização das seções locais da AIT, em particular daquela de Roma, onde a presença de Viani ameaçava hegemonizar os protestos operários. Na correspondência publicada no *Bulletin* (20 de fevereiro) ele aproveitava de um artigo publicado em um jornal conservador para enfatizar a grande desigualdade econômica presente na Itália, onde “a quase totalidade da nação vive de seu trabalho ou da assistência pública e possui apenas um décimo do capital do país”; enquanto do outro lado há “cerca de meio milhão de grandes capitalistas, de grandes comerciantes, de grandes industriais, que possuem os outros nove décimos da riqueza nacional”. E aos protestos daqueles que reclamavam um emprego ou que entravam em greve para exigir melhores condições de trabalho, o governo respondia vigiando, perseguindo, prendendo os militantes ou até proibindo as reuniões públicas dos operários, como estava acontecendo em Roma onde o *Prefetto* local havia vedado a realização de uma assembleia de desempregados da capital. Cafiero concluía sua reflexão mantendo-se fiel à linha insurrecional defendida até então, pois “uma vez que é proibida qualquer manifestação no campo econômico, à massa resta apenas a

634 V. *La Plebe* (10 de janeiro de 1876).

luta no campo da força; e ali a vitória é certa”. Na carta seguinte (*Bulletin* de 4 de março), ele comentava com espanto o bacanal organizado pelo governo em ocasião do carnaval, que desta forma tentava distrair o povo das “torturas” e da “escravidão” às quais estava submetido. Neste sentido, ele traçava um paralelo entre Roma e Nápoles, que

são duas cidades onde a burguesia ainda não conseguiu obter das massas uma franca demonstração de simpatia em favor de seu governo. São duas grandes cidades substancialmente suspeitas [onde] a miséria e o descontentamento dominam mais do que em qualquer outra cidade da Itália.

O contexto romano, portanto, deixava mais de uma esperança para o processo de reorganização da Internacional, ao qual Cafiero se dedicou junto com o companheiro Borghetti a partir do final de fevereiro de 1876: como primeira etapa eles resolveram reconstituir a antiga seção local na tentativa de propagandear os princípios internacionalistas entre os operários em greve (cf. DELLA PERUTA, 1952, p. 30). Por outro lado, já vimos como, em meados de 1875, a eclosão das revoltas populares na Bósnia, em particular na região da Herzegovina, tivesse chamado a atenção de voluntários (republicanos e socialistas), na maioria jovens, que aderiram espontaneamente ao levante eslavo na esteira da tradição garibaldina, a qual ensinava a combater qualquer dominação estrangeira e a lutar ao lado dos povos que querem autodeterminar seu próprio destino. E vimos também que entre o núcleo dos representantes mais ativos da Internacional italiana, foi Malatesta aquele que mais sentiu a atração para este tipo de situações, em que se podia experimentar de verdade a luta armada no campo de batalha em defesa de ideais emancipatórios. Foi assim que ele resolveu tentar novamente alcançar a Herzegovina: antes de deixar Nápoles, porém, ele procurou obter, não se sabe por qual razão, um certificado que comprovasse sua filiação à maçonaria (9 de março de 1876)<sup>635</sup>. No dia seguinte ele partiu da cidade partenopeia junto com o internacionalista Buonfantini e com muita probabilidade ambos permaneceram por alguns dias em Roma, em companhia de Cafiero e Borghetti<sup>636</sup>: de fato, conforme Nettlau (1923, p. 92), naqueles dias houve uma reunião entre eles para decidir o retorno à atividade pública da Internacional italiana. O próprio Bakunin havia enviado uma mensagem oral por meio do amigo Serafino Mazzotti, com que aconselhava os companheiros, diante da situação de estagnação do

635 O próprio Malatesta esclareceu este episódio em um artigo polêmico publicado no periódico *La Questione Sociale* (3 de agosto de 1884).

636 A polícia partenopeia assinalou a partida de Malatesta (10 de março) em uma comunicação de 27 de abril de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235*.

movimento, a retomar novamente as atividades no território nacional. Segundo Masini (1974, nota 7, p. 398) o encontro teve lugar em ocasião das comemorações para a Comuna de Paris, realizadas cada ano no dia 18 de março, conforme testemunharia a carta de Cafiero publicada no *Bulletin* (2 de abril) em que ele descrevia o episódio:

Ontem à noite teve aqui uma numerosa reunião de operários socialistas. Havíamos combinado nos encontrar para jantar e para celebrar o 18 de março, e ninguém faltou [...]. O socialismo e a revolução social baseada sobre os princípios da anarquia e do coletivismo foram os principais assuntos abordados durante esta noite.

Foi quase certamente depois desse encontro que Malatesta e Buonfantini partiram em direção à fronteira do nordeste da Itália para tentar alcançar o campo de batalha na Herzegovina: no entanto, seu esforço acabou sendo frustrado, pois no dia 23 de março eles foram presos em Trieste pela polícia austríaca e obrigados a voltar atrás (cf. MASERATI, 1977, p. 24). A partir de então Malatesta mudou-se provisoriamente para Roma, colaborando com Cafiero e Borghetti no trabalho de propaganda internacionalista na cidade, mas continuando suas frenéticas viagens para diferentes localidades do país.

Vimos portanto como Malatesta, depois de um ano de dura detenção no cárcere de Trani, conquistou novamente a liberdade, tentando recuperar o tempo perdido não apenas em viagens contínuas dentro e fora da Itália, mas também prosseguindo o trabalho (oculto e público) em nome da Internacional. A viagem para a Espanha e as inúmeras visitas aos amigos na Suíça, as tentativas de alcançar a Herzegovina, seu ingresso na maçonaria, a participação na criação do Círculo de Estudos Sociais em Nápoles e a propaganda entre os estudantes, a reorganização da Fraternidade Socialista Revolucionária: são todos elementos que testemunham a grande dedicação de Malatesta não apenas à luta ideológica – embora nesta fase, também devido à sua jovem idade, ele não tenha contribuído significativamente no desenvolvimento teórico do internacionalismo e do anarquismo –, mas sobretudo na aplicação prática daqueles princípios pertencentes à tradição revolucionária e conspirativa do *Risorgimento* italiano, integrados e reforçados pelo conhecimento aprofundado da ideologia bakuniniana. Não por acaso, entre as três figuras que estudei, a vida de Malatesta é sem dúvida a mais intensa, aventureira, imprudente e arriscada de todas. Do outro lado havia o caráter pensativo e solitário de Cafiero que, entre Locarno, Milão e agora Roma, manteve em vida pelo menos o espírito da Internacional italiana, na espera de que seus amigos e



companheiros voltassem novamente em liberdade. Além disso, enquanto procurava resolver seus problemas econômicos e pessoais, ele se responsabilizou por contrastar desde logo o surgimento da tendência classista e moderada no seio da associação, analisando e criticando as posições de Gnocchi-Viani e da recém-criada seção do Ceresio.

Conforme veremos, esta corrente interna da Internacional foi ganhando força ao longo de todo o ano de 1876 e obrigou os defensores da linha intransigente a refletir novamente sobre os pressupostos teóricos à base de sua atuação e organização, através de um elaborado debate, tanto público quanto privado: o resultado foi um significativo avanço na perspectiva ideológica do movimento italiano e do pensamento anarquista de forma geral. Por outro lado, um evento inesperado no cenário político nacional – a crise parlamentar de março de 1876 e o advento no poder de um governo de esquerda – deixou que pensassem que a longa fase de repressão governamental contra o movimento socialista poderia finalmente terminar ou pelo menos se amenizar: também nesse caso as expectativas otimistas de alguns militantes ficaram frustradas. Mas, apesar de tudo, agora as duas “sentinelas da Revolução Social”, Cafiero e Malatesta, não teriam mais sido “perdidas”, pois o Tribunal de Bolonha estava prestes a absolver Costa e todos os companheiros ainda detidos, permitindo assim que o famigerado trio pudesse finalmente se reunir e continuar o trabalho interrompido.

## Sétimo capítulo

### Um novo início?

#### 7.1 Tribunais e propaganda

Quem saiu vitorioso do processo de unificação do país foi o partido chamado da “Direita histórica” – formado principalmente por aristocráticos e pela grande burguesia latifundiária –, que havia governado ininterruptamente a Itália desde 1848, o que levou à resolução da questão nacional e à unificação política da península, mas deixou irresolvidos uma série de graves problemas internos que tornaram o prosseguimento de sua política gradualmente intolerável. Isso porque a Itália da década de 1870, tanto de um ponto de vista econômico quanto de um ponto de vista social (miséria, analfabetismo, direitos civis...), estava longe das condições em que se encontravam as grandes potências europeias, como a França, a Inglaterra ou a Alemanha. O processo de unificação política, dirigido pela monarquia e pela Direita parlamentar, havia totalmente ignorado a existência da “questão social”, assim como da “questão meridional”, que contribuíam para o agravamento da situação econômica, enquanto foram resolvidas provisoriamente as relações com o Vaticano, cuja presença no território nacional impunha uma atenção especial à política interna<sup>637</sup>. Além disso, havia o problema da gestão administrativa da recém-criada nação, que os governos da Direita levaram adiante persistindo na adoção de uma política centralizadora e na implementação e difusão em todo o território nacional do modelo da monarquia piemontês dos Saboia: uma ideia que não apenas não deu certo mas que comportou o surgimento de uma

---

<sup>637</sup> No dia 13 de maio de 1871 foi assinada a chamada “Lei das garantias”, a qual definia as relações entre o Vaticano e o Estado italiano, separando o poder temporal do poder espiritual, mas concedendo uma série de “garantias” para a plena independência da Igreja católica.

dissidência interna ao partido, em particular entre os parlamentares do *Mezzogiorno*.

Por outro lado, as próprias cartas de Cafiero publicadas no *Bulletin* suíço entre 1874 e 1876 testemunhavam a grande desigualdade econômica presente no país e os relativos episódios de rebelião popular contra as medidas draconianas do governo, realizadas sempre em detrimento das classes mais baixas. Neste sentido, a taxa sobre o grão moído, que se encontrava ainda em vigor desde 1868, representava o símbolo mais evidente da injusta política tributária defendida pelos governos da Direita, que arrecadavam das fadigas das massas proletárias o dinheiro necessário para sustentar o grande esforço econômico exigido pelo processo de unificação nacional. De qualquer forma, era a própria atuação governamental a revelar a insuficiência e a incapacidade da maioria parlamentar, a qual encontrava-se fragmentada e dominada pelos grupos de interesse e pelos personalismos. O próprio Marco Minghetti, que em 1873 havia assumido a presidência do Conselho pela segunda vez, continuou a mesma política interna inaugurada por seus antecessores, mantendo boas relações com o Vaticano, continuando a duríssima política fiscal a fim de alcançar o equilíbrio orçamental e reprimindo incessantemente a dissidência política interna com a frequente adoção de medidas excepcionais. No entanto, a fragmentação do partido de governo e o surgimento de um certo malcontento na própria maioria parlamentar, conforme haviam já assinalado as eleições políticas de 1874, contribuíram para a aceleração do processo que levou em março de 1876 à demissão do governo Minghetti e à formação do primeiro governo de esquerda na história do país. O *casus belli* foi a proposta de estatização das ferrovias, contra a qual uma parte da maioria parlamentar passou para a oposição, aliando-se com as forças da “Esquerda histórica”, curiosamente favoráveis à privatização do transporte ferroviário<sup>638</sup>.

Portanto, depois de quase trinta anos de dura hegemonia reacionária e autoritária da direita, parecia abrir-se um novo ciclo político, em que o governo liderado por Agostino Depretis – ilustre expoente da esquerda moderada e reformadora – devia se responsabilizar por uma política interna mais progressista e inovadora, abandonando o conservadorismo que havia dominado até então. Neste sentido, o nascimento do novo executivo, se por um lado consentiu ampliar a popularidade da monarquia de Vittorio Emanuele II, que foi considerado magnânimo ao aceitar o câmbio de orientação política no governo, por outro gerou uma grande expectativa entre as massas populares, que sonhavam com uma época de maior igualdade e liberdade social, e, quem sabe, o advento da república. Conforme o “programa de Stradella”, um discurso pronunciado pelo próprio Depretis em outubro de 1875, a esquerda

638 Para aprofundar estes aspectos v. CROCE (1928), FERRARI (1929) e GRAMSCI (1959).

teria defendido a abolição da taxa sobre o grão moído, o alargamento do sufrágio, a luta contra o clericalismo e a instituição da instrução laica, obrigatória e gratuita. Todavia, a chamada “revolução parlamentar” de março de 1876 foi apenas fictícia, pois o novo governo Depretis, embora tivesse parcialmente cumprido as promessas, manteve a mesma postura autoritária em relação ao movimento internacionalista, e socialista em geral, prosseguindo substancialmente com a política repressiva dos governos de direita, demonstrado assim mais de um ponto em comum entre as principais forças parlamentares do país<sup>639</sup>. Conforme Gramsci (1975, vol. III, p. 1977), que analisava justamente os aspectos sociais, políticos e culturais desta fase histórica:

resulta que não teve nenhuma mudança essencial na passagem da Direita para a Esquerda: o marasmo em que se encontra o país não é causa do regime parlamentar [...], mas sim da fraqueza e da inconsistência orgânica da classe dirigente e da grande miséria e atraso do país.

Além do mais, o paradoxo era que ao levar adiante a perseguição dos militantes socialistas e republicanos, foi Giovanni Nicotera, ex-patriota garibaldino, companheiro de Pisacane e agora *Ministro dell'Interno*, de quem todo o movimento esperava uma maior tolerância, mas que na verdade foi ainda mais duro na repressão do dissenso político interno, dissolvendo as associações operárias, proibindo as manifestações populares e utilizando frequentemente a medida da “*ammonizione*”. Diante da crise parlamentar da Direita histórica, Cafiero e Malatesta, direto de Roma, intensificaram a propaganda revolucionária na esperança que a precariedade política do momento pudesse facilitar uma rebelião popular de massa: no começo de março eles procuraram revitalizar o movimento na região Abruzzo, convencidos da iminente queda da monarquia<sup>640</sup>. No entanto, a formação do novo governo de esquerda frustrou suas expectativas, embora a primeira correspondência de Cafiero no *Bulletin* (9 de abril) em que comentava a grande novidade política deixasse ainda aberta a esperança sobre uma possível mudança na gestão interna do país. Ele a definia “um fato muito significativo, se pensarmos nos esforços que este partido fez nos últimos quinze anos para obter o governo”; de fato,

639 Neste sentido, ver também o brilhante e esclarecedor artigo publicado na edição de 2 de abril de 1876 do periódico siciliano *Lo Scarafaggio* [A Barata], em que se comentava a formação do novo governo e a complementaridade dos dois grandes partidos no Parlamento.

640 Comunicação do cônsul italiano de Genebra ao *Ministro degli Esteri* de 6 de março de 1876 (*apud* AA.VV., 1960-2000, vol. VI, p. 752).

as coisas haviam chegado a um ponto tal que esta crise não podia mais ser evitada. No silêncio sepulcral, na paralisia produzida por uma repressão sem sentido, a monarquia e o governo estavam ameaçados de asfixia; a missão da esquerda será de dar, de dar novamente vida ao cadáver do Estado. Ela vai conseguir? Nada mais nada menos de quanto fazem os santos e os charlatães, quando são invocados para salvar um doente que os médicos já abandonaram.

Enquanto isso, no dia 15 de março começou finalmente o julgamento contra os internacionalistas em Bolonha, onde o Tribunal foi cercado por um ingente número de *carabinieri* para conter a multidão que ocorreu para assistir ao processo. Os 79 imputados – quase todos jovens operários ou artesãos provenientes da cidade de Ímola –, conforme um jornal conservador da cidade emiliana, “são na maioria dos casos vestidos civilmente; poucos têm a barba completa, enquanto muitos são os imberbes. Costa é baixinho, tem dois pequenos bigodes e usa óculos”<sup>641</sup>. Por outro lado, o correspondente do *Bulletin* (12 de março) – o próprio Barbanti-Brodano, advogado de Costa – dizia-se convencido de que “este processo será certamente um belo protesto dos filhos do trabalho contra a burguesia, da humanidade contra todos os privilégios e todas as tiranias da sociedade moderna”. No entanto, aquilo que devia ser um processo judicial contra pessoas acusadas de violar as leis do Estado transformou-se logo em um processo ideológico contra a Internacional: os próprios imputados, “tirando três ou quatro deles, declararam abertamente sua fé internacionalista” durante os interrogatórios, enquanto alguns ilustraram e aprofundaram os princípios da associação diante do júri popular. No dia em que foi interrogado Costa, a sala do Tribunal foi literalmente invadida por uma multidão de jovens estudantes e cidadãos comuns que escutaram atentamente as palavras do jovem de Ímola, quando ele contou a história da Internacional na Itália e declarou sua satisfação para poder novamente dedicar-se à propaganda, transformando “o tribunal em tribuna”<sup>642</sup>. Depois de três dias de interrogatório, durante os quais Costa havia conquistado “o respeito e a consideração de todos”, muitos dos advogados da defesa foram apertar sua mão e parabenizá-lo pelas belas palavras (*Bulletin* de 2 de abril).

Em seguida foi a vez das testemunhas, cujo número (por volta de 300 pessoas) e

641 *Gazzetta dell'Emilia* [Gazeta da Emilia] de 16 de março de 1876. V. também *Il Corriere della Sera* [O Correio da Noite] (26-27 de março) e cf. ZANGHERI (1993, vol. I).

642 No entanto, ou talvez justamente por esta razão, a partir do final de março o governo italiano proibiu a publicação das crônicas do processo até sua conclusão. Um dos poucos jornais que conseguiu publicar, violando a proibição do governo, foi *Lo Scarafaggio* de Trapani (9 e 23 de abril e 7 de maio). Portanto, também nesta situação, o *Bulletin* suíço acabou representando um precioso meio de informação no ambiente internacionalista, publicando as correspondências de Barbanti-Brodano assinadas apenas com uma “S.”.

cuja respeitabilidade contribuíram grandemente na espetacularização do processo. Entre elas havia o republicano Aurelio Saffi, que criticou o governo passado para as prisões de Villa Ruffi e que se limitou a “destacar a diferença entre o mazzinismo e o internacionalismo”, e sobretudo o exímio professor Carducci, o poeta filossocialista que havia desempenhado um papel decisivo no processo de formação ideológica do jovem Costa ao longo de seu período universitário em Bolonha. Ele, de fato, além de confirmar a grande dedicação e capacidade do internacionalista durante os primeiros anos de estudo (1872 e 1873), foi o único entre os “nomes ilustres” que fez “a apologia do espírito, da ideia do socialismo” (*La Favilla* de 2 de maio de 1876)<sup>643</sup>. Entre as testemunhas da acusação havia sobretudo policiais de diferentes graus e delatores, os quais se por um lado reafirmaram a suposta atuação ilícita dos imputados, por outro não foram capazes de negar sua impecável “honestidade e conduta moral” (*Lo Scarafaggio* de 7 de maio). Por fim, a detalhada análise processual das investigações realizadas pela polícia antes e depois das prisões de agosto de 1874 tornou evidente não apenas a obstinada perseguição da qual foram vítimas os internacionalistas, mas também os abusos de poder cometidos pelas autoridades a fim de barrar suas atividades: as prisões preventivas, as *ammonizioni*, as apreensões de jornais, a violação da correspondência particular, as propinas para os delatores e o dinheiro gasto para a vigilância etc. Em suma, tudo isso, além de demonstrar a substancial continuidade na defesa da ordem e *status quo* entre o governo da direita e o da esquerda, fez com que a tentativa insurrecional realizada pelos jovens imputados se tornasse cada vez mais compreensível, senão perdoável, aos olhos dos jurados.

Graças ao trabalho de intermediação do advogado Barbanti-Brodano e à solidariedade dos companheiros suíços, os imputados de Bolonha puderam receber uma contribuição de 218 francos para as despesas processuais por parte do Comité Fédéral Jurassienne, ao qual responderam com uma bela carta redigida no 14 de abril e publicada no *Bulletin* (7 de maio), em que se reconhece a mão de Costa e que merece ser amplamente citada<sup>644</sup>.

643 O *Bulletin* de 7 de maio relatou mais detalhadamente o discurso de Carducci, em que ele fez também a defesa da Internacional. A este propósito, a edição de 9 de abril do *Lo Scarafaggio* informava sobre uma reunião realizada entre os advogados da defesa, da qual participou também Carducci “defendendo a luta. A luta a qualquer custo, recusando qualquer transação com o burguês, que ele disse ser pior do feudalismo”.

644 O dinheiro foi enviado no dia 2 de abril, conforme uma comunicação do Consul italiano de Genebra ao *Ministro degli Esteri*, em que relatava sobre uma reunião do Comité da Fédération Jurassienne (*apud* AA.VV. 1960-2000, vol. VII, p. 24).

Nous ne vous adressons pas de remerciements, parce que ce n'est pas de mise entre frères; mais nous ne pouvons ne pas vous exprimer nos sentiments de gratitude [...].

Quelle que soit l'issue de notre procès, compagnons, nous serons toujours les mêmes: l'abime entre nous et le privilège est déjà trop profondément creusé pour que rien puisse le combler. Nous avons plus que jamais acquis la conviction qu'aucune transaction n'est possible entre nous et nos exploiters; et libres ou condamnés, nous ne cesserons pas de nous montrer dignes de la Révolution social et de l'avenir. Nous sommes jeunes, et sans autre mérite que notre amour pour le genre humain; mais c'est là ce qui fait notre force, et ce qui nous soutiendra dans les luttes difficiles où nous sommes engagés.

Salut, frères, salut et émancipation!

Uma firme declaração de propósitos que mostrava como os quase dois anos de detenção não tinham enfraquecido a férrea vontade revolucionária dos internacionalistas presos, os quais se declaravam convencidos da justeza de seus atos e, encorajados pelo apoio dos companheiros, prestes a prosseguir sua militância com a mesma intransigência defendida até então. De qualquer forma, apesar da enorme lentidão com que procedia o julgamento, o dia da sentença final parecia finalmente se aproximar. Além disso, os contatos entre Costa e seus advogados defensores tornaram possível um verdadeiro “milagre” biográfico e jornalístico: de fato, a partir do começo de maio foi o próprio Costa, isto é, um detido na espera do julgamento, a corresponder diretamente com o *Bulletin*, publicando um conjunto de seis cartas assinadas com uma “Y” em que o *imolese*, falando de si na terceira pessoa, relatava todos detalhes do processo e acrescentava seus comentários<sup>645</sup>.

Por exemplo, em uma das duas cartas publicadas na edição de 28 de maio ele se queixava de como “não apenas o socialismo foi colocado no banco dos criminosos, mas com ele todo o materialismo e toda a ciência moderna”, destacando que “o representante do ministério público foi procurar argumentos em Pierre Leroux (!) e Voltaire (!) para combater aquelas que ele chama de 'nossas indigestões mentais'”. “Estas pessoas”, continuava Costa falando da acusação, “que não acreditam em nada, não podem de consequência acreditar no progresso, nem sequer na sinceridade dos esforços daqueles que lutam para alcançar a liquidação da sociedade atual”. No entanto, a série de “estupidezes e trivialidades” pronunciadas pelo ministério público tiveram como único resultado o de provocar “as risadas de todo mundo, e seu discurso foi um verdadeiro triunfo para o socialismo que ele queria difamar”. Quanto às responsabilidades penais, o ministério público foi obrigado a descartar a hipótese de aplicar aos imputados a qualificação de “malfeitores”, isto é, comparando-os a

<sup>645</sup> As correspondências de Costa foram publicadas nas edições de 28 de maio, 4 e 18 de junho. A atribuição das cartas é feita pelo próprio GUILLAUME (2004, vol. IV, p. 31), redator do jornal.

delinquentes comuns (art. 426 do Código Penal), e manteve as acusações de “conspiração” e “atentado” contra 41 deles. Contra Costa, que não participou materialmente do motim, foram confirmadas as imputações de “incitamento e de cumplicidade necessária no atentado” e de “conspiração”, enquanto o crime mais grave do qual foi acusado Alceste Faggioli – ironizava o correspondente do *Bulletin* – “é de ter sido o amigo de Costa”.

Finalmente, entre os dias 17 e 19 de maio, foi a vez das arengas defensivas, as quais foram precedidas por uma boa notícia, que contribuiu para encorajar o trabalho dos advogados e aumentar as esperanças dos imputados: de fato, dois dias antes o Tribunal de Cassação havia absolvido e mandado libertar todos os internacionalistas detidos em Roma desde 1874. O primeiro discurso foi do advogado Barbanti-Brodano, que falou de Costa “como acusado e amigo” e que, caso único na história jurídica da Itália, declarou-se não apenas internacionalista, mas também “solidário com os imputados” (*Bulletin* de 4 de junho). Ele procurou também diminuir a gravidade dos propósitos insurrecionais dos detidos e traçar um perfil ideológico da Internacional italiana muito mais moderado e aceitável do que o original: a própria anarquia foi “reduzida a um autogoverno” (ZANGHERI, 1993, p. 441). Quando, no dia seguinte, foi o ilustre advogado Ceneri a falar em defesa de Costa, a plateia era muito mais numerosa, pois o discurso do astuto penalista havia chamado a atenção de muitos curiosos e jovens militantes socialistas<sup>646</sup>. Ele contestou as afirmações do ministério público “no que dizia respeito à parte científica e geral, sobretudo aquelas contra o materialismo” (*Bulletin, idem*), destacando a absoluta falta de idoneidade dos meios utilizados pelos imputados na hora do motim. A de Ceneri foi uma arenga culta, reforçada por muitas citações filosóficas (ele mencionou um longo trecho da *Filosofia della Rivoluzione* de Giuseppe Ferrari), em que enfatizava o alto grau de moralidade de Costa e lembrava à presidência e aos jurados a sentença de absolvição do Tribunal de Trani<sup>647</sup>.

O ato final do julgamento foram as declarações do próprio Costa aos jurados de Bolonha, um discurso que ficou conhecido no ambiente socialista italiano e que foi até impresso sob forma de cartaz e utilizado como material de propaganda (cf. COSTA, 1876)<sup>648</sup>. Ele contestava a posição ideológica da acusação, isto é, aquela ciência de derivação teológica em nome da qual a Igreja “mandou queimar Giordano Bruno e torturou Galileo”, enquanto

646 Entre eles havia algumas figuras que se tornaram dirigentes e intelectuais ilustres do futuro *Partito Socialista Italiano*, como Filippo Turati, Leonida Bissolati, Enrico Ferri e Giovanni Pascoli. Cf. ZANGHERI (*idem*).

647 Ambos os discursos dos advogados Barbanti-Brodano e Ceneri foram publicados como opúsculos alguns meses depois (1876). V. também *La Plebe* (4 de junho de 1876).

648 Seu discurso foi publicado quase integralmente também na edição de 2 de julho de 1876 do *Bulletin* suíço.



exaltava “a nova ciência”, que os internacionalistas aplicavam ao sistema social: a ciência que “derrubou os velhos ídolos e os antigos preconceitos e que derrubará, graças à sua eficácia, os antigos privilégios”. Além disso, ele reafirmava – com belas palavras que denotavam sua peculiar formação ideológica de cunho humanístico – a perspectiva interclassista e inclusiva defendida até então pela Internacional italiana:

Nós queremos o desenvolvimento pleno e completo de todos os instintos, de todas as faculdades, de todas as paixões humanas, queremos a humanização do homem. Resulta portanto que nós não trabalhamos apenas para a emancipação da classe trabalhadora, mas [...] para a emancipação inteira e completa de todo gênero humano: porque se as classes trabalhadoras devem emancipar-se da miséria, as classes privilegiadas devem emancipar-se de misérias muito mais graves daquelas do proletariado, de profundas misérias morais.

Costa, com tom autocrítico, destacava os meios ridículos utilizados pelos jovens insurgentes e “o fim não bem entendido” para o qual eles estiveram dispostos a lutar e a sacrificar sua liberdade e seu futuro: “É ridículo”, afirmava, “mas ao mesmo tempo é sublime”. Por outro lado, ele se declarava convencido de que o povo explorado e faminto podia expressar seu descontentamento só através da “força muscular da revolução”, pois muitas vezes ele “está obrigado a agir pela necessidade e por um instinto prepotente”, confirmando assim a importância atribuída pelos internacionalistas italianos ao elemento do espontaneísmo. Ele terminou seu discurso destacando o apoio mostrado pela cidadania bolonhesa durante o processo – que desta forma já havia expressado seu juízo sobre o caso – e convidando os jurados a não acreditar nas palavras do ministério público, que procurou “despertar contra de nós o fanatismo e o temor”. Na noite do dia 16 de junho de 1876 o júri pronunciou finalmente o veredito que, conforme informava o cartaz com o discurso de Costa, “foi de absolvição para todos” os imputados: evidentemente os inúmeros fatores que emergiram ao longo do julgamento, aos quais se pode acrescentar o recente câmbio de governo, induziram os jurados a ser indulgentes com os jovens rebeldes<sup>649</sup>. Andrea, junto com os outros companheiros detidos, foi libertado às três da manhã e se apressou a enviar um telegrama aos amigos do *Bulletin* em que comunicava a tão esperada notícia: “Les socialistes italiens détenus à Bologne, rendus à la liberté, envoient un salut fraternel à leurs frères du Jura. (Signé) COSTA”. Ao regressar à Ímola ele foi recebido com uma grande festa por parte

649 Cf. também ROMANO (1954, vol. III), ZANGHERI (1993) e BERTI (2009).

da população local, durante a qual foi difundido o cartaz de seu discurso no Tribunal<sup>650</sup>: o retorno à liberdade, no entanto, significou também um imediato retorno à atividade política e revolucionária.

Voltando aos parceiros de Costa, vimos qual foi a postura de Cafiero diante da mudança de governo, o qual considerava a alternância no poder algo de muito parecido com o espírito conservador descrito no romance *Il Gattopardo* de Tomasi di Lampedusa. Um assunto que interessava relativamente à atuação dos internacionalistas italianos, os quais almejavam exclusivamente uma maior liberdade de ação no território nacional. O próprio Cafiero, em uma carta enviada à Federação do Jura (lida na reunião de 2 de abril de 1876), prometia retomar imediatamente a organização de seções internacionalistas de propaganda revolucionária aproveitando “das liberdades que o atual Governo está obrigado a conceder em conformidade com seu programa”. Ele concluía afirmando que

Chegou a hora em que é preciso concentrar nossos esforços na derrubada da burguesia republicana, que hoje, para evitar um 1793, isto é, a vingança popular, faz algumas concessões para o povo estupidificado pela reação. Os piores inimigos são os republicanos. A nova organização começará quando será vista e estudada a conduta do novo Governo.<sup>651</sup>

Não surpreende, portanto, que a partir da libertação dos companheiros bolonheses, Cafiero, Malatesta e Costa dedicaram-se com inalterada paixão ao trabalho de propaganda, organização e redefinição ideológica do movimento internacionalista, começando em primeiro lugar a lidar com a dissidência representada pela seção do Ceresio. De fato, durante uma reunião do grupo de Lugano (14 de abril), da qual participaram Malon, Nabruzzi, Favre, Zanardelli, o diretor do *La Plebe* Enrico Bignami e alguns outros italianos residentes na Suíça, foi redigido um novo documento resultado do discurso de Malon, em que se apontava a necessidade de reorganizar sobre bases legais a Internacional na Itália através da qual realizar “o movimento progressivo da ideia revolucionária”, pois “qualquer outra organização ou demonstra-se praticamente inútil e vã ou converte-se em um instrumento de dissolução e de fraqueza entre os grupos do proletariado”. A proposta de Malon fazia referência não apenas ao antigo Partido Socialista Francês mas também à “teoria comunalista”, segundo a qual as diferentes Comunas (municípios) se tornariam um verdadeiro “corpo político administrativo e

<sup>650</sup> Cf. MARABINI, 1968, p. 32.

<sup>651</sup> Comunicação do Cônsul italiano de Genebra ao *Ministro degli Esteri* de 6 de abril de 1876 (*apud* AA.VV. 1960-2000, vol. VII, p. 24).

financeiro” e formariam um Governo Federal. Além disso, ele declarava abertamente que “o trabalho de emancipação humana por meio da Internacional, tem de ser realizado apenas pelo proletariado sem a ajuda das outras classes sociais e da questão política”, convidando os companheiros a desistir da ação direta e a lutar em favor da reforma eleitoral, aproveitando assim das “diferentes condições do Governo italiano”. Por outro lado, a presença de Bignami na reunião não era casual, pois entre as ideias defendidas no documento recomendava-se vivamente escolher um jornal socialista italiano – “entre os já existentes e que tenha demonstrado mais atitude e capacidade” – para torná-lo o órgão oficial no novo agrupamento. Mas a parte que mais incomodava os membros do *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale* era justamente aquela onde Malon analisava as outras teorias no seio da Internacional italiana, destacando “seus defeitos, seus erros e os resultados parciais e incompletos que derivaram”:

Falando do partido dos intransigentes socialistas ele acredita absolutamente necessário se separar deles, sendo aquele partido causa precípua das atuais divisões na Internacional, causa de dissídios, promotor da infrutuosa agitação que há três ou quatro anos desorganiza e reduz as forças do partido socialista, desperdiça sua energia através de infecundas lutas pessoais e de interesse regional ou individual. (*Apud* ROMANO, 1954, vol. III, p. 512)

No entanto, o ataque direto e explícito à linha política defendida pelo CIRS e a nova proposta de reorganização, que devia culminar na formação de uma federação regional, isto é, nacional, não encontraram inicialmente uma adesão significativa por parte dos internacionalistas italianos em contato com a seção do Ceresio, como demonstra o anulamento do primeiro Congresso previsto para o mês de maio (cf. ROMANO, *idem*, p. 513). A partir do final de abril, enquanto esperava-se o resultado do julgamento de Bolonha, Malatesta alcançou Cafiero na capital, embora a recente expulsão do território austríaco lhe impusesse uma certa cautela no trabalho de propaganda<sup>652</sup>. Um interessante relatório redigido pelo Consul italiano em Genebra confirmava que

quem dirige hoje o socialismo na Itália, difundindo seus princípios até dentro do exército, é Carlo Cafiero de Barletta, o qual continua viajando de um lugar para outro da península e que não se contenta em propagandear as teorias mas exige a qualquer custo que se passe à ação. (*Apud* AA.VV., 1960-2000, vol. VII, p. 99)<sup>653</sup>

652 Ver as comunicações entre o *Prefetto* e o chefe da polícia de Nápoles de 24 de abril de 1876, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta 56*.

653 A propaganda no exército por parte dos membros do CIRS (Borghetti, Grassi, Mazzotti, Malatesta e Cafiero)

Além disso, o comunicado, evidentemente redigido graças a informações confiáveis obtidas no ambiente internacionalista suíço, informava a ideia de Bignami de transformar *La Plebe* “em sentido socialista revolucionário” e de deixá-la sob a “direção indireta de Malon e de sua esposa”, a ex-communard e socialista francesa André Léo. A repentina interrupção, por parte de Cafiero, da colaboração com o jornal de Milão foi, portanto, motivada por este inesperado apoio à nova corrente moderada liderada por Malon, cuja propaganda já havia chegado até Nápoles<sup>654</sup>. Foi assim que Cafiero resolveu deixar a capital e regressar novamente à cidade partenopeia: no dia 11 de maio ele se mudou para a casa de Emilio Covelli, enquanto Malatesta, conforme o mesmo informe de polícia, permaneceu em Roma trabalhando como ajudante fotógrafo<sup>655</sup>. Em Nápoles, Cafiero encontrou uma situação não muito encorajadora, pois a seção internacionalista local não havia ainda encontrado uma sede fixa<sup>656</sup> e o próprio *Circolo di Studi Sociali* estava moribundo, enquanto os únicos que continuavam alacremente o trabalho de propaganda eram Covelli e Schettino, que procuravam publicar opúsculos através do Círculo e dar vida finalmente ao jornal *Il Socialista*: o que lhes faltava, como sempre, eram os recursos econômicos.

No entanto, foi graças a seus esforços que se reconstituiu a *Federazione Operaia Napoletana*, a qual foi organizada sobre as mesmas bases daquela criada por Cafiero e Malatesta cinco anos antes: de fato, o esboço de programa redigido por Covelli e Schettino, conservado em cópia no Arquivo de Estado de Nápoles, é literalmente idêntico ao original redigido em dezembro de 1871. Isso demonstrava mais uma vez a grande sintonia existente entre os principais internacionalistas partenopeus e o compartilhamento da mesma perspectiva política e organizacional. Um dos primeiros atos da reorganizada federação, que foi colocada sob a presidência do jovem Buonfantini, foi justamente o envio de um telegrama aos companheiros de Bolonha, em que os napolitanos festejavam a conclusão exitosa do

---

era confirmada também por uma comunicação do Ministro dell'Interno de 22 de abril, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235*.

654 Uma comunicação de 6 de maio de 1876 (no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235*) informava sobre uma reunião de operários realizada na cidade partenopeia na qual foram divulgados os opúsculos de Malon. Conforme o mesmo comunicado, naqueles dias Malatesta, diretamente de Roma, teria realizado algumas viagens para a Romagna e para Florença. Por outro lado, o último testemunho das relações entre Cafiero e *La Plebe* encontra-se na edição de 4 de junho, onde o jornal publicou duas breves mensagens para ele na rubrica *Piccola posta* [Pequeno correio].

655 Comunicação de 12 de maio, no ASN, *idem*.

656 Foi realizada uma reunião preparatória da qual participaram 12 ou 13 pessoas que representavam os ofícios dos sapateiros, dos alfaiates, dos mecânicos e dos pintores. V. também o informe policial (sem data mas relativo a esta reunião) no ASN, *Questura, Gabinetto, busta 54*.

processo<sup>657</sup>.

De qualquer forma, tanto a polícia de Roma quanto a de Nápoles encontravam-se em estado de alerta devido à renovada atividade dos internacionalistas, demonstrando que a mudança no governo não havia alterado as preocupações do novo *Ministro dell'Interno*, o ex-garibaldino Nicotera. Cafiero continuava seus deslocamentos entre as duas cidades<sup>658</sup>, enquanto a situação econômica de Malatesta foi objeto, desde sua chegada em Roma, de uma acurada análise por parte das autoridades locais na tentativa de aplicar-lhe a famosa *ammonizione* como “ocioso e vagabundo”<sup>659</sup>. O próprio companheiro Borghetti, que era um dos militantes vigiliados pela polícia romana, acabou sendo preso (30 de maio) justamente por ter descumprido a medida restritiva e foi condenado a três meses de prisão (cf. DELLA PERUTA, 1952, p. 31)<sup>660</sup>. Poucos dias depois foi a vez de Malatesta: naqueles dias foram realizadas em Roma uma série de assembleias operárias para discutir a realização de obras no rio Tevere. Uma proposta lançada pelo próprio Garibaldi e apoiada pelo novo governo de esquerda havia concentrado na capital uma multidão de trabalhadores à procura de um emprego. No entanto, o número de vagas disponíveis foi muito abaixo do esperado e isso não apenas deixou na cidade muitos operários desempregados e descontentes, mas também gerou uma polêmica entre os trabalhadores que vinham de outras regiões e os de Roma, os quais se queixavam da presença desses “competidores”.

Malatesta obviamente não pôde faltar na reunião e em seu discurso, relatado parcialmente pelo jornal conservador *Gazzetta Piemontese* (2 de junho de 1876), ele estigmatizou a crueza do conflito de classe entre os capitalistas e os proletários romanos, lembrando à plateia que “não se deve polemizar com os operários que vieram de fora, mesquinha ideia de municipalismo, pois os operários são todos irmãos e para qualquer lugar eles vão sempre trazem benefícios”. A esta altura, a presidência, que já uma vez havia interrompido Malatesta pela radicalidade de seu discurso, começou a polemizar duramente com o jovem napolitano, deixando-lhe afinal a possibilidade de ler uma ordem do dia – aprovada pelos participantes –, em que exigia-se a formação de uma comissão formada por industriais e operários para estabelecer, sem a interferência de subcontratantes ou concessionários, o justo salário. Além disso, reclamava-se também a necessidade de definir

657 V. os informes policiais de 3 e 25 de junho de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 235.

658 Comunicação do Consul italiano de Genebra ao *Ministro degli Esteri* de 14 de junho (*apud* AA.VV., 1960-2000, vol. VII, p. 206).

659 Ver as comunicações entre as polícias de Roma e Nápoles de 2, 28 e 30 de maio de 1876, no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 54.

660 V. também o artigo de Cafiero publicado no *Bulletin* (2 de julho de 1876).

exatamente a jornada de trabalho “de acordo com os interesses sanitários e morais do trabalhador, que desta forma tem a oportunidade de dedicar-se à autocultura e à recreação racional”<sup>661</sup>. Foi muito provavelmente em uma outra dessas reuniões públicas, realizada no dia 18 de junho, que Malatesta acabou sendo preso, junto com outros dois companheiros: ele foi considerado “ocioso e provocador de tumultos” e transferido imediatamente para Nápoles para que fosse *ammonito*. A ordem vinha diretamente do *Ministro dell'Interno* Nicotera, que já o havia avisado por meio de Saverio Friscia para manter uma boa conduta, um ditame que Malatesta não podia aceitar. Agora, portanto, o Ministro exigia que o jovem internacionalista fosse impedido de abandonar a cidade partenopeia, deixando, no entanto, que fosse a justiça local a pronunciar a última palavra: assim, por um bizarro acaso do destino, um dia depois da libertação de Costa, foi Malatesta quem caiu novamente nas malhas da justiça<sup>662</sup>.

O próprio Cafiero, que continuava incansavelmente sua colaboração com os companheiros da Federação do Jura<sup>663</sup>, deu conta do ocorrido criticando duramente a atuação do novo governo e, em particular, do Ministro: “Assim como Rabagas, a esquerda, uma vez no poder, não consegue mais entender a necessidade dos protestos; ela os proíbe severamente e se eles acontecerem igualmente, obriga os jornais a manter o silêncio, como se nada tivesse acontecido”. Isso ocorreu não apenas no caso de Roma, mas também com as contramanifestações em ocasião das comemorações nacionais para a “batalha de Legnano” (29 de maio de 1176), quando os socialistas de diferentes cidades (Roma, Bolonha, Nápoles e Florença) protestaram “contra o patriotismo burguês” sem que a imprensa “oficial” tivesse mencionado o fato. Cafiero queixava-se também da recente atitude da burguesia liberal que, “depois da chegada da esquerda ao governo, perdeu totalmente a razão, e muitos radicais orgulhosos e velhos republicanos encontram-se hoje transformados em delatores a serviço do governo”<sup>664</sup>. Ainda na conclusão da correspondência ele denunciava, com uma bela metáfora

661 Extrai estas últimas informações e a própria citação de uma correspondência publicada no jornal londrino *The Daily News* (10 de junho de 1876), que me foi repassado gentilmente por Davide Turcato.

662 Ver a comunicação do chefe da polícia de Roma ao colega de Nápoles de 18 de junho de 1876, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 54. Cf. NETTLAU (1923, p. 92). O próprio Malatesta criticou duramente a atuação das autoridades naquela ocasião em uma correspondência publicada em seguida no *Il Martello* (29 de julho de 1876).

663 Entre os documentos da Fédération Jurassienne, digitalizados e disponibilizados on-line pelo International Institute of Social History de Amsterdã, encontrei uma carta inédita do Comitê Federal do Jura a Cafiero (18 de maio de 1876) em que lhe pediam para formar um pequeno grupo de socialistas italianos para redistribuir o dinheiro recolhido em favor das famílias das vítimas do massacre de Göschenen (v. p. 196 do presente texto). Não foi possível descobrir se efetivamente Cafiero tenha aceito e cumprido a missão.

664 Sobre o problema do uso desconsiderado de delatores por parte da polícia o periódico *La Favilla* publicou um artigo (13 de abril de 1876) intitulado justamente “*Le spie del governo moderato*” [Os espões do governo moderado].

agrícola, as falsas promessas do executivo reformista, confirmando assim a vaidade das ilusões de muitos proletários sobre a suposta tolerância do novo governo em relação às associações operárias: “É bom que este tipo de coisa seja conhecida, porque nossos novos governantes querem parecer liberais, reparadores e salvadores, enquanto todo seu liberalismo se reduz a saber como torcer o pescoço das galinhas com tanta habilidade para elas não gritarem” (*Bulletin* de 2 de julho de 1876). Como veremos, no entanto, as galinhas internacionalistas continuaram andando soltas pelo galinheiro, salvando o pescoço e gritando em voz alta suas ideias e suas reivindicações.

## 7.2 Nápoles chama, Bolonha responde

Na manhã do 19 de junho, chegou em Nápoles, escoltado por um policial, “o notório Errico Malatesta”, que foi imediatamente interrogado na sede da polícia partenopeia: ele confirmou a propaganda socialista realizada em Roma como membro do Círculo Operário daquela cidade, enquanto desmentiu a hipótese segundo a qual ele não teria recursos econômicos suficientes para se manter e portanto seria passível da *ammonizione*. De fato, ele afirmou ter vivido em Roma graças “aos recursos da minha família, dos quais estou largamente provido”, mencionando o tio “Francesco Malatesta” como testemunha. Aparentemente isto contribuiu para convencer as autoridades as quais, contrariamente aos desejos do Ministro, não puderam obrigar o internacionalista a permanecer na cidade, mas o convidaram apenas a comunicar seu novo endereço<sup>665</sup>. Por seu lado Malatesta, que ainda não possuía domicílio estável em Nápoles, recusou-se, pois considerava-se um “livre cidadão”, cujos direitos precisavam ser respeitados<sup>666</sup>. O chefe da polícia, ao relatar a notícia ao *Prefetto*, ironizou afirmando “todavia o descobrirei logo”, como efetivamente se deu. Dois dias depois ele informava ao superior que Malatesta havia se mudado para a casa de Emilio Covelli e que, com a presença de Cafiero, tornou-se provisoriamente o fulcro de toda a ação internacionalista na cidade de Nápoles, para não dizer da Itália toda<sup>667</sup>.

665 Este descumprimento da ordem ministerial foi justificado não só pela falta dos requisitos necessários para a *ammonizione*, mas também por uma certa magnanimidade do pretor napolitano responsável pelo caso, o qual, conforme um documento de arquivo (de 28 de setembro de 1876, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta* 54), decidiu ingenuamente suspender a execução da medida judicial “na tentativa de verificar se, por meio de uma benevolente alerta, Malatesta tivesse mudado sistema de vida”.

666 Interrogatório de Errico Malatesta de 19 de junho de 1876, no ASN, *idem*.

667 Comunicações de 19 e 21 de junho de 1876, no ASN, *idem*.

O outro centro nevrálgico da AIT italiana era ainda representado pela região Emilia-Romagna, em particular pela área de Bolonha, a partir de onde irradiava-se agora a frenética atuação de Costa. No primeiro dia de liberdade (18 de junho) ele realizou uma conferência em uma taberna de Ímola (cf. MARABINI, 1968, p. 43), enquanto no dia seguinte ele pronunciou um discurso na praça central da cidade, ao qual assistiram por volta de 250 pessoas e com que foi reorganizada oficialmente a seção internacionalista local<sup>668</sup>. Se por um lado, portanto, a atuação conjunta, embora geograficamente separada, de Costa, Cafiero e Malatesta no território nacional representava finalmente uma retomada das atividades da Internacional “intransigente” italiana, por outro, assinalava-se também um simultâneo crescimento da corrente reformadora e moderada liderada por Malon e seus parceiros, especialmente na região Lombardia. O próprio *Bulletin*, na mesma edição em que relatou brevemente o discurso de Costa em Ímola (2 de julho), informou os leitores de que outras seções haviam sido reconstituídas nas cidades de Milão, Pavia, Lodi, Piacenza, Cremona, Codogno, Mântua e Varese. Para Costa era portanto necessário conhecer melhor esta nova situação e definir com os companheiros de sempre a nova conduta a ser adotada: foi assim que no dia 22 de junho ele viajou rapidamente para Nápoles, onde no dia seguinte encontrou Cafiero, Covelli e Malatesta. O “objetivo da reunião”, conforme informou o *Prefetto*, “foi o de encontrar um acordo sobre um programa geral a ser enviado a todas as seções internacionalistas da Itália”<sup>669</sup>.

Ao regressar a Ímola, através de uma carta aos companheiros do Jura em nome “dos socialistas detidos em Bolonha”, comunicava o início do processo de reorganização pública da Internacional italiana, informando não apenas sobre a reconstituição das federações napolitana, romana e bolonhesa, mas também sobre os iminentes IIº Congresso da Federação Romagnola e IIIº Congresso da Federação Italiana. Na conclusão, ele reafirmava o convencimento de que os processos contra a Internacional tinham beneficiado a associação, declarando que “as prisões não nos enfraqueceram minimamente; elas, ao contrário, fizeram com que nós fôssemos mais preparados para novos embates: nós temos lutado e lutaremos com mais ardor ainda para a completa emancipação do gênero humano”<sup>670</sup>. Mas o resultado

668 Poucos dias depois ele, em nome de todos os companheiros detidos, enviou uma carta de agradecimento ao jornal *La Plebe* (24 de junho de 1876) para o apoio durante a detenção e o processo.

669 Comunicação do *Prefetto* ao *Ministro dell'Interno* de 26 de junho de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 235.

670 A carta original, que foi traduzida e publicada no *Bulletin* (2 de julho), encontra-se entre os documentos da Fédération Jurassienne digitalizados pelo IISH de Amsterdã neste endereço <http://hdl.handle.net/10622/ARCH00405.69?locatt=view.pdf> (acesso em 26 de setembro de 2016).



definitivo do encontro entre Costa, Cafiero e Malatesta foi uma circular, redigida no 1º de julho de 1876 pela rediviva Comissão de Correspondência com base em Florença e enviada a todas as seções da FI-AIT, com a qual se anunciava o IIIº congresso nacional da associação, convidando os militantes a indicar a data e o lugar do encontro e as ordens do dia a ser discutidas na reunião. No texto assinado por Francesco Natta e Gaetano Grassi – mas que foi redigida com muita probabilidade por Costa<sup>671</sup> – resumia-se a história da Internacional na Itália, destacando “as moléstias e as perseguições” das autoridades que obrigaram a associação a atuar nos últimos anos de forma clandestina. Os próprios motins de 1874 eram definidos como um “ato de protesto” contra a repressão governamental, que havia cortado “com um golpe só, todas as cabeças da hidra revolucionária” e que havia “roubado” todos os registros e a documentação oficial da associação, tornando impossível sua atuação pública. Agora, no entanto, a Internacional italiana “tem se reforçado através da análise de suas derrotas, tem se preparado para um novo período de luta para realizar um outro passo em direção da atuação de seu programa: e, cheia de vida, reapresenta-se agora ao público”<sup>672</sup>. Esta decisão, que como vimos foi concordada pelos principais expoentes da associação, contribuiu grandemente na revitalização da propaganda internacionalista e socialista no país, empurrando os antigos militantes a retomar suas atividades<sup>673</sup>.

Por outro lado, também a corrente liderada por Malon e Gnocchi-Viani, e agora coadjuvada pela *Plebe*, havia redigido no mesmo dia (1º de julho) um longo comunicado em nome da recém-criada Federação Lombarda da AIT, em que anunciava publicamente sua perspectiva política. O texto, publicado no jornal milanês (6 de julho) e escrito provavelmente por Viani, deixava de lado as polêmicas malonianas contra os membros do CIRS e convidava os militantes internacionalistas a criar círculos de “estudo econômico-social”, a organizar as seções “por artes e ofícios”, em suma, a formar uma “verdadeira federação operária”, ou melhor “o grande partido operário da Itália”. O comunicado excluía a possibilidade de utilizar métodos conspiratórios e insurrecionais, e propunha um programa aparentemente revolucionário (anarquia, coletivismo, federalismo e “liquidação social”) a ser alcançado,

671 A atribuição está baseada em algumas assonâncias do texto com o léxico costiano e em uma comunicação do Consul italiano de Genebra ao *Ministro degli Esteri* de 16 de agosto de 1876 (*apud* AA.VV., 1960-2000, vol. VII, p. 386), em que ele notava como o cartaz tivesse sido imprimido em Bolonha.

672 Um exemplar impresso deste documento encontra-se no ASBO, *Procura Generale presso la Corte di Appello di Bologna, serie I, busta VII*.

673 O próprio Costa, em uma carta a um companheiro de Veneza, informava que junto com os amigos de Nápoles, em particular com Cafiero, estavam procurando publicar naquela cidade ou em Bolonha o órgão oficial da federação. V. a comunicação do *Ministro dell'Interno* ao *Prefetto* de Nápoles de 1º de julho de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235*.

porém, através de reformas graduais e recusando qualquer “política burguesa”. Por fim, sempre em 1º de julho, todos os socialistas italianos receberam a triste notícia da morte de Bakunin: ele havia encontrado seu médico pessoal (dr. Vogt) em Berna na metade de junho, o qual havia tentado inutilmente salvar a vida do gigante russo através de duas semanas de cirurgias e tratamentos. O mito de muitos internacionalistas havia falecido miseramente, sozinho e longe dos amigos e das barricadas onde havia desejado morrer, depois de um longo período de solidão em Lugano, durante o qual havia continuado seus falimentares experimentos agrícolas<sup>674</sup>. Conforme o testemunho de uma jovem russa que frequentou a casa de Bakunin nos últimos meses de vida:

até a morte, ele permaneceu para mim simplesmente um homem, um doente, um amigo envelhecido antes do tempo e as vezes caprichoso, constantemente sujeito aos sofrimentos físicos, mas que mantinha ainda a força de ânimo, o brilhantismo de um tribuno, uma vontade de ferro que o ajudava a aguentar com a humildade de um santo um mal atroz. (BAULER apud LEHNING, 2002, p. 322)

A *Federazione Operaia Napoletana*, uma vez recebida a notícia, apressou-se em divulgar um comunicado em que lembrava a grandeza do companheiro russo, o “homem que marcou uma nova etapa no caminho do progresso humano”, sua luta “contra qualquer tirania” e contra a autoridade, resolvendo colocar um retrato de Bakunin na sede da associação e convocar uma reunião “para honrar a memória deste campeão do socialismo revolucionário” (apud LEHNING, 1953, p. 340)<sup>675</sup>. Cafiero, por seu lado, procurou desde logo informações com o dr. Vogt e começou a coletar os materiais do amigo russo com a intenção de redigir uma biografia e publicar alguns de seus escritos, constituindo até um comitê responsável para isso<sup>676</sup>. Esta tarefa foi levada adiante com muita seriedade e carinho, tanto por Costa, o qual afinal foi o redator da *Vita di Michele Bakunin* [Vida de Mikhail Bakunin] publicada em 1877, quanto pelo próprio Cafiero, que publicou em 1882 com Élisée Reclus a primeira edição (em francês) de *Deus e o Estado* e que no prefácio escreveu um belo perfil do amigo, cuja

674 V. CARR (1932), MASINI (1974) e LEHNING (2002). Os únicos compaheiros italianos que ajudaram Bakunin no último período de sua vida foram Serafino Mazzotti e a esposa Maria Focaccia, e o jovem sapateiro Andrea Santandrea. A notícia dos funerais de Bakunin foi publicada no *Bulletin* (9 de julho). V. também *Lo Scarafaggio* de 23 de julho.

675 O comunicado foi publicado no *La Plebe* (15 de julho) e traduzido no *Bulletin* (16 de julho).

676 A carta ao dr. Vogt é mencionada por MASINI (apud AA.VV., 1977, p. 15), enquanto KLOOSTERMAN (2004), ao reconstruir o percurso dos materiais de Bakunin até o instituto de Amsterdã, menciona uma carta de Antonia Bakunin a Cafiero (21 de julho de 1876) em que ela se recusou a participar deste comitê.

influência direta foi considerável. A originalidade de suas ideias, sua eloquência imaginativa e veemente, seu zelo incansável na propaganda, coadjuvados pela majestade natural de sua aparência e por uma vitalidade poderosa, abriram a Bakunin as portas de todos os grupos revolucionários socialistas, e sua atuação deixou rastros profundos em qualquer lugar, até entre aqueles que, depois de tê-lo recebido, o afastaram por causa da diferença de fim ou de método. (CAFIERO, 2008, p. 7)

De qualquer forma, a morte de Bakunin talvez contribuiu para acelerar o processo de redefinição ideológica interno à Internacional italiana liderado pelos internacionalistas napolitanos, cuja atuação continuava sendo atentamente vigiada pela polícia local: o *Ministro dell'Interno* Nicotera insistia para que Malatesta fosse guardado à vista, pedindo inutilmente sua *ammonizione* ao Procurador de Nápoles<sup>677</sup>. Foi muito provavelmente nestes dias que o jovem napolitano, obrigado a se esconder continuamente, passou pelo enésimo episódio singular de sua vida aventureira. De fato, conforme Luigi Fabbri (1939, p. 93), que redigiu a biografia do amigo a partir dos relatos do próprio Malatesta e que colocou este acontecimento entre o fim de 1875 e o início de 1876<sup>678</sup>,

Sem deixar a cidade, ele procurava se esconder e à noite ia dormir uma vez na casa de um amigo, uma outra vez na casa do outro. A polícia o seguia de perto.

Um dia, em uma rua secundária de Nápoles, ele encontrou inesperadamente o antigo diretor do cárcere de Trani, Battistelli, que o cumprimentou e lhe fez mil perguntas. Malatesta lhe disse que estava procurado pela polícia e que não sabia onde dormir aquela noite. “Vem na minha casa – lhe disse Battistelli; eu vou te esconder”. “Onde?” “Na cadeia!” e contou que havia sido transferido de Trani e que agora era diretor de uma das prisões de Nápoles. Malatesta aceitou. Foi assim que por alguns dias, para evitar a prisão, o temido internacionalista refugiou-se...na prisão!

Foi portanto Costa, que gozava de um mínimo de liberdade derivada dos dois anos de detenção e que possuía ainda muitos contatos com os militantes da Itália toda, a responsabilizar-se pela reorganização territorial da FI-AIT, na tentativa de limitar a ação do grupo representado pela Federação Lombarda, pela *Plebe* e pela seção do Ceresio. Foi graças a ele, de fato, que se organizaram os congressos regionais das federações da Emilia-Romagna e da região Umbria-Marche<sup>679</sup>; foi ele que ao começo de julho viajou para Florença para

677 Ver as comunicações policiais de 26 de junho e 4 de julho, no ASN, *Questura, Gabinetto, busta 54 e Prefettura, Gabinetto, busta 235*.

678 Fabbri fala explicitamente da ameaça da *ammonizione*, medida que interessou Malatesta apenas nesta ocasião, isto é, aos meados de 1876.

679 V. a comunicação do Consul italiano de Genebra ao *Ministro degli Esteri* de 5 de julho de 1876 (*apud* AA.VV, 1960-2000, vol. VII, p. 266).

mobilizar novamente as forças internacionalistas dormentes; foi sempre Costa que naqueles dias escreveu uma longa carta polêmica ao companheiro de Veneza Emilio Castellani<sup>680</sup> para convencê-lo a retomar as atividades e a formar a Federação Veneta. Na missiva, ele insistia para que a Federação Italiana retomasse sua estrutura original, sem porém desperdiçar as energias em pequenos projetos locais e sim concentrando os esforços na criação de um único grande periódico que “representaria o Socialismo como um todo”. Neste sentido, ele dirigia suas críticas diretamente à nova corrente no seio da Internacional italiana, que por meio de Zanardelli gozava de uma certa influência na região:

Você quer, talvez, que nós imitemos os Zanardelli e os Nabruzzi os quais, sem ter recebido o mandato de ninguém e que aliás se substituem às Comissões regulares da Federação Italia, enviam circulares em seu nome e procuram tomar posse do movimento espontâneo das nossas Seções e Federações?

E ao responder às críticas formuladas pelo companheiro veneziano, que o acusava de falar em nome de um “grupo isolado” e de não ter os recursos suficientes para começar um sério trabalho de reorganização em nível nacional, Costa lembrava a necessidade de juntar as forças, pois “atuando isolados, os poucos meios que temos não servirão para nada” (*apud* BRIGUGLIO, 1955, p. 758). Ao mesmo tempo, ao anunciar aos amigos do Jura que a reorganização da Internacional italiana estava prosseguindo de forma encorajadora (*Bulletin* de 23 de julho de 1876), ele ironizava sobre o persistente clima de perseguição governamental contra os internacionalistas, confirmando a intenção de retomar um caminho aparentemente “legal” e denunciando a atitude mentirosa da imprensa conservadora:

Os jornais burgueses que, na falta de outras opções, tornam-se policiais, e o fazem inabilmente, utilizam todos os recursos possíveis para preparar ao governo de esquerda o terreno para novas perseguições contra os socialistas: eles falam de *bandas armadas*, que existem apenas na sua imaginação, e procuram terrorizar as consciências timoratas dos honestos burgueses [...]. Mas todo mundo sabe agora como comportar-se diante desta farsa e não para de rir. O socialismo, sem se preocupar com estes clamores e estas moléstias, continua seu trabalho de propaganda e de organização.

Como de fato aconteceu: no dia 16 de julho foi realizado em Bolonha o IIº Congresso da AIT da região Emilia-Romagna, que foi presidido pelo próprio Costa e que

<sup>680</sup> Emilio Castellani (1851-1921): publicista e internacionalista de Veneza que contribuiu na criação da seção local, mantendo boas relações com Costa e participando das primeiras manifestações do movimento anarquista italiano. Cf. BRIGUGLIO (1955).

sancionou a criação da relativa federação regional<sup>681</sup>. Participaram da reunião quatorze delegados que representavam 13 seções e 7 federações da região, além de outros companheiros desprovidos de mandato. O primeiro ato do congresso foi o elogio fúnebre de Bakunin, ao qual Costa exigiu se dedicasse um voto solene para a atuação das ideias que ele propugnava; além disso, foi aprovada, por meio de uma subscrição de 5 centavos de liras para cada sócio, a publicação de uma *Vita popolare* [Vida popular] do revolucionário russo. Mas o encontro foi decisivo sobretudo de um ponto de vista teórico pois, em primeiro lugar, foi reafirmada a relevância dos Estatutos Gerais da AIT, os quais foram colocados como prefácio aos Estatutos particulares da nova federação, para testemunhar inclusive uma continuidade com o trabalho realizado até então. De fato, os Estatutos Gerais, conforme o relatório oficial do congresso

permitem aos Trabalhadores determinar livremente através de quais meios eles pretendem alcançar sua emancipação e, ao mesmo tempo, representam o *terreno comum* sobre o qual encontram-se os Trabalhadores de todos os países, independentemente de suas opiniões políticas ou religiosas. (*Apud* MASINI, 1964, p. 111)

Por outro lado, o “Programa revolucionário especial” da federação era interpretado de forma ampla e abrangente, deixando a possibilidade de que outros companheiros seguissem um “caminho diferente” para obter sua emancipação, desde que se encontre um acordo pelo menos no campo da “luta econômica”. Os representantes reafirmaram a incompatibilidade do Estado e da propriedade individual com a emancipação dos trabalhadores – que provocavam a dependência econômica e política do operário –, e defenderam os princípios da Anarquia, do Coletivismo e do Federalismo, contra qualquer “luta política” que conduza à formação de um “*estado operário*” ou à realização do “*comunismo autoritário*”. Os delegados, continuava o relatório, “que na maioria dos casos são operários, não fazem portanto uma guerra de classe apenas em favor dos operários; mas procuram, ao contrário, através de sua emancipação, a emancipação inteira e completa de todo o gênero humano”. Foi defendida a “plena liberdade da união entre o homem e a mulher” e o direito à independência econômica de ambos: uma união, portanto, “baseada na afeição, na estima e nas inclinações recíprocas”. A educação integral das crianças, a solidariedade operária internacional, a propaganda socialista por meio de conferências, opúsculos e

---

681 No primeiro congresso (26 de julho de 1873) havia sido criada apenas a Federação Romagnola, enquanto agora se decidiu juntar o pequeno número de seções da Emilia e criar uma federação única.

periódicos, por fim, foram outros princípios propunhados pelo congresso. Mas apesar desta plataforma ideológica comum, que permaneceu praticamente inalterada desde a criação em 1872 da Federação Italiana, a novidade teórica mais importante da reunião era representada pelo apelo à formação “de uma nova consciência popular” e do “grande partido socialista revolucionário”: expressões ambíguas, já que o congresso declarava-se abstencionista e focado na luta “do trabalho contra o capital”, mas que, deixando de lado os métodos conspiratórios dos últimos anos, assinalavam uma certa mudança de posição, especialmente no que dizia respeito à contradição entre a tentação revolucionária e a necessidade de uma atuação política imediatamente emancipadora<sup>682</sup>.

De qualquer forma, a decisão de escolher Ímola como sede da recém-criada federação confirmava o papel decisivo de Costa, reconhecido por todos os companheiros, nesta fase de reorganização da Internacional italiana, pelo menos nas regiões centrais do país. Poucos dias depois (23 de julho) ele presenciou também ao Congresso regional da AIT em Florença, quando foi reconstituída a Federação Toscana. Da reunião, que foi presidida por Francesco Natta, participaram os representantes de 13 seções internacionalistas que escolheram a sede para as Comissões de Correspondência (Siena) e de Estatística/Propaganda (Livorno). A ordem do dia mais interessante que foi aprovada dizia respeito à necessidade de organizar as seções por artes e ofícios e de criar caixas de resistência; além disso, a nova federação declarou-se “favorável à greve como meio de protesto do trabalho contra a tirania do capital”, mostrando assim uma postura muitos mais moderada que não fazia referência aos princípios da anarquia, do coletivismo e do antiautoritarismo. De fato, no relatório oficial falava-se da grande propensão do proletariado toscano para o associacionismo e propunha-se a propaganda de princípios genericamente socialistas “em todos os círculos e as sociedades operárias, e especialmente naquelas do campo” (*apud* MASINI, 1964, p. 121)<sup>683</sup>. Eram todos sinais que apontavam em direção de um gradual processo de revisão ideológica dos pressupostos que haviam orientado a atuação da Internacional italiana até então, um processo facilitado pela dura repressão governamental do movimento socialista e que portanto envolveu também os principais expoentes da associação dos trabalhadores.

Se por um lado, como vimos, havia a presença de uma tendência “obreirista”, moderada e “evolucionista” que do norte da Itália estava para encontrar aliados válidos na

682 Cf. BERSELLI (1982) e ZANGHERI (1993, vol. I).

683 Foi justamente em julho que Luisa Minguzzi, esposa de Francesco Pezzi, reorganizou a seção feminina da Internacional de Florença, que poucos meses depois publicou um belo apelo “*A tutte le operaie d'Italia*” [A todas as operárias da Itália]. Cf. BASSI ANGELINI (2004).

redação do periódico siciliano *Il Povero* e no seu diretor Ingegneros-Napolitano<sup>684</sup>, por outro, a legítima Federação Italiana da AIT continuava sendo dirigida prática e teoricamente pelas mesmas pessoas, isto é, pelos três protagonistas dessa história em colaboração com os companheiros suíços do Jura. Era o consulado italiano em Genebra, que evidentemente possuía uns delatores entre os internacionalistas daquela cidade, a confirmar esta que é algo mais de uma simples hipótese:

Todas as circulares da Internacional na Itália são, conforme me foi assegurado, redigidas por Cafiero, Costa ou Malatesta; os operários das seções emprestam apenas suas assinaturas. Quem inspira o movimento é Guillaume de Neuchâtel. Atualmente, as Comissões de Correspondência na Itália são duas: a de Ímola e a de Florença. Mas esta última tem pouca importância; a dirigente é a de Ímola, onde encontra-se Costa. (*Apud* AA.VV., 1960-2000, vol. VII, p. 331)

O fato de que Guillaume fosse apontado como um dos “inspiradores” do movimento não era absolutamente casual, embora seu nome estivesse presente nos arquivos da polícia havia muito tempo como principal representante da Internacional na Suíça. Foi ele que, através do *Bulletin*, permitiu a Cafiero trabalhar como correspondente para o jornal e, desta forma, fazer com que ele pudesse continuar representando a linha intransigente da Federação Italiana em uma época na qual a maioria de seus militantes encontrava-se presa e muitos de seus periódicos haviam sido fechados ou sofriam perseguições. Além da evidente sintonia teórica entre os militantes *jurassiens* e os italianos, que de fato trabalharam juntos desde a publicação da notória Circular de Sonvilier em 1871, é oportuno destacar como no seio da Federação do Jura o debate sobre os meios de luta mais adequados e a organização da sociedade futura tivesse sempre tido uma relevância especial, como demonstrava por exemplo o trabalho começado por Guillaume no final de 1874 sob sugestão de Cafiero que analisarei no próximo capítulo<sup>685</sup>. Agora, no entanto, a federação suíça estava promovendo, através da realização de conferências e da publicação de material de propaganda, uma aprofundada

684 A partir do final de 1875 a Sicília viveu um período de reafirmação do movimento socialista através da publicação de jornais (*La Lince*, *Il Nomade*, *Lo Scarafaggio*) e da criação de seções internacionalistas e de círculos de propaganda socialista que, graças à estadia clandestina de Malon na ilha em 1876, aprovavam a propaganda anticonspiratória e moderada do francês e da Federação Lombarda. A partir de setembro de 1876 (v. o anúncio no *Lo Scarafaggio* de 7 de agosto) Ingegneros-Napolitano retomou a publicação do *Il Povero* e contribuiu na criação do Círculo de Propaganda Socialista de Palermo.

685 Trata-se do opúsculo *Idées sur l'organisation sociale* que foi publicado em Chaux-de-Fonds em agosto de 1876. Além disso, já em fevereiro daquele ano o membro da Federação do Jura François Dumartheray havia publicado o opúsculo *Aux travailleurs manuels partisans de l'Action Politique*, que contribuiu em ampliar o debate introduzindo pela primeira vez o termo “comunismo anarquista”.

reflexão sobre o coletivismo que envolveu rapidamente tanto o grupo liderado por Malon quanto o grupo Cafiero-Costa-Malatesta e, portanto, toda a federação italiana<sup>686</sup>. Neste sentido, não surpreende que as autoridades, depois dos contatos entre Guillaume e Costa para estabelecer se a Itália podia assumir a coordenação da associação para o biênio 1876-1877, estivessem informadas de que “a direção moral caberá sempre à Federação do Jura”<sup>687</sup>.

Voltando à situação napolitana, enquanto Costa se dedicava à reorganização territorial do associação, Cafiero, Covelli e Malatesta procuravam organizar uma assembleia em memória de Bakunin, redigindo um breve necrológio do amigo russo. Sua morte havia representado uma grande perda para todos os militantes socialistas, italianos ou não, e muitos daqueles que consideravam Bakunin a “guia secreta” da Internacional perguntavam-se agora quem o teria substituído à frente do movimento: a este propósito, a própria polícia partenopeia assinalava que “Malon seria destinado a suceder como representante do partido que havia Bakunin como chefe, mas ele tem muitos adversários que o consideram um homem ambicioso e não muito sério, e assim lhe fazem oposição”<sup>688</sup>. E enquanto a seção do Ceresio aderiu definitivamente à Federação Lombarda da AIT (metade de julho) um novo canal de comunicação consentiu a Cafiero manter os contatos também com os internacionalistas do Cantão italiano do Ticino. Tratava-se de Carlo Salvioni<sup>689</sup>, um jovem estudante que havia conhecido Élisée Reclus e Bakunin em Lugano e que agora estava prestes a colaborar na organização do congresso geral da AIT de outubro de 1876 e a criar uma pequena seção internacionalista em Bellinzona, em oposição a perspectiva defendida pelos membros da Ceresio. Neste sentido, a breve mas significativa correspondência entre os dois, que começou em julho e encerrou-se no final daquele ano, testemunha o comprometimento do jovem suíço com os princípios do internacionalismo antiautoritário e a grande confiança depositada nele por Cafiero para contrastar a atuação de Zanardelli e Nabruzzi no Ticino.

Conforme Nettlau (1923, p. 95), foi no mês de julho de 1876 que, ao longo de

686 Uma conferência pública foi realizada por Adhémar Schwitzguebel no dia 12 de março em Saint-Imier, enquanto uma numerosa reunião ocorreu em Berna para discutir “os meios de propaganda da Internacional”. V. *Lo Scarafaggio* (18 de março e 9 de abril de 1876).

687 Conforme a comunicação do vice-Consul italiano em Genebra ao *Ministro degli Esteri* de 28 de julho de 1876 (apud AA.VV, 1960-2000, vol. VII, p. 336), Costa havia respondido que “com o atual governo não há grandes perigos e que portanto se podia estabelecer o novo centro diretivo da Internacional na Itália”.

688 Comunicação do Procurador geral ao *Prefetto* de Nápoles de 9 de julho de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 235.

689 Carlo Salvioni (1858-1920): estudante de Medicina em Basileia entrou em contato com Reclus em 1873 que o introduziu nos ambientes do internacionalismo suíço. Salvioni, no entanto, abandonou a militância socialista no final da década de 1870 e dedicou-se aos estudos de filologia e linguística. Cf. BROGGINI (1971).



várias reuniões “à beira do mar” de Nápoles, Cafiero, Malatesta e Covelli chegaram a elaborar, evidentemente influenciados pelo debate já em andamento nos jornais<sup>690</sup>, “a ideia do anarquismo *comunista*”, que teriam defendido e proposto no iminente congresso nacional. Se por um lado, portanto, Cafiero, Malatesta, Covelli e Costa contribuíram na reorganização e redefinição ideológica da federação internacionalista italiana, por outro, eles não pareciam dispostos a abandonar a estrutura conspirativa pré-existente e tampouco a esperança de poder realizar novamente uma tentativa insurrecional no país. Os debates e as polêmicas continuavam também de forma privada e o trabalho de vigilância das autoridades, que na época violavam constantemente a correspondência dos militantes socialistas, forneceu-nos preciosas informações sobre esta importante passagem interna à associação italiana. Por exemplo, a Comissão de Propaganda da Federação Toscana ao corresponder com a seção internacionalista de Genebra a informava de que

O Governo não tem mais tempo para se salvar; se ele nos deixa a liberdade de atuar através dos jornais, das assembleias, dos congressos, então organizaremos a Revolução publicamente; se a Internacional for proibida, então nós ativaremos os numerosos Comitês secretos.

O mesmo informe interessante do Cônsul italiano em Genebra comunicava ao *Ministro degli Esteri* que

continua a polêmica epistolar entre Malon e Costa. Malon agora repudia o movimento das bandas armadas e diz que precisaria educar bastante o povo Italiano antes de levá-lo à Revolução. Costa, Cafiero, Malatesta e outros pretendiam agir de um momento para o outro. Cafiero encontra-se atualmente em Roma.<sup>691</sup>

O fato de que os próprios expoentes das diferentes tendências se comunicassem ou se encontrassem diretamente (conforme havia feito Malatesta na reunião/jantar com Favre e Malon), mostrava que por um lado eles tentaram resolver ou minimizar as divergências teóricas pessoalmente, sem que todos os afiliados e (em tese) o próprio governo pudessem conhecer as divisões presentes na associação; e por outro, assinalava a existência de um certo respeito entre eles, sobretudo para o ex-communard francês, ao contrário de quanto acontecia com Zanardelli, Nabruzzi e o siciliano Ingegneros-Napolitano. De qualquer forma, a

690 Como veremos muitos dos artigos publicados no *Bulletin* foram traduzidos e publicados nos jornais italianos, como *La Plebe* e *Lo Scarafaggio*.

691 Comunicação de 12 de agosto de 1876 (apud AA.VV., 1960-2000, vol. VII, p. 374).

informação que indicava a presença de Cafiero em Roma ao começo de agosto é parcialmente confirmada por uma viagem para Sorrento realizada no dia 6 de agosto quando ele, diante de um notário daquela cidade, vendeu suas últimas propriedades para os irmãos Carmine e Gaetano De Martino por um valor de 153 liras. Agora lhe restava apenas a Baronata, que encontrava-se abandonada e inculta, embora Emilio Bellerio e Guillaume estivessem ajudando o amigo, por enquanto sem resultados, na venda da moradia suíça<sup>692</sup>. Evidentemente Cafiero precisava de recursos não apenas para se sustentar mas também para financiar a reorganização da associação na Itália, inclusive por meio da criação de novos periódicos, um desejo que os internacionalistas napolitanos sempre procuraram realizar. Como veremos, no entanto, aquela pequena soma não podia certamente servir para financiar este tipo de atividade. Nos mesmos dias, também Malatesta havia deixado Nápoles junto com o companheiro Giovanni Zirardini<sup>693</sup>: tratava-se da habitual viagem para a Puglia do napolitano, que queria encontrar os amigos daquela região, em particular Carmelo Palladino, que havia se afastado do movimento e vivia isolado na cidade natal, mas que por ter introduzido Malatesta ao socialismo representou sempre para ele uma imprescindível figura de referência. Além do mais, Malatesta estava prestes a realizar a enésima viagem revolucionária além das fronteiras nacionais e, portanto, achou necessário se confrontar com o amigo de sempre<sup>694</sup>.

De fato, a partir da metade de 1876 (junho) a situação na Sérvia evoluiu muito rapidamente: a insurreição contra os turcos que havia estourado na Bósnia e na Herzegovina estava se difundindo no país inteiro, envolvendo também a região do Montenegro<sup>695</sup>. Após a eclosão oficial do conflito entre a Turquia e a Sérvia em julho, os jornais falavam até da possibilidade de uma guerra que envolvesse as principais potências europeias e a própria Rússia. Mas embora as notícias do campo de batalha fossem contraditórias, isso não impediu que brigadas de voluntários republicanos, *garibaldini* e alguns internacionalistas italianos partissem em direção da Sérvia para contribuir na libertação dos povos oprimidos. Inclusive o velho Garibaldi havia publicado um apelo para que “os democratas italianos” intervissem no conflito ao lado “dos cristãos escravos do horrível despotismo da Meia lua turca” (*La Favilla*

692 V. as comunicações entre a *Prefettura* de Barletta e a polícia de Nápoles de 5 e 18 de setembro de 1876, no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 54.

693 Giovanni Zirardini (1853-1932): internacionalista de Ravenna que, junto com seus quatro irmãos, participou das atividades do *Comitato Italiano per la Rivoluzione Sociale* e dos motins de 1874 em Bolonha. Em seguida emigrou para Buenos Aires onde contribuiu na organização do movimento operário local.

694 V. o informe policial de 7 de agosto de 1876 (no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 235), onde comunicava-se que na viagem Malatesta e Zirardini teriam visitado as cidades (e os companheiros) de Taranto (Baldari), Cagnano Varano (Palladino), Barletta (Lezzo) e Ruvo. Cf. também CRISSETTI GRIMALDI (2015, p. 133).

695 V. *Lo Scarafaggio* (26 de março, 9 de abril e 7 de maio de 1876) e *La Favilla* (11 de junho)

de 6 de julho de 1876)<sup>696</sup>. Foi assim que no final de julho partiram também Alceste Faggioli e os irmãos Ceretti, Celso e Arturo<sup>697</sup>, juntos com outros voluntários do centro-norte da Itália, justificando a decisão com estas simples palavras: “estas são pessoas oprimidas que querem se emancipar [...] e se outros italianos pretendem se sacrificar para socorrer a Sérvia, então nós constituiremos um corpo separado e agiremos por nossa conta” (*La Favilla* de 6 de agosto). Mas apesar da cautela com que era abordado o assunto nos jornais, já havia sido ativada no país uma vasta rede de solidariedade em favor dos insurgentes, com a criação de uma *Lega per la liberazione della penisola slavo-ellenica* [Liga para a libertação da península eslavo-helênica] presidida *ad honorem* por Garibaldi<sup>698</sup>. Se a isso acrescentarmos o entusiasmo entre os jovens voluntários italianos e as próprias cartas (moderadamente otimistas) de Arturo Ceretti no *La Favilla*<sup>699</sup>, resulta mais compreensível a decisão de Malatesta de tentar mais uma vez alcançar a região eslava para contribuir na insurreição, depois de ter visitado Palladino e os amigos da Puglia.

### 7.3 *Il Martello* de Costa, as “*ammonizioni*” e as prisões

O processo de reorganização e redefinição teórica da Internacional italiana, assim como ensinou toda a história do movimento socialista e operário, exigia o controle de um ou mais jornais através dos quais fosse possível divulgar aquelas ideias e aqueles princípios emancipatórios ainda pouco conhecidos pelas massas populares. Já falei das várias tentativas dos internacionalistas napolitanos de dar continuidade ao trabalho editorial inaugurado em 1872 com o periódico *La Campana*, tentativas essas que foram frustradas tanto pela repressão governamental quanto pela longa ausência de Cafiero na cidade partenopeia e, portanto, pela falta concreta dos recursos econômicos necessários. De fato, todos os esforços realizados a partir dos meados de 1875 por Cafiero e Covelli para publicar o jornal *Il Socialista*, que agora parecia ter mudado seu nome em *L'Anarchia* [A Anarquia], não foram exitosos e o projeto teve de ser provisoriamente abandonado<sup>700</sup>. Quem conseguiu, ao contrário, aproveitar de seu

696 V. também as edições de 2, 9, 13, 16 e 20 de julho do *La Favilla*.

697 V. *Lo Scarafaggio* de 30 de julho e a carta de Andrea Costa de 19 de julho ao internacionalista Cesatti (*apud* AA.VV., 1977, p. 96).

698 *Lo Scarafaggio* de 23 de julho expressava todas suas dúvidas sobre o caráter emancipatório da revolta, destacando tanto o papel e os interesses de países como a Inglaterra, a Rússia e a Áustria, quanto as possíveis ambições expansionistas dos príncipes da Sérvia e do Montenegro. V. também *La Favilla* de 20 de agosto.

699 V. a edição de 27 de agosto.

700 Ver os informes policiais de 6 de julho e 16, 19 e 22 de agosto de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*,

prestígio e sua influência nas regiões centrais do país foi Andrea Costa, onde a retomada das atividades por parte dos internacionalistas locais favoreceu a radicalização do principal jornal socialista da região Marche, isto é, *Il Martello* [O Martelo]<sup>701</sup>. O periódico, que foi fundado em Fabriano logo depois da “revolução parlamentar” de março de 1876 passou por uma fase inicial na qual prevaleceram as instâncias moderadas, que foi definida “democrático-social” (SANTARELLI, 1953, p. 817) e na qual dominavam as posições republicanas e *mazziniane*. Foi justamente a partir do mês de julho que o jornal, graças sobretudo à atuação do internacionalista Napoleone Papini<sup>702</sup>, declarou-se “claramente e abertamente SOCIALISTA” (*Il Martello* do 1º de julho), alterando completamente a composição do comitê redacional e acompanhando as atividades da seção local, que havia recentemente lançado a proposta de um novo congresso regional.

O primeiro número da nova série (29 de julho) assinalava a mudança de perspectiva já no cabeçalho do jornal, onde aparecia a escrita “Jornal Socialista. Nenhum direito sem dever – Nenhum dever sem direito”. Conforme foi já observado, as “origens, o ambiente embebido de tradições democrático-republicanas e o próprio momento político, obriga[ra]m o Martello a esclarecer as posições programáticas dos internacionalistas” (SANTARELLI, *idem*, p. 820), como demonstrariam os dois artigos iniciais “*L'Internazionale*” [A Internacional] e “*Il socialismo e i mazziniani*” [O socialismo e os mazziniani]<sup>703</sup>. Além disso, o jornal publicou naquela edição uma carta de Malatesta, redigida no começo de julho (dia 4), em que ele analisava a atitude do novo governo diante da retomada do internacionalismo no país e que representava um dos primeiros textos públicos do militante napolitano. A correspondência – que de uma certa forma continuava o discurso iniciado por Cafiero no *Bulletin*, confirmando o interesse indireto em debater um assunto inédito para a propaganda internacionalista italiana como as dinâmicas políticas nacionais – criticava duramente os últimos acontecimentos de Roma, onde a reorganização da Internacional, a criação do Círculo Socialista e as demonstrações operárias haviam levado à

---

busta 235. Covelli conseguiu finalmente publicar *L'Anarchia* entre agosto e novembro de 1877, cuja coleção completa encontra-se no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 58.

701 Infelizmente não pude consultar a coleção completa do jornal que se encontra na Biblioteca municipal de Fabriano (cf. SANTARELLI, 1953), mas apenas os exemplares presentes na Biblioteca da Fondazione Feltrinelli de Milão, onde faltam poucos números da série publicada em 1876.

702 Napoleone Papini (1856-1925): jovem estudante de Fabriano que participou das atividades da FI-AIT a partir dos meados de 1874 até o final da década, participando também da tentativa insurrecional de 1877 com Cafiero e Malatesta. Em seguida continuou sua militância como exilado na Argentina.

703 O primeiro artigo, que continua nas edições de 12 de agosto (que não pude consultar) e de 2 de setembro do *Martello*, foi redigido por Costa: de fato, ele foi republicado, desta vez assinado, no jornal *Il Risveglio* de Siena entre janeiro e fevereiro de 1877.

prisão dos principais militantes e à expulsão do território romano, como no caso de Borghetti e do próprio Malatesta. Ele não apenas censurava genericamente a atuação do partidos políticos – que são “como comédias com que os burgueses procuram enganar e adormecer o povo” – mas destacava o fato de que, apesar da propaganda pacífica levada adiante publicamente pela Internacional e da mudança no governo, as perseguições continuavam de forma ainda mais extenuante. No entanto, se antes as medidas repressivas eram justificadas pelo bloco ideológico-social que constituía o partido da Direita, agora as perseguições eram responsabilidade do governo “liberal e reparador” da Esquerda. Neste sentido, Malatesta lembrava que pelo menos os *Prefetti* conservadores

tinham a coragem de suas ações; os governantes de hoje diante da ferócia daqueles acrescentam a covardia e a hipocrisia; aqueles orgulhavam-se de ser aquilo que eram; estes querem se esconder atrás do falso véu do liberalismo.

Com estes teremos talvez menos julgamentos, mas veremos ao contrário a corrupção, as intrigas, a espionagem assumir proporções assustadoras e serem transformadas em princípios.

E agora o que dizem os defensores do *experimento*?

Esta última frase estava claramente dirigida aos representantes da nova tendência moderada dentro da Internacional italiana, em particular Malon e Gnocchi-Viani, que pensavam aproveitar do novo executivo “reformador” para poder difundir livremente sua propaganda socialista no país, quando ao contrário, “caiu o governo das camarilhas; mas as leis do suspeito e do arbítrio permaneceram e com elas todo o sistema”. Portanto, a posição de Cafiero e Malatesta (e por enquanto também de Costa) em relação ao governo da esquerda era idêntica e se eles abordavam o assunto era apenas denunciar seus abusos e para tirar o véu de Maya dos olhos daqueles militantes que acreditavam no fim das perseguições e no início de uma fase de relativa tranquilidade. De qualquer forma *Il Martello*, agora que *La Plebe* defendia o novo endereço “experimental” e que os companheiros napolitanos haviam renunciado à publicação de um novo jornal, passou gradualmente a ser o principal meio de comunicação da Internacional “intransigente”, junto com o *Bulletin* suíço. O periódico de Fabriano, ao qual Costa colaborou inicialmente à distância de Bolonha, publicava constantemente os principais acontecimentos do movimento operário italiano e internacional na clássica rubrica “*Movimento Operaio e Socialista*” [Movimento Operário e Socialista], além de todos os documentos oficiais produzidos pela FI-AIT.

Uma das contribuições de Costa no *Il Martello* é quase certamente o artigo “*La*

*famiglia*” [A família], publicado não assinado na edição de 19 de agosto, em que o autor expunha suas ideias sobre a diferente configuração que esta instituição social deveria assumir na sociedade pós-revolucionária<sup>704</sup>. O texto predicava o “amor livre”, a igualdade entre os sexos, a emancipação da mulher que

poderá ser alcançada apenas com a revolução social, junto com todas as outras emancipações humanas. Senão [...] ela torna-se um inocente passatempo dos filantropos burgueses, como a proteção dos animais e a paz universal; ou um bom diversivo para as ideias revolucionárias e um instrumento de opressão, como o livre pensamento, o materialismo e o Darwinismo, que se tornaram, nas mãos da burguesia, a base do novo fatalismo da opressão capitalista.

A emancipação física, moral e intelectual da mulher deverá ser acompanhada pela emancipação da outra figura oprimida presente na família, isto é, a criança, cuja educação deverá ser não apenas integral mas também responsabilidade da sociedade como um todo, da coletividade. Só assim a família, “primeira entre as tiranias humanas”, poderá tornar-se “a honesta razão da união sexual”.

Para nós não se trata de por um novo limite à autoridade parental, mas de aboli-la; não se trata de mitigar a indissolubilidade do casamento, mas de aboli-lo; não se trata de *tornar moral* a família, mas de aboli-la. A família é a primeira e a mais sucedida encarnação do princípio de autoridade, o qual longe de poder ser moralizado não deve ser minimamente discutido. A autoridade se sofre ou se destrói.

Em suma, tratava-se de um pequeno compêndio de pedagogia libertária *ante litteram*, suportada por uma base ideológica tipicamente anarquista e por um olhar crítico em relação à sociedade e às principais correntes de pensamento da época: ideias muito avançadas não apenas para as massas populares da Itália, onde o patriarcado dominava as relações sociais, mas inclusive para muitos dos internacionalistas de então. Mas, conforme vimos, teoria e ação, ideia e praxis, caminharam sempre juntos nas biografias das figuras que estou analisando, as quais nem diante da repressão e de longos períodos de detenção deixaram de militar ativamente no território na defesa de seus ideais. E assim foi mais uma vez para Costa, que se por um lado conseguia contribuir de forma anônima na propaganda teorica através dos

<sup>704</sup> A atribuição está baseada nas evidentes semelhanças com o estilo e o léxico costiano, e na referência indireta ao texto de Guillaume *Idées sur l'organisation sociale*, cujo trabalho de tradução ele devia já ter começado. Ao mesmo tempo, é oportuno destacar as inúmeras assonâncias ideológicas do texto com o pensamento e a biografia de Cafiero, cuja colaboração com *Il Martello*, no entanto, não está confirmada.

jornais e das comunicações oficiais da FI-AIT, por outro continuava sendo atentamente vigiado pelas autoridades locais e nacionais. Ao longo de uma reunião entre quatorze delegados internacionalistas realizada em Bolonha e presidida pelo próprio Costa, foram repetidos praticamente os mesmos conceitos do artigo: 1. transformação da propriedade individual em coletiva; 2. destruição do Estado “em todas suas manifestações econômicas, políticas e religiosas”; 3. “plena liberdade de união entre o homem e a mulher”; 4. educação social e integral das crianças; 5. abstenção de qualquer luta política partidária<sup>705</sup>. Este seu ativismo não passou despercebido pelas autoridades locais que, de acordo com o governo central, convocaram-no a Ímola para que fosse novamente *ammonito*<sup>706</sup>. Costa não apenas descumpriu a ordem não aparecendo diante do magistrado local, mas deixou Ímola fingindo querer abandonar o país para continuar a propaganda do exterior. Para fazer isso ele publicou até uma bela carta assinada (“*Ai miei amici*” [Aos meus amigos] no *La Plebe* de 28 de agosto) em que anunciava publicamente esta sua decisão “forçada”:

Colocado na alternativa ou de ser *ammonito* ou de ir embora, preferi ir embora. O que eu podia fazer em Ímola com as mãos e os pés amarrados por uma *ammonizione* para os habituais suspeitos de crime contra as pessoas e contra a propriedade, a mesma medida que é utilizada contra aqueles que pertencem à Associação Internacional e difundem suas ideias [...]?

E já que estou convencido de que um socialista não tenha de abandonar-se ao martírio, quase sempre inútil, mas sim consagrar-se inteiramente a seu dever; agora que tornaram impossível o desenvolvimento de minha atividade no país, o abandonei; e de outros lugares continuarei com nova energia o trabalho empreendido.

Na verdade, as autoridades já haviam descoberto sua mentira<sup>707</sup>, pois ele realmente se encontrava na cidade de Jesi para participar do IIº Congresso da Federação das regiões Marche e Umbria, realizado no dia 20 de agosto de 1876. A reunião, formada por 19 delegados, deixou inalterado o documento programático original, que misturava os *Considerando* redigidos por Marx em 1864 com posições abertamente “intransigentes” (“o trabalhador é essencialmente antiautoritário e anarquista”, a destruição do Estado, a anarquia e o coletivismo). Por outro lado, o Regulamento aprovado, que era muito parecido com o da

705 Citei a partir de uma notícia publicada no *Giornale di Padova* [Jornal de Pádua] de 7 de agosto de 1876. Nos mesmos dias Costa pronunciou um discurso durante uma contramanifestação em Ímola em ocasião das comemorações da batalha de Bolonha de 8 de agosto de 1848 (v. LIPPARINI, 1952, p. 187). O próprio comunicado publicado pela Federação Bolonhesa da AIT (*apud* MASINI, 1964, p. 262) para criticar esta festa patriótica foi provavelmente redigido por Costa.

706 V. a comunicação do procurador de Ímola ao Ministro da Justiça de 19 de agosto de 1876 (no ASBO, *Procura Generale presso la Corte di Appello di Bologna, serie I, busta VII*) e cf. LIPPARINI (*idem*).

707 Ver o relatório manuscrito do congresso redigido pela polícia no ASN, *Questura, Gabinetto, busta 48*.

Federação da Emilia-Romagna, confirmava a negação do direito legislativo aos congressos, os quais deviam limitar-se a expressar “as ideias, as aspirações e as necessidades dos proletários”. A Comissão Federal foi colocada em Jesi enquanto a de Propaganda em Fabriano, e o próprio *Martello* foi escolhido como órgão oficial da federação; por fim foi aberta uma subscrição para sustentar os custos da publicação da biografia de Bakunin<sup>708</sup>. Foi justamente durante a breve estadia na região Marche que Costa acabou sendo novamente preso, desta vez por ter evitado a *ammonizione*: ele foi capturado em Fabriano no dia 24 de agosto e transferido no dia seguinte para Ímola<sup>709</sup>. Ali, o magistrado, executando ordens superiores, infligiu-lhe uma tripla *ammonizione*: por “ociosidade e vagabundagem”; por suspeição de crimes contra pessoas; por suspeição de crimes contra a propriedade<sup>710</sup>. Costa, portanto – que estava obrigado a encontrar um emprego no prazo de quinze dias –, “não pode sair de casa depois da uma da manhã; não pode falar com pessoas suspeitas sem saber quem sejam; não pode deixar o município sem a autorização da polícia; não pode participar de reuniões etc; em suma, ele é prisioneiro pela metade” (*Il Martello* de 2 de setembro)<sup>711</sup>. Ele mesmo, ao enviar uma carta de agradecimento aos companheiros da região Marche pela ajuda na hora da prisão, dizia-se livre, mas “embora livre, me parece que sinto ainda as correntes nos pulsos; e infelizmente essas correntes existem; mas elas não são de ferro; e chamam-se de leis. Mas quais leis! Arbítrios, melhor; pois parece que estas duas coisas se integram mutuamente”. Neste sentido, tanto a batalha entre a revolução e a reação, quanto as perseguições governamentais, serviram justamente para a afirmação da perspectiva socialista no país, pois

Quando eu for olhar o desenvolvimento no tempo de nossas ideias; quando vejo que o governo não se contenta dos habituais meios de repressão, mas utiliza as *ammonizioni* e a prisão domiciliar; então eu esqueço das perseguições das quais eu sou vítima; esqueço da *ammonizione*, esqueço de

708 As atas oficiais do congresso foram publicadas em um suplemento do *Il Martello* (23 de agosto de 1876), de onde extrai as citações.

709 V. a comunicação do *Ministro dell'Interno* a todos os *Prefetti* do país de 25 de agosto de 1876 (no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 235). A notícia foi publicada e comentada já na edição de 26 de agosto do *Il Martello*, onde se comunicava que Costa foi obrigado a pagar as despesas de transferência para Ímola (80 liras) para evitar ser colocado diretamente no cárcere daquela região.

710 V. o despacho do magistrado de Ímola contra Costa de 26 de agosto de 1876, no ASBO, *Procura Generale presso la Corte di Appello di Bologna, serie I, busta VII*.

711 *Lo Scarafaggio* (23 de setembro) comentou desta forma a *ammonizione* de Costa e a atuação do *Ministro dell'Interno*: “Esta é uma infâmia, que pode ser feita apenas por aquele impostor do ministro Cascamorto, antes revolucionário, republicano, e agora monárquico...que vomita sua baba venenosa contra a liberdade e a honra dos verdadeiros defensores da liberdade”. A palavra “cascamorto” pode ser traduzida como “chichibéu”. V. também o comentário publicado no *Bulletin* (3 de setembro) redigido provavelmente por Cafiero.



tudo; e fico alegre comigo mesmo pelo caminho que fizemos; e eu rio da estupidez dessas pessoas, que acreditam nos matar e ao contrário nos dão a vida. O que seria de nós, se os burgueses não tivessem nos perseguido? Talvez nós seríamos ainda uma incógnita, quando ao invés nós somos já uma potência. (*Il Martello* de 2 de setembro)

Depois de apenas dois meses desde sua libertação do cárcere de Bolonha, a atuação de Costa foi portanto novamente limitada, senão impossibilitada, por esta enésima restrição preventiva de sua liberdade, um ato que confirmava a verdadeira mania persecutória das autoridades italianas contra a Internacional, até quando sua propaganda assumia um tom menos beligerante. No entanto, embora as próprias personalidades dos internacionalistas os levassem a reagir de forma diferente diante dessas medidas repressivas, é oportuno destacar que até este momento foi justamente Costa a sofrer as consequências mais graves desta atitude governamental, um elemento que a meu ver contribuiu significativamente na futura mudança de perspectiva política do *imolese*. Por outro lado, havia quem, para satisfazer sua alma rebelde e solidária, ia diretamente à procura de problemas: tratava-se de Malatesta, que em meados de agosto, depois de ter regressado a Nápoles da Puglia, partiu junto com os companheiros Salvatore Nicosia e Luigi Alvino<sup>712</sup> em direção à Sérvia revolucionária. Mas enquanto os dois companheiros desistiram logo da viagem, Errico conseguiu efetivamente alcançar pelo menos o campo de batalha.

Conforme o relato de Fabbri ele, ao passar por Bolonha, Udine e Trieste, chegou até o rio Sava, próximo da cidade de Belgrado, para juntar-se à brigada de voluntários italianos. Ali, enquanto estava prestes a atravessar o rio nadando, foi capturado por policiais húngaros por falta de passaporte, encarcerado e por fim transferido diante do cônsul italiano na cidade de Budapeste. O oficial, que escutou as queixas de Malatesta contra o governo italiano, o expulsou do território austro-húngaro e obrigou a polícia a escoltá-lo, através de uma longa viagem realizada em boa parte a pé e sem comida, até a fronteira entre a Áustria e a Itália<sup>713</sup>. “Um mês depois”, continua Fabbri, “quando foi entregue para a polícia italiana, estava irreconhecível, chegou sujo e com as roupas e os sapatos destruídos”, e “cheio de piolhos”<sup>714</sup>. No mesmo dia (16 de setembro), o *Prefetto* de Udine, a cidade onde chegou

712 Luigi Alvino (1847-1889): militante napolitano que se juntou ao movimento internacionalista em 1875, participou da tentativa insurrecional de 1877 com Malatesta e Cafiero e que viveu boa parte de sua breve vida em exílio.

Salvatore Nicosia (?-?): não foi possível encontrar informações biográficas sobre esta figura.

713 Malatesta foi expulso do território austro-húngaro no dia 23 de agosto, como confirmado por uma comunicação do *Prefetto* de Udine ao chefe da polícia de Nápoles de 16 de setembro de 1876, no ASN, *Questura, Gabinetto*, busta 54.

714 Extrai todas estas informações das anotações sobre a vida de Malatesta (1920) e de sua biografia (1939, p.

Malatesta, o enviou para Nápoles, fornecendo-lhe os recursos para a viagem e obrigando-o a comparecer diante do polícia napolitana no prazo de três dias. Ele passou brevemente por Florença e por Roma, chegando em Nápoles apenas no dia 23 de setembro, onde ficou uns dias em casa doente e compareceu diante das autoridades só uma semana depois: estava tarde demais e a *Prefettura* napolitana já havia decretado uma nova dupla *ammonizione* para ele, por não ter cumprido a ordem das autoridades de Udine no prazo estabelecido e por “ociosidade e vagabundagem”<sup>715</sup>. De qualquer forma, pacífica ou revolucionária que fosse, a atuação dos internacionalistas italianos não encontrava a sorte esperada e parecia condenada não apenas a ficar constrangida dentro das fronteiras nacionais, mas também a continuar sendo (duplamente ou triplamente) vigilada e perseguida pelas autoridades.

O eco da revolta sérvia aparecia também no *Il Martello* (19 de agosto), que estava em contato com Arturo Ceretti no campo de batalha e que, apesar das dúvidas sobre os reais propósitos dos voluntários, acompanhava de perto o desenvolvimento da guerra eslava<sup>716</sup>. Logo que Malatesta regressou da aventura eslava, o periódico de Fabriano aproveitou de uma polêmica com um jornal conservador de Bolonha (*Il Gazzettino*) – que defendia a cruzada cristã contra os opressores turcos – para esclarecer tanto a posição da redação quanto a dos voluntários internacionalistas que partiram em direção à Sérvia. De fato, aqueles que partiram porque impressionados pela barbárie turca

não atuavam como socialistas, mas sim como filantropos: nós não aprovávamos sua partida, mas suportávamos aqueles que partiram para a Sérvia não para combater contra os Turcos mas sim para provocar a guerra santa contra os patrões.

E assim como nós, pensam aquele Errico Malatesta que vocês mencionam inoportunamente; e Arturo Ceretti. E assim pensariam também Cervone e Faggioli. (*Il Martello* de 23 de setembro)

O jornal, apesar das perseguições, conseguia desenvolver admiravelmente seu trabalho, tanto no que dizia respeito às crônicas do movimento operário, quanto ao aprofundamento das questões teóricas e organizacionais. Na edição de 29 de agosto, por exemplo, compareceu uma das primeiras notícias na imprensa italiana (senão a primeira em

94), ambas redigidas por Luigi Fabbri. O próprio Malatesta confirmou sumariamente os detalhes da viagem durante o interrogatório realizado na sede da polícia de Udine no dia 16 de setembro. O documento encontra-se no ASN, *idem*.

715 Extrai todas estas informações a partir da documentação das autoridades de Udine, Florença e Nápoles que encontra-se no ASN, *Questura, Gabinetto, busta 54 e Prefettura, Gabinetto, busta 235*.

716 Na edição de 30 de setembro o jornal relatou de uma reunião da *Federazione Operaia Napoletana* em que foi aprovada uma ordem do dia sobre a situação eslava.

absoluto) sobre o famoso “conspirador socialista” russo, “príncipe Pietro Crapotchin” [sic], que havia conseguido fugir de seu país; enquanto a partir de 9 de setembro o jornal publicou em quatro edições o texto de Bakunin “L'organisation de l'Internationale”, onde o russo ilustrou os princípios básicos de sua propaganda internacionalista e que havia sido publicado na Suíça em 1872. Mas foi sobretudo com a terceira e última parte do artigo de Costa “*L'Internazionale*”, publicado na edição de 2 de setembro, que foi introduzido um elemento de novidade teórica, fruto seja dos debates acerca da sociedade futura realizados dentro da associação, seja das trajetórias ideológicas individuais. De fato, ao lado de uma perspectiva claramente bakuninista – que fazia da destruição da propriedade, do Estado e da Igreja os pressupostos para a criação de um homem e de uma sociedade finalmente livres – era sim confirmada a escolha organizacional de tipo coletivista, mas integrada por uma postura abertamente comunista no que dizia respeito à propriedade dos produtos do trabalho. Afirmava Costa:

Nós somos, em suma, coletivistas; queremos que o povo trabalhador possua diretamente ele mesmo aquilo que é necessário para seu desenvolvimento material e moral; e assim como para garantir o privilégio econômico é necessário o Estado, da mesma forma a Anarquia irá garantir aos indivíduos e às Associações sua liberdade de desenvolvimento e o fruto de seu trabalho. E da mesma forma como nós defendemos a propriedade coletiva da matéria, nós defendemos também a propriedade coletiva dos produtos do próprio trabalho: cada indivíduo que dá a sociedade conforme suas forças, tem de receber conforme suas necessidades.

Eis a enunciação de um simples princípio, o qual talvez não fosse algo realmente novo, já que os internacionalistas suíços estavam debatendo o assunto desde o começo do ano, mas que foi meritoriamente ilustrado por Costa em um texto público, redigido justamente para fins de propaganda. Um princípio de redistribuição, o do coletivismo dos produtos do trabalho, que superava portanto as posições de Bakunin e do anarquismo clássico (Proudhon) – que se limitavam em diferente medida à apreciação do trabalho desenvolvido por cada um – e que apontava em direção de um “desenvolvimento integral” do indivíduo, o qual poderia ser realizado apenas levando em consideração as capacidades e as necessidades de cada pessoa. Ao reafirmar a importância para o indivíduo da vida em comum, Costa distinguia entre as “necessidades adquiridas” (que variam conforme as habilidades) e as “necessidades naturais” (que são sempre as mesmas para todo mundo), contrapondo o princípio de solidariedade ao da concorrência, em uma perspectiva que conjugava o pleno desenvolvimento de todos os

aspectos da personalidade humana à “fraternidade entre os homens”. Uma posição que pressupunha, no entanto, um homem radicalmente diferente do atual, o qual poderia ser alcançado “por meio de uma sã educação” que transformará “aqueles sentimentos mesquinhos, que hoje o deturpam”: só assim será possível a “emancipação inteira e completa de todo o gênero humano, sem a qual a emancipação do trabalhador torna-se impossível”. A “humanização do homem”, portanto, como premissa discriminadora e imprescindível para qualquer tipo de vontade de emancipação, seja ela política, moral, econômica ou religiosa.

Tratava-se apenas do esboço, embora significativo, de uma ideia que foi discutida e aperfeiçoada ao longo dos anos, mas que se tornou, inclusive graças à contribuição do próprio Kropotkin, a posição oficial do movimento anarquista até os dias de hoje. Ainda faltava, é verdade, a definição terminológica dessa nova posição, isto é, o futuro anarquismo comunista (ou anarco-comunismo), assim como faltava uma análise aprofundada de suas consequências, sobretudo no que dizia respeito ao novo tipo de organização econômica e social a ser adotado. Mas o princípio havia sido afirmado: agora tornava-se necessário divulgá-lo entre as massas e submetê-lo à votação no próximo congresso da Internacional italiana, para fazer com que ele fosse conhecido e compartilhado por todos os militantes do país. De fato, o trabalho realizado nos últimos meses nas diferentes regiões havia despertado novamente aquelas energias que haviam ficado adormecidas e apavoradas ao longo da fase de repressão pós-insurrecional: conforme uma estatística redigida pela Comissão de Correspondência e publicada no *Il Martello* (23 de setembro), agora existiam seis federações regionais (Emilia-Romagna, Toscana, Napolitana, Romana, Marche e Umbria, Bari), além de nove seções locais<sup>717</sup>.

A própria organização da terceira assembleia nacional prosseguia entre mil dificuldades, já que a data do encontro havia sido inicialmente mudada de agosto para setembro: agora, aproveitando de um atraso também na organização do congresso internacional da AIT na Suíça, a Comissão de Correspondência resolveu convocar definitivamente o 3º Congresso da FI-AIT para o dia 22 de outubro em Florença (*Il Martello* de 16 de setembro de 1876). No mesmo número do jornal de Fabriano foram publicadas todas as questões a serem discutidas na assembleia propostas pelas diferentes seções italianas, questões que demonstravam claramente as ideias em jogo assim como quais eram seus defensores. Neste sentido, não era casual que a seção de Nápoles falasse do “socialismo

---

717 V. também a polêmica entre Natta e Ingegneros-Napolitano no *Il Povero* de 25 de outubro de 1876 (apud MASINI, 1964, p. 134).

anarquista” e da “nova reação que tenta se infiltrar na Internacional”, enquanto a de Ímola pretendesse discutir a “coletividade dos produtos do trabalho” e o caráter da imprensa socialista. Mas, conforme vimos, a tendência obreirista e “legalista” estava ganhando espaço dentro da associação italiana, como demonstrava a questão proposta pela seção de Bari, que se perguntava se seria “útil e decoroso para a Associação Internacional participar da luta para as eleições políticas, para fazer com que os puros socialistas afirmem e defendam os princípios da grande Associação na cara da burguesia que está no Parlamento”<sup>718</sup>. Ao mesmo tempo, a componente siciliana da Internacional, liderada por Salvatore Ingegneros-Napolitano e pelo jornal *Il Povero*, influenciada pela propaganda maloniana, havia anunciado publicamente a intenção de não participar do congresso nacional, pois considerava necessário um trabalho prévio de reorganização territorial e de simples propaganda, ao invés de solidarizar com “certos atos de protesto” e passar diretamente à “luta material” (*Lo Scarafaggio* de 29 de agosto).

No começo de setembro, enquanto Costa encontrava-se bloqueado em Ímola pelas *ammonizioni* e Malatesta estava realizando sua longa viagem como detido no campo austro-húngaro, Cafiero encontrava-se em Nápoles e correspondia com o jovem italo-suíço Salvioni para suportar seu trabalho de organização na Suíça italiana em oposição à atuação de Nabruzzi e Zanardelli<sup>719</sup>. Mas a batalha ideológica não se limitava ao território suíço e a própria posição defendida por Ingegneros-Napolitano levou Cafiero a dedicar-se também à dissidência siciliana, através dos contatos que ele tinha na ilha. Neste sentido, são sobretudo as cartas trocadas com o companheiro Antonio Serafini que havia assinado o comunicado de agosto junto com Ingegneros-Napolitano<sup>720</sup>, a revelar os verdadeiros sentimentos do internacionalista de Barletta (e de Costa) em relação ao diretor do *Il Povero*. Ao amigo de Palermo que procurava amenizar os contrastes e defender a reputação de Napolitano – inclusive contra a péssima opinião de Costa –, Cafiero respondeu duramente com um carta (20 de setembro) em que se declarava convencido de que Napolitano recebia e executava ordens que vinham de Lugano, e que ele agia “apenas por vaidade e por interesse pessoal”. “É portanto absolutamente inútil”, concluía Cafiero, “que você venha me falar das amplas relações, da estima e da influência de Ingegneros. Nós lutamos por um princípio e também à

718 Também a seção de Florença se perguntava se para o socialismo seria útil “promover a instituição de uma república possível”.

719 Cf. BROGGINI (1971, p. 18) e BINAGHI (2002, p. 294).

720 Antonio Serafini (1838-?): militante internacionalista da Itália central que se mudou para a Sicília em 1876, onde começou junto com Ingegneros-Napolitano o trabalho de reorganização da Internacional na ilha, tentando conciliar as diferentes tendências no seu seio.

custa de ficar completamente isolados, defenderemos sempre aquilo que achamos a verdade” (*apud* TREVISANI, 1956, p. 661). Ele confirmava suas opiniões sobre a situação siciliana e suas relações com o contexto da suíça italiana também ao jovem amigo Salvioni, que através de um comunicado à Federação do Jura havia criticado a atuação de Nabruzzi, Favre e Zanardelli (cf. BINAGHI, 2002, p. 295). Cafiero informava Salvioni de que

Se ele [Ingegneros] junta-se aos nossos inimigos de Lugano, e anda falando mal de nós anarquistas em geral e de Costa em particular, não entendo porque ele se queixe da nossa postura pouco amigável [...]. Os outros façam o que acharem melhor, mas quanto a mim eu não quero ter relações pessoais com uma pessoa que: 1º tem um caráter para mim absolutamente repugnante – não quero entrar nos detalhes; 2º tem relações com nossos inimigos de Lugano; 3º tem um ódio profundo contra Andrea Costa. Você pode me culpar por isso? (*Apud* BROGGINI, 1971, p. 51)

Era evidente que as relações entre os “intransigentes” e os “dissidentes” haviam gradualmente se deteriorado e tudo levava a pensar que a partir do iminente congresso nacional a batalha ideológica teria aumentado sua intensidade. Enquanto isso, as autoridades centrais e partenopeias não paravam de vigilar atentamente a atividade dos internacionalistas, procurando *ammonire* o único que ainda não havia sido afetado por essa medida, isto é, Cafiero: no entanto, apesar de suas difíceis condições econômicas e das pressões do *Ministro dell'Interno*, o *Prefetto* napolitano não encontrou os elementos necessários para limitar sua liberdade<sup>721</sup>. Por outro lado, a partir do final de setembro o grupo de internacionalistas partenopeus podia contar com novas forças: Malatesta havia regressado de sua aventura na Sérvia e havia se mudado para a casa de Cafiero, enquanto o companheiro Pietro Cesare Ceccarelli havia deixado Roma para estabelecer-se em Nápoles<sup>722</sup>. A Comissão de Correspondência de Florença, através de um comunicado assinado por Natta mas redigido muito provavelmente por Costa (*Il Martello* de 23 de setembro), tentou esclarecer ulteriormente as posições, convidando pela última vez os companheiros a participar do

721 V. a troca de correspondências entre as autoridades centrais e partenopeias nos meses de setembro e outubro de 1876, quando avaliaram atentamente a situação econômica de Cafiero, o qual estava procurando vender sua única propriedade, isto é, La Baronata (no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 235 e *Questura, Gabinetto, busta* 54). Além disso, para que Cafiero pudesse participar do Congresso de Florença foi aberta uma subscrição em seu favor entre os companheiros italianos.

722 Ver os informes policiais de 18 de setembro e 7 de outubro de 1876, respectivamente no ASN, *Prefettura, idem* e *Questura, idem*).

Pietro Cesare Ceccarelli (1843-1886): internacionalista *romagnolo* que a partir dos meados de 1876 colaborou com Cafiero e Malatesta na organização da tentativa insurrecional realizada em abril de 1877 e da qual ele mesmo participou. Em seguida continuou militando no movimento anarquista ao lado de Malatesta, seguindo o companheiro durante sua estadia no Egito, onde faleceu. Cf. DELLA PERUTA (1954).

congresso nacional e a apresentar um relatório detalhado sobre a situação da associação nos diferentes contextos regionais.

Nosso Congresso será então a manifestação solene dos sentimentos e dos instintos da maioria do proletariado italiano: instintos e sentimentos, que precisamos definir claramente para evitar que a reação se infiltre nas nossas fileiras, trazendo sua ação dissolvedora e corruptora. Nós precisamos também que muitos equívocos sejam dissipados e que os vínculos de solidariedade entre nós sejam mais fortes.

Além disso, a anistia concedida no dia 2 de outubro de 1876 pelo rei italiano para todos os crimes políticos e de imprensa, fez com que todos os exilados na Suíça pudessem novamente voltar para a Itália: naquele mesmo dia Malon e sua esposa partiram de Lugano para se mudar provisoriamente para a península (cf. GUILLAUME, 2004, vol. IV, p. 227), enquanto Osvaldo Gnocchi-Viani deixou Roma para começar em Milão uma intensa colaboração com *La Plebe*<sup>723</sup>. Não foi casual, portanto, que poucos dias depois (15 de outubro) foi fundada em Milão a *Federazione dell'Alta Italia* [Federação da Itália do Norte] da AIT, ao longo de uma reunião promovida pelo Círculo de Estudos econômico-sociais daquela cidade e da qual participaram, juntos com Bignami e Gnocchi-Viani, os núcleos “dissidentes” da Lombardia, do Piemonte, do Veneto e do cantão Ticino. O Estatuto-Regulamento (*apud* MASINI, 1964, p. 145) aprovado naquela ocasião era muito parecido com os Regulamentos já adotados pelas diferentes federações regionais que aderiam à Federação Italiana: o paradoxo estava justamente ali, pois embora o grupo do *La Plebe* tivesse delegado Bignami para participar do congresso nacional, a criação desta federação multirregional pressupunha uma oposição firme à trajetória anarquista e insurrecional que em breve teria sido aprovada no encontro de Florença. A enésima cisão dentro do movimento internacionalista estava prestes a acontecer e a posição teórica e organizacional defendida por Cafiero, Malatesta e Costa nos congressos nacional e internacional da AIT contribuiu para separar definitivamente os caminhos destas duas tendências.

Mas antes de analisar detalhadamente esta última fase tão delicada e complexa da vida da Internacional italiana, é oportuno acompanhar mais uma vez a atividade de Costa que, apesar da tripla *ammonizione* infligida pelo magistrado de Ímola, pretendia a todo o custo participar do congresso de Florença. De fato, enquanto os militantes italianos denunciavam os

---

723 Ver a edição de 5 de novembro, onde o jornal comunicava que Viani teria cuidado da publicação dos Opúsculos Socialistas promovida pela redação.

abusos de poder e a medida restritiva infligida a Costa, ele havia deixado sua cidade natal provocando a reação das autoridades, que agora queriam prendê-lo definitivamente<sup>724</sup>. No entanto, esta sua clandestinidade momentânea não impediu ao *Martello* de continuar publicando suas contribuições, como no caso de um artigo polêmico presente na edição de 23 de setembro, onde o autor criticava dura e abertamente a atuação da imprensa conservadora contra a Internacional. O estilo da escrita e as ideias defendidas no artigo, embora não assinado, não deixam dúvidas sobre sua autoria (cf. MERIGGI, 1980, p. 287):

Para fazer com que as teorias internacionalistas se enraízem, não são necessárias a centralização do trabalho e as grandes populações operárias. A questão que nós colocamos não é apenas uma questão operária; mas uma questão humana. Nós falamos principalmente com os operários porque sua classe é aquela mais prejudicada; mas nós consideramos os operários, antes de tudo, como e porque são homens, e não apenas como e porque são operários [...].  
O proletariado na Itália é a regra; enquanto o operário é a exceção.

Costa se dirigia evidentemente aos economistas liberais italianos – e indiretamente também aos defensores da tendência “obreirista” – os quais, justamente em razão desta nova postura mais pacífica e legalista da Internacional italiana, haviam começado a analisar as teorias socialistas, chegando à conclusão de que diante da falta de verdadeiras massas operárias, o socialismo não teria podido ser implementado no país e só poderia ser adotado por países com economias mais avançadas. Uma ideia clássica, que os próprios pais do socialismo alemão haviam contribuído para divulgar e que contrapunha os países industrializados do norte da Europa aos países “latinos” do sul do continente, onde o processo de industrialização encontrava-se ainda na fase germinal e dominava principalmente uma economia de tipo agrícola. Costa, consciente do debate em curso dentro e fora da Internacional, reafirmava portanto sua posição interclassista e, antes de tudo, humanista, reivindicando e justificando a adoção de uma estratégia insurrecional não apenas com base na peculiar situação econômico-social da Itália, mas também com base na sua específica trajetória histórica, onde o elemento conspiratório foi central nas lutas políticas que levaram à unificação do país (“vocês não fizeram a Itália por meio de conspirações?”). A ameaça final contra a burguesia italiana não podia ser mais explícita: “Que riam à vontade: vossa classe já está condenada: que vocês morram rindo, ou que vocês morram chorando, será apenas uma

724 V. os comunicados de solidariedade em favor de Costa redigidos pelas federações romana, napolitana e de Livorno publicados no *Il Martello* (19 de setembro). V. também os informes policiais de 8, 12 e 13 de setembro de 1876 no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235*.



questão de gosto”.

Costa, portanto, isolado e em fuga, continuava orientando à distância o jornal de Fabriano, contribuindo grandemente em sua redação: na edição de 30 de setembro ele publicou o elogio fúnebre em memória do jovem costureiro Paolo Zappi que havia contribuído nas atividades da seção da Internacional de Ímola; enquanto é muito provavelmente de Costa também o artigo de polêmica contra os *mazziniani* publicado na edição de 8 de outubro (cf. GALASSI, 1989, p. 156)<sup>725</sup>. Ao mesmo tempo, ele prosseguia com devoção aquela tarefa da qual foi responsabilizado pelo congresso regional da Emilia-Romagna, isto é, a redação da biografia de Bakunin, como demonstra a bela e longa carta recebida de Carmelo Palladino (1º de outubro), onde o socialista *pugliese* descreveu nos detalhes os primeiros anos de vida da seção internacionalista de Nápoles, quando e onde a influência da propaganda bakuniniana estava ainda presente<sup>726</sup>. Por outro lado, *Il Martello*, antes de suspender momentaneamente suas publicações<sup>727</sup>, comunicou aos leitores (30 de setembro) as importantes ordens do dia a ser discutidas no congresso internacional da AIT convocado em Berna para o dia 26 de outubro, entre as quais é oportuno destacar a discussão sobre a “solidariedade na ação revolucionária” e sobre “as relações a ser estabelecidas entre os indivíduos e os grupos na sociedade reorganizada”, assuntos que refletiam os debates em curso na associação. A polícia, conforme informava o periódico (8 de outubro), “continua procurando Costa em vão”, ao contrário do que acontecia com Malatesta e Cafiero, cujos deslocamentos em vista do congresso de Florença foram descobertos imediatamente: o primeiro partiu em direção à Toscana já nos primeiros dias de outubro<sup>728</sup>, enquanto o segundo deixou Nápoles no dia 18, junto com Covelli, Schettino e Buonfantini<sup>729</sup>. O encontro preliminar entre os delegados das diferentes seções e federações estava fixado para o dia 21 no Caffè Panone em Florença, mas como veremos, os planos dos internacionalistas tiveram de

725 O artigo, que contestava de um ponto de vista ideológico a atuação dos *mazziniani*, contribuiu para exacerbar as rivalidades locais: poucos dias depois, conforme informou o *Bulletin* suíço (29 de outubro), houve uma grave briga de rua na cidade de Jesi entre internacionalistas e *mazziniani*, que terminou com quatro mortos e doze feridos.

726 A carta tem sido publicada por BORRI MOTTA (1970) e mais recentemente por CRISSETTI GRIMALDI (2015).

727 De fato, depois da edição de 8 de outubro e a partir de 19 de novembro de 1876, o jornal foi publicado em Jesi, sempre na região Marche, enquanto a partir do ano de 1877 ele passou a ser publicado em Bolonha, diretamente sob a direção de Costa.

728 V. os informes policiais de 6, 8 e 19 de outubro de 1876 (no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235 e Questura, Gabinetto, busta 54*), que poucos dias antes do congresso assinalavam os deslocamentos de Malatesta entre Florença, Livorno e outras cidades da região.

729 V. os informes policiais de 18, 19, 20 e 21 de outubro no ASN, *Prefettura, idem e Questura, Gabinetto, busta 49*.

ser nova e forçadamente alterados.

Por enquanto, as vitórias obtidas nos tribunais e o trabalho realizado a partir da segunda metade de 1876 haviam conseguido, entre mil dificuldades e aventuras pessoais, aglutinar novamente os núcleos internacionalistas da península em volta de um programa quase idêntico ao original elaborado em 1872, que aparentemente havia abandonado o caminho conspiratório e passava a ser divulgado por meio de assembleias e congressos públicos. No entanto, não apenas o surgimento da corrente moderada e anti-insurrecional no norte da Itália, mas também as novas e duríssimas repressões do governo supostamente “reformador” da esquerda, convenceram os representantes mais influentes da associação italiana (se jamais tivesse sido necessário) a não abandonar definitivamente os propósitos insurrecionais e a continuar defendendo as mesmas posições ideológicas de sempre, convencidos como nunca de sua justeza. Por outro lado, embora as exigências de uma nova linha política que pudesse conseguir rapidamente resultados concretos em favor dos trabalhadores estivessem surgindo dentro da associação inclusive em nível europeu – neste sentido as iminentes eleições políticas na Alemanha contribuíram para ampliar ainda mais o debate<sup>730</sup> –, a dissidência interna representada agora pela *Federazione dell'Alta Italia* era ainda pouco significativa de um ponto de vista numérico. Muito menos, ao contrário, de um ponto de vista ideológico, como bem sabiam Cafiero, Costa e Malatesta, os quais depois da morte de Bakunin – em um certo sentido “autorizados” a procurar novas trajetórias teóricas – começaram uma intensa troca de opiniões entre eles, graças também às contribuições do companheiros do *Bulletin* suíço e de figuras como a de Covelli, que os conduziu para aprovar o “coletivismo dos produtos do trabalho” e a elaborar o ideal “anarco-comunista”. Até então as afinidades teóricas e as amizades pessoais haviam levado as vidas dos três protagonistas desta história a caminhar paralelas, seguindo uma coerência ideológica propunhada à custa de enormes sacrifícios físicos e econômicos, apenas para divulgar e defender os ideias de uma sociedade mais justa e igualitária que colocasse em primeiro lugar a questão social, isto é, a condição dos trabalhadores. Veremos todas as interessantes implicações teóricas, práticas e pessoais dessa (última para mim) etapa evolutiva da Internacional italiana no próximo

---

730 V. os artigos “*Arbeiter-Zeitung*” no *Il Martello* (26 de agosto) e “*Intendiamoci*” [Entendemo-nos] no *La Plebe* (1º de outubro), que em nome de um suposto objetivo comum reivindicavam a possibilidade para as diferentes federações nacionais de adotar a estratégia política mais adequada para os contextos socioeconômicos de cada país. Cf. DELLA PERUTA (1965). Por outro lado, o próprio Cafiero, que em 1879 publicou o conhecido *Compêndio do Capital* de Marx, mostrava seu interesse para o contexto alemão, pedindo ao jovem amigo Salvioni (carta de 14 de outubro de 1876 *apud* BROGGINI, 1971, p. 52), que estava prestes a continuar seus estudos em Lipsia, que o atualizasse sobre a situação do socialismo naquele país.

capítulo.

## Oitavo capítulo

### O anarco-comunismo

#### 8.1 As *Ideés* de Guillaume e o debate no *Bulletin*

A relação dos internacionalistas italianos com os companheiros da Federação do Jura foi algo que superou as simples amizades ou a comunhão de ideias sobre a sociedade atual e futura, pois foram justamente os *jurassiens* a orientar pela primeira vez em sentido antiautoritário os primeiros militantes da península com a *Circulaire de Sonvilier* de novembro de 1871. Neste sentido, se a geração napolitana de Fanelli, de Tucci e outros tinha sido a dos “pais do socialismo” para os jovens internacionalistas partenopeus (v. MALATESTA, 1947, p. 369), é possível considerar os principais expoentes da *Fédération Jurassienne* como os “irmãos maiores do socialismo” de figuras como Cafiero, Costa e Malatesta. De fato, todos eles tiveram contatos frequentes e profícuos tanto com James Guillaume, Adhémar Schwitzguébel, Paul Brousse, Elisée Reclus ou François Dumartheray, quanto com a grande colônia de exilados russos na Suíça que de uma certa forma eram continuadores da propaganda bakuniniana (Armand Ross e Nicolas Joukovsky *in primis*). A experiência dessas figuras na propaganda socialista (falada e impressa) e na própria vida cotidiana da Associação Internacional dos Trabalhadores foi essencial para os jovens militantes italianos que na maioria dos casos nada (ou pouco) sabiam de conferências, congressos, comunicados, redação de jornais e debates públicos. Sem contar a participação de quase todas essas figuras da Fraternidade de Bakunin e o compartilhamento de uma mesma perspectiva revolucionária de tipo conspiratório, ou a particular relação de Cafiero com a Suíça, com Guillaume e com os redatores do *Bulletin*. Assim como em 1871, ao longo da

disputa com a corrente marxista da AIT, a atuação dos companheiros do Jura havia feito com que os internacionalistas italianos tivessem de escolher entre “autoridade e autonomia”, entre “Estado e anarquia”, entre “centralismo e federalismo”, agora, mais uma vez, sua contribuição tanto teórica, quanto prática, tornava-se decisiva para o esclarecimento definitivo das posições dentro da Internacional italiana.

O primeiro texto significativo, conforme já mencionei, é o opúsculo redigido por François Dumartheray *Aux travailleurs manuels partisans de l'Action Politique* e publicado em Genebra em fevereiro de 1876, que de uma certa forma inaugurou o debate. Nele o autor predicava o abstencionismo, afirmava que a “ação política como um meio para chegar ao socialismo” é “um erro que os comunistas anarquistas não querem compartilhar” (p. 4) e considerava as liberdades de imprensa, de reunião e de associação como “ilusórias” (p. 6). Os comunistas anarquistas que falavam através do texto exigiam a abolição do Estado (“pois nós almejamos ser livres e não nos dar novos patrões”, p. 7), assim como denunciavam a inutilidade da educação “laica, obrigatória e gratuita”, pois de fato nas escolas aprende-se “que a autoridade é necessária, [...] que a propriedade individual é uma coisa fantástica e que o patrão é um homem honesto” (p. 10). Seu apelo aos trabalhadores manuais, uma preferência que Dumartheray já havia mostrado durante o Congresso de Genebra de 1873 e que enfatizava o papel dos produtores na sociedade, defendia com palavras simples a “abolição do trabalho assalariado”, pois era necessário que “todo mundo trabalhe para as necessidades de todo mundo” (p. 11). O dever do trabalhador revolucionário é de subverter com qualquer meio a sociedade atual – que “é um ultraje constante sobre a humanidade” – e, graças à sua consciência já formada, realizar sua propaganda entre “nossos irmãos do campo e da cidade, que sofrem”, mas “que já têm o instinto revolucionário” (p. 12).

Neste sentido, o objetivo final da Revolução Social era o comunismo anarquista, onde domina a verdadeira “liberdade econômica”, isto é, “a não propriedade de tudo aquilo que existe”: “em uma palavra nós não queremos limites para esta liberdade até que ela não incomode a propriedade de outrem” (p. 13). Tratava-se de ideias apenas esboçadas e em parte contraditórias, que o próprio autor considerava provisórias e suscetíveis de ulteriores aperfeiçoamentos, mas que de alguma forma apontavam em direção de um novo modo de entender as relações de produção. Na parte final do apelo Dumartheray, ele convidava o trabalhador a estudar, assim “quando você terá a consciência de suas necessidades, você não demorará muito para entender aquilo que é necessário fazer para satisfazê-los”: o “*comunismo*

*anarquista*, isto é, de cada um conforme suas forças, e a cada um conforme suas necessidades, e diga conosco: *Anarquia e Revolução!*” (p. 14). Era mesma ideia que Costa defendeu poucos meses depois no artigo “*L'Internazionale*” e que Covelli, Cafiero e Malatesta haviam elaborado nos debates realizados durante o verão daquele ano em Nápoles, mas embora representasse uma novidade teórica relevante no âmbito do anarquismo internacionalista, não se tratava de uma ideia absolutamente original.

De fato, quem a havia ilustrado pela primeira vez ao longo dos debates programáticos do recém-criado Partido Socialista Operário da Alemanha (1875), foi nada menos que o próprio Karl Marx no conhecido opúsculo *Crítica ao Programa de Gotha*. Ali o comunista alemão, tomando como pretexto a denúncia da plataforma revisionista de cunho lassalliano que teria sido aprovada na cidade de Gotha, ilustrou algumas importantes considerações sobre a organização econômico-social da futura sociedade comunista. Ao criticar as dinâmicas que regulam o funcionamento das cooperativas, Marx observava que ali “o produtor individual – feitas as devidas deduções – recebe de volta da sociedade exatamente aquilo que lhe deu”, sem levar em consideração as diferentes condições, atitudes e habilidades de cada trabalhador. Isto comportaria a aplicação do “mesmo princípio que regula a troca de mercadorias, na medida em que esta é troca de equivalentes”, isto é, um “*igual direito*” e portanto um “direito burguês”: mas o coletivismo que resulta desse direito seria justificável apenas porque fruto de uma fase de transição entre a sociedade capitalista e a comunista, a qual traz “de nascença as marcas econômicas, morais e espirituais herdadas da velha sociedade de cujo ventre ela saiu” (MARX, 2012, p. 31). Mas essas “distorções inevitáveis”, conforme Marx, desapareceriam na segunda etapa da sociedade comunista, a “fase superior”,

quando tiver sido eliminada a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, a oposição entre trabalho intelectual e manual; quando o trabalho tiver deixado de ser mero meio de vida e tiver se tornado a primeira necessidade vital; quando, juntamente com o desenvolvimento multifacetado dos indivíduos, suas forças produtivas também tiverem crescido e todas as fontes da riqueza coletiva jorrarem em abundância, apenas então o estreito horizonte jurídico burguês poderá ser plenamente superado e a sociedade poderá escrever em sua bandeira: “De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades!”. (*Idem*, p. 33)

A brilhante reflexão filosófica de Marx, portanto, previa de um lado uma sociedade finalmente libertada, baseada na centralidade do trabalho, em que o

desenvolvimento da produção teria levado à abundância da “riqueza coletiva” e à aplicação de um princípio de redistribuição fundamentado na ideia da “necessidade”; mas por outro, foi justamente nesse texto que Marx utilizou, pela primeira vez, a expressão “ditadura do proletariado” para descrever o único “período político de transição” possível entre a sociedade capitalista e a comunista (p. 43). Paradoxalmente, portanto, a nova interpretação do anarquismo bakuniniano elaborada pelos internacionalistas suíços e italianos, que superava o coletivismo do russo mantendo inalterada a perspectiva materialista subjacente, embora não pudesse eliminar as divergências básicas entre o pensamento marxiano e o bakuniniano, aproximava essas duas correntes de ideias, mostrando assim sua matiz comum<sup>731</sup>. A originalidade e, ao mesmo tempo, o paradoxo da elaboração “anarco-comunista” são inegáveis: aquelas mesmas pessoas que, nos primeiros anos de vida da Internacional, haviam combatido e renegado a tendência marxista, agora, depois de poucos meses da morte de Bakunin, abandonavam parcialmente sua perspectiva coletivista para aderir a uma teoria comunista elaborada pelo próprio Marx.

No entanto, isto não significava uma “derrota teórica”, um recuo ou um erro estratégico dos anarquistas, mas representava simplesmente o resultado de um lento processo – lentidão facilitada pela condição culturalmente periférica da Itália do final do século XIX – de reflexão sobre os pressupostos teóricos da teoria socialista, econômica em particular. De fato, está fora de discussão a possibilidade de que alguns dos “anarco-comunistas” tenham conseguido ler as considerações de Marx contidas no opúsculo em questão, pois o texto, por vontade de seu próprio autor, ficou secreto por muito tempo e foi publicado por Engels apenas em 1891<sup>732</sup>. Isso não impede, todavia, que as ideias de Marx tenham circulado nos ambientes do socialismo europeu e que a maior receptividade (geográfica e teórica) do contexto suíço, o interesse de Cafiero para o socialismo alemão e os próprios estudos de economia socialista realizados na Alemanha por Covelli, tenham facilitado o processo de elaboração teórica

731 O próprio Marx, ao criticar em 1874 o volume de Bakunin *Estatismo e Anarquia*, afirmou que: “como que o proletariado, durante o período de luta para derrubar a antiga sociedade, ainda age com base na antiga sociedade e, por conseguinte, continua a se mover entre formas políticas que mais ou menos pertenciam àquela sociedade, ele ainda não encontra, durante esse período, sua constituição definitiva e emprega meios para sua libertação que, depois dessa libertação, deixam de existir” (*idem*, p. 117). Justificação que deixava ainda mais clara a relevância para os anarquistas da coerência entre meios e fins na luta revolucionária e do elemento discriminador representado pela questão da autoridade. Cf. THOMAS (1980).

732 V. o Prefácio de Friedrich Engels e a Carta de Karl Marx a Wilhelm Bracke na parte introdutória do volume. Depois das críticas de Marx, na versão definitiva do Programa de Gotha, aprovada no congresso (25 de maio de 1875), foi substituída a expressão “o fruto do trabalho [*Arbeitssertrag*] pertence inteiramente, com igual direito, a todos os membros da sociedade” (*idem*, p. 84), com “o produto total do trabalho [*gesamte Arbeitsprodukt*] pertence à sociedade, isto é, a todos os seus membros, com obrigação universal ao trabalho, com igual direito, a cada um segundo suas necessidades razoáveis” (p. 87).

realizado pelos internacionalistas italianos em 1876, isto é, quando as críticas de Marx ao Programa de Gotha ainda não eram conhecidas publicamente. De qualquer forma, embora não seja possível realizar nenhuma verdadeira hipótese biográfica a este respeito, esta passagem demonstraria principalmente a importância do processo de circulação das ideias no âmbito do primeiro socialismo europeu, em particular em uma sociedade escassamente alfabetizada, como a italiana da segunda metade do século XIX, dominada por interesses oligárquicos e pelo conservadorismo, e ainda desprovida dos meios necessários para a formação de uma consciência socialista e emancipadora entre as massas trabalhadoras.

O debate sobre a organização econômica ideal começado no início de 1876 entre os internacionalistas do Jura e estimulado por uma crise na indústria dos relógios<sup>733</sup> – muito importante na região –, prosseguiu com a publicação no *Bulletin* (de 27 de fevereiro) do artigo de Guillaume “A fragmentação das propriedades”. Nele, o autor, ao comparar os sistemas do grande e do pequeno cultivo, mostrava como até os economistas conservadores tinham entendido as vantagens do primeiro método, cuja evidência era facilitada pela introdução das máquinas no processo de produção no campo. No entanto, o modelo a ser seguido não era o da Inglaterra, “onde imensas áreas de terreno estavam reunidas nas mãos de uma só pessoa” e “os proprietários formam uma casta odiosa que tiraniza e deixa morrer de fome o infeliz trabalhador do campo”, tornando o sistema parecido com o feudalismo. E nem tampouco o exemplo francês, onde dominava a fragmentação da propriedade, mas sim a propriedade coletiva, onde “o solo será propriedade comum daqueles que o trabalham e que se reunirão em associações de produtores agrícolas”. Tratava-se de um discurso relativamente simples que, porém, por ter sido elaborado pensando nas condições de trabalho sobretudo no meio rural, interessava particularmente aos leitores da Itália, isto é, um país onde coexistiam tanto as pequenas propriedades quanto os latifúndios. Não por acaso *La Plebe*, um dos poucos periódicos próximos à Internacional ainda ativos na Itália, decidiu traduzir e publicar (13 e 29 de março) tanto este quanto a segunda contribuição de Guillaume (“Um economista burguês que predica a propriedade coletiva”, *Bulletin* de 4 de março), em que o internacionalista suíço procurava mostrar novamente como o debate sobre a propriedade coletiva dos meios de produção e dos produtos do trabalho tinha se tornado um assunto comum, até na imprensa conservadora. Ao citar um artigo do economista belga Laveléye, que concordava com a teoria do filósofo alemão Johann Fichte segundo a qual, na sociedade ideal, o Estado deveria “tornar

---

733 V. a conferência pública sobre este assunto realizada pelo *jurassienne* Auguste Spichiger (*Bulletin* de 11 de junho).



cada um proprietário da propriedade à qual suas capacidades e suas necessidades lhe conferem o direito”, Guillaume comentava afirmando que,

A teoria de Fichte (que é aquela dos comunistas alemães em geral) difere da nossa em um ponto importante. Fichte quer que o Estado seja o fornecedor da propriedade; nós, ao contrário, queremos que a propriedade seja colocada diretamente nas mãos dos grupos de trabalhadores, os quais deverão federar-se entre eles para garantir a mútua posse desta propriedade.

E se também os “economistas burgueses” haviam chegado, embora seguindo diferentes caminhos, às mesmas conclusões dos internacionalistas revolucionários, para a propaganda de Guillaume isto só podia significar uma coisa: “Todos os acérrimos defensores das instituições burguesas podem agitar-se quanto querem: tudo será inútil: *O porvir é do socialismo!*”. Contemporaneamente aos discursos de Guillaume no jornal da *Fédération Jurassienne* da AIT, que de qualquer forma eram o fruto de um debate coletivo no seio da associação suíça, a partir do começo de fevereiro tanto as seções da montanha do Jura quanto a seção de Berna organizaram uma série de conferências públicas nas quais foram abordadas questões teóricas e práticas que diziam respeito à propaganda socialista e à “organização do trabalho na sociedade futura”<sup>734</sup>. E se Schwitzguébel falou sobre “O radicalismo e o socialismo”, Guillaume discutiu o imposto progressivo contrapondo o ponto de vista socialista ao radical (*Bulletin* de 2 de abril), enquanto a redação do jornal continuava a venda de um número considerável de opúsculos de propaganda: os autores publicados eram Bakunin, Malon, André Lèon e Brousse. O debate, de qualquer forma, dedicou uma atenção particular para as problemáticas econômicas, mostrando uma abertura sem precedentes em relação às análises de cunho marxista. Neste sentido, o longo artigo “*L'Economie sociale*”, um resumo das conferências realizadas por César De Paepe<sup>735</sup>, procurava ilustrar “a natureza tendencial das leis da economia social” – contestando a interpretação de Malthus e afirmando que “todos os fenômenos sociais estão submetidos à evolução histórica, que a atuação do homem pode retardar pela compressão, acelerar pelas revoluções” (*Bulletin* de 9 de abril) –, e discutir o conceito de riqueza e a forma de utilização dos recursos naturais não apropriáveis (22 de abril, 7 e 14 de maio).

734 O primeiro encontro foi realizado em Saint-Imier (6 de fevereiro), o segundo em Berna (metade de fevereiro), enquanto em Neuchâtel as conferências começaram no dia 26. V. *Bulletin* (13 e 20 de fevereiro). Nas assembleias discutiu-se também o coletivismo, a greve e a Comuna de Paris.

735 César De Paepe (1841-1890): líder da Internacional belga, defensor do coletivismo e antiautoritarismo, foi justamente nesta fase que ele mudou parcialmente sua perspectiva política colaborando, a partir de 1877, com a corrente “obreirista” de Favre, Malon e Zanardelli.

No entanto, foi sobretudo uma carta redigida por Malon e Favre em ocasião de uma reunião comemorativa da Comuna de Paris, realizada em Losanna no dia 18 de março, a animar o debate e ressaltar a cisão entre as diferentes tendências. Nela, os dois autores, tomando como pretexto a análise do sistema comunal, ilustraram detalhadamente seu programa socialista, abordando em particular a questão do coletivismo, sem deixar de polemizar explicitamente com os anarquistas. Favre e Malon confirmavam a escolha antiautoritária e federalista no que dizia respeito à organização política da sociedade futura, assim como defendiam o coletivismo de capitais e meios de produção por parte das “livres associações de trabalhadores”. No entanto, a perspectiva coletivista devia limitar-se ao que eles chamavam de “capitais”, enquanto as “riquezas” - já que na nova sociedade será garantida uma instrução integral e profissional, e um trabalho “atraente” - “podem e devem ser possuídas individualmente, e isso para garantir a liberdade da vontade e da ação pessoal”. Tratava-se, portanto, de uma posição que, a partir de uma análise econômica vaga e confusamente marxista<sup>736</sup>, chegava a defender a propriedade individual dos produtos do trabalho, em nome de uma aparente preocupação libertária que devia garantir, junto com a “prática da mais ampla solidariedade”, “a expansão e o aperfeiçoamento dos seres humanos”. Além disso, ao falar das “lutas intestinas que dividiram o partido socialista-internacionalista” entre os defensores do Estado comunista autoritário e os revolucionários anarquistas e federalistas, os autores reclamavam “o direito de estudar os fatos, de procurar seus significados e de aproveitar de seus ensinamentos”: tratava-se até, conforme Malon e Favre, da “maior crise mental da humanidade” (*Bulletin* de 30 de abril).

Por outro lado, a carta, que refletia principalmente o pensamento de Malon, condenava qualquer tipo de governo burguês, progressista ou reformador que fosse, defendendo a abolição do Estado político (exército, magistratura, polícia etc.), mas denunciava a exigência de não jogar fora o bebê junto com a água do banho, ou seja, de não desperdiçar todos aqueles “*serviços administrativos*” (bibliotecas, correio etc.) que precisariam ser reformados ou transformados, mas não abolidos. Neste sentido, os autores contrapunham sua proposta ao suposto “programa anarquista”, que pretendia “declarar em um dia de revolução que o *Estado está abolido*” e transferir todos os poderes nas mãos das comunas e dos grupos autônomos. Por esta razão, Favre e Malon concluíam o escrito declarando-se convencidos de “que les socialistes doivent s'abstenir d'impuissantes déclarations doctrinales, et travailler, par la propagande individuelle, à la reconstitution et à

736 Sobre a distância entre o pensamento de Malon e o de Marx v. CIVOLANI (1982).

l'agrandissement du parti socialiste” (*Bulletin* de 7 de maio). Além do mais, para esclarecer melhor o alvo do ataque final, eles mencionavam diretamente como representantes da corrente anarquista os *jurassiens*, os espanhóis, os russos e os italianos, destacando como a atuação dos primeiros dois fosse diferente daquelas dos russos e dos italianos<sup>737</sup>. Isto representou, de um lado, um apelo ao realismo estratégico – um aspecto que a coerência ideológica dos intransigentes havia certamente descuidado – e do outro uma verdadeira afronta teórica e organizacional à Internacional italiana, que Cafiero, Costa e Malatesta pretendiam reativar sobre os mesmos pressupostos mas que agora exigia pelo menos uma redefinição formal de sua perspectiva política.

Foi assim que os editores do *Bulletin*, publicando em duas edições a carta de Favre e Malon, tiveram o tempo para elaborar uma resposta crítica, que foi incluída já na edição de 7 de maio como “Observação da redação”. Eles consideravam “fantasia pura” a distinção que, Favre mas sobretudo Malon, tentaram atribuir ao campo anarquista e reafirmavam, embora com outros termos, a única divisão que desde 1868 havia animado a Internacional, isto é, a entre “os comunistas *autoritários*” e “os comunistas *não-autoritários* ou *coletivistas*”. Além de utilizar significativamente pela primeira vez o termo “comunistas não-autoritários”, os autores (Guillaume?) da resposta polêmica declaravam que

Les mots d'*anarchie* et d'*anarchistes* sont, à nos yeux et à ceux de beaucoup de nos amis, des termes qu'on devrait renoncer à employer, parce qu'ils n'expriment qu'une idée négative sans indiquer aucune théorie positive, et qu'ils prêtent à des équivoques fâcheuses.  
Aucun “programme anarchique” n'a jamais été formulé, à notre connaissance.

Tratava-se de uma consideração terminológica importante, que refletia tanto a posição dos *jurassiens* quanto, em parte, a dos italianos: de fato, embora a utilização do termo “anarquia” tivesse sido comum durante a atividade de propaganda dos internacionalistas, sobretudo para expressar a componente “negativa” do conjunto de ideias dos antiautoritários, ninguém (exceto Bakunin) havia jamais falado de “anarquistas” ou tampouco de “programa anarquista”<sup>738</sup>. A anarquia, neste sentido, continuava sendo o meio e o fim da ação

<sup>737</sup> A questão dizia respeito à “revolução cantonalista” espanhola de 1873, quando uma parte dos internacionalistas daquele país e os *jurassiens* resolveram não aderir à tentativa de autogoverno cantonal em nome da abstenção política, enquanto os italianos aprovaram a insurreição e tentaram até participar dela. Essa passagem foi esclarecida na tradução italiana da carta de Favre e Malon, publicada no *La Plebe* (23 de julho de 1876), onde os autores acrescentaram algumas anotações críticas. V. também *Lo Scarafaggio* (7 de agosto).

<sup>738</sup> O próprio Cafiero utilizou o termo “anarquistas” em uma carta ao amigo Salvioni apenas em setembro de

revolucionária, mas não podia alcançar o status de programa justamente porque lhe faltava a contraparte positiva, isto é o comunismo não-autoritário ou coletivismo: era exatamente a união dessas duas componentes que formava agora a ideologia anarco-comunista. Neste sentido, a preferência dos internacionalistas do Jura para a adoção de uma expressão mais concreta e menos drástica, não respondia apenas a uma mera questão estratégica, mas assinalava uma certa distância do caráter impetuoso e impulsivo dos internacionalistas italianos, os quais, de fato, continuaram radicalizando sua propaganda e sua atuação dentro e fora da associação. Em qualquer caso, o debate entre Malon e os *jurassiens* prosseguiu também na edição de 27 de maio do *Bulletin* onde, ao resumir uma resposta sarcástica e polêmica do francês, eles esclareceram que

Il est très vrai que le débat est resté ouvert, dans le parti socialiste, entre l'*Etat ouvrier* et l'*anarchie* (synonyme peu exact et incomplet de *collectivisme*); mais [...] nous réservons le nom de *collectivistes* uniquement à ceux qui inscrivent sur leur programme la destruction de l'Etat. Il n'y a point de *collectivistes* qui soient partisans de l'*Etat ouvrier*: ce serait une contradiction dans les termes. Qui dit *collectiviste*, selon notre définition, dit partisan de la libre fédération et de l'autonomie.

Por fim, os internacionalistas do Jura negaram firmemente a ideia, que era uma dedução do raciocínio de Malon, segundo a qual eles seriam favoráveis à abolição dos serviços públicos (bibliotecas, correio etc.), conforme demonstrava o grande debate público em andamento, tanto no jornal quanto nas seções<sup>739</sup>. Neste sentido, um outro texto importante é a resposta a um leitor do *Bulletin* que preconizava o advento da Estado comunista: seu autor (Guillaume?) propunha a adoção de algumas medidas práticas para a sociedade futura – igualitária e livre –, como a jornada de trabalho de 7 horas, a organização racional da produção e a propriedade coletiva, contestando duramente a ampliação do corpo administrativo do Estado e o consequente aumento da burocracia (25 de junho). Outras propostas foram avançadas ao longo de uma reunião da *Fédération Jurassienne* sobre a crise da indústria suíça, quando os militantes destacaram a necessidade de reformar tanto a estatística do trabalho quanto o atual sistema de crédito e de pagamento, além de resolver o

---

1876, ou seja, depois desse debate; enquanto, como veremos, Malatesta recusou aceitar a alcunha de “bakuninistas” que lhe foi atribuída durante o Congresso de Berna em outubro de 1876. Cf. CAHM (1989, p. 37-39).

739 O *Bulletin* de 14 de maio publicou as atas da reunião realizada em Losanna no dia 18 de março, com os discursos dos relatores, entre os quais é oportuno destacar a fala de Joukowsky que sublinhava a importância da organização e da solidariedade internacional. V. também o resumo das conferências realizadas em maio e junho em Berna e Losanna no *Bulletin* de 18 de junho, de 2 e 9 de julho.

problema da superprodução dos produtos não-consumíveis (*Bulletin* de 2 de julho). Tratava-se de uma espécie de antecipação das *Idées* de Guillaume, que ele mesmo citou parcialmente durante a enésima conferência em Losanna (*Bulletin* de 9 de julho) e que foram finalmente publicadas em agosto de 1876 na cidade de Chaux-de-Fonds, no cantão do Jura.

Vimos como, já no final de 1874, Cafiero, o único dos principais representantes da AIT no país ainda em liberdade, em vista de um próximo trabalho de propaganda e reorganização territorial da associação, havia pedido para Guillaume, conhecendo sua grande eloquência escrita, redigir um “compêndio popular das ideias socialistas revolucionárias” para que fosse divulgado na Itália<sup>740</sup>. Infelizmente não se sabe qual foi o destino da tradução que Cafiero realizou e divulgou entre os militantes da península, que incluía uma parte específica sobre o contexto italiano<sup>741</sup>. No entanto, a publicação em língua francesa das *Idées sur l'organisation sociale* de Guillaume, embora desprovidas do “capítulo particularmente dedicado aos italianos, onde se falava das medidas práticas de desapropriação, assim como da propaganda revolucionária no exército” (GUILLAUME, 2004, vol. III, p. 377), representou o esforço mais significativo de resumir as ideias mais eficazes sobre a sociedade pós-revolucionária elaboradas no contexto das federações antiautoritárias da AIT. Um texto decisivo para o movimento anarquista em geral, que foi divulgado, traduzido e mencionado repetidamente nos ambientes do socialismo europeu, acabando por representar um ponto de referência imprescindível para todos aqueles que pretendiam pensar em uma nova sociedade mais justa e igualitária. O próprio Costa, já um mês depois da publicação na Suíça, anunciou no *Il Martello* (16 de setembro) a iminente publicação da tradução que ele já havia concluído, e escreveu também uma pequena resenha que ficou como prefácio da edição italiana<sup>742</sup>. Nela, o autor, além dos elogios pessoais ao amigo suíço, destacava o valor de seus escritos “inspirados ao socialismo científico e prático”, e seu estilo simples, claro e persuasivo. Ele

preencheu uma lacuna, que todos percebiam. Todos, mais ou menos, estavam de acordo sobre o que fazer o dia depois da Revolução Social; mas era necessário que alguém recolhesse essas nossas opiniões; e que, evitando os individualismos e as abstrações, as ilustrasse revisadas e corrigidas por um bom senso singular. Guillaume fez isso.

740 V. p. 176 do presente texto.

741 É o próprio GUILLAUME (2004, vol. III, p. 377) a afirmar que “ele [Cafiero] o traduziu para o italiano e sei que sua tradução circulou entre os grupos, mas não creio que tenha sido impressa”.

742 A tradução de Costa foi publicada em fevereiro de 1877 e reimpressa pelo menos uma vez (GUILLAUME, 1914). A tradução inglesa encontra-se no volume de textos bakuninianos organizado por Sam Dolgoff (BAKUNIN, 1971), enquanto o internacionalista Viñas traduziu o texto para o espanhol já em 1876. Ao contrário, não consegui encontrar uma versão portuguesa do opúsculo de Guillaume.

No entanto, as *Ideias* do internacionalista suíço – as mais positivas e práticas –, não eram obviamente definitivas e tampouco obrigatórias ou programáticas, mas representavam apenas a convicção momentânea de uma fração, embora consistente, da Internacional: “nosso passaporte para o porvir”, conforme afirmava Costa. O opúsculo de Guillaume estava formado por seis capítulos, nos quais ele ilustrava de forma sintética tanto a ideia de revolução por ele defendida, quanto as medidas a serem adotadas nos diferentes setores da sociedade logo depois da revolução, a qual representava justamente o primeiro pressuposto de todo seu discurso. O autor, de fato, declarava-se materialista e convencido de que a revolução seria apenas o fruto de um longo processo de surgimento e amadurecimento de novas ideias, as quais entrariam finalmente em conflito com a aparente coerência da velha sociedade. Neste sentido, “a revolução é apenas o resultado de uma longa evolução, a manifestação repentina de uma mudança que havia sido preparada há muito tempo e que tornou-se inevitável” (GUILLAUME, 1914, p. 13). Ao mesmo tempo, ela é um fato natural, espontâneo - pois “se produz sob o impulso incontrolável das necessidades” - e coletivo (“não é o efeito de uma ou mais vontades individuais”): seria portanto absurdo e inútil indicar um plano revolucionário. Ela porém, como já havia assinalado Guillaume nos artigos no *Bulletin*, possui um duplo caráter: um lado negativo e destruidor (abolição do governo, do exército, dos tribunais, da Igreja, da escola, dos bancos etc.), e um lado positivo (a expropriação dos meios de produção e do capital por parte dos trabalhadores). Quanto a esse segundo aspecto o autor, assim como muitos dos internacionalistas italianos, privilegiava a questão camponesa, portanto, o primeiro ato da revolução será a expropriação das terras e a redistribuição para os camponeses sem-terra. E assim como deviam ser os próprios trabalhadores rurais a se responsabilizar por esta expropriação, sem esperar a ordem ou a decisão de alguém, o mesmo devia acontecer com os operários e a tomada das fábricas, das máquinas, das matérias primas e dos capitais. Neste sentido,

enquanto a revolução jacobina deixa o povo sob controle e substitui sua vontade com a de um governo, a revolução, conforme nós a desejamos, não é outra coisa que a execução direta das vontades dos grupos de trabalhadores realizada pelos próprios interessados. (*Idem*, p. 16)

O discurso de Guillaume, no entanto, tornava-se mais interessante nos dois capítulos relativos justamente à organização agrícola e industrial, onde procurou indicar

algumas medidas práticas de caráter geral que não levavam em consideração as peculiaridades sociais, econômicas, políticas e culturais de cada contexto territorial, mas que eram o resultado (parcial e provisório) dos debates realizados no seio da Internacional na última década. Quanto à questão agrária, o autor propunha a manutenção das pequenas propriedades, desde que “os ajudantes do camponês (se houver) se tornem seus associados e compartilhem com ele os frutos de seu trabalho comum” (p. 17). No entanto, a esperança de Guillaume e de todos os revolucionários coletivistas, era que essa forma de propriedade desaparecesse gradualmente, assim que os pequenos produtores agrícolas se convencerem dos benefícios do sistema coletivista, o qual, por seu lado, tornava-se o método de produção mais natural em um contexto latifundiário. O objetivo final, de qualquer forma, era a criação de associações agrícolas autogeridas, onde as decisões seriam tomadas em assembleia (ex: a jornada de trabalho). O critério distributivo dos produtos do trabalho era ilustrado da seguinte forma:

Os produtos pertencem à comunidade, e cada associado recebe dela, seja através de produtos naturais (alimentos, roupas etc.), seja através de moeda de troca, a remuneração para o trabalho por ele realizado. Em algumas associações esta remuneração será proporcional à jornada de trabalho; em outros lugares ela será calculada levando em consideração a dureza do trabalho e o tipo de funções cumpridas.

Esta questão da repartição torna-se absolutamente secundária uma vez que for resolvida a questão da propriedade e os capitalistas desaparecerem. No entanto, nós acreditamos que o princípio, ao qual é preciso se aproximar quanto mais possível, seja o seguinte: de cada um segundo suas forças, a cada um segundo suas necessidades. (*Idem*, p. 21)

O resultado desta reflexão era portanto idêntico à hipótese marxiana não apenas no que dizia respeito ao princípio (re)distributivo, mas também na previsão de uma fase de superabundância conseguinte à organização racional da produção, quando “cada um poderá beneficiar da abundante reserva social para satisfazer toda a extensão de suas necessidades, sem o temor de extingui-la”. Além disso, o desenvolvimento, facilitado pelas novas condições da sociedade pós-revolucionária, de um alto grau de moralidade e responsabilidade entre os trabalhadores impedirá “o abuso e o desperdício” (p. 22). A propósito da organização do setor industrial, Guillaume enumerava inicialmente três tipos diferentes de trabalho que comportavam soluções distintas: 1. os pequenos artesãos, para os quais não há divisão do trabalho e cujos instrumentos não exigem grandes recursos; 2. o trabalho realizado coletivamente por um número médio de operários (tipógrafos, marceneiros, pedreiros etc.); 3. o trabalho “em escala gigantesca”, onde são necessárias uma ampla divisão do trabalho, a

utilização de máquinas sofisticadas e a disponibilidade de grandes capitais (as fiações, as indústrias metalúrgicas, as minas etc.). Ora, conforme Guillaume, se para os últimos dois grupos o processo de associação e de coletivização do trabalho tornava-se uma fatalidade inevitável por causa da “própria natureza de seu trabalho”, para o primeiro tipo, ao contrário, “o trabalho coletivo não é uma necessidade”, embora seja sempre considerado o sistema melhor. Também nesse caso, o objetivo era a criação de associações de operários em cada fábrica, responsáveis por sua administração, e a transformação dos meios de produção (as fábricas e os instrumentos de trabalho) em propriedade coletiva de uma determinada “corporação”<sup>743</sup> regional ou nacional, para fazer com que todos os operários que pertencem a um setor específico possam compartilhar os meios de produção presentes naquele território.

Neste sentido, a comuna (o município) “é formada pelo conjunto de trabalhadores que moram no mesmo lugar”: ela seria portanto “a federação local dos grupos de produtores” (p. 25), responsável pelo fornecimento dos serviços públicos. Eles, conforme o autor, formariam oito categorias distintas: 1. as obras públicas; 2. a troca; 3. a alimentação; 4. a estatística; 5. a saúde; 6. a segurança, 7. a educação e 8. a previdência (“assistência”). Uma das primeiras medidas a ser realizada depois da revolução seria a construção de moradias públicas (de propriedade da comuna) que serão utilizadas de forma gratuita por aqueles que não possuem uma casa ou por quem morava em “habitações insalubres ou insuficientes”. No caso daquelas comunas onde será inicialmente conservada a propriedade individual, “é provável que em seguida as ideias mudem e que também nessas comunas [...] as casas se tornem de propriedade comunal” (p. 30). Além disso, na nova sociedade o comércio desapareceria e seria substituído pela troca, que seria administrada por meio de específicas “agências de troca” comunais, as quais forneceria aos produtores “vales” em troca de seu trabalho. O otimismo “humanista” de Guillaume previa também que, uma vez alcançado um nível de produção “prodigioso” graças à organização racional do trabalho, o sistema da troca seria abandonado em favor da “distribuição pura e simples”, realizada proporcionalmente às necessidades dos consumidores (p. 32). Novamente, a única condição para implementar este sistema simplesmente distributivo seria a de “triplicar a energia da produção” (p. 34). Em suma, uma perspectiva de crescimento supostamente indeterminado da produção que, através dos progressos da ciência, garantiria a satisfação de todas as exigências da nova sociedade

<sup>743</sup> Guillaume alertava que não se tratava de uma corporação *stricto sensu*, pois não se pretendia criar “acima dos trabalhadores das diferentes fábricas uma espécie de governo industrial que tenha o poder de utilizar livremente os instrumentos de trabalho”, mas sim deixar que os trabalhadores encontrem um acordo com base em um “pacto de solidariedade” (p. 24-25).



coletivista e federalista, onde a saúde seria pública e gratuita e a polícia comunal seria formada, com um sistema de rotação, por todos os membros adultos da comunidade. No que dizia respeito ao setor da alimentação, a tarefa dos trabalhadores seria apenas de produzir as matérias primas e entregá-las para a agência de troca: a partir daquele momento seria a própria comuna a se responsabilizar pelo processo de transformação das matérias-primas em produtos alimentares e de sua distribuição. Desta forma, para fazer o pão os camponeses levariam seu trigo, para a carne os criadores levariam seu animais, para fazer o vinho seria necessária a uva, e assim por diante: um sistema que comportaria também a criação de uma série significativa de infraestruturas comunais (moinhos e padarias, matadouros e açougues, adegas e armazéns).

Uma vez que a sociedade pós-revolucionária for organizada internamente desta forma, será possível criar as federações regionais de corporação, assim como as federações das comunas, e organizar todos os setores da produção “em uma imensa rede federativa, que incluirá todos os produtores e todos os consumidores” (p. 49). E graças à ajuda da estatística da produção e do consumo será possível determinar “de forma racional” a jornada de trabalho, o custo de produção dos produtos e seu valor de troca, assim como a quantidade de produtos necessária para satisfazer as exigências do consumo (“os produtos serão criados em proporção às necessidades”). Mas a parte mais relevante do texto era onde Guillaume abordava o tema da educação - “um assunto de extrema importância” - e das relações familiares, propondo uma interpretação idêntica àquela defendida pelos internacionalistas italianos tanto no material de propaganda quanto na atividade pedagógica realizada em Nápoles entre 1871 e 1872<sup>744</sup>. Na sociedade “libertada”, as crianças não serão propriedade de ninguém e “pertencerão apenas a si mesmas”. A tarefa da sociedade será de protegê-los e garantir seu livre desenvolvimento através de uma educação integral – isto é, “desenvolver contemporaneamente todas as faculdades do corpo e do espírito” (p. 41) –, que será fornecida por todos aqueles que conhecem uma ciência, uma arte ou uma profissão: desta forma, o professor “não será mais um tirano detestado, mas um amigo que eles escutarão com prazer”. De consequência, também a relação entre a criança e os pais será diferente, já que desaparecerá a autoridade paterna em favor de “relações de simples afeição”, sem por isso comportar a destruição da família: permanecerá obviamente o vínculo natural entre seus elementos, enquanto a relação

---

<sup>744</sup> O que faltava no opúsculo do internacionalista suíço, no entanto, era uma reflexão sobre as relações entre homem e mulher, e sobre a relativa necessidade da emancipação feminina, aspecto que os companheiros italianos, Costa em particular, haviam destacado várias vezes.

entre pai e filho se tornará como “aquela entre um amigo maior e um amigo mais novo” (p. 46). De qualquer forma, aquilo que Guillaume havia inicialmente indicado como pressuposto inelutável de todo seu discurso, isto é, a Revolução, voltava também na parte conclusiva, onde ele destacava a importância do caráter internacional do processo revolucionário.

Nenhum país é hoje autossuficiente: as relações internacionais são uma necessidade da produção e do consumo e não poderiam ser interrompidas [...].  
As fronteiras artificiais utilizadas pelos governos atuais desaparecerão diante da Revolução. As comunas se juntarão livremente entre elas conforme seus interesses econômicos, suas afinidades linguísticas, sua posição geográfica, etc. (*Idem*, p. 55)

Neste sentido, as ideias ilustradas no opúsculo representavam apenas um desejo, mais do que uma previsão. Portanto “não é indispensável que a nova organização social estabelecida pela revolução seja a mesma em todos os detalhes” para todos os países. Tratava-se de uma explícita referência às divergências teóricas entre as diferentes correntes do movimento socialista europeu, que contrapunham os países alemães (Alemanha e Inglaterra) aos latinos e eslavos (Itália, Espanha, França, Rússia), mas que todavia não podiam afetar “as relações de amizade e de solidariedade entre os povos emancipados dos diferentes países”. Desta forma, quando os “princípios da revolução triunfarem na Europa toda, será realizada esta grande utopia da fraternidade dos povos, que não pode ser alcançada a não ser pela Revolução social”. Em suma, além da perspectiva federalista, coletivista e antiautoritária que já havia sido afirmada durante a militância internacionalista, as *Idées* de Guillaume representaram sobretudo uma primeira tentativa factual de pensar em medidas práticas a serem aplicadas na sociedade pós-revolucionária: nada que fosse realmente inovador ou original, mas elas superavam tanto o coletivismo bakunista, quanto o mutualismo de Proudhon, contribuindo assim a fixar a posição ideológica do movimento por muito tempo. De fato, a ideia do comunismo distributivo, embora não fosse um objetivo imediatamente realizável mas um ideal a ser alcançado gradualmente, assinalava claramente a adesão dos principais representantes da corrente antiautoritária da Internacional a um novo tipo de sociedade ideal, onde conviviam pacificamente princípios comunistas e libertários. Neste sentido, o verdadeiro e definitivo elemento discriminador entre as duas tendências sobre o novo sistema a ser adotado depois da revolução – conforme ilustrou bem o debate indireto entre Marx e Bakunin e além da evidente desproporção teórica entre os dois competidores –,

continuava sendo o princípio de autoridade e a imposição, embora temporária e aprovada por uma maioria, de um determinado tipo de organização social<sup>745</sup>. Mas o aparente ponto de encontro teórico precisava agora se confrontar com a realidade dos fatos do contexto italiano, onde o consenso sobre a estratégia de luta a ser adotada pelo movimento estava longe de ser alcançado. Por esta razão era necessário declarar pública e oficialmente esta sutil mudança ideológica – mas cheia de implicações no plano da militância cotidiana –, para fazer com que não houvesse outros equívocos e que as posições dentro da associação estivessem finalmente definidas: a ocasião teria sido o IIIº Congresso nacional da federação em Florença.

## 8.2 O Congresso de Florença-Tosi

Os representantes das seções e federações italianas da AIT delegados para participar do congresso nacional começaram a chegar na cidade toscana alguns dias antes do encontro, pois estavam cientes da grande atividade de controle territorial que estava sendo realizada pelas forças de polícia locais. O relato oficial do congresso, de fato, descreveu Florença como uma cidade militarizada há dias (*Il Martello* de 19 de novembro de 1876) e os primeiros a cair nas malhas da justiça, ainda antes que a assembleia tivesse lugar, foram Natta, Grassi (os dois florentinos que haviam contribuído na organização do encontro) e o próprio Costa, que havia sido delegado para participar do congresso por algumas seções sicilianas e que foi preso no dia 19 de outubro, acabando quase linchado pela multidão na rua que o havia confundido por um delinquente comum (GALASSI, 1989, p. 158). A prisão de Costa havia sido ordenada pelo *Prefetto* de Ímola, pois ele havia descumprido *ammonizione*, deixando sua cidade natal sem a permissão das autoridades: permaneceu no cárcere de Florença até o dia 31 de outubro, quando foi transferido para a prisão de Bolonha na espera de uma decisão do Tribunal de Ímola. O enésimo episódio de repressão demonstrava a firme vontade do governo de barrar a qualquer custo a atuação da associação no território, inclusive em ocasião de uma reunião pública anunciada nos jornais como era o IIIº Congresso nacional da FI-AIT e como

---

<sup>745</sup> Malatesta, portanto, não estava muito errado quando em 1926, ao comentar o pensamento de Bakunin durante sua militância internacionalista, afirmou que ele “foi, na economia política e na interpretação da história, marxista demais” (MALATESTA, 1947, p. 371). Uma crítica que, neste sentido, poderia ser estendida aos próprios militantes italianos e *jurassiens* da Primeira Internacional. De fato, a elaboração de um verdadeiro programa anarquista de luta, aqui apenas esboçado, foi realizada a partir da década de 1880 com a colaboração de Kropotkin. Cf. NETTLAU (1933), PENGAM (1987). Sobre os desdobramentos filosóficos do debate entre Marx e Bakunin ver THOMAS (1980) e BERTI (1998, vol. 3, cap. IX).

havia sido o encontro de Bolonha em 1873<sup>746</sup>.

Foi assim que os quarenta congressistas foram obrigados a abandonar antecipadamente Florença e procurar um outro lugar onde realizar o encontro: eles partiram à meia noite do dia 20 de outubro a pé e sob uma chuva torrencial. Graças à ajuda de um companheiro da região (Natale Cosi) que conhecia bem os caminhos mais seguros, eles conseguiram alcançar, depois de 9 horas de marcha nas montanhas, um vilarejo isolado (Vallombrosa) a 30km de Florença onde, em um albergue, declararam imediatamente aberto o congresso<sup>747</sup>. Na noite do dia seguinte (21 de outubro), no entanto, os delegados receberam a notícia de novas prisões de internacionalistas que procuravam alcançar os companheiros e resolveram abandonar Vallombrosa para continuar a reunião nos bosques do vizinho vilarejo de Tosi. O congresso terminou no domingo (22 de outubro), sem longos discursos e sem “discussões bizantinas”, culminando na aprovação por unanimidade de todas as resoluções (*Bulletin* de 29 de outubro)<sup>748</sup>. Além do mais, o único representante da corrente “dissidente” da Internacional italiana que havia sido delegado para participar do encontro, ou seja, Bignami, embora estivesse já em Florença não conseguiu se juntar aos outros congressistas, deixando assim campo livre para a afirmação unívoca da tendência intransigente<sup>749</sup>. Entre as federações representadas havia as das regiões Marche-Umbria, Emilia-Romagna, Toscana, Puglia, Lazio, Molise, além da Federação Operária Napolitana (Cafiero, Covelli, Malatesta e Schettino) e da seção feminina de Florença (Luisa Minguzzi). O congresso foi presidido por Cafiero, que foi nomeado como membro da nova Comissão de Correspondência com sede em Nápoles, e abriu-se com uma homenagem em memória de Bakunin. Em seguida foi lido um relatório redigido pela Comissão de Correspondência de Florença (Natta e Grassi) sobre a atividade da FI-AIT a partir do IIº Congresso de Bolonha (1873)<sup>750</sup>, enquanto todas as 18 ordens do dia que haviam sido colocadas antecipadamente pelas diferentes seções foram

746 A própria sala onde teria se realizado o congresso foi ocupada pela polícia (*Bulletin* de 29 de outubro de 1876). Sobre a repressão do Congresso de Florença ver o relatório de Costa lido em 1877 no congresso internacional de Verviers e publicado no *L'Anarchia* (6 de outubro de 1877), onde igualava a atuação do governo de esquerda com o da direita.

747 V. também o *Bulletin* suíço (de 3 de dezembro de 1876) onde os redatores acrescentaram outros detalhes sobre a reunião na Toscana.

748 A carta que foi publicada no jornal suíço havia sido redigida pelo próprio Cafiero ao encontrar Guillaume depois do Congresso de Florença (v. GUILLAUME, 2004, vol. IV, p. 134). Sobre a difícil realização do congresso ver também *La Plebe* (5 de novembro de 1876), *Il Martello* (19 de novembro de 1876) e LUCARELLI (1947, p. 55).

749 A notícia da prisão de Bignami foi desmentida na própria *Plebe* (5 de novembro).

750 ANGIOLINI (1900, p. 132) afirma que o relatório foi redigido por Costa, fato parcialmente confirmado por CONTI (1950, p. 93), segundo o qual a polícia não havia conseguido apreender a documentação de Costa na hora de sua prisão.

divididas em quatro categorias distintas (1. questões de princípio; 2. questões sobre a prática revolucionária, 3. questões administrativas; 4. outras questões). Infelizmente não é possível conhecer os detalhes da assembleia pois as atas congressuais, devido justamente ao clima de perseguição que dominava na região, foram queimadas pelos próprios congressistas nos bosques ao redor de Tosi<sup>751</sup>. No entanto, um precioso documento redigido pelo próprio *Ministro dell'Interno* Nicotera alguns dias depois, dava conta não apenas de todas as ordens do dia discutidas no congresso mas também de todas as respostas (embora sintéticas) aprovadas pela assembleia<sup>752</sup>.

Desta forma é possível saber que a defesa do programa do socialismo anarquista (seção de Nápoles) devia ser realizada “com qualquer meio de propaganda” ou que a aprovação da proposta de organização por artes e ofícios foi reenviada na espera das decisões do congresso internacional de Berna. Quanto à participação eleitoral (seção de Bari), o congresso respondeu que era necessário “se abster da luta política ou tomar partido apenas quando um amigo socialista tem alguma possibilidade de sucesso”. Por outro lado, eram confirmadas tanto a autonomia interna das diferentes federações regionais quanto a necessidade de manter a associação sobre um duplo nível, público e secreto: neste sentido, a “guerra no Leste” (na Sérvia) representava uma válida ocasião para aproveitar da falta de militares nas principais cidades do país e realizar uma nova tentativa insurrecional (questões 11, 14 e 17). Por fim, foi aprovada a mudança ideológica proposta pela seção de Ímola concernente a coletivização dos produtos do trabalho, que devia ser discutida também no congresso de Berna, no qual participaram como delegados Cafiero e Malatesta. Conforme o único relatório oficial do congresso de Florença-Tosi:

O debate sobre o *coletivismo dos produtos do trabalho* foi importantíssimo; todos os delegados estiveram de acordo em reconhecer que em uma sociedade realmente solidária, os conceitos do *meu* e do *teu* não fazem nenhum sentido, e que a meta em direção à qual caminha a humanidade encontra-se na fórmula “de cada um segundo suas forças, a cada um segundo suas necessidades”. (*Il Martello* de 19 de novembro)

Eis finalmente a declaração pública da Internacional italiana que, embora dissesse respeito a uma mera questão de princípio, representou uma etapa historicamente decisiva para

751 V. o relatório de Malatesta no Congresso de Berna (AA.VV., 1876). Cf. também CONTI (1950, p. 193).

752 O documento (de 25 de outubro de 1876) assinala 18 questões e encontra-se no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 235. Ao contrário, Fortunato Serantoni, que havia participado do congresso, afirmou que o número total de questões que foram discutidas era de 45 (*La Plebe*, 5 de novembro de 1876).

o movimento anarquista. Tratava-se de uma afirmação simplesmente ideal, utópica e ainda provisória, mas muito significativa para as dinâmicas internas do socialismo italiano e internacional, já que todos os três protagonistas dessa história continuaram sua militância dentro e fora das fronteiras nacionais. Não era ainda uma elaboração definitiva, pois não foi adotada diretamente a fórmula do “comunismo anarquista”, mas eram colocados os pressupostos teóricos de uma ideia que foi desenvolvida ao longo da década de 1880 por Cafiero, Malatesta, Kropotkin e Reclus, enquanto Costa estava gradualmente aderindo a uma perspectiva parlamentarista e legalista<sup>753</sup>. O próprio Cafiero, em um manuscrito redigido em 1880 durante uma breve estadia em Lugano, texto que pode ser considerado a primeira tentativa de elaboração definitiva da ideologia anarco-comunista, comparava os dois binômios “liberdade/igualdade” e “anarquia/comunismo”, pois

Anarquia e comunismo, assim como força e matéria, são dois termos que deveriam formar um termo só, porque eles expressam coletivamente uma única ideia.

A submissão dos indigentes, grande maioria da humanidade, aos usurpadores das matérias e dos meios de trabalho, é a primeira causa de qualquer opressão e exploração. Reivindicar para a comunidade humana as matérias e os meios de trabalho, fonte da vida de todos, significa reivindicar a liberdade e a igualdade de todos os homens. Mas quem guarda o tesouro que foi nos roubado é o Estado com todas suas autoridades constituídas e sua força armada, obstáculos que temos de derrubar se queremos nos apropriar do nosso bem. E, por consequência, embora os dois termos da nossa revolução sejam gêmeos, a anarquia está destinada a sair do ventre materno por primeira, e abrir o caminho ao comunismo. (CAFIERO, 1972, p. 28)<sup>754</sup>

Neste sentido, o comunismo será realizável apenas através da anarquia, assim como a igualdade será alcançada apenas por meio da liberdade, dois elementos que representam as garantias necessárias para o desenvolvimento integral do indivíduo e para a manutenção de sua autonomia em relação ao surgimento de eventuais novos Estados, novos poderes, novas autoridades, novas hierarquias etc. Tratava-se de uma síntese clara e eficaz das ideias elaboradas no âmbito da Primeira Internacional que evidenciava as afinidades e as divergências com o pensamento marxiano, não apenas no que dizia respeito à militância cotidiana, mas também no que dizia respeito à ideia de uma sociedade comunista. De fato,

<sup>753</sup> Cf. BRIGUGLIO (*apud* AA.VV., 1971) e BUCCELLATO/IACCIO (1982).

<sup>754</sup> Além do *incipit* materialista Cafiero, no texto, fazia remontar as origens do pensamento anarco-comunista aos escritos de Carlo Pisacane, mas ao mesmo tempo citava o *Capital* de Marx, cujo compêndio havia acabado de publicar (1879).

Comunismo, hoje, antes da revolução, significa ataque contra a propriedade; amanhã, na revolução será a expropriação por parte do povo, e em nome da humanidade toda, de toda a riqueza que existe na terra; depois de amanhã, uma vez realizado o movimento, o comunismo será o gozo comum de toda a riqueza existente, por parte de todos os homens, segundo o princípio: *De cada um segundo suas faculdades, a cada um segundo suas necessidades*, isto é: *De cada um e a cada um à vontade*. (Idem, p. 36)

Portanto, voltava também na análise de Cafiero como na de Guillaume, a ideia da abundância produtiva na fase pós-revolucionária, que ele justificava com base em três pressupostos: 1. “a harmonia da cooperação nos diferentes setores da produção”, que iria substituir o atual regime capitalista da concorrência; 2. a introdução massiva de máquinas no processo produtivo; 3. a abolição da produção inútil ou nociva (armas, exércitos, prisões, igrejas etc.)<sup>755</sup>. Por estas razões o comunismo seria realizável e não representaria apenas uma quimera: “será perfeitamente possível deixar que cada um pegue à vontade tudo aquilo que precisar [...] pois haverá sempre produtos suficientes para amanhã” (p. 40). Uma previsão talvez ingênua, se comparada com as problemáticas econômicas dos dias de hoje, mas que precisa ser colocada no contexto protocapitalista em que foi formulada e que, afinal, não se afastava muito das posições dos pais do comunismo alemão. Cafiero destacava também o papel desempenhado pela corrente coletivista-individualista liderada por Malon que, “ressuscitando antigos erros, começou a filosofar, a distinguir e a diferenciar, e acabou defendendo um coletivismo que não era nem o comunismo autoritário, nem o comunismo anarquista” e formando “um partido de centro, um justo meio moderado, um ecletismo denervado” (p. 42). O problema era representado pela distinção maloniana entre valores de uso e valores de produção que justificava, aos olhos do pensador francês, a posse individual dos produtos do trabalho: uma teoria “pouco científica” que alarmou os anarquistas, “os quais, temendo que se quisesse com isso diminuir a relevância da reivindicação revolucionária, consideraram urgente e necessário declararem-se franca e firmemente comunistas” (p. 43). A este propósito, Cafiero baseava a distribuição dos produtos do trabalho sobre a ideia, de derivação tipicamente marxiana, de “*trabalho médio* ou *trabalho social*” e superava o lema clássico do coletivismo (“quem não trabalha não come”), afirmando que na nova sociedade “o trabalho não será mais uma necessidade extrínseca e se tornará uma necessidade intrínseca do indivíduo”. Portanto, o novo lema, desprovido do sentido autoritário incorporado na

<sup>755</sup> Neste sentido, NETTLAU (1933) destacou como Guillaume deixasse a aplicação do princípio comunista apenas para a fase de abundância produtiva, enquanto Cafiero pretendesse aplicar imediatamente o comunismo graças ao aumento imediato e massivo da produção. Cf. também CAHM (1989).

formulação coletivista original, será: “quem não trabalhar vai viver mal e vai perecer” (p. 45).

No entanto, para aprofundar esta segunda etapa histórica do movimento anarquista (depois do Congresso de Saint-Imier em 1872), além de mencionar a posição de Cafiero – que de qualquer forma havia sido elaborada posteriormente e como consequência de determinados eventos biográficos –, acredito que seja oportuno utilizar sobretudo os textos redigidos por Malatesta durante sua longa militância, em que ele refletia lucidamente sobre a passagem teórica de 1876. Conforme ele, o princípio coletivista segundo o qual ao trabalhador pertencia o “produto integral de seu trabalho”, que havia dominado na Internacional desde 1869 até 1876, havia sido afirmado de forma vaga e entendido de forma ainda mais confusa, sem definir “como atribuir a cada indivíduo ou a cada associação a parte de terra, as matérias-primas e os instrumentos que eles precisavam, como medir o trabalho de cada um e como estabelecer um critério de valor para a troca” (MALATESTA, 25/8/1926). “Na Itália nós preocupamos muitos com estas questões” e

pensamos que no coletivismo permanecia um motivo de luta para a atribuição dos meios de produção mais vantajosos e para o valor que cada um teria dado para seus produtos em comparação com os produtos dos outros. E depois de longos debates e polêmicas chegamos à conclusão de que a única solução que pode realizar o ideal de fraternidade humana e eliminar todas as dificuldades irresolvíveis da medição do esforço realizado e do valor dos produtos obtido é uma organização comunista, em que cada um contribuísse voluntariamente na produção e consumisse livremente aquilo que precisava para suas necessidades – pensando que, uma vez excluído da vida social qualquer motivo de luta entre homem e homem, desapareceria também qualquer motivo de autoridade e qualquer desejo de dominação. (*Idem*)

Mas o problema principal do sistema coletivista não se encontrava apenas nos aspectos econômicos, mas sim na sua “base moral”, pois ele pressupunha um processo de distribuição dos meios de produção e de troca dos produtos baseado simplesmente no princípio da oferta e da demanda, isto é, no regime da concorrência. Ele “procura apenas estabelecer entre os competidores a igualdade do ponto de partida” e, portanto, “é incompatível com a anarquia”<sup>756</sup>. A realização do comunismo, por sua vez, exigiria o desenvolvimento de um alto grau de moralidade entre os membros da sociedade e “de um alto e profundo sentimento de solidariedade”, assim como uma abundância produtiva que dificilmente será alcançável logo depois da revolução: por estas razões, o coletivismo

---

<sup>756</sup> Nesta passagem Malatesta citava o opúsculo *Programma e organizzazione dell'Associazione Internazionale dei Lavoratori* [Programa e organização da AIT] que ele redigiu em 1884. V. também BERTI (2003, p. 54).



permanecia ainda um sistema temporariamente aceitável, mas só naqueles lugares onde a “atuação imediata” do comunismo não tivesse sido possível<sup>757</sup>. Malatesta lembrava também como a aprovação do programa comunista no congresso de Florença foi feita por unanimidade (menos um) e como a ideia foi “aceita com entusiasmo” por Kropotkin, Reclus e por quase todos os anarquistas do mundo inteiro, menos os espanhóis que por muito tempo permaneceram fieis ao coletivismo. A este respeito, parece-me significativo o comentário de Luigi Fabbri (1951, p. 69), segundo o qual

O comunismo anarquista de Malatesta, assim como o coletivismo de Bakunin, e como boa parte do anarquismo nos seguintes vinte anos, incluía desde o começo na sua bagagem cultural e em seus argumentos de propaganda muitas ideias marxistas e dos marxistas (materialismo histórico, miséria crescente, concentração do capital, lei de ferro dos salários etc.); mas isto não tinha nada a ver com a concepção prática do movimento revolucionário e da revolução, e nem com a questão mais importante do sistema - autoritário ou libertário - para a realização do comunismo. Sobre estes dois pontos, os únicos que realmente interessavam e se refletiam no movimento prático, o dissenso dos anarquistas do marxismo foi radical e fundamental desde os primeiros momentos.

Por outro lado, o próprio Costa, que enquanto seus companheiros votavam a adoção da nova perspectiva ideológica encontrava-se preso em Florença, havia contribuído na propaganda do coletivismo dos produtos do trabalho já a partir de 1873, quando em fevereiro havia participado de uma assembleia de padeiros de Modena defendendo essa ideia<sup>758</sup>. Neste sentido, Cafiero não se enganava ao comentar em 1880 aquela que podia parecer uma simples distinção terminológica:

Uma vez, todos nós anarquistas nos chamávamos de coletivistas, para nos diferenciar especialmente dos comunistas autoritários; mas afinal, ao utilizar o termo de coletivistas, nós éramos nada mais e nada menos do que comunistas antiautoritários, nos professávamos que *tudo* deve ser posto em comum, sem fazer diferença entre os meios de trabalho e os produtos do trabalho. (CAFIERO, 1972, p. 42)

Mas além das questões meramente teóricas, que talvez interessassem relativamente os protagonistas dessa história, aquilo que os unia realmente era a mesma urgência revolucionária que orientou sua atuação na Internacional durante todos os cinco anos

<sup>757</sup> Este artigo de 1926, em que Malatesta declarava-se ainda abertamente “anarquista comunista”, servia também para responder às polêmicas de Nettlau que considerava a adoção da perspectiva comunista como um ato de exclusivismo teórico que ameaçava a coesão ideológica do movimento.

<sup>758</sup> V. p. 91 do presente texto e o artigo de Costa publicado no *Il Martello* (2 de setembro de 1876).

de militância que procurei ilustrar até aqui. Por esta razão, também no Congresso de Florença-Tosi foi votada e aprovada uma resolução que afirmava a necessidade da Revolução que representava “o único meio eficaz, e não corruptor, que os socialistas *anarquistas* possuem para envolver as massas e arrastar as forças vivas da humanidade na luta contra o privilégio”, assim como elogiaram aquelas “generosas filhas do povo” que em Florença, Ímola e Aquila haviam criado núcleos femininos de propaganda socialista “enfrentando o sarcasmo e o insulto descarado do burguês” (*Il Martello* de 19 de novembro)<sup>759</sup>. Por fim, uma minoria de delegados do congresso, que conseguiram regressar à Florença, aprovaram a publicação de um “protesto” escrito, redigido por Cafiero, contra as últimas perseguições anti-internacionalistas do novo governo<sup>760</sup>. Eles declaravam-se felizes, pois sabiam que

as perseguições aprofundam cada vez mais o abismo entre os oprimidos e os opressores, e aproximam cada vez mais o dia da Revolução. [Os abaixo-assinados] Declaram-se solidários com os companheiros presos, e renovam mais uma vez a promessa solene de não abandonar a luta até que no mundo haverá um só oprimido e um só opressor. (*Idem*)

Além disso, conforme o testemunho do jovem internacionalista florentino Scarlatti, foi justamente ao longo das difíceis reuniões congressuais que “surgiu em alguns afiliados à Internacional a ideia de um futuro movimento a base de bandas armadas (que devia ser liderado, assim como foi, por Carlo Cafiero) a ser tentado nas províncias meridionais” (1909, p. 73). Não é um acaso, de fato, que alguns dos delegados do congresso de Florença-Tosi se encontrassem com Cafiero e Malatesta entre os nomes daqueles que em abril de 1877 participaram da insurreição da chamada “Banda del Matese” [Banda do Matese], a qual assumiu o nome da região onde atuou (cf. MASINI, 2009). Por outro lado, o governo italiano, graças às perseguições, não estava tão longe de descobrir os verdadeiros planos que alguns internacionalistas haviam esboçado naquela ocasião, já que indicava como propósito real dos congressistas o de transformar a Internacional na Itália em uma “conspiração política permanente contra o Estado através da criação de diferentes Comitês secretos de propaganda revolucionária socialista”<sup>761</sup>. Como veremos nas próximas páginas foi justamente essa ideia que Cafiero e Malatesta foram defender no iminente congresso internacional de Berna, através

759 V. o *Manifesto a tutte le operaie d'Italia* [Manifesto a todas as operárias da Itália] publicado pela seção feminina de Florença em outubro daquele ano (*apud* MASINI, 1964, p. 271).

760 O comunicado foi assinado por Cafiero, Malatesta, Covelli, Pezzi, Schettino e outros 17 internacionalistas. Para a atribuição v. SCHIRONE (*apud* MASINI, 2013, p. 175).

761 Comunicação do *Ministro dell'Interno* a todos os *Prefetti* do país de 19 de novembro de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235*.

da afirmação da estratégia revolucionária da chamada “propaganda pelo feito”.

De qualquer forma, a enésima prisão de Costa e de outros internacionalistas havia despertado novamente a indignação de todos os socialistas italianos: os florentinos expressavam através do *La Plebe* (5 de novembro de 1876) sua solidariedade com os detidos e formulavam um protesto contra “a polícia monárquico-burguesa para os arbítrios realizados em detrimento de seus companheiros”; enquanto os de Roma denunciavam a atitude “infame” e “covarde” do ministro Nicotera. Por seu lado, o próprio diretor do jornal, Enrico Bignami, que se encontrava ainda em Florença, conseguiu visitar Costa no cárcere da cidade e “conversar longamente” com ele, antes que fosse transferido para a prisão de Bolonha (30 de outubro). Enquanto isso, Cafiero e Malatesta, os dois delegados italianos para o Congresso de Berna, conseguiram fugir das malhas da justiça florentina e, “graças às precauções que eles tomaram” (*Bulletin* de 29 de outubro de 1876), alcançar a Suíça: conforme Guillaume (2004, vol. IV, p. 134), de fato, eles chegaram em território helvético no dia 24 de outubro e no dia seguinte encontravam-se já em Berna. Mas antes de se dedicar à reunião internacionalista eles tiveram o tempo para realizar a última verdadeira polêmica antimazziniana, cinco anos depois de quando havia começado. A ocasião veio de um artigo do jornal alemão *Vorwärts* em que se falava de um congresso operário de caráter socialista realizado em Roma que, no entanto, reuniu apenas representantes ainda fiéis às posições de Mazzini. O “grave erro” - assim eles escreveram na carta de resposta que foi republicada no *Bulletin* (5 de novembro de 1876) - cometido pelo jornal alemão, era representado, aos olhos de Cafiero e Malatesta, pela aproximação dos termos “mazziniano” e “socialista”, que não possuíam nada em comum. Ao contrário,

O socialismo na Itália é representado unicamente pela Internacional, que, apesar das perseguições das quais são alvo seus membros por parte do governo liberal (formado em parte por velhos *mazziniani*), acabou de realizar em Florença, de 21 a 23 de outubro, seu terceiro Congresso. Nós queremos que os operários da Alemanha não sejam enganados sobre a verdadeira situação na Itália e que eles saibam exatamente quem são seus amigos e seus inimigos. Seus inimigos são a seita políticorreligiosa de Mazzini, que trata o socialismo como uma quimera e com impiedade, e que chama os homens da Comuna de Paris de assassinos e de incendiários; seus amigos são esta parte cada vez mais numerosa do proletariado italiano que, rompendo as relações com os doutrinários do republicanismo religioso e burguês, reuniu-se em volta da bandeira da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Esta carta – que foi significativa não tanto pelo conteúdo (talvez anacrônico) mas

sim por ter sido dirigida justamente aos socialistas alemães em um período pré-eleitoral –, permitiu a Malatesta e Cafiero não apenas demonstrar para a principal força socialista da Europa a vitalidade da Internacional antiautoritária na Itália, mas também esclarecer publicamente as posições em vista da assembleia de Berna. As autoridades da cidade suíça, enquanto isso, estavam reforçando a vigilância para o evento internacionalista, dificultando grandemente a organização do mesmo, que afinal foi realizado em um restaurante na beira de um rio entre os dias 26 e 29 de outubro de 1876 (cf. GUILLAUME, 2004, vol. IV, p. 167).

### 8.3 O Congresso de Berna e a “propaganda pelo feito”

A assembleia da Associação Internacional dos Trabalhadores havia sido convocada pela federações do Jura, a italiana, a espanhola, a belga e a holandesa e foi denominada de VIIIº Congresso geral da AIT, mantendo a numeração original iniciada em 1864, embora a Internacional liderada pelo Conselho Geral de Nova York tivesse sido dissolvida oficialmente no verão de 1876<sup>762</sup>. As questões a serem discutidas diziam respeito: 1. à adição de um item nos Estatutos Gerais sobre a taxa anual obrigatória; 2. à “solidariedade na ação revolucionária”; 3. ao pacto de solidariedade entre as diferentes organizações socialistas; 4. ao Congresso socialista universal a ser realizado em 1877; 5. às “relações a serem estabelecidas entre os indivíduos e os grupos na sociedade reorganizada” (*Bulletin* de 22 de outubro de 1876). Os delegados presentes eram 26, representando 6 federações e 19 seções: Malatesta e Cafiero, que representavam obviamente a federação italiana (o último também a seção de Bellinzona do amigo Salvioni), tiveram de protestar logo de forma oficial pela presença de Giovanni Ferrari, que pretendia representar não só as seções sicilianas de Palermo, Trapani e Termini Imerese, mas também a seção do Ceresio que, ao contrário, não pertencia à associação italiana. Eles evitaram procurar um acidente formal mas “negaram em nome da Federação Italiana qualquer solidariedade com esta seção criada por poucos mistificadores com a intenção determinada de combater a organização italiana e fazer uma propaganda adormecedora” (*Il Martello* de 26 de novembro)<sup>763</sup>.

762 Utilizarei as atas oficiais do congresso, que foram publicadas logo depois do encontro (AA.VV., 1876), como guia neste subcapítulo. A este propósito me servirei também dos amplos relatórios redigidos pelo Consul italiano em Genebra (*apud* AA.VV., 1960-2009, vol. VII, p. 630ss), onde se encontram muitos detalhes sobre os debates congressuais que não apareceram nas atas oficiais.

763 De qualquer forma, Ferrari teve a possibilidade de participar das votações como delegado das três seções sicilianas. Cf. GUILLAUME (*idem*, p. 170). Conforme o relatório do cônsul italiano em Genebra, Malatesta

Os delegados resolveram não nomear um presidente fixo e esta tarefa foi levada adiante alternativamente por Cesar De Paepe (Federação Belga), Cafiero e Perron (seção de Vevey), e acrescentaram ao debate uma ordem do dia sobre a “guerra do Leste”. Além disso, o congresso foi organizado de forma que as duas reuniões da manhã e da tarde fossem privadas, enquanto todas as reuniões noturnas fossem abertas ao público. As inscrições para discutir as questões eram voluntárias, e se Malatesta decidiu participar do debate sobre a segunda e a quinta ordem do dia, Cafiero inscreveu-se para falar sobre o congresso de 1877. O congresso foi inaugurado por um relatório do Bureau Federal da associação, gerido nos últimos anos pela Federação do Jura, em que se expressava a satisfação para a retomada das relações com os socialistas alemães em vista do próximo congresso universal, apesar das divergências teóricas. Em seguida foi a vez de Malatesta, que leu um relatório sobre a situação da Internacional na Itália: ele lembrava a dura luta contra *garibaldini* e *mazziniani*, assim como os motins de 1874 e as relativas perseguições governamentais. Conforme as notícias do Cônsul italiano em Genebra, o discurso de Malatesta – que “foi pronunciado em um sentido bastante revolucionário” – destacava a novidade representada pela aceitação do princípio da “comunhão dos produtos do trabalho” assim como a necessidade de alcançar a “libertação do proletariado [...] por meio da rebelião, não apenas como escopo da organização, mas também como meio de propaganda” (AA.VV., 1960-2009, vol. VII, p. 642). Depois do relatório espanhol, foi aberta a reunião pública sobre a situação nos Balcãs, cujos desdobramentos políticos e econômicos foram analisados em detalhe por Joukowsky, que destacava os interesses da Rússia e da Turquia e convidava os companheiros a participar da guerra só quando ela fosse generalizada e para derrubar todos os governos<sup>764</sup>.

Graças ao detalhado relatório do Cônsul italiano em Genebra (e outros documentos da polícia) foi possível descobrir a realização de uma reunião secreta na noite do dia 26, na casa de Paul Brousse, da qual participaram, além do dono de casa, Guillaume, Malatesta, Cafiero e o espanhol Trinidad Soriano para discutir “as condições revolucionárias de seus países”.

Cafiero disse que seu bolso é todo à disposição da causa revolucionária e que

---

atacou diretamente Nabruzzi e Malon, “chamando o primeiro de ladrão e espião, indigno de pertencer à Federação Italiana, e o segundo de vil ambicioso que pretende ensinar a Economia Social, enquanto ele mesmo precisaria ainda frequentar as escolas” (*idem*, p. 631).

764 Em seguida foi aprovado um manifesto de repúdio à guerra redigido por Guillaume, Perron e Joukowsky, que foi publicado integralmente no *Bulletin* (12 de novembro de 1876). Todos os discursos foram pronunciados em francês e traduzidos para o alemão.

se o incansável Costa encontra-se agora na prisão, Malatesta vai substituí-lo. Guillaume e Brousse constataram, de fato, que se na Itália não tivessem tido Cafiero, Costa e Malatesta, a Internacional seria ainda desconhecida. Falando das tentativas de 1874, Cafiero disse que ele quer a todo custo a revanche e que quando todas as federações italianas serão bem organizadas e vinculadas por um pacto recíproco de solidariedade revolucionária, ele e seus amigos darão a ordem e improvisamente o Governo e a burguesia serão derrubados. (AA.VV., 1960-2009, vol. VII, p. 633)<sup>765</sup>

O próprio Guillaume, desmentindo em parte a atitude moderada que manteve durante todo o congresso, “recomendou a Cafiero e a Malatesta que a Internacional na Itália tem de fazer tudo aquilo que é possível para aproveitar de todas as pequenas circunstâncias e provocar no povo demonstrações contra o Governo” (*idem*). Por seu lado, Malatesta, conforme o relato de Fabbri (1939, p. 99), “afirmou a necessidade de realizar tentativas insurrecionais, atacando diretamente os órgãos estatais e autoritários e realizando as expropriações mais amplas possíveis em favor das populações pobres”<sup>766</sup>. Foi justamente em consequência desse debate que os delegados italianos avançaram a proposta de uma nova insurreição a ser realizada perto da Itália: uma escolha que exigia uma reorganização secreta da Internacional no país, enquanto “a parte pública servirá apenas para enganar o Governo e mascarar os movimento secretos” (AA.VV., 1960-2009, vol. VII, p. 633). Tratava-se, em suma, de uma das primeiras discussões acerca da chamada “propaganda pelo feito”, uma estratégia insurrecional que foi defendida justamente por Cafiero e Malatesta em uma carta publicada pelo *Bulletin* do Jura (3 de dezembro de 1876) e que analisarei em seguida.

No dia seguinte (27), Guillaume relatou brevemente a situação da *Fédération Jurassienne*, enquanto De Paepe falou sobre a Internacional belga e holandesa, onde prevalecia uma organização sindical favorável ao sufrágio universal. Por esta razão, o internacionalista suíço enfatizou a distância com a atuação dos *jurassiens* – que não acreditavam na “possibilidade de transformar a sociedade por meio de simples reformas legislativas” –, reivindicando uma clara descendência francesa para os internacionalistas do Jura: “Chez nous, l'impulsion intellectuelle vient de la France; nos ouvriers socialistes ont le regard dirigé vers Paris, non vers Berne ou Zurich. Nous sommes les fils de la révolution française et de la philosophie française du 18<sup>e</sup> siècle” (AA.VV., 1876, p. 42). Por seu lado, o

<sup>765</sup> Conforme o relatório, os jornais *La Plebe* e *Il Martello* recebiam o suporte econômico de Cafiero, o qual disse também que se a liberdade de Costa for limitada ulteriormente ele “procurará fazer com que ele fuja para ridicolizar assim o Governo” (*idem*).

<sup>766</sup> Conforme uma comunicação do *Ministro dell'Interno* de 4 de novembro de 1876 (no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235*), Malatesta teria afirmado também: “Eu sou *ammonito*, eu sou perseguido, tenho muitos ultrajes a vingar mas não terei paz até que a Itália não será em chamas”.

único representante (não oficial) do socialismo alemão destacou como, embora o programa de seus companheiros fosse limitado ao contexto nacional e à luta eleitoral, eles pretendiam contribuir no reforço das relações de solidariedade operária em nível internacional. Finalmente, à noite abriu-se o debate sobre “As relações a serem estabelecidas entre os indivíduos e os grupos na sociedade reorganizada”, que foi inaugurado por Guillaume. Ele tentou desde o início desmentir a falsa opinião segundo a qual “les *anarchistes* ou les *bakounistes* [...] veulent supprimer entre les hommes tout lien social, tout action collective”, inclusive dos “serviços públicos”. O problema estava no lado positivo da questão, pois os alemães previam para a sociedade reorganizada a criação de um “Estado popular” (*Volkstaat*), que para Guillaume e todos os anarquistas significaria antes de tudo a formação de uma nova classe privilegiada de dominadores. Portanto, ele concluía afirmando que “La conception d'avenir que nous autres collectivistes (c'est-à-dire communistes anti-autoritaires), nous opposons à l'idée du *Volkstaat*, est celle de la libre fédération de libres associations industrielles et agricoles, sans frontières artificielles et sans gouvernement” (p. 55). No mesmo sentido de Guillaume falou também Paul Brousse, um dos representantes das seções da França, que afirmou ser o Estado “um instrumento de dominação da burguesia” e destacou a necessidade de deixar os indivíduos livres de escolher a forma ideal de organização social (“Liberté partout e toujours!”), sugerindo, no entanto, a formação de federações de produtores em nível regional.

Conforme De Paepe, ao contrário, havia “serviços públicos” já existentes e atualmente organizados pelo Estado que não deviam ser destruídos ou abolidos, assim como pretendiam os “anarquistas”, mas que deveriam representar algumas das atribuições do Estado na nova sociedade reorganizada. Por esta razão, ele defendia ao mesmo tempo uma concepção restrita de Estado e uma expansão considerável dos serviços públicos sob a responsabilidade estatal: “Loin donc de tendre à l'abolition de l'Etat (nous ajoutons de nouveau: ou de l'administration publique [...]), nous croyons que les attributions de l'Etat seront considérablement plus nombreuses dans l'avenir” (p. 69). Além disso, De Paepe, que considerava ainda distante a época em que a sociedade seria reorganizada sobre novas bases, reclamava a necessidade do Estado intervir imediatamente no âmbito legislativo para evitar a hegemonia do *laissez-faire* dos economistas burgueses. Segundo o socialista belga, na medida em que a sociedade se desenvolve “le rôle de l'Etat [...] doit tendre à s'accroître” (p. 70) e, portanto, na nova sociedade, que poderia ser alcançada tanto pelo caminho revolucionário

quanto pelo caminho pacífico, “les formes, les procédés, les moyens, les attributions de l'Etat se seraient modifiés, mais l'Etat serait toujours, comme avant, l'institution sociale qui gère les intérêts de la société” (p. 73). Em suma, tratava-se de uma perspectiva realista, estadista, mas não imune de contradições, que privilegiava a defesa dos interesses dos grupos de produtores em nome de um suposto *Volkstaat* federalista.

A reunião do dia seguinte (28) foi inaugurada pela aprovação por unanimidade da resolução sobre a “solidariedade na ação revolucionária”, que havia sido redigida pelos delegados espanhóis, além de Brousse, Cafiero, Malatesta e Joukowsky, e que assinalava a abertura em relação às posições mais moderadas dentro do movimento. De fato, ao reconhecer a necessidade de respeitar reciprocamente as diferentes tendências, a resolução declarou que “os operários de cada país são os melhores juízes dos meios mais adequados a serem adotados para fazer propaganda socialista”. O primeiro debate sobre o congresso a ser realizado em 1877 foi breve e não muito profícuo, pois havia quem o considerava inútil (o delegado espanhol Soriano), quem achava que o encontro teria podido apenas restabelecer as relações de amizade e de correspondência entre as diferentes frações da Internacional (Guillaume), e quem o considerava necessário e propedêutico para a criação de uma nova Internacional mais abrangente (De Paepe). Por fim, na noite do dia 28 foram discutidas publicamente “as relações a serem estabelecidas entre os indivíduos e os grupos na sociedade reorganizada”: o primeiro a falar foi Reissdorf (da seção de Berna) que se declarou favorável à ideia da livre formação de grupos de produtores, contra a proposta acentradora do *Volkstaat*. A este propósito, o discurso pronunciado por Malatesta, o primeiro em que ilustrou pública e organicamente seu pensamento, revela-se muito interessante e merece ser analisado detalhadamente<sup>767</sup>.

O pressuposto básico da fala do internacionalista napolitano se encontrava na contraposição entre Estado e Anarquia, isto é, entre a “autoridade” e a “ordem natural”; neste sentido, o restabelecimento de boas relações “entre as duas grandes facções do partido socialista” era sim considerado como uma notícia positiva mas não por isso comportava uma mudança na perspectiva dos militantes italianos, pois

Consideramos que mascarar, para um propósito de conciliação mal entendida, as próprias ideias sob uma forma conciliadora, que cubri-las de manteiga e de mel para torná-las mais aconchegantes, poderá apenas nos

<sup>767</sup> O discurso foi traduzido e publicado integralmente na edição de 26 de novembro de 1876 do *Il Martello*. Para uma análise do discurso de Malatesta v. ZANGHERI (1993, vol. I, p. 471) e BERTI (2003, p. 58).



levar a novos equívocos e a procurar acordos fictícios que se rompem no primeiro contraste. (*Idem*, p. 92)

Por outro lado, ele recusou o a denominação de “bakuninistas” utilizada em sentido polêmico pelos fautores do “Estado popular” porque, embora Bakunin tenha sido uma referência imprescindível para todos os socialistas italianos, eles não compartilhavam todas suas ideias teóricas e práticas<sup>768</sup>, mas sobretudo porque “nós seguimos as ideias e não as pessoas e nos rebelamos contra este hábito de encarnar um princípio em uma pessoa”: apesar disso, mesmo não sendo “bakuninistas”, “o Estado permanece sempre nossa *bête noire*”.

Para nós o Estado é a organização da autoridade, é um poder que, apesar de sua origem, encontra-se fora do povo, é qualquer organização que não surja espontânea, natural e progressiva do próprio seio da sociedade, mas que é imposta de cima para baixo. Para nós o Estado depende [...] de sua essência; acreditamos que possa haver Estado também em uma comuna ou em uma associação.

Nos queremos destruir o Estado. (*Idem*, p. 94)

E justamente em virtude dessa posição ideológica, “a anarquia, a luta contra qualquer autoridade, contra qualquer poder constituído ou a ser constituído, permanece sempre a bandeira ao redor da qual se junta toda a Itália revolucionária”. A ideia de sociedade de Malatesta considerava os indivíduos como “as células que contribuem solidariamente à vida e ao desenvolvimento” do “corpo orgânico vivo”, o qual estaria regulado por “leis imanentes, necessárias e imutáveis”: neste sentido, “não existe um *pacto* social, mas sim uma *lei* social”. Portanto, se o Estado “representa na mecânica social a resistência e a violência externa, as formas na quais se organiza a sociedade representam o atrito e o ambiente, talvez necessários, que retardam os movimentos do mecanismo” (p. 96). Mas o mecanicismo que afeta o homem e a sociedade, e que faz com que as formas existentes tendam a perpetuar-se por inércia, deixando a sociedade em uma espécie de imobilismo, deve ser forçadamente interrompido por um elemento externo, por uma vontade externa, isto é, a vontade do revolucionário. E seu dever “é fazer de tudo para que estas formas se transformem continuamente e sejam sempre adequadas aos progressos morais e intelectuais da Humanidade”. Isto significava simplesmente uma guerra, uma “*revolução permanente*” contra

768 O próprio Malatesta em um artigo posterior (1/7/1926) se de um lado destacava a contradição, própria da filosofia bakuniniana, entre a concepção mecânica e a fé na eficácia da vontade sobre o destino da humanidade, do outro afirmava que Bakunin “permanece sempre nosso grande mestre e nosso forte inspirador”. Neste sentido, as mesmas críticas poderiam ser feitas ao pensamento de Malatesta e dos outros internacionalistas italianos. Cf. BERTI (2003, p. 57).

todas as instituições existentes, “a destruição de todas as instituições burguesas e autoritárias de hoje, e a tomada de posse por parte de todo mundo de tudo aquilo que existe” - processo que precisava necessariamente do uso da força. No entanto, para os socialistas italianos, que consideravam “sagrada a vida do homem”, a luta violenta era justificada apenas pela atuais condições de dominação (o Estado) e exploração (o Capital) das sociedades contemporâneas: “até que haverá Estado e propriedade individual, será também verdadeira e inevitável a lei histórica segundo a qual a humanidade progride através de córregos de sangue” (p. 97). Tratava-se, em suma, de uma perspectiva em que coexistiam as influências inextricáveis do organicismo positivista, do materialismo histórico e naturalista, e do anarquismo espontaneísta de Bakunin, todas amalgamadas por uma atitude revolucionária e uma forte aspiração humanitária e igualitária, como Malatesta confirmava também na conclusão de seu discurso:

Então nós devemos sobretudo destruir; destruir todos os obstáculos que hoje dificultam o livre desenvolvimento das leis sociais, e impedir que, sob qualquer forma, estes obstáculos consigam se reconstituir ou que outros sejam criados. Deixemos que o livre e fecundo funcionamento das leis naturais da sociedade realize os destinos da humanidade. (*Idem*, p. 99).

No que dizia respeito à sociedade pós-revolucionária, Malatesta mostrou-se ciente dos limites dessas reflexões abstratas (“o esforço de descobrir o porvir pelo estudo do passado e do presente”), que não passavam de simples hipóteses pouco confiáveis, que possuíam uma importância relativa e que tampouco podiam ser consideradas como prescrições a serem seguidas por todos os revolucionários. Mas embora não seja possível prever a quantidade e a qualidade das necessidades, das faculdades, das paixões presentes na sociedade futura, é de qualquer forma necessário dedicar-se ao estudo dos fenômenos sociais, através do qual desenvolver a consciência individual e coletiva (“um dos mais poderosos fatores da vida humana e social”), e realizar assim “as inelutáveis leis da sociedade” (p. 98). Por esta razão, respondendo polemicamente aos detratores da posição anarquista considerada como sinônimo de desordem e barbaridade, ele resumia suas ideias afirmando que:

Nós também queremos certamente o funcionamento dos chamados serviços públicos: aliás nós acreditamos que com o desenvolvimento do princípio de solidariedade e a universalização do trabalho coletivo, a produção e a troca se tornarão completamente serviços públicos. Mas estes serviços não terão de ser organizados pelo alto, pelo Estado: eles são a consequência espontânea natural necessária da vida social, do progresso da ciência, do

desenvolvimento das necessidades; eles, assim como a circulação ou a respiração na vida animal, encontram sua razão e seu meio de ser no próprio corpo da sociedade. (*Idem*, p. 95)

A longa discussão realizada na noite do 28 de outubro foi concluída com as palavras de Joukovsky que, na esteira de Malatesta, afirmou a possibilidade de manter os serviços de utilidade pública sem a presença do Estado e de deixar que os grupos de produtores se organizem “da forma mais imediata e direta” através das livres federações. Neste sentido, “*on ne gouverne pas les intérêts, on les administre*” (p. 102). No domingo, último dia do congresso, os delegados discutiram novamente a proposta de um congresso universal socialista a ser realizado em 1877: no entanto, as tentativas para encontrar um acordo deixaram ainda mais clara a distância que separava as diferentes correntes que existiam na associação. De fato, se De Paepe queixava-se do fato de que alguns companheiros considerassem a adesão à AIT como a aceitação de uma “determinada doutrina social”, Franz (de Zurique), afirmava que “a Internacional tem que permanecer uma espécie de vanguarda das massas trabalhadoras, o grupo dos socialistas conscientes, dos propagandistas” (p. 105). Por seu lado, Malatesta, enfatizava o caráter interclassista e revolucionário da Internacional e de seus objetivos, pois ela não deveria se limitar a defender os interesses do trabalhadores, mas sim procurar a libertação da sociedade como um todo, sem distinções de classe. Por esta razão,

Do nosso ponto de vista, de nós italianos, a Internacional não deve ser uma associação exclusivamente operária; o escopo da revolução social, de fato, não é apenas a emancipação da classe operária, mas sim a emancipação da humanidade toda; e a Internacional, que é a armada da revolução, deve reunir abaixo de sua bandeira todos os revolucionários, sem distinção de classe. (*Idem*, p. 106)

Neste sentido, a ideia da Internacional como “armada da revolução” junto à interpretação malatestiana do papel do revolucionário, confirmavam a perspectiva problemática de alguns dos principais internacionalistas italianos no que dizia respeito à existência, inicialmente teorizada por Bakunin, de uma espécie de “minoridade-guia” dentro da associação. Esta, de fato, era a tarefa que coube aos membros da Fraternidade internacional bakuninista, que havia conduzido à formação do CIRS, à realização dos motins de 1874 e que culminou em 1877 em uma nova tentativa insurrecional no sul da Itália. Um papel de “vanguarda revolucionária”, organizada de forma rigidamente hierárquica e disciplinada, que

devia procurar, por meio de uma intensa atividade de propaganda durante a militância internacionalista, a adesão das massas aos princípios socialistas revolucionários com o objetivo de sublevá-las e com elas realizar “a destruição radical de todas as instituições burgueses e autoritárias de hoje”. No entanto, fica evidente que uma posição desse tipo comportava a aceitação implícita de um princípio de autoridade dentro dos núcleos da Fraternidade, assim como nas seções da Internacional, pois neles havia alguém que procurava, com base em um programa pré-estabelecido (embora semelhante ao da AIT), orientar a atuação de seus militantes. Uma contradição insolúvel, presente também no pensamento e na atuação de Bakunin, que pode ser justificada apenas em parte pelos reais propósitos emancipatórios dos “irmãos” da Fraternidade e pela dura repressão governamental por eles sofrida ao longo de sua militância<sup>769</sup>. Inclusive Berti, ao analisar o programa da Fraternidade redigido em 1865, destacou esta aporia do pensamento bakuniniano:

Há, portanto, esta radical antinomia. Por um lado ele propunha uma organização revolucionária “que exclui qualquer ideia de ditadura e de poder dirigente tutelar”, pelo outro ele afirma, ao mesmo tempo, que para o triunfo da revolução contra a reação “é necessário que no meio da anarquia popular haja a unidade do pensamento e da ação revolucionária da associação secreta e universal dos irmãos internacionais”, capazes, justamente, de exercer uma “ditadura 'coletiva' e 'invisível’”. (BERTI, 1998, vol. II, p. 22)<sup>770</sup>

O próprio Malatesta, ao refletir criticamente sobre este período de sua vida, ressaltou como a divisão da Internacional em duas facções a partir de 1871 tenha contribuído fortemente para a criação de “minorias guias” em ambas as partes:

Há alguém que diga que também na facção anarquista permanecia o germe autoritário e que também nela poucos indivíduos faziam e desfaziam em nome da massa que os seguia passivamente: e é verdade. Porém, é preciso notar que neste caso o autoritarismo não era intencional e não estava nas formas da organização e nos princípios nos quais ela se inspirava: mas era a consequência natural e necessária do fato que [...] um aspecto comum caracterizava os inspiradores das duas facções, pois eles emprestavam à massa dos afiliados suas próprias ideias, pensando tê-la convertida quando, ao contrário, eles haviam conseguido apenas uma adesão mais ou menos inconsciente. (MALATESTA, 1902)

<sup>769</sup> Cf. DELLA PERUTA (1965), CERRITO (1982) e BERTI (2003).

<sup>770</sup> A criação de sociedade secretas com uma organização de tipo vertical, uma das razões principais do rompimento de relações entre Bakunin e o Conselho Geral da Internacional, representa, de qualquer forma, um ponto obscuro do percurso político do russo. Cf. CARR (1932, p. 359ss), PYZIUR (1955, p. 87-88), LEHNING (1974), PERNICONE (1993, p. 19ss) e CUTLER (2014).

Por outro lado, também a posição de Cafiero – que conforme as atas oficiais do Congresso de Berna havia ficado quase sempre em silêncio –, não era muito diferente daquela do amigo napolitano, senão por uma concepção da atuação do revolucionário ainda mais messiânica e martirizadora. A este propósito, revela-se mais uma vez esclarecedor o texto por ele redigido em 1880, onde afirmou que “*sem perda de sangue não há redenção*” (CAFIERO, 1972, p. 34) e que

Não apenas o ideal, mas também nossa prática e nossa moral revolucionária são contidas na anarquia; a qual forma assim nosso conjunto revolucionário. E é por isso que nós a invocamos como a realização completa e definitiva da revolução: a revolução para a revolução.

Para nós é confiada apenas a missão destruidora da anarquia. Nós talvez faleceremos em um confronto armado ou nos primeiros momentos da grande jornada; talvez alguém conseguirá até observar o amanhecer da realização humana. De qualquer forma, nós cairemos satisfeitos. (*Idem*, p. 36)

Mas o radicalismo dos internacionalistas italianos<sup>771</sup> era ainda mais evidente no discurso de Malatesta em Berna sobre as Trade-Unions, julgadas como uma “instituição reacionária” que “nunca poderá obter nenhum verdadeiro resultado” e que as condições econômico-sociais da Itália rejeitavam a priori: era um claro ataque à concepção defendida por De Paepe, que o próprio Guillaume procurou em parte mitigar. O internacionalista do Jura, de fato, destacou a necessidade para todos os militantes internacionalistas de procurar a adesão à AIT de todas as associações operárias existentes, inclusive das Trade-Unions que, embora fossem “um fato econômico natural e necessário”, eram formadas em boa parte por operários caracterizados por um “espírito reacionário” (AA.VV., 1876, p. 107). Foi justamente depois da fala de Guillaume, que moderando o debate conseguiu amenizar as polêmicas, que os delegados italianos resolveram mudar de ideia, já que inicialmente haviam se absterido na votação sobre o congresso de 1877. Mas isso desde que fosse inserida nas atas oficiais da assembleia de Berna uma declaração com a qual afirmavam que a Internacional devia “ser representada no Congresso socialista, não para fundir-se em uma nova organização, mas apenas para defender seus princípios e seus meios de ação, e para procurar a adesão das organizações operárias que ainda não entraram nas suas fileiras” (p. 110). Foi portanto com este debate que se concluiu-se o VIIIº Congresso geral da Associação Internacional dos

<sup>771</sup> Conforme o relatório do Cônsul italiano em Genebra, Malatesta, ao falar da situação da Internacional na Itália, teria insultado em particular o “*Ministro dell'Interno*”, Garibaldi (chamado de traidor do povo) e, obviamente, o Rei”, afirmando esperar “que a Revolução abula a pena de morte só depois de ter feito justiça de todos os espíões, os provocadores, os ministros, os republicanos etc.” (*idem*, p. 632)

Trabalhadores, o qual nomeou novamente a *Fédération Jurassienne* como responsável do *Bureau Federal* para o ano de 1877<sup>772</sup>.

Depois da assembleia internacionalista, Cafiero e Malatesta permaneceram ainda por algumas semanas na Suíça, tanto para orientar em sentido anarquista os emigrados italianos presentes no território helvético, quanto para esperar o resultado das eleições políticas italianas, francesas e espanholas<sup>773</sup>. Remontam justamente a este período um breve comunicado publicado no *Il Risveglio* (19 de novembro) sobre o êxito do congresso e uma carta conjunta que os dois enviaram ao jovem internacionalista de Bellinzona Carlo Salvioni (15 de novembro). Nesta, Cafiero lhe apresentava e recomendava o amigo napolitano (“Caro Carlo, o amigo aqui abaixo é Errico Malatesta. Não é preciso dizer mais”), o qual, por sua vez, aproveitava da correspondência para fazer propaganda contra as tendências moderadas do movimento. Malatesta pedia informações sobre “o trabalho italiano na Suíça”, recomendando a Salvioni o apoio do *Il Martello*, “o único órgão real e honestamente socialista revolucionário da Itália”, cuja “publicação regular é de interesse vital para o nosso trabalho”, já que tem de enfrentar jornais como *La Plebe* e *Il Povero* (*apud* BROGGINI, 1971, p. 53). Enquanto isso, ambos resolveram procurar um emprego provisório na cidade de Berna: e se Cafiero começou a trabalhar como empregado em uma fazenda, Malatesta fazia o ajudante em uma cervejaria<sup>774</sup>.

Costa, por seu lado, depois de mais de vinte dias de detenção foi finalmente julgado pelo Tribunal de Ímola, que o condenou (10 de novembro) a um mês de prisão e a seis meses de vigilância: durante o processo a sala do tribunal estava lotada de pessoas e muitas outras esperavam o companheiro fora do palácio para cumprimentá-lo<sup>775</sup>. Ele, no entanto, não apenas fez apelação para a revisão da sentença, mas conseguiu também intervir no debate em curso contra a corrente moderada da Internacional italiana publicando um artigo polêmico no *Il Martello* (19 de novembro), intitulado “*Poco a poco*” [Aos poucos]. O texto atacava

772 Todas as resoluções aprovadas no Congresso foram publicadas no *Bulletin* (12 de novembro de 1876) e traduzidas para o italiano no *La Plebe* (4 de dezembro).

773 Malatesta comunicou estas informações a um companheiro de Florença em uma carta enviada de Berna, que foi interceptada pelas autoridades italianas: ver a comunicação do *Ministro dell'Interno* ao *Prefetto* de Nápoles (6 de novembro de 1876), no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 235. Cf. também GUILLAUME (2004, vol. IV, p. 191). As eleições na Itália, realizadas entre os dias 5 e 12 de novembro, confirmaram o sucesso do governo da Esquerda e a total derrota do partido conservador, graças sobretudo aos votos provenientes do *Mezzogiorno*: cf. QUAZZA (1925) e FERRARI (1926).

774 Para Cafiero, a informação encontra-se na carta a Salvioni, enquanto para Malatesta encontra-se em uma comunicação da polícia de Nápoles de 18 de novembro de 1876 (no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta* 235).

775 V. *Il Martello* e *Il Risveglio* (19 de novembro de 1876) e uma comunicação do Ministro da Justiça de 14 de novembro (no ASBO, *Procura Generale presso la Corte di Appello di Bologna, serie I, busta* VII).

diretamente aquelas pessoas que predicavam o gradualismo, entre as quais havia inclusive alguns que se chamavam-se de socialistas, “mas apenas para impor ao socialismo o contrapeso da economia política, ou para obrigá-lo a caminhar aos poucos”. Esta era a responsabilidade principal destes “novos apóstolos da moderação, da conciliação e do equívoco”, contra os quais Costa reafirmava sua linha intransigente:

Os sábios continuam nos repetindo: aos poucos. É preciso criar as organizações de ofícios, formar as caixas de resistência, para lutar em favor do aumento salarial e da diminuição da jornada de trabalho. E é inútil demonstrar para eles que este aumento, caso seja conseguido, não serviria para nada, já que terá como resultado um consequente aumento do custo do bens necessários à vida. Para nada serve apresentar para eles o exemplo da Inglaterra, o país das Trade Unions, onde a luta para a jornada de trabalho e para os salários conseguiu manter o movimento operário, mas o tornou ao mesmo tempo estacionário e inócuo como um jogo de crianças.

E se de um lado o governo, com suas perseguições, obrigava a Internacional italiana a continuar no caminho revolucionário, estes falsos socialistas “procuram nos adormecer na miséria e na degradação”: eles, portanto, “são nossos inimigos mais perigosos”, “mais perigosos dos inimigos declarados da causa popular”<sup>776</sup>. Poucos dias depois (22 de novembro) o Tribunal de Bolonha anulou a sentença anterior e absolveu Costa das acusações de “ociosidade e vagabundagem”<sup>777</sup>: já no dia 26 Andrea encontrava-se em Florença, onde participou do Primeiro Congresso Operário Toscano, representando o Círculo Socialista de Livorno. A assembleia reuniu diferentes associações operárias, não todas pertencentes à Internacional, mas foi substancialmente dirigida pelos principais representantes nacionais da associação, isto é, Costa, Natta, Grassi e Francesco Pezzi. De fato, a presença de alguns delegados das associações de ajuda mútua e de “assistência ao trabalho” obrigou Costa a esclarecer novamente os princípios básicos do internacionalismo, como a autoemancipação dos trabalhadores, a “abolição dos patrões” e a posse das matérias-primas e dos meios de trabalho por parte dos operários. O congresso, portanto, reconheceu a necessidade de “expulsar do seio das sociedades operárias todos os patrões e aqueles burgueses benfeitores presentes como Presidentes e Sócios honorários”, assim como de procurar criar uma sociedade “baseada na igualdade dos direitos e dos deveres, de forma que cada um possa gozar integralmente do produto de seu próprio trabalho” (*apud* AA.VV., 1977, p. 204-205).

<sup>776</sup> Para a atribuição do artigo ver GUILLAUME (2004, vol. IV, p. 203), o qual traduziu e publicou o texto no *Bulletin* (10 de dezembro de 1876).

<sup>777</sup> V. *Il Martello* e *Il Risveglio* (26 de novembro) e o *Bulletin* suíço (3 de dezembro).

Neste sentido, não se falou explicitamente do coletivismo dos produtos do trabalho, nem tampouco de anarquia ou de comunismo, mas, por um lado, as Sociedades de Ajuda Mútuas foram julgadas como “organizações reacionárias que pretendem manter o *status quo*”, e pelo outro, foi condenada a própria ideia cooperativista, pois

as sociedades cooperativas criam uma nova classe de patrões que – menos rica do que a outra já existente, com a qual procura concorrer – é geralmente mais ávida, mais exploradora e interessada na manutenção do estado atual das coisas, sem o qual ela não poderia existir e nem sequer progredir. (*Idem*, p. 206)

Apesar da intransigência e do sectarismo ideológico das palavras de Costa, ele mostrou-se mais uma vez favorável a uma perspectiva interclassista, que não excluía do movimento aqueles “indivíduos, burgueses de condição, que aceitam francamente o programa operário” (*idem*, p. 212). De fato, ele concluiu, “a luta para a emancipação dos trabalhadores não é uma luta para os privilégios e os monopólios de classe, mas sim para a igualdade dos direitos e dos deveres e para a abolição de qualquer regime e distinção de classe”. Depois do convincente discurso costiano, o congresso aprovou unanimemente o programa da AIT, – embora alguns delegados tivessem preferido não adotar oficialmente o nome de “Internacional”, pois “assustava” – e reafirmou o princípio da solidariedade operária internacional. Foi justamente em consequência dos contatos estabelecidos com os companheiros da Toscana que Costa conseguiu novamente influir sobre a atividade do jornal *Il Risveglio*, que havia acabado de reaparecer na cidade de Siena depois de uma longa pausa editorial: neste sentido, não foi por acaso que nas edições de 3, 10, 17 e 24 de dezembro o periódico publicou o escrito de Bakunin “A organização da Internacional”, um texto propedêutico e útil para esclarecer novamente as posições.

Enquanto Costa retomava suas atividades na Itália – conseguindo reconstituir a Federação Bolonhesa (10 de dezembro)<sup>778</sup> –, Cafiero e Malatesta continuavam trabalhando na Suíça na tentativa de coletar o máximo de dinheiro possível para a realização de um novo motim no *Mezzogiorno*. Foi justamente no começo de dezembro de 1876 que chegou pela primeira vez no território helvético o príncipe anarquista Piotr Kropotkin, que havia fugido da prisão em São Petersburgo e havia encontrado inicialmente abrigo em Londres: foi assim que graças à intermediação de Guillaume, que estava já em contato com Kropotkin, o russo teve a possibilidade de conhecer os dois anarquistas italianos em Neuchâtel (cf. GUILLAUME, 778 V. *Il Risveglio* de 19 de dezembro de 1876.



2004, vol. IV, p. 250). Conforme alguns biógrafos de Malatesta, o encontro não foi casual, pois Cafiero – que era mais determinado do que o amigo napolitano a realizar a tentativa insurrecional – estava em contato com uma rica socialista russa, a qual estava disposta a financiar largamente o motim italiano desde que ela conseguisse se casar com um nobre russo e obter assim a completa disponibilidade dos recursos econômicos da família. A escolha caiu justamente sobre Kropotkin, o qual, no entanto, sob sugestão de Guillaume, recusou-se e obrigou os italianos a procurar de outra forma o dinheiro necessário<sup>779</sup>. Graças a um inesperado golpe de sorte Cafiero conseguiu justamente naqueles dias vender uns terrenos na Suíça por um valor total de quase 6.000 francos: esta soma, de fato, constituiu “o fundo de guerra para o movimento revolucionário que eles estavam preparando” (FABBRI, 1939, p. 100).

Mas o batalha ideológica de Cafiero e Malatesta contra a tendência moderada dentro do movimento internacionalista italiano não havia ainda terminado, pois o grupo de Zanardelli, Nabruzzi, Ingegneros-Napolitano, Gnocchi-Viani e Malon, havia conseguido entrar em contato com o jornal internacionalista suíço *Mirabeau*, queixando-se publicamente da atitude intransigente dos delegados italianos no Congresso de Berna. Em consequência disso, os dois publicaram uma carta conjunta (*Bulletin* de 3 de dezembro de 1876) que contribuiu significativamente na posterior definição teórica e organizacional do internacionalismo anarquista italiano. Eles desmentiam que a Internacional italiana estivesse dividida em duas correntes, já que “toute la grande majorité des socialistes italiens est groupée autour du programme anarchique, collectiviste e révolutionnaire de la Fédération italienne”. Portanto, seria inútil falar de “un petit groupe qui, s'inspirant de vues personnelles et de buts réactionnaires, cherche à faire un propagande qu'il appelle 'graduelle et pacifique': ceux-là sont déjà jugés dans l'opinion des socialistes italiens, et ne représentent rien qu'eux-même”<sup>780</sup>. Mas era sobretudo a segunda parte da carta a mostrar o ulterior avanço ideológico e prático realizado pelos anarquistas italianos: ali, além de confirmar “a propriedade coletiva dos produtos do trabalho” como “o complemento necessário do programa coletivista”, eles afirmaram pela primeira vez a validade do princípio estratégico-insurrecional da “propaganda pelo feito”.

779 V. NETTLAU (1923, p. 102) e FABBRI (1939, p. 100).

780 Neste sentido, até o próprio *Ministro dell'Interno*, sempre bem informado, havia entendido que “esta carta teria sido redigida por Cafiero e Malatesta para fazer a guerra contra as teorias de Malon”. Comunicação ao *Prefetto* de Nápoles de 13 de dezembro de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto, busta 235*.

La Fédération italienne croit que le *fait insurrectionnel*, destiné à affirmer par des actes les principes socialistes, est le moyen de propagande le plus efficace et le seul qui, sans tromper et corrompre les masses, puisse pénétrer jusque dans les couches sociales les plus profondes et attirer les forces vives de l'humanité dans la lutte que soutient l'Internationale.

Tratava-se não apenas de uma declaração que anunciava indiretamente os propósitos futuros dos internacionalistas italianos, mas de uma verdadeira contribuição teórica original que marcou por meio de desdobramentos práticos mais ou menos coerentes a história do movimento anarquista até o final do século XIX. A ideia de fundo era substancialmente sempre a mesma: em uma situação em que o movimento internacionalista italiano estava impossibilitado de atuar de forma pública e legal, através da propaganda escrita e oral, e em que as massas operárias continuavam desconfiando de uma associação que prometia o bem estar dos trabalhadores mas que acabava provocando apenas perseguições e prisões, tornava-se necessária a adoção de uma estratégia revolucionária com a qual “ensinar o socialismo pelos fatos, através da lição das coisas” e da criação de bandas armadas no campo (GUILLAUME, 2004, vol. IV, p. 196). Isto é exatamente aquilo que aconteceu em abril de 1877 durante a falimentar tentativa insurrecional nas montanhas do Matese, uma derrota que demonstrou o quanto eram arriscados e otimistas os planos dos insurgentes e o quanto ainda era grande a distância que separava suas formulações teóricas – formalmente coerentes e perfeitas – da mentalidade e das exigências do proletariado italiano da época. O próprio Cafiero dedicou à chamada “propaganda pelo feito” não apenas um inteiro capítulo do manuscrito redigido em 1880, mas também um artigo anônimo publicado no jornal de Kropotkin e Dumartheray *Le Révolté* (Genebra, 25 de dezembro de 1880)<sup>781</sup>, em que definiu a nova estratégia revolucionária desta forma:

Sim, foi o sangue derramado pelo povo que acabou colocando as ideias nas suas cabeças [dos sábios]. *As ideias brotam dos fatos, e não viceversa*, dizia Carlo Pisacane em seu testamento político, e é verdade. É o povo que faz o progresso, assim como faz a revolução: a parte reconstrutiva e a parte destruidora. É ele que é sacrificado cada dia para manter a produção universal, e é sempre ele que alimenta com seu sangue a tocha iluminante dos destinos humanos [...].

Precisamos, portanto, da ação, da ação e sempre da ação. Com a ação,

<sup>781</sup> A atribuição do artigo foi feita por NETTLAU (1922, p. 175), conforme o qual o violentíssimo artigo de Cafiero havia sido enviado de forma provocatória para Kropotkin, criticando a postura moderada de seu jornal. De fato, a publicação do artigo de Cafiero no *Le Révolté* foi uma das razões que levaram à futura expulsão de Kropotkin da Suíça. PRÉPOSIET (2006, p. 99), entre outros, atribuiu erroneamente o artigo a Kropotkin.

trabalha-se ao mesmo tempo para a teoria e para a prática, porque é a ação que gera as ideias, e é sempre a ação que se responsabiliza para difundi-las no mundo. (CAFIERO, 1968, p. 67)

Cafiero preconizava uma atitude revolucionária e rebelde de tipo permanente, apenas porque justa em si, afirmando com um certa dose de niilismo anarquista “that the revolutionary end justifies any means” (MARSHALL, 1992, p. 632)<sup>782</sup>:

Nossa ação deve ser a revolta permanente, através da palavra, através dos escritos, com o punhal, com o fuzil, com a dinamite, e até, as vezes, com o boletim de voto [...]. Nós somos consequentes, e nos servimos de qualquer arma, quando se trata de golpear como rebeldes. Para nós, tudo aquilo que não faz parte da legalidade é bom. (*Idem*, p. 68)

Neste sentido, o pensamento de Cafiero (e portanto também de Malatesta e Costa até 1877), embora superasse em parte a ideologia anarquista de cunho bakuniniano que contribuiu grandemente na sua formação política, não se afastava muito de seu modelo teórico de referência, conforme ele mesmo apontou, isto é, Carlo Pisacane. De fato, o patriota do *Risorgimento* em seu ensaio *La Rivoluzione* [A Revolução], publicado póstumo pela primeira vez em 1860, escreveu:

Qual é nesta fase dos acontecimentos humanos o trabalho e o dever do revolucionário? Com a caneta abordar todas as questões que conduzem ao fim desejado; com a conjura fazer com que a ação conspire para o mesmo fim, e procurar amarrar estreitamente o pensamento e a ação. Dizer *fuzis* e *não livros* é um erro, assim como dizer *livros* e *não fuzis*. (PISACANE, 1894, p. 188)

De qualquer forma, a atuação de Cafiero, Malatesta e Costa prosseguia segundo um plano estabelecido, que foi confirmado e aperfeiçoado durante uma reunião clandestina entre os três realizada em Lugano nos primeiros dias de dezembro de 1876. Ali eles foram hospedados por Filippo Boschiero e sua esposa Marietta Mazzotti, e se encontraram com os principais internacionalistas presentes no cantão italiano: a breve estadia na cidade suíça lhes permitiu tanto definir nos detalhes os próximos passos a ser realizados para organizar a nova insurreição, quanto verificar e contrastar a atuação dos dissidentes da seção do Ceresio e do

---

<sup>782</sup> Cafiero no manuscrito de 1880 (1972, p. 50) fazia explícita referência ao “terror” dos niilistas russos e, parafraseando novamente Pisacane, acrescentava: “Moderação é limitação, redução, diminuição, transação” (p. 56).

grupo do *La Plebe*<sup>783</sup>. De fato, já na edição de 4 de dezembro, o jornal de Milão, ao apresentar as resoluções aprovadas no Congresso de Berna, queixava-se do fato de que os resultados da reunião “não corresponderam a tudo aquilo que o Socialismo reclama”, anunciando ao mesmo tempo o início de um trabalho estatístico entre os trabalhadores do campo e da cidade por parte da *Federazione dell'Alta Italia* em vista de um futuro congresso a ser realizado até o final do ano<sup>784</sup>. Uma semana depois (10 de dezembro) *La Plebe* resolveu republicar um trecho de um artigo que havia sido publicado no *Il Povero* de Palermo, em que se criticava abertamente os principais expoentes da Internacional italiana, chamados de “missionários vagabundos” e “revolucionários a todo custo”. “O proletariado”, escrevia o redator, “não tem chefes, não tem líderes, não tem emissários, não tem profetas, não tem mártires, não tem altares”, e “as atitudes erradas” dos anarquistas “não fazem que retardar o trabalho muito mais útil e seguro da propaganda pacífica”. Foi assim que Malatesta, o qual permaneceu em Lugano ainda por algumas semanas, resolveu publicar (*Bulletin* de 17 de dezembro) uma carta de protesto contra a seção do Ceresio, denunciando a atuação mistificadora de seus membros:

Se a seção chamada do Ceresio existe, é necessário que ela seja clandestina. Ninguém fala dela ou quer falar dela. Esta seção conseguiu desacreditar o trabalho socialista nesta cidade [...]; agora, confundindo a Ceresio com a Internacional e o socialismo, eles acham que todos os socialistas sejam mentirosos e que a Associação Internacional seja uma máquina feita para roubar dinheiro.

Esta foi só uma das inúmeras polêmicas públicas do grupo Cafiero-Costa-Malatesta contra a corrente moderada da Internacional<sup>785</sup> – foram mais intensas ainda depois da tentativa insurrecional nas montanhas do Matese –, que de qualquer forma conseguiu realizar seu congresso em fevereiro de 1877 e que, sob a influência indireta de Engels, contribuiu até o fim da década no processo de difusão do pensamento marxista (cf. GIANNI,

783 Extraí todas estas informações do volume de BINAGHI (2002, p. 297-298), que menciona vários documentos dos Consulados italianos na Suíça, onde se diz também que Malatesta escondia-se sob o falso nome de Ugo Bottoni. Sempre Binaghi hipotiza que Costa, recém-saído da prisão, tivesse sido exonerado da nova revolta “para manter em liberdade, em caso de derrota, uma guia do movimento anarquista”, enquanto Cafiero, Malatesta e Grassi (presente na reunião de Lugano) resolveram participar pessoalmente da ação.

784 Ver o comunicado da *Federazione dell'Alta Italia* no *Il Risveglio* de 24 de dezembro de 1876.

785 Neste sentido, é oportuno assinalar, a partir de 1876, a publicação em Salerno e depois em Genebra de um periódico chamado *La Mènagerie di Re Quan-Quan* [A coleção de animais do Rei Quan-Quan] e em seguida apenas *Re Quan-Quan* [Rei Quan-Quan], redigido pelo internacionalista Terzaghi, – expulso da FI-AIT em 1873 como espião –, e cheio de ofensas pessoais contra Cafiero, Malatesta, Costa e toda a Internacional italiana. Um exemplar do *La Mènagerie* encontra-se no ASBO, *Tribunale Correzionale*, serie 2638, busta XI, fasc. 23, enquanto o primeiro número do *Re Quan-Quan* encontra-se no fundo Luigi Fabbri na *Biblioteca dell'Archiginnasio* de Bolonha.

2008). Mas, por enquanto, o trabalho além das fronteiras era terminado e todos voltaram gradualmente nas respectivas regiões de atuação: Costa viajou até Bolonha, enquanto Cafiero, que na primeira metade de dezembro encontrava-se já na Toscana onde realizou algumas conferências entre os operários da região (v. *Il Risveglio* de 24 de dezembro), chegou em Nápoles no dia 15 de dezembro, precedido de um dia por Pezzi, Grassi e Minguzzi, com os quais formou a nova Comissão de Correspondência na cidade partenopeia<sup>786</sup>. Ali, a atividade dos companheiros prosseguia incessantemente depois do Congresso nacional de Florença: eram sobretudo Schettino e Covelli a manter ativa a Federação Operária, por meio de conferências e da propaganda escrita<sup>787</sup>.

A volta para a Itália dos principais representantes da Internacional, assim como as resoluções aprovadas no Congresso de Berna e as declarações públicas de Cafiero e Malatesta, haviam justamente preocupado o *Ministro dell'Interno*, que no dia 13 de dezembro de 1876 pronunciou na Câmara dos Deputados um duríssimo discurso contra a associação italiana dos trabalhadores, anunciando um aumento das medidas repressivas contra seus afiliados (cf. ROMANO, 1954, vol. III, p. 262). Foi em consequência desse episódio que houve uma briga entre Schettino, que queria protestar publicamente contra as palavras do Ministro, e Cafiero, que se opunha<sup>788</sup>: afinal foi Costa a resolver a disputa publicando como suplemento no *Il Martello* (27 de janeiro de 1877) a conhecida “Carta ao Ministro Giovanni Nicotera”. Quem faltava era Malatesta, pessoa que as autoridades partenopeias procuravam *ammonire* ou prender já desde o começo de novembro<sup>789</sup> e que encontrava-se ainda na Suíça. Mas antes de deixar Lugano, ele esperava receber de Cafiero um passaporte e entregá-lo a uma desconhecida mulher russa<sup>790</sup>. Ele alcançou os companheiros napolitanos bem no final do ano de 1876 e a partir daquele momento colaborou com eles na organização da insurreição planejada para abril do ano seguinte. Termina assim a breve mas intensa calvagem entre as

786 V. os informes policiais de 11 e 15 de dezembro de 1876, no ASN, *Gabinetto, Questura*, busta 49 e 54. Uma cópia da circular a todas as seções da Internacional italiana redigida por Gaetano Grassi (15 de dezembro), com que informava da mudança de sede da Comissão encontra-se no ASN, *idem*, busta 56.

787 No ASN, *idem*, busta 56, encontra-se um “Apelo aos operários” redigido por Schettino ao começo de novembro de 1876, enquanto no terceiro número do *L'Anarchia*, o jornal que finalmente Covelli conseguiu publicar em 1877, fala-se de uma conferência sobre a questão social por ele realizada em Nápoles (26 de novembro de 1876) que foi reprimida pela polícia local.

788 V. o informe policial de 28 de dezembro de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 235. Talvez isso tenha contribuído para exacerbar os ânimos entre os membros da FON, levando no dia 30 de janeiro de 1877 ao esfaqueamento de Schettino por parte de Pezzi e Grassi: sobre este grave episódio, que envolveu também o internacionalista Masciotra, v. ROMANO (1954, vol. II, p. 567), SCIROCCO (1973, p. 295) MASINI (1974, p. 189), BASSI ANGELINI (2004, p. 58) e GIANNI (2008, p. 269).

789 V. os informes policiais de 6, 10, 13, 14 e 15 de novembro de 1876, no ASN, *Prefettura, Gabinetto*, busta 235 e *Questura, Gabinetto*, busta 54.

790 Informes policiais de 23 e 25 de dezembro de 1876, no ASN, *idem*, busta 235.

vidas e as ideias desses pioneiros do socialismo e do anarquismo na Itália, que graças à precocidade de sua atuação e aos contatos com os outros internacionalistas europeus da época contribuíram também na definição dos pressupostos ideológicos básicos da teoria anarquista, que foram mantidos pelo movimento ao longo das décadas<sup>791</sup>. Tentarei traçar um balanço final dos aspectos biográficos e teóricos, historiograficamente mais relevantes, abordados ao longo do texto nas considerações conclusivas.

---

791 Ainda em agosto de 2012 foram celebrados em Saint-Imier, na Suíça, os 150 anos do congresso de 1872. V. <http://www.anarchisme2012.ch/> (acesso em 3/11/2016).

## Conclusões

Ter acompanhado atentamente as vidas e a atuação dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores de Carlo Cafiero, Andrea Costa e Errico Malatesta me permitiu não apenas analisar as ideias por eles defendidas durante a primeira fase da militância internacionalista, mas também aprofundar sua contribuição teórica tanto como publicistas quanto como ilustres representantes da federação italiana nos congressos nacionais e internacionais, assim como descobrir elementos biográficos inéditos ou pouco explorados pelas biografias anteriores. Neste sentido, o trabalho realizado nos arquivos do Estado com a imensa documentação policial disponível foi algo realmente valioso, através do qual foi possível analisar tanto os hábitos e as relações pessoais destas três figuras, quanto o funcionamento da máquina repressiva do Estado italiano contra a Internacional e seus militantes. Com esta pesquisa, portanto, creio ter contribuído não apenas na atualização de todas as informações biográficas disponíveis sobre estas três figuras no período estudado, mas também no descobrimento de documentos (discursos, textos ou cartas) inéditos e, através da consulta de coleções inteiras de periódicos da época, no trabalho de atribuição de artigos não assinados. O fato de ter analisado em paralelo suas vidas, se por um lado comportou um significativo trabalho adicional no cruzamento de dados e informações, por outro demonstrou plenamente o perfeito acordo entre Cafiero, Malatesta e Costa e a complementaridade de sua atuação durante a militância na Internacional italiana: não por acaso Pier Carlo Masini, isto é, o principal historiador do primeiro anarquismo italiano, chamou esta tríade de “grupo Cafiero-Costa-Malatesta” (1974, p. 110), destacando a relevância e a homogeneidade de sua atuação. Todos eles, de fato, realizaram no período analisado uma trajetória pessoal, política e ideológica praticamente idêntica. A partir de um contexto familiar pequeno-burguês (ou nobre

como no caso de Cafiero) e de uma juventude mais ou menos engajada do ponto de vista político (neste sentido destaca-se o jovem rebelde Malatesta), ao aproximar-se à atividade da Internacional resolveram começar um processo de militância tão apaixonado e bem sucedido que em breve os levou a dirigir e a orientar ideologicamente a associação italiana dos trabalhadores. Todos eles, a partir de uma formação ideológica peculiar – que envolvia elementos filosóficos que contribuíram grandemente na aproximação desses jovens pertencentes à mesma geração aos princípios emancipatórios da AIT e do socialismo mais em geral –, superaram os ideais juvenis, sem renegá-los totalmente, e abraçaram sinceramente a causa do proletariado, consagrando sua militância à organização dos primeiros núcleos operários e à propaganda socialista. Neste sentido, tanto o mazzinismo de Malatesta, quanto o garibaldismo de Costa ou o racionalismo materialista de Cafiero, são aspectos diferentes de um *unicum* teórico do qual alimentaram-se as gerações antimonárquicas e republicanas do período pós-unitário, a maioria das quais acabaram militando, de forma mais ou menos convencida e duradora, na AIT.

De um ponto de vista histórico, foi certamente a Comuna de Paris o grande evento político que despertou as consciências do proletariado europeu, mostrando a possibilidade, concreta mas violenta, de subverter a ordem estabelecida pelas revoluções do biênio 1848-49, permanecendo como o grande mito inspirador de todas as tentativas insurrecionais realizadas pelos internacionalistas italianos nesta primeira fase de militância<sup>792</sup>. Ao lado da Comuna, no entanto, havia também toda uma tradição autóctone de patriotismo *risorgimentale*, que através das ideias e da atuação de figuras ilustres como Mazzini, Garibaldi e Pisacane, havia defendido e praticado uma estratégia conspirativa que se adaptou bem à mentalidade revolucionária de muitos dos internacionalistas italianos, inclusive de Cafiero, Costa e Malatesta. Neste sentido, tanto as sociedades secretas (inclusive a maçonaria) e todo o conjunto de normas esotéricas elencadas nos regulamentos da Fraternidade bakuniniana (ou do próprio Comitê Italiano para a Revolução Social), quanto a “guerra por bandas”, finalizada ao desencadeamento da “revolução social” assim como já havia apontado Carlo Pisacane, fazem parte deste horizonte teórico e prático que levou a um tipo de militância internacionalista toda orientada para a ação. A este propósito Della Peruta observou com razão que “nestes elementos da tradição italiana confluíam, com muita probabilidade [...], também as sugestões do populismo russo” (1954, p. 369) no que dizia respeito à estratégia revolucionária no campo. E foi justamente nesta amálgama pouco definida de tradições e

792 Cf. MERIGGI (1980).



ideias *risorgimentali* que se inseriu de forma prepotente a propaganda de Bakunin – emissário na Itália por conta de Marx e da Internacional –, que no final da década de 1860 estava transformando-se claramente em sentido anarquista<sup>793</sup>. De um lado, a presença do russo no ambiente partenopeu havia deixado rastros indeléveis na mentalidade daqueles que haviam entrado em contato com ele no período 1864-1867; do outro, as relações pessoais de amizade com Cafiero, Malatesta e Costa estabelecidas a partir de 1872 e reforçadas durante sua estadia na Baronata, fizeram com que a lição do socialismo internacionalista apreendida pelos militantes italianos fosse já aquela da corrente antiautoritária e coletivista, excluindo no período estudado qualquer influência do marxismo teórico no contexto italiano<sup>794</sup>. O próprio Malatesta afirmou posteriormente que a “Internacional na Itália nasceu socialista, anarquista, revolucionária e, como consequência, antiparlamentar” (1970, p. XXV). Mas não foram apenas as leituras dos textos bakuninianos e as conversas diretas com o gigante russo a influir sobre o processo de amadurecimento ideológico dos jovens italianos militantes da Internacional, pois os contínuos contatos, além das fronteiras com os companheiros da Suíça (francêsa e italiana em particular), mais preparados de um ponto de vista teórico e organizacional, fizeram com que a passagem do pensamento republicano e democrático da juventude para formas mais maduras de socialismo e anarquismo tenha sido rápida e quase espontânea.

Neste sentido, o ponto final da trajetória ideológica realizada pelos três protagonistas desta história, e portanto também pela Internacional italiana, foi a elaboração da ideia anarco-comunista, processo em que os internacionalistas suíços desempenharam um papel decisivo, tanto positivo (como no caso dos companheiros do Jura), quanto negativo (penso sobretudo nos elementos de crítica do pensamento de Malon). Tratava-se apenas de um ideal, talvez ingênuo e dificilmente alcançável, mas muito significativo de um ponto de vista teórico, pois quem o elaborou não foram grandes pensadores ou ideólogos, mas jovens militantes, *déclassés* como dizia Engels, realmente apaixonados pela causa da emancipação do proletariado, que superaram (ou combinaram) o pensamento de Bakunin e de Marx, propondo uma solução realmente original e inovadora. Ao lado destes aspectos mais teóricos, no entanto, permaneceu constante na atuação de Cafiero, Malatesta e Costa na Internacional o desejo da ação a todo custo, desejo que culminou nos motins de 1874, na defesa da chamada “propaganda pelo feito” em dezembro de 1876 e finalmente na implementação deste ideal

793 Cf. BERTI (1998), MCLAUGHLIN (2002).

794 Cf. FAVILLI (1996) e GIANNI (2004).

com a tentativa insurrecional de 1877 nas montanhas do Matese<sup>795</sup>. Mas a propaganda incendiária dos boletins do CIRS e os motins em Bolonha e na Puglia, assim como a intransigente “propaganda pelo feito” no campo italiano – cidade e campo, novamente dois aspectos centrais no pensamento bakuniniano –, não deram o resultado esperado, não conseguiram levantar realmente as massas oprimidas e ficaram como gestos isolados, talvez exemplares, de uma impaciente vontade revolucionária que procurou apressar o momento tão almejado da subversão da ordem constituída.

No entanto, sem cair em uma leitura estreitamente marxista que faz das condições de desenvolvimento do capitalismo no país a condição determinante para o surgimento de um verdadeiro movimento operário, é inegável que eles atuaram em um contexto em que o processo de difusão da economia capitalista ainda não havia alcançado níveis consideráveis e em que as primeiras associações operárias eram sobretudo de tipo filantrópico-patronal e limitavam-se à ajuda mútua. Assim, de um lado havia uma situação que certamente não favoreceu uma implementação imediatamente revolucionária da luta socialista, do outro havia a incapacidade por parte do “núcleo dirigente” da FI-AIT de interpretar as condições efetivas e os desejos do proletariado<sup>796</sup>. O próprio Costa, ao refletir criticamente sobre a derrota de 1874, afirmou que:

O motim de 1874 foi aquilo que podia – que devia – ser; superficial no fato; profundo em seu significado [...].

Não foi utopístico. Pelo contrário. As condições econômicas e políticas da Itália em 1874; as condições especiais do ambiente, em que o motim aconteceu; as tradições revolucionárias da época, não produziram – não podiam produzir – algo diferente.

O motim não foi bem sucedido; não podia ser bem sucedido. Mas alertou, anunciou, para além dos velhos partidos políticos [...], o advento, entre nós, da classe operária e do socialismo.

Desde então, também na Itália, a questão social penetrou, ganhou espaço na opinião pública. (COSTA, 1910, p. 11)

Por outro lado, é verdade também que a atuação dos antiautoritários dentro da Internacional italiana foi pouco convencida no processo de organização das massas operárias, pois a vontade revolucionária prevaleceu sempre, pelo menos no período analisado, sobre

<sup>795</sup> Inicialmente, meu projeto de pesquisa pretendia terminar no ano de 1881, analisando desse modo tanto a insurreição do Matese como a figura do advogado anarquista Francesco Saverio Merlino. No entanto, a amplitude da pesquisa realizada e a falta de tempo me obrigaram a recortar o arco temporal e os autores a serem estudados.

<sup>796</sup> A este respeito, se Costa em seguida falou da necessidade de uma “revolução moral” (1900, p. 22), Malatesta reclamou a presença de “certas condições morais e materiais, que é preciso criar” (1926).

qualquer racionalidade estratégica. Neste sentido, as palavras de Malatesta são esclarecedoras, quando afirmou que a Internacional na Itália

foi essencialmente uma associação organizada com o fim de provocar uma insurreição armada [...].

Fazia-se um pouco de luta econômica, provocava-se umas greves, incitavam-se os operários a demandar e pretender dos patrões qualquer tipo de melhorias. Mas isto se fazia sem entusiasmo, sem atribuir-lhe muita importância, pois estávamos convencidos de que os patrões existiam porque o governo os protegia. [...] nós estávamos convencidos de que a primeira coisa a ser feita era derrubar o governo, e portanto nós pensávamos sobretudo na insurreição. (MALATESTA, 1970, p. XXV-XXVI)<sup>797</sup>

No entanto, me parece também serem questionáveis as convicções do anarquista napolitano, pois vimos quantos sacrifícios pessoais e privações da liberdade ele e seus companheiros foram dispostos a sofrer apenas para afirmar um ideal em um congresso, para contribuir na criação de novas seções, para divulgar um jornal, um panfleto ou um cartaz considerado demasiado radical e ameaçador. Neste sentido, não só os elementos onipresentes da vigilância e da repressão governamental condicionaram fortemente a atuação dos internacionalistas italianos, mas pode-se dizer literalmente que a história da Primeira Internacional na Itália é a história de suas repressões. Desde a primeira prisão de Cafiero no verão de 1871, passando pela incriminação da atividade editorial do *La Campana* e do trabalho pedagógico realizado em Nápoles com os filhos dos operários, continuando com a constante vigilância sobre os hábitos, a atuação e os deslocamentos dos internacionalistas italianos e pelas relativas *ammonizioni*, e terminando com as prisões realizadas em ocasião dos congressos e das tentativas insurrecionais. Ao longo do período estudado, isto é, em apenas seis anos, Cafiero sofreu três prisões (agosto de 1871, junho de 1872, março de 1873), Costa quatro (março de 1873, agosto de 1874, agosto e outubro de 1876) e Malatesta sete (agosto de 1871, março e julho de 1873, agosto de 1874, março, junho e agosto de 1876). E se inicialmente as perseguições foram habilmente transformadas em oportunidades para fazer publicamente propaganda socialista nos tribunais – “não faziam que reavivar nosso entusiasmo” (MALATESTA, 1970, p. XXIV) –, em seguida, sobretudo depois dos motins de 1874, elas tornaram-se tão pervasivas que, a meu ver, contribuíram grandemente na gradual

<sup>797</sup> De forma similar, Cafiero havia afirmado “que o proletariado da Itália é, por sua própria natureza, batalhador; que a Internacional para ele não era e não podia ser uma organização de ofícios; mas era e devia ser um instrumento de guerra; que os operários italianos desconfiavam por instinto da autoridade; e cada governo constituído é para eles um inimigo” (*La Plebe* de 15 de janeiro de 1876).

mudança de posição de Costa, que a partir de 1877 afastou-se da perspectiva insurrecional aproximando-se de um socialismo cada vez menos revolucionário e mais parlamentarista<sup>798</sup>. Por estas razões, pode-se afirmar que a presença pervasiva do aparelho repressivo do Estado italiano condicionou fortemente a atuação dos afiliados da AIT: a adoção de um sistema de vigilância de tipo panóptico, em que as pessoas controladas viviam sendo cientes da possível presença de olhares delatatórios, induziu sem dúvida os principais expoentes da associação a atuar em alguns momentos de forma clandestina<sup>799</sup>. Eles – penso sobretudo em Cafiero, Malatesta e Costa –, atuaram sabendo constantemente correr o risco de ser controlados, revistados, presos ou *ammoniti*, já desde o verão de 1871, quando Cafiero foi preso apenas por ter introduzido no país as cartas em inglês de Engels e pela atividade pedagógica e de propaganda socialista realizada na seção da Internacional de Nápoles. Pode-se, portanto, concordar com Turcato (2012, p. 11) quando, ao retomar as reflexões de Thompson sobre o movimento ludista, afirmou que “authorities needed conspirators to justify the continuation of repressive legislation. The myth that all reformers were conspirators necessarily drove reformers into obscure, secretive form of activity”.

Além disso, como testemunho do grande compromisso com a causa internacionalista por parte das três figuras estudadas, é oportuno enfatizar a grande habilidade com que desfrutaram o principal meio de comunicação da época, ou seja, os jornais. De fato, eles entenderam logo o papel fundamental desempenhado pela imprensa periódica no processo de difusão de novas ideias, adaptando-se rapidamente a esta nova tarefa: eles não apenas colaboraram com os jornais já existentes procurando modificar sua orientação ideológica, mas conseguiram, embora com muita dificuldade, criar novas publicações, como nos casos do *La Campana*, do *La Rivoluzione Sociale* ou do *Bollettino della Federazione Italiana dell'Associazione Internazionale dei Lavoratori*. Ao lado da propaganda escrita, eles foram capazes de aproveitar também seu carisma e suas capacidades oratórias, tanto nas assembleias operárias locais (greves, criação de novas seções etc.), quanto nos encontros nacionais e internacionais da associação: a este respeito, destaca-se claramente a figura de Costa, excelente orador e propagandista dentro e fora das fronteiras italianas. Obviamente, eram todos jovens que, diferentemente de muitos outros coetâneos, tiveram a oportunidade de estudar na Universidade e no caso de Cafiero até de viajar na Europa para satisfazer sua sede

---

798 Neste sentido, é oportuno destacar como ao sair do cárcere (junho de 1876) depois de quase dois anos de detenção, Costa foi preso duas vezes e *ammonito* uma vez em menos de quatro meses.

799 V. FOUCAULT (1999).

de conhecimento: mas apesar da peculiar formação intelectual de cada um, ninguém dentro da Internacional italiana mostrou a mesma coragem, audácia e ousadia com que eles atuaram durante sua militância na FI-AIT.

Neste sentido, é oportuno lembrar o decisivo papel de contestação pública e privada por eles desempenhado ao longo da batalha ideológica com o Conselho Geral da Internacional, trabalho que contribuiu grandemente na definição da posição antiautoritária entre as federações dissidentes da AIT. Penso sobretudo na intensa correspondência trocada entre Cafiero e Engels em 1871 e 1872, ou nos inúmeros artigos e cartas de Costa, em que ambos afirmavam que “entre a autoridade e a anarquia não há transação possível”<sup>800</sup>. Mas as questões abordadas nas missivas aos companheiros, nos artigos de jornal, nos discursos durante as assembleias ou nos congressos, iam muito além da simples crítica às posições do Conselho Geral e compunham um horizonte teórico em que se misturavam as sugestões de certo socialismo francês (Proudhon *in primis*) e alemão (os documentos oficiais da AIT e os textos de Marx sobre a guerra franco-prussiana e a Comuna), com o anarquismo já maduro de Bakunin, que eles puderam conhecer diretamente por meio das longas conversas na Baronata. Falava-se de ateísmo e de abstencionismo, de espontaneísmo e de federalismo, de anticapitalismo, de anarquia e de revolução; predicava-se o coletivismo, o associacionismo e a organização livre e “debaixo para cima” das forças operárias; assim como criticavam-se as ideias tradicionais de família e de educação, denunciando o paternalismo da sociedade contemporânea e promovendo a organização do proletariado feminino<sup>801</sup>. Resultava uma concepção em que não havia espaço para as recriminações de classe, pois as condições precisavam ser revertidas de forma tão radical que a luta podia servir exclusivamente para libertar e emancipar a humanidade inteira, e não apenas os oprimidos. Claro também para estes primeiros anarquistas, assim como para toda a grande família dos socialistas, o proletariado permanecia “o grande fator da transformação social” (MALATESTA, 1970, p. XXV), mas eles, que não eram proletários, não o tornaram o mito (ou o fetiche) em nome do qual consagrar toda sua militância internacionalista.

E se o interclassismo era uma consequência lógica de sua mentalidade e de suas ambições, parcialmente justificado pelo amplo e abrangente programa da Internacional dos trabalhadores, é justamente neste aspecto que se encontra uma das contradições mais

800 Carta da Comissão de Correspondência da FI-AIT à *Fédération Jurassienne* publicada no *Bulletin* de 15 de janeiro de 1873.

801 A este propósito, como sugestão para novas investigações sobre o tema, seria muito interessante mapear a presença e a contribuição das mulheres dentro da Primeira Internacional nas diferentes federações nacionais.

evidentes da atuação deste pequeno “núcleo dirigente” dentro da associação. De fato, todos os membros da Fraternidade bakuniniana estavam cientes de encarnar um princípio de autoridade em relação aos militantes da AIT (e, portanto, potencialmente também em relação a toda a massa dos oprimidos), uma “minoridade-guia” através da qual procurar intensificar a propaganda socialista entre “as forças vivas” da humanidade em vista de um iminente evento revolucionário. No entanto, a ansiedade para a revolta os levou a exigir imediatamente, com uma boa dose de ingenuidade, a derrubada da ordem política existente, isto é, do governo – “abrindo os olhos” dos operários e mostrando-lhes “quem são os amigos e quem os inimigos”, conforme escreveu Costa em um documento do *Fascio Operaio* de 1873<sup>802</sup> –, para deixar em seguida que todas as associações de produtores se organizassem de forma espontânea, sem a criação de novas hierarquias e novos privilégios. Portanto, se os comunistas alemães pretendiam emancipar uma classe por meio do tão odiado princípio autoritário, também aqueles que defendiam a libertação da humanidade como um todo tiveram de admitir a imprescindibilidade deste princípio, embora reduzido aos mínimos termos e parcialmente justificado pelo grande atraso no processo de organização do proletariado italiano. Todos os membros da Fraternidade, em particular as três figuras analisadas, queriam ser a faísca que incendeia a palha revolucionária, mas tiveram de enfrentar uma realidade bem diferente do esperado, assim como demonstrou o fracasso total de todas suas tentativas insurrecionais. A este respeito, foi sobretudo Malatesta a refletir criticamente sobre os aspectos mais contraditórios da fase internacionalista de sua longa militância, mostrando mais uma vez sua probidade e lucidez intelectual. O trecho sintetiza de forma tão exemplar toda essa questão e a própria atuação de Cafiero, Costa e Malatesta dentro da Internacional que merece ser citado inteiramente:

Na Internacional [...] manifestam-se logo duas tendências, uma autoritária, a outra libertária, que dividiram os internacionalistas em facções inimigas, as quais tomaram o nome, pelo menos nas componentes mais extremas, de Marx e de Bakunin.

Os primeiros queriam fazer da Associação um corpo disciplinado sob as ordens de um Comitê central, os outros queriam que fosse uma livre federação de grupos autônomos; os primeiros queriam submeter a massa para fazer seu bem com a força, conforme a antiga superstição autoritária, os outros queriam levantá-la e induzi-la a libertar-se por si mesma. Mas um aspecto comum caracterizava os inspiradores das duas facções, pois ambos emprestavam suas ideias à massa dos afiliados, pensando tê-la convertido quando, ao contrário, haviam obtido uma adesão mais ou menos

---

802 Ver a página 90 do presente texto.

inconsciente.

Assim, vimos a Internacional tornar-se rapidamente mutualista, coletivista, comunista, revolucionária, anarquista, com uma rapidez evolutiva que [...] não podia corresponder a uma evolução real e contemporânea da grande massa dos associados.

Como que não havia distinção entre os órgãos para a luta econômica e para a luta política e de ideias, e que cada internacionalista realizava no seio da Internacional toda sua atividade de pensamento e de ação, resultava necessariamente que os indivíduos mais avançados teriam tido que abaixar-se e ficar no nível da massa atrasada e lenta, ou, conforme aconteceu, progredir e evoluir-se com a ilusão que a massa os compreendesse e os seguisse.

Os elementos mais avançados estudaram, discutiram, descobriram as necessidades do povo, formularam em programas concretos as aspirações indistintas da massa, afirmaram o socialismo, afirmaram o anarquismo, vaticinaram o futuro e o prepararam; – mas mataram a Associação. A espada havia gastado a bainha.

Eu não digo que foi um mal. Se a Internacional tivesse permanecido uma simples organização de resistência e não tivesse sido agitada pelas tempestas do pensamento e pelas paixões de um partido, seria durada quanto duram as 'Trade Unions' inglesas, inúteis e talvez danosas para a causa da emancipação humana. Melhor que ela seja morta espalhando ao vento sementes fecundas: dela, de fato, nasceram o movimento socialista e o movimento anarquista. (MALATESTA, 1922)<sup>803</sup>

Portanto, foi uma dura batalha intelectual, mais ou menos correta de um ponto de vista pessoal, para a hegemonia ideológica dentro da Internacional e do nascente movimento operário, uma luta que acabou matando a preciosa associação mas que espalhou sementes férteis para todos os lados<sup>804</sup>. Minha pesquisa paralela sobre as vidas e as ideias de Carlo Cafiero, Andrea Costa e Errico Malatesta, por outro lado, interrompe-se justamente no ano de 1876, isto é, até o momento em que os três compartilharam inteiramente todos os aspectos práticos e teóricos da militância internacionalista, enquanto a partir do ano seguinte começaram a aparecer as primeiras divergências pessoais. Em suma, creio que o processo de amadurecimento ideológico dos protagonistas desta história, e desse modo também da Internacional italiana, contribuiu de forma significativa na definição dos pressupostos básicos do pensamento anarquista, rediscutindo e contestando não só as posições do Conselho Geral de Marx e Engels, mas também as próprias ideias do velho mestre Bakunin. Obviamente todo este importante processo foi levado adiante de forma limitada, às vezes confusa e pouco

803 Para aprofundar o pensamento de Malatesta sobre este assunto ver também o artigo publicado no periódico *Volontà* (MALATESTA, 1914).

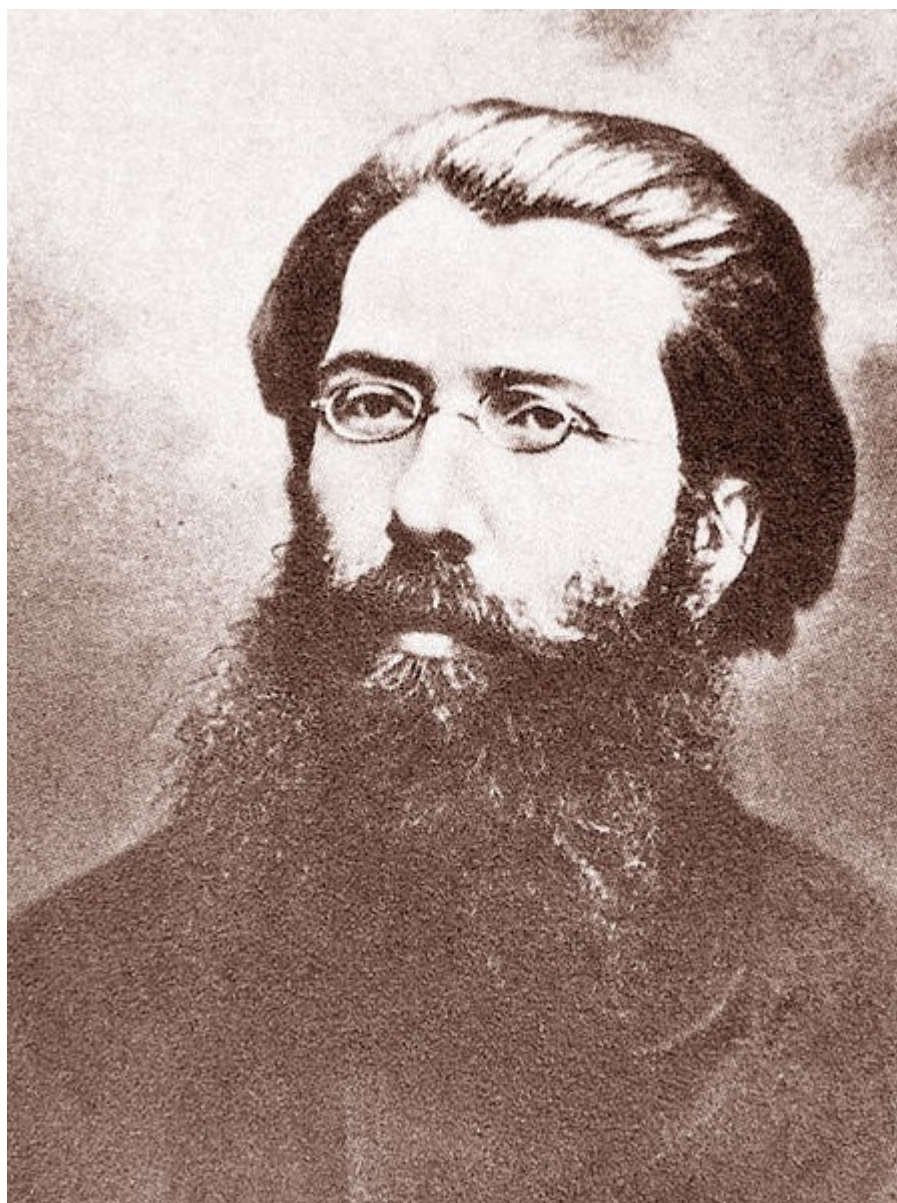
804 De fato, se a AIT “oficial, a do Conselho Geral de Nova Iorque, foi dissolvida em 1876, a trajetória da Internacional “antiautoritária” concluiu-se oficialmente em 1877 com o Congresso de Verviers, permanecendo apenas como referência ideal de alguns grupos isolados até o ano de 1880. V. GUILLAUME (2004).

consistente de um ponto de vista teórico, em uma tensão constante com as vontades e as ambições revolucionárias de uma geração insatisfeita com o resultado das lutas do *Risorgimento*, que procurava alterar repentina e violentamente. No entanto, não podia ter sido diferente, devido não só à jovem idade dessas figuras, mas também às condições geográficas, econômicas e culturalmente periféricas da Itália da época e a uma série de coincidências biográficas e históricas (e de afinidades teóricas e pessoais) que resultaram em um tipo de militância e de ideologia internacionalista muito peculiar e original. Neste sentido, para concluir, faço minhas as palavras do próprio Cafiero, que não apenas confirmam esta interpretação mas demonstram mais uma vez a total sintonia com a perspectiva dos dois amigos e companheiros:

os vários acontecimentos através dos quais o Socialismo italiano passou, foram apenas o lógico desenvolvimento necessário para sua completa extrinsecação, desenvolvimento que, cremos, cada Ideia tem de realizar quando queira deixar um estado indeterminado de existência e passar a viver uma vida prática, procurando de alguma forma sua implementação. O socialismo italiano possui um aspecto peculiar justamente porque as condições particulares em que se desenvolveu não podiam não lhe dar um semblante especial. (*La Plebe* de 16 de janeiro de 1876)



## Apêndice iconográfico



*Carlo Cafiero*



*Andrea Costa*



*Errico Malatesta*







*Simbolo do Il Fascio Operaio de Bolonha*



**LA PATRIA**  
ORGANO SOCIALISTA

Nessun dritto senza dovere — Nessun dovere senza dritto

**PATTI DI ABBONAMENTO**

|                |         |
|----------------|---------|
| Italia un Anno | L. 4.00 |
| un Semestre    | » 2.00  |
| un Trimestre   | » 1.00  |

Un numero centes. 5.

**Suona la Domenica**

Per l'Estero si aggiungono le spese di posta.  
L'Ufficio è sito  
Strada S. Mattia, 64.  
Un numero arretrato C. 20.

Anno 1

Napoli 18 Febbraio 1872

Num. 7.

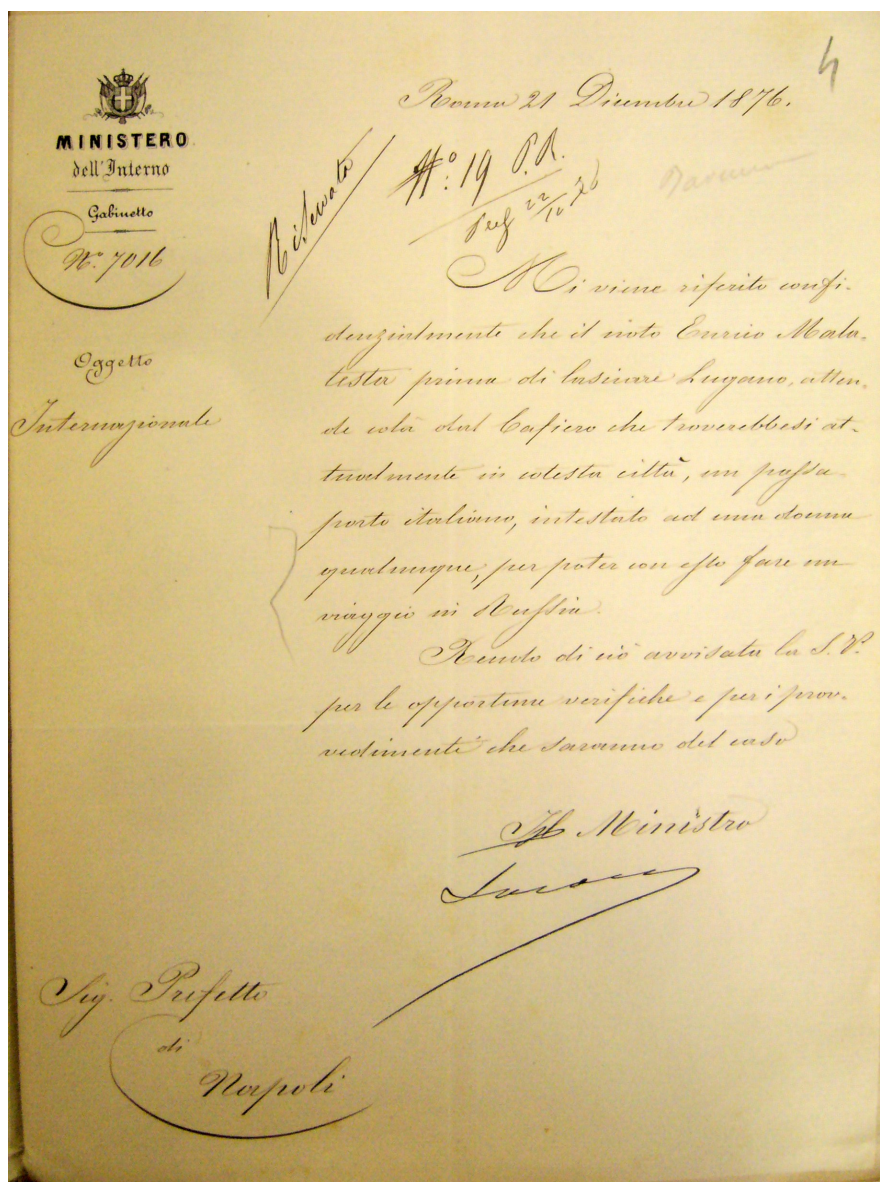
### LA PATRIA

Noi, dell'Internazionale, siamo accusati di voler distruggere tre cose *sante*: la patria, la famiglia, la proprietà. Cominciamo ad esaminare questa questione della patria, vediamo quale e quanta differenza sia fra noi e coloro che fanno un mendace monopolio del buono e del sublime; e per chi, fuori le frasi vacue ed altisonanti, stia la ragione. La patria, come fatto quasi fisiologico, è la casa dove si nasce, il villaggio, il rione, la città, dove s'è menata buona parte della vita; è là dove sai coloro che ami, dove il tuo pensiero associa alle sventure tue ed alle gioie il ricordo de' luoghi, che ti videro gemere o gioire. Fuori di questa cerchia, i luoghi non hanno significato; invece i principii, i bisogni, la comunanza di questi principii, la solidarietà in questi bisogni, formano il legame e avvicinano l'individuo alla collettività degli individui. Queste collettività, ridotte alla servitù, hanno nei secoli, avute esplicazioni più o meno ingiuste, più o meno barbare, e il dritto di conquista, il dritto diplomatico, il sedicente e mendace suffragio popolare, le hanno costrette in circoscrizioni esclusive, snaturate, violente, dannose, intollerabili. Contro la soggezione di queste diverse violenze, i popoli oggi insorgono e di qui nasce la grande differenza fra i continuatori

di questo sistema e gli uomini di libertà. — Ecco la differenza fra i Mazziniani e noi. — Mazzini ed i suoi, continuando, in nome del dritto patrio, il sistema de' dritti dinastici, de' dritti diplomatici, de' così detti dritti storici, vogliono gli interessi, i bisogni degli individui e la solidarietà fra loro sottoposti ad un principio astratto, ad un preconcepito che è bene spesso estraneo agli individui, a' loro bisogni, a' loro dritti: questo principio addimandano *patria*, ed han voluto farne una religione. La patria, che è un fatto, è divenuto per essi un dogma e mentre la felicità e la libertà dell'individuo, pienamente soddisfatte, formano la solidarietà collettiva, essi vogliono alla collettività sacrificato l'individuo e, nella negazione di tutto che lo concerna, veggono di questa collettività prospera la vita. Pare, questo, un garbuglio di parole, ma tutto il mazzinianismo l'è un garbuglio. A parlar parole chiare e nostrarne, noi logicamente partiamo dall'individuo per andare alla collettività mentre i mazziniani, a furia di creare ed imporre un ente collettivo, perdono di vista e negano l'individuo. Così è che la Patria, per noi, è un fatto necessario, che spontaneamente si determina dal basso all'alto mentre pei mazziniani è un principio da attuarsi violentemente dall'alto al basso. Mazzini ed i Mazziniani affer-

mano un dritto nel simbolico paese all'unità dell'Italia, geografica e storica: dritto che per noi è un non senso o un'ingiustizia. Essi dicono che il Tirolo, il Ticino, Nizza, l'Istria, la Dalmazia, la Corsica, Malta, i Grigioni sono terre italiane, sono la patria pel contadino calabro, o campiano; ed in nome di questa patria, eccotelli pronti, questi preti e soldati, a mover guerra alla Francia, all'Inghilterra, alla Germania, alla libera Svizzera, ed insanguinare quegli stessi paesi che dicono patria loro, senza neanche sapere se questi vogliano o no entrare nel sodalizio violento, che è loro imposto. Sono unitarii a mo' di Luigi XI; i mezzi loro si rassomigliano troppo alle infami carneficine passate ed ultime; essi puzzano troppo di tirannia, di barbarie e di conquista, perchè, non diciamo uomini liberi, ma uomini onesti possano seguirli. L'unità nostra, pigliando le mosse, invece, dall'individuo, da' suoi bisogni e dritti e dalla loro necessaria, inevitabile solidarietà, riconosce la libertà piena delle collettività locali, queste federa inevitabilmente fra loro fino a creare sotto altra forma e con altro concetto la medesima unità. La patria per noi vive di vita vera, propria, necessaria, utile, splendida; per i mazziniani vivrebbe vita fittizia, violenta, schiava e sanguinosa — è sotto nuova forma la vecchia questione fra il despotismo e la libertà. —





Comunicação do Ministro dell'Interno ao Prefetto de Nápoles (21 de dezembro de 1876)

### **Arquivos e fundos consultados (sigla)**

Archivio Centrale dello Stato di Roma (ACS)

Archivio dello Stato di Bologna (ASBO)

Archivio dello Stato di Firenze

Archivio dello Stato di Napoli (ASN)

Archivio dello Stato di Torino

Archives de l'État de Neuchâtel (AEN)

Archivio Storico della Federazione Anarchica Italiana – Ímola

Arquivo Edgard Leuenroth (Universidade Estadual de Campinas) – Campinas

Fondazione Giangiacomo Feltrinelli – Milão

Fondo Aldo Venturini/Francesco Saverio Merlino – Biblioteca Libertaria “Armando Borghi” –  
Castel Bolognese, Ravenna

Fondo Giuseppe Barbanti-Brodano – Biblioteca del Museo del Risorgimento – Bolonha

Fondo Luigi Fabbri – Biblioteca dell'Archiginnasio – Bolonha



## Periódicos consultados

*L'Agitatore* (Lugano)

*L'Alba* (Trapani)

*L'Anarchia* (Nápoles)

*L'Anticristo* (Turim)

*L'Avvenire Sociale* (Piacenza)

*Bollettino della Federazione Italiana dell'Associazione Internazionale dei Lavoratori* (s. l.)

*Bulletin de la Fédération Jurassienne de l'Association Internationale des Travailleurs*  
(Sonvilier-Locle-La Chaux-de-Fonds)

*La Campana* (Nápoles)

*La Campana* (Firenze)

*La Canaglia* (Pavia)

*Il Comunardo* (Fano)

*La Discussione* (Turim)

*L'Eguaglianza* (Agrigento)

*Il Fascio Operaio* (Bolonha)

*Il Fascio Operaio* (Firenze)

*La Favilla* (Mântua)

*Il Ficcanaso* (Turim)

*Gazzetta Piemontese* (Turim)

*Il Gazzettino Rosa* (Milão)

*La Giustizia* (Agrigento)

*L'Indipendente* (Ancona)

*L'Indipendente* (Parma)

*Il Ladro* (Firenze)

*La Lanterna* (Ferrara)

*Il Libero Pensiero* (Firenze)

*Il Martello* (Milão)

*Il Martello* (Fabriano-Jesi-Bolonha)

*Il Miserabile* (Parma)

*Il Nomade* (Palermo-Trapani)

*Il Petrolio* (Ferrara)

*La Plebe* (Lodi-Milão)

*Il Povero* (Palermo)

*Il Povero* (Ferrara)

*Il Proletario* (Turim)

*Re Quan-Quan* (Genebra)

*Il Risveglio* (Siena)

*La Rivoluzione Sociale* (s. l.)

*Il Romagnolo* (Ravenna)

*Satana* (Cesena)

*Satana* (Firenze)

*Lo Scarafaggio* (Trapani)

*La Solidarité Révolutionnaire* (Barcelona)

## Bibliografia

### I.

- AA. VV. Albo a Giorgio Imbriani. Nápoles: Tipografia dei fratelli Testa, 1871.
- AA. VV. Risposta di alcuni internazionali membri della Federazione del Jura alla Circolare Privata del Consiglio Generale di Londra. Neuchâtel: Imprimerie du Bulletin de la Fédération International, 1872.
- AA. VV. L'Italia economica nel 1873. Pubblicazione ufficiale. Roma: Tipografia Barbera, 1873.
- AA. VV. Association Internationale des Travailleurs. Compte-rendu officiel du VIIIe congrès général tenu à Berne du 26 au 30 octobre 1876.
- AA. VV. Documents of the First International. The General Council of the First International 1871-1872 – minutes. Moscow: Progress, 1935.
- AA. VV. I documenti diplomatici italiani. Serie II (1870-1896). Roma: Libreria dello Stato, 1960-2000.
- ASSOCIAZIONE INTERNAZIONALE DEI LAVORATORI. Atti del 6° Congresso Universale di Ginevra e del 2° Congresso Regionale Italiano di Bologna. S. l. [1873].
- BAKUNIN, Mikhail. Risposta d'un Internazionale a Giuseppe Mazzini. Milão: Gazzettino Rosa, 1871.
- \_\_\_\_\_. Agli operai delegati al Congresso di Roma. s. l. e s. d. [1871].
- \_\_\_\_\_. Mémoire justificatif. Disponível in:  
<http://bakuninlibrary.blogspot.com.br/2014/02/bakunin-memoire-justificatif-1874.html>  
 (acesso em 18/05/2016), 1874.
- \_\_\_\_\_. Il socialismo e Mazzini. Lettera agli amici d'Italia. Roma-Firenze: Serantoni Editore, 1905<sup>4</sup>.
- \_\_\_\_\_. Œuvres, vol. VI. Paris: Stock, 1913.
- \_\_\_\_\_. Conferenze. La Spezia: Tipografia La Sociale, 1921.
- \_\_\_\_\_. Stato e Anarchia e altri scritti. Milão: Feltrinelli, 1968.
- \_\_\_\_\_. Bakunin on Anarchy. Selected Works of the Activist-Founder of World Anarchism. Edited, Translated and with Introduction, by Sam Dolgoff. Nova Iorque: Vintage Books, 1971.

- \_\_\_\_\_. Selected writings. Edited and introduced by Arthur Lehning. Londres: Jonathan Cape, 1973.
- \_\_\_\_\_. Archives Bakounine. Tomo VII: L'Empire Knouto-Germanique et la Révolution Sociale (a cura di A. Lening). Amsterdam: IISH, 1982.
- \_\_\_\_\_. Escrito contra Marx. Conflitos na Internacional. Brasília: Novos Tempos, 1989.
- \_\_\_\_\_. Opere Complete, 8 vol. Catania-Trieste: Edizioni Anarchismo, 1989-2009.
- BARBANTI-BRODANO, Giuseppe. Processo degli internazionalisti: difese proferite dall'avvocato Giuseppe Barbanti per Costa Andrea e Matteuzzi Vincenzo - maggio 1876. Bolonha: Società Tipografica dei Compositori, 1876.
- \_\_\_\_\_. Serbia. Ricordi e studi slavi. Bolonha: Società Editrice delle "Pagine Sparse", 1877.
- BIANCHI, Bruna (org.). Olimpiada Kutuzova Cafiero: memoria autobiografica. *Bollettino dell'Archivio G. Pinelli*, n. 26, 2005.
- BORRI MOTTA, Lilia (org.). I socialisti. Memorie lettere documenti del primo socialismo italiano. Turim: Loescher, 1970.
- BOTTERO, Alessandro. Dibattimenti nel processo per cospirazione e internazionalismo innanzi alle Assise di Firenze. Roma: Francesco Capaccini Editore, 1875.
- BRAVO, Gian Mario (org.). La Prima Internazionale. Storia documentaria. Roma: Editori Riuniti, 1978.
- BROGGINI, Romano. Due anniversari: Carlo Salvioni 1858-1920; Clemente Merlo 1879-1960. Bellinzona: Humilibus Consentientes, 1971.
- CAFIERO, Carlo. Verbale di interrogatorio a Napoli del 27 agosto 1871. In: [http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/images/docs/cafiero\\_carlo\\_a\\_vb/index.html](http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/images/docs/cafiero_carlo_a_vb/index.html) (accesso em 6/10/14).
- \_\_\_\_\_. "Il Capitale" di Carlo Marx brevemente compendiato. Firenze: La Controcorrente, 1913<sup>2</sup>.
- \_\_\_\_\_. La Rivoluzione per la Rivoluzione. Milão: Edizioni del Gallo, 1968.
- \_\_\_\_\_. Dossier Cafiero. Bergamo: Biblioteca Max Nettalu, 1972.
- \_\_\_\_\_. "Rivoluzione" Anarchia e Comunismo. Pistoia: RL Edizioni-Porro, 1973.

- \_\_\_\_\_. Avertissement a BAKOUNINE, Michel. Dieu et l'État. Yenibosna: L'Altiplano, 2008.
- CENERI, Giuseppe. Difesa proferita per Andrea Costa nelle udienze 18 e 19 maggio 1876 del processo degli internazionalisti alle Assise di Bologna dal prof. avv. Giuseppe Ceneri. Bolonha: Zanichelli, 1876.
- COSTA, Andrea. Processo degli internazionalisti. Parole di Andrea Costa ai giurati della Corte di Assise di Bologna nell'udienza del 16 giugno 1876. Bolonha: Monti, 1876.
- \_\_\_\_\_. Vita di Michele Bakunin. Bolonha: Tipografia della Società Azzoguidi, 1877.
- \_\_\_\_\_. Il 18 marzo e la Comune di Parigi. *Il Messaggero*, 18 marzo 1887.
- \_\_\_\_\_. Bagliori di socialismo. Cenni storici. Firenze: Nerbini Editore, 1900.
- \_\_\_\_\_. Il socialismo. Firenze: Libreria Editrice Nerbini, 1901.
- \_\_\_\_\_. Prime carceri. *Partito Socialista Italiano, Numero unico*, 1902.
- \_\_\_\_\_. Apostolato di Andrea Costa. Raccolta di scritti di propaganda di Andrea Costa, con prefazione biografica. Roma: Società Editoriale Socialista, 1910<sup>2</sup>.
- \_\_\_\_\_. Lettera al Ministro Giovanni Nicotera. Bolonha: Il Pensiero, 1910.
- \_\_\_\_\_. Annotazioni autobiografiche per servire alle "Memorie della mia vita". *Movimento Operaio*, a. 4, n. 2, 1952.
- DARCHINI, Gaetano. Autobiografia. *Movimento Operaio*, a. 4, p. 221-255, 1952.
- DE NITTIS, Joseph. Notes et souvenirs du peintre... Paris: Librairies-Imprimeries Réunies, 1895.
- DEL BO, Giuseppe (org.). Marx e Engels. Corrispondenza con italiani 1848-1895. Milão: Feltrinelli, 1964.
- DELLA PERUTA, Franco. Nuovi documenti sull'Internazionale in Roma. *Movimento Operaio*, a. I, n. 2, 1949.
- \_\_\_\_\_. La consistenza numerica dell'Internazionale in Italia nel 1874. *Movimento Operaio*, a. II, n. 3-4, 1949-1950.
- \_\_\_\_\_. Documenti sull'Internazionale in Venezia (1872-1873). *Movimento Operaio*, a. II, n. 5-6, 1950.
- \_\_\_\_\_/BOSIO, Gianni. Documenti dell'Archivio di Stato di Bologna. A. Costa e la vita politica imolese 1871-1874. *Movimento Operaio*, a. 4, p. 256-276, 1952.
- DUMARTHERAY, François. Aux travailleurs manuels – Partisans de l'Action Politique.

- Gèneve: [s.n.], 1876.
- ENGELS, Friedrich. L'Internazionale e gli anarchici. Roma: Editori Riuniti, 1969.
- \_\_\_\_\_. Note sulla guerra franco-prussiana. Milão: Lotta Comunista, 1997.
- FABBRI, Luigi. Appunti sulla vita di Malatesta, da me presi subito dopo racconti fattimene da lui stesso in Bologna nel 1920. International Institute of Social History, Luigi Fabbri papers, 288.
- \_\_\_\_\_. Il primo arresto di Errico Malatesta. In: AA. VV. Almanacco libertario pro vittime politiche 1933. Ginevra: Carlo Frigerio, 1933.
- FAVRE, Joseph. Dictionnaire universel de cuisine pratique: encyclopédie illustrée d'hygiène alimentaire: modification de l'homme par l'alimentation. Paris: Joseph Favre, 1905.
- FERRARI, Giuseppe. Filosofia della rivoluzione. S. l.: s. n., 1951.
- FORLANI, Luciano (org.). Imola: un laboratorio del socialismo. Profilo storico e documenti 1870-1922. Torriana: Sapignoli, 1993.
- FORNI, Eugenio, L'Internazionale e lo Stato. Nápoles: Tipografia degli Accattoncelli, 1878.
- FREYMOND, Jacques. La première Internationale. 2 vol. Genève: Droz, 1962.
- GNOCCHI-VIANI, Osvaldo. La Comune di Parigi e l'Internazionale. Roma: Avvenire Sociale, febbraio 1874.
- \_\_\_\_\_. Le Tre Internazionali. Lodi-Milão-Roma: La Plebe, 1875.
- GUILLAUME, James. Idées sur l'organisation sociale. Chaux-de-Fonds: Courvoisier, 1876.
- \_\_\_\_\_. L'Internationale. Documents et souvenirs (1864-1878), 4 vol. Paris: Stock Editeur, 1905-1910.
- \_\_\_\_\_. C. Cafiero e M. Bakounine. *Cronaca Sovversiva*, a. V, n. 26, 1907.
- \_\_\_\_\_. Carlo Cafiero. *Cronaca Sovversiva*, a. XII, n. 23, 1914.
- \_\_\_\_\_. Dopo la Rivoluzione. Idee sull'organamento sociale. Traduzione di Andrea Costa. Parma: Tipografia Camerale, 1914.
- \_\_\_\_\_. Il collettivismo dell'Internazionale. *Volontà*, a. XVI, n. 2, p. 95-112, 1963.
- \_\_\_\_\_. Michael Bakunin. A biographical sketch. In: BAKUNIN, Mikhail. Bakunin on Anarchy. Nova Iorque: Vintage Books, 1971.
- \_\_\_\_\_. L'Internazionale: documenti e ricordi (1864-1878). 4 vol. Chieti: CSI Di Sciullo, 2004.
- JACINI, Stefano. Frammenti dell'inchiesta agraria. Roma: Forzani, 1883<sup>2</sup>.

LEHNING, Arthur (org.). Bakunin e gli altri. Ritratti contemporanei di un rivoluzionario.

Milão: Zero In Condotta, 2002.

MALATESTA, Errico. La repubblica dei giovanetti e quella degli uomini con la barba. *La Questione Sociale*, a. I, n. 3, 1884.

\_\_\_\_\_. Massoneria. Un venerabile bugiardo. *La Questione Sociale*, a. I, n. 16, 1884.

\_\_\_\_\_. Fra Contadini. Paterson: *Questione Sociale*, 1898<sup>7</sup>.

\_\_\_\_\_. La nuova Internazionale dei Lavoratori. *La Rivoluzione Sociale*, n. 4, 5 nov 1902.

\_\_\_\_\_. Dove mena il movimento operaio. Ricapitolando. *Volontà*, a. II, n. 9, 1914.

\_\_\_\_\_. Anche questa! A proposito di massoneria. *Umanità Nova*, a. I, 7 ottobre 1920.

\_\_\_\_\_. La Prima Internazionale. A proposito del Cinquantenario del Congresso di Saint-Imier. *Umanità Nova*, a. III, n. 187, 1922.

\_\_\_\_\_. Michele Bakunin. *Pensiero e Volontà*, 1° luglio 1926.

\_\_\_\_\_. Internazionale collettivista e comunismo anarchico. *Pensiero e Volontà*, 25 agosto 1926.

\_\_\_\_\_. Lettera a Max Nettlau, 28/11/1928. International Institute of Social History, Max Nettlau papers, 787.

\_\_\_\_\_. Lettera a Luigi Fabbri, 8/3/1932. International Institute of Social History, Luigi Fabbri papers, 115.

\_\_\_\_\_. Scritti Scelti. Nápoles: Edizioni RL, 1947.

\_\_\_\_\_. Prefazione a NETTLAU, Max. Bakunin e l'Internazionale in Italia dal 1864 al 1872. Roma: Samonà e Savelli, 1970.

\_\_\_\_\_. Scritti scelti a cura di Gino Cerrito. Roma: Savonà e Savelli, 1970.

\_\_\_\_\_. Socialismo y anarquía. Madrid: Editorial Ayuso, 1975.

\_\_\_\_\_. Rivoluzione e lotta quotidiana. Scritti scelti. Milão: Antistato, 1982.

\_\_\_\_\_. Epistolario 1873-1932. Lettere edite ed inedite. Carrara: Centro Studi Sociali Avenza, 1984.

\_\_\_\_\_. Autobiografia mai scritta. Ricordi (1853-1932). Santa Maria Capua Vetere: Edizioni Spartaco, 2003.

- \_\_\_\_\_. Opere Complete a cura di Davide Turcato. "Verso l'anarchia". Malatesta in America 1899-1900. Milão-Ragusa: ZIC-La Fiaccola, 2012.
- \_\_\_\_\_. Opere Complete a cura di Davide Turcato. "Lo sciopero armato". Il lungo esilio londinese 1900-1913. Milão-Ragusa: ZIC-La Fiaccola, 2015.
- MALON, Benoît. La troisième défaite du prolétariat français. Neuchatel: Guillaume, 1871.
- \_\_\_\_\_. L'Internationale: son histoire et ses principes. Paris: Propagande Socialiste, 1872.
- \_\_\_\_\_. Il socialismo. Suo passato, suo presente e suo avvenire. Lodi: La Plebe, 1875.
- MARTELLO, Tullio. Storia della Internazionale dalla sua origine al Congresso dell'Aja. Pádova-Nápoles: Salmin-Marghierì, 1873.
- MARX, Karl. La guerra civile in Francia. Roma: Editori Riuniti, 1950.
- \_\_\_\_\_. Crítica do Programa de Gotha. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARX, Karl/ENGELS, Friedrich. L'Alliance de la Démocratie Socialiste et l'Association Internationale des Travailleurs. Rapport et documents publiés par ordre du Congres Internationale de La Haye. Londres-Hambourg: Darson-Meissner, 1873.
- \_\_\_\_\_. Marxismo e Anarchismo. Roma: Editori Riuniti, 1971.
- \_\_\_\_\_. Critica dell'anarchismo. Turim: Einaudi, 1972.
- \_\_\_\_\_. Sull'Italia. Scritti e lettere. Moscovo: Progress, 1976.
- \_\_\_\_\_. Collected Works, vol. 22. Nova Iorque: International Publishers, 1986.
- \_\_\_\_\_. Collected Works, vol. 44. Nova Iorque: International Publishers, 1989.
- \_\_\_\_\_. Il Manifesto del Partito Comunista. Milão: Flaminio Fantuzzi, 1891.
- \_\_\_\_\_. Il Manifesto del Partito Comunista. Roma: Editori Riuniti, 1991.
- MARX-ENGELS-LENIN INSTITUTE (org.). Founding of the First International (September-November 1864). Moscow: Co-operative Publishing Society of Foreign Workers in the U.S.S.R., 1935.
- MASINI, Pier Carlo (org.). La Federazione Italiana della Associazione Internazionale dei Lavoratori. Atti Ufficiali 1871-1880. Milão: Edizioni Avanti!, 1964.



- \_\_\_\_\_. La Prima Internazionale nelle carte dei fratelli Ceretti. *Movimento Operaio e Socialista*, a. XI, n. 1-2, 1965.
- \_\_\_\_\_. Lettere inedite di anarchici e socialisti a Andrea Costa (1880). *Movimento Operaio e Socialista*, a. XIII, n. 1, 1967.
- \_\_\_\_\_ (org.). Epistolario inedito dell'Internazionale. Le carte della Commissione di Corrispondenza dall'Archivio della Federazione Internazionale dei Lavoratori (1872-1874). Milão: Zero In Condotta, 2013.
- MAZZINI, Giuseppe. Mazzini e l'Internazionale. Roma: Roma del Popolo, 1871.
- \_\_\_\_\_. Scritti di Giuseppe Mazzini. Politica ed economia, vol. 2. Milão: Sonzogno, 1939.
- MERLI, Stefano (org.). Autodifese di militanti operai e democratici italiani davanti ai tribunali. Roma: Avanti, 1958.
- MORATO, Juan José. Enrique Malatesta. *La Libertad*, a. XIV, n. 3870, 14/8/1932.
- PISACANE, Carlo. Saggi storici-politici-militari sull'Italia. 4 vol. Gênova-Milão: Stabilimento Tipografico Nazionale-Tipografia Pietro Agnelli, 1858-60.
- \_\_\_\_\_. Testamento politico. Ancona: Tipografia Sociale, 1880.
- \_\_\_\_\_. Saggio sulla Rivoluzione, con prefazione di Napoleone Colajanni. Bolonha: Libreria Treves, 1894.
- \_\_\_\_\_. Guerra combattuta in Italia negli anni 1848-49. Roma-Milão: Società Editrice Dante Alighieri, 1906<sup>2</sup>.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. La Fédération et l'Unité en Italie. Paris: Dentu, 1862.
- \_\_\_\_\_. Do princípio federativo. São Paulo: Nu Sol – Imaginário, 2001.
- ROMANO, Aldo. Storia del movimento socialista in Italia. 3 vol. Milão-Roma: Fratelli Bocca Editori, 1954.
- SCARLATTI, Giuseppe. L'Internazionale dei lavoratori e l'agitatore Carlo Cafiero. Firenze: Cenni, 1909.
- SCHIRALLI, Guglielmo. Note su Carlo Cafiero e altri scritti. Bari: Edipuglia, 1979.
- SCHWITZGUÉBEL, Adhémar. Quelques Écrits. Paris: Stock éditeur, 1908.
- STEFANONI, Luigi. Prefazione a BÜCHNER, Luigi. Forza e Materia. Milão: Brigola Editore, 1870.
- TORRICO, Ermanno. "Caro Andrea Costa, ...". Alla periferia del socialismo rivoluzionario. Lettere dalle Marche 1873/1909. Urbino: Argalia Editore, 1983.

- VERACINI, Marisa Barbara. Carlo Cafiero e i liberi pensatori. *Critica Marxista*, a. 10, n. 1, 1972.
- VILLETARD, Edmond. Histoire de l'Internationale. Paris: Garnier, 1872.
- VILLARI, Pasquale. Le lettere meridionali ed altri scritti sulla questione sociale italiana. Firenze: Le Monnier, 1878.
- VILLARI, Rosario. Il sud nella storia d'Italia: antologia della questione meridionale Bari: Laterza, 1961.
- ZANARDELLI, Tito. Discorso pronunciato al Secondo Congresso Regionale Italiano dell'Associazione Internazionale dei Lavoratori. Nápoles: s. n., 1873.
- ZANGHERI, Renato. Carte Malatesta nell'Archivio di Stato di Bologna. *Movimento Operaio*, a. I-II, n. 3-4, 1949-1950.

## II.

- AA. VV. Andrea Costa: episodi e ricordi della vita di un rivoluzionario. Milão: Antonio Sassu editore, 1910.
- AA. VV. Anarchici e anarchia nel mondo contemporaneo. Atti del convegno promosso dalla Fondazione Luigi Einaudi (Turim, 5, 6 e 7 dicembre 1969). Turim: Fondazione Luigi Einaudi, 1971.
- AA. VV. La rivolta anti-autoritaria. Numero speciale per il centenario della Conferenza di Rimini (4-6 agosto 1872). *Volontà*, a. XXV, n. 5, 1972.
- AA. VV. Bakunin e la Prima Internazionale in Emilia. Mostra documentaria. Reggio Emilia: Comune di Reggio Emilia, 1977.
- AA. VV. Bakunin cent'anni dopo. Atti del convegno internazionale di studi bakuniniani. Milão: Edizioni Antistato, 1977.
- AA. VV. Ravenna 1882: il socialismo in Parlamento. Ravenna: Angelo Longo Editore, 1985.
- AA. VV. Errico Malatesta. A centocinquant'anni dalla nascita. Atti del Convegno anarchico – Napoli, 5-6-7 dicembre 2003. Ragusa: Edizioni La Fiaccola, 2007.
- Anônimo. Apostolato di Andrea Costa. Roma: Propaganda – Società Editrice Socialista, 1910<sup>2</sup>.
- Anônimo. Andrea Costa: vita aneddotica del più popolare dei socialisti. Roma: Carra & C, post-1910?

- ALONGI, Salvatore. Fascicolo in A8. Le carte di Pubblica sicurezza nell'Archivio di Stato di Bologna. *Percorsi Storici*, a. I, n. 0, 2011. Disponibile in:  
<http://www.percorsistorici.it/component/content/article/10-numeri-rivista/numero-0/22-salvatore-alongi-fascicolo-in-a8-le-carte-di-pubblica-sicurezza-nellarchivio-di-stato-di-bologna> (accesso em 15/11/2016).
- ALTOBELLI, Demos. Michele Bakounine a Bologna. *Il Viandante*, a. II, n. 7, 1910.
- ANGAUT, Jean-Christophe. Le conflict Marx-Bakounine dans l'Internationale: une confrontation des pratiques politiques. *Actuel Marx*, n. 41, p. 112-129, 2007.
- ANGELINI, Giovanna. Giovanni Bovio e i socialisti. *Il Politico*, vol. 44, n. 4, 1979.
- \_\_\_\_\_. Il socialismo del lavoro. Osvaldo Gnocchi-Viani fra mazzinianesimo e istanze libertarie. Milão: FrancoAngeli, 1986.
- \_\_\_\_\_. La cometa rossa. Internazionalismo e Quarto Stato. Enrico Bignami e "La Plebe" (1868-1875). Milão: FrancoAngeli, 1994.
- \_\_\_\_\_. Gnocchi-Viani e "La Plebe". *Il Politico*, vol. 60, n. 4, 1995.
- \_\_\_\_\_. L'altro socialismo. L'eredità democratico-risorgimentale da Bignami a Rosselli. Milão: FrancoAngeli, 1999.
- ANGIOLINI, Alfredo. Cinquant'anni di Socialismo in Italia. Firenze: Nerbini Editore, 1900.
- ANTONIOLI, Maurizio/MASINI, Pier Carlo. Il sol dell'avvenire. L'anarchismo in Italia dalle origini alla Prima Guerra Mondiale. Pisa: BFS, 1999.
- \_\_\_\_\_. Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento. Pisa: BFS, 2007.
- ARCANGELI, Stefano. Malatesta e il comunismo anarchico italiano. Roma: Jaca Book, 1972.
- ARFÈ, Gaetano. Storia del socialismo italiano (1892-1926), 2 vol. Turim: Einaudi, 1963.
- ARIOTI, Elisabetta. Controllo di polizia e repressione giudiziaria del dissenso tra Otto e Novecento attraverso le carte dell'Archivio di Stato di Bologna: i risultati di alcuni primi sondaggi. *Percorsi Storici*, a. I, n. 0, 2010. Disponibile in:  
<http://www.percorsistorici.it/numeri/10-numeri-rivista/numero-0/14-elisabetta-arioti-controllo-di-polizia.html> (accesso em 15/1/2016).
- ARRU, Angiolina. Classe e partito nella prima Internazionale. Bari: De Donato, 1972.
- BACCHINI, Furio. Un laico dell'Ottocento: Andrea Costa. Libero Muratore, Libero Pensatore, Socialista Libertario. Ímola: La Mandragora, 2001.
- BADALONI, Nicola. Le prime vicende del socialismo a Pisa (1873-1883). *Movimento*

*Operaio*, a. 7, n. 6, 1955.

BALSAMINI, Luigi/SORA, Federico. Periodici e numeri unici del movimento anarchico in provincia di Pesaro e Urbino. Dall'Internazionale al fascismo (1873-1922). Fano: Edizioni dell'Archivio-Biblioteca Enrico Travaglini, 2014.

BASSO, Lelio. Carlo Pisacane nel Risorgimento italiano. *Il Movimento Letterario*, a. II, 1932.  
\_\_\_\_\_. Socialismo e rivoluzione. Milão: Feltrinelli, 1980.

BASSI ANGELINI, Claudia. Amore e anarchia. Francesco Pezzi e Luisa Minguzzi, due ravennati nella seconda metà dell'Ottocento. Ravenna: Longo, 2004.

BAVAJ, Riccardo. Intellectual History. Docupedia-Zeitgeschichte, 13.9.2010. Em: [http://docupedia.de/zg/Intellectual\\_History](http://docupedia.de/zg/Intellectual_History) (Acesso em: 18/9/2014).

BECKER, Heiner. Malatesta et l'internationalisme. *Itineraire. Une vie, une pensée*, n. 5-6, 1989.

BERNERI, Camillo. Il liberismo nell'Internazionale. *La Rivoluzione Liberale*, a. II, n. 11, 1923.

\_\_\_\_\_. Il federalismo libertario. Ragusa: La Fiaccola, 1992.

BERNIERI, Antonio. Prefazione a ENGELS, Friedrich. L'Internazionale e gli anarchici. Roma: Editori Riuniti, 1969.

BERSELLI, Aldo (org.). Andrea Costa nella storia del socialismo italiano. Bolonha: Il Mulino, 1982.

BERTI, Giampietro. L'anarchisme dans l'histoire mais contre l'histoire. *Vrousch – Serie Dissidence*, n. 17, 1976.

\_\_\_\_\_. Francesco Saverio Merlino: dall'anarchismo socialista al socialismo liberale (1856-1930). Milão: Angeli, 1993.

\_\_\_\_\_. Un'idea esagerata di libertà. Introduzione al pensiero anarchico. Milão: Elèuthera, 1994.

\_\_\_\_\_. Il pensiero anarchico dal Settecento al Novecento. 4 vol. Manduria-Bari-Roma: Piero Lacaita Editore, 1998.

\_\_\_\_\_. Errico Malatesta e il movimento anarchico italiano e internazionale (1872-1932). Milão: Angeli, 2003.

\_\_\_\_\_. La sovversione anarchica in Italia e la risposta giudiziaria dello Stato (1874-1900). *Quaderni fiorentini per la storia del pensiero giuridico moderno*, vol. 38, 2009.

- BERTI, Giuseppe. La dottrina pisacanianiana della rivoluzione sociale. *Studi Storici*, a. 1, n. 1, 1959.
- \_\_\_\_\_. Gli inizi del socialismo parmense-piacentino (1870-1875). *Rassegna Storica del Risorgimento*, a. LI, fas. 3, p. 369-406, 1964.
- BERTOLINI, Francesco. Storia del Risorgimento italiano 1814-1870. Milão: Hoepli, 1898.
- BESANCENOT, Olivier/LÖWY, Michael. Affinités révolutionnaires. Paris: Mille et une nuits, 2014.
- BETTINI, Leonardo. Bibliografia dell'Anarchismo, 2 vol. Firenze: Crescita Politica, 1972.
- BINAGHI, Maurizio. Addio, Lugano bella. Gli esuli politici nella Svizzera italiana di fine Ottocento (1866-1895). Locarno: Armando Dadò Editore, 2002.
- \_\_\_\_\_. Ticino, un crocevia dell'anarchismo internazionale. In: SOLDINI, Simone (org.). Addio Lugano bella: anarchia tra storia e arte: da Bakunin al Monte Verità da Courbet ai dada. Mendrisio: Museo d'Arte, 2015.
- BIONDI, Luigi. Desenraizados e integrados. Classe, etnicidade e nação na atuação dos socialistas italianos em São Paulo (1890-1930). *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, n. 7, 2007.
- BISTONI, Ugo/GAGLIARDONI, Franco. Il pensiero e l'azione di Errico Malatesta. Perugia: Edizioni Guerra, 1987.
- BORGHI, Armando. Errico Malatesta in 60 anni di lotte anarchiche: storia, critica, ricordi. Paris: Tipografia Sociale, 1933.
- BOSIO, Gianni. I canti della Prima Internazionale in Italia. Prime ricerche e chiarimenti sulle fonti scritte. *Movimento Operaio e Socialista*, a. XI, n. 1-2, 1965.
- \_\_\_\_\_. I conti con i fatti. Saggi su Carlo Cafiero, Luigi Musini e l'occupazione delle fabbriche. Roma: Odradek, 2002.
- BRAVO, Gian Mario. Bakunin e il dibattito nella Prima Internazionale. *Studi Storici*, a. 7, n. 4, 1966.
- \_\_\_\_\_. Correnti politiche e divisioni nazionali nella Prima Internazionale. *Studi Storici*, a. 10, n. 3, 1969.
- \_\_\_\_\_. Prefazione a MARX, Karl/ENGELS, Friedrich. Marxismo e Anarchismo. Roma: Editori Riunti, 1971.
- \_\_\_\_\_. Riflessioni sul primo marxismo italiano. *Studi Storici*, a. 38, n. 3, 1997.

- BRIGUGLIO, Letterio. Gli internazionalisti di Monselice e di Padova. *Movimento Operaio*, a. 7, n. 5, 1955.
- \_\_\_\_\_. Benoit Malon e le origini del socialismo in Italia. *Rassegna storica del Risorgimento*, f. 4, 1978.
- \_\_\_\_\_. Garibaldi e il socialismo. Milão: SugarCo, 1982.
- BROGGINI, Romano. Nuovi esuli nel Ticino. *Rivista Scuola Ticinese*, a. XI, serie III, 1982.
- BRUHAT, Jean/DAUTRY, Jean/TERSEN, Emile (org.), La Comune del 1871. Roma: Editori Riuniti, 1971.
- BRUNELLO, Piero. Storie di anarchici e di spie: polizia e politica nell'Italia liberale. Roma: Donzelli, 2009.
- BUCCELLATO, Pier Fausto/IACCIO, Marina. Gli anarchici nell'Italia meridionale. La stampa (1869-1893). Roma: Bulzoni, 1982.
- BULFERETTI, Luigi. Le origini dell'interpretazione classistica del Risorgimento. *Rassegna Storica del Risorgimento*, a. XXXVIII, n. 1, 1951.
- \_\_\_\_\_. Le ideologie socialistiche in Italia nell'età del positivismo evolucionistico (1870-1892). Firenze: Le Monnier, 1951.
- CACCIATORE, Giuseppe. Socialismo e questione sociale in Carlo Pisacane. In: MONTALI, Edmondo (org.). Cattaneo e Pisacane. Gli eroi dimenticati. Roma: Ediesse Edizioni, 2012.
- CAHM, Caroline. Kropotkin and the rise of revolutionary anarchism 1872-1886. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- CANDIDO, Antonio. Teresina etc. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CANTINI, Claude. La presse de gauche italienne en Suisse. *Cahiers d'Histoire du Mouvement Ouvrier*, a. 17, n. 17, 2001.
- CAROCCI, Giampiero. Il Parlamento nella storia d'Italia. Antologia storica della classe politica. Roma: Laterza, 1964.
- CARR, Edward Hallet. Michael Bakunin. Nova Iorque: Vintage Books, 1932.
- CASSANDRO, Michele. Carlo Cafiero. Nel primo centenario della sua nascita. Barletta: Dellisanti, 1946.
- CASTRONOVO, Valerio. Storia economica d'Italia. Turim: Einaudi, 2006.
- CAVALIERE, Patrick Anthony. Alla sbarra. Delitto politico e associazione a delinquere in Italia alla fine dell'Ottocento. *Zapruder – StorieInMovimento*, n. 20, 2009.
- CAVAZZANI SENTIERI, Aida. Garibaldi e l'insurrezione dell'Erzegovina (da scritti inediti).

- Fert*, vol. IV, n. 2-3, 1932.
- CELLAMARE, D./PINTO, C. Emilio Covelli. *Cronaca Sovversiva*, 20 luglio 1907.
- CERRITO, Gino. Saverio Friscia nel primo periodo di attività dell'Internazionale in Sicilia. *Movimento Operaio*, a. 5, n. 3, 1953.
- \_\_\_\_\_. Andrea Costa nel socialismo italiano. Roma: La Goliardica, 1982.
- CHABOD, Federico. Storia della politica estera italiana 1870-1896. Roma-Bari: Laterza, 1971.
- CIVOLANI, Eva. La Prima Internazionale e la Spagna. *Movimento Operaio e Socialista*, a. XX, n. 2-3, 1974.
- \_\_\_\_\_. Il pensiero politico di Benoît Malon all'epoca della sua collaborazione a "La Plebe". *Annali della Fondazione Luigi Einaudi*, vol. XVI, 1982.
- COLE, George Douglas Howard. Storia del pensiero socialista. Vol. II: Marxismo e Anarchismo 1850-1890. Bari: Laterza. 1968.
- CONTI, Elio. Le origini del socialismo a Firenze (1860-1880). Roma: Rinascita, 1950.
- CRISSETTI GRIMALDI, Leonarda. Carmelo Palladino. Un socialista che visse e morì per la causa dei poveri immiseriti dalle caste. *Il Gargano Nuovo*, a. XXXVII, n. 1, 2010.
- \_\_\_\_\_. Non più caste. Carmelo Palladino e la Prima Internazionale. Milão: Franco Angeli, 2015.
- CROCE, Benedetto. Storia d'Italia dal 1871 al 1915. Bari: Laterza, 1928.
- CUTLER, Robert. Bakunin's Anti-Jacobinism: 'Secret Societies' For Self-Emancipating Collectivist Social Revolution. *Anarchist Studies* 22.2, 2014.
- DADÀ, Adriana. L'anarchismo in Italia: fra movimento e partito. Storia e documenti dell'anarchismo italiano. Milão: Teti Editore, 1984.
- DAL PANE, Luigi. In memoria di Carlo Cafiero nel primo centenario della nascita. Ravenna: STER, 1946.
- DAMIANI, Franco. Carlo Cafiero nella storia del primo socialismo italiano. Roma: Jaca Book, 1974.
- \_\_\_\_\_. Bakunin nell'Italia post-unitaria 1864-1867. Milão: Jaca Book, 1977.
- DE FAZIO, Debora. "Il sole dell'avvenire". Lingua, lessico e testualità del primo socialismo italiano. Galatina: Mario Congedo Editore, 2008.
- DE JACO, Aldo. Gli anarchici. Cronaca inedita dell'Unità d'Italia. Roma: Editori Riuniti, 1971.

- DE MARIA, Carlo. Generazioni, biografie e luoghi della Prima Internazionale in Italia (1864-1883). In: DE MARIA, Carlo (org.), Sulla storia del socialismo, oggi, in Italia. Ricerche in corso e riflessioni storiografiche. Bolonha: Bradypus, 2015.
- DE MARTINO, Giulio/SIMEOLI, Vincenza. La polveriera d'Italia. Le origini del socialismo anarchico nel Regno di Napoli (1799-1877). Nápoles: Liguori, 2004.
- DEGL'INNOCENTI, Maurizio. Geografia e istituzioni del socialismo italiano 1892-1914. Nápoles: Guida, 1983.
- DELLA PERUTA, Franco. L'Internazionale a Roma dal 1872 al 1877. *Movimento Operaio*, a. 4, p. 5-34, 1952.
- \_\_\_\_\_. La Banda del Matese e il fallimento della teoria anarchica della moderna "Jacquerie" in Italia. *Movimento Operaio*, a. 6, n. 3, 1954.
- \_\_\_\_\_. Democrazia e socialismo nel Risorgimento. Roma, Editori Riuniti, 1965.
- \_\_\_\_\_. Garibaldi tra mito e politica. *Studi Storici*, a. 23, n. 1, 1982.
- \_\_\_\_\_. Società e classi popolari nell'Italia dell'800. Palermo: EPOS, 1985.
- DE VINCENTIS, Emma. Il napoletano alla vigilia dell'annessione nel 1860. *Rassegna Storica del Risorgimento*, a. XIII, fas. 3-4, 1926.
- DI BIASIO, Aldo. La questione meridionale in Terra di Lavoro: 1800-1900. Nápoles: Edi-Sud, 1976.
- DI CORATO TARCHETTI, Susanna. Anarchici, governo, magistrati in Italia 1876-1892. Roma: Carocci, 2009.
- DILEMMI, Andrea. «Si iscriva, assicurando». Polizia e sorveglianza del dissenso politico (Verona, 1894-1963). Tesi di dottorato in Scienze Storiche e Antropologiche, Università degli Studi di Verona, 2010.
- D'ORSI, Angelo. L'Italia delle idee: il pensiero politico in un secolo e mezzo di storia. Milão: Bruno Mondadori, 2011.
- \_\_\_\_\_. Introduzione a GRAMSCI, Antonio. Scritti dalla libertà (1910-1926). Roma: Editori Riuniti, 2012.
- DRAKE, Richard. Carlo Cafiero: prophet of anarchist communism. In: Apostles and agitators: Italy's marxist revolutionary tradition. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- EMILIANI, Vittorio. Gli anarchici: vite di Cafiero, Costa, Malatesta, Cipriani, Gori, Berneri,



- Borghi. Milão: Bompiani, 1973.
- ESENWEIN, George Richard. *Anarchist Ideology and the Working-Class Movement in Spain, 1868-1898*. Berkeley-Los Angeles-Oxford: University of California Press, 1989.
- FABBRI, Luigi. *Carlo Pisacane: la vita, le opere, l'azione rivoluzionaria*. Roma-Firenze: Serantoni Editore, 1904.
- \_\_\_\_\_. Per una raccolta degli scritti di E. Malatesta. *Studi Sociali*, a. 3, n. 21, 1932.
- \_\_\_\_\_. El pensamiento de Malatesta. Barcelona: Guilda de Amigos del Libro, 1935.
- \_\_\_\_\_. La Vida de Malatesta. Barcelona: Guilda de Amigos del Libro, 1939.
- \_\_\_\_\_. Malatesta. L'uomo e il pensiero. Nápoles: Edizioni RL, 1951.
- FAENZA, Liliano (org.). *Anarchismo e socialismo in Italia (1872-1892)*. Roma: Editori Riuniti, 1973.
- FAVILLI, Paolo. *Storia del marxismo italiano: dalle origini alla Grande Guerra*. Milão: FrancoAngeli, 1996.
- FEDELI, Ugo. Agli albori della Prima Internazionale. *Volontà*, a. XVII, n. 2, p. 68-86, 1964.
- \_\_\_\_\_. Le origini del movimento anarchico in Italia: dal congresso di Rimini a quello di Saint-Imier. *Volontà*, a. XVII, n. 4, 1964.
- FELICI, Isabelle. *Les Italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil, 1890-1920*. Tese (Doutorado) – Université de la Sorbonne Nouvelle-Paris III, 1994.
- FERRARI, Aldo. Destra e Sinistra (1871-1881). *Rassegna Storica del Risorgimento*, a. 13, fasc. 2-3, 1926.
- FERRETTI, Federico. La Comuna de París y los orígenes del pensamiento anarquista: la experiencia de los hermanos Reclus. *Germinal*, n. 8, p. 3-41, 2009.
- FLEMING, Marie. *The anarchist way to socialism*. Londres: Croom Helm, 1979.
- FONTEROSSİ, Giuseppe. *Garibaldi e l'Internazionale*. Roma: Grafia, 1933.
- FORLANI, Luciano. *Andrea Costa e la Comune di Parigi*. Bolonha: Graficoop, 1977.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir. Nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999<sup>27</sup>.
- FRANCIA, Giacinto. Emilio Covelli. *Cronaca Sovversiva*, 5 settembre 1908.
- FRANZINELLI, Mimmo. Sull'utilizzo (critico) delle fonti di polizia. *Percorsi Storici*, a. I, n. 0, 2010. Disponível in:  
<http://www.percorsistorici.it/numeri/10-numeri-rivista/numero-0/20-franzinelli.html> (acesso em 15/11/2016).
- FRIZ, Luigi Paolo. Michele Bakunin e la massoneria italiana. *Rassegna Storica del*

- Risorgimento*, a. LXXVI, fasc. 1, 1989.
- FUNGHI, Ugo. La tutela del dissenso: libertà e autorità nella storia costituzionale italiana. Tesi di dottorato in Diritto Costituzionale, Università degli Studi di Padova, 2010.
- FURIOZZI, Gian Biagio. Il modello inglese nel primo socialismo italiano. *Rassegna Storica del Risorgimento*, a. LXXXVII, n. 2, 2000.
- G. S. Carlo Cafiero ed Emilio Covelli. *Imbriani. Organo della democrazia sociale pugliese*, a. III, n. 19-20, 1894.
- GALASSI, Nazario. Vita di Andrea Costa. Milão: Feltrinelli, 1989.
- GALASSO, Giuseppe. Mezzogiorno medievale e moderno. Turim: Einaudi, 1965.
- GALLI, Giorgio. Storia del socialismo italiano: da Turati a Craxi. Bari: Laterza, 1980.
- GENOVESI, Antonio. La questione meridionale. Firenze: D'Anna, 1973.
- GIANNI, Emilio. Diffusione, popolarizzazione e volgarizzazione del marxismo in Italia. Scritti di Marx ed Engels pubblicati in italiano dal 1848 al 1926. Milão: Pantarei, 2004.
- \_\_\_\_\_. L'Internazionale italiana fra libertari ed evoluzionisti. Milão: Pantarei, 2008.
- GIORGETTI, Giorgio. Contadini e proprietari nell'Italia moderna. Rapporti di produzione e contratti agrari dal secolo XVI a oggi. Turim: Einaudi, 1974.
- GOLFIERI, Enrico. L'Internazionale, la Comune e il pensiero di Giuseppe Mazzini. Faenza: La Giovane Romagna, 1911.
- GRAHAM, Robert. Anarchism. A Documentary History of Libertarian Ideas. Vol. I: From Anarchy to Anarchism (300 CE to 1939). Montreal-Nova Iorque-Londres: Black Rose Books, 2005.
- \_\_\_\_\_. We Do Not Fear Anarchy, We Invoke It: The First International and the Origins of the Anarchist Movement. Oakland-Edinburgh-Baltimore: AK Press, 2015.
- GRAMSCI, Antonio. Il Risorgimento. Roma: Editori Riuniti, 1959.
- \_\_\_\_\_. La questione meridionale. Roma: Editori Riuniti, 1966.
- \_\_\_\_\_. Quaderni del carcere, 4 vol. Turim: Einaudi, 1975.
- GUERIN, Daniel. L'anarchismo dalla dottrina all'azione. Roma: Samonà e Savelli, 1969.
- \_\_\_\_\_. Anarchism & Marxism. Orkney: Cienfuegos Press, 1981.
- \_\_\_\_\_. No Gods, No Masters: an anthology of anarchism. Oakland-Edinburgh-Londres: AK Press, 2005.
- GUERRINI, Martina. Le cospiratrici. Rivoluzionarie russe di fine Ottocento. Lettere e

- memorie di Olimpia Kutuzova Cafiero. Pisa: BFS, 2016.
- HAVEL, Hippolyte. Bakunin. Nova Iorque: Centenary Commemoration Committee, 1914.
- HOBSEBORN, Eric. The Age of Capital 1848-1875. Londres: Abacus, 1977.
- \_\_\_\_\_. História do Marxismo. Vol. I: O marxismo no tempo de Marx. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- \_\_\_\_\_. Marxismo e historia social. Puebla: Universidad Autonoma de Puebla, 1983.
- ISNENGHI, Mario e LEVIS SULLAM, Simon (org.). Le Tre Italie: dalla presa di Roma alla Settimana Rossa (1870-1914). Turim: Utet, 2009.
- KELSO, R. Maxwell. The inception of the Modern Franch Labour Movement (1871-1879): A Reappraisal. *The Journal of Modern History*, vol. 8, n. 2, 1936.
- KLOOSTERMAN, Jaap. Les papiers de Michel Bakounine à Amsterdam. IISH, pdf, 2004. In: <http://www.iisg.nl/archives/docs/bakarch.pdf> (acesso em 26/09/2016).
- LACAPRA, Dominick. Rethinking Intellectual history and reading texts. *History and Theory*, vol. 19, n. 3 (Oct., 1980), p. 245-276.
- \_\_\_\_\_. /KAPLAN, Steven (org.). Modern European Intellectual History. Reappraisals and new perspectives. Londres: Cornell University Press, 1982.
- LEHNING, Arthur. Michel Bakounine: theorie et pratique du fédéralisme anti-étatique en 1870-71. *International Review of Social History*, a. 17, n. 1-2, 1972.
- \_\_\_\_\_. Bakunin's Conceptions of Revolutionary Organisations and Their Role: A Study of His 'Secret Societies'. In: ABRAMSKY, Chimen (org.). Essays in honour of E. H. Carr. Londres: MacMillan, 1974.
- LEVY, Carl. Charisma and social movements: Errico Malatesta and Italian anarchism. *Modern Italy*, a. 3, n. 2, 1998.
- LIDA, Clara. Ripercussioni della “Comune” in Spagna. Il “cantonalismo” durante la Prima Repubblica. *Rivista Storica Italiana*, a. LXXXV, n. 4, 1973.
- LIPPARINI, Lilla. Cronologia della vita di A. Costa. *Movimento Operaio*, a. 4, n. 2, 1952.
- \_\_\_\_\_. Andrea Costa, rivoluzionario. Milão: Longanesi, 1977.
- LISSAGARAY, Prosper Olivier. Storia della Comune. Roma: Editori Riuniti, 1962.
- LI VOLSI, Rocco. Giuseppe Mazzini e le ideologie dell'Ottocento. In: AA. VV. Giuseppe Mazzini a duecento anni dalla nascita. Atti del convegno di studi – Treviso 15-16 aprile 2005. Treviso: Istituto per la Storia del Risorgimento Italiano – Comitato di Treviso, 2005.

- LIVORSI, Franco. Il socialismo italiano: da Filippo Turati a Pietro Nenni 1892-1972. Turim: Paravia, 1981.
- LOCCHI, Claudia. Il socialismo come sovversivismo nella Bologna di epoca liberale. Un'analisi dei fascicoli dello schedario politico della Questura. *Percorsi Storici*, a. I, n. 0, 2010. Disponibile in:  
<http://www.percorsistorici.it/numeri/10-numeri-rivista/numero-0/26-claudia-locchi-il-socialismo-come-sovversivismo-nella-bologna-di-epoca-liberale-unanalisi-dei-fascicoli-dello-schedario-politico-della-questura.html> (accesso em 15/11/2016).
- LUCARELLI, Antonio. Carlo Cafiero: saggi di una storia documentata del socialismo. Trani: De Vecchi, 1947.
- \_\_\_\_\_. Guglielmo Baldari: nuovo contributo alla storia della Prima Internazionale. *Umanità Nova*, a. XXVIII, n. 10, 1948.
- \_\_\_\_\_. Carmelo Palladino: nuovo contributo alla storia della Prima Internazionale. *Umanità Nova*, a. XXIX, nn. 36-39, 1949.
- \_\_\_\_\_. Gli albori del Socialismo nel Meridione secondo i documenti dell'Archivio Provinciale di Trani. *Movimento Operaio*, n. 17-18, 1951.
- \_\_\_\_\_. Giuseppe Fanelli nella storia del Risorgimento e del socialismo italiano. Documenti e notizie. Trani: Vecchi, 1953.
- LUZZATO, Gino. L'economia italiana dal 1861 al 1894. Turim: Einaudi, 1968.
- MACINA, Raffaele. Alle origini del movimento operaio in Italia meridionale: Stefano Caporusso, seguace “fedele” di Bakunin. *Nuovi Orientamenti*, n. 160 (supp.), 2015.
- MAFFEI, Gian Carlo. Errico Malatesta in Ticino. *Bollettino Storico della Svizzera Italiana*, vol. LXXXII, fasc. 1, 1970.
- MALATO, Charles. A Barletta. *L'Aurore*, a. VII, 17 fevrier 1903.
- MANACORDA Gastone. Il movimento operaio italiano: dalle origini alla formazione del Partito socialista (1853-1892). Roma: Editori Riuniti, 1963.
- \_\_\_\_\_. Rivoluzione borghese e socialismo. Roma: Editori Riuniti, 1975.
- MANZOTTI, Fernando. La rivolta del macinato (1869). *Rassegna Storica del Risorgimento*, Vol. 43, Fasc. 1, p. 59-86, 1956.
- MARABINI, Anselmo. Prime lotte socialiste. Lontani ricordi di un militante. Ímola: Galeati, 1968.
- MARINI, Gualtiero. “Interrogato opportunamente, risponde”: gli interrogatori in carcere agli internazionalisti italiani (1871-1873). *Historia Magistra*, a. VIII, n. 21, 2016.

- MAROTTA, Alfonso. Errico Malatesta: un anarchico di Terra di Lavoro. *Rassegna Storica dei Comuni*, a. VIII, n. 11-12, 1982.
- MARSHALL, Peter. Demanding the impossible. A History of anarchism. Londres-Nova Iorque-Toronto-Sydney: Harper Collins Publishers, 1992.
- MASERATI, Ennio. Gli anarchici a Trieste durante il dominio asburgico. Milão: Giuffrè, 1977.
- MASINI, Pier Carlo. Pisacane e Cafiero. *Il Libertario*, a. II, n. 47, 1946.
- \_\_\_\_\_. Per il centenario della nascita di C. Cafiero. Note sparse. *Il Libertario*, a. II, nn. 50, 51, 52, 53, 1946.
- \_\_\_\_\_. Echi della morte di Bakunin in Italia. *Movimento Operaio*, a. V, n. 5-6, 1953.
- \_\_\_\_\_. Andrea Costa scriveva ad Aniuska consigliandole Giusti e Machiavelli. *Avanti!*, 28/6/1961.
- \_\_\_\_\_. Nuovi documenti della “banda del Matese”. *Volontà*, a. XVII, n. 3, 1964.
- \_\_\_\_\_. Engels e Cafiero (1871-'72). *Tempo Presente*, a. 10, n. 4, 1965, p. 6-25.
- \_\_\_\_\_. I canti della Prima Internazionale in Italia. Altre aggiunte alle prime ricerche di Gianni Bosio. *Movimento Operaio e Socialista*, a. XV, n. 3, 1969.
- \_\_\_\_\_. Andrea Costa e Lorenzo Piccioli Poggiali. *Movimento Operaio e Socialista*, n. 1, a. XV, 1969.
- \_\_\_\_\_. Storia degli anarchici italiani (1862-1892). Milão: Rizzoli, 1969.
- \_\_\_\_\_. Cafiero. Milão: Rizzoli, 1974.
- \_\_\_\_\_. (org.). I leaders del movimento anarchico. Bergamo: Minerva Italica, 1980.
- \_\_\_\_\_. Gli internazionalisti. La Banda del Matese (1876-1878). Roma: Franco Di Sabantonio edizioni, 2009.
- \_\_\_\_\_. Cafiero. Pisa: BFS, 2014.
- MASULLI, Marco. Internazionalismo, transnazionalismo e transnational-turn: il rinnovo delle riflessioni e degli studi sulla Sinistra dalla metà dell'Ottocento a oggi. *Giornale di Storia Contemporanea*, a. XVII, n. 1-2, 2014.
- MAZZA, Massimo. Il travagliato Risorgimento nel Mezzogiorno. *La Capitanata, rivista semestrale della Biblioteca provinciale di Foggia*, n. 26, 2011.

- MCLAUGHLIN, Paul. Mikhail Bakunin: The philosophical basis of his anarchism. Nova Iorque: Algora, 2002.
- MEHRING, Franz. Vita di Marx. Roma: Editori Riuniti, 1966.
- MERCURIO, Franco. Gli anni del passaggio dal ribellismo popolare alla lotta di classe in Capitanata (1873-1898). *La Capitanata. Rassegna di vita e di studi della Provincia di Foggia*, a. XVII, n. 1, 1980.
- MERIGGI, Maria Grazia. La Comune di Parigi e il movimento rivoluzionario e socialista in Italia (1871-1885). Milão: La Pietra, 1980.
- MERKER, Nicolao. Karl Marx. Vita e opere. Roma-Bari: Laterza, 2010.
- MERLI, Stefano. La democrazia "radicale" in Italia (1866-1898). *Movimento operaio*, n.1, a. VII, 1955, p. 31-64.
- \_\_\_\_\_. Proletariato di fabbrica e capitalismo industriale. Firenze: La Nuova Italia, 1972.
- MERLINO, Francesco Saverio. Andrea Costa. *Il Divenire Sociale*, gennaio 1910.
- MICHEL, Luisa. La Comune. Milão: Casa Editrice Sociale, 1922<sup>2</sup>.
- MICHELINI, Arianna. La classe dirigente liberale e lo sciopero: la Relazione della commissione parlamentari sugli scioperi del 1878. Università degli Studi di Firenze: Tesi in Storia del movimento sindacale, a.a. 2002-2003.
- MICHELS, Roberto. Proletariato e borghesia nel movimento socialista italiano. Turim: Fratelli Bocca, 1908.
- \_\_\_\_\_. Storia critica del movimento socialista italiano. Firenze: La Voce, 1926.
- MITA, Paola (org.). Carte e libri di Andrea Costa. Ímola: La Mandragora, 2010.
- MOLINARI, Augusta/SINIGAGLIA, Roberto. S. M. Stepanjak Kravčinskij: un rivoluzionario russo tra populismo e terrorismo. Scandicci: La Nuova Italia, 1981.
- MONDOLFO, Rodolfo. I primordi del movimento operaio in Italia fino al 1872 e il conflitto tra Mazzini e Bakunine. Milão-Gênova-Roma-Nápoles: Dante Alighieri, 1930.
- \_\_\_\_\_. Mazzini e Marx. In: *Sulle orme di Marx*. Bolonha: Cappelli, 1948.
- MONTI, Aldino. I braccianti. Bolonha: Il Mulino, 1998.
- MONTICELLI, Carlo. Andrea Costa e l'Internazionale. Roma: Giulio Tuzzi Editore, 1910.
- MUSTO, Marcello. Diffusione e recezione del Manifesto in Italia dal 1889 al 1945. *Critica Marxista*, n. 2, 2007, p. 38-47.
- NASCIMBENE, Adalberto. Manifestazioni popolari e scioperi a Milano dal 1870 al 1872. *Il*

- Politico*, vol. 39, n. 4, 1974.
- NEJROTTI, Mariella. Correnti anarchiche e socialiste a Torino (1870-1888). *Annali della Fondazione Luigi Einaudi*, vol. II, 1968.
- NETTLAU, Max. Bibliographie de l'anarchie. Bruxelles-Paris: Temps Nouveaux-Stock, 1897.
- \_\_\_\_\_. Marx and Engels and the International Workingmen's Association (1872 to 1876). *Freedom*, february-april, 1907.
- \_\_\_\_\_. Errico Malatesta. Rough outlines of his life up till 1920. *Freedom*, a. 34, nn. 375-376-377, set.-nov. 1920.
- \_\_\_\_\_. Errico Malatesta. Vita e pensieri. Nova Iorque: Casa Editrice Il Martello, 1922.
- \_\_\_\_\_. Errico Malatesta: la vida de un anarquista. Buenos Aires: Editorial La Protesta, 1923.
- \_\_\_\_\_. Miguel Bakunin, la Internacional y la Alianza en España. Buenos Aires: Editorial La Protesta, 1925.
- \_\_\_\_\_. Bakunin e l'Internazionale in Italia: dal 1864 al 1872. Ginebra: Edizioni del Risveglio, 1928.
- \_\_\_\_\_. En memoria de Errico Malatesta (4 diciembre 1853 – 22 julio 1932). *La Revista Blanca*, a. X, n. 222, 224 e 225, 1932.
- \_\_\_\_\_. Alcuni documenti sull'origine dell'anarchismo comunista (1876-1880). *Studi Sociali*, a. 4, n. 26, 1933.
- \_\_\_\_\_. La actividad de los libertarios en Italia: Pisacane, Bakunin y Malatesta. *La Revista Blanca*, a. II, n. 290-291, 1934.
- \_\_\_\_\_. Bakunin e l'Internazionale in Italia: dal 1864 al 1872. Roma: Samonà e Savelli, 1970.
- \_\_\_\_\_. História da anarquia das origens ao anarco-comunismo. São Paulo: Editora Hedra Ltda., 2008.
- NOMAD, Max. Errico Malatesta or The Romance of Anarchism. In: *Rebels and Renegades*. Nova Iorque: Macmillan, 1932.
- NOVAK, Derry. The place of anarchism in the history of political thought. *The Review of Politics*, Vol. 20, No. 3 (Jul. 1958), p. 307-329.
- ORANO, Paolo. Andrea Costa. In: *I moderni medaglioni*. Milão: Fratelli Treves, p. 135-197, 1914.

- PAPA, Emilio Raffaele. Francesco Saverio Merlino, avvocato dei malfattori. *Quaderni grigionitaliani*, a. 70, n. 2, 2001.
- PARENTE, Luigi (org.). Movimenti sociali e lotte politiche nell'Italia liberale. Il moto anarchico del Matese. Atti del convegno di San Lupo 24-25 aprile 1998. Milão: FrancoAngeli, 2001.
- PARRI, Ferruccio. Pisacane. *Nuova Rivista Storica*, a. XVII, fas. I-II, 1933.
- PAVONE, Claudio. Le bande insurrezionali della primavera del 1870. *Movimento Operaio*, a. 8, n. 1-3, 1956.
- PEDIÒ, Tommaso. Industria società e classe operaia nelle province napoletane nella prima metà dell'Ottocento. *Archivio Storico Pugliese*, n. XXX, p. 315-363, 1977.
- PELLICONI, Marco. Andrea Costa dall'anarchia al socialismo: il contributo del socialismo imolese e romagnolo alla fondazione del Partito Socialista Italiano 1879-1893. Ímola: Galeati, 1979.
- PENGAM, Alain. Anarchist-Communism. In: RUBEL, Maximilien/CRUMP, John (org.). *Non-Market Socialism in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. Nova Iorque: Springer, 1987.
- PERNICONE, Nunzio. Italian anarchism 1864-1892. Princeton: University Press, 1993.
- PITASSIO, Armando. L'Estrema Sinistra e il Movimento Garibaldino di fronte alla Crisi d'Oriente del 1875-1878. *Europa Orientalis*, n. 2, p. 107-121, 1983.
- POCOCK, J.G.A. Introduction: the state of the art. In: *Virtue, Commerce and History*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-36, 1985.
- POLI, Gioacchino. Errico Malatesta 40 anni dopo. *L'idea: periodico settimanale, letterario, artistico, teatrale, sportivo*, a. VII, n. 2, 1920.
- POSTGATE, Raymond William. The workers' International. Londres-Nova Iorque: Swarthmore Press-Harcourt Brace & Howe, 1920.
- POZZOLINI, Alberto (org.). Le origini del movimento operaio e contadino in Italia. Bolonha: Zanichelli, 1972.
- PRÉPOSIET, Jean. Storia dell'anarchismo. Bari: Dedalo edizioni, 2006.
- PUGLIESE, F. M. Il marchese Carlo Cafiero. *La voce del popolo: giornale amministrativo, scolastico, sociale*, a. 64, n. 19, 1947.
- PYZIUR, Eugene. The Doctrine of Anarchism of Michael A. Bakunin. Milwaukee: Marquette University Press, 1955.



- QUAZZA, Romolo. La Destra e le elezioni del 1874 nel pensiero di Marco Minghetti. *Rassegna storica del Risorgimento*, a. X, n. III, lug.-set. 1923.
- \_\_\_\_\_. La disfatta della Destra. *Rassegna storica del Risorgimento*, a. XII, n. 2, 1925.
- QUINTANA, Antonio González. Fuentes documental del movimiento obrero español. *Studia Histórica. Historia Contemporánea*, vol. 6-7, 1988-1989.
- RAGONA, Gianfranco. Anarchismo: le idee e il movimento. Roma: Laterza, 2013.
- RAVINDRANATHAN, Thangam. Bakunin in Naples: an assessment. *The Journal of Modern History*, vol. 53, no. 2, p. 189-212, 1981.
- \_\_\_\_\_. The Paris Commune and the First International in Italy: Republicanism versus Socialism, 1871-1872. *The International History Review*, vol. 3, n. 4, 1981.
- RECCHIA, Stefano/URBINATI, Nadia. Giuseppe Mazzini's International Political Thought. In: *A Cosmopolitanism of Nations: Giuseppe Mazzini's Writings on Democracy, Nation Building, and International Relations*. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- REGO, Walquíria Gertrude Domingues Leão. Intelectuais, Imigração, Circulação de Idéias e Experiências Políticas. Relatório CNPQ (texto com circulação restrita), 2011.
- RICHARDS, Vernon. Errico Malatesta: his life & ideas. Londres: Freedom Press, 1965.
- \_\_\_\_\_. Some notes on Malatesta and Bakunin. *The Raven*, a. 1, n. 1, 1987.
- ROMANO, Aldo. Carlo Pisacane: pensatore politico e teorico della guerra. *Rassegna Storica Napoletana*, a. IV, n. 1, 1936.
- ROMEO, Rosario. Risorgimento e capitalismo. Bari: Laterza, 1974<sup>4</sup>.
- ROSE, Giuseppe. Le aporie del marxismo libertario. Pistoia: Edizioni RL, 1971.
- ROSSELLI, Nello. Carlo Pisacane nel Risorgimento italiano. Turim: Einaudi, 1977.
- \_\_\_\_\_. Saggi sul Risorgimento. Turim: Einaudi, 1980.
- \_\_\_\_\_. Mazzini e Bakunin: dodici anni di movimento operaio in Italia (1860-1872). Turim: Einaudi, 1982.
- SAFFI, Aurelio. La Consociazione romagnola e gli arresti di Villa Ruffi. Forlì: Tipografia Sociale Democratica, 1875.
- SALVATORELLI, Luigi. Pensiero e azione nel Risorgimento. Turim: Einaudi, 1963.
- SALVEMINI, Gaetano. Movimento socialista e questione meridionale. Milão: Feltrinelli, 1968.

- SANTARELLI, Enzo. Una fonte per la storia del movimento operaio marchigiano. "Il Martello" di Fabriano-Jesi. *Movimento Operaio*, a. V, n. 5-6, 1953.
- \_\_\_\_\_. Il socialismo anarchico in Italia. Milão: Feltrinelli, 1973.
- SANTINI, Claudio. Il processo agli internazionalisti. *Portici*, a. V, n. 3, 2001.
- SCAVINO, Marco. Se otto ore vi sembran poche...: lotte operaie e contadine in Piemonte dall'Unità a oggi. Turim: Il Punto, 2001.
- \_\_\_\_\_. Il socialismo nell'Italia liberale. Milão: UNICOPLI, 2007.
- SCHMIDT, Michael/VAN DER WALT, Lucien. Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism. Oakland: AK Press, 2009.
- SCIROCCO, Alfonso. Gennaro Bovio e la crisi del mazzinianesimo dopo la Comune. *Rassegna Storica del Risorgimento*, a. LIII, fasc. 1, 1966.
- \_\_\_\_\_. Democrazia e socialismo a Napoli (1860-1878). Nápoles: Libreria Scientifica Editrice, 1973.
- SENTA, Antonio. Libero pensiero e Prima internazionale a confronto (1866-1880). La questione religiosa. *Storia e Futuro. Rivista di storia e storiografia on line*, n. 37, 2015. Disponivel in: <http://storiaefuturo.eu/libero-pensiero-e-prima-internazionale-a-confronto-1866-1880-la-questione-religiosa/> (accesso em 4/11/2016).
- SERENI, Emilio. Capitalismo e mercato nazionale. Roma: Editori Riuniti, 1966.
- \_\_\_\_\_. Il capitalismo nelle campagne (1860-1900). Turim: Einaudi, 1980.
- SKINNER, Quentin. Meaning and Understanding in the History of Ideas. *History and Theory*, vol. 8, n. 1, p. 3-53, 1969.
- \_\_\_\_\_. Preface. In: The Foundations of Modern Political Thought. Cambridge: Cambridge University Press, p. Ix-xv, 1978.
- SORA, Federico. Schede biografiche di internazionalisti fanesi: Espartero Luigi Bellabarba e Nazzareno Broccoli. *Nuovi Studi Fanesi*, n. 26, 2012.
- SOZZI, Sigfrido. Gli inizi del movimento socialista nella Romagna (1870-1872). Bolonha: La Squilla, 1978.
- SPAGNOLETTI, Mario. Riflessi del dibattito ideologico sull'azione degli anarchici pugliesi (1874-1884), *Archivio Storico Pugliese*, a. 31, n. 1/4, p. 295-335, 1978.
- \_\_\_\_\_. Democrazia e socialismo nel mezzogiorno (1870-1900). Bari: Levante Editori, 1987.
- \_\_\_\_\_. Emilio Covelli tra Marx e Bakunin. *Archivio storico pugliese*, a. 35,

- p. 313-365, 1982.
- STASSI, Fabio. La democrazia repubblicana tra il 1872 e il 1878. *Rassegna Storica del Risorgimento*, a. LXXIV, n. 2, p. 165-187, 1987.
- STELLA, Gian Antonio. Gottardo, spari sugli operai. La vergogna del primo traforo. *Corriere della Sera* (on-line), 4 giugno 2016. Disponível in:  
[http://www.corriere.it/cultura/16\\_giugno\\_04/traforo-gottardo-tunnel-inaugurazione-galleria-1a4f969e-2a68-11e6-9c68-4645b6fa27fd.shtml](http://www.corriere.it/cultura/16_giugno_04/traforo-gottardo-tunnel-inaugurazione-galleria-1a4f969e-2a68-11e6-9c68-4645b6fa27fd.shtml) (acceso em 24/8/2016).
- TABANELLI, Amedeo (org.), La vita sociale e politica imolese: dalla «Cronaca Cerchiarì» 1884-1901. Bolonha: University Press, 1992.
- TERRACCIANO, Nicola. Errico Malatesta (nel cinquantenario della sua morte). Caserta: Istituto per la storia del Risorgimento italiano, 1982.
- TERZUOLO, Eric. The Garibaldini in the Balkans, 1875-1876. *The International History Review*, vol. 4, n. 1, 1982.
- TESTUT, Oscar. Le livre bleu de l'Internationale. Paris: Lachaud, 1871.
- THOMANN, Charles. Le Mouvement anarchiste dans les Montagnes neuchâtelaises et le Jura bernois. Université de Neuchâtel: Thèse en Sciences commerciales et économique, 1947.
- THOMAS, Paul. Karl Marx and the anarchists. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980.
- THOMPSON, Edward Palmer. The making of the English working class. Nova Iorque: Vintage Books, 1963.
- TODA, Misato. Errico Malatesta da Mazzini a Bakunin: la sua formazione nell'ambiente giovanile napoletano (1868-1873). Nápoles: Guida editori, 1988.
- \_\_\_\_\_. Kropotkin and Malatesta: Russians, Italians and Japanese in the Revolutionary Movements in the World. *文教学國際部要* n. 6, 1996.
- TOLEDO, Edilene. Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.
- TOMASIELLO, Bruno. La Banda del Matese (1876-1878). I documenti, le testimonianze, la stampa dell'epoca. Salerno: Galzerano Editore, 2009.
- TOSATTI, Giovanna. «Pericolosi per la sicurezza dello Stato»: le schedature della polizia tra periferia e centro. *Percorsi Storici*, a. I, n. 0, 2011. Disponível in:  
<http://www.percorsistorici.it/component/content/article/10-numeri-rivista/numero-0/15-giovanna-tosatti-pericolosi-per-la-sicurezza-dello-stato-le-schedature-della-polizia-tra-periferia-e-centro> (acceso em 15/11/2016).

- TREVISANI, Giulio. Il processo di Trani contro gli internazionalisti. *Movimento Operaio*, a. VIII, n. 5, 1956.
- TURCATO, Davide. Italian Anarchism as a Transnational Movement, 1885-1915. *International Review of Social History*, v. 52, n. 3, p. 407-444, 2007.
- \_\_\_\_\_. Leggere Malatesta. Ímola: Edizioni Bruno Alpini, 2010.
- \_\_\_\_\_. Making Sense of Anarchism: Errico Malatesta's Experiments with Revolution, 1889-1900. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012.
- VALIANI, Leo. Le prime grandi agitazioni operaie a Milano e a Torino. *Movimento operaio*, n. 13, a. I, p. 362-367, 1950.
- \_\_\_\_\_. Questioni di storia del socialismo. Turim: Einaudi, 1958.
- VENTURI, Franco. La circolazione delle idee. *Rassegna storica del Risorgimento*, n. 2-3, p. 203-222, 1954.
- \_\_\_\_\_. Roots of Revolution. A History of the Populist and Socialist Movements in Nineteenth Century Russia. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1960.
- VETTER, Cesare. Dittatura risorgimentale e dittatura rivoluzionaria nel pensiero e nell'iniziativa politica di Garibaldi. In: FERRARI, Liliana (org.). Studi in onore di Giovanni Miccoli. Trieste: EUT Edizioni, 2004.
- VOLPE, Gioacchino. L'Italia in cammino. Roma: Donzelli editore, 2010.
- VUILLEUMIER, Marc. Bakounine, l'Alliance internationale de la Démocratie Socialiste et la Première Internationale à Genève (1868-1869). *Cahiers Vilfredo Pareto*, t. 2, n. 4, 1964.
- \_\_\_\_\_. Les Archives de James Guillaume. *Le Mouvement Social*, n. 48, 1965.
- VYNCKE, Frans. L'influence idéologique de Bakounine en Italie. (Le conflit avec Marx e Mazzini – 1871-1872). *Studia Philosophica Gandensia*, vol. 2, p. 89-114, 1964.
- WOODCOCK, George. Anarchism : A History Of Libertarian Ideas And Movements. Cleveland: The World Publishing Company, 1962.
- \_\_\_\_\_. L'anarchia. Storia delle idee e dei movimenti libertari. Milão: Feltrinelli, 1966.
- ZANGHERI, Renato. “Il Romagnolo” (1868-1874): un giornale ravennate dal mazzinianesimo al socialismo. *Studi Romagnoli*, a. I, 1950.
- \_\_\_\_\_. Celso Ceretti e la crisi della democrazia dopo l'Unità. *Bollettino Mensile della Camera di Commercio, Industria ed Agricoltura di Ravenna*. Numero

straordinario, 1951.

\_\_\_\_\_. Andrea Costa e le lotte contadine del suo tempo. *Movimento Operaio*, a. VII, n. 1, 1955.

\_\_\_\_\_. Andrea Costa. In: TEGA, Walter (org.). *Storia illustrata di Bologna*. San Marino: AIEP, 1988.

\_\_\_\_\_. *Storia del socialismo italiano*. 2 vol. Turin: Einaudi, 1993.

ZOCCOLI, Ettore. *L'Anarchia. Gli agitatori – Le idee – I fatti. Saggio di una revisione sistematica e critica e di una valutazione etica*. Milano: Fratelli Bocca Editori, 1944.